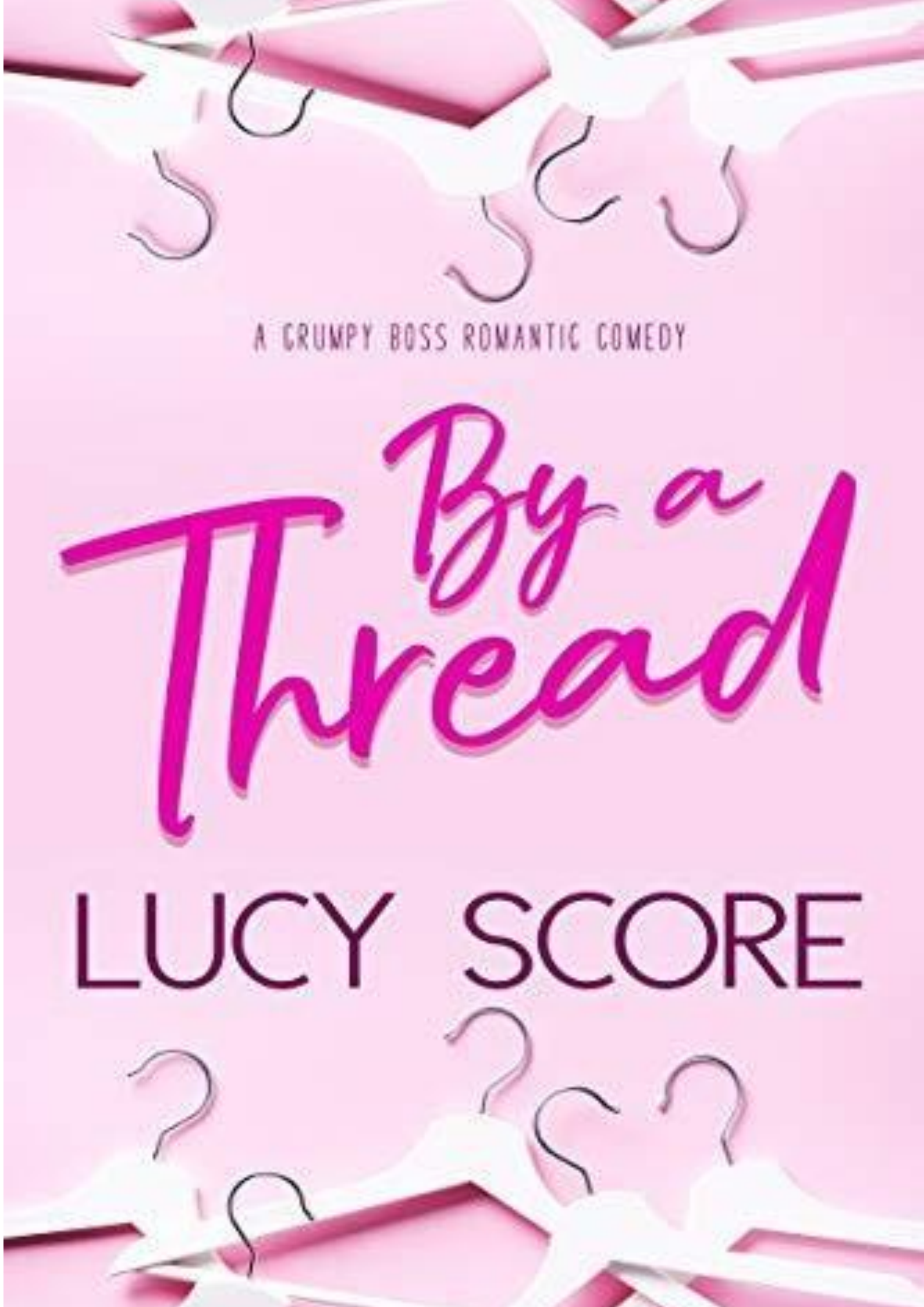

A GRUMPY BOSS ROMANTIC COMEDY
By a Thread
LUCY SCORE

Tabela de Conteúdos

Dedicatória

Aviso — bwc

1

Dominic

2

Ally

3

Ally

4

Dominic

5

Ally

6

Ally

7

Dominic

8

Ally

9

Ally

10

Dominic

11

Dominic

12

Dominic

13

Ally

14

Dominic

15

Ally

16

Ally

17

Ally

18

Dominic

19

Ally

20

Dominic

21

Ally

22

Ally

23

Ally

24

Dominic e Ally
25
Dominic
26
Ally
27
Ally
28
Dominic
29
Ally
30
Ally
31
Ally
32
Dominic
33
Ally
34
Ally
35
Dominic
36
Ally

37

Ally

38

Dominic

39

Ally

40

Ally

41

Ally

42

Dominic

43

Ally

44

Dominic

45

Ally

46

Dominic

47

Ally

48

Ally

49

Dominic
50
Ally
51
Dominic
52
Dominic
53
Ally
54
Dominic
55
Ally
56
Todos
Ally
57
Ally
58
Dominic
59
Dominic
60
Ally
61

Ally

62

Ally

63

Dominic

64

Ally

65

Dominic

66

Dominic

67

Dominic

68

Ally

69

Dominic

70

Dominic

71

Ally

72

Ally

73

Ally

Epílogo
Ally
Epílogo estendido
Ally
Nota da autora ao leitor
Agradecimentos

Dedicatória

Para você. Por confiar em mim com seu coração e seu orçamento para livros.

Aviso — bwc

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Bookworm's Cafe. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais (por exemplo: não responda a um tweet dizendo que tem esse livro traduzido);
- Não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- Não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- Não faça montagens do livro com trechos em português;
- Se necessário, finja que leu em inglês;
- Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos exclui-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

Aceitamos críticas e sugestões, contanto que estas sejam feitas de forma construtiva e sem desrespeitar o trabalho da nossa equipe.

1
Dominic

A EDITORA JÚNIOR falava em meu ouvido sobre vestidos de verão amarelo-canário e sessões de fotos cubanas enquanto o vento de janeiro passava seus dedos gelados pela minha pele. Naveguei pelo meio-fio enterrado sob pilhas de trinta centímetros do que costumava ser neve. Agora era um aglomerado de lama cinzenta congelada em torrões sujos e deprimentes.

Me identifiquei com aqueles aglomerados congelados.

Havia um cara, sem-teto pela aparência de seus tênis rasgados e casaco gasto, encolhido no canto de uma vitrine abandonada. Ele tinha um cachorro embrulhado em um daqueles cobertores de lã baratos que as lojas de departamento praticamente davam no Natal.

Droga. Eu odiava quando eles tinham cachorros.

Eu nunca tive um, mas tinha boas lembranças do labrador preto da minha namorada do ensino médio, Fonzie. Minha *única* boa lembrança daquele relacionamento em particular.

Inclinei minha cabeça na direção do cara, e meu motorista, Nelson, me deu um aceno de cabeça. Ele conhecia o exercício. Não era por bondade do meu coração. Eu não tinha bondade nem coração.

Eu considerava isso uma expiação por ser um idiota.

Nelson se escondeu atrás da traseira do SUV e abriu o porta-malas. Ele fez as compras e a "distribuição" enquanto eu financiava a operação em andamento.

Quando eu voltasse, o cara teria um casaco novo, um bolso cheio de cartões de presente e instruções para os abrigos e hotéis mais próximos que permitiam animais. E aquele vira-lata peludo, olhando

para seu humano com adoração cega, estaria em algum suéter quente de cachorro e ridículo.

Eu fui em direção a maldita pizzaria que minha mãe tinha insistido. Ir de Midtown até o Village em uma noite de terça-feira de arrepiar os ossos não era a *minha* ideia de diversão.

Mas me obrigar a fazer coisas que não queria fazer era a ideia de diversão da minha *mãe.*

Se havia alguém no mundo por quem eu faria de bom grado coisas que não queria fazer, era Dalessandra Russo. Ela teve um ano difícil. Eu poderia dar a ela uma pizza gordurosa e minha atenção ininterrupta antes de Nelson levar minha bunda para casa no Upper West Side, onde eu provavelmente olharia para uma tela de computador por mais três horas antes de encerrar a noite.

Sozinho.

Salvar o nome e a empresa da família não deixava muito tempo para atividades extracurriculares. Eu me perguntei se deveria conseguir um cachorro.

Meu casaco esvoaçava no vento gelado enquanto eu caminhava em direção à placa laranja do restaurante, e a diretora de arte entrou na conversa com seus pensamentos sobre peças de grife para a capa do mês de maio.

O inverno em Manhattan era deprimente. Eu não era um cara do tipo suéter e chocolate quente. Eu esquiava porque era isso que você fazia quando nasceu em uma família rica. Mas em vez de pistas de esqui, eu preferia passar duas semanas no Caribe todo mês de janeiro.

Pelo menos eu preferia na minha antiga vida.

Abri a porta de vidro fumegante da George's Village Pizza. Um pequeno sino tocou acima de mim, anunciando minha chegada. O

calor me atingiu primeiro. Então o cheiro de alho e pão recém-assado, talvez eu não odiasse que minha mãe tivesse me arrastado até aqui.

— O que você acha, Sr. Russo? — Perguntou a editora júnior.

Eu odiava ser chamado de Sr. Russo. Eu também odiava o fato de não poder gritar com ninguém sobre isso. Essa foi a pior parte. Não ser capaz de deixar escapar o temperamento que vinha crescendo há mais de um ano.

Minha atenção foi atraída por curvas e cachos.

A mulher se afastou da mesa mais próxima da porta, enfiando a gorjeta em seu avental polvilhado de farinha. Seus olhos travaram nos meus, e eu senti algo... interessante. Como o fantasma do reconhecimento. Como se *ela* fosse a pessoa que eu estava aqui para encontrar.

Mas éramos estranhos.

— Isso soa bem — eu dirigi ao telefone.

— Eu posso montar um quadro para você — a editora júnior ofereceu prestativamente.

— Eu apreciaria isso — eu disse, aliviado que ela tinha oferecido e eu não tive que pedir desta vez.

Todos eles estavam finalmente se acostumando com a ideia de que eu precisava *ver* as coisas juntas antes de poder dizer se funcionavam ou não. Eu esperava que eles também estivessem se acostumando com a ideia de que eu não era a porra do meu pai.

Curvas e cachos era uma garçonete, segundo a polo GVP que ela usava por cima de uma blusa térmica de manga longa. Seus jeans eram genéricos. Os tênis estavam há pelo menos dois anos fora de funcionalidade, mas ela fez algo artístico com canetas coloridas no espaço em branco neles. Ela era centímetros mais baixa e quilômetros

mais curvilínea do que a maioria das mulheres com quem fiquei recentemente.

No ano passado, eu me tornei imune a modelos de pernas longas e órfãs em seus vinte e poucos anos. O que, para ser honesto, já estava na hora, considerando que eu tinha quarenta e quatro anos. Havia algo de interessante na mulher me olhando e agora apontando para a placa de Proibido Celulares afixada no quadro de cortiça logo atrás da porta.

Rosto interessante. Mais suave, mais redondo do que aqueles com maçãs do rosto em forma de diamante que enfeitavam as páginas da revista. Lábios carnudos, grandes olhos castanhos que pareciam quentes. Como mel. Seu cabelo, mais castanho, estava na altura do maxilar e penteado em ondas preguiçosas e soltas que me fizeram pensar em colocar minhas mãos nele enquanto ela sussurrava meu nome embaixo de mim.

Eu não conseguia parar de olhar para ela.

— Eu levo para você logo pela manhã — a editora júnior prometeu.

Eu não conseguia lembrar o nome da editora, porque eu era um idiota, mas eu me lembrava de seu rosto sério e ansioso para agradar. Ela era o tipo de funcionária que ficava no escritório até meia-noite sem reclamar se pedida.

— Amanhã ao meio-dia está bom — eu disse a ela, apreciando o olhar que Cabelo de Sexo estava me enviando enquanto eu continuava a ignorar a placa.

Cabelo de Sexo limpou a garganta teatralmente e, chegando ao meu redor, bateu no panfleto ferozmente. Um trio de pulseiras baratas e coloridas com contas enroladas em seu pulso. Senti o cheiro brilhante e feliz de limões quando ela se inclinou.

— Converse lá fora, amigo — disse ela em uma voz rouca e sem sentido.

Amigo?

Claramente, ela não estava intimidada por um idiota usando Hugo Boss com um corte de cabelo que custou mais do que sua roupa inteira. Eu me deleitei em seu desdém. Foi muito mais confortável para mim do que os olhares aterrorizados e "Agora mesmo, Sr. Russo" que recebia nos corredores do trabalho.

Eu cobri o bocal do telefone, eu odiava aqueles fones de ouvido e me recusei firmemente a usá-los.

— Está frio. Eu vou demorar um minuto — eu disse a ela rapidamente, não deixando espaço para debate.

— Eu não criei o clima ou a política de telefone. Lá. Fora. — Ela disse isso como se eu fosse uma criança truculenta de três anos e apontou o polegar para a porta.

— Não. — Eu não parecia uma criança chorona. Eu soava como um chefe aborrecido e incomodado que tinha o direito de esperar respeito.

Descobri o telefone e continuei minha conversa.

Eu era um filho da puta rancoroso.

— Saia do maldito telefone, ou eu vou fazer você desejar que tivesse — ela avisou.

As pessoas começaram a olhar para nós. Nenhum de nós parecia se importar.

— Você não tem mesas para servir? — Eu perguntei. — Ou você é especialista em gritar com os clientes?

Seus olhos eram quase dourados sob a luz fluorescente, e eu juro que ela quase sorriu.

— Ah, você pediu por isso, amigo. — Ela se inclinou novamente, perto demais para os nova-iorquinos que valorizam nosso espaço pessoal. O topo de sua cabeça veio ao meu ombro.

— Senhor, você está aqui para os resultados de DST ou hemorróidas? — Ela gritou perto do microfone do meu celular.

Sua idiota.

— Eu ligo de volta — eu disse ao telefone e desliguei a chamada.

Cabelo de Sexo sorriu para mim, todo charme falso.

— Bem-vindo ao George's Village Pizza. Irá jantar sozinho esta noite, presumo?

— Era uma ligação de trabalho — eu disse friamente.

— Não é legal que você possa manter um emprego *e* ser tão rude?

Fazia muito tempo desde que eu tinha esmagado um subordinado desrespeitoso. Eu ansiava por fazer isso agora. Ela parecia não apenas que poderia aguentar, mas que poderia até gostar.

— Dominic.

Olhei por cima do ombro de Cabelo de Sexo e vi minha mãe acenando de uma cabine de vinil verde no canto. Ela parecia divertida.

Cabelo de Sexo olhou entre mim e minha mãe.

— Oh, ela é boa demais para você — ela anunciou, batendo um menu no meu peito e indo embora.

— Mãe — eu a cumprimentei, inclinando-me para beijá-la em uma bochecha impecável antes de deslizar para a cabine em frente a ela.

— Essa foi uma boa entrada — ela disse, descansando o queixo na palma da mão.

Ela era a imagem da confiança em um suéter marfim ombro a ombro e saia de couro vermelho. Seu cabelo era seu natural prateado, cortado curto. O corte de cabelo, e a esmeralda volumosa no dedo médio direito, tinha sido seu presente para si mesma um dia depois que ela expulsou meu pai de sua casa no Upper East Side algumas décadas atrasadas.

Minha mãe era uma mulher bonita. Ela sempre foi. Ela começou sua carreira aos quinze anos como uma socialite de pernas compridas que virou modelo antes de decidir que preferia o lado comercial da moda. Agora com sessenta e nove anos, ela há muito abandonou os olhos de corça em favor de empunhar sua mente e língua afiadas. Ela estava confortável sendo amada *e* temida na indústria.

— Ela foi incrivelmente rude — eu insisti, observando enquanto Cabelo de Sexo conversava com uma mesa do outro lado do restaurante fraco.

— *Você* foi incrivelmente rude — minha mãe respondeu.

— É o que eu faço — eu disse, abrindo o menu e obsevando. Tentei ignorar o temperamento que estava borbulhando dentro de mim como um dragão adormecido que foi acordado. Passei treze meses trancado, no meu melhor comportamento, e estava começando a rachar.

— Não comece o discurso "eu sou um idiota" novamente. — Ela suspirou e voltou a colocar os óculos de leitura.

— Mais cedo ou mais tarde, você vai ter que desistir da esperança de que eu sou um ser humano com um coração de ouro por baixo de tudo.

— Nunca — ela insistiu com um sorriso atrevido.

Eu desisti.

— Porque estamos aqui?

— Porque eu queria passar um tempo com meu único filho, a luz da minha vida, longe do escritório.

Nossa relação de trabalho era tão antiga quanto seu novo corte de cabelo.

Não foi coincidência.

— Desculpe — eu disse e falei sério. — Eu estive ocupado.

— Querido. — Ela disse isso ironicamente, e foi justificado.

Ninguém estava mais ocupado do que Dalessandra Russo, ex-modelo e atual editora-chefe da *Label,* uma revista de moda que não apenas sobreviveu ao início da era digital, mas liderou a transição. Todos os meses, minha mãe supervisionava centenas de páginas de moda, publicidade, entrevistas e conselhos, sem mencionar o conteúdo online, e entregava tudo a leitores de todo o mundo.

Se ela fosse fotografada com um par de sapatos ou óculos de sol, eles esgotavam em poucas horas. Se ela se sentasse na frente e no centro de um desfile, a coleção do estilista era comprada por todos os compradores presentes. Ela tornou designers, modelos, escritores e fotógrafos importantes e bem-sucedidos. Ela construiu carreiras. Ou as destruiu, quando necessário.

E ela não pediu ou mereceu o caos do ano passado.

Por isso eu também era culpado.

— Desculpe — eu disse novamente, estendendo a mão por cima da mesa para apertar a mão dela. A esmeralda piscou para mim sob as luzes fluorescentes.

— Posso pegar uma bebida para você? — A garota rude com Cabelo de Sexo estava de volta.

— Não sei. Você *pode*? — Eu atirei de volta.

— Estamos sem sangue de crianças, Satanás. Que tal algo que combine com sua personalidade? — Ela estava dizendo as palavras educadamente. Parecia até mesmo doce.

— Eu vou querer um...

— Chá gelado sem açúcar — ela completou para mim.

Amargo. Tedioso. Insípido.

— Este é um daqueles lugares onde você paga as pessoas para serem idiotas com você? — Eu perguntei à minha mãe.

— Oh, querido. Estou fazendo isso de graça. — Cabelo de Sexo bateu os seus cílios grossos em minha direção.

Eu abri minha boca para destruí-la.

— Ele terá uma água. Da torneira está bom — minha mãe interrompeu.

— Absolutamente. Agora, para o jantar? — Cabelo de Sexo deu um sorriso genuíno para minha mãe.

— Eu ouvi rumores de suas bordas de pizza em toda parte — mamãe disse timidamente.

Cabelo de Sexo se inclinou, uma amiga compartilhando segredos.

— Cada palavra é verdade — disse ela. — É a perfeição.

Senti o cheiro de limões novamente.

— Nesse caso, vou querer uma broto com cebolinha e azeitonas pretas.

— Você é uma mulher de excelente gosto — anunciou a garçonete tagarela. — E para você, Príncipe Encantado? — Ela perguntou.

— Pepperoni. Broto. — Fechei o menu e o entreguei sem olhar para ela.

— Muito criativo — brincou ela.

Então talvez não fosse justo da minha parte. Ela obviamente não sabia que estava apertando um botão. Que eu ainda não estava confiante na minha capacidade de *ser* criativo, de ser bom no trabalho que minha mãe precisava que eu fosse. Mas ela disse isso. E eu reagi.

— Alguém da sua idade já não deveria ter um emprego de verdade, Malévola? Porque obviamente você não é boa nesse.

O lugar inteiro ficou em silêncio. Os outros clientes congelaram, olhares fixos em nossa mesa. Cabelo de Sexo encontrou meus olhos por um longo momento. Deus, era bom deixar escapar um pouco do temperamento que eu estava reprimindo por tanto tempo.

— Já que você pediu *tão* gentilmente, vou me certificar de dar atenção *extra* especial ao seu pedido — ela prometeu. A piscadela que ela me deu foi tão insolente que quase saí da cabine para persegui-la até a cozinha.

— Não se atreva — mamãe disse, agarrando minha mão antes que eu fugisse.

— Ela não pode se safar disso. Estamos pagando — eu disse a ela.

— Você vai se sentar aí. Ser educado. E comer o que ela achar melhor trazer para você — mamãe ordenou.

— Tudo bem. Mas se ela me envenenar, vou processar ela e toda a família dela. Seus bisnetos sentirão minha ira.

Minha mãe suspirou teatralmente.

— Quem te machucou, querido?

Era uma piada. Mas nós dois sabíamos que a resposta não era engraçada.

2
Ally

DECORAR A PIZZA do Encantado foi a coisa mais divertida que eu fiz em... Ugh. Deixa para lá.

Vamos apenas dizer que a vida tem sido um show de merda ultimamente. E mexer com um cara mal-humorado – o que há com idiotas hoje, afinal? – que parecia ter saído das páginas de alguma revista masculina foi definitivamente um destaque. O que dizia muito sobre minha situação atual.

Eu não tinha tempo para me preocupar com as consequências de estar sem dinheiro. Esse era o tipo de crise de vida que você atravessava.

Quando tudo acabasse, eu reservaria férias em uma praia onde a única coisa com que me preocuparia era se meu canudo era longo o suficiente para chegar ao fundo do meu coquetel congelado.

— A mesa doze quer a conta deles, Ollie. — George, meu chefe e avô italiano mais rabujento que eu já conheci na minha vida, anunciou bruscamente como se eu tivesse passado as últimas quatro horas ignorando os clientes em vez de servi-los. Ele não se preocupou em saber meu nome quando comecei, três semanas atrás. Eu não tinha me dado ao trabalho de ensiná-lo. O cara trocava de equipe como novos pais trocavam de lenços umedecidos.

Pelo menos os cheques foram preenchidos corretamente pela Sra. George. Isso é o que importava.

— Estou indo — eu disse a ele.

Uma margarita de manga, decidi, levantando os pratos e empurrando as portas de vaivém da cozinha.

No momento em que eu tivesse aquela margarita de manga na mão, eu poderia estar na casa dos sessenta em vez de trinta e nove maduros –

obrigada por apontar isso, Encantado – mas eu consertaria o que precisava ser consertado. Não havia outra opção.

A sala de jantar, embora precisasse desesperadamente de uma reforma completa e talvez de uma lavagem industrial, era quente e aconchegante.

Talvez eu pudesse me oferecer para fazer uma limpeza depois do expediente por alguns dólares extras?

— Aqui está — eu disse, deslizando as pizzas na frente deles.

A mulher com a saia de couro de morrer e um corte de cabelo que dizia "eu sou foda" parecia aprovar o rosto sorridente na pizza dela. Ela ria daquele jeito que as pessoas ricas de nascença faziam. Não muito alto e absolutamente sem bufar.

Encantado, por outro lado, fez uma careta para sua pizza. Ele tinha uma cara carrancuda. Aquele maxilar forte ficou ainda mais definido com os dentes cerrados assim. Aqueles olhos gelados que não conseguiam decidir se eram azuis ou cinzas se estreitaram.

Ugh. Ele tinha aquelas pequenas rugas deliciosas nos cantos dos olhos.

Mal-humorado e rude era de repente o novo gostoso? Minha vagina parecia pensar assim.

Não fazia *tanto* tempo desde que eu tinha dado a ela alguma ação. Mas aparentemente ela gostava de babacas bem vestidos agora. Excelente. Graças a Deus eu estava trabalhando até a morte por um futuro e não teria tempo para explorar suas novas preferências inadequadas.

— Posso pegar mais alguma coisa para vocês dois agora? — Eu perguntei, um modelo de prestatividade.

— É isso — disse Encantado, jogando seu guardanapo sobre a mesa e deslizando para fora da cabine. — Você e eu vamos ter uma pequena discussão sobre como tratar seus clientes com respeito.

Ele se levantou e fechou seus longos dedos em volta do meu pulso.

Eu sabia que ele também sentiu. Aquele choque inesperado. Como tomar uma dose de uísque ou enfiar o dedo em uma tomada. Talvez os dois ao mesmo tempo. Por um momento de pura insanidade, eu me perguntei se ele pretendia me colocar apoiada em seus joelhos e se eu o deixaria.

— Dominic, pelo amor de Deus. Comporte-se — a mulher suspirou exasperada.

Em resposta, ele girou sua pizza para que sua mãe pudesse ler.

VSF escrito em calabresa gordurosa.

— Há algum problema, *senhor*? — Eu perguntei com polidez açucarada.

— Oh, meu Deus — disse a mulher, pressionando os dedos na boca e tentando abafar uma risada. Uma verdadeira desta vez.

— Não é engraçado — ele retrucou.

— De onde eu estou, é — eu disse.

— Você é uma garçonete. Seu trabalho é agir como uma e servir — disse ele.

Pau. No. Cu.

— Você é um ser humano. Seu trabalho é agir como um — eu rebati. Qualquer outro dia, eu provavelmente teria deixado tudo passar. Eu sabia melhor do que colocar em risco um cheque de pagamento. Mas eu cheguei depois do turno do almoço e encontrei a garçonete de dezenove anos soluçando em guardanapos de papel nos fundos porque um idiota de terno havia descarregado seu dia ruim nela.

George, o idiota, me pegou tentando confortá-la e gritou:

— Sem chorar na pizza.

— Quero falar com o gerente — anunciou Idiota 2 de terno.

— Dominic, você tem certeza? — Seu encontro suspirou.

— Oh, ele tem — eu disse.

Eu tinha entendido ele. Esse cara era uma *dessas* pessoas. Ele acreditava que todos sob ele existiam apenas para servi-lo. Aposto que ele tinha um assistente pessoal e que não fazia ideia de que eles eram humanos. Ele provavelmente ligava para eles às 3 da manhã e os fazia correr para a loja de conveniência para comprar lubrificante ou olho de salamandra.

— Estou tão feliz que você concorda — disse ele secamente. Ele ainda estava segurando meu pulso. Aquele zing eletrizante ainda estava fervendo em minhas veias. Seus olhos se estreitaram como se ele sentisse isso também.

Mesa doze, um casal de vinte e poucos anos, parecia estar pensando em jantar e correr. De olhos arregalados e desconfortáveis.

— Deixe-me pegar a conta desta mesa, e então podemos continuar nossa batalha — eu ofereci, puxando minha mão livre.

— Sente-se — a amiga de Encantado insistiu, puxando-o de volta para a cabine. — Você está causando uma cena.

Deixei-os, peguei a conta da doze e fiz contato visual sério com eles enquanto agradecia profusamente por terem vindo. Não ia ser uma boa gorjeta. Eu tinha um instinto sobre essas coisas desde que ser garçonete e bartender se tornou minha principal fonte de renda. Mas pelo menos eles não iriam desistir da conta.

— Eu posso levar isso para você agora, se você estiver pronto — eu ofereci.

O cara relutantemente puxou uma carteira em uma corrente e a abriu.

— Fique com o troco — ele guinchou.

Dois dólares. Provavelmente era tudo o que eles podiam pagar, e eu entendi totalmente isso. Mas eu precisava encontrar trabalho de verdade... tipo seis meses atrás.

— Obrigada, pessoal — eu disse alegremente e enfiei o dinheiro no meu avental.

Encantado estava sentado, de braços cruzados, olhando para sua pizza VSF intocada enquanto sua acompanhante delicadamente cortava a dela em pedaços pequenos.

— George, a mesa oito quer falar com você.

— Agora, que porra você fez? — Ele rosnou, deixando cair o garfo na porção dupla de macarrão primavera que ele mesmo preparou. Ele agiu como se eu não fosse nada além de uma encrenqueira, e eu considerei fazer sua própria pizza para ele. Eu me perguntei se a torta de 30 centímetros era grande o suficiente para escrever "babaca" soletrado em salsicha.

— O cara estava sendo um idiota — eu disse a ele, sabendo muito bem que George não se importaria. Ele ficaria do lado dele. Os burros gostavam de outros burros.

Ele ergueu seu corpo do banquinho raquítico que iria desistir da luta contra seus 140 quilos a qualquer momento. Com um metro e meio de altura, ele era uma bola de praia mal-humorada de um ser humano.

— Vamos lá. Seja educada pra caralho — ele disse, enxugando as mãos no avental manchado de molho. George atravessou as portas de vaivém, e eu o segui.

— Obrigado por vir ao George's Village Pizza. Eu sou George — ele disse, todo charme oleoso agora. O cara era um idiota com seus funcionários, seus fornecedores, inferno, até mesmo com sua esposa.

Mas para um cliente com uma carteira gorda? George era quase amigável. — Eu entendo que há um problema.

Sem dizer uma palavra, Encantado girou seu prato de pizza.

Os olhos de George se estreitaram.

— Isso deveria ser algum tipo de piada, Ollie?

Excelente. Eu podia ver a veia em seu pescoço.

Isso não era um bom sinal. Eu tinha visto isso duas vezes antes. Uma vez, quando ele demitiu seu motorista de entrega por parar para ajudar a direcionar o tráfego no local de um acidente e novamente quando uma garçonete escorregou em uma poça de graxa nos fundos e torceu o pulso. Ele a demitiu na hora e disse que se ela tentasse cobrar compensações por acidente de trabalho, ele incendiaria a casa de sua mãe.

A garçonete era sua sobrinha. Sua mãe era irmã de George.

Dei de ombros.

— Talvez seja assim que os pepperonis se organizaram.

— Esse tipo de serviço é inaceitável — insistiu Encantado.

— É claro. Claro — George concordou, se desculpando. — E eu prometo a você que a situação será corrigida.

— Ela deveria ser demitida — Encantado disse, me encarando com um olhar frio. — Ela é um prejuízo para o seu negócio. Nunca mais volto aqui.

E lá estava.

Eu sabia que estava desempregada.

— Bom — eu disse. — Você deveria continuar torturando servidores na parte alta da cidade.

— Ai! Não no meu restaurante — George gritou. Seu terceiro queixo vibrou de raiva. Se eu não saísse agora, poderia causar um infarto, e eu realmente não queria isso na minha consciência. Eu

também realmente não queria ter que dar um boca a boca a esse cara. Sabiamente, eu fechei meus lábios.

— Eu realmente acho que isso é uma reação exagerada — disse a mulher suavemente.

— Não. Não é — George e Encantado disseram juntos.

Eles poderiam comprar camisas do Time Idiota.

— Ollie, pegue suas coisas. Você está demitida.

O filho da puta nem ia me deixar fechar minhas mesas. Eu tinha pelo menos mais trinta dólares em gorjetas vindo. Talvez eu devesse queimar a casa da mãe *dele.* Mas a mulher fez um tremendo cannoli e me atualizou sobre *General Hospital* quando ela veio. Em vez disso, eu queimaria a casa de George.

— Eu não acho que isso seja necessário — disse a mulher.

— Sim, é — Encantado retrucou.

— Ela está demitida, e eu vou te trazer outra pizza. Por conta da casa — insistiu George. — Certo?

Encantado, ainda olhando para mim, mas agora com a mais leve curva vitoriosa em seus lábios raivosos, assentiu rapidamente.

— Tudo bem.

Eu já sabia que George tiraria o custo das duas pizzas do meu último salário. *Idiota.*

Sem uma palavra, voltei para a cozinha. Peguei meu casaco no cabide, tirei o dinheiro do meu avental, mantendo meu dinheiro e as gorjetas e jogando o resto em cima do macarrão de George. *Pegue isso.*

— Você foi demitida? — O cozinheiro chamou por trás da bancada de aço inoxidável onde estava estendendo a massa.

— Sim — eu disse, encolhendo os ombros em meu casaco.

Ele assentiu.

— Bom para você.

Eu dei a ele um sorriso irônico.

— Sim. Dedos cruzados, você será o próximo. George adoraria ter que fazer e servir suas próprias pizzas.

Ele me deu uma saudação enfarinhada com dois dedos enquanto eu colocava minha mochila e voltava para a sala de jantar. Eu poderia ter saído pela porta dos fundos para o beco, mas já estava demitida, então não havia mal nenhum em fazer uma cena.

— Vocês dois podem aprender algo sobre como tratar as pessoas — eu disse, apontando meu dedo na direção deles.

Fisicamente eles não poderiam ser mais diferentes. George com seu corpo em forma de barril, cabelos oleosos e camisa polo pequena demais. Encantado com seu terno sob medida e sapatos extravagantes. Ele provavelmente fazia manicure e tratamento facial e depois acusava a equipe do spa de olhá-lo nos olhos.

— Isso pode ser uma surpresa para vocês dois, mas somos todos pessoas. Não estamos aqui *apenas* para atendê-los. Temos vidas, famílias e objetivos. E *suas* vidas podem começar a parecer muito melhores se vocês se lembrarem disso.

— Saia daqui, Ollie — George assobiou. Ele fez um movimento de enxotar com as mãos musculosas.

Encantado estava sorrindo para mim.

— Talvez eu estivesse errada. Talvez não haja esperança para você — eu disse a ele. Eu conhecia o tipo dele. Bem, não pessoalmente. Mas de uma distância segura onde eu pudesse me sentar como quarterback. — Rico, miserável, vazio. Nada e ninguém nunca corresponde às suas expectativas. Incluindo você mesmo.

Aquela mandíbula esculpida se apertou, e eu sabia que tinha acertado um alvo. *Bom.*

— Saia! — George gritou. — E não volte!

— Nem pense em me enganar pelo meu salário, amigo — eu disse a ele. — Eu sei onde sua mãe mora.

Ele ficou com um tom preocupante de roxo, e decidi que era hora de sair. Fui em direção à porta e me senti muito bem com o meu discurso.

— Aqui. Você merece isso. — As garotas da mesa dois colocaram uma nota de vinte em minhas mãos. — Nós costumávamos trabalhar no serviço de alimentação.

Eu queria não precisar. Eu queria sair daqui com minha dignidade intacta e minha cabeça erguida. Mas eu precisava de cada centavo.

— Obrigada — eu disse baixinho.

O jovem casal da mesa doze segurou a porta para mim.

— Aqui. Estávamos indo ao cinema, mas você mereceu — disse o cara, segurando alguns dólares amassados.

— Pegue — sua namorada insistiu. Ela sorriu para mim. E percebi que eles me dando seus últimos sete dólares ia fazê-los se sentir melhor do que eu recusar.

Eu não podia me dar ao luxo de ter nenhum orgulho.

— Obrigada, pessoal.

— Retribua no futuro — disse o cara.

Engoli a raiva, o medo e aquela mordida de Stromboli que consegui uma hora atrás.

Eu poderia. Algum dia.

3
Ally

EU CEDI MEU LUGAR no banco de aço do ônibus para um cara desgrenhado com uma jaqueta de esqui vermelha bufante com a etiqueta de tamanho ainda nela e um cachorro com um suéter rosa de gola alta.

Eu tinha três horas para preencher antes do meu próximo turno. Um trabalho noturno no bar em uma área popular medíocre em Midtown. Eram principalmente turistas comprando Cosmos de quinze dólares, mas as gorjetas eram boas. Não havia tempo suficiente para correr para casa em Jersey e tirar uma soneca como eu queria. Mas eu poderia ir à biblioteca e procurar um novo emprego de garçonete ou verificar o site de freelance e ver se conseguiria algum projeto.

Por favor, doce menino Jesus.

Quando cheguei aqui, pensei que conseguir um emprego como designer gráfico seria fácil. Eu tinha meu próprio pequeno negócio em Boulder e me saía bem. Mas acontece que as empresas de Nova York não gostavam de dar uma chance a uma designer autodidata que precisava de um horário flexível para "emergências familiares".

Restaurantes e bares, no entanto, não davam a mínima para as horas que você demorava, desde que aparecesse quando estava no cronograma. Eu pegava projetos freelance quando os conseguia e fazia cinco trabalhos regulares de meio período.

Na verdade, quatro. Obrigada, Encantado. E George.

Entreguei-me a uma pequena fantasia.

Eu, magnata empresarial, invadindo o escritório de canto de Encantado, porque é claro que ele tinha um, e o demitindo na hora porque eu tinha acabado de comprar a empresa depois que ele me

irritou. Se eu fosse muito rica, eu faria merdas assim. Claro, eu faria caridade. Resgate de cães. Erradicar o câncer. Cuidar dos idosos. Comprar boas roupas de entrevista para mulheres que precisavam de empregos melhores. Começaria um spa onde as mulheres pudessem fazer massagens junto com exames ginecológicos, mamografias e limpezas dentárias. Com um bar.

E por diversão, eu compraria corporações e demitiria idiotas.

Eu usaria um vestido vermelho satânico e salto alto e mandaria o segurança arrastá-lo para fora de sua cadeira. Então eu daria a todos uma semana extra de férias pagas apenas por lidar com ele.

Fantasia completa, coloquei minha energia mental em escolher a melhor rota de ônibus para a biblioteca. Eu precisava substituir minha patética renda da pizzaria o mais rápido possível.

O vento apunhalou minha pele exposta como mil adagas minúsculas.

Estava muito frio. Minha raiva me manteve o mais quente possível. Mas janeiro em Manhattan era ártico. E deprimente. A última neve tinha sido bonita por cinco minutos. Mas os emaranhados de trânsito e a lama cinzenta desafiavam o branqueamento. Além disso, tinha feito meu trajeto até a cidade um pesadelo ainda maior.

Apertei as alças da minha mochila, erguendo-a. Meu laptop antigo tinha o peso morto de uma criança dormindo.

— Com licença?

Debati fingir que não a tinha ouvido. Os nova-iorquinos não conversavam nos pontos de ônibus. Nós nos ignoramos e fingimos que vivíamos em bolhas pessoais à prova de som e de contato visual.

Mas reconheci o couro vermelho sob um lindo casaco de inverno de lã marfim.

— Ollie? — A acompanhante de Encantado perguntou timidamente. Ela era alta, e não apenas porque ela estava em um par de botas de camurça pelas quais eu venderia um rim.

Pernas compridas. Maçãs do rosto altas. Corte de cabelo matador. Esmeralda do tamanho de um selo postal em seu dedo médio.

— Ally — eu disse cautelosamente.

— Eu sou Dalessandra — ela disse, pegando uma bolsa incrivelmente chique. — Aqui.

Era um cartão de visita. *Dalessandra Russo, editora-chefe da Label Magazine.*

Uau. Até eu já tinha lido a *Label* antes.

— Para que isso? — Eu perguntei, ainda olhando para o cartão de linho.

— Você acabou de perder um emprego. Eu tenho um para você.

— Você precisa de uma garçonete? — Eu hesitei, ainda sem entender.

— Não. Mas eu poderia usar alguém com sua... personalidade. Apareça neste endereço na segunda-feira de manhã. Às nove horas. Pergunte por mim. Período integral. Benefícios.

Meu coração estúpido e otimista começou a cantar uma ária digna de uma diva. Meu pai sempre me avisou que eu era um muito Pollyanna[1] e pouco Sr. Darcy.

— Acabei de aparecer e você vai me dar um emprego? — Eu pressionei, tentando esmagar a esperança que florescia dentro de mim.

— Sim.

Bem, isso foi vago.

---

[1] Uma pessoa muito otimista.

— Ei, moça. Você talvez tenha outro emprego lá para mim? — Um cara corpulento em calças cargo rasgadas e um boné de esqui laranja de segurança de caçador perguntou esperançoso. Ele tinha uma barba espetacular e bochechas avermelhadas pelo vento. Seu sorriso era estranhamente sedutor.

Ela o olhou de cima a baixo.

— Você sabe digitar?

Ele estremeceu, balançou a cabeça.

— Que tal classificar pacotes? Entregar coisas?

— Agora *isso* eu posso fazer! Trabalhei em uma sala de correspondência por dois anos no ensino médio.

O ensino médio parecia ter sido cerca de trinta anos atrás para ele. Reconheci um colega do time Pollyanna.

Dalessandra pegou outro cartão e, usando uma caneta esferográfica que parecia feita de ouro de verdade, rabiscou algo no verso.

— Apareça aqui na segunda-feira e dê a eles este cartão. Período integral. Benefícios — ela disse novamente.

O homem o segurou como se fosse um bilhete de loteria premiado.

— Minha esposa não vai acreditar nisso! Estou desempregado há seis meses! — Ele comemorou abraçando cada pessoa no ponto de ônibus, incluindo nossa adorável benfeitora e depois eu. Ele cheirava a bolos de aniversário e desejos realizados.

— Vejo você na segunda-feira, Ally — ela disse antes de descer o quarteirão e deslizar para o banco de trás de um SUV com vidros escuros.

— Este não é o melhor dia? — Pollyanna versão masculina perguntou, me dando uma cotovelada nas costelas.

— O melhor — eu repeti.

Eu não sabia se tinha acabado de ganhar na loteria ou se isso era uma armação. Afinal, a mulher estava em um encontro com Encantado, o babaca.

Mas eu literalmente não podia me dar ao luxo de não arriscar.

4
Dominic

— BOM DIA, GRETA — eu disse, entregando à minha assistente seu cappuccino diário.

— Bom dia — ela respondeu, fazendo sua varredura habitual de mim.

Ela se recostou na cadeira e cruzou os braços.

— O que há de errado? — Ela exigiu, levantando uma sobrancelha nórdica. Ela tinha sessenta e poucos anos, não tolerava tolos e era obstinadamente leal. Eu estava plenamente consciente do fato de que eu não a merecia.

A única vez que ela mencionou a palavra "aposentadoria", eu dei a ela um aumento tão insolente que ela concordou em ficar comigo até completar sessenta e cinco. Atravessaremos aquela ponte em menos de seis meses. E nesse ponto, eu estava preparado para dobrar minha oferta.

Eu não queria ter que contratar um novo assistente. Ter que *conhecer* alguém.

Eu mantive meu círculo pequeno, apertado. Greta fazia parte desse círculo e tinha ficado ao meu lado em todos os momentos. De escândalo para estável.

Ela trabalhou para mim na minha antiga firma, uma herança da minha vida anterior e dos dias em que eu avaliava riscos e desfrutava da liberdade de gritar com as pessoas. Ninguém levava para o lado pessoal. Não havia cascas de ovo sob meus pés. Eu era eu. Eles eram... bem, eles. E tudo funcionava muito bem.

Agora nada funcionava, e as cascas de ovo aqui eram afiadas o suficiente para tirar sangue.

Mas Greta estava aqui. E com essa continuidade, com alguém em quem eu podia confiar implicitamente, eu estava remexendo na antiga descrição do trabalho do meu pai. Fazendo o meu melhor para provar que o sangue de Paul Russo não estava me envenenando de dentro para fora.

— Não há nada de errado — eu defendi. Nada além da minha mãe encarando e me julgando por causa do incidente na pizzaria. Em sua crítica, ela não disse as palavras diretamente, mas eu sabia que ela estava pensando nelas.

Era algo que meu pai teria feito. Abusando de sua posição de poder para ter alguém que ousou enfrentá-lo só para ser demitido.

Isso fez ficar pior.

Eu já não me sentia bem com isso, mas eu não conseguia parar. Um ano de frustração reprimida finalmente transbordou. Não que a mulher tivesse sido uma vítima inocente. Não havia nada de "vítima" na opinativa e curvilínea Malévola.

Tirando a demissão, eu pensei que nós dois gostamos da disputa

— Mentiroso — disse Greta com carinho.

Éramos próximos, mas não *tão* próximos. Como regra, eu não desabafava com ninguém. Nem para minha mãe. Nem para Greta. Nem mesmo para meus melhores amigos. Era parte de ser um Russo. Fazíamos o que era necessário para proteger o nome da família.

Mesmo que isso significasse nunca admitir que algo estava errado.

Uma mulher de pernas compridas em um vestido justo passou trotando, uma bandeja de sucos abrasadores em uma mão e quatro sacolas de compras Hermès na outra. Ela estava indo direto para a sala de conferências quando me viu. Seus olhos se arregalaram daquele jeito

de cervo nos faróis, adrenalina temerosa. Ela tropeçou, a ponta de seu sapato roçando o tapete.

Desviei o olhar quando um suco verde pútrido caiu em uma das sacolas.

Ela gritou e correu para longe.

Outro dia, outro funcionário aterrorizado.

Achei que todos se acostumariam comigo. Aparentemente eu tinha assumido incorretamente. Eu era a Fera para a Bela da minha mãe. O monstro para a heroína. Quando eles olhavam para mim, eles viam meu pai.

— Talvez se você sorrisse de vez em quando — Greta me sugeriu.

Revirei os olhos e peguei meu telefone.

— Se eu sorrir, eles acharão que estou mostrando os dentes para eles.

— Rawr — ela provocou.

— Beba seu veneno, mulher — eu disse rispidamente.

— Talvez um dia você cresça e tome café também — ela disse, agitando os cílios.

— Quando o inferno congelar. — Eu era um bebedor convicto de chá, e a preferência não tinha nada a ver com a bebida em si. Foi a primeira de minhas muitas posições rebeldes.

Ela acenou com a cabeça na direção das janelas. Lá fora, Nova York estremeceu e congelou.

— Parece que já congelou.

Eu me inclinei contra sua mesa, folheando minha caixa de entrada no meu telefone.

— Qual é o primeiro hoje?

— Você tem publicidade às dez, as provas para aprovação devem ser entregues ao meio-dia, Irvin perguntou se você poderia ir no lugar dele

em uma reunião de orçamento às duas, e Shayla gostaria de cinco minutos do seu tempo agora.

Greta acenou para atrás de mim, e eu sabia que a editora de beleza estava ali. Senti sua nuvem perpétua de aborrecimento de baixo nível.

Eu me virei.

Os termos escultural e severo vieram à mente. Shayla Bruno ganhou o título de Miss Teenage America aos dezessete anos e teve uma breve carreira como modelo antes de se mudar para trás das câmeras. Ela era alguns anos mais velha do que eu, tinha um gosto requintado para jóias, era mãe de três filhos com a esposa e, na minha opinião, seus talentos estavam sendo desperdiçados como editora de beleza.

Muito ruim para ela que a posição que ela queria era a que eu ocupava atualmente.

— Bom dia, Greta. Agora é uma boa hora, Sr. Russo? — Ela perguntou, seu tom deixando claro que ela não se importava se era ou não.

— Dominic — eu a lembrei pela centésima vez. — É claro. — Fiz um gesto em direção ao meu escritório.

Pelo menos com Shayla eu não precisava fingir ser algo que não era. Como gentil ou carinhoso. Ou interessado em sua vida em qualquer capacidade. Ela me reconhecia como o bastardo indiferente que eu era.

Enquanto eu pendurava meu casaco, Shayla foi até os quadros de luz no canto e prendeu um layout de página no lugar.

Então ia ser uma dessas reuniões.

— Isso não está certo — ela disse, batendo uma mão de ébano com dedos longos no quadro. Anéis de ouro escovado brilhavam contra o vidro brilhante.

— De que forma? — Juntei-me a ela na frente do quadro e cruzei os braços. Era uma série de imagens de produtos organizadas em torno

de uma foto de duas modelos em um estúdio. Alguma coisa parecia errada, mas eu não conseguia identificar o que. E eu certamente não iria mostrar minha ignorância jogando um jogo de adivinhação.

— A foto da modelo. É muito pequena. Precisa ser a peça de ancoragem, não o cardigã e o cinto. As pessoas são sempre o ponto principal, mesmo que seja dos produtos que estamos falando — disse ela. — As pessoas são a história.

Eu fiz um barulho evasivo. Eu deleguei, joguei, os detalhes artísticos para o designer da página e deixei ele correr com isso porque eu não sabia o que diabos eu estava fazendo.

Se havia uma coisa que eu odiava mais nesta vida do que estar errado, era não saber o que diabos eu estava fazendo em primeiro lugar.

— Tem que ser feito novamente. Dalessandra não vai aceitar do jeito que está — disse ela.

— Você tem alguma outra sugestão? — Me aventurei.

— Eu pensaria que o diretor criativo da segunda maior revista de moda do mundo não precisaria de nenhuma contribuição. — Ela não disse isso maliciosamente. Não precisava. Era um fato.

Nós nos encaramos por um longo tempo.

— Diga o que você precisa dizer — eu disse a ela.

— Você não deveria estar neste escritório — disse ela. — Você não merece. Não passou anos de sua vida trabalhando nessa indústria, lendo essas revistas e vivendo e respirando moda. Agora, outra pessoa tem que trabalhar como sua babá.

— E essa pessoa é você? — Arrisquei friamente. — Está na descrição do seu trabalho aconselhar sobre layouts de moda?

— Não. Mas está no seu. E se você não pode fazer isso, então recai sobre alguém que pode.

Desejei que ela estivesse errada. Desejei que ela não tivesse acertado um golpe direto no meu ego já amassado. Eu estava lutando com este trabalho, e me irritou que os outros pudessem perceber.

Eu odiava não ser bom em alguma coisa.

Eu odiava falhar.

E eu *realmente* odiava ser chamado atenção para isso.

— Faço mil coisas por dia que não se enquadram na descrição do meu trabalho. Todos nós deveríamos — ela continuou, suas palavras saindo em um clipe rápido. O frio finalmente dando lugar ao calor furioso por baixo. — Somos uma equipe com o objetivo de tornar cada conteúdo tão valioso e atraente quanto possível. Você não deveria tomar essas decisões quando não está preparado para tomá-las. Você não deveria estar naquela mesa.

Encontrei fogo com gelo.

— Vou levar isso em consideração. Mais alguma coisa?

Tive a sensação de que Shayla estava fantasiando me empurrar para a cadeira e empurrá-la pelas janelas nas minhas costas.

Ambiciosa. E com uma raiva legítima. Mas ficar irritada não mudava o que aconteceu. Eu era o diretor criativo da *Label.* E eu encontraria uma maneira de fazer este trabalho.

— Redesenhe isso antes que sua mãe veja. — Ela acrescentou o "sua mãe" como um soco.

Eu sabia porque eu teria feito o mesmo.

Eu estava prestes a pressioná-la por sugestões ou pelo menos uma recomendação sobre um designer que teria melhores instintos do que o primeiro quando ouvi uma batida na minha porta aberta.

— Dominic, meu rapaz. Você tem cinco minutos para um velho?

O editor-chefe Irvin Harvey entrou no meu escritório de terno e gravata, com um sorriso no rosto. O homem era o único comparsa

sobrevivente da expulsão sem cerimônia de meu pai. Ele estava na *Label* há quinze anos depois que minha mãe, fortemente influenciada por meu pai, o roubou de uma casa de moda. Aos 65 anos, ele era o executivo estereotipado de Manhattan. Bem remunerado, ele se destacava na conversa e no golfe e era um mestre em manter relacionamentos. Ele conhecia todo mundo que valia a pena conhecer na indústria, de designers a fotógrafos, compradores e anunciantes.

Meu pai tinha sido o padrinho de Irvin em seu terceiro casamento.

A única razão pela qual ele ainda estava aqui era porque nunca houve uma queixa contra o homem, e ele jurou para minha mãe que não tinha ideia do que seu velho amigo Paul estava fazendo.

Eu não estava tão inclinado a acreditar em sua palavra. Mas entendi que substituir outro título tão alto no mastro só aumentaria o pesadelo de minha mãe.

— Terminamos aqui? — Eu perguntei

— Sherry, me traga um café, sim?

— Shayla — ela disse secamente.

Senti o soco de raiva que irradiava dela.

O homem provavelmente estalava os dedos para os garçons nos restaurantes.

Eu me lembrei da minha pizza de pepperoni e da mulher que a serviu, então estremeci.

— Sirva-se da máquina — eu disse a Irvin, acenando na direção do bar de bebidas logo após a porta. Até recentemente, sua principal função era exibir garrafas de champanhe e uísque. Era agora o lar de uma estação de chá e máquina de café expresso. No entanto, eu ainda o mantinha estocado com o vinho branco favorito da minha mãe e uma garrafa de bourbon para dias particularmente frustrantes.

— Nunca consegui entender essas monstruosidades — Irvin disse alegremente, piscando para Shayla e depois sorrindo para mim.

— Falarei com você mais tarde, Shayla — eu disse, dispensando-a. Eu faria o maldito café se isso significasse que eu não teria que descobrir como tirar manchas de sangue do tapete.

Ela nos deu um aceno frio e saiu.

— O que posso fazer por você, Irvin? — Eu perguntei, começando um café expresso para o homem.

— Eu bebi com os compradores da Barneys ontem à noite. Conversando, fofocando como adolescentes. — Ele vagou até as janelas para estudar o horizonte. — Você sabe como Larry é — ele disse em tom de conversa.

Eu não sabia *quem* era Larry. Mas essa tinha sido a marca registrada do meu relacionamento com Irvin desde que assumi o cargo. Eu era seu substituto para meu pai. Imaginei que os dois tivessem compartilhado muitos uísques nesta mesma sala.

Mas eu não era meu pai e não tinha tempo para fofocas. Entreguei-lhe o café.

Ele pareceu reconhecer que eu não era Paul.

— De qualquer forma, depois de alguns martínis de gin, Larry se solta. Abre a boca. Ele mencionou ter ouvido alguns rumores sobre sua mãe, o divórcio. Ela está saindo com alguém novo? — Suas sobrancelhas com tufos prateados se ergueram sugestivamente.

Eu não fazia ideia. Eu não tinha certeza se deveria saber se ela estava saindo com alguém ou não.

— Entendo — eu disse, ignorando intencionalmente a pergunta. Se eu deveria saber se minha mãe estava namorando de novo era totalmente diferente do que se o bocudo *adivinha o que ouvi* Irvin deveria saber.

Minha mãe, esta revista, não precisava da sombra de Paul Russo para causar mais danos. Todas as questões, todas as perguntas de entrevista sobre a situação foram recebidas com um silêncio estóico. O Modus Operandi Russo. Proteja o nome a todo custo.

Mesmo que isso significasse abrigar um vilão.

— De qualquer forma. Achei que você gostaria de saber. São apenas rumores — disse Irvin, tomando um gole delicado de seu café. — Eles vão explodir assim que algo mais escandaloso aparecer.

— Vou levar isso em consideração — eu disse.

5
Ally

GRAÇAS A DEUSA dos sinais Wi-Fi. Havia internet em Foxwood hoje.

Triunfante, tirei meus dedos congelados das mangas dos meus moletons de duas camadas e entrei na Van 4 de Vigilância do FBI.

Era sábado de manhã e eu tinha três horas inteiras até precisar pegar o trem para a cidade.

Eu já tinha passado uma hora jogando detritos para fora da janela do segundo andar na lixeira que ocupava todo o centímetro quadrado do jardim da frente do meu pai.

Depois, mais uma hora trabalhando em um projeto de design de um logotipo freelance. Era para um açougue familiar em Hoboken e pagou um total de 200 dólares.

Mas 200 dólares significavam que eu poderia aumentar o termostato em um grau hedonista ou dois por alguns dias. Isso mesmo, senhoras e senhores, talvez eu consiga me despir para apenas uma camada de roupa! Por isso, o açougue Frances Brothers teria o melhor logotipo que eu pudesse criar.

Com meu Wi-Fi emprestado, digitei "Dalessandra Russo" e "Label Magazine" na busca da internet e passei pelos resultados que já tinha visitado. Acontece que a *Label* estava passando por um período de "transição" recentemente. Havia muitas informações sobre a formidável e fabulosa Dalessandra. A ex-modelo virou magnata da indústria da moda e editora-chefe de uma das maiores revistas de moda sobreviventes do país. Seu marido por quarenta e cinco anos, Paul, havia "renunciado" ao cargo de diretor criativo da revista há cerca de treze meses.

A declaração oficial era que eles estavam se separando pessoal e profissionalmente. No entanto, os blogs de fofocas sugeriram um escândalo mais sinistro, citando a saída de vários outros funcionários na mesma época. Principalmente mulheres. Os blogs tiveram o cuidado de sapatear em torno disso, mas um ou dois deles insinuaram que os casos extraconjugais de Paul desempenharam um papel no fim dos relacionamentos pessoais e profissionais.

Encontrei conforto no fato de que uma mulher tão esperta e afiada quanto Dalessandra também podia ser traída.

Meu olhar passou pela tela do laptop para a banheira de porcelana de quarenta toneladas ainda alojada no chão da sala. Em seguida, até o buraco no teto.

Sim. Mesmo inteligente e afiado, era traído de vez em quando.

— Toc, toc! — Uma mulher alegre com um forte sotaque romeno gorjeou ao entrar pela porta da frente.

Eu realmente precisava substituir a fechadura e realmente usá-la.

— Sra. Grosu — eu disse, fechando meu laptop e mentalmente me resignando a pegar o resto da minha pesquisa depois dos meus dois turnos de bartender. Se o Wi-Fi aguentasse.

— Olá, vizinha — disse ela, entrando apressada, uma caçarola amarela nas mãos.

A sra. Grosu era uma viúva que morava ao lado em um prédio de dois andares de tijolos com uma cerca viva tão precisa que parecia ter sido aparada com lasers. Ela tinha quatro filhos e sete netos que vinham para o almoço de domingo toda semana.

Eu a adorava.

— Trouxe uma caçarola campestre Amish para você — disse ela alegremente. Minha querida, adorável e idosa vizinha tinha dois grandes amores nessa vida: alimentar pessoas e Pinterest. Ela

considerou este ano como sua exploração culinária cultural, e eu estava junto para o passeio.

— Isso é muito gentil da sua parte, Sra. Grosu — eu disse.

Por pior que fosse literalmente tudo na minha vida, eu tinha acertado na loteria com os vizinhos do meu pai. Eles eram adoravelmente divertidos e absurdamente generosos.

Ela estalou a língua.

— Quando você vai tirar essa banheira da sua sala de estar?

— Em breve — prometi. A coisa tinha que pesar cento e quarenta quilos. Não era um trabalho de uma mulher só.

— Você diz a palavra, e meus filhos vêm tira-lá para você.

Os filhos da sra. Grosu estavam na casa dos cinquenta e não estavam em condições de levantar peso.

— Eu vou resolver isso — eu insisti.

Com um revirar de olhos, ela se dirigiu para a cozinha.

— Eu vou guardar isso. As instruções estão na nota adesiva — ela chamou em seu forte sotaque.

— Obrigada — eu gritei atrás dela, abrindo caminho para fora da minha toca de cobertores.

— É um agradecimento à *você* — ela insistiu, voltando para a sala enquanto eu saía do sofá. — Você pegou minhas compras quando meus pés estavam inchados como melancias na semana passada.

Estávamos em uma interminável reciprocidade de favores, e eu meio que gostava. Era bom poder dar algo, *qualquer coisa* realmente, quando os recursos se esgotavam.

Ela fez um tsc-tsc quando olhou para o termostato.

— Está mais frio do que as bolas de um boneco de neve aqui — ela reclamou.

— Não é tão ruim — eu insisti, atiçando o fogo na lareira de tijolos que meu pai raramente usava. Eu tinha mais um tronco reservado para a manhã, e então eu ligaria a fornalha para aquecer a casa a uns agradáveis cinquenta graus enquanto eu estava no trabalho.

Eu nunca tinha sido pobre antes, mas senti que estava realmente pegando o jeito.

— Por que você não aceita meu dinheiro? — A mulher fez beicinho, cruzando os braços na frente de seus peitos gigantescos. Tudo na Sra. Grosu era macio, mole. Exceto por seu tom maternal.

— Você já pagou pela lixeira — eu a lembrei.

— Bah! — Ela disse, acenando com a mão como se não fosse nada desembolsar algumas centenas de dólares para cobrir o custo de uma monstruosidade que estava diminuindo o valor de sua propriedade.

— Esta é a minha bagunça. Eu vou consertar isso — eu disse a ela. — Você precisa do seu dinheiro para as cestas de Páscoa dos seus netos e para o seu cruzeiro de solteira.

— Já te disse que vamos a um cabaré masculino em Cozumel? — Ela perguntou, jogando a cabeça para trás e gargalhando.

Ela disse. E eu ainda não conseguia tirar a visão da minha cabeça. A Sra. Grosu e cinco de suas amigas mais próximas faziam uma viagem de garotas uma vez por ano. Fiquei espantada por elas nunca terem sido presas ainda. Mas sempre havia Cozumel.

— Acho que você mencionou — eu disse, enfiando as mãos no bolso do meu moletom.

— Ok. Bom. Vamos então — ela disse, enganchando seu braço no meu e me rebocando em direção à porta.

— Vamos? Onde? — Eu perguntei. — Não tenho sapatos nem dinheiro.

— Pegue sapatos. Você não precisa de dinheiro.

Isso foi engraçado. Eu precisava desesperadamente de dinheiro.

— Eu tenho algum trabalho a fazer — eu disse, tentando novamente.

— Não. Você sempre tem trabalho. Seu calendário na geladeira diz que você trabalha às três. Você leva quarenta e cinco minutos para chegar ao trabalho. Portanto, você tem tempo para vir comigo.

Eu discuti com ela antes e sempre perdia.

— O que você está fazendo por seu pai é uma coisa muito boa e bonita. Nós não vamos deixar você passar por isso sozinha — ela disse, me empurrando para dentro do meu casaco de inverno.

Enfiei meus pés nas botas e procurei minha bolsa.

— Eu não sei o que isso significa — eu admiti. — E quem somos nós?

— Você começa um novo trabalho na segunda-feira. O Sr. Mohammad e eu estamos levando você para fazer compras naquele brechó que você gosta de algumas roupas apropriadas para o trabalho.

Eu cravei meus calcanhares na madeira compensada arruinada, certificando-me de evitar a tira de tachas de carpete.

— Não, você não vão.

A Sra. Grosu costumava falar sobre seus irmãos mais velhos e suas proezas em luta livre. Aparentemente, eles a ensinaram uma coisa ou duas porque eu me encontrei do lado de fora. O Sr. Mohammad, um imigrante etíope que chegou aos Estados Unidos várias décadas antes de eu nascer, acenou de seu sedã de vinte anos.

— Oh, não. Ele está com o carro — eu disse.

— Você vê como isso é importante? — Disse a Sra. Grosu.

Muito poucas coisas poderiam convencer o Sr. Mohammad a realmente tirar seu carro da garagem. O carro tinha algo em torno de 1.300 quilômetros porque seu dono sorridente e bigodudo adorava

andar. Antes de se aposentar, ele caminhava os três quilômetros até seu trabalho como supervisor de mercearia. Desde sua aposentadoria, ele ainda andava. Mas agora era para a igreja todos os domingos e para a ponte no centro comunitário às quartas-feiras.

Meu pai tinha sido o parceiro de ponte do Sr. Mohammad. Juntos, eles governaram o centro comunitário com acenos sutis e linguagem corporal indecifrável.

Tantas coisas haviam mudado em tão pouco tempo. Agora, em vez de cuidar do meu pai, os vizinhos dele cuidavam de mim.

— Não brigue conosco sobre isso. Temos cheques da previdência social queimando em nossos bolsos, e é Dia do Idoso no brechó — disse a Sra. Grosu, me enfiando no banco de trás.

— Olá, Ally — o Sr. Mohammad cantou. Ele era a pessoa mais feliz que eu conhecia.

— Sr. Mohammad, não posso deixar vocês dois fazerem isso.

— Você apenas relaxe, garota — ele insistiu. — Nós *queremos* fazer isso.

Era verdade. Eles realmente queriam. Toda a vizinhança de papai parecia prosperar com base no princípio "ame ao próximo". Quando eu vendesse a casa do papai, quando tudo isso acabasse, eu os pagaria de volta. E eu sentiria falta deles ferozmente.

— Tudo bem — eu suspirei. — Mas eu vou pagar de volta.

O Sr. Mohammad e a Sra. Grosu compartilharam um revirar de olhos no banco da frente.

— Não torne isso estranho, Ally — disse Mohammad e aumentou a fita cassete de Billy Joel.

6
Ally

OS ESCRITÓRIOS DA *Label* ocupavam o 42º e 43º andares de uma brilhante torre de metal em Midtown. Era um prédio chique no qual pessoas chiques trabalhavam em empregos chiques.

Eu estava usando uma saia lápis de brechó sobre leggings de renda baratas que faziam minhas pernas coçarem. Mas eu consegui adicionar meu próprio talento com os laços de cabelo grossos e coloridos que empilhou em ambos os pulsos. Funcional e elegante. Coincidentemente também mais barato do que uma pulseira tennis de diamante.

Enquanto o elevador subia em direção ao céu, os nervos faziam meu coração pular no peito. Eu era uma profissional em começar novos empregos. Eu era ótima em lidar com pessoas. Mas entrar naquele elevador com mulheres que eram quinze centímetros mais altas que eu e quinze quilos mais leves foi uma experiência reveladora. Assim como o cara empurrando um carrinho com duas dúzias de sacolas de presentes da Chanel.

O ar cheirava caro aqui como perfumes sutis de marca, cremes de luxo e loções. Enquanto isso, eu cheirava a xampu com cheiro de limão de marca barata.

A gazela ao meu lado balançou a bandeja de xícaras de café que ela estava segurando. Ela pegou, mas seu telefone voou.

Peguei-o do chão, já que eu era a mais próxima dele. Provavelmente, qualquer uma das glamorosas levaria dez segundos para se curvar graciosamente de suas alturas para chegar ao chão.

— Aqui — eu disse, entregando o telefone de volta para ela.

— Obrigada — ela respirou. — Eu sou tão desajeitada, e eles ainda me obrigam a levar café no andar de baixo.

Ela estava se aproximando de um metro e oitenta em seus saltos de camurça rubi. Sua herança parecia estar em algum lugar entre os nativos americanos e os japoneses. Em qualquer bar da cidade, ela seria considerada deslumbrante. Aqui, ela era uma entregadora de café. Eu me perguntei se estava prestes a descobrir que meu novo trabalho envolvia esfregar vasos sanitários.

Eu não me importava. Eu ainda aceitaria.

Além disso, claramente nenhuma dessas pessoas comiam ou bebiam. Os banheiros provavelmente estavam sem uso e impecáveis.

— Você é uma modelo que faz entregas de café? — Eu perguntei.

Ela olhou para mim, piscou e depois riu. Até que ela balançou a bandeja novamente.

Como precaução de segurança, eu a peguei dela.

— Isso é adorável — disse ela, sorrindo para mim. — Eu trabalho no grupo de administradores da *Label*.

— Mas você se parece... assim — eu disse, acenando minha mão livre na direção de seu rosto. — A *Label* tem um excedente de mulheres dignas de modelo de capa, então elas apenas as redistribuem para outros departamentos?

— Sou uma digitadora muito rápida, e organização é minha religião. E se alguém me colocasse na frente de uma câmera, eu cairia de cara. Além disso, eu não posso sorrir sob comando. — Ela ergueu a identidade da empresa. Na foto granulada, ela parecia estar retraindo a cabeça em um casco de tartaruga invisível. — Você trabalha no prédio? — Ela perguntou.

— Eu estou prestes a trabalhar. Primeiro dia.

— Legal. Que companhia?

— *Label* — eu disse.

— Colegas de trabalho — ela gorjeou. — Eu sou Gola, a propósito. Qual departamento?

— Eu sou Ally, e não tenho certeza. Dalessandra apenas me disse para aparecer e perguntar por ela.

Gola piscou.

— Dalessandra *Russo*? — Ela disse o nome com partes iguais de admiração e medo.

— Sim.

— Eu tenho tantas perguntas — ela confessou.

— Somos duas.

O elevador apitou e as portas se abriram no quadragésimo terceiro andar. Nós duas saímos.

— Aqui, eu vou levá-la para a recepção — ela ofereceu, pegando de volta a bandeja de cafés.

— Obrigada. Isso é muito legal da sua parte.

Abri uma das portas de vidro para a Gola.

— Primeira lição, não somos todos modelos e nem todos super malvados. Mas alguns são os dois — disse Gola, abrindo caminho para um balcão em forma de ferradura de quartzo branco brilhante. A mulher atrás dele era uma ruiva de pele marfim com um vestido xadrez chique.

Eu senti como se tivesse aparecido no baile de calça de pijama.

— Ruth, esta é Ally. Ela está aqui para ver Dalessandra sobre um trabalho — Gola disse com uma sobrancelha balançando.

— Que tipo de trabalho? — Ruth ruiva perguntou, segurando o queixo com uma mão delicada.

— Essa é a melhor parte. Ela nem sabe!

— Tenho certeza que não é um trabalho de capa de revista — eu brinquei. — Ela me deu este cartão e me disse para chamar por ela. — Peguei o cartão de visita de Dalessandra no bolso do casaco e o entreguei.

— Isso é emocionante! — Ruth insistiu. — Esta é a segunda nova contratação aleatória hoje. — Ela apontou para uma pequena área de espera. Cadeiras baixas de couro branco pareciam mais modernas do que confortáveis. Plantadores de ouro sustentavam samambaias verdes brilhantes na frente das janelas que emolduravam o sombrio horizonte de Midtown.

O cara do ponto de ônibus estava sentado cautelosamente em uma das cadeiras artísticas. Sua perna estava balançando em uma batida nervosa. Ele havia aparado o cabelo e a barba e estava usando um suéter laranja que esticava bem sobre a barriga, fazendo com que parecesse um pouco com uma abóbora.

Ele parecia tão feliz que eu estava realmente com medo por ele.

— Ei, colega do ponto de ônibus! — Ele acenou para mim.

— Ei — eu acenei de volta e enviei todas as boas vibrações que pude reunir para ele. Pessoas más comiam pessoas boas como ele no café da manhã.

— Vocês dois se conhecem? — Perguntou Gola. — Isso é ainda mais intrigante.

Voltei-me para as mulheres.

— Então o que você está dizendo é que isso não acontece com frequência? — Eu não tinha certeza se Dalessandra tinha o hábito de bancar a fada do emprego para estranhos.

— Nunca — disse Ruth. — Talvez seja algum tipo de crise de meia-idade.

— A mulher tem sessenta e nove anos — Gola a lembrou.

— Se alguém pode viver até 140 e ainda ser fabulosa, é Dalessandra — insistiu Ruth.

— Eu tenho que ir — disse Gola, fazendo malabarismos com os cafés. — Mas talvez possamos almoçar hoje? Você pode me dar todos os detalhes de como conheceu Dalessandra.

— Não há muitos detalhes. O encontro dela no jantar me fez ser demitido.

Gola e Ruth trocaram outro olhar.

— Encontro no jantar? — Ruth sussurrou alegremente.

— Meu ramal está na lista da empresa. Eu sou a única Gola.

— Ligue para mim também — disse Ruth. — Eu preciso saber sobre o encontro do jantar!

Amigas de almoço. Ok. Isso não era tão ruim.

— Soa bem.

Gola recuou por um segundo conjunto de portas de vidro, e dei um suspiro de alívio quando o café sobreviveu.

— Deixe-me ligar de volta para o escritório de Dalessandra para que eles saibam que você está aqui — Ruth disse, pegando o telefone.

Observei uma mulher de aparência sombria em um terno cinza-pomba caminhar até meu amigo no ponto de ônibus. Ele se levantou e sorriu para ela. Ela franziu a testa para ele.

— Siga-me — eu a ouvi dizer sem entusiasmo.

Meu amigo me deu um polegar para cima com uma mão e apertou sua sacola marrom com a outra em seu peito.

— Por favor, deixe a sala de correspondência ser amigável — eu sussurrei.

— Ally? Dalessandra está pronta para você — disse Ruth, desligando o telefone. — Você vai apenas passar por essas portas e

seguir o corredor todo o caminho. É o último escritório à esquerda, e você verá dois assistentes aterrorizados sentados na frente.

Ah, que bom.

— Obrigada, Ruth.

— Boa sorte! Vejo você no almoço.

Se eu sobreviver tanto tempo.



ENCONTREI O ESCRITÓRIO, E os dois assistentes, dos quais apenas um parecia aterrorizado, sem precisar pedir informações. O que era bom porque todos que eu passava no corredor pareciam estar fugindo para a guerra. Havia uma urgência que permeava todo o andar. As pessoas pareciam no limite.

Ou eu estava analisando tudo demais, e esse era um ambiente típico de escritório. A *Label* era um grande negócio, e isso significava muito dinheiro, poder e influência. Além disso, provavelmente um alto exemplo de úlceras estomacais.

— Oi. Eu sou Ally — eu disse, assustando o assistente mais próximo a quase cair da cadeira. Ele se conteve, mas lançou um copo de caneta voando.

Ele agarrou seu peito.

— Minha nossa.

— Ah, pelo amor de Deus, Johan — reclamou o segundo assistente. — Você sabia que a recepção estava mandando alguém para cá. — Ela ficou de pé enquanto o Sr. Assustado, lutava para pegar suas canetas.

— Eu sou Gina — disse ela. — Você pode vir comigo.

Ela liderou o caminho para o santuário interno com paredes de vidro atrás dela.

Dalessandra Russo estava atrás de uma mesa de trabalho elegante com pernas de metal curvadas em um azul tão profundo que era quase preto. As paredes estavam forradas com algum padrão requintado de samambaias e folhas em cremes e verdes suaves. Fotos emolduradas de prata da mulher em questão com celebridades e outras pessoas de aparência importante foram penduradas em um padrão muito agradável aos olhos para ser acidental.

Ela e um homem magro de óculos estavam estudando algo em sua mesa.

Dalessandra ergueu os olhos por cima dos delicados óculos de leitura. Seu vestido era um de malha marfim e esterlina com mangas compridas que combinavam com seus cabelos grisalhos. Seu colar era o que alguém mais educado em moda provavelmente chamaria de uma peça marcante, uma barra de ouro grossa com pequenas pedras preciosas espalhadas por cima.

Se eu usasse algo assim, quebraria um dente batendo no meu rosto na primeira vez que me inclinasse.

— Ally. Tão feliz que você pode se juntar a nós hoje — disse ela.

— Estou feliz por estar aqui — eu disse cautelosamente.

Eu ainda estava esperando a conversa de "mudei de ideia".

— Ally, qual é o seu sobrenome? — Ela perguntou.

Isso chamou a atenção do homem ao lado dela. Ele olhou para cima, intrigado.

— Morales — eu disse.

— Ally Morales, conheça nosso gerente de produção, Linus Feldman.

Linus me deu uma olhada, e eu sabia que ele estava se perguntando o que a garota de saia de brechó estava fazendo no escritório de Dalessandra Russo.

— Oi — eu disse.

Linus era baixo, magro, negro, e, pela altura que suas sobrancelhas fofas e peludas subiam, um pouquinho crítico.

Eu não poderia culpá-lo. Eu também não tinha ideia do que estava fazendo aqui.

— Olá. — Ele pronunciou a palavra como se estivesse esperando uma explicação.

— Ally está se juntando ao nosso grupo de administradores — disse Dalessandra.

Ufa. Ok. Afinal, havia realmente um trabalho.

Linus também pareceu aliviado com essa explicação.

— Boa sorte para você — disse ele, rapidamente empilhando os papéis. — Vou passar isso para a equipe editorial.

— Obrigada, Linus. Por favor, feche a porta ao sair — disse Dalessandra, afundando na cadeira atrás de sua mesa.

Ela gesticulou para uma das poltronas de marfim à sua frente.

As sobrancelhas de Linus estavam se aproximando da linha do cabelo novamente quando ele fez o que foi dito. O olhar que ele me lançou ao fechar as portas de vidro foi mais "cuidado" do que "boa sorte".

Sentei-me, juntando os joelhos. Fazia um tempo desde que eu vesti uma saia. Eu senti como se estivesse no meio do curso intensivo de reaprender a sentar como um adulto.

— Então, Ally — Dalessandra disse, entrelaçando os dedos. — Bem-vinda à *Label.*

— Obrigada — eu disse. — Por que estou aqui?

Ela não riu, mas seu sorriso era caloroso.

— É por isso — disse ela, apontando para mim.

Meu cabelo? Minha encantadora confusão? Talvez eu a tenha lembrado de uma melhor amiga há muito perdido do acampamento de verão?

— Temo que você terá que ser mais específica.

Ela riu então, e eu podia ouvir as cadeiras dos assistentes do lado de fora girando em nossa direção.

— Estou contratando você para nosso grupo de administradores. Você terá novas tarefas administrativas todos os dias. Você pode ajudar com pesquisa ou verificação de fatos. Você pode ser chamada para fazer anotações em reuniões ou agendar um projeto específico. Você pode entrar em contato com a equipe de um designer para ajudar a coordenar as sessões de fotos. Você pode substituir assistentes pessoais ou pode ser solicitada a organizar catering, pegar café etc.

— Ok. — Isso parecia razoavelmente factível.

— Mas. — Ela deixou a palavra pairar no ar entre nós.

Esperei pelo estilete muito luxuoso que estava prestes a me empalar de cima.

— Estou interessada em saber o que você notou sobre nossos escritórios até agora — disse ela.

— Você quer dizer nos três minutos que estou aqui?

— Sim.

Excelente. Já havia um teste. Eu sabia que havia uma resposta que ela estava procurando. Eu só não sabia o que era.

— Todo mundo parece... — Eu parei, sem saber o quão honesta eu deveria ser.

— Diga — disse ela.

— Aterrorizado. Como cervos encarando faróis.

Ela suspirou e bateu a caneta na mesa.

— Recentemente, passamos por uma... transição difícil.

— Mmm — eu disse, não pronta para admitir que eu tinha stalkeado ela e sua empresa na internet.

— Na transição, removemos, perdemos e substituímos vários funcionários importantes. Os que removemos não eram mais... adequados — decidiu ela — para nossos valores. Eles se tornaram passivos de espécie. Infelizmente, também perdemos vários membros valiosos da equipe.

Havia muita coisa que ela estava dançando por trás do vocabulário de relações públicas.

— Meu marido se aproveitou da minha generosidade e abusou de seu poder aqui. Eu estava ciente de algumas de suas... falhas. Mas eu não estava ciente de quão inapropriado ele se tornou. — Seu tom era de aço e a raiva quase estalou fora dela. Eu esperava que ela pegasse as bolas do cara no divórcio.

Fiquei em silêncio e engasguei à força as milhares de perguntas que eu tinha.

— Eu estava tão focada no crescimento de uma marca, na transição para o digital e aproveitando as vantagens de ser uma mulher poderosa em um setor empolgante que não olhei de perto para minha própria família, minha própria empresa. Talvez eu não quisesse.

— Mas acabou agora — eu adivinhei.

Ela assentiu.

— Anos muito tarde. Tanto dano poderia ter sido evitado. Mas o passado está no passado. Não tem relação com o presente e o futuro. Eu trouxe meu filho para tomar o lugar de seu pai e o encarreguei, talvez injustamente, de limpar a bagunça de seu pai. Como você viu na semana passada, a tensão está chegando até ele.

Eu estava ocupada me perguntando exatamente o que Dalessandra *não* estava dizendo quando percebi essa última informação.

Ah, merda.

— Encantado é o seu *filho*?

Ela parecia confusa.

— Quem você achava que ele era?

— Eu pensei que ele era seu encontro. Eu disse a ele que você poderia encontrar alguém melhor do que ele — eu disse.

Dalessandra riu novamente.

Mais uma vez, ouvi o giro de cadeiras do outro lado do vidro.

— Dominic é meu filho.

Talvez eu pudesse simpatizar um pouco com o homem que está sendo chamado para limpar a bagunça da família. Mas ainda assim, eu não era uma idiota sobre a minha situação.

— Então, por que, no meu primeiro dia como administradora, estou em seu escritório? — Eu perguntei. Eu senti como se estivesse faltando algumas peças muito grandes e importantes do quebra-cabeça.

— Porque meu filho deve um emprego a você, e os Russos sempre pagam suas dívidas.

Mais mistério. A mulher parecia um cofre de segredos.

— Ok — eu disse, desenhando a palavra estilo Linus.

Dalessandra apoiou-se nos cotovelos.

— E se por acaso você conseguir medir a temperatura de nossa equipe e descobrir se há algo que eu possa fazer para tornar nosso ambiente mais estável... — Ela ergueu as palmas das mãos. — Então espero que você se sinta inclinada a discutir isso comigo.

E aí estava o pedido.

Um vago.

Eu senti como se estivéssemos nos comunicando em código... e apenas uma de nós tinha o código... e a outra de nós era eu.

— Eu vou fazer o que posso? — Saiu mais como uma pergunta. Mas era a resposta que minha nova chefe estava procurando.

— Bom. Se precisar de alguma coisa, por favor me diga — disse ela, pegando os óculos de leitura e colocando-os.

— Eu tenho algumas perguntas.

Ela olhou por cima da armação para mim.

— Sim?

— Encan... seu filho pode me demitir? — Eu perguntei.

Seu sorriso era felino.

— Não. Dominic não pode te demitir.

— Está bem então. Eu tenho que ser legal com ele?

Ela se recostou na cadeira, pensando.

— Eu acho que você deveria ter o relacionamento que se sente mais confortável em ter com meu filho.

7
Dominic

OS ASSISTENTES DE minha mãe estavam grudados no que estava acontecendo em seu escritório e não viram eu me aproximar.

Eu murmurei uma saudação, assustando tanto o cara que ele espirrou água na frente de sua camisa xadrez.

— Oh, Sr. Russo, sua mãe está em uma reunião — a assistente menos apavorada, Gina ou Ginny, disse, levantando-se quando eu alcancei a maçaneta da porta.

Minha mãe riu de quem estava sentado do outro lado da mesa dela.

Eu fiz uma careta.

— Quem está aí?

— Uh. Hum. Uma nova contratada — guinchou o assistente úmido, enxugando-se com os guardanapos.

Fazia muito tempo que eu não ouvia mamãe rir assim.

Eles estavam de pé agora, e eu decidi que era um bom momento para interromper.

— Falando no diabo — mamãe disse quando entrei em seu escritório.

A outra mulher se virou. Ela estava sorrindo.

Ela estava... *aqui?*

— Não — eu rosnei.

Ouvi um baque atrás de mim e presumi que o assistente nervoso tinha caído tentando escutar.

— Oh. Sim — a garota da pizza do VSF disse presunçosamente.

— Não — eu disse novamente, balançando a cabeça.

— Dominic, conheça Ally. Ally está se juntando ao nosso grupo de administradores. Ally, Dominic é nosso diretor criativo aqui na *Label*.

— Uma palavra, mãe — eu disse. Ela não podia simplesmente distribuir empregos para pessoas que eram rudes demais para mantê-los. Ela já tinha atingido sua cota comigo.

— Sinto muito, querido. Eu não tenho tempo. Seja gentil e leve Ally ao RH — disse ela, pegando o telefone. — Mande Naomi entrar.

Fomos dispensados. Mas eu ia ter várias palavras com minha mãe o quanto antes.

Parei na mesa dos assistentes e golpeei o nome dela.

— Gina, agende um horário com minha mãe o quanto antes. Diga a ela que é uma reunião orçamentária para que ela não tente cancelar.

Ela piscou para mim. Sua boca abriu e depois fechou. *Merda. Eu deveria ter ido com Ginny.*

— Há algum problema?

— Você sabe meu nome.

— Claro que eu sei o seu nome — eu rebati, secretamente aliviado.

— Você é um verdadeiro homem do povo, Encantado — Ally disse secamente atrás de mim.

Eu virei para ela.

— Não se preocupe em ficar confortável aqui — eu a avisei.

— Ou o que? Você vai arruinar outro trabalho para mim?

— Você e eu sabemos que você merecia perder aquele emprego — insisti. — Você não pode ser tão rude com os clientes e se surpreender quando for criticada.

— E *você* não pode ser tão rude com as *pessoas* e não ser criticado por isso — ela rebateu.

— Você começou — eu rosnei.

— E você pensou que estava acima das regras.

Ok. Ela pode ter uma fina e microscópica razão.

— Era uma ligação importante — eu menti.

— Era? — Ela perguntou, franzindo o nariz em descrença teatral. — Todo mundo naquele restaurante não teve problemas em seguir as regras.

— A regra é uma merda.

— Claro que é! — Ela jogou as mãos no ar. — George também tinha regras como os garçons só podiam comer meia fatia de pizza por turno de seis horas. Recheios eram extra! E você só podia fazer uma pausa para fazer xixi por turno!

— Se era tão miserável, por que você está tão chateada por ele ter demitido você?

— *Você* me fez ser despedida — ela gritou. — E eu preciso do dinheiro, seu palhaço!

Ninguém em toda a minha vida me chamou de palhaço. Pelo menos não na minha cara. Eu acho que não tinha sido cogitado pelas minhas costas também. Idiota, sim. Batardo filho da puta, definitivamente.

— Palhaço? — Eu repeti, sorrindo.

— Cala a boca. Eu estou brava.

Bom.

— Você deveria estar me agradecendo — eu insisti, apertando o botão que eu sabia que iria detoná-la.

— Você está completamente delirante, Encantado?

O assistente facilmente assustado da minha mãe, cujo nome eu definitivamente não sabia, ofegou atrás de mim, lembrando-me que tínhamos uma audiência.

Eu a agarrei pelo cotovelo e a puxei para longe do escritório e da nossa audiência para uma pequena sala de conferências. Era a mesma sensação de quando eu segurei seu pulso no restaurante. Um despertar, um zumbido no meu sangue.

— Você está me arrastando aqui para me desmembrar? — Ela exigiu, golpeando minha mão.

Relutantemente, eu soltei.

Estávamos de igual para igual como se estivéssemos no restaurante. Eu podia sentir o cheiro de limões novamente. E por mais nervoso que eu estivesse, percebi que era muito bom ter alguém me olhando nos olhos, mesmo quando eles lançavam insultos em minha direção.

Se eu tivesse que ter mais uma conversa com uma mulher neste escritório enquanto ela passasse o tempo todo olhando para seus sapatos ou para algum lugar distante por cima do meu ombro, eu ia enlouquecer.

— Por minha causa — expliquei — você conseguiu um emprego em tempo integral com benefícios que não fazem você cheirar a alho e permite quantas idas ao banheiro você precisar.

— Nossa. Obrigada, Encantado. — Seu sarcasmo era tão grosso que fiquei surpreso por não pingar no chão.

— De nada — eu atirei de volta.

Ela se inclinou.

— Eu realmente não gosto de você.

— Eu também não sou seu fã.

Estávamos perto demais. Perto demais para chefe e empregada. E eu não deixaria passar por ela para pegar uma faca e me esfaquear com ela.

Dei dois passos de autopreservação para trás.

— Bom — disse ela.

— Ótimo — eu concordei. Parecia que Ally, a dor desrespeitosa na minha bunda, era a única mulher no prédio além da minha mãe que era corajosa o suficiente para fazer contato visual comigo.

Sorte minha. E o que diabos minha mãe estava pensando?

— Ouça, Encantado. Que tal você tentar agir como um adulto? É uma grande empresa. Provavelmente nunca nos veremos.

Bati um ritmo staccato com meu polegar contra minha perna.

— Você está demitida.

Ela sorriu maliciosamente para mim, e eu fiquei surpreso com o quão atraente eu achei isso.

— Isso é algo que você vai ter que discutir com sua mãe. Não acredito que você tenha autoridade para me demitir. — Ela bateu um dedo no queixo.

— Isso é algo que vou remediar, Malévola — prometi a ela.

— Viu como já estamos nos dando bem? — Ela disse. — Já temos apelidos fofos um para o outro. Somos praticamente amigos de manicure e pedicure. Agora, se você puder me apontar na direção de recursos humanos, eu vou sair do seu cangote, e se nós dois tivermos muita, muita sorte, nunca mais nos veremos.

Eu teria gostado de apontá-la na direção de uma janela aberta.

Pelo menos, isso é o que eu pensei que era esse desejo. Eu estava confuso pelo fato de que meu pau parecia estar acordando.

— Você fica com o seu anel do inferno, e eu vou ficar com o meu — eu concordei.

— Solução perfeita. — Ela abriu a porta da sala de conferências.

— RH? — Ela disse, em um tom muito mais amigável para os assistentes da minha mãe que por acaso estavam à espreita do lado de fora.

— Eu posso te mostrar — Gina se ofereceu. Ela conduziu Ally para longe, mas não antes que a mulher me lançasse um olhar de puro desprezo por cima do ombro.

8

Ally

— VOCÊ PRECISA DE um contato de emergência. — A mesma mulher que olhou seu caminho para uma apresentação com meu colega de ponto de ônibus estava batendo uma unha impaciente na minha tela enquanto eu percorria a papelada de integração.

O recursos humanos da *Label* era composto por cinco mulheres muito elegantes sentadas atrás de mesas bem decoradas, dispostas no que eu presumi ser um fluxo de feng shui aprovado. Nenhum dos outros representantes parecia tão irritado quanto o canudo curto que eu tinha desenhado.

— Uh — eu hesitei.

— Nenhum familiar na cidade? — Ela parecia que poderia realmente matá-la se ela se importasse.

— Nenhum com o qual eu possa contar em caso de emergência — eu disse categoricamente.

— Então escolha um amigo — disse ela, exasperada. — Você tem um desses, não é?

Eu imaginei que ela estava projetando.

Entrei com as informações de contato da minha melhor amiga Faith e pedi aos deuses das emergências no local de trabalho que, se o RH precisasse ligar para ela no trabalho, essa linda flor teria a honra de ouvir:

— Senhoras e senhores do clube, temos peitos e paus. — Faith era co-proprietária de um dos clubes de strip mais extravagantes da ilha.

Completei a papelada com a música de fundo dos suspiros irritados da Senhora RH e batendo as unhas em seu relógio. O salário listado com a descrição do trabalho me fez dançar um pouco na minha cadeira.

Não era “posso pagar um quarto em Manhattan” mas era “só preciso de três trabalhos de meio período para quase cobrir as despesas”.

“Quase cobrir as despesas” era muito melhor do que onde eu estava quando acordei esta manhã.

Eu manteria a aula de dança, os turnos de bar mais bem pagos, e aceitaria um ou dois empregos de bufê por semana, decidi, repassando os cálculos na minha cabeça. Eu ainda não teria muito tempo para fazer as reformas propriamente ditas, mas este foi um passo de tamanho médio na direção certa.

Se eu pudesse aguentar até que as reformas fossem feitas e a casa estivesse no mercado...

— Olhe aqui.

Olhei para cima a tempo de estremecer com o flash de uma câmera.

A imagem carregou na tela do computador ao lado dela. Parecia que eu estava no meio de um espirro. De repente, tive uma boa ideia de quem havia tirado o crachá da empresa de Gola.

— Você realmente vai colocar isso no meu crachá? — Eu perguntei, realmente impressionada com a atitude da mulher de “eu não dou a mínima”

— Eu não tenho o dia todo para orquestrar uma sessão de fotos para agradar os novos administradores — ela retrucou.

— Bem, tudo bem então. Vamos com o meio espirro. Vai ser um bom para quebrar o gelo. — Foi bastante libertador saber que tudo isso era temporário e eu não precisava me preocupar em me encaixar ou causar uma boa impressão ou permanecer no caminho certo para uma promoção.

Terminar as reformas. Vender a casa. Margarita de manga.

A impressora cuspiu meu crachá que também servia como um cartão-chave. A senhora do RH entregou-o presunçosamente. Era ainda pior fora da tela.

— O grupo administrativo fica no quadragésimo segundo andar. Pergunte ao supervisor.

E com isso, fui dispensada sem a menor cerimônia.

Encontrei meu caminho para as escadas e desci um lance, usando meu novo e elegante cartão-chave para entrar no conjunto de escritórios. O clima aqui era semelhante ao quadragésimo terceiro andar. Muito frenético, um pouco desconfiado.

Pelo lado positivo, eu não tive que lidar com a Senhora Mal-humorada do RH ou Encantado neste andar.

Perguntei à primeira mulher bonita de um metro e oitenta que vi onde encontrar o grupo da administração. Acontece que eu estava de pé no meio dele. O segundo andar de escritórios da *Label se* abria para um mar de cubículos de paredes baixas ocupando uma área considerável cercada em dois lados por escritórios envidraçados.

Todos eram, se não incrivelmente bonitos, perfeitamente penteados e com acessórios de bom gosto.

Perguntei a uma morena deslumbrante que estava tentando freneticamente dobrar algum tipo de tecido verde-amarelo em uma caixa de presente branca para me apontar na direção do supervisor e peguei a mulher em sua mesa entre telefonemas rápidos.

A placa de identificação dizia Zara. Seu longo cabelo preto estava domado em uma trança elegante. Havia notas adesivas de todas as cores organizadas em pequenas fileiras em sua mesa.

Ela olhou minha roupa.

— Nova contratação? Pegue uma mesa vazia, disque o ramal do TI e faça com que eles configurem para você um login e um e-mail.

— Obrigada — eu disse, me perguntando o que eu faria então.

Mas seu telefone estava tocando e seu computador apitou seis vezes em rápida sucessão com notificações de chat e e-mail.

— Puta merda — ela murmurou, pegando um dos dois iPhones em sua mesa quando ambos começaram a vibrar.

Saí do escritório, deixando-a com o bipe e a vibração, e dei uma volta rápida em busca de uma superfície plana e limpa. Encontrei um nos fundos, no anel externo dos cubículos, o mais longe possível das janelas. Mas pedintes não podiam escolher. Abri caminho entre as mesas e pessoas ocupadas e reivindiquei meu novo território com minha bolsa, casaco e recipiente da última porção do frango assado coreano da Sra. Grosu.

— Ok — eu sussurrei para mim mesma.

Experimentei a cadeira e achei razoavelmente confortável. Para ser justa, todos os outros trabalhos que tive nos últimos seis meses não envolviam cadeiras ou eu sentada nelas. Então, ter qualquer cadeira foi um grande passo.

O monitor do computador era uma tela plana sexy de última geração, e os únicos outros itens na mesa eram um teclado fino e branco e um fone.

Peguei o receptor e dei uma olhada nos botões procurando por TI.

— Você é nova?

Olhei ao redor do telão exibindo o logotipo da *Label* e encontrei uma mulher olhando para mim.

Ela tinha cabelos brilhantes da cor de um campo de trigo com reflexos sutis em tons de prata. Estava puxado para trás em um rabo de cavalo baixo que nenhum fio ousava escapar. Seu rosto era uma perfeição genérica com maçãs do rosto salientes, contornos habilmente aplicados e um nariz pequeno que outras mulheres provavelmente

tiraram fotos e apresentaram a seus cirurgiões plásticos. Ela teria sido absolutamente linda se não fosse pela linha apertada de seus lábios cheios e a vibe de garota má.

— Oi — eu disse. — Sim. Eu sou Ally. Comecei hoje.

Ela deu uma bufada de escárnio que ainda de alguma forma conseguiu soar como uma dama.

— Não fique no meu caminho.

— Você deve ser o comitê de boas-vindas — eu disse, inclinando minha cabeça. Eu não sabia dizer se ela tinha vinte e oito ou trinta e oito.

— Quaisquer tarefas que venham para Dominic Russo são minhas. Entendeu?

Eu ri. Era uma combinação perfeita para mim.

— Você pode ficar com elas. Prefiro meus homens com coração.

Seus lábios ficaram impossivelmente lisos, e eu me preocupei que eles pudessem estourar.

— Você está fazendo novos amigos, Malina? — Gola se aproximou e se empoleirou na beirada da minha mesa.

A mulher em perigo de uma explosão de preenchimento labial virou seu olhar gelado para minha mais nova amiga.

— Estou informando-a sobre as regras básicas.

— O nome dela é Ally, e ninguém está atrapalhando suas ilusões — disse Gola.

Cabeças se ergueram sobre as paredes dos cubículos ao nosso redor como cães da pradaria farejando o perigo.

Gola virou para mim.

— Malina aqui tem aspirações de carreira de forçar pelo menos um Russo em um acordo pré-nupcial. Não deu muito certo na primeira vez. Não é? — Ela disse, franzindo o nariz em falsa simpatia.

Interessante.

— Você seria inteligente em tomar cuidado, Gola — Malina assobiou. — E sua bunda gorda.

— Não me obrigue a rebolar em você de novo, Mal. — O sorriso de Gola era perverso.

Sem outra palavra, Malina jogou o rabo de cavalo por cima do ombro e saiu correndo.

— Então, você já conheceu a garota má — Gola brincou.

— Ela parece *adorável.*

— Um charme *total*. As pessoas estão sempre dizendo "que Malina é o ser humano *mais legal d*e todo o departamento"*.*

— Estou tão *feliz* por ter escolhido a mesa atrás dela — suspirei.

— Almoço em trinta minutos? — Gola se moveu para tocar a pasta que estava segurando na minha mesa e acabou despejando seu conteúdo no chão.

— Parece bom — eu disse, ajudando-a a pegar papéis e amostras de tecido.



ERA O REFEITÓRIO mais chique que eu já tinha pisado. Ao contrário do meu refeitório do ensino médio com seus bancos de vinil e cheiro de marinara queimada e enlatada, aqui o chão era uma espécie de mármore branco e enormes urnas cheias de vegetação real criavam um ambiente zen, urbano com sensação de selva.

Definitivamente não havia cheiro de marinara enlatada.

Era mais um átrio ou um conservatório do que um refeitório. Até a comida era chique. Eu não podia pagar, mas isso não me impediu de olhar para a exibição do chef de sushi e o Keto Korner.

Gola e eu pegamos uma mesa vazia entre um vaso de palmeira e outra mesa cheia de mulheres altas e magras pegando alface e discutindo animadamente uma briga entre um fotógrafo e um maquiador.

Gola colocou um copo de suco verde e uma tigela de caldo claro na mesa à sua frente.

— Estou fazendo um detox — disse ela, me pegando olhando seu questionável "almoço". — Você tem que tentar. Deixa a pele radiante.

— Eu sou mais uma pessoa de jejum acidental — eu brinquei.

— Jejum intermitente é a última moda — ela assentiu sabiamente.

— Minha situação é meio que "fiquei sem comida" e tenho que esperar pelo meu próximo salário.

— Você está quebrada? — Gola disse com mais interesse do que pena.

— Mais como recentemente e temporariamente pobre.

Gola viu Ruth na multidão e acenou para ela. A ruiva jogou sua salada de couve na mesa e se plantou na cadeira à minha frente.

— Perdi o início da inquisição? — Ela perguntou sem fôlego.

— Não. A inquisição começa agora — disse Gola.

— Conte-nos tudo sobre você, incluindo como você conheceu Dalessandra, como você conseguiu esse emprego e se você realmente chamou Dominic Russo de monstro megalomaníaco na cara dele — disse Ruth. Ela deu uma mordida em sua salada e mastigou com entusiasmo.

— Uhhhh.

— Ok. Comece com como conheceu a Dalessandra — disse Gola.

— Ei, colega de ponto de ônibus! — Meu amigo de suéter laranja apareceu ao lado da mesa, segurando seu saco de papel amassado. Ele sorriu esperançoso. — Se importa se eu me juntar a você?

— Sente-se — eu disse, apontando para as cadeiras vazias. Voltando-me para Gola e Ruth, expliquei: — Nos conhecemos em um ponto de ônibus quando Dalessandra nos deu empregos na hora.

— Você absolutamente precisa se juntar a nós — Ruth insistiu, dando um tapinha na cadeira ao lado dela.

Dei um suspiro de alívio.

— Obrigado — disse ele. — Eu sou Buddy, a propósito. — Ele estendeu uma mão carnuda que Ruth e Gola se revezaram apertando.

— Eu sou Ally — eu disse a ele.

Gola se mexeu na cadeira.

— Ok, desembuchem, crianças. O que Dalessandra Russo estava fazendo em um ponto de ônibus?

Buddy desenrolou seu saco de papel e tirou um pequeno sanduíche bonitinho, um saco de batatas fritas e um refrigerante.

— Bem, eu não sei o que a Sra. Russo estava fazendo lá. Mas eu tinha acabado de terminar um daqueles trabalhos de pintura por baixo da mesa no Village. E eu estou sentado lá no ponto de ônibus, e vejo Ally aqui conversando com a Sra. Russo. A Sra. Russo está se desculpando por alguma coisa e então entrega a ela um cartão de visita e diz "venha me ver na segunda-feira para um trabalho" — disse ele, produzindo teatralmente um cartão invisível.

Ruth e Gola ficaram encantadas, então eu comi meu frango.

— Estou pensando, esta é minha chance. Um daqueles empregos únicos na vida. Eu tenho que dizer algo. Se eu não fizer isso, vou me arrepender para sempre. Então eu me inspiro e digo: "Você tem mais algum desses empregos?" E quando ela olha para mim, ela não é toda arrogante. Ela me diz: "O que você pode fazer?" Eu digo: "O que você precisar que eu faça". Então aqui estou. O mais novo funcionário da sala de correspondência. Eu tenho uma mesa. Não preciso pintar nada.

E assim que o seguro de saúde entrar em ação, vou levar minha esposa direto para a fisioterapia.

— Por que sua esposa precisa de fisioterapia? — Pergunta Gola. Outro ponto no meu livro. Elas agora estavam mais interessadas na história de Buddy do que em fofocas de escritório.

— Ela se machucou no trabalho há um ano. Ela era uma daquelas eletricistas que ficam em postes públicos – ela gostava de se chamar de senhora dos fios. De qualquer forma, ela caiu no trabalho. Cinco metros e caiu de costas no concreto.

Eu estremeci.

— Lesão grave na coluna. Ela está em uma cadeira de rodas. Ela não podia mais trabalhar. A empresa lutou contra a reivindicação de compensação dos trabalhadores. Perdi meu emprego por faltar tantos dias após o acidente. Sem um bom seguro de saúde, não podíamos mais marcar consultas no fisioterapeuta. E essa foi a única coisa que a fez sentir que tinha esperança, sabe.

— Buddy, isso é horrível — eu disse.

— Tem sido um momento difícil — ele concordou. — Mas eu sempre soube que havia luz no fim do túnel, e agora olhe para mim. Sentado aqui com três belas senhoras com um emprego em um grande escritório e seguro de saúde novinho em folha.

Eu queria abraçar o cara e fiquei profundamente emocionada quando Ruth realmente fez isso.

— Você é um cara legal, Buddy — disse Gola, estendendo a mão por cima da mesa para apertar sua mão.

Ele soltou uma gargalhada.

— Espere até eu contar para minha esposa!

9
Ally

BUDDY COMEU SEU almoço e correu de volta para a sala de correspondência, ansioso para provar seu valor no primeiro dia.

— Essa foi a coisa mais inspiradora que eu já ouvi na minha vida — Ruth suspirou. — Acho que o amo.

— Entre na fila — eu disse em uníssono com Gola.

— Ok, garota — disse Gola. — Vamos ouvir a *sua* história. O que Dalessandra Russo estava fazendo com você em um ponto de ônibus?

— Ela estava se desculpando por seu filho, que eu achava que era seu encontro na época, me fazendo ser demitida — eu disse.

Gola derrubou os restos de seu suco verde.

— Senhor Estátua de Gelo da Perfeição fez o que agora? — Ruth exigiu, entregando uma pilha de guardanapos.

— Encantado, quero dizer, Dominic, encontrou Dalessandra para jantar na pizzaria em que eu estava trabalhando. Ele estava sendo rude, então retribuí sua grosseria e escrevi uma mensagem imatura no recheio de sua pizza. Como qualquer um faria.

Gola estava boquiaberta para mim como se eu tivesse acabado de me transformar em Tina Turner na frente dela.

— Sim, vou precisar da mensagem imatura em sua totalidade — Ruth decidiu.

— VSF.

— Você disse "vai se foder" para Dominic Russo? — Gola disse lentamente.

— Bem, eu soletrei com pepperonis. Mas sim.

— O que ele fez?

— Deu um show. Gritou.

Ruth e Gola trocaram um olhar incrédulo.

— Ele *gritou*?

— Oh, sim. Ele gritou. Chamamos uns aos outros de nomes. Ele exigiu ver o gerente.

— Eu sabia que havia um vulcão sob aquele iceberg — disse Gola, batendo no monte de guardanapos molhados. — Eu não te disse?

Ruth assentiu.

— Você disse. Você avisou.

Gola se inclinou.

— Dominic Russo tem sido Frosty, o Boneco de Neve Fino para todos desde que chegou aqui há mais de um ano — explicou ela calmamente. As palmeiras provavelmente tinham orelhas.

Interessante. Minha experiência limitada com Encantado tinha sido exatamente o oposto. Eu não tinha visto frígido. Eu tinha visto o fogo do inferno.

— Quem diria que seria uma pizza de pepperoni que o empurrou para além da linha? — Ruth meditou.

— Ok, então de volta à história. VSF, exigir ver o gerente — recitou Gola, acenando perigosamente com a mão perto do chá quente de Ruth.

— Então George sai da cozinha, dá uma olhada na saia de couro vermelha de Dalessandra e no casaco chique de Dom, e me despede na hora.

— Não! — Eles engasgaram.

Gostei dessas duas como público.

— Sim. Peguei meu casaco e minha bolsa e voltei para o salão de jantar, fiz um discurso sobre como somos humanos e pessoas como ele não deveriam nos tratar como se não somos. E então eu fui embora.

Gola e Ruth estavam inclinadas para a frente, penduradas em cada palavra minha.

— Então, estou no ponto de ônibus tentando descobrir o que fazer antes do meu turno de barista...

— Ally é pobre — Gola explicou a Ruth.

— Entendi. — Ruth assentiu.

— E Dalessandra aparece e pede desculpas por Dominic e me oferece um emprego na hora. Eu não sabia quem ela era ou qual era o trabalho. E aqui estou eu. — Decidi deixar de fora toda a parte vaga de "Ei, por que você não me diz o que há de errado com a moral".

— E aqui está você — Ruth repetiu maravilhada. — Esta é a segunda-feira mais emocionante que tive em muito tempo.

— Ela está na mesa atrás de Malina — disse Gola a Ruth.

— Ah, isso parece divertido. — Ruth estremeceu.

— Qual é a história dela, afinal? — Eu perguntei.

Houve outro daqueles olhares longos e pontiagudos.

— Ela era a namorada do pai de Dominic — Gola sussurrou a palavra "namorada" e olhou por cima do ombro.

— Você quer dizer amante — Ruth assobiou.

— Ruth!

— O quê? É verdade. — Ruth puxou sua cadeira para mais perto. — Então, Paul Russo, marido de Dalessandra e pai de Dominic, costumava ser o diretor criativo aqui. Mas há rumores de que ele costumava usar sua posição para pescar no lago da empresa, se você me entende.

Eu era uma excelente entendedora.

— Nem todos os peixes estavam *dispostos* a ser pescados — acrescentou Gola.

Isso era notícia.

— Basicamente ele era um grande pervertido — Ruth sussurrou. — Era do conhecimento geral da equipe e, de acordo com o boato, ele havia demitido algumas de suas vítimas menos dispostas. Então, se você queria manter seu emprego, você deixava ele pegar na sua bunda.

— Isso é uma merda — eu engasguei.

Elas assentiram.

— Claro que era — disse Gola.

— E Dalessandra não fez nada sobre isso?

— Não sabemos se ela sabia. Eu não acho que ela o teria deixado escapar impune — Ruth disse. — Mas ninguém queria testar a teoria de que ela acreditaria em uma estagiária ou em uma editora júnior em vez de seu próprio marido.

— E depois havia a Malina — acrescentou Gola. — Ela ficava feliz em se trancar no escritório dele para uma rapidinha. Ele até a levou para fora do país para algumas filmagens e shows.

— Ela pensou que seria a próxima Sra. Russo — acrescentou Ruth.

— Pobre interesseira burra — Gola zombou.

— De qualquer forma, não temos certeza. Mas há rumores de que Paul finalmente agarrou a garota errada. E o inferno começou — Ruth continuou.

— O que aconteceu? — Eu pressionei.

— Chegamos um dia e não havia mais Paul. Nenhum anúncio oficial. Apenas Dominic com um assistente limpando o escritório de seu pai. Nota lateral: Outro boato é que ele encontrou três caixas de preservativos e um lubrificante na mesa.

— Ele comprou móveis novos porque, eca — Gola entrou na conversa.

— Uma semana depois, o RH lançou uma nova e brilhante política de assédio e confraternização, que praticamente confirmou os rumores.

— Paul imediatamente conseguiu um emprego na *Indulgence* — disse Ruth, citando outra revista de moda. — Todos os executivos aqui não competem, então quem sabe como ele conseguiu isso.

— E as mulheres? — Eu perguntei.

Ambas deram de ombros.

— Não temos certeza do que aconteceu. Houve um êxodo de quase uma dúzia de pessoas. Mais uma vez, foi super em segredo. Um punhado ainda está aqui, incluindo Malina — disse Gola. — Nenhuma delas respondeu a qualquer pergunta direta.

— Ouvi de um conhecido de um amigo de um amigo que havia algum tipo de acordo envolvendo acordos de confidencialidade rígidos — explicou Ruth.

— Uau. — Eu não sabia mais o que dizer. Não é à toa que a vibração estava tão fora aqui. Não soou como uma solução, soou como um encobrimento.

— Mas as coisas estão melhores agora — Ruth insistiu. — A política de assédio sexual não foi elaborada na década de 1950. E uma política de confraternização meio que adiciona mais proteção.

— O que é isso? — Eu perguntei.

— Basicamente, relacionamentos não podem existir entre executivos e subordinados — disse Gola.

— Isso não é *exatamente* o que diz — Ruth discordou.

— É o espírito das regras. Eles estão tentando evitar relacionamentos com dinâmicas de poder desequilibradas. Mas parece como "nós fodemos tudo, e agora estamos responsabilizando o resto de vocês" — Gola suspirou.

— Ela é sensível porque está apaixonada por um vice-presidente júnior de moda — provocou Ruth.

— Costumava ser. E eu diria que foi mais luxúria — Gola a corrigiu.

— Ele é muito, muito fofo — Ruth meditou. — Mas não é bonito o suficiente para qualquer uma de nós perder nossos empregos.

Peguei meu garfo e cortei meu último pedaço de frango ao meio, esperando que durasse. Eu estava começando a ter algumas ideias sobre onde Dalessandra havia errado.

— Então, por que você é pobre? — Ruth perguntou alegremente.

— É uma longa, longa história — eu suspirei.

Senti uma brisa ártica deslizar pela minha espinha e olhei para cima.

Duas mesas abaixo, Encantado estava olhando para mim enquanto puxava uma cadeira ao lado de Linus que eu conheci no escritório de Dalessandra esta manhã. Retribuí seu olhar fulminante com um sorriso falso e um aceno de dedos.

— Garota, você é a pessoa mais corajosa que eu já conheci — Gola sussurrou sem mover os lábios.

— Sua vagina deve ser feita de aço — Ruth adivinhou.

— Todas não são? — Meu cronômetro do telefone tocou, e eu suspirei. — Ok, senhoras. De volta ao trabalho.

Eu era uma planejadora por natureza. As coisas se perdem ou se desfazem se não houver um plano. Compromisso comigo significava fazer o que eu disse que ia fazer.

Acabei tendo me comprometendo com um monte de coisas. Então eu planejei. Impiedosamente. Havia dezenas de alertas diários programados no meu telefone.

Planeje a semana.

Coreografar aula de dança.

Sair para a aula de dança.
Dar aula de dança.
Comprar mais macarrão.
Sair para o turno no bar.
Começar turno no bar.
Terminar o turno no bar.
Pegar o trem para casa.
Enviar faturas de projeto.
Fazer o pagamento da dívida astronômica.
Ir para a porra da cama.
Acordar, caralho.
Faça tudo de novo...

Se eu não agendasse cada tarefa, ela poderia cair do meu prato e ser chutada para baixo de algum móvel metafórico apenas para ser lembrada meses depois no meio da noite. E se alguém estava contando comigo, eu precisava entregar.

— Vamos tomar uma bebida depois do trabalho hoje à noite — Ruth sugeriu. — Sinto que temos muito mais fofocas para compartilhar.

Eu sorri, de pé.

— Não posso. Há toda aquela coisa de eu ser pobre e estou trabalhando esta noite.

— Você tem um segundo emprego? — Perguntou Gola.

— Tenho quatro segundos empregos.

— Garota, você precisa de férias.

E uma margarita de manga.

10
Dominic

EU *ODIAVA* ESSE TIPO DE REUNIÃO.

Toda essa coisa de brainstorming cara a cara era besteira. Como diabos eu deveria saber qual estilista deveria vestir nossas modelos para um ensaio de moda de outono? Ou quais produtos de maquiagem estavam no centro de um turbilhão de mídia social?

Sessões de fotos e tudo o que levava a elas eram mais polêmicas do que uma reunião da ONU. Designers que colidiram com modelos. Fotógrafos que não fotografariam com certos designers. Falha na comunicação do inventário. Muitas opiniões editoriais. Representantes de vendas que fizeram promessas que não deveriam. Desastres de localização de última hora.

E esperava-se que eu tomasse as decisões mais diplomáticas. *Ah. Alguma maldita piada.*

— Está pronto? — Linus, o gerente de produção sarcástico, pediu para se juntar a mim no corredor. Ele ajustou os óculos

— Estou pronto.

Eu odiava não ser bom em alguma coisa. Aos doze anos, fui expulso de um jogo de beisebol por arremessar meu taco por cima da cerca quando perdi novamente. Beisebol não era meu jogo.

Meu pai, um astro do beisebol do ensino médio de seu próprio tempo que, por alguma razão inexplicável, realmente foi ao jogo naquele dia, me disse que eu deveria me concentrar em algo em que eu fosse bom... como assistir TV ou choramingar.

Tivemos uma conversa semelhante quando eu disse a ele que estava assumindo sua posição aqui. Ele me deu o mesmo sorriso de desdém e me desejou boa sorte para tentar ocupar seu sapatos Eu disse a ele que

preferia queimar seus sapatos e tudo o que havia neste escritório até o chão.

Não foi um senso saudável de competição que me levou a esta posição. Não, era uma necessidade pulsante de provar a mim mesmo que eu era melhor do que o homem que nunca mereceu a lealdade que uma vez dei tão livremente.

Isso é o que eu tinha feito com o beisebol. Eu pratiquei todas as malditas noites. Passei horas em gaiolas de rebatidas e exercícios de corrida. No final, eu tinha ficado bom o suficiente para ganhar uma oferta de bolsa para jogar na faculdade. Algo que meu pai não conseguiu em sua própria vida.

Essa foi uma boa medida de sucesso para mim. Desafio vencido, ponto comprovado, desisti e nunca mais peguei uma luva.

Eu faria o mesmo aqui. Forçar-me a superar uma incapacidade inata, fazer o meu melhor, e quando tudo acabar, nunca olhar para trás.

— Lembre-se do que conversamos — disse Linus, parando do lado de fora da porta da sala de conferências.

— Sim — eu disse. Então, por alguma razão estúpida, lembrei-me do apaixonado discurso de saída de Ally no restaurante. Sobre pessoas que merecem um tratamento melhor e todo esse lixo. — Obrigado — eu disse.

Os olhos de Linus se arregalaram um pouco atrás dos óculos de tartaruga.

— De nada? — Ele disse depois de um momento.

Eu chamei isso de Prova de Idiotice. Era algo que eu contava de vez em quando. Quando alguém olha vesgo para você por dizer obrigado porque aparentemente você nunca disse isso antes? Prova Definitiva de Idiotice.

Parei abruptamente dentro da porta.

Ela estava lá.

Preparando cafés e doces, que ninguém ia comer porque os carboidratos eram maus, como se fosse seu trabalho e não uma piada cósmica.

Todos os outros já estavam sentados ao redor da mesa e as conversas pararam. Eu tinha esse tipo de efeito em um cômodo.

Ally olhou para cima e não se incomodou em esconder o revirar de olhos.

— Oh, ótimo — ela murmurou baixinho.

Sim, bem, eu também não estava feliz em vê-la.

Eu a ignorei e me sentei na cabeceira da mesa.

— Obrigado por estarem aqui — eu disse rispidamente. — Vamos começar.

Pelos olhares que recebi ao redor da mesa, nenhuma dessas pessoas estava acostumada com a palavra com "o" saindo da minha boca também. Eu engoli um suspiro.

Ally se plantou ao pé da mesa atrás de um antigo laptop de dinossauro. Ela estava vestindo um suéter de gola curta em fúcsia alegre sobre calças pretas. Ela usava pulseiras feitas de algum tipo de tecido, talvez jeans, enroladas no pulso direito.

— Estamos interessados em sua opinião sobre os tutoriais de maquiagem de outono, *Sr. Russo.* — A editora de beleza Shayla estava me provocando novamente.

Ally ergueu uma sobrancelha questionadora enquanto digitava. Nossos olhares se encontraram, e eu sabia que ela havia notado o tom também. A última coisa que eu precisava era de duas delas.

— Vamos dar uma olhada — eu anunciei.

Todo mundo remexeu em seus folhetos para o assunto que estava em discussão. Eu não me incomodei em folhear. Eu tinha sido treinado.

— Eu acho que o esqueleto é bom, mas está errando o alvo não incluindo algum tipo de bronzer. É uma temporada de transição, e nem todas as mulheres estão necessariamente prontas para deixar de lado o look bronzeado.

Ambas as sobrancelhas da minha pequena anotadora se ergueram em surpresa.

Shayla jogou com mais calma.

— Você tem alguma sugestão?

— Essa não é minha área de especialização — eu a lembrei. — Tenho certeza que o que você escolher vai ficar bom.

Bom. Não ótimo. Essas pequenas indiretas sutis para frente e para trás eram chatas, irritantes. No meu antigo emprego, nos trancávamos em um escritório, gritavamos por vinte minutos e avançávamos com uma solução. Aqui as coisas simplesmente apodreciam. A linha de fundo era que realmente não importava se Shayla me queria aqui ou não porque eu *estava* aqui, eu estava no comando, e todos nós tínhamos que lidar com isso.

— Vamos em frente — disse Linus, suavemente conduzindo a reunião de volta ao cronograma.

Eu me peguei observando Ally durante toda a reunião. Ela parecia achar impossível ficar parada, digitando enquanto balançava de um lado para o outro levemente a uma batida que só ela podia ouvir.

Nossos olhos se encontraram e se detiveram várias vezes por cima da gigantesca tela do laptop.

Nenhuma mensagem passou entre nós. Nada de "vai se foder". Nada de insultos velados. Apenas olhares longos e compartilhados. Seus olhos pareciam mais castanhos do que dourados nesta iluminação. Seu cabelo, embora estivesse preso em um rabo baixo, ainda tinha aquele visual despenteado pelas mãos de um homem com as ondas

escapando ao redor de seu rosto. E aqueles lábios pareciam estar permanentemente torcidos como se estivessem sempre prontos para sorrir ou rir.

Eu não confiava em sorridentes.

Ela mostrou a língua para mim.

Sempre tão casualmente, eu levantei minha mão e esfreguei meu olho com meu dedo médio.

Ela estava definitivamente sorrindo agora.

— Desculpe-me um minuto — eu disse, interrompendo um editor. — Você se importa de digitar um pouco mais baixo? Parece que você está tentando abrir um buraco na mesa.

Todos se viraram para encarar Ally boquiabertos.

Ela olhou para cima. Sorriu. E de repente eu mal podia esperar para ver o que ela faria a seguir.

— Sinto muito — ela ofereceu docemente.

Fiquei decepcionado.

Momentaneamente.

Assim que a mesa voltou ao debate se pêssego ou rosa era um fundo melhor, Ally amassou seu teclado em um aumento detestável.

Linus parecia que estava prestes a engolir a língua. Shayla limpou a garganta e olhou para o teto. O resto da equipe ao redor da mesa afastou suas cadeiras o mais longe possível de Ally, como se não quisessem ser pegos em fogo cruzado.

— Alguém poderia dar para Dedos de Salsicha aqui uma maneira mais silenciosa de fazer anotações da próxima vez? — Eu disse para a sala em geral.

Houve inspirações audíveis reais de respiração.

— E se alguém pudesse ver para Encantado aqui uma personalidade mais agradável que ele pudesse usar nas reuniões, isso seria ótimo — ela retrucou.

Linus engasgou com o chiclete, e o resto da sala estava ficando azul prendendo a respiração.

— Seguindo em frente — eu disse, me sentindo um pouco mais alegre.

A conversa recomeçou. Eu não tinha certeza se era minha imaginação ou não, mas todos pareciam um pouco mais relaxados.

Próximo no cronograma era uma marca de beleza que estava nos enganando, exigindo a colocação de produtos de primeira depois de desistir de um acordo de publicidade.

Quase caí da cadeira quando uma editora de beleza júnior me perguntou:

— Você tem alguma sugestão, Sr. Russo?

Respirei fundo e a olhei nos olhos.

— Me chame de Dominic. Por favor.

Ela piscou rapidamente várias vezes, parecendo atordoada.

Aliás, eu tinha uma sugestão. Essa era minha área de atuação. Avaliação de risco. Gerenciando egos inflados. Aplicando a pressão certa no momento certo. Eu tinha muita experiência pessoal com isso.

— Diga a eles que decidimos seguir em outra direção. Mencione Flawless — eu disse, mencionando outra empresa de cuidados com a pele.

— Nós temos um relacionamento com La Sophia há anos — Shayla me lembrou. Mas ela não parecia odiar a ideia.

— Talvez seja hora de pararmos — eu disse.

Isso me tirou um sorriso sincero da mulher. Ela olhava para mim com desprezo, mal controlava o revirar de olhos quando eu fazia

sugestões estúpidas, ou apenas franzia a testa quando passamos nos corredores.

Mas este era um olhar de aprovação.

— Eu queria fazer isso há muito tempo — ela confessou.

— Então eu vou deixar em suas mãos — eu disse.

— Você quer que eu entre em contato com Flawless ou apenas diga que entrei? — Ela perguntou.

— Se há uma marca com a qual você deseja trabalhar e que acha que seria uma boa opção para nossos leitores, faça isso.

O sorriso de Shayla ficou um milímetro mais largo, e eu senti minha pontuação na Prova de Idiotice cair alguns pontos. Nada mal para uma terça-feira.

Surgiu uma discussão surpreendentemente animada em torno da mesa sobre a melhor forma de ilustrar os resultados das pesquisas online da revista, classificando o que os leitores procuravam em jaquetas de primavera.

— Por que você não os coloca em movimento? — Uma voz irritante do outro lado da mesa soou.

— Porque esta é uma revista impressa. Isso significa que está no *papel* — eu disse pesado no sarcasmo.

Ally revirou os olhos.

— Seu sarcasmo é visível, Dom. Mas eu estava falando sobre vincular os gráficos impressos a um animado online. Você quer mais tráfego cruzado entre seu conteúdo impresso e digital, certo? Você faz algo fofo como isso... — Ela se levantou e caminhou até o quadro branco.

Eu dividi minha atenção em duas coisas. A forma como aquela calça abraçava as curvas de sua bunda e a competência com que desenhava.

Ela desenhou um casaco áspero com setas apontando para partes da construção e depois outra versão imitando o movimento.

Era fodidamente encantador. Isso me incomodou.

— Então aqui embaixo, você coloca uma etiqueta inteligente personalizada que seu leitor pode digitalizar com o telefone e levá-los ao site. Vincule-o a um desenho animado ou a vídeos reais de modelos usando cada um dos produtos e divida a construção, as melhores maneiras de usá-los, onde comprar em diferentes faixas de preço.

Linus estava franzindo os lábios e polindo os óculos, seu jeito de dizer que gostou de uma ideia.

— Isso é...

— Não é uma ideia horrível — eu completei.

— Obrigada — ela disse secamente.

— Você pode fazer uma maquete das ilustrações para mim? — Shayla perguntou a ela. — Algo nesse estilo?

Ally deu de ombros.

— Sim. Claro.

Terminamos dez minutos depois do programado. Pela primeira vez. Geralmente minhas reuniões terminavam cedo porque todos estavam com pressa de não estar na mesma sala que eu.

Eu levei um momento para percorrer as mensagens no meu telefone e propositadamente saí atrás de Ally.

— Dedos de Salsicha? — Ela sibilou para mim.

Eu não gostava dela. Mas discutir com ela tornou um encontro interminável um pouco mais interessante. Além disso, havia algo... sedutor naquele aroma fresco de limão.

— Você digita como um Clydesdale[2].

---

[2] Uma espécie de cavalo.

— Sabe, você seria muito mais bonito se sorrisse de vez em quando — ela ponderou, agitando os cílios.

Não admira que as mulheres odeiam quando os homens dizem isso.

— Eu não tenho tempo para sorrir.

— Eu não tenho tempo para sorrir — ela imitou com uma voz irritante.

— Sua maturidade atingiu o pico na pré-escola.

— Aww, o homem beicinho teve seus sentimentos feridos?

— Você está demitida, Malévola.

— Boa sorte com isso, Encantado. — Ela se dirigiu na direção das escadas.

— Não se preocupe em se estabelecer aqui — eu disse a ela.

Eu não percebi até que uma maquiadora ficou boquiaberta para mim e depois foi direto para uma porta de vidro quando passei por ela que eu estava realmente sorrindo.

11
Dominic

O GRUPO ADMINISTRATIVO era um lugar que eu geralmente evitava. Era barulhento, desorganizado, e tinha sido o campo de caça preferido de meu pai para assediar as funcionárias. Ele provavelmente as via como impotentes e bonitas. As vítimas perfeitas.

Eu via isso como uma série de minas terrestres em potencial. Mulheres ocupadas que faziam o trabalho sujo por tudo o que acontecia dentro e fora de nossos escritórios. Um movimento em falso e eu poderia irritar toda a espinha dorsal da nossa empresa. Era mais seguro evitá-las, deixá-las fazer suas coisas, em vez de lembrá-las de que havia outro homem Russo na residência.

Era o horário de almoço de Ally, mas eu não a tinha visto no refeitório. Não que eu estivesse procurando. Ou que eu verifiquei seu calendário no sistema para ver o seu cronograma. *Ok, então talvez eu tenha.*

Eu me recusei absolutamente a pensar nos meus motivos para entregar pessoalmente um legítimo pedido de pesquisa. Sempre mandei Greta enviar e-mails para elas, mantendo as linhas de comunicação claramente definidas.

Mas se eu deixasse esse pedido pessoalmente, raciocinei, também poderia ver se Ally já estava pronta para desistir.

Bati a pasta na minha mão e examinei o espaço. A maioria dos cubículos estava abandonado, mas eu a vi e aquele suéter rosa do outro lado da sala. Ela estava com fones de ouvido e balançando ritmicamente os ombros, os lábios movendo-se para letras inaudíveis.

Bati na pasta novamente. Debatendo. Que diabos. Eu tinha alguns minutos para uma discussão.

Ela ainda estava balançando em sua cadeira quando eu andei atrás dela. Meu pau inexplicavelmente notou sua proximidade, o que me irritou. Eu tinha quarenta e quatro anos. Não era um adolescente com cara cheia de espinhas em uma festa na piscina. E ao contrário do meu pai, eu tinha autocontrole.

Olhei por cima do ombro dela, e ela quase pulou para fora de sua pele.

— Carambolas, Encantado! — Ela arrancou os fones de ouvido, mas os prendeu no cabelo. — Ai! — Ela puxou com mais força.

— Pare com isso — eu disse, agarrando o fone e batendo na mão dela. — Você vai ficar careca.

Eu desenrolei seu cabelo do fone de ouvido.

— Eu diria obrigada, mas é sua culpa que agora estou ficando careca.

— Vejo que você está fazendo um trabalho pessoal no horário da empresa — eu disse, olhando para a tela onde ela parecia estar no meio do design de várias versões de um logotipo para um açougue.

Ela pegou seu telefone, um daqueles smartphones falsos que pareciam estar a dez segundos de se desintegrar, e me mostrou a contagem regressiva na tela.

— Estou almoçando, Sr. Raio de Sol. Trabalhando no meu próprio laptop.

— Você está no *meu* Wi-Fi. E onde você conseguiu esse pobre celular?

Ela me deu um olhar que dizia *por que você não vai se chutar nas bolas* antes de voltar para o seu dinossauro de computador e desconectar a internet.

— Feliz agora?

Eu estava. Eu gostava de brigar com ela. Pelo menos ela não iria chorar em um canto se eu olhasse para ela de mau jeito.

Olhei para sua mesa. Havia uma banana ao lado do telefone.

— *Esse* é o seu almoço?

— Sim. Isso é. Agora, há mais alguma coisa que você gostaria de me julgar, talvez minha roupa ou talvez eu esteja respirando muito alto, ou posso voltar para o meu horário de almoço?

— Uma banana não é um almoço.

Eu estava na indústria da moda há tempo suficiente para saber como os distúrbios alimentares eram desenfreados. Mas eu tinha visto a mulher acabar com dois muffins de cranberry durante a reunião desta manhã.

— É, quando você é recentemente e temporariamente pobre.

— Recentemente e temporariamente pobre — repeti.

— Não se preocupe, Dom — ela disse secamente. — Não é contagioso.

Dom. Ela não só usou meu primeiro nome. Ela me deu um apelido... um que não era ruim.

— Você precisava de algo, ou você apenas decidiu espalhar sua nuvem de destruição em outro andar? — Ela perguntou.

— A maioria dos novos funcionários pelo menos finge mostrar um mínimo de respeito à gerência.

— A maioria dos novos funcionários não perdeu um emprego na semana passada por causa da gerência — ela retrucou.

— Então você está me culpando por estar recente e temporariamente pobre?

— Não se gabe. Você só me deixou um pouco mais pobre.

— Essa banana é realmente tudo o que você tem para comer? — Eu perguntei.

— Eu realmente preciso conversar com você quando estou fora do horário de trabalho? — Ela perguntou, pegando a banana e descascando.

Como se os deuses estivessem sorrindo para mim, o cronômetro do telefone dela apitou e eu sorri.

— Parece que você está de volta ao trabalho.

Ela suspirou, clicou em salvar em seu laptop e o fechou.

— O que posso fazer por você, *chefe*?

— Continue sendo seu eu beligerante e, mais cedo ou mais tarde, minha mãe perceberá que cometeu um erro terrível.

— Eu não acho isso. Ela manteve você por perto. — Ally deu uma mordida deliberada na banana, e eu fiquei instantaneamente, estupidamente excitado.

Eu voltei a ficar irritado. Isso era ridículo. Eu nunca tive uma ereção por causa de uma conversa com uma colega de trabalho. Claramente meu celibato auto-imposto tinha demorado um pouco demais se discutir com uma mulher enquanto ela comia frutas me excitava.

Eu me inclinei.

— Pare.

— Me faça parar.

— Eu pretendo totalmente.

— Excelente. Agora que isso está resolvido, que tal você correr para qualquer círculo do inferno de onde você veio e me deixar ganhar meu salário?

Eu me virei para sair e quase esbarrei em alguém.

Malinda? Matilda? A loira com os lábios de *Real Housewives* estava muito perto. Ela tinha sido uma das poucas que aceitaram o acordo e decidiram ficar. Ela também tinha gostado dos avanços do meu pai.

— Oi — ela disse, sua voz toda rouca de boneca.

Se ela me chamasse de "papai", eu ia vomitar.

— Com licença — eu disse rapidamente, tentando dar um passo ao redor dela.

— Há algo que eu possa... *fazer* por você? — M-alguma coisa perguntou, plantando-se diretamente no meu caminho. Seu olhar percorreu meu corpo, demorando-se na minha virilha.

Ally imitou um suspiro seco digno de crédito atrás de sua mesa, e eu posso ter telegrafado um "por favor, me ajude" em sua direção.

— Não — eu disse para... Melissa? Magenta?

Ela deu um passo mais perto. Eu estava tão inclinado para trás quando o dedo dela passou pela minha gravata que eu poderia ter vencido um campeonato de limbo[3].

— Qualquer coisa. *Qualquer coisa mesmo* — ela repetiu.

Eu recuei para a divisória do cubículo, rangendo os dentes. Eu *não* era meu pai, e o fato de ela pensar que eu era me deixou fisicamente doente.

— Ei, Mal, por que você não tenta assediar sexualmente homens no seu tempo? — Ally falou, inclinando-se sobre sua parede. — Algumas de nós estão tentando comer aqui, e sua rotina de louva-a-deus é nauseante.

---

[3] Limbo é um jogo popular, baseado em tradições que se originaram na ilha de Trinidad. O objetivo é passar para a frente sob uma barra baixa sem cair ou desalojar a barra.

Mal... inda mudou de “coloque um bebê em mim” para “senhora dragão” em um piscar de olhos. O olhar que ela lançou a Ally foi tão cheio de desprezo que eu me coloquei de bom grado entre elas. Claro, a mera existência de Ally me irrita pra caralho. Mas isso não significa que ela deveria ter que morrer por uma colega de trabalho psicótica enquanto me protegia.

— Eu não preciso de nada — eu disse novamente. Mais frio desta vez.

Ela pareceu entender a dica. Levantando o queixo, a mulher se afastou, um crocodilo deslizando em um pântano.

— Essa foi por pouco — Ally observou, dando outra mordida na banana. — Ela quase levou suas bolas com ela.

— Sim. Depois de arrancar seu rosto para chegar até elas.

Ela piscou para mim e depois riu.

Porra.

— Isso saiu errado. Eu não quis dizer que seu rosto estaria em qualquer lugar perto... — Eu não consegui terminar a frase. Porra. Cinco minutos nesta sala e eu fiquei de pau duro e sugeri que uma funcionária colocasse o rosto perto das minhas bolas. Este *não* era quem eu era.

Ela riu de novo, mais forte desta vez.

— Relaxe, Dom. Você pode ser um idiota, mas você não está tentando entrar na minha calcinha.

Abaixei a pasta para cobrir o que agora era uma ereção furiosa porque é claro que eu estava imaginando sua calcinha. Eu me odiava.

— Agora aquela Malina? Ela vai tentar rastejar para dentro da sua cueca. Então você pode querer considerar um cinto de castidade ou repelente de tubarão — ela sugeriu.

— Talvez você devesse voltar ao trabalho — eu murmurei e então saí da sala o mais rápido que pude sem correr.

De volta à minha própria mesa, pau sob controle, em grande parte, fiz um pedido ao RH.

Enquanto esperava pela papelada, liguei para Greta.

— Faça-me um favor e mande algum tipo de lanche para o grupo de administração esta tarde.

— Algum tipo de *lanche*? — Ela repetiu como se eu estivesse falando uma língua estrangeira.

— Sim. Comida. Algo com proteína, talvez?

— O suficiente para todo o departamento? — Ela perguntou. Eu podia ouvir a curiosidade.

— O suficiente para todos. Use meu cartão — eu disse. Vi o pedido de pesquisa na minha mesa. O que eu não tinha me incomodado em entregar. — Ah, e você pode colocar um pedido de pesquisa no sistema para mim?

Cinco minutos depois, acomodei-me na cadeira para ler tudo o que havia no arquivo de Ally Morales.

12
Dominic

EU TINHA EVITADO ela desde terça-feira só para provar que podia.

Só para provar ao meu pau estúpido que ele *não* dirigia minha vida. Que eu não era uma cópia carbono de Paul Russo.

Eu não sabia exatamente o que diabos estava acontecendo. Mas eu desperdicei mais inteligência em Ally Morales na semana e meia desde que a conheci naquela pizzaria idiota do que em qualquer coisa que realmente merecesse minha atenção.

Isso era um problema.

E eu era o cara esperto que decidiu que desde que eu tinha provado que poderia deixá-la em paz, eu precisava provar que eu poderia estar perto dela... e não querer transar com ela.

Eu a chamei.

Não era grande coisa, eu disse a mim mesmo enquanto olhava para o meu relógio *novamente*. Eu tinha chamado administradores antes. Aqueles que eu sabia que seriam menos irritantes ou não fariam barulhos nervosos estranhos se eu lhes fizesse uma pergunta direta.

Solicitar Ally não significava nada.

Eu não estava interessado. Não *dessa* forma. Eu não dormia com pessoas que me irritavam e me empurravam até meu limite. Eu estava, no entanto, curioso sobre ela.

O que levou uma mulher de ser uma designer gráfica de semi-sucesso no Colorado a uma garçonete vivendo de bananas em Nova York? Seu crédito não era grande. O relatório de crédito apontou uma tonelada de dívidas de cartão de crédito nos últimos três meses. Mas a vista da rua de seu endereço residencial – *sim, ok, então eu procurei o*

endereço dela. Também não fiquei feliz com isso – mostrava uma casa de família em um bairro agradável em uma cidade decente em Jersey.

Ela não era a dona da casa, mas eu parei de fazer uma busca totalmente legal de propriedade para ver quem era.

Eu também me impedi uma dúzia de vezes de procurá-la nas mídias sociais.

Eu não era um cara impulsivo. Essa coceira para saber mais sobre ela me irritava. Eu nem *gostava* dela. Mas a foto da empresa dela me fez rir. Eu abri a imagem novamente na minha tela e sorri. Ela estava no meio de um espirro?

Houve uma batida na minha porta aberta, e eu pulei na minha cadeira.

Ally estava parada na minha porta com um casaco pendurado no braço e uma mochila pendurada no ombro.

— Pronto para ir, Encantado? Ou você precisa de mais alguns minutos com sua pornografia?

Fechei a foto dela e me levantei.

Aqueles olhos se arregalaram e seus lábios formaram um O.

Olhei para baixo, me perguntando se tinha esquecido de fechar as calças ou algo assim.

Não. Fechado.

— O quê? — Eu exigi.

Silenciosamente, ela balançou a cabeça.

Olhei de volta para baixo. Sem manchas. Minha gravata ainda estava amarrada. Meu colete ainda abotoado.

— Você tem um problema? — Eu perguntei, enunciando cada palavra.

Ela balançou a cabeça.

— Não. Sem problemas — ela finalmente resmungou. Agora ela estava olhando para todos os lugares, menos para mim. O tapete parecia ser bastante fascinante. Seu pescoço estava ficando com um tom interessante de rosa.

— Tente se recompor antes da reunião — sugeri, passando por ela.

Greta estava esperando em sua mesa com meu casaco e minha pasta.

— Seja legal — ela ordenou.

Ally bufou atrás de mim.

— Eu sou *sempre* legal — eu rosnei, empurrando meus braços pelas mangas do meu casaco.

Ambas as mulheres compartilharam uma risada às minhas custas.

— Você é um cara engraçado, Dom — Ally disse, me dando um tapa no ombro. Ela aparentemente se recuperou de qualquer convulsão ou surto psicótico que a deixou muda. — Prazer em conhecê-la, Greta.

— Boa sorte, Ally — Greta disse com uma piscadela traidora.

Nós não conversamos no elevador, cada um fazendo o possível para fingir que o outro não existia. Mas à medida que mais pessoas se aglomeravam, eu me vi pressionado contra ela no canto. O que era esse zumbido elétrico irritante toda vez que nos tocávamos? Mesmo através das camadas de roupa, eu ainda estava ciente de seu ombro pressionando contra meu braço.

Inferno, o cara do vigésimo terceiro andar estava roçando minha manga com o cotovelo enquanto jogava Tetris em seu telefone, mas aquele contato mal chamou minha atenção. Havia uma tensão entre Ally e eu, envolvendo-nos e pingando de um lado para o outro.

Eu não gostei.

As portas finalmente abriram como um adiamento, e saímos para o saguão. Fui na frente tentando ficar alguns passos à frente dela para não sentir aquele cheiro de limão que estava mexendo com a minha cabeça.

— Ei, Ally! Como está indo? — Um homem vestindo calça cargo marrom e um boné que parecia ter sido uma criatura da floresta mudou a meia dúzia de bolsas Dior que carregava para acenar.

Ally sorriu.

Eu a tinha visto sorrir. Eu testemunhei seu aborrecimento. Eu até a vi rir uma ou duas vezes. Mas isso era algo completamente diferente.

Seu rosto se iluminou com alegria real. Ela não sabia que a alegria não tinha lugar aqui? Eu queria que ela ficasse tão irritada e desconfortável com a minha presença quanto eu com a dela. Eu a queria incapaz de funcionar.

— Buddy! Fazendo compras? — Ela brincou.

Ele riu, um zurrar, um som de burro que era muito alto para ser digno.

— Okay, certo! Fazendo uma pequena coleta para uma sessão de fotos chique — ele chamou. — Você?

— Indo para uma reunião chique — ela disse a ele com uma piscadela.

— Vejo você no almoço amanhã — ele gritou quando as portas do elevador se fecharam.

Ela ainda estava sorrindo quando subimos no SUV.

— Boa tarde — disse Nelson ao sentar-se ao volante. — Tomei a liberdade de pegar para cada um de vocês um shake de proteína para a viagem.

Os olhos de Nelson encontraram os meus no espelho retrovisor, e eu senti sua pergunta não formulada. Antes de hoje, eu nunca lhe pedi para fazer uma viagem especial para comida ou bebida antes de uma viagem de trinta minutos.

— Uau, obrigada! — Ally disse, pegando um dos shakes.

Peguei o meu, fingindo que queria.

— Quem era aquele cara? — Eu perguntei a ela.

— Quem? Buddy? — Ela perguntou, olhando para o copo.

Eu vi o jeito que seus olhos se iluminaram, e por mais irritante que eu a achasse e por mais que eu gostasse do nosso vai e vem, a fome que eu vi ali fez meu peito apertar. Eu queria perguntar a ela porquê.

Por que, quando ela tinha um emprego em tempo integral que pagava decentemente, ela estava com fome?

— O nome dele é Buddy? — Eu perguntei em vez disso.

— Estou surpresa que você não saiba. Sua mãe o contratou no mesmo ponto de ônibus que ela me contratou. Você sabe, depois que você me despediu.

— Você fez você ser demitida. — Olhei pela janela para a fria e úmida Manhattan e desejei estar em algum lugar quente e tropical. Longe de todo o resto.

— Aqui está um pensamento. Já que estamos presos trabalhando juntos — Ally começou — por que não tentamos essa coisa em que apenas concordamos em discordar?

Eu balancei minha cabeça.

— Isso nunca funciona.

— Ok. Tudo bem. Que tal, em vez de inimigos mortais, fazermos um esforço para não sermos horríveis um com o outro?

— Não me sinto confortável fazendo promessas que não posso cumprir.

Seus lábios se curvaram. Não era o sorriso completo que ela deu para Buddy. Mas mesmo assim eu gostei.

— Quanto tempo de viagem? — Ela perguntou com um suspiro.

— Cerca de trinta minutos, senhorita — disse Nelson do banco da frente.

— É Ally — ela disse a ele.

— Prazer em conhecê-la, Ally. Eu sou Nelson.

— Trinta minutos parece muito tempo para ficar presa em um carro com um cara como Dom — ela meditou para o meu motorista.

Seus olhos enrugaram nos cantos.

— A gente se acostuma.

— Então não podemos fingir ser amigos, e você não pode prometer não ser um idiota — ela recapitulou para mim. — Que tal limparmos o ar? Podemos dizer um ao outro todas as coisas que não gostamos um do outro. Eu vou primeiro.

Ela estava brincando. Mas a ideia tinha mérito. Eu *não* gostava dela. Eu não *podia* gostar dela. Nós dois precisávamos lembrar disso.

— Sua atitude — eu disse, lançando minha própria lista. — Seus sapatos. Seus olhos são grandes demais para o seu rosto. Você tem problemas para se lembrar de que é uma funcionária e deve agir de acordo. E seu cabelo constantemente parece que você acabou de sair da cama. — *Com um homem.*

Ela piscou. Duas vezes. E então sua risada encheu o carro.

— Você pensou muito nessa lista para que ela simplesmente saísse da sua língua assim.

— Eu estava apenas afirmando o óbvio. Eu não fico pensando em você, Malévola.

Mentiras.

Ela enviou um olhar arrogante em minha direção.

— Claro que não, Dom.

— Não só você não é meu tipo. Você está tão na direção oposta do meu tipo que está ao lado da minha tia-avó Rose. — *Mais mentiras.*

No entanto, eu tinha uma tia-avó Rose por parte de meu pai. Ela também era um ser humano horrível. Havia algo profundamente errado com o DNA daquele lado da família.

Ally riu.

— Não comece a ser engraçado, Encantado. Gosto de homens com senso de humor — alertou.

— Você vai precisar lutar contra seus instintos básicos e resistir a mim — eu resmunguei.

Ela estendeu a mão e realmente deu um tapinha na minha mão onde ela descansava na minha coxa.

— Não se preocupe, Dom. Você também não é meu tipo.

Eu bufei para deixá-la saber que eu sabia que ela estava blefando.

Ela se virou no banco para olhar para mim diretamente. O movimento fez aquela saia estúpida que ela usava deslizar um pouco mais alto em sua coxa.

— Você é caloso, desrespeitoso, geralmente de mau humor, e eu acho que você tem dificuldade em levar os sentimentos de outra pessoa em consideração sobre os seus.

Olhe para ela acertando na mosca.

— Você é um workaholic, o que é bom. Ética de trabalho é uma coisa boa no meu livro. Mas você não gosta do seu trabalho, então isso o torna muito teimoso ou com muito medo de fazer uma mudança. E também não sou fã de nenhum deles.

Meus olhos se estreitaram, e eu podia *sentir* minhas narinas dilatando.

— Você não me conhece.

— Eu sei que você não é meu tipo — ela disse atrevidamente.

Ela desejava que eu não fosse o tipo dela.

— Você é do tipo que entra em pizzarias e faz com que os servidores sejam demitidos.

— Eu gostaria de alterar minha lista para adicionar o fato de que você é incapaz de deixar qualquer coisa passar — eu disse, fingindo estar fascinado pelo e-mail de tráfego do site que acabou de chegar.

— Eu estava dependendo daquele trabalho, Dominic.

— E agora você tem um melhor. De nada.

Ally rosnou. De verdade, rosnou fisicamente.

— Há consequências para nossas ações, Dominic Russo. E vou me certificar de que uma de suas consequências é que você se arrependa do dia em que sua mãe me contratou.

— Missão já cumprida. Por que você não desiste e vai arruinar o dia de outra pessoa?

— Por favor — ela zombou. — Sou um peixinho pequeno em sua lagoa muito grande. Você nem sabe que estou no prédio.

Agora *ela* estava delirante.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Desisti de fingir que lia e-mails e olhei pela janela para a lúgubre e congelada Manhattan.

— Diga-me o que fez você calar a boca por cinco minutos inteiros lá em cima — eu disse finalmente.

A pergunta abrupta a desequilibrou, e notei que ela passou o olhar sobre mim novamente.

Então seu sorriso lento fez meu coração frio e morto fazer algo estranho no meu peito.

Ela se inclinou um pouco mais perto para que Nelson não a ouvisse. Eu sabia muitas coisas naquele momento. Eu não gostava dela. Eu não queria gostar dela. Eu não tinha intenção de tratá-la como nada além de um aborrecimento. No entanto, nada disso reprimiu meu desejo de estar perto dela.

— Eu tenho essa coisa — ela começou timidamente.

Minha respiração parou. Eu não queria que o martelar do meu coração abafasse suas próximas palavras. Quando ela não continuou, eu apenas a encarei.

— Por coletes — ela disse, olhando para o meu.

— Mas eu não sou seu tipo — eu atirei de volta.

Ela sorriu.

— Você fica ligeiramente mais perto do meu tipo com um colete. Mas não se preocupe, Dom. Prometo resistir a você.

13
Ally

O TRÂNSITO DE SEXTA à tarde em Manhattan era estúpido. Por que alguém escolheria pegar um carro em vez do metrô não fazia sentido. No entanto, aqui estava eu, ganhando dinheiro apenas por estar esticada no banco de trás de um SUV muito bom em um couro muito flexível.

Eu quase podia me divertir. Quase.

O cara taciturno no colete sexy ao meu lado estava causando um curto-circuito na minha capacidade de relaxar.

— Não consegui muita informação da Zara. Sobre o que é essa reunião? — Eu perguntei, sobre as buzinas de duelo de dois táxis tentando contornar um caminhão de entrega. Os dedos médios voaram.

— Você realmente deveria aprender a fazer sua própria pesquisa — disse Dominic. Ele estava de volta ao sarcasmo, e eu desejei que sua atitude de merda reduzisse seu fator wow um pouco. Mas minhas partes femininas estavam segurando firmemente suas dez pontuações perfeitas.

— Me divirta — eu insisti.

— Christian James é um designer que está lançando sua própria marca. Ele estava com uma das grandes casas de moda. Trabalhou seu caminho até as fileiras. Deu um novo toque aos designs originais que os tornaram um nome da indústria. E então ele conheceu minha mãe.

Eu me animei.

— Ela está orientando ele? — Imaginei.

Dominic assentiu, olhando pela janela como se a conversa o estivesse o entediando e ele preferisse estar em qualquer lugar menos aqui.

— Ela o apresentou às pessoas certas, aos fornecedores certos, aos insiders certos. Minha mãe acredita nele. Então a *Label* está fazendo uma divulgação sobre ele, sua carreira, seus designs.

— Ela vê potencial em muitos lugares — eu refleti.

— Não em todos os lugares — disse ele, me dando um olhar aguçado.

Eu rio.

— Não, não em todos os lugares. No meu caso, ela viu corrigir um erro. Mas ela tem instintos maravilhosos. Buddy, por exemplo.

— Não estou convencido de que alguém chamado Buddy seja feito para a alta moda. Mesmo que seja a sala de correspondência da alta moda.

— Você é tão esnobe — eu suspirei.

Ele não se incomodou em negar.

— Acho que você vai querer me dizer por que esse Buddy é um ótimo complemento para a *Label* — disse ele.

— Eu suponho que sim, embora eu suponha que você não se importe — eu disse afetadamente. Eu contei sobre os destaques de Buddy. — Até Linus gosta dele.

— Linus não gosta de ninguém — Dominic argumentou.

— Ele gosta de Buddy. É impossível não gostar. Quero dizer, para qualquer pessoa menos você. Tenho certeza de que não gostar das pessoas é algo muito natural para você. Buddy é o contrário. Ele gosta de todos instantaneamente e sem exigir que eles provem nada. Sua atitude é incrível, considerando o que está acontecendo em casa.

Dominic fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás contra o assento.

— Vou me arrepender disso. Mas o que está acontecendo na casa de Buddy?

Contei a ele sobre a esposa de Buddy. O acidente dela. O seguro.

Ele não disse nada.

— E sua mãe deu uma chance a ele. Um estranho no ponto de ônibus. Isso me dá arrepios — eu admiti. — Viu? — Eu empurrei minha manga e estendi meu braço para ele.

Seus olhos percorreram minha pele, e uma nova safra de arrepios surgiu como se ele realmente tivesse me tocado.

— Você é irritantemente sentimental — disse ele.

— Você está adicionando isso à sua longa lista das minhas falhas?

— Talvez fosse uma façanha mais rápida começar uma lista de coisas que eu gosto em você — ele ponderou.

— Talvez você não devesse estar me dando tanto espaço — eu disse a ele. — Você pode acidentalmente começar a me apreciar e desfrutar da minha companhia.

Ele bufou ironicamente e não se dignou a comentar.

~

CHRISTIAN JAMES DESIGNS estava localizado em um moderno armazém no bairro dos frigoríficos.

Pegamos um elevador de carga até o terceiro andar, e as portas se abriram em um caos glorioso e colorido.

— Por favor, me diga que vamos fotografar aqui — eu respirei. Era uma bagunça atraente de textura. O tijolo. Os pisos de madeira marcados. A luz entrando pelas janelas altas e arqueadas. — É tão bonito que eu quero vomitar.

— O que há de errado com você? — Dominic exigiu, balançando a cabeça.

Imaginei que tudo o que ele viu foi o caos.

— Pense sobre isso. Aquele vestido bem ali — eu disse, apontando para um vestido de coquetel longo e furtivo que parecia ter sido banhado em ouro. — Uma modelo com pele negra para que o vestido ressalte, parada em frente a uma daquelas mesas de trabalho enterradas em tecidos vermelhos e laranjas. O tijolo áspero na parte de trás. O sol entrando de lado.

Ele estava olhando para mim como se eu tivesse crescido uma segunda cabeça e pediu para ele beijar meus dois rostos.

— Ah, vamos lá, Dom. Me dê seu telefone para que eu possa tirar algumas fotos. — Eu estendi minha mão.

— Eu não vou te dar meu telefone — disse ele. — Use o seu.

Eu levantei meu telefone de brechó, pré-pago, não tão smart.

— Que diabos é essa coisa? — Ele perguntou. — Uma calculadora?

— Ah, cale a boca. Entregue seu telefone — eu insisti. Ele o tirou do bolso.

— Câmera — eu disse.

Ele fez uma produção de supremo aborrecimento, mas desbloqueou o telefone e abriu a câmera. Peguei e tirei algumas fotos.

— Você gostaria de cronometrar a iluminação com cuidado — eu disse, tirando mais algumas. — Gosto da ideia de cores ardentes, pois parece que ele trabalha muito com elas. E dependendo de quando o artigo for publicado, você pode querer brincar com o verão e o fogo e esses temas. Se for uma coisa de inverno, você pode fotografar um monte de cinzas suaves e marinhos na frente daquela parede de estuque branco.

Percorri as fotos, assentindo. Eu acidentalmente fui longe demais e, em vez de um estúdio de design, estava olhando para uma selfie de Dominic com uma expressão de aborrecimento e mostrando o dedo do meio. Por que diabos o calo Dominic Russo teria uma selfie engraçada em seu telefone? Eu não consegui cobrir a risada que borbulhou.

Ele me encarou de lado. Inocentemente, eu fingi estar absorta com uma prateleira de terninhos.

— Sr. Russo, Christian está terminando uma ligação. — Uma mulher com calças cargo e um suéter de gola alta se aproximou. Seu cabelo longo e escuro estava puxado para trás em um rabo de cavalo irregular, e seus óculos não paravam de deslizar pela ponte de seu nariz. — Eu sou Agnes.

— Ally. — Eu ofereci minha mão.

Ela estava segurando um iPad aberto em um aplicativo de calendário.

— Christian tem uma hora reservada para sua reunião hoje antes que ele precise atender um fornecedor.

— Que aplicativo de calendário é esse? — Eu perguntei, olhando por cima da tela. Eu adorava um bom calendário.

Agnes e eu comparamos notas sobre aplicativos organizacionais por um minuto enquanto Dominic nos ignorava.

Seu telefone tocou um alerta, e ela torceu o nariz.

— Vou levar vocês à sala de conferências — disse Agnes, seu cérebro já se movendo para sua próxima tarefa. Ela nos levou a uma sala de conferências envidraçada. Molduras em preto e branco de modelos, vestidos e pessoas da moda presumivelmente famosas encostadas nas paredes ainda vazias. A longa mesa da casa de fazenda tinha um cacho de suculentas no centro.

Dominic puxou uma cadeira para mim, e eu me sentei, com cuidado, desconfiado, para o caso de ele achar que seria engraçado puxá-la debaixo de mim.

Para minha surpresa, ele se sentou ao meu lado. Apesar de toda a sua conversa sobre estar aborrecido e incomodado por mim, ele não parecia estar com pressa de se afastar.

Peguei meu laptop e ignorei seu olhar crítico. A vergonha não era um sentimento que eu nutria em relação à minha situação financeira. Foi um obstáculo a ser superado. Um desafio. E eu não tinha intenção de falhar.

— Você realmente deveria considerar o fato de estar representando a *Label* — disse ele quando Agnes saiu da sala.

— Eu deveria, não deveria? — Eu desafiei, digitando meu login. Este dinossauro levou uns bons quatro minutos para ganhar vida.

— As aparências são o que impulsionam esta indústria. — Seu olhar percorreu meu laptop e então minha roupa de brechó.

— Se a *Label* está tão preocupada com as aparências, eles são bem-vindos para me dar acessórios ou, aqui está uma ideia, não me mandar para o público — eu disse, exasperada. — Existem muitos administradores mais atraentes capazes de fazer anotações.

Ele abriu a boca para responder, mas fomos interrompidos por uma beleza pura e não adulterada.

— Dominic, obrigado por me encontrar. E você deve ser Ally. — O homem que entrou na sala era francamente delicioso. Seu sorriso era quente o suficiente para aquecer o frio de janeiro. Olhos verdes brilhantes emoldurados por cílios grossos e cabelos escuros e encaracolados, cortados curtos.

Ele usava jeans de cintura baixa e uma camiseta de manga comprida apertada. E um colete.

Eu sorri.

Dominic deu uma cutucada na minha perna por baixo da mesa com a dele.

— Tente se controlar — ele murmurou secamente antes de se levantar e apertar a mão do designer.

Christian era um cara entusiasmado com grandes objetivos. Enquanto ele nos acompanhava pessoalmente em um tour pelas instalações, ficou claro que tudo o que ele fazia vinha de um lugar de paixão. A vida para Christian James era cor, textura, beleza e diversão.

Era fácil ver pelo que Dalessandra tinha sido atraída.

Quero dizer, além do fato de que ele era incrivelmente bonito.

Onde Dominic era carrancudo e taciturno, Christian tinha covinhas e era amigável. Onde Dominic era frio, Christian era calor.

— O que é isso? — Eu perguntei, apontando para um manequim vestindo um par de calças largas ainda em construção.

Christian sorriu para mim, e eu me dei permissão para me aquecer naquele calor adorável, ignorando o olhar frio de Dominic.

Claro. Talvez minha situação fora deste prédio fosse um desastre completo. Mas neste exato segundo, desfrutando da companhia de dois homens muito atraentes, em coletes sensuais, eu podia me dar ao luxo de me sentir muito positiva sobre a vida.

— Isso faz parte de um projeto de estimação — ele me disse. — Uma linha de inclusão.

— Sou nova na indústria — expliquei me desculpando.

— Tenho certeza que ele pôde adivinhar isso — disse Dominic sem caridade.

Lancei-lhe um olhar sujo por cima do ombro, e o homem realmente conseguiu abrir o menor dos sorrisos. E lá se foram aqueles arrepios novamente. Eu era um sanduíche de Ally com um pão muito bonito.

— Uma linha de inclusão é uma série de designs criados para pessoas com deficiência — explicou Christian, gesticulando para que eu avançasse. Ele demonstrou o cós elástico escondido.

— Por que é um projeto de estimação? — Eu perguntei, intrigada.

— A demanda não existe — disse Dominic, mais uma vez respondendo a uma pergunta que eu não pretendia para ele.

— Ainda — Christian e eu dissemos juntos.

Isso me rendeu outro sorriso do homem e um revirar de olhos de Dominic.

Christian levantou uma das pernas da calça para mim, e eu corri meus dedos sobre o material.

— Uau — eu disse. O material era macio e amanteigado, luxuoso mesmo.

— Começou com a minha mãe. A neuropatia diabética roubou-lhe a sensação dos dedos. Isso dificulta os botões e zíperes. Mas ela ainda quer parecer no seu melhor. Então, eu me envolvo em roupas que tornam mais fácil para alguém com deficiência ou limitações em se vestir e ficar bem fazendo isso. Fazemos costuras ocultas para pessoas com problemas sensoriais. Fechamentos magnéticos, dimensionamento estendido, envolvem tudo em bons tecidos e cores fortes.

— Ela deve estar muito orgulhosa de você — eu adivinhei.

Ele sorriu.

— Digo isso a ela todos os domingos. Ela diz que está esperando que eu me case e tenha bebês antes que ela esteja oficialmente orgulhosa. É a cubana nela. Você é casada, Ally? — Ele perguntou, me dando uma piscadela pecaminosa.

— Vamos voltar para as peças que você prevê usar no artigo — anunciou Dominic, conduzindo a conversa de volta ao curso. Quando

Christian liderou o caminho para outra sala, Dominic me entregou seu telefone novamente. — Talvez se você tirar algumas fotos, estará muito ocupada para babar no designer — ele rosnou.

Eu sorri para ele apenas para irritá-lo.

— Questionável, Dom. Muito questionável.

14
Dominic

EU ODIAVA ADMITIR. Mas Ally tinha um olho irritantemente excelente. Passei mais uma hora aprendendo sobre cores e texturas com uma ex-garçonete de pizza que tinha opiniões demais para uma administradora.

E Christian James parecia muito feliz em ouvir. Sorrindo para ela. Elogiando o gosto dela. E eu não gostei do jeito que seu olhar continuou pousando na bainha de sua saia curta de malha.

Se eu não estivesse lá, não ficaria surpreso se o homem tentasse convencê-la a beber, jantar e uma foda rápida. Não que ele tivesse que coagi-la. Ele era um encantador. Ally aparentemente gostava de ser encantada. E isso deixou meus dentes no limite.

Fiz uma nota mental para me certificar de não incluí-la em nenhuma outra reunião com ele. Eu não precisava desse tipo de distração.

— Por que a *Label* não está usando a linha de inclusão na história? — Ally quis saber assim que Nelson trouxe o SUV. Sua saia subiu indecentemente quando ela subiu na parte de trás, e eu tentei não notar. Mas o desejo de empurrá-la de bruços e levantar a saia era tão forte que tive que esperar um pouco e respirar o ar do inverno antes de me juntar a ela no banco de trás.

— Esse não é o nosso alvo demográfico. — Eu mantive minha resposta curta e concisa, esperando que ela me deixasse em paz.

— Eu entendo isso — disse ela. — Mas qual é o mal em incluí-la?

Suas perguntas me irritaram.

— A moda não é exatamente conhecida por ser inclusiva. É mais sobre ser especial, exclusivo.

— Mas as coisas não estão mudando? — Ela pressionou, claramente se animando com o assunto. — Outras marcas de luxo estão fazendo isso. A população está envelhecendo. Não se seguiria que mais pessoas estariam dispostas a comprar roupas que lhes permitissem manter sua independência?

— Você já leu a *Label*?

— Não seja grosseiro. Estou fazendo uma pergunta séria ao diretor criativo. Se o objetivo da sua revista é destacar o que é especial, você está perdendo o barco ao ignorar a linha inclusiva de Christian. É interesse humano. É destacar o comprador diversificado. E dá a você a oportunidade de usar uma modelo ou duas que não são do tipo cabide de roupas. É real.

— As pessoas não querem real — argumentei. — Elas querem a fantasia. Elas querem o vestido que vai mudar a vida delas. Elas querem roupas que as façam se sentir bonitas, sexy, especiais, únicas.

— E você não pode sentir isso em uma cadeira de rodas?

— Você está deliberadamente tentando me irritar?

— Talvez. Também estou tentando descobrir se você realmente acredita no que está dizendo ou apenas gosta de discutir comigo.

— Você tem muitas opiniões irritantes.

— Reclame com sua mãe — ela disse alegremente.

— Por que não jogamos um jogo em que ficamos em silêncio durante todo o trajeto de volta?

Ela sorriu e torceu o nariz.

— Só estou tentando mostrar que a *Label* tem estado historicamente na vanguarda da mudança. Você liderou a transição para o digital sem fazer uma queda gigantesca. Por que não considerar a inclusão como sua próxima incursão histórica?

— Nós vendemos uma fantasia. Roupas que lembram os leitores sobre doenças ou deficiências não são fantasia. É a vida real, e eles têm o suficiente disso.

Ela franziu a testa pensativa.

Eu não gostava de defender a marca da *Label.* Não quando eu ainda estava aprendendo todas as sutilezas disso. Fantasia e imagem eram essenciais para a nossa marca.

— Você não tem mais nada para fazer, como encontrar uma nova vítima para arruinar a sua vida? — Eu perguntei, mudando de assunto.

— Você fala um bom jogo, Encantado, mas eu acho que você não me odeia tanto quanto finge — Ally disse alegremente.

— Quer apostar? — Suspirei.

— Desculpe. Falida.

Um toque estridente irrompe das profundezas de sua mochila.

— Cristo, o que é isso? — Eu perguntei quando o som perfurou meu tímpano.

Ela não respondeu. Em vez disso, ela vasculhou freneticamente sua bolsa.

— Olá? — Ela respondeu, sem fôlego segurando seu telefone idiota.

Seu corpo inteiro parecia ficar rígido enquanto ela ouvia.

— Ele está bem? — Ela exigiu. A mão que segurava o telefone em seu ouvido ficou com os nós dos dedos brancos.

Ela parecia pálida enquanto passava a mão pelo cabelo.

— Ok. Qual hospital? É uma precaução ou... — ela parou, assentindo.

— Eu posso estar lá em... — Ela se inclinou sobre Nelson e olhou para a tela do GPS. — Uma hora. Duas, no máximo. Olá? Você pode me ouvir?

Ela afastou o telefone do ouvido e olhou para a tela.

— Droga! Claro que morreu.

— O que há de errado? Onde você precisa ir? — Eu exigi.

Ela agarrou a maçaneta da porta como se fosse pular no trânsito, e eu apertei minha mão sobre seu joelho para mantê-la no lugar. Ela estava tremendo, e isso estava me matando.

— Ally.

— Emergência familiar — disse ela, com a voz presa. — Nelson, você poderia encostar? Preciso pegar um trem.

— Estamos a cinco quarteirões da estação de metrô mais próxima — eu disse a ela.

— Eu posso andar. Eu preciso andar. — Em movimentos curtos e bruscos, ela estava fechando o zíper da mochila e depois tentando colocá-la no ombro.

— Pegue o carro, Ally — eu disse.

Ela parou o que estava fazendo e olhou para mim. Realmente olhou para mim. Seus olhos castanhos estavam arregalados. Ela parecia assustada, e eu decidi que odiava aquele olhar nela.

Apertei seu joelho, com força.

— Respire — eu ordenei.

Ela respirou devagar e soltou o ar.

— Eu não posso levar o carro. Eu estou indo para Jersey — ela disse, sua voz mais calma.

— Nelson ama Jersey — eu disse a ela.

— Eu vivo para isso, senhor — Nelson entrou na conversa.

Isso tirou um sorriso trêmulo dela.

— Ele vai te levar para Jersey, e ele pode esperar e te levar para casa — eu disse.

Ela começou a tremer novamente e alcançou a maçaneta.

— Não posso. O trem será mais rápido. Mas obrigada — disse ela.

— Ally — eu disse novamente. Eu não podia deixá-la pular do carro e desaparecer.

— Está bem. Estou bem. — Não havia nada em seu tom que remotamente me tranquilizou.

Nelson sinalizou enquanto mudava de faixa, avançando lentamente em direção à estação de metrô.

— Aqui. Pegue isso — eu disse, puxando minha carteira. Joguei uma nota de cinquenta nela. — Pegue um táxi quando chegar a Jersey.

Ela olhou para o dinheiro em seu colo e começou a balançar a cabeça. *Recentemente e temporariamente pobre, mas permanentemente, estupidamente teimosa.*

— Eu n...

— Se a próxima palavra que sair da sua boca for "não posso", vou insistir em levá-la pessoalmente ao seu destino — ameacei.

Ela olhou para a nota em seu colo novamente, em seguida, para mim. Eu a desafiei a me desafiar.

— Eu vou te pagar de volta — disse ela. Sua voz estava tensa, e aqueles olhos dourados pareciam um pouco lacrimejantes para mim. Eu não queria que ela fosse.

— Eu vou demiti-la se você fizer isso. Leve o carro. Por favor — eu acrescentei, não gostando de como a palavra parecia na minha boca.

— O trem é mais rápido.

Nelson rugiu até o meio-fio. Ele saltou de trás do volante.

— Tem certeza que está bem? — Eu perguntei a ela.

— Está tudo bem. Estou bem — disse ela. — Obrigada, Dom.

Eu não esperava o obrigado. Ou o beijo casto e amigável que ela pressionou na minha bochecha depois.

Nelson abriu minha porta, e Ally passou por cima de mim e pulou para fora.

Eu assisti até que ela e aquela mochila ridícula desapareceram escada abaixo.

— De volta ao escritório, senhor? — Nelson perguntou, deslizando atrás do volante novamente.

Eu ainda estava olhando para o espaço que Ally e sua mochila tinham ocupado.

— Na verdade, tenho uma parada para fazer.

15
Ally

— PAI?

Enfiei a cabeça pela cortina que dava um pouco de privacidade no pequeno quarto. Era como qualquer outro quarto de hospital. Azulejo bege, paredes cinzentas industriais e aquele cheiro de revirar o estômago de anti-séptico e doença.

A cama do meu pai ficava ao lado da janela, e ele olhava apático para o mundo cinzento além, enquanto uma enfermeira cuidava dele. Ele estava consciente, ereto. E alguns dos nós no meu estômago se soltaram.

Uma bandeja intocada estava na frente dele.

Seu colega de quarto do outro lado da cortina soltou um ronco trêmulo sobre o episódio de *Judge Judy* que ele deixou no volume máximo.

Graças a Deus pelo seguro de saúde. A julgar pelas intravenosas e a cinta na perna do meu pai, já estaríamos falidos de outra forma.

— Sr. Morales? — A enfermeira tentou. Desta vez meu pai olhou para cima.

Sua perda de peso diminuiu, felizmente. Mas ele nunca voltaria para o cara agradavelmente gordo que tinha sido apenas alguns anos atrás. O bigode que ele sempre teve se foi também. Eles o barbeavam semanalmente na casa de repouso.

Eu sentia falta do homem que meu pai tinha sido enquanto tentava construir um novo relacionamento com quem ele era agora. Era principalmente amargo e não doce o suficiente nessa nova dinâmica.

— Você reconhece sua visitante? — A enfermeira perguntou.

Papai me deu uma olhada superficial e um encolher de ombros descuidado.

— Eu deveria?

Logicamente, eu sabia que era uma doença. Mas toda vez que o homem que me criou, o homem que costurou lantejoulas à mão na minha jaqueta jeans na quinta série, o homem que encurralou seis vizinhas em nossa sala de estar no dia em que tive minha primeira menstruação, não me reconhecia, parecia que eu perdia outro pedacinho de nós dois.

O homem que mais me amava neste mundo se foi. E na maioria dos dias eu era apagada de suas memórias. Como se nunca *tivéssemos* existido. Como se *eu* nunca tivesse existido.

— Oi, Sr. Morales — eu disse, colando um sorriso brilhante que eu não sentia. — Eu só vim para ver se há alguma coisa que você precisa de casa.

— Casa? — Ele resmungou.

Eu balancei a cabeça e esperei.

Ele encolheu os ombros.

— Veja se Bobby cortou a grama. Eu pago ao garoto dez dólares por semana, e ele faz um trabalho de cinco dólares. Ah, e me traga meus trabalhos de conclusão de curso. Eu posso pelo menos dar notas finais enquanto estou preso aqui.

Foi um dia nota 7. Mal-humorado, mas não muito agitado. No mundo de papai, se havia uma Ally Morales, ela tinha oito anos e era quase verão.

— Ok — eu concordei. — Você gostaria de algum lanche? Sua música?

Ele não respondeu. Ele voltou a olhar pela janela onde uma garoa lenta e gelada havia começado.

A enfermeira inclinou a cabeça na direção do corredor e eu a segui para fora.

— Como ele está? — Eu perguntei.

— Ele quebrou a tíbia quando caiu da cama esta manhã — explicou ela.

— Ele quebrou mais alguma coisa? — Eu perguntei, inclinando-me contra a parede.

As quedas eram especialmente perigosas com o diagnóstico do meu pai.

— Alguns hematomas e inchaço, mas nenhuma outra ruptura — disse ela.

Obrigada, deusas da gravidade.

— Como está a dor dele?

— Com pacientes com demência, é difícil dizer.

Tudo era difícil com pacientes com demência, eu aprendi.

— Estamos administrando doses baixas de analgésicos a cada poucas horas e monitorando-o. Ele dormiu um pouco desde que chegou aqui, e estamos fazendo o possível para mantê-lo na cama por enquanto. Nossas equipes de fisioterapia e terapia ocupacional estão chegando para avaliá-lo pela manhã.

— Quanto tempo ele vai ficar aqui? — Eu perguntei. A essa altura, contas hospitalares inesperadas tinham o poder de fazer mais do que nos levar à falência.

— É difícil dizer neste momento. Depende das equipes de terapia — explicou.

— Onde está minha esposa? — Meu pai exigiu de dentro do quarto.

Eu estremeci. Eu tinha parado de me perguntar isso décadas atrás.

— Sua mãe vai visitá-lo? — A enfermeira me perguntou.

Eu balancei minha cabeça.

— Não. Ela não vai.

— Eu vou deixar você visitar por um tempo. Tente não desanimar se ele estiver agitado — ela disse, me dando um tapinha no braço.

— Obrigada. — Voltei para o quarto onde eu era uma estranha. Meu pai voltou a olhar pela janela, sua comida ainda intocada.

— Isso parece bom — eu disse, apontando para a sopa em sua bandeja.

Ele resmungou baixinho.

Peguei meu telefone e acionei minha lista de reprodução do papai. Sempre houve música em nossa casa. As raízes latinas de meu pai combinadas com seu amor por BB King, Frank Sinatra e Ella Fitzgerald criaram a trilha sonora da minha infância. Ele tocava bem o piano e o violão um pouco menos. Mas seu entusiasmo compensou.

Ele me deu o dom da apreciação musical. E muito mais.

Agora eu estava falhando com ele.

Os dedos do papai tamborilaram ao som de "Take Five" de Tito Puente. Pelo menos era uma coisa que a doença não podia roubá-lo.

— Você sabia que Tito Puente serviu na Marinha durante a Segunda Guerra Mundial e pagou para entrar em Julliard no GI Bill? — Papai meditou.

— Sério? — Eu perguntei, puxando a cadeira para a cabeceira dele.

— Você parece familiar. Você é filha da Sra. Vacula? — Ele perguntou.

— Eu sou — eu menti brilhantemente e senti meu pescoço ficar vermelho. A Sra. Vacula morava do outro lado da rua havia vinte anos, suportando graciosamente centenas de piadas de Drácula, antes de se mudar para Mesa, Arizona. Eu aprendi rapidamente que corrigi-lo, lembrá-lo das coisas que ele não sabia mais, só machucava a nós dois.

— Sua mãe faz a melhor sopa de legumes de carne bovina, você sabe — disse ele.

— É verdade — eu disse. — Vamos ver como esta receita se compara. — Peguei a colher e a estendi para ele.



JÁ ERA TARDE quando entrei na casa do meu pai.

Baixei o termostato um ou dois graus e entrei na cozinha, servindo-me de uma tigela de ramen e um bagel velho dos lanches de trabalho de ontem. Carboidratos de emergência que eu roubei antes que eles jogassem fora as sobras. Eu pensei que uma revista de moda não teria nada além de sucos detox sendo distribuídos. Mas a enorme quantidade de comida no meu departamento era a única coisa que me separava de estar com muita fome à noite para dormir.

Eu bocejei. Eu passaria por isso. Eu não tinha escolha, e era estúpido lamentar sobre isso.

Subindo as escadas, passei por cima do ponto fraco no patamar e continuei no meu quarto de infância. Cansada demais para me preocupar com a limpeza, deixei minhas roupas empilhadas no chão. Minhas pernas estavam vermelhas de frio e coçando por causa da renda sintética da meia-calça.

Depois de vestir um par de calças de moletom, uma camisa de manga comprida e um moletom com capuz, subi sob as cobertas na minha cama de solteiro.

Cansada, peguei meu telefone e mandei uma mensagem para meu chefe de bufê, pedindo desculpas novamente por perder meu turno naquela noite. Definitivamente ia doer estar sem aquele dinheiro.

Eu deveria inicializar meu laptop. Veja se alguma fatura foi paga. Ir até a conta bancária e ver com o que eu tinha que trabalhar para a

próxima semana. Não que eu precisasse. Eu sabia até o último centavo o que estava lá. Não era difícil acompanhar três números.

Pelo menos as contas do hospital levariam semanas antes de começarem a chegar. Como eu não veria um cheque de pagamento da *Label* por mais uma ou duas semanas, calculei um valor baixo para o caso de ter calculado os impostos ou o seguro de saúde errado.

Um salário em tempo integral faria toda a diferença para mim. Eu só tinha que esperar até o dia do pagamento, e então eu poderia reavaliar tudo e fazer um novo plano.

Por enquanto, eu apenas apertaria o cinto mais um pouco.

Meu telefone zumbiu na minha mão.

A mensagem veio de um número desconhecido.

> *Desconhecido: Você chegou em casa? A propósito. É o Encantado.*

Olhei para a mensagem enquanto mastigava bagel velho. O que diabos Dominic *Eu Te Odeio* Russo estava fazendo me mandando mensagens às 23h?

Talvez tenha sido um acidente. Talvez a mensagem fosse para outra pessoa. Alguém que também o apelidou de Príncipe Encantado.

Enquanto eu debatia as possibilidades, outra mensagem chegou.

> *Dominic: Nelson ficou arrasado porque você não o deixou ir para Jersey com você. Você deve um pedido de desculpas a ele.*

Santo queijo e biscoitos. O homem estava me mandando mensagem. De propósito.

Eu me perguntei se o táxi pelo qual ele pagou tinha acidentalmente me levado a uma dimensão de tempo diferente onde os Dominic Russos e Ally Moraleses do mundo se davam bem.

Eu: Desculpe ter frustrado os sonhos de Nelson. Espero que ele me perdoe.

Debati agradecer a Dom pelo dinheiro do táxi. Mas decidiu que era mais seguro apenas pagá-lo de volta. Ugh. Mais uma despesa imprevista. Mas Dominic Russo não era o tipo de homem que eu queria estar em dívida.

Dominic: Como está a emergência da família?

Eu: Sob controle. Por que você está sendo legal?

Dominic: Eu não estou sendo legal. Estou vendo se você já decidiu desistir.

Terminando o bagel, eu me joguei de volta contra o meu travesseiro.

Eu: Isso soa mais realista. Eu estava preocupada que de alguma forma conseguiu ativar sua alma.

Dominic: É preciso ter uma alma para ativá-la.

Eu esbocei um sorriso enquanto olhava para minha tela. Ele estava sendo engraçado? De propósito?

Eu: Você está bêbado? Ou você só desenvolve uma personalidade depois de escurecer? Ou espere, é a Greta?

Dominic: Você é irritante.

Eu: Greta bêbada, é você?

Dominic: Você vai trabalhar na segunda ou não?

Eu: Desde que você jure nunca mais usar colete. Não estrague esse fetiche para mim, Encantado. Eu vou te odiar para sempre.

Dominic: Com medo de que você não possa resistir a mim, Malévola?

Eu: Você não faz o meu tipo... mas só para garantir. Fique longe dos coletes.

Dominic: Vou pensar sobre isso. Você jantou?

Revirei os olhos e peguei uma colher de ramen. O homem tinha uma obsessão por comida.

Eu: Sim.

Dominic: Você pegou um táxi para casa?

Eu: Eu peguei. Obrigada. Eu tenho o troco para você.

Dominic: Cala a boca e vai dormir.

Eu não tinha ideia de qual era o jogo dele, mas estava cansada o suficiente para fazer o que ele exigiu.

16
Ally

EU ENTREI NO TRABALHO segunda-feira arrastando minha bunda. Meu humor se refletia no preto sobre preto da cabeça aos pés da minha roupa. Os únicos sinais da Divertida e Energética Eu eram meus brincos de argola de ouro com miçangas coloridas, um presente de Natal do meu pai alguns anos atrás.

— Ei, garota — disse Gola, aparecendo no meu cubículo, tomando um smoothie verde. — Como foi o seu final de semana? Como foi essa reunião fora do escritório com o Sr. Tão Frio E Gostoso?

Meu fim de semana foi uma bagunça. Eu me espremi em visitas ao hospital entre turnos de bar, aulas de dança e um serviço de bufê de última hora que meu chefe havia oferecido. Eu não tinha levantado uma vassoura ou assistido a um tutorial do YouTube "Como pendurar drywall você mesmo".

Eu estava tão atrasada no meu plano que me fez querer hiperventilar em um saco de papel só de pensar nisso.

Para piorar as coisas, minha última visita com meu pai tinha sido feia. Eu poderia lidar com ele sem saber quem eu era. Eu poderia lidar com ele me chamando pelo nome da minha mãe. Inferno, eu poderia até lidar com ele olhando indiferentemente para o espaço.

Mas não consegui lidar com isso quando o homem que conheci e amei toda a minha vida se torna agressivo. Aconteceu. Algo seria um gatilho, enviando-o a um estado agitado e o homem feliz, bondoso e adorável desapareceria apenas para ser substituído por um estranho beligerante e violento.

— A reunião foi boa. O designer foi ótimo. E eu trabalhei o fim de semana inteiro — eu disse a ela. — Você?

— Eu conheci um cara — disse ela, tentando levar o canudo aos lábios, mas quase arrancando um olho.

— Você conheceu? — Eu não estava no mercado. Mas isso não significava que eu não pudesse viver indiretamente através da vida dos amigos.

— Almoço. Eu definitivamente vou precisar de mais detalhes sobre você sentada lado a lado no banco de trás com um certo mal-humorado lindo no trânsito de Midtown — ela me avisou.

— E eu quero saber tudo sobre esse cara — eu disse a ela.

Ela mexeu os dedos para mim e se dirigiu para sua mesa.

Liguei meu desktop e estava tirando meus fones de ouvido da minha bolsa quando Zara e seus post-its apareceram.

— Não fique confortável — ela disse suavemente.

— Já fui demitida? — *Maldito seja Dominic Russo.*

— Nova tarefa — disse ela, tirando uma nota e colocando-a na minha mesa. — Linus precisa de mãos extras esta semana. Você é a administradora sortuda. Ficará posicionada em uma mesa temporária perto do escritório dele no andar quarenta e três durante a semana.

— Entendido — eu disse, colocando meus fones de ouvido de volta na bolsa.

— No seu caminho, vá até o TI. Eles têm algo para você — disse ela.

Eu fiz uma careta.

— O que é?

— Como diabos eu saberia? Ninguém se incomoda em me dizer nada — disse ela. — Agora vá ser produtiva e dê algumas dicas de que sua supervisora está de olho na nova bolsa Marc Jacobs, caso Linus precise realocá-la depois das filmagens amanhã.

ERA UMA MASMORRA, UMA sala parecida com uma caverna cheia de criaturas infelizes e vestidas casualmente.

Apresentei-me ao mais próximo do outro lado da bancada que protegia a equipe de encontros humanos.

A garota tinha cabelos pretos amarrados em tranças no topo da cabeça e usava um moletom rosa folgado que dizia *Tente Desconectar*. Seus jeans eram de grife e estavam desgastados em todos os lugares certos.

— Nós não podemos ajudá-la com seus problemas eletrônicos pessoais sem um tíquete de Help Desk — ela disse sem rodeios, seus olhos escuros perfurando sem alma nos meus. Ela deslizou um iPad em minha direção. — Preencha isso, e nós vamos chegar até você quando chegarmos até você.

Se o tédio fosse humano, eu estava olhando para ela.

— Uh. Sim. Na verdade, estou aqui para pegar alguma coisa — eu disse a ela.

Ela piscou em câmera lenta.

— Eu sou Ally Morales do grupo de administradores — eu tentei novamente. — Minha supervisora disse que eu deveria parar e pegar alguma coisa.

— Oh. — Tranças se afastaram, e eu fiquei ali, sem saber se deveria segui-la ou esperar para chamar a atenção de um robô diferente.

Eu ainda estava debatendo quando ela voltou com duas caixas.

— Aqui. — Ela os deslizou pela bancada magra.

— O que é isso?

Ela piscou lentamente novamente.

— É um laptop e um telefone. São versões menores e mais portáteis de...

Eu levantei minhas mãos, me rendendo ao seu sarcasmo.

— Quero dizer, por que estou recebendo um laptop e um telefone? — Eu perguntei, convencida de que houve um erro. Especialmente porque o laptop era o modelo mais recente e melhor que tinha sinos e assobios para design gráfico.

Eu secretamente babei sobre um modelo semelhante em uma loja de eletrônicos algumas semanas atrás e o adicionei à minha lista da Futura Ally. Logo abaixo de uma margarita de manga com um canudo comprido.

— Você quer que *eu* diga por que *você* precisa de um computador e um telefone para fazer seu trabalho?

Eu tinha a sensação de que Tranças estava a um segundo de me desconectar.

— Não importa — eu disse, pegando as caixas e me afastando. Se fosse um erro, alguém me contaria sobre isso mais cedo ou mais tarde. Enquanto isso, eu poderia brincar com novas tecnologias divertidas. — Obrigada.

Tranças não respondeu.



LINUS TINHA um escritório no corredor de Dalessandra e, infelizmente, também ficava a duas portas do antro congelado de mau humor de Dominic. Mas eu não tinha tempo para me preocupar ou fantasiar sobre Dom. Linus, de calça preta e outra gola rulê preta, eu engoli sabiamente a piada dos gêmeos na ponta da minha língua, me deu vinte segundos generosos para guardar minhas coisas em uma mesa vazia antes de segui-lo.

Ele jogou instruções para mim por cima do ombro enquanto nos esquivamos de assistentes, maquiadores e entregadores.

Havia modelos parcialmente vestidas com roupas esportivas fazendo beicinho para maquiadores e polegares trabalhando frenéticos sobre telas de telefone enquanto estilistas atacavam seus cabelos.

Ainda mais pessoas estavam organizando intermináveis araras de roupas.

— Eu preciso que você rastreie os Nikes tamanho trinta e oito porque Colossus ali mentiu sobre o tamanho do sapato dela — disse ele, acenando com a mão em direção a uma modelo descalça vestida com meia-calça e um top curto. Seu cabelo foi classificado como máquina de vento-Beyoncé feroz.

Tamanho trinta e oito.

— Depois de fazer isso, pegue o pedido de café da equipe. Precisamos dessas pessoas cafeinadas.

Pedido de café. Fácil.

Pelo que pude perceber, todos os presentes já haviam tomado vários expressos.

O estúdio fotográfico era um circo. Abelhas operárias ocupadas desenrolavam cenários brancos enquanto fotógrafos e assistentes testavam a iluminação e latiam ordens. Mesas com todos os produtos de cabelo e maquiagem conhecidos pela humanidade cortam um L no meio do espaço. Na parede oposta havia outra mesa com lanches com baixo teor de carboidratos de aparência triste.

— E o almoço? — Eu perguntei esperançoso.

Linus parou em seu caminho, e eu esbarrei nele.

— Ally, essas pessoas não *comem*. Elas bebem, fumam e trabalham muito. Então elas vão para casa para beber e fumar um pouco mais.

— Sem almoço. Entendi — eu disse.

Ele avançou, abrindo caminho por entre uma multidão de assistentes de modelo. Eu poderia dizer que eles eram assistentes porque

eles estavam vestidos e arrumados, mas tinham seus telefones treinados por seus chefes.

— Então você precisa ir a este endereço, pegar quatro cachorros e trazê-los para a Balcony Bridge no Central Park até às duas da tarde. Temos uma janela muito apertada com as licenças e a luz. Não. Eu repito. Não foda isso.

— Espere — eu disse. — Cães?

Linus se virou e deu um elegante revirar de olhos.

— Você não está aqui para ter todas as perguntas da sua vida respondidas. Você está aqui para riscar itens da minha lista de tarefas.

— Cães. Linus. Eu não tenho carro. O que eu devo fazer? Levá-los no metrô?

Ele tirou um lenço de seda preta de um bolso e delicadamente enxugou a testa.

— Tente não ser completamente inútil, administradora Ally. Você vai levar um dos SUVs da empresa. De preferência um que não precise ser usado amanhã para que o motorista possa limpá-lo antes que Deus me livre alguém importante tenha pelos de cachorro em seu vestido. Você irá até o endereço, pegará os cachorros e os levará para...

— Central Park. Sim. Eu entendi essa parte — eu disse secamente.

Vi uma caixa de sapatos Nike enfiada debaixo de uma das mesas de maquiagem e me abaixei para pegá-la.

Tamanho trinta e oito.

Triunfantemente, eu segurei a caixa na direção de Linus. Ele ergueu as palmas das mãos.

— Não os dê para mim. Entregue-os ao Colossus, juntamente com um olhar crítico por fornecer o tamanho errado. Depois café. Depois cachorros.

— Mais alguma coisa? Que tal um pãozinho gostoso para acompanhar o seu café?

— Vá embora, mulher.

Eu consegui dar três passos antes de ouvir o sussurro de Linus.

— Bolinho de mirtilo.

Eu sorri e comecei a trabalhar.

17
Ally

OS BASTIDORES DE UMA sessão de fotos editoriais da *Label* eram excitantes e interessante o suficiente para me tirar da minha melancolia.

Na minha frente, cinco modelos se enfeitavam e posavam para o fotógrafo em um cenário construído inteiramente com caixas brancas. A música ecoava nos alto-falantes do teto. O editor responsável pela sessão roía nervosamente uma tampa de caneta atrás do fotógrafo.

Havia um cara barbudo em jeans desbotados cujo único trabalho parecia ser balançar um grande pedaço de papelão nas modelos para fazer seus cabelos parecerem desgrenhados.

Linus tirou o telefone do bolso e tirou algumas fotos em rápida sucessão.

— Para que é isso? — Eu perguntei.

Ele consultou o relógio e me empurrou em direção à porta.

— Estamos fazendo babá de alto nível — explicou ele, disparando uma mensagem de texto e enfiando o telefone de volta no bolso.

— Você está reportando a Dalessandra — adivinhei, tomando um gole do cappuccino que pedi no cartão da empresa. A cafeína e o açúcar me deixaram tonta.

— Isso mesmo. Garanto a ela que todos estão fazendo seu trabalho para que ela possa se concentrar no dela. Normalmente é tudo mentira, e estamos todos segurando por um fio.

Eu me abaixei quando um assistente rodou uma cremalheira entre nós.

Quando passou, Linus já estava no meio da sala. Ele estalou os dedos enquanto se dirigia para a porta.

— Onde estamos indo? — Eu perguntei, correndo para acompanhar.

Ele me deu um olhar desdenhoso da cabeça aos pés.

— Para fazer algo com esse calçado horrível. E talvez as calças, se tivermos tempo.



UMA SAIA CAROLINA HERRERA acertou-me na cara. Eu mal consegui pegar a calça vermelha de cintura alta que veio a seguir. Estávamos na área do quadragésimo segundo andar, apelidado de O Armário. Era uma enorme extensão de estantes e prateleiras impiedosamente organizadas. Milhares de amostras de designers viviam nesta sala.

Meu coração disparou quando vi o par de leggings de couro de moto que eu tinha certeza que Cher tinha sido fotografada no ano passado.

— Isto também. — Um cinto com cordão de ouro voou em minha direção. Meus braços já estavam cheios de roupas de marca de luxo, chovendo sobre mim por um homem que aparentemente enlouqueceu.

Linus se afastou da prateleira e segurou um suéter cremoso de tricô no meu peito.

— Eh, perto o suficiente — ele murmurou

— Para que exatamente tudo isso? — Eu perguntei, cuspindo seda verde da minha boca.

— Para você, administradora Ally com o guarda-roupa de uma adolescente triste e pobre.

— Eu não posso pagar nada disso — eu gritei quando ele deixou cair um par de sapatos de camurça roxa em cima da pilha. Eu estava começando a cair para trás.

— Estas são todas as estações antigas. Ninguém precisa delas. Ninguém além de você, Sra. Thrift Shop 1998.

— Linus, eu tenho zero dinheiro. Tão sem dinheiro que se eu ver um centavo, eu pego.

— Não seja irritante. Estou dando isso para você como um Papai Noel negro e mal-humorado.

— Você está brincando comigo? — Metade dos itens que eu estava segurando caíram no chão.

Ele revirou os olhos e pegou um vestido estampado floral.

— Tente mostrar a Tracy Reese um mínimo de respeito.

— Você está brincando comigo agora porque eu tenho que ser honesta. Se você me disser que tudo isso é meu de graça, e depois se virar e dizer "pegadinha", eu vou chorar e muito possivelmente queimar sua casa.

— Pegadinha? — Ele repetiu com desdém. — Vamos nos preocupar com seu vocabulário mais tarde. Por enquanto, vamos nos concentrar no mais importante. Sua aparência.

Um laptop. Um smartphone. E um novo guarda-roupa de designer.

— É Natal? Eu de alguma forma tropecei no set de *Oprah's Favorite Things*? — Eu perguntei, ainda com medo de aumentar minhas esperanças.

— Não são presentes. Não sou uma senhora bilionária benevolente. Estas são ferramentas para fazer o seu trabalho. Eu não posso ter você valsando pelas sessões de fotos do Central Park parecendo que conseguiu as roupas em um dia de desconto de cinquenta por cento na venda de segunda mão da igreja.

— Suas palavras me ferem, Linus — eu disse, babando sobre o par de botas de camurça caramelo que ele apontou.

Eu queria beijar elas.

— Eu não me importo. Não aguento mais esse suéter disforme nem mais um segundo. Você está fazendo minhas veias da testa latejarem.

— Você não tem veias na testa.

— Graças ao BOTOX. Agora não faça minhas veias da testa estourar através da barreira do botulismo. Vá vestir qualquer coisa que não seja essa roupa e pegue um dos casacos Burberry ao sair.

— Você não me engana — eu disse a ele sobre a braçada de moda.

— Eu não sei do que você está falando — ele fungou.

— Você está sendo legal e encobrindo isso com uma maldade encantadora.

— Vá embora, não vestiu o melhor.

— Eu vou te deixar orgulhoso — eu prometi enquanto me dirigia para o banheiro mais próximo.

— Duvido disso — ele gritou atrás de mim. — Troque rápido. Você tem vinte e três minutos para o almoço e depois para os cachorros.



CORRI para o refeitório com meu almoço, arroz frito com carne da Sra. Grosu, e me joguei em uma cadeira ao lado de Ruth.

— Tenho três minutos antes de sair para pegar quatro galgos afegãos de raça pura.

— Esse suéter — disse Gola.

— Essas botas — Ruth respirou.

— Acabei de dizer que estou comandando um esquema de tráfico de cães e vocês querem falar de moda? — Eu brinquei.

— Bem-vinda à *Label* — Gola riu. — Uma vez tive que esperar cinco horas em um pronto-socorro para pegar meia dúzia de suéteres que um mensageiro de bicicleta estava carregando quando foi

atropelado por um táxi. Como está a vida no quadragésimo terceiro andar?

— Colorida. Caótica. Precisamos recuperar o atraso — eu disse enquanto rasguei a tampa da minha refeição. Não tive tempo de aquecê-la.

— Vamos tomar uma bebida depois do trabalho — Ruth sugeriu.

— Não posso — eu disse com a boca cheia de arroz. — Vou dar uma aula de dança hoje à noite.

— Onde? Nós vamos — disse Gola, animando-se.

— Não é balé — eu as avisei.

— É hip-hop? — Ruth queria saber. — Posso usar polainas? Eu *vivo* por qualquer desculpa para usar polainas.

— Aquecedores de perna são ótimos. E é pop, hip-hop e R&B. Tipo como ritmo quente para fitness.

— Yaaaaas! — Ruth bateu palmas. — Esta é a melhor coisa que ouvi o dia todo.

— Vinho depois — Gola decidiu.

— Nosso mimo — Ruth disse antes que eu pudesse lembrá-las da minha pobreza.

— Um copo. Eu tenho que terminar uma apresentação em um trabalho freelance. — Um que esperançosamente me renderia algumas centenas de dólares.

— Feito — Ruth disse.

Meu adorável telefone novo fez um barulho de harpa angelical. Meu sinal para pegar a estrada.

— Merda. Eu tenho que ir. — Peguei meu casaco novo, minha mochila velha e os últimos pedaços de arroz frito. — Mais tarde, senhoras.

— Você está ótima — Gola gritou atrás de mim.

Eu levantei a mão no ar e abri meu caminho em direção à frente do prédio.

Fiquei encantada ao encontrar Nelson esperando por mim no meio-fio.

— Se importa se eu sentar na frente? — Eu perguntei a ele.

— Nem um pouco — disse ele, abrindo a porta para mim.

Nós conversamos no caminho. Nelson tinha uma esposa, duas filhas e três netas. Ele passava seus fins de semana em jogos de futebol e feiras de ciências.

Os deuses do trânsito sorriram para nós. Estávamos quinze minutos adiantados. Eu pulei na frente de um prédio rústico de três andares e corri escada acima, meu casaco novo e chique girando em torno de mim como a capa de um super-herói.

Se eu tivesse feito um trabalho melhor com meu cabelo e maquiagem esta manhã, eu me sentiria quase estilosa.

Elegante, no controle e basicamente arrasando no meu novo trabalho.

Apertei a campainha e esperei presunçosamente para ter sucesso.



— NELSON, NÓS TEMOS UM PROBLEMA — eu disse, fechando a porta e vasculhando minha bolsa em busca do meu telefone.

— Eu notei que você voltou sem nenhum passageiro de quatro patas — ele refletiu.

— Houve uma confusão com a data. Os cães estão em algum show chique em Connecticut.

— Eu odeio quando isso acontece — disse ele.

Encontrei meu telefone e mandei uma mensagem para Linus.

Eu: Há um problema.

Linus: Não me incomode com problemas. Deslumbre-me com soluções.

Eu: É um grande.

Linus: Estou falando sério. Estou até minhas sobrancelhas bem cuidadas em desastres. Como três modelos podem ter conjuntivite ao mesmo tempo? Deixa para lá. Não responda. Apenas resolva o problema ou não se preocupe em voltar.

Eu tinha certeza que ele ia se arrepender disso. Eu poderia resolver problemas. Mas as soluções poderiam não estar à altura de seus padrões.

Eu: Tudo bem. A sessão de fotos. Qual é a vibe?

Linus: Grey Gardens. Só que menos deprimente e com mais moda. Agora me deixe em paz.

Eu poderia trabalhar com isso.
— Nelson, precisamos fazer uma parada.

18
Dominic

— ONDE ESTÃO OS meus cachorros? — Linus exigiu. Ele bateu palmas para um assistente de figurino. — Você aí. Diga-me como exatamente devemos fotografar isso sem nenhum cachorro.

O assistente de figurino sabiamente tentou desaparecer em uma cerca viva.

Estava frio pra caralho. Fevereiro estava chegando, e se havia algo mais frio e úmido do que janeiro em Nova York, era a porra de fevereiro.

Claro, a moda não dava atenção a temperaturas abaixo de zero. Não. A moda fazia suas próprias regras fora do tempo, espaço e temperatura. Descemos ao Central Park com uma equipe de quarenta pessoas. Não era nem para a revista. Era um conteúdo digital para nosso canal no YouTube e site.

As modelos estavam amontoadas sob cobertores e casacos ao redor dos aquecedores de pátio que os funcionários haviam trazido para cá. Havia cabos e fios correndo por toda parte, exceto pelos quatro metros e meio de cenário desolado e natural onde deveríamos estar fotografando modelos e cachorros.

Todos estavam vestidos com parkas e gorros de tricô e luvas que tornavam seu trabalho impossível. O céu estava de um cinza opaco, e aposto que haveria neve esta noite.

Uma bela camada de neve não era o visual que estávamos procurando aqui. Estávamos fotografando estampas de flores em um fundo morto e miserável. Você sabe. Como a caverna em meu peito onde deveria estar um coração.

Isso tudo soou bem e não completamente estúpido cinco meses atrás, quando foi discutido em uma reunião editorial. Quando estávamos dentro e não lutando contra o congelamento. Sacudi meu copo de chá agora frio e desejei fervorosamente os dias em que minhas principais preocupações de moda eram quais abotoaduras usar e se eu deveria usar suspensórios ou um colete.

— Já que eu tenho você, e absolutamente nada mais está dando certo com esta sessão, você vai fazer um cara a cara com a câmera enquanto eu encontro e demito Ally — Linus me disse.

— Não. Eu não vou. E boa sorte com isso.

A mulher em questão era a razão pela qual eu estava aqui. Não que eu me *importasse* com a emergência dela na sexta-feira, eu estava *curioso*. Uma designação muito importante e, tudo bem, talvez um pouco ambígua.

— Sim — ele insistiu. — E me observe. Por que você está aqui, afinal? — Ele perguntou, parando como se estivesse me notando pela primeira vez.

Para verificar uma administradora irritantemente atraente. Felizmente, Linus não estava com vontade de esperar por respostas.

— Deixa para lá. Eu realmente não me importo. — Ele estalou os dedos. — Você aí. Cinegrafista. Traga sua bunda aqui e entreviste o Sr. Russo sobre o que diabos estamos fazendo.

A mulher com a câmera de vídeo correu em minha direção, e eu xinguei baixinho.

Um cara da equipe de mídia com um lenço enrolado nos olhos correu atrás dela.

Olhei para a luz vermelha na câmera.

— Nós gostamos de manter isso informal, Sr. Russo. — A explicação de Cara do Lenço foi abafada por camadas de listras azuis e brancas. — Apenas nos diga o que estamos fazendo aqui.

— Estamos congelando nossas bundas coletivas no Central Park — eu disse.

Cara do Lenço riu, confundindo eu sendo idiota com senso de humor.

Eu corrigiria isso e me certificaria de que Linus tivesse sérias dúvidas sobre me colocar na frente da câmera novamente.

Eu abri minha boca para fazer um discurso mordaz sobre o que eu sentia quando alguém gritou "Junto!" atrás de mim.

— Oh meu Deus — a cinegrafista disse, olhando por cima do meu ombro.

Eu me virei e contemplei o espetáculo.

Ally, em um casaco de tweed que esvoaçava ao vento atrás dela, estava sendo arrastada em minha direção por quatro cães enormes de herança questionável.

Eu verifiquei as notas de filmagem antes de sair do escritório. Aqueles não eram galgos afegãos dignos e bem cuidados. Aqueles eram vira-latas indisciplinados e destreinados.

— Onde estão meus cães? — Linus gritou.

— Conflito de agendas — Ally gritou, tentando inútilmente enfiar seus saltos finos na calçada e parar a equipe de cães antes que ela batesse nele. — Bruno, senta!

O basset hound de suéter xadrez parou abruptamente e se sentou.

Eu agarrei uma das guias antes que Ally fosse rasgada ao meio por cães mal-educados que pareciam determinados a cheirar coisas em lados opostos do parque. Saí com um labrador chocolate psicótico que se atirou em mim. Suas patas dianteiras me pegaram no estômago, que

aparentemente não foi alto o suficiente porque o cachorro imediatamente saltou do chão e caiu em meus braços. A língua de cachorro longa e rosa cobriu meu rosto.

— Que diabos... — Minhas palavras foram sufocadas por um beijo francês instigado pelo cachorro. Eu me esquivei do próximo ataque, e o labrador colocou a cabeça no meu ombro e soltou um suspiro.

— Ah. Ele acha que você é a pessoa dele — disse a cinegrafista.

— Eu não sou pessoa de ninguém — eu resmunguei, lutando para me livrar da alegre língua de cachorro. Olhos castanhos idiotas olharam para os meus.

Ally empurrou as coleiras restantes em Linus. O de pernas compridas era de um cinza mosqueado interessante e parecia ter sido cruzado com um galgo que perseguiu o coelho na pista de corrida algumas vezes. O último era um pit bull rajado de bunda grande com ombros como um tanque.

— Onde você encontrou essas monstruosidades caninas? — Linus exigiu, puxando um frasco do bolso de sua jaqueta com a mão livre. — Em uma lixeira de beco?

— Resgate de Amigos de Pelo de Midtown. Prometi-lhes crédito. Nome de resgate, nomes de cachorro e um link para os adotáveis — Ally respondeu, cuidadosamente enfiando a mão no bolso.

— Essas coisas são adotáveis? — Eu perguntei. Pareciam que podiam destruir um apartamento em menos de dois minutos.

— Eles não são *tão* ruins — ela insistiu delirantemente.

O basset hound estava trotando alegremente ao redor de Linus enquanto ele gritava, efetivamente prendendo as pernas do homem na coleira.

Eu sufoquei uma risada. Eu tive que admitir. O cachorro que eu estava segurando podia estar arruinando um casaco de cashmere perfeitamente bom, mas valeu a pena ver Linus enlouquecer.

Ally sorriu para mim, e eu esqueci o casaco e Linus, o frio e a língua de cachorro.

O Cara do Lenço se apressou e arrancou os trinta quilos de cachorro dos meus braços.

— Eu vou pegar isso antes... — ele parou e correu para longe.

Antes do que?

Eu parecia o tipo de pessoa que chutaria um cachorro sem-teto? Cristo.

— Aqui. Segure este — Ally disse, empurrando uma *coisa* pequena, desalinhada e trêmula em minhas mãos. Pelo menos *ela* não parecia pensar que eu iria devorá-lo.

— Que porra é essa, um hamster?

Ela apertou os lábios.

— O abrigo me disse que é um cachorro. Mas eu não estou acreditando. Ele pode ser apenas algo que um dos maiores cuspiu. O nome dele é Sr. Frisky, e ele está ligado ao pit bull caolho que está ali fazendo tempo com suas modelos.

O grande cão rajado estava fazendo olhos de luar – correção, olho – para as mulheres.

— Você não é o garoto mais bonito do mundo? — A croata, Kata, cantou para a besta.

— O nome dele é Pirata — Ally sussurrou para mim.

— Não podemos filmar com esses mutantes. Alguém me traga um Xanax e uma pizza — Linus lamentou.

— É a sua vez da conversa motivadora dele — eu disse, empurrando Ally para frente. Ela sorriu para mim, e maldito seja se eu não senti minha própria boca respondendo.

— Você disse soluções — Ally disse, pegando o homem pelos ombros. — Aqui está sua solução. Agora nos mostre como fazer isso funcionar. Faça funcionar, Linus, ou um cachorro sem-teto acabou de vomitar no Escalade da *Label* sem motivo. Nos dê um motivo.

A pequena bola loira estremeceu novamente, então eu o enfiei no meu casaco contra o meu peito.

— Seu amigo está bem ali — eu disse ao Sr. Frisky, apontando para Pirata, o pit bull que estava enrolado em um dos cobertores pertencentes a uma modelo encantada e mostrando a barriga para a mulher. O rabo de rato da bola de pelo deu uma batida feliz.

Linus beliscou as sobrancelhas com os dedos.

— Isto é impossível. Isso não vai funcionar. Seremos ridicularizados na indústria.

Eu esperei por isso.

— A não ser — disse Linus, levantando a cabeça.

— A não ser? — Ally repetiu.

— Vou precisar de suéteres, pessoal. Com flores. E cintos. Longos, dourados. Não fiquem aí parados!

19
Ally

— SEJA SINCERO COMIGO. Estou demitida? — Eu perguntei a Linus, caindo contra o assento de couro.

Ele estava caído ao meu lado como um carro que não tinha escoltado cinco cães por toda a cidade indo em direção ao escritório.

— Eu não tenho energia para te despedir — ele suspirou.

— Acho que correu bem — eu disse. — Eu verifiquei com a equipe de conteúdo online e eles conseguiram um vídeo de Dominic sendo beijado pelo labrador.

Isso tirou o sorriso mais tímido dele.

— Não foi o pior desastre da história da minha carreira — disse ele magnanimamente.

— Você conseguiu combinar moda, arte e bom karma em uma sessão. Enfrente, Linus. Você é um gênio.

A diretora do abrigo chegou pessoalmente para escoltar os cães de volta ao abrigo, e eu notei a modelo croata encurralando-a e exigindo um cartão de visita. Eu tinha a sensação de que o Pirata e o Sr. Frisky estavam prestes a encontrar o lar mais incrível.

— Gênio? Ah. Eu sou apenas sortudo. — Ele tirou o frasco de sua jaqueta e deu um longo gole antes de entregá-lo para mim.

— Obrigada. Não posso. Tenho uma aula de dança para dar.

Ele balançou o frasco.

— Não é álcool. É uma fórmula de super verdes. É por isso que pareço ter 45 anos quando na verdade tenho 107.

Curiosa, eu bebi e estremeci.

— Beleza é dor — brincou.

— E amarga, aparentemente — eu disse, devolvendo o frasco.

— Falando em amargo. Você e Dominic parecem ter um relacionamento.

— Temos? — Eu perguntei inocentemente, fingindo não notar sua expedição de fofocas.

— Ah, vamos lá, administradora Ally. O homem *sorriu*. Sua boca se ergueu nos cantos, e as nuvens se abriram e anjos cantaram enquanto um raio de sol o mantinha sob os holofotes.

Eu ri.

— Tem certeza de que não há álcool nisso?

— Estou dizendo que o homem tem sido um bastardo miserável desde que ingressou na *Label*. Mas quando ele olha para você...

Eu não estava mordendo.

— Parece que ele quer cometer um assassinato. Nós não nos damos bem. Nós não gostamos um do outro. No entanto, eu *gosto* de irritá-lo.

— Bem, continue irritando ele. É bom vê-lo se divertir um pouco pela primeira vez.

— Ele é muito sério — eu disse, irritada comigo mesma por querer pescar informações.

— Ele foi trazido para limpar uma bagunça séria — disse ele. — Ele leva a família e os negócios muito a sério.

— Ele também leva muito a sério o arranjo de pepperonis.

Linus se endireitou.

— Isso *não é* um boato?

Eu balancei minha cabeça.

— Não. Ele foi um idiota. Eu soletrei VSF na pizza dele. Ele me fez ser despedida. E Dalessandra me ofereceu um emprego.

— Você não é tão chata quanto parece, administradora Ally.

— É o casaco — eu brinquei, tirando um tufo de pelo de cachorro da linda lã.

— Você é a única corajosa o suficiente para gritar com ele, sabe.

— Eu não sou corajosa — eu disse a ele. — Ele simplesmente não pode me demitir, e isso é tudo temporário. Quando tudo estiver resolvido, não pretendo ficar.

Seus olhos se arregalaram por trás daqueles óculos de coruja.

— Este é um sonho tornado realidade para muitas meninas por aí.

— Não é o meu sonho.

— É por isso que ogros bonitos como Dominic não te assustam?

— Ou Medusas de dentes afiados como Malina.

Linus estremeceu.

— Ela é um dos *piores* seres humanos que já conheci. E eu trabalho com moda.

Andamos em silêncio por alguns minutos.

— A propósito, obrigada pelo meu telefone e laptop — eu disse.

Ele olhou para mim por trás de seus óculos.

— Você não combinou com TI? Quero dizer, desde que fui designada para cá esta semana, presumi que isso veio de você.

— Eu não sabia que isso era uma coisa que eu poderia fazer — ele meditou. — Eu me pergunto se eu poderia requisitar um novo cachecol Dior?

— Se não foi você, e Zara não teve nada a ver com isso, de onde eles vieram?

— Talvez Dalessandra esteja interpretando o Papai Noel — ele adivinhou.

— Ela faz isso? Com outras coisas além de empregos, quero dizer.

— Dalessandra faz muitas coisas que o resto de nós não sabe.



ERAM QUASE SEIS HORAS, e o quadragésimo terceiro andar estava começando a esvaziar. Alguns funcionários de suporte em pânico suavam com as tarefas da revista de emergência em cubículos e salas de conferência. Alguns dos superiores estavam agrupados perto do elevador em vestidos e gravatas pretas. Apenas mais uma noite de segunda-feira.

Vesti meu uniforme de dança padrão, meia-calça de cintura alta e uma regata cortada, e sentei na minha mesa para verificar meus e-mails enquanto ouvia a playlist de hoje à noite antes de sair para a aula.

O pagamento do estúdio não era grande. Mas eu amava dança o suficiente para me permitir duas aulas por semana em vez de fazer turnos mais bem pagos. Eu adorava me mexer, suar e sentir a música em meus ossos. Parecia uma celebração de estar viva.

Os tipos de aulas que eu dava eram menos sobre técnica e mais sobre movimentos que faziam você se sentir forte e sexy.

Taylor Swift cantarolou em meus ouvidos enquanto eu balançava o ombro e disparava um e-mail.

Meu telefone velho e ruim vibrou em staccato na mesa. Era uma mensagem do meu vizinho.

> *Sr. Mohammad: Visitei seu pai. Comemos gelatina e assistimos à Judge Judy.*

Ele incluiu um GIF de duas mulheres lutando com gelatina. Eu me arrependi de instalar o teclado GIF em seu telefone.

Agradeci e dei a ele meu novo número de telefone de trabalho com instruções explícitas de que era apenas para emergências.

Ele respondeu com um GIF de polegares de desenho animado.

— Trabalhando até tarde? — Mesmo abafada por Taylor Swift, reconheci a voz.

Dominic estava do lado de fora do meu cubículo. Mãos nos bolsos. Seu casaco estava coberto de pegadas enlameadas de tamanhos variados. Gostei da imperfeição. Isso o fez parecer menos formidável. Mais humano.

Tirei meus fones de ouvido.

— Apenas colocando o trabalho em dia antes de sair para mais trabalho.

Ele olhou para minha roupa, e eu senti o calor de seu olhar como se fosse um toque físico real.

Eu realmente precisava ir a um encontro. Ou pelo menos ganhar um abraço.

— Deixe-me adivinhar — disse ele, os olhos azuis demorando por um momento na tira de pele exposta entre a parte inferior da minha camisa e o cós da minha calça. — Kickboxing?

— Perto — eu disse. Meu telefone de trabalho tocou seu lembrete para eu colocar minha bunda em marcha, e eu me levantei. — Aula de dança — eu disse a ele, colocando meu moletom e enfiando os dois telefones na minha mochila.

— Sua emergência familiar se resolveu sozinha? — Ele perguntou.

Surpresa por ele ter dado outro pensamento, lancei-lhe um olhar.

— Uh. Ainda não, mas está se recuperando — eu disse a ele. — Tudo está sob controle.

— Bom.

Ele esperou, e eu me perguntei se ele estava esperando que eu me abrisse e lhe contasse tudo. Mais provavelmente, ele estava esperando que eu calasse a boca e fosse embora.

— Novo telefone? — Ele perguntou.

Eu olhei para cima. Seu rosto era ilegível.

— Você tem algo a ver com as fadas da TI chovendo presentes em mim hoje?

— Eu pareço o tipo de pessoa que faria isso? — Ele desafiou.

— Não. Mas as pegadas te suavizam um pouco.

Ele olhou para a caxemira arruinada.

— Lembre-me de fazer Linus despedir você.

Eu prendi um elástico de cabelo entre meus lábios e prendi meu cabelo em um rabo de cavalo baixo.

— Boa tentativa. Mas acho que ele gosta de mim — eu disse ao redor do elástico de cabelo. — Você deveria tentar. Talvez dê um descanso ao seu ódio ofuscante.

Enrolei o elástico em volta do meu cabelo e dei um puxão.

— Eu não odeio você, Ally. — Sua voz era calma, rouca.

Eu não tinha certeza de como isso tinha acontecido, mas de repente estávamos muito próximos. Nada de bom viria dessa atração estranha. No entanto, eu não conseguia evitar.

Ele deveria estar com frio. No entanto, de onde eu estava, a centímetros de distância, ele parecia tudo menos isso.

— Bom. Porque, francamente, sou irresistível, e você pode desistir da luta agora.

— Eu não posso me dar ao luxo de achar você irresistível — disse ele.

Nós não estávamos nos tocando. Mas parecia que o espaço entre nós estava carregado de alguma coisa. Ele estava agindo como um desfibrilador no meu coração.

Eu não gostava dele, eu me lembrei. *Mas claramente isso não significava que eu não o queria.*

Aparentemente eu me transformei em uma mulher que alegremente rasgaria suas roupas e pularia em um cara que não gostava dela só porque ele era assustadoramente gostoso.

Esse pensamento levou a uma montagem de fantasia infeliz de como Dominic Russo ficaria se ele estivesse me fodendo. Em cima. Debaixo. Curvado sobre mim. Contra uma parede. Emaranhado em lençóis.

— O quê? — Ele demandou.

A pergunta teve o efeito de um arranhão em um disco.

Eu só podia imaginar o show que meu rosto estava dando agora.

— Nada — eu gritei. — Tenho que ir. — *Tenho que dar uma longa caminhada no ar frio da noite para esfriar o inferno e parar de ter pensamentos sujos.*

Mas ele não se moveu quando eu o fiz. E agora estávamos quase nos tocando. Eu podia *senti*-lo. Suas mãos ainda estavam enfiadas nos bolsos do casaco. O calor que saiu de seu corpo era extraordinário.

Eu podia imaginar como seria se eu deslizasse minhas mãos sobre seu peito. Eu sabia exatamente como a textura de sua camisa engomada guerrearia com o calor do corpo que parecia desesperado para escapar.

Eu podia sentir sua respiração no meu cabelo. Eu teria apostado dinheiro que ele podia ouvir o bater do meu coração porque eu com certeza podia ouvi-lo. Eu podia sentir isso em todo o meu corpo. Um pulsar insistente de sangue quente.

Ele se inclinou, e por uma fração de segundo, eu pensei que aqueles lábios firmes iriam esmagar os meus no tipo de beijo que ninguém sobrevive. Mas ele passou por mim, então se endireitou.

— Aqui — disse ele, entregando-me os fones de ouvido que eu tinha deixado na mesa.

Meus dedos se fecharam sobre eles, mas os dele não soltaram. Ficamos assim por mais um longo momento. Olhando para os fones de ouvido. Em nossos dedos que estavam quase se roçando.

Ele ainda não estava me tocando. Mas parecia que ele tinha me despido e me espalhado para ser admirada.

Devorada.

Arruinada.

Ele estava sentindo isso também? Ou eu era apenas a mulher desajeitada que não conseguia sair de seu cubículo sem fazer uma bagunça?

Eu arrisquei um olhar para ele.

Aqueles olhos azuis perfuraram os meus. Ele parecia frustrado. Bravo. Com fome.

— Você almoçou hoje? — Eu perguntei.

Ele piscou como se estivesse saindo de um transe.

— Eu o quê?

— Almoce — eu repeti. — Você parece faminto.

— Você deveria ir, Ally — ele disse, dando um passo deliberado para trás.

E assim, ele levou seu calor com ele.

Peguei meu casaco do encosto da cadeira e o enrolei como uma capa protetora antes de sair sem dizer uma palavra.

SAÍ do metrô uma parada antes só para poder respirar o ar frio e acalmar minha mente acelerada. Eu não tive apenas um momento com Dominic. Definitivamente não. Ele não tinha momentos. E ele deixou bem claro que não só eu não era seu tipo, mas ele mal conseguia ser civilizado comigo.

Eu estava cansada. Distraída. Eu interpretei mal todos os sinais. Ele não estava irremediavelmente atraído por mim. Ele estava apenas sendo educado. Ou irritante.

Ele não tinha me tocado. Nem mesmo quando ele entregou meus fones de ouvido, eu me lembrei.

Eu não estava prestes a entrar em uma espiral descendente sobre o garoto gostoso da escola. Eu aumentei o volume de "Single Ladies" de Beyoncé e me recusei a deixar meu cérebro repetir o momento que não aconteceu.

O estúdio ficava no primeiro andar de um prédio bem cuidado, com janelas em arco fantasiosos, no Distrito Histórico de Ferro Fundido. As janelas estavam embaçadas da última aula. Os alunos se sobrepuseram no corredor. Os que partiam estavam suados, soltos e sorridentes. Os que chegavam estavam apertados, com frios. Prontos para serem guiados para fora de suas cabeças e para dentro de seus corpos.

Gola e Ruth apareceram em roupas esportivas de grife, e eu as conduzi a seus lugares no piso de madeira brilhante. Tivemos uma aula lotada, e eu já podia sentir a energia aumentando quando todos começaram a esquecer o dia.

Isso era o que eu mais amava. A transformação de funcionário em pessoa. De pai a dançarino. De títulos e responsabilidades a um corpo pronto para ser usado.

A pequena multidão gritou quando apaguei as luzes, liguei a música.

— Ok, senhoras e senhores. Vamos nos mexer!

20
Dominic

— GRETA, EU PRECISO de algumas recomendações sobre passeadores de cães — eu disse, me inclinando contra sua mesa e por acaso para encontrar uma linha direta de visão para Ally em sua nova estação de trabalho. Ela foi empurrada para o andar de cima temporariamente para ajudar a impedir que Linus perdesse a cabeça de gerente de produção durante a semana. E eu estava... distraído com a presença dela.

Hoje, ela estava vestindo um par de calças de grife de cintura alta em vermelho carro de bombeiros e algum tipo de blusa de renda preta que parecia vitoriana, exceto pelo fato de que eu podia ver as alças do sutiã. Era uma roupa conservadora em comparação com o que normalmente desfilava pelos corredores da *Label*. Mas ainda era o suficiente para me fazer imaginar todo o resto por baixo.

Ela acrescentou pulseiras turquesa e pratas em um pulso e brincos de argola clássicos.

Me incomodava que eu me sentisse compelido a fazer um inventário de cada item que ela usava.

Me senti compelido a fazer muitas coisas no que dizia respeito a Ally.

Evitar ela.

Ignorá-la.

Inventar razões para falar com ela.

Começar uma briga com ela.

Tocá-la.

Eu estava perto o suficiente para tocá-la na segunda-feira quando a encontrei em sua mesa depois do trabalho. Foi muito mais difícil do

que deveria ter sido não estender a mão e traçar um dedo sobre o lábio inferior, sobre a tira de pele logo abaixo da barra de sua regata.

Não fazia sentido. Eu me senti fora de controle perto dela. Um sentimento que eu odiava.

Toda vez que eu falava com ela, passava por ela no corredor, sentava do outro lado da mesa em uma reunião, eu queria *mais*.

Eu queria mais culpá-la. Mas parte de mim estava começando a se perguntar se isso estava no meu sangue. Se meu pai tivesse sido um homem normal até que um dia ele estalou.

— Passeadores de cães? — Repetiu Greta. Esta foi a terceira vez que eu fui até a mesa dela em vez de ligar, enviar e-mails ou apenas gritar pela porta aberta como eu costumava fazer. Antes que a mulher em quem eu não conseguia parar de pensar tivesse se mudado para o andar de cima.

Minha administradora não tão sutilmente girou em sua cadeira para ver exatamente o que eu estava olhando. Ela se virou e arqueou uma sobrancelha. Eu sabia que não a estava enganando.

Eu não estava nem me enganando.

— Passeadores de cães. Quanto mais cedo, melhor — eu disse a ela rapidamente.

— Vou cuidar disso depois do almoço — ela me assegurou. — Há mais alguma coisa que você queira? — Ela inclinou a cabeça loira não tão sutilmente na direção de Ally.

Greta administrava meu calendário há anos. Ela conhecia o tipo de mulher que eu normalmente saía. Eu cresci em torno de modelos, fotógrafos e designers. Tinha sido natural passar mais... tempo íntimo com os semelhantes.

Mas eu tirei uma licença sabática das mulheres desde que aceitei este trabalho.

Sem namoro.

Sem sexo.

Eu precisava provar a mim mesmo que eu não era nada como ele. E ainda aqui estava eu, desejando uma mulher que eu nem gostava. Talvez não fosse Ally que estava me irritando. Talvez fosse apenas uma necessidade biológica de foder.

Esse pensamento iluminou meu humor. Fiquei um ano sem sexo. Um ano sem sentir uma mulher debaixo de mim. Um ano sem tocar a pele macia e adorável.

Foi muito fodidamente tempo.

Eu não era um monge. Apenas um homem decidido a não cometer os pecados de seu pai.

— Apenas as recomendações — eu disse a ela, intencionalmente ignorando a forma como os ombros de Ally deslizavam de um lado para o outro enquanto ela dançava com a música em seus fones de ouvido. Eu me perguntei o que estava tocando naqueles ouvidos agora. — Obrigado.

Voltei ao refúgio do meu escritório. Eu não me preocupei em redecorar quando assumi a posição. Não tinha sido uma prioridade. Eu cheguei em um domingo e peguei cada foto emoldurada, cada lembrança, cada prêmio brilhante, e joguei tudo no lixo. Na manhã seguinte, minha nova escrivaninha e cadeira, móveis que meu pai não havia tocado, foram entregues.

Não tinha sido um novo começo, mas sim uma aquisição hostil.

Sentei-me atrás da minha mesa e puxei os layouts de página que eu deveria estar aprovando. Mas Ally apareceu em minha mente novamente.

Desde o meu momento brilhantemente estupido com ela na segunda à noite, quando eu estava tão apaixonado por aquela

vislumbre de pele nua que quase a toquei, eu pensei em pouco mais. Eu podia imaginá-la. Movendo-se para uma batida difícil naquelas calças justas. Suor brilhando em seu estômago nu.

E agora eu estava duro novamente.

Porra, ótimo.

Eu me mexi no meu assento, recusando-me a ceder desta vez.

Ontem, eu a encontrei na escada. Eu pedi a ela *educadamente* para dar o fora do meu caminho. Ela se ofereceu, menos educadamente, para me ajudar a descer as escadas, de cabeça. Tudo o que eu podia imaginar era curva-la sobre o corrimão e arrastar aquela pequena saia sedutora até a cintura. Eu voltei para o meu escritório, me tranquei no banheiro e me masturbei violentamente enquanto pensava *nela*.

No meio do dia. No meu próprio escritório.

Eu gozei com tanta força que meus joelhos dobraram.

Quando acabou, eu não conseguia me olhar no espelho.

Eu estava com medo de que não fosse meu reflexo que eu veria.

Hoje, eu estava mantendo minhas malditas mãos longe do meu pau e minha maldita mente longe da porra de Ally. Fim da história.

Reuni cada grama de força de vontade que tinha e me concentrei nos layouts da minha mesa.

A pura teimosia venceu, e eu não emergi por mais trinta minutos até que ouvi uma batida na minha porta aberta.

Harry Vandenberg, banqueiro de investimentos, elegante, pai de dois filhos e o homem que detinha o título de meu melhor amigo estava na minha porta. Ele era alto e esguio. Eu era centímetros e quilos maior que ele, mas ele tinha o sorriso que fazia as mulheres se aglomerar. Ele era encantador. Eu era... menos sociável.

— Ele *está* vivo — brincou Harry, entrando no meu escritório. Ele pegou o celular e tirou uma foto.

— Para que é isso? — Eu perguntei, levantando-me para cumprimentá-lo.

Apertamos as mãos e depois nos abraçamos.

— Prova de vida para o resto dos caras — Harry explicou, disparando uma mensagem. Meu telefone tocou, e eu sabia que era uma mensagem de grupo.

— Não faz *tanto* tempo — eu argumentei, me inclinando contra a mesa.

Ele afundou na cadeira na minha frente.

— Não te vejo há um mês. A última vez que você saiu com o resto de nós, o ar condicionado ainda estava ligado.

Eu havia deixado um emprego que amava na Dorrance Capital há treze meses, deixando meus colegas de banco de investimento perplexos com a decisão.

— Eu estive ocupado — eu disse a ele.

— Você está sempre ocupado. Inferno, *eu* estou sempre ocupado. Mas isso não é desculpa. Nós vamos almoçar.

O almoço parecia bom. Sair deste escritório parecia bom.

Peguei meu telefone, que agora tocava em intervalos incessantes. Eu só podia imaginar a merda que estava sendo espalhada pelos meus ex-colegas de trabalho.

— Não é justo, Encantado — Ally invadiu meu escritório. Ela segurava um saco plástico transparente para roupas no alto.

Eu quase abri um sorriso. *Quase.*

— Qual é o problema, Malévola? — Eu sabia exatamente qual era o problema dela. Esse saco continha quatro coletes novos que eu pedi especificamente para torturá-la em mente.

Me processe. Se sua mera presença estava me torturando, então eu poderia pelo menos ter certeza de que ela estava sofrendo também.

Ela se virou para Harry.

— Eu sinto muito. Esta é uma reunião importante? Você prefere que eu volte para gritar com esse idiota mais tarde? — Ela perguntou a ele.

Harry sorriu.

— Eu sou um velho amigo desse idiota. Sinta-se à vontade para insultá-lo na minha frente.

— Excelente! Obrigada — Ally disse, jogando o saco na minha mesa. — Vou lhe dizer qual é o meu problema. Seu nome é Dominic Russo, e ele é um pé no saco.

— Eu sou Harry, a propósito — meu amigo idiota falou. Ele estava muito divertido para o meu gosto.

— Sem apresentações — eu disse. — Srta. Morales não estará conosco por muito mais tempo. É apenas uma questão de tempo até que minha mãe caia em si e a demita, já que ela parece incapaz de se comportar profissionalmente.

Ally me ignorou.

Cruzei os braços e parecia entediado.

— Você acabou?

Ela apontou um dedo para o saco, em seguida, para mim.

— Certifique-se de entender o que está fazendo porque isso significa guerra.

— Não comece algo que você não pode ganhar — eu a avisei baixinho.

Entendo. Eu sou um idiota. Eu não a quero por perto. Mas não posso deixá-la sozinha. Lide com isso. Valeu a pena os cinco dígitos que esses coletes custaram só para vê-la irritada. Além do mais. Eu gosto de coletes.

— Eu não tenho intenção de perder, Encantado. — Ela virou as costas para mim, e eu queria me dar um soco na cara por perceber instantaneamente o quão bem aquelas malditas calças de bombeiros acentuavam as curvas de sua bunda. — Harry, é um prazer conhecê-lo. Eu sou Ally — ela disse.

— Muito prazer em conhecê-la, Ally — Harry disse, todo charme. Ele se levantou e ofereceu a mão.

Eu apertei minha mandíbula. Ele podia tocá-la, e isso não significava nada.

Eu, por outro lado, não confiava em mim para sobreviver nem mesmo ao contato básico. Ally ficaria segura, minha alma só ficaria segura, contanto que eu não a tocasse.

— Vá embora, Malévola.

Ela voltou sua atenção para mim, e eu odiei o alívio que senti.

— Apenas lembre-se, Dom. Você começou isso.

Ela saiu, e Harry e eu a observamos ir.

— Quem era aquela? — Ele exigiu.

— Ninguém. Vamos lá.



— POR QUE você não está perseguindo aquela mulher com um anel de diamante? — Harry exigiu, no segundo em que o garçom se afastou da nossa mesa.

— Que mulher? — Eu perguntei, fingindo que não sabia exatamente de quem ele estava falando.

— A Malévola para o seu Encantado. Pensei que ias quebrar uma ou duas obturações.

— Ela não é meu tipo — eu disse. — Como está o relatório do mercado de dívida?

— Uh-uh — ele disse, balançando a cabeça e ignorando meu redirecionamento. — Não. Sem mudança de assunto. Você e Ally. Qual é a história?

— Não há história — eu insisti, desenrolando meus talheres do guardanapo para me dar algo para fazer.

Harry ficou em silêncio, e eu olhei para cima. Ele estava farejando o ar.

— Você está sentindo esse cheiro? — Ele perguntou.

Eu sabia onde isso estava indo.

— Não.

— Eu estou. É forte. Aqui. Deixe-me levá-lo para você — ele disse, sacudindo as mãos para mim. — Esse é o cheiro de besteira.

— Não é nada. Ela é apenas uma administradora no trabalho. Minha mãe a contratou.

— A ícone fashion e editora-chefe Dalessandra Russo não contrata administradores — destacou.

— Ela faz quando eu os faço serem demitos de seus empregos em pizzarias no Village.

Harry piou em diversão.

— Ah, isso é bom.

— Nada é bom. Não há história. Não há nada.

— Irmão, a última vez que vi faíscas voando assim foi quando meu sogro tentou colocar sobras em papel alumínio no microondas. Ou você está em profunda negação ou está tentando mentir na minha cara.

— Não há nada aqui. Nada aconteceu ou vai acontecer. Nós apenas nos irritamos— eu insisti.

— Quando foi a última vez que uma mulher lhe irritou? — Ele perguntou.

O garçom voltou com nossas bebidas, e eu peguei a minha com desespero.

A resposta era nunca, e Harry sabia disso.

— O principal requisito para eu me interessar por uma mulher é que ela não me aborreça.

— Há uma linha tênue entre aborrecimento e "droga, eu realmente quero deixar ela pelada" — ele apontou. — Quando conheci Delaney, passei cinquenta por cento do tempo querendo matá-la e cinquenta por cento do tempo querendo entrar em suas calças.

Delaney era a esposa de Harry. Ela era uma advogada conhecida por interrogatórios agressivos. Eles se conheceram em um bar e passaram a noite inteira discutindo sobre vinho e futebol. Dez anos e dois filhos depois, eles ainda consideravam um bom argumento como o melhor tipo de preliminares.

— Nem todos nós somos tão fodidos quanto vocês dois — eu disse.

Ele me ignorou.

— Mal posso esperar para contar a Delaney que Dominic Russo finalmente conheceu alguém que o incomoda.

— Você me incomoda pra caralho.

— Sim, mas eu já estou comprometido. Ela é?

— Quem?

— Não brinque comigo, Russo.

— Ela é solteira — eu admiti.

— Que coincidência. Você também é.

— Não está acontecendo. Além de ela ser chata, não ter profissionalismo e me irritar toda vez que a vejo, não saio com funcionários.

— Talvez você devesse pensar em mudar essa política. Porque ela definitivamente está interessada em você.

Ela estava? Ou ela estava interessada no que Dominic Russo representava?

Não seria a primeira vez que uma mulher estaria mais interessada em meu nome ou conexões familiares. Afinal, ela já conseguiu um emprego apenas por me conhecer.

— Não me faça mandar a selfie do dedo do meio de novo — eu disse a ele.

21
Ally

As quartas-feiras não eram os melhores turnos de bar para ganhar dinheiro, mas eram melhores do que nada. Além disso, consegui terminar um projeto de design para um cliente, uma série de gráficos do Facebook para o lançamento de um produto, entre a *Label* e meu turno no Rooster.

A fatura foi enviada e meu pote de gorjetas estava pela metade. Meu primeiro pagamento da *Label* estava previsto para a semana que vem, e papai recebeu alta de volta para a casa de repouso esta manhã.

As coisas estavam indo na direção certa.

— Tenham uma boa noite, pessoal — eu disse para dois clientes que tinham aquecido banquetas por duas horas, discutindo literatura do século XVII e flertando comigo.

Eles me deixaram uma gorjeta de trinta por cento que fez meu coração mercenário bater em um tamborilar.

Esse tamborilar se transformou em um solo de tímpano agressivo quando Domnic Russo pegou um dos bancos vagos.

Nós nos encaramos enquanto ele tirava o casaco. Ele estava vestido mais casualmente do que no escritório. Jeans e um suéter cinza bem ajustado que fazia seus olhos azuis parecerem mais prateados. Suas mangas estavam arregaçadas, revelando tatuagens em ambos os antebraços.

Hum.

O que havia nesse homem que me fazia sentir... o que quer que isso fosse?

Sem palavras, deixei cair um guardanapo no balcão na frente dele.

O bar ainda estava barulhento, ainda ocupado. Mas tudo parecia desvanecer-se em um fundo desfocado enquanto olhávamos um para o outro.

O que era isso?

Por que ele estava aqui?

Por que eu queria passar por cima desse balcão e deslizar para o colo dele?

Bem. Além do óbvio.

— O que vai ser, chefe? — Eu perguntei, indo para a leve, blasé mesmo. Mas quando as palavras saíram, elas soaram como uma proposta para mim. *Cerveja? Bourbon? Eu?*

Ele apontou para uma cerveja artesanal na torneira e apoiou os antebraços no bar.

Eu servi sua cerveja e coloquei na frente dele.

— Ei, Al, temos uma rodada de doses de despedida de solteira chegando — um dos garçons chamou do final do bar. Eu tinha idade suficiente para ser sua tia mais jovem.

Aliviada, afastei-me daqueles olhos que estavam queimando buracos em mim e arranquei o papel da impressora. Fui trabalhar, fingindo que cada fibra do meu ser não estava focada no homem atrás de mim.

Fiz seis Screaming Orgasms, servi mais quatro cervejas e agitei dois martínis antes de encontrar o caminho de volta para Dominic.

— Com fome? — Eu perguntei.

— Você tem um intervalo? — Ele empurrou seu copo vazio para mim. Seu olhar permaneceu nas pulseiras de contas no meu pulso.

— Eu tenho quinze minutos — eu disse, imaginando o que ele poderia querer tanto para vir aqui e se sentar no meu bar.

— Você vai comer comigo? — Ele perguntou.

Agora eu estava nervosa. Ele estava sendo legal. Educado. Eu confiava na versão rabugenta dele muito mais do que essa civilizada.

— Claro — eu disse.

Ele parecia aliviado.

— Outra? — Eu perguntei, pegando seu copo.

— Sim.



VINTE MINUTOS DEPOIS, eu estava sentada em frente ao meu chefe em uma mesa muito íntima, enfiada em um canto muito escuro.

Nossas diferenças eram impossíveis de ignorar. Ele estava com roupas de grife. Eu estava vestida como uma vaqueira barata. Ele pediu o filé, e eu estava jantando meu hambúrguer com desconto de empregado.

— O que está acontecendo? Você não está aqui para me demitir, está? — Cortei meu hambúrguer ao meio para poder guardar uma porção para o almoço de amanhã.

Ele não abriu um sorriso. Ele parecia ainda mais sério.

— De quantos empregos você precisa? — Ele perguntou.

— Quantas forem necessárias.

— Tem algo a ver com a emergência da sua família?

Eu escolhi dar uma mordida no hambúrguer ao invés de responder a ele. As narinas de Dominic se dilataram, e ele voltou a me encarar. Isso pelo menos parecia normal.

— Harry parecia pensar que havia algo entre nós. — Ele disse as palavras lentamente e para o bife na frente dele, em vez de para o meu rosto.

— Algo além de uma raiva assassina? — Eu esclareci.

Ele olhou para mim então.

— Ele acha que estamos atraídos um pelo outro.

Eu não disse nada.

Era uma coisa de autopreservação. Não havia nenhuma maneira no inferno que eu admitiria estar atraída pelo homem.

— Eu não sei como falar sobre isso sem colocar você em uma posição embaraçosa — ele admitiu.

Desde quando Dominic Russo estava preocupado em me fazer sentir envergonhada?

— Ok. Agora você está começando a me preocupar — eu anunciei. — Que tal ser honesto? Desembucha. Arranque o curativo. Somos adultos aqui em nosso próprio tempo.

— Tudo bem. — Ele respirou fundo e então me olhou nos olhos. — Você está atraída por mim?

Eu ri.

Ele franziu a testa. Ferozmente.

— O quê? — Eu perguntei. — Essa é uma pergunta ridícula.

— Então me dê uma resposta ridícula — ele rosnou.

Revirei os olhos.

— Sim, Dom. Estou fisicamente atraída por você. Imagino que a maioria das mulheres e muitos homens sejam.

Ele ergueu uma mão mandona e desagradável.

— Não seja irreverente.

— Qual é o problema? — Eu perguntei.

— Eu sou seu chefe.

— Tecnicamente, eu tenho cerca de cem chefes — eu o corrigi.

— Não importa. Há uma política...

— Eu sei que há uma política. Você está me acusando de violá-la?

— O quê? Não. — Ele fechou os olhos por um instante e depois os abriu novamente. — O que estou tentando dizer é que não estou disposto a violar a política.

— Espere um segundo. Dom, você está dizendo que se sente atraído por mim? — Eu perguntei incrédula.

Ele olhou para mim.

— Você não é estúpida, Ally.

— Aparentemente eu poderia ser. Você está atraído por mim?

Eu segurei seu olhar e, pela primeira vez, vi a tempestade naqueles olhos azuis. Ele estava lutando algum tipo de batalha interna.

— Dom?

Sua mandíbula flexionou duas vezes antes de responder.

— Estou atraído por você, Ally. Muito atraído — ele disse, sua voz baixa e áspera.

Oh, senhor.

Hormônios sexuais despejaram na minha corrente sanguínea tão rapidamente que me senti tonta.

— Oh. — Foi a única palavra que consegui dizer quando uma onda de confusão e luxúria incandescente me esmagou.

— Oh? — Ele repetiu, parecendo irritado.

— Dê-me um minuto — eu disse a ele. — Estou processando. Achei que você me odiasse.

— Eu te disse. Eu não odeio você — ele disse desdenhosamente. — Eu odeio estar atraído por você.

E assim, esses hormônios sexuais se transformaram em raiva incandescente.

— Você me rastreou até *meu terceiro emprego* para me dizer que *odeia* se sentir atraído por mim? — Eu disse as palavras lentamente,

certificando-me de reiterar seu ponto de vista com a quantidade certa de "seu filho da puta" no meu tom.

— O que eu quero dizer é que nada vai acontecer entre nós.

— Você está certo que nada vai acontecer, seu idiota arrogante bundão. Você acha que estou tão desesperada que diria sim a uma rápida foda de ódio? Que meu auto-respeito é tão baixo que eu me jogaria em alguém que não me *merece*? — Eu não conseguia decidir se queria esmagar meu hambúrguer na cara dele ou esfaqueá-lo na mão com um garfo.

— Ally, você está entendendo errado — ele disse secamente.

— Estou entendendo errado, ou você está falando merda?

Ele parecia desconfortável. Realmente desconfortável.

— Só quero deixar claro que não vou me envolver com você.

A arrogância desse cara era quase risível. *Eu definitivamente iria com o garfo,* decidi.

— Primeiro de tudo, *chefe*. Eu decido com quem me envolvo. Não você. E agora, eu prefiro dormir com literalmente qualquer humano neste bar do que com você. Em último. É aí que você classifica. Só porque eu *achei* você fisicamente atraente não significa que eu gostaria de dormir com você. — Enfatizei o passado para deixar meu ponto claro, ignorando o fato de que era exatamente isso que significava até quarenta e cinco segundos atrás, quando ele abriu sua boca grande e estúpida.

— Coma seu jantar, Ally — ele disse.

O olhar que eu lancei para ele deveria ter feito suas bolas murcharem em passas.

— Olha — eu disse. — Você não pode ser um idiota na minha cara quando estou trabalhando para outra pessoa. Você pode fazer isso quarenta e tantas horas por semana no escritório, mas não aqui. —

Comecei a empurrar minha cadeira para trás, mas ele fechou a mão sobre meu pulso.

Seu aperto parecia uma algema. Uma algema quente, dura e inquebrável. E eu *odiei* o fato de que eu gostei.

Olhei para os dedos prendendo meu pulso e senti como se tivesse entrado em outra dimensão onde o toque físico casual de um homem que acabou de me insultar no nível mais básico poderia me deixar sem palavras.

— Ally — ele disse novamente. Sua voz era rouca.

Era humilhante saber que o homem poderia me insultar na minha cara e meu corpo ainda querer vê-lo nu. Será que perdi meu auto-respeito junto com minhas economias?

— Isso saiu errado — disse ele.

— Eu não tenho certeza se há uma maneira certa de dizer a alguém que você está atraído por ela, mas o pensamento real de sexo com ela faz você sentir náuseas — eu atirei de volta. — Você é a reencarnação do Sr. Darcy?

Seus dedos apertaram mais forte.

— O que eu estou fodendo repetidamente é isso: eu quero que você saiba que apesar do fato de eu achar você interessante, inteligente, irritante e muito, muito atraente, eu não vou buscar nenhum tipo de relacionamento com você. Quero que você se sinta segura no trabalho. Não quero que pense que vou arrastá-la para uma sala de cópias e fodê-la contra o equipamento do escritório. Não quero colegas de trabalho sussurrando nas suas costas porque você teve a infelicidade de chamar minha atenção. Não quero que sua reputação seja despedaçada só porque me pergunto como você fica nua. E, sim, eu penso sobre isso. E, não, eu não deveria estar lhe dizendo isso.

Ele disse tudo isso sem diminuir a pressão dos dedos. Como se o toque físico e as palavras se fundissem em uma mensagem. *Desejo*.

Me foder contra o equipamento do escritório? Eu colocaria isso na pasta "Ficar Obcecada Sobre Isso Mais Tarde"

Nós dois ficamos quietos por um longo tempo. Ele ainda segurando meu pulso. Eu ainda olhando para ele como se ele tivesse acabado de anunciar que tinha quatro testículos e sonhava em um dia criar burros em miniatura.

— Eu queria limpar o ar — disse ele, pressionando. — Se Harry estava percebendo algo entre nós, então outros também vão. Esse não é o tipo de ambiente que a *Label* tem. Não mais.

Meu cérebro ainda estava vagando por seu discurso. Havia algo real, algo vulnerável ali, e precisava de vários dias ininterruptos para processar tudo.

— Diga alguma coisa — ele exigiu rispidamente.

— Bem, a primeira coisa que me vem à mente é: eu fico ótima nua — eu disse a ele. O homem colocou a cabeça sobre a mesa e eu quase ri.

— Droga. Eu sabia — ele disse tristemente.

— Dominic Russo acabou de fazer uma piada?

— Pode ser. Não sei. Estar perto de você parece uma luta de boxe sem fim, e eu continuo sendo atingido nas bolas.

Eu ri então.

— Você é muito, muito ruim nisso, a propósito.

— Me perdoe — ele disse secamente enquanto levantava a cabeça. — Eu nunca tive essa conversa antes.

Virei minha mão e envolvi meus dedos ao redor de seu pulso.

— Eu acho que você está tornando isso mais complicado do que tem que ser.

— Se alguém está complicando demais as coisas, é você — ele disse, seu tom mal-humorado.

— Pare de ser um bebê. Só porque estamos atraídos um pelo outro não significa que temos que agir assim. Somos adultos, não adolescentes supersexuais sem compreensão das consequências. Eu não sou seu tipo. Você não é meu tipo, embora em outras circunstâncias, eu ficaria feliz em ampliar meus horizontes.

Ele rosnou com isso. Eu sorri.

— Mas nenhum de nós quer agitar o barco no trabalho. Eu gosto do meu trabalho. E eu não fodo homens que não gostam de mim. Não vou trancar a porta do seu escritório e mostrar que não estou usando calcinha.

— Oh, puta que pariu — ele murmurou, passando a mão livre sobre o rosto.

Ele parecia torturado. Eu gostei.

— Nunca na história da minha vida adulta fui tão dominada por luxúria que não consegui me controlar. E estou disposta a apostar que acontece o você — eu adivinhei.

— Não superestime meu controle ou subestime seu apelo, Ally.

E assim, eu estava de volta na cidade de Coloque Seu Pau Em Mim.

— Nossa, Dom.

— Estou falando sério — disse ele. — Eu não estou colocando nenhuma responsabilidade em você. Mas estou enfeitiçado por você e passei muito tempo pensando em... coisas que não vou repetir.

Eu realmente, realmente, realmente queria saber que tipo de coisas.

Respirei fundo e soltei lentamente.

— Queremos a mesma coisa.

Seus olhos se estreitaram, e eu fui vencida por uma fantasia dele rasgando minha camisa de vaqueira e empurrando minha saia até a cintura.

Por um longo segundo, tive a nítida sensação de que ele estava pensando a mesma coisa. A temperatura do ar entre nós subiu para um fogo latente.

— O que eu quero dizer — eu disse, limpando minha garganta —, é que nenhum de nós está pronto para um caso no local de trabalho. Então não teremos um. É simples assim.

— E se eu continuar usando coletes?

Inclinei-me e notei que seu olhar mergulhou no primeiro botão fechado da minha camisa.

— Então eu vou aprender a me controlar. Além disso, se você não parar de usar colete, eu vou parar de usar calcinha para ir trabalhar.

Ele apertou a mandíbula e engoliu em seco.

— Cale a boca e coma seu jantar — disse ele rispidamente, afastando a mão.

Peguei meu meio hambúrguer agora frio. Não para ser complacente mas porque, depois das gorjetas, a comida era o ponto alto do trabalho.

— Como você vai para casa daqui? — Ele perguntou.

— Trem — eu disse, dando uma mordida.

Ele pegou sua carteira.

— Prefiro que você pegue um táxi.

— Não.

— Não? — Ele soava como se não pudesse acreditar que eu era tão estúpida, tão impertinente.

Revirei os olhos.

— Eu não sou *sua*, Dom. Você não pode se preocupar comigo ou bancar o protetor. Você é meu chefe. Eu sou sua empregada. A menos

que você esteja pagando uma tarifa de táxi ou créditos Uber para todos os administradores da equipe, a resposta é não. Sem tratamento especial. Nada de sexo extracurricular. Sem tentativas de sedução. Sem flertar. O ar está limpo.

Ele me encarou por um longo tempo. Aqueles olhos impossivelmente tristes.

É o que ele queria.

Então, por que o homem parecia tão miserável?

22
Ally

ERA DE MANHÃ CEDO quando entrei pela porta lateral da Casa de Repouso Goodwin Childers quando outra família estava saindo. Eu estava em gelo fino com o departamento de cobrança, e simplesmente não tinha coragem de ter outra conversa com a secretária Deena sobre a importância de ser pontual com meus pagamentos.

Esta casa de repouso tinha a melhor enfermaria de demência em um raio de oitenta quilômetros, e meu pai merecia o melhor.

Mesmo que eu não pudesse pagar.

Contornando o corredor que levava à área da recepção, eu me esgueirei pela alegre ala de vida assistida até as portas de segurança da ala de memórias.

Braden, um dos meus enfermeiros favoritos na ala, acenou através do vidro enquanto me deixava entrar.

— Ally! É bom ver você de volta — disse ele. — Sentimos sua falta e do seu pai por aqui.

— É bom estar de volta — eu disse a ele. — Como ele está?

— É um dia muito bom — disse ele com um sorriso.

— Sério?

— Tão bom, que ele não está em seu quarto. Ele está no salão.

— Você está brincando?

Braden levantou um dedo no ar. Parei e escutei. As notas fracas de "Home Cookin'" de Hilton Ruiz me alcançaram, puxando as cordas do meu coração enquanto uma centena de memórias inundavam através de mim.

Ele sorriu.

— Eu vou te levar lá.

Eu segui a linha defensiva de Braden enquanto ele manobrava passando pelo vidro que se abria para um pátio interno de grama e concreto. A fonte havia sido drenada para a estação, e a cor do verão e do outono havia desaparecido há muito tempo, mas as sempre-vivas estavam enfeitadas com luzes coloridas de Natal durante o inverno, dando aos moradores algo para desfrutar.

O piano ficou mais alto quando nos aproximamos de portas duplas abertas de frente para um posto de enfermagem.

E ali contra uma parede de janelas, cadeira de rodas estacionada ali perto, estava meu pai atrás do piano.

— Ally, minha menina!

O pronunciamento alegre do meu pai quando entrei na sala de estar derreteu o frio persistente. Uma onda de amor tão rápida e feroz me inundou.

— Pai! — Aproximei-me dele e o abracei com força, encantada quando ele me abraçou de volta, balançando de um lado para o outro daquele jeito que antes era tão familiar.

— Sente-se — disse ele, batendo no banco ao lado dele. — Conte-me tudo.

Esta pequena janela de tempo estava aberta, e eu precisava saborear cada momento dela. Não querendo perder um segundo disso, mandei uma mensagem para Zara.

> *Eu: Atrasada. Emergência familiar. Eu prometo que vou compensar.*

Eu trabalharia até a meia-noite todas as noites se isso significasse que eu poderia desfrutar do meu pai sendo meu pai.

— Vamos tirar uma selfie antes que eu tenha que ir trabalhar — eu insisti. Eu tirava uma em todos os dias bons, sabendo agora o quão preciosos esses momentos realmente eram.

Obedientemente, ele passou o braço em volta dos meus ombros, e eu cliquei para longe enquanto o olhávamos para a câmera. Ele deu um beijo no topo da minha cabeça antes de se afastar.

— Onde você está trabalhando mesmo? — Ele perguntou, uma carranca tocando seus lábios enquanto ele batia contra o buraco em sua memória.

Limpei minha garganta.

— É um trabalho novo. Estou trabalhando para uma revista de moda.

— Bem, isso é algo. Você ama isso? — Ele perguntou. Meu pai acreditava firmemente em fazer o máximo possível do que você amava. Um trabalho não era exceção.

Eu pensei sobre isso por um momento, então assenti.

— Eu amo. É divertido e rápido, e as pessoas são... interessantes.

— Existe uma Miranda Priestly? — Ele perguntou, cutucando meu ombro.

— Quando você assistiu *O Diabo Veste Prada*? — Eu exigi com uma risada.

— Eu li o livro.

— Espertinho — eu disse com carinho. — A Miranda no meu trabalho é na verdade uma Dalessandra, e ela é maravilhosa. O filho dela é outra história.

— Conte-me tudo — disse ele, remexendo uma música de Sammy Davis Jr..

— Sobre o que?

— Este filho. Ele é mau? — *Dun dun dun* foram as teclas do piano.

Eu ri e pensei em Dominic.

— Mal? Não. Uma dor na minha bunda? Sim.

— Às vezes, dores nas bundas tornam a vida mais interessante. Você se lembra dessa? — Ele perguntou, seus dedos trabalhando nas teclas, provocando outro favorito familiar.

Sorri e descansei meus dedos na ponta das teclas. Eu lembrava de tudo. E agora eu o estimava.



FIQUEI mais uma hora antes de deixar o papai no piano quando ele se ofereceu para ensinar a outro residente uma musiquinha jazzística no piano. Sempre foi uma luta saber quando partir. Se eu saísse enquanto ele ainda estava presente, eu estava perdendo tempo com ele. Mas se eu ficasse muito tempo e o humor diminuísse, o desaparecimento de papai era devastador.

Muito dentro da minha cabeça, eu não percebi o perigo até que ele estava praticamente em cima de mim em um suéter de chenille rosa.

— Srta. Morales, acredito que você esteja aqui para pagar suas taxas atrasadas?

Merda.

Secretária Deena, precursora de multas por atraso, espreitava do lado de fora da ala de memórias. Ela tinha lábios finos e achatados que sempre eram pintados de um rosa brilhante. Seu cabelo ruivo me lembrou Ronald McDonald... se Ronald se interessasse por um fetiche por joias. Hoje ela estava usando quatro anéis de diamante, um pingente com várias pedras de nascimento que sugeriam que essa mulher realmente tinha uma família e brincos de diamante bastante grandes em seus longos lóbulos de orelha.

Ela me aterrorizava.

— Uhh... — Eu nem tinha formado uma palavra real, mas meu pescoço estava fazendo sua melhor impressão de uma queimadura de sol.

— 5.327,94 dólares. — Ela desfiou a quantia que eu também sabia de cor. Era exatamente o que eu separava meu pai de mais um mês nesta instalação.

— Eu estou ciente — eu disse. — Acredito que o prazo é para o próximo sábado. — Eu memorizei isso também, a partir do aviso de despejo de trinta dias que ela tão prestativamente me enviou. Foi no dia seguinte ao meu primeiro pagamento da revista. E eu precisava de cada centavo desse salário para fazer esse pagamento.

Ela apertou os lábios com mais força, fazendo o rosa choque desaparecer completamente. Seus olhos se estreitaram atrás dos óculos de aro roxo.

— Eu certamente odiaria ter que dizer às enfermeiras para começarem a empacotar as coisas do seu pai.

Seu tom sugeria o contrário.

— Isso não será necessário — assegurei a ela. Meu telefone tocou. Era hora de voltar para o escritório e ganhar aquele salário.

23
Ally

NAQUELA TARDE, enquanto Linus estava fazendo o que quer que Linus fizesse, fui convocada para uma reunião com a equipe gráfica. Cheguei cedo e fiquei surpresa ao encontrar café, chá e muffins já arrumados na mesa de conferência de vidro impossivelmente moderna.

Eu estava pegando um muffin de chocolate quando a porta se abriu atrás de mim e Dominic entrou na sala.

— Oi — eu disse, deixando cair o muffin com culpa.

Depois do nosso confessionário no turno do bar, eu não tinha certeza de onde estávamos.

— Ouvi dizer que você se atrasou hoje — disse ele, enfiando as mãos nos bolsos. — Outra emergência.

— Esta foi uma boa — eu disse. — Algo que eu não queria perder.

Ele me estudou silenciosamente, e eu percebi como isso deve ter soado. Seu polegar estava batendo contra a perna da calça. Um pequeno tique.

— Eu levo meu trabalho a sério, Dom. Não pense que eu estava dispensando o trabalho por algo frívolo.

— Deve ter sido bom para você abrir mão de duas horas de pagamento.

Minha coluna enrijeceu, e meus ombros subiram sob minhas orelhas.

— Por que você não me diz qual é o seu problema em vez fazer rodeios, Encantado?

— Quero saber o que está acontecendo.

— Não é da sua conta — eu disse a ele. — Nós não somos amigos. Não somos namorados. Eu trabalho para você. A única relação que existe entre nós é profissional. Nós dois tomamos essa decisão, lembra?

— Você se atrasou para o trabalho. Eu estava preocupado.

— Por quê? Muita gente falta ao trabalho. Vou compensar as horas.

— O que você quer que eu diga, Ally? Que eu me importo?

Eu balancei minha cabeça com veemência. Eu definitivamente *não* queria que ele dissesse isso. E eu certamente não queria que ele falasse sério.

— Eu não quero jogar. Não hoje e certamente não com você.

— Então me diga o que está acontecendo.

— Por que você se importa? Não sou um mistério a ser resolvido. Eu sou uma pessoa reservada com muita merda acontecendo que não afeta você.

— Isso me afeta quando impede que você venha para o trabalho. — Frustração crepitava dele como se ele estivesse segurando um fio vivo.

— Essa conversa é ridícula.

— Você é ridícula — ele atirou de volta.

— Eu não estou compartilhando minha vida pessoal com você — eu disse a ele. — Não leve para o lado pessoal. Eu tenho coisas acontecendo que são mais fáceis de lidar do que falar. E se você se lembra de nossa conversa ontem à noite, não vamos buscar nenhum tipo de relacionamento fora do trabalho.

— Estamos no trabalho agora — ele teimosamente apontou, cruzando os braços.

— Malina perdeu meio dia esta semana — eu disse. — Você a localizou para descobrir por quê?

— Claro que não.

— Por que não?

— Porque eu não me importo com ela — ele atirou de volta.

Nós dois nos sentamos com esse pronunciamento por um minuto.

— Dom — eu comecei.

— Cale-se. Esqueça. Eu não quis dizer isso dessa maneira.

— Ah, certo. O Sr. Darcy está de volta — eu disse secamente.

— Afinal, o que isso quer dizer?

— Ugh. Outra razão pela qual eu nunca deixaria você me deixar nua. Você não leu ou assistiu *Orgulho e Preconceito.*

Dominic desabou em uma cadeira do outro lado da mesa. Mesmo com toda a extensão de vidro e um monte de muffins entre nós, eu ainda podia *sentir* sua frustração.

— Você me irrita em tantos níveis, é incrível. O que *Orgulho e Preconceito* poderia ter a ver com nós não perseguindo o que diabos for isso?

Sentei-me em frente a ele.

— Sr. Darcy declara seu amor por Elizabeth com um discurso insultante sobre como ele está afim dela, mesmo que ela seja incrivelmente inadequada, pobre e ridícula.

— Eu não estou declarando meu amor por você — disse ele secamente.

— Eu não avisei que sou irresistível? — Eu brinquei.

Ele parecia tão zangado que eu estava preocupada que ele pudesse arrancar os braços de sua cadeira. Eu tive pena dele.

— Olha, Dom. Já que não estamos perseguindo nada, nus ou não, fora deste prédio, acho que é melhor que saibamos o mínimo possível um do outro.

Ele olhou para mim.

— Discordo.

Claro que sim.

— Ok. Por quê?

— Nós somos opostos completos. Não seguiria que quanto melhor nos conhecêssemos, menos seríamos atraídos um pelo outro?

Era estúpido e ainda assim...

— Hmm.

— Eu prospero em desafios, Ally — ele alertou. — E agora, você e esse fundo misterioso estão exigindo ser resolvidos.

— O que você está sugerindo? — Eu perguntei com uma risada. — Nós nos tornamos amigos?

— Não amigos — ele insistiu. — Conhecidos de local de trabalho.

— É isso que somos.

— Não, somos associados do local de trabalho — ele insistiu.

— Você está bêbado? Você tem histórico familiar de AVC?

— Não e não — disse ele. — Pense nisso. Quanto mais você me conhecer, menos atraente você me achará, e quanto melhor eu te conhecer, mais repulsiva você será.

Eu rio. Eu não pude evitar. De vez em quando, Dominic Engraçado se aproximava de mim para me surpreender e me deliciar. Felizmente os outros 98% do tempo ele era um idiota insuportável.

— Por favor. Nós dois sabemos que quanto mais você aprender sobre mim, mais rápido você estará correndo para escolher um anel de noivado de diamante grande o suficiente para perder de olho.

Ele revirou os olhos.

— Como desejar.

— Sou uma pessoa adorável — insisti.

— Você é uma adorável dor na minha bunda — ele atirou de volta.

Tamborilei meus dedos na mesa à minha frente.

— Você está propositalmente mantendo a mesa entre nós?

— Sim — ele respondeu instantaneamente.

— É para minha proteção ou sua?

— Ainda não decidi.

— Você está agindo como se nenhum de nós tivesse controle — eu zombei.

Ele fez uma careta para mim, então se levantou.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei enquanto ele rodeava a mesa.

— Provando um ponto.

Apressadamente, fiquei de pé, mas não fui muito longe porque ele estava me encurralando contra a mesa. Tomando tanto cuidado para não me tocar. No entanto, não havia como confundir o zumbido entre nós. Meu sangue ficou quente, e eu podia ouvir meu batimento cardíaco acelerando os DEFCONs[4].

— O DEFCON Um ou Cinco é pior? — Eu perguntei em um chiado.

— Um. Agora me diga que você não vê o problema, Ally — ele disse secamente.

Eu estava mais interessada em sentir o problema... até que olhei para baixo. Eu não pude evitar. Ele estava visivelmente duro. Tipo "enfiou uma salsicha nas calças" visivelmente duro.

Ele estava olhando para baixo também. Mas não para o contorno de seu pênis. Não, seu olhar estava travado em meus mamilos estúpidos e sem respeito próprio que o saudavam através da minha camisa.

A porta estava fechada, mas a equipe gráfica chegaria a qualquer minuto. Qualquer um poderia entrar e nos ver assim.

— Este é o problema — ele insistiu, sua voz áspera.

---

[4] A condição de prontidão de defesa (DEFCON) é um estado de alerta usado pelas Forças Armadas dos Estados Unidos, podendo ir de 1 a 5.

— Isso é um grande problema — eu concordei, ainda olhando para sua ereção. — Parece doloroso.

— Não foi isso que eu quis dizer — ele rosnou. — Isso é o que acontece quando estamos muito perto.

— Então, como você propõe que nos conheçamos sem chegar muito perto? — Eu perguntei. Parecia que eu tinha acabado de escalar todos os quarenta e três andares em uma corrida mortal. Um pequeno passo para frente e meus mamilos duros como diamantes se conectariam com seu peito. Sua ereção com meu estômago.

Ele estava pairando sobre mim, mas ao invés de ameaçador, parecia íntimo, cuidadoso, quase seguro. Como se eu quisesse estar exatamente aqui, exatamente com ele.

Eu realmente precisava parar de consumir produtos lácteos. Isso tinha que ser algum tipo de efeito hormonal de muito queijo glorioso.

Eu tive uma visão rápida de Dom me colocando na mesa de vidro, esperançosamente reforçada, nas minhas costas e deslizando as mãos sob minha saia e lentamente, lentamente, tirando a calcinha pelas minhas pernas.

Minha visão começou a ficar cinza nas bordas, e eu respirei trêmula. Seus olhos se aguçaram em um azul cristalino e gelado. Parecia que uma tempestade estava se formando no espaço entre nós.

— Pergunta completamente inapropriada — eu disse. — Se você fosse me tocar agora, por onde você começaria?

Sua expiração foi um rosnado.

— Seu cabelo.

Eu pisquei.

— Meu cabelo?

— Eu colocaria meus dedos nele e puxaria para que eu pudesse provar sua boca e depois desceria pela sua garganta.

— Gah. — Não foi uma afirmação, mas uma andorinha se emaranhando com um gemido.

— E é exatamente por isso que não vamos fazer isso pessoalmente — disse ele suavemente.

— Gah — eu resmunguei novamente.

Seus lábios, aquela linha firme e malvada deles, se ergueram um pouco, e eu senti uma explosão de hormônios lácteos em meu núcleo.

— Tudo bem. E-mail, então — eu guinchei.

— Fora do expediente, em contas de e-mail pessoais — disse ele.

O cara tinha pensado muito nisso.

— Isso é justo.

— Seja honesta. Brutalmente honesta — disse Dominic. — Para que possamos tirar isso, seja o que for, de nossos sistemas.

Eu queria me sentir ofendida com a ideia de que me conhecer seria uma grande decepção para ele. No entanto, eu tinha certeza que quanto mais eu soubesse sobre Dominic Russo, menos minhas partes femininas o cobiçariam. O que poderia dar errado?

— Concordo.

Ele levantou a mão da mesa, e nós dois observamos enquanto ela se movia lentamente em direção ao meu rosto, meu cabelo.

Deusas das reuniões secretas luxuriosas, *por favor,* deixem Dominic Russo me foder nesta mesa de conferência agora.

— Pegue uma água para mim, sim? — Alguém chamou do lado de fora. Nós nos separamos.

Eu empurrei Dominic, e seu magnífico bastão de foda, para a cadeira que eu recentemente ocupava antes do meu despertar espiritual sexual e dei um passo culpado para trás.

A porta se abriu.

— Eu não me importo com o que você diz. A temporada final de *Game of Thrones* não foi o que os fãs esperavam — anunciei enfaticamente.

Ele olhou para mim como se eu tivesse perdido a cabeça.

— Ah, uau. Eu tenho que concordar com Ally, Sr. Russo — Shelly, uma designer gráfica com uma queda por piercings faciais, concordou enfaticamente.

Enquanto o resto da equipe entrava, uma discussão de dez minutos sobre o seriado e a temporada final se seguiu enquanto Dominic e eu tentavamos manter nossos hormônios sob controle.

24
Dominic e Ally

Malévola,

Agora que eu sei seus sentimentos em relação a *Game of Thrones*, vamos seguir em frente. Por que você está trabalhando em tantos empregos? O salário aqui é tão ruim assim?

Encantado



Encantado,

Eu não saberia. Ainda estou a uma semana do meu primeiro salário. O que você queria ser quando crescesse? Ou você está vivendo seus sonhos como um magnata da moda vestindo colete?

Malévola



Malévola,

Este *não* era o meu sonho. No espírito da honestidade, isso está mais perto de um pesadelo. Quando eu tinha nove anos, queria ser professor de matemática. Quantos empregos você tem?

Encantado



Príncipe dos Pesadelos,

Eu sou a atual detentora de quatro empregos. Cinco se você contar o design gráfico freelance, que é banquete ou fome, principalmente fome. Turnos de bar, um trabalho esporádico no bufê, instrutora de dança e minha ilustre carreira como uma mulher competente de todos os negócios na *Label*.

Preciso saber mais sobre esse emprego dos sonhos de ser professor de matemática.

Por enquanto, vamos colocar o "por que preciso de 700 empregos" na coluna de Não Falar Sobre.

Ex-princesa das pizzas



Princesa da pizza,

O mistério de por que Ally Morales precisa de 700 empregos está me incomodando.

Eu tive um bom professor de matemática. Seu nome era Sr. Meloy. Às vezes, ele me ajudava com a lição de casa depois da escola. Ele adorava matemática e adorava ensinar as crianças a amar matemática. Achei que ser professor de matemática seria legal.

O que você queria ser quando crescesse? Acho que garconete de pizzaria não estava no topo da lista.

Nerd revelado



Querido Nerd,

Isso não está funcionando. Estou imaginando o bonitinho Dominic olhando para seu professor com aquela tristeza de bebê pedindo ajuda.

Diga-me as cinco principais coisas que você odeia imediatamente. (Este é o segredo para descobrir o quão ruim é uma pessoa, caso você precise entrevistar futuras esposas ou sacrifícios humanos.)

Eu queria ser dançarina desde os três anos. Percebi desde cedo que não queria uma carreira de balé (olá, carboidratos, álcool e dormir até tarde), mas também amava design e arte. Então resolvi fazer tudo isso.

Agora se apresse e me enoje.

Iceberg Descongelando Rapidamente

P.S.: Por que o Sr. Meloy estava ajudando você com a lição de casa e não seus pais?



Querida Mudança Climática,

Então você está dizendo que sabia o que queria fazer desde criança, e então saiu e fez? Isso é... incomum. Você é sempre tão tenaz? Já pensou em outras linhas de trabalho?

Se não pudermos falar sobre por que você precisa de 700 empregos, também não falaremos sobre meus pais.

Coisas que eu odeio:

1. Pessoas desorganizadas
2. Boatos
3. Pássaros fazendo cocô em mim
4. Não conseguir parar de pensar em você
5. Meu pai

Não estou perguntando o que você odeia porque você irritantemente odeia menos.

Chefe odioso



Chefe,

Bem, inferno. Essa lista não foi odiosa. Nem um pouco. E este experimento não está funcionando. Você deveria odiar coisas como cachorrinhos e crianças com língua presa, e então eu deveria finalmente ser capaz de parar de fantasiar sobre você nu.

Eu não sou tenaz. Estou mais como desagradavelmente positiva para que as coisas acabem do meu jeito.

Poliana

≈

Allyana,

Se eu não sou odioso, então por que todas as mulheres no trabalho têm medo de mim?

Monstro Perseguidor de Salão

≈

Monstro,

Você não está realmente falando sério, está?

Incrédula

≈

Extremamente.

Dom

≈

Dominic Russo,

Seu grande e estúpido rabugento tatuado. Você realmente passou o ano inteiro lá pensando que eles te odeiam? Você está brincando comigo agora, não está?

Não tem como você ser tão arrogante quando me aconchega contra uma mesa de conferência e depois vagueia pelos corredores da *Label* como um cachorrinho triste porque você assume que todos não gostam de você.

Ally irritada

≈

Ally irritada,

Sobre o que diabos você está tagarelando?

Adicionando à minha lista. Número 6. Pessoas que nunca chegam ao ponto.

Além disso, você é obcecada por cães?

Chefe irritado



Sr. Gostoso,

As mulheres da *Label* não te *odeiam*. Elas estão cobiçando você. Você é assustadoramente gostoso. Do tipo "não olhe diretamente nos olhos".

Confusa por você



Confusa,

Não é isso que está acontecendo. Elas olham para mim e veem uma cópia em carbono do meu pai.

Dominic



Dom,

Em primeiro lugar, quero pontos por ser respeitosa com o seu tópico de Não Discutir, embora eu realmente queira investigar por que você supõe que as pessoas veem você e seu pai como a mesma pessoa. Muitos pontos!

Isso é absolutamente o oposto do que todas naquele prédio estão pensando. Elas avaliam sua gostosura assustadora em uma escala de 1 a 10, e você nunca esteve abaixo de 13. Elas desmaiam por portas de vidro quando você passa por elas nos corredores.

Você segurou a porta para Nina da publicidade na semana passada, e ela foi aplaudida de pé. Eu não estou inventando isso.

Ally



Ally,
Isso é estúpido. Eu não gosto de conhecer você.
Dom



Dom,
Digo o mesmo. Vamos voltar a nos ignorar.
Ally

25
Dominic

EU QUERIA DIZER que as coisas mudaram depois da nossa conversa e e-mails. Que com o ar limpo e ela voltando para o andar debaixo para o grupo de administração, eu estava finalmente livre para me concentrar no trabalho. E, de certa forma, as coisas haviam mudado.

Eu tinha mostrado a ela minhas cartas.

Admitido meus pecados.

Confessado meus medos.

Mas nada disso me impediu de procurá-la. Isso não me impediu de pensar nela. E com certeza não me impediu de desejá-la.

Meus dias começaram a se organizar em torno dela.

Envio de e-mail após o horário. Discutindo verbalmente sobre alguma besteira no escritório. Um de nós tirando sarro do outro.

Parecia inocente o suficiente. Exceto pelo desejo subentendido

Havia algo viciante em nossas interações agora. Como se cada palavra tivesse um duplo sentido. Cada olhar era uma mensagem codificada. Nós dois estávamos atraídos um pelo outro. No entanto, nós dois também éramos adultos. Deveria ser um exercício de autocontrole.

Mas então eu me encontrava trancando a porta do meu banheiro privado e me masturbando enquanto fantasiava sobre ela de joelhos na minha frente, ela na minha mesa com as pernas abertas, exigindo que eu a fodesse com minha língua.

Todo. Maldito. Dia.

Saber que Ally estava atraída por mim me fez sentir menos culpado pelo ato *e* mais frustrado pelo fato de que era meu punho que eu estava fodendo e não ela.

Basicamente, eu estava me tornando um desastre completo, e a mulher só estava aqui... Deus. Menos de três semanas completas.

Alguns dias eu aguentava até depois que todos os outros tinham ido embora à noite. Outros dias eu mal conseguia almoçar.

E então houve hoje.

Às 09h05, ela entrou no meu escritório com um par de botas de cano alto e um vestido Dolce & Gabbana. O vestido era vermelho granada. O V frontal não era escandaloso para nenhum padrão, mas para um homem em um gatilho de excitação, a sugestão de curvas brancas cremosas era perigosamente sedutora. O vestido apertava na cintura e escorria novamente, terminando apenas três ou cinco centímetros acima das botas de camurça macia.

— Assine isto — disse ela, colocando um arquivo na minha mesa, e me deu um sorriso atrevido.

Eu arrastei meu olhar para longe daquele centímetro de pele para os papéis na minha frente.

— De nada, a propósito — ela continuou. — Malina ia entregar isso para você pessoalmente. Eu os roubei da mesa dela.

— Obrigado. O que diabos você está vestindo?

Ela olhou para o vestido e de volta para mim.

— Por que você está tão obcecado com minhas roupas?

— É quarta-feira. Às quartas-feiras, você usa sua saia lápis azul-marinho. — Aquela que abraça a bunda dela. A que eu fantasiei sobre empurrar sobre aqueles quadris redondos e lisos algumas centenas de vezes ou mais. *E, caramba, por que eu não conseguia ficar de boca fechada quando essa mulher estava no cômodo? Talvez eu precisasse de terapia. Um programa de 12 passos.*

— Se eu fosse homem e usasse a mesma coisa toda sexta-feira, você não faria um comentário. Karen, da contabilidade, usa as mesmas calças

pretas e suéter preto todos os dias. No entanto, você insiste em prestar atenção especial a mim? — Ela agitou seus cílios para mim. — O que dissemos sobre atenção especial, Dominic?

Ela estava me provocando, e eu adorei. Quase tanto quanto eu odiava.

— Você está me perturbando. Vá embora — eu disse com desdém.

Em vez disso, ela se empoleirou na beirada da minha mesa, chutando os pés como se tivesse todo o tempo do mundo. Se eu girasse minha cadeira alguns centímetros para a direita, eu poderia afastar seus joelhos e enterrar meu rosto entre suas pernas.

Qualquer sangue que restasse circulando no meu corpo desistiu e foi direto para o meu pau, que agora latejava como se tivesse uma enxaqueca.

— Assine a papelada, e eu estarei fora de sua vida pelo resto do dia — ela prometeu. — E, se você quer saber, eu tenho um encontro hoje à noite.

— Um encontro? — Fiquei surpreso que a caneta não partiu ao meio na minha mão. Senti algo escuro e oleoso se espalhar por mim. — Você não tem que trabalhar?

Eu não conseguia identificar o sentimento que crescia dentro de mim.

Fúria? Medo? Ódio cego dirigido a um homem que eu nem conhecia?

— Só porque eu não sou *seu* tipo não significa que todos os outros homens também acham isso — ela brincou. — O dia de pagamento é sexta-feira, então estou me dando uma noite de folga de verdade.

Eu não confiava em mim para dizer nada. Então eu assinei os contratos, ponta da caneta marcando o papel. Seu vestido ia até as

coxas, e eu não pude deixar de notar. Inapropriado nem sequer começava a descrever os sentimentos que se agitaram em mim.

— Você está vestindo *isso* para um encontro? — Eu me odiava por querer que ela se sentisse insegura. Querendo que ela mudasse de ideia para não ir.

Ela olhou para baixo, não remotamente preocupada com a minha opinião.

— O que há de errado? Linus aprovou.

Tudo estava errado.

Meu peito estava apertado, e por que diabos estava tão quente nesta maldita sala?

— Depende. Que tipo de encontro é esse? — Para me torturar, me inclinei para trás, mudando o ângulo de visão. Era apenas um vislumbre, e então eu estava desviando os olhos. Mas foi o suficiente para eu saber que ela estava usando uma calcinha que combinava com aquele maldito vestido.

Ela ergueu uma sobrancelha para mim. Como um desafio silencioso. *Vá em frente e olhe. Diga-me que não está interessado. Minta para o meu rosto bonito e arrogante.*

Droga. Eu não deveria ter mexido com ela usando o colete ontem. Ela me desarmou.

— Primeiro encontro. Bebidas — disse ela.

— Bebidas? É isso? — Fiquei ofendido em nome dela. Nada dizia "amassos" como apenas bebidas. Não que eu quisesse que ela aterrissasse em um relacionamento de longo prazo com alguém. Eu também não queria que ela gostasse de uma pegação.

Eu não era um bom homem, mas contanto que eu não estivesse arrastando Ally para o chão e fodendo ela, eu ainda era melhor que meu pai.

— Isso é tudo para o qual estou mentalmente preparada neste momento. Estou tão enferrujada que me sinto mal pelo meu próximo parceiro sexual — ela confessou.

Em algum lugar ao longo da linha, ela começou a falar comigo como se fôssemos *amigos*. Como se aquele momento de honestidade no bar, aqueles e-mails trocados, tivessem de alguma forma nos tornado amigáveis. E enquanto eu ansiava por sua próxima confissão, eu também não conseguia lidar com a intimidade. Fui rasgado ao meio. Dividido entre querer saber tudo o que havia para saber sobre essa mulher e querer esquecer que ela existia.

Algo chamou sua atenção, e ela deslizou para fora da minha mesa, vagando pela sala.

Eu odiava quando ela se afastava de mim. Sempre parecia que ela levava a luz e o calor com ela.

Eu adicionei isso à minha Lista de Ódio.

Incapaz de me conter, levantei-me e a segui até o quadro de luz, onde ela estudou a série de fotos para um artigo interno. Peguei dois que pensei que poderiam funcionar com a intenção de arrastar Linus aqui para me dizer qual fazia mais sentido mostrar para minha mãe.

— Essas são divertidas. Eu amo esse vestido — ela meditou e apontou para uma modelo em um vestido de seda dourado. — Você tem um com ela em movimento?

Ela examinou as fotos subsequentes, e eu me inclinei com ela, apenas querendo estar mais perto. Havia algo nela que me atraia como uma sereia, mas me fazia sentir... seguro. Confortável. Fodidamente duro.

Eu bati em uma foto que eu tinha puxado para o lado. Inicialmente, chamou minha atenção, mas o objetivo da filmagem era duplo: mostrar

o vibrante Galliano vermelho na frente e no centro e incluir sutilmente uma modelo transgênero. A mulher de dourado.

— Ah, agora essa é uma foto — ela disse, pegando-a do quadro e estudando-a.

A modelo de vestido dourado girou para o lado, a brisa do leque pegou seu cabelo e a saia, levantando os dois. Ela era a única em movimento. O vermelho ainda estava na frente e no centro, a modelo no primeiro degrau de uma escada. As outras estavam em várias poses tradicionais que na vida real pareciam dolorosas e contorcidas, mas através das lentes mostravam cortes, tecidos e cores.

— Como vocês se conheceram? — Eu perguntei. *Por favor, pelo amor da minha sanidade, diga que em um grupo da igreja que promove a abstinência.*

— Quem? — Ela perguntou, passando as fotos

— Seu encontro.

— Oh. Em um aplicativo de namoro — ela disse alegremente.

Porra.

— Aqui. Olhe essas. Agora elas contam uma história. Você está dando ao olho um ponto de ancoragem com o vermelho. Ele vai pousar lá, mas precisa de um foco secundário. Você não pode perder essa, dourado, giro, sorriso. Seu lábio vermelho brinca com o vestido focal e torna toda a peça visualmente satisfatória. A manchete vai aqui.

O que ela estava dizendo fazia sentido, e eu poderia ter visualizado se não estivesse tão ocupado imaginando-a em algum aplicativo de amigo de foda comprando um caso de uma noite.

— Que tipo de aplicativo de namoro? — Eu exigi.

Ela se afastou do quadro de luz e revirou os olhos.

— Eu sei. Eu sei. Gola insistiu em criar um perfil para mim. A propósito, do meu sexo ao seu, uma foto de pau *não é* o jeito certo de começar uma conversa.

Eu fantasiei sobre caçar cada fodido idiota que enviou um pau e chutá-los nas bolas.

— Para onde ele está levando você? — Eu perguntei, odiando que eu não pudesse deixar de perguntar. Odiando que eu precisava saber.

— Vou encontrá-lo em um bar chamado O Mercado. Já esteve lá?

Apelidado de Mercado de Carne, as luzes eram baixas, as bebidas eram fortes e havia dois hotéis no mesmo quarteirão. Eu precisava saber.

— Sim. Talvez eu veja você lá — eu disse, fingindo examinar as fotos novamente. Eu não podia proibi-la de ir. E por mais que eu quisesse, não poderia inventar uma reunião falsa que exigisse sua presença tarde da noite. Não sem ela saber que era uma farsa.

— Você vai? — Ela parecia feliz, e eu queria estragar tudo. Eu queria fazê-la se sentir tão distorcida quanto eu.

— Eu mesmo vou encontrar alguém lá. Um encontro — eu menti.

Se eu tivesse que ser torturado por pensamentos dela saindo com algum cara aleatório que ela conheceu em um maldito aplicativo, então ela poderia gostar de me ver em um encontro com potencial real.

Seus olhos se estreitaram, e eu sabia que ela podia cheirar besteira.

— Não está na sua agenda.

— Eu não coloco meus compromissos pessoais no meu calendário de trabalho. — Outra mentira. Eu não tinha vida pessoal. Na verdade, eu nem conseguia me lembrar da última vez que fiz sexo. Mas eu conseguia me lembrar de cada fantasia que eu tive sobre Ally.

— Então talvez eu veja você hoje à noite — disse ela, sorrindo para mim.

Eu a observei sair.

E no segundo em que a porta se fechou, entrei no banheiro. Tudo que eu podia ver era aquele flash de tecido vermelho entre suas pernas. Tudo o que eu conseguia pensar era que alguém poderia tirá-lo dela.

Eram 9:30 da manhã, e eu estava fodendo meu punho desejando que fosse sua boceta doce e molhada apertando em torno do meu pau dolorido.

Neste momento, eu não gostava de nada em Ally Morales.

26
Ally

AUSTEN ERA BONITO, inteligente e claramente precisava de sexo casual ou de terapia.

Mas eu não conseguia tirar os olhos da porta do bar por tempo suficiente para decidir se estava interessada nele.

Porque eu estava esperando por um homem que não queria me querer.

Ugh.

De propósito, virei as costas para a porta e minha atenção no engenheiro civil divorciado de 42 anos. Ele pediu um copo de merlot e deu trabalho ao barman sobre a pronúncia. Eu pedi uma cerveja barata para o caso de ele insistir em dividir a conta. Ele me contou quinze coisas sobre sua ex-mulher, e eu mencionei o nome de Dominic duas vezes.

No que me dizia respeito, nenhum de nós era um bom partido.

Pude sentir no momento em que *ele* entrou. O ar no bar ficou eletricamente carregado como se um raio estivesse prestes a atingir as garrafas de bebida. Eu me forcei a não me virar, a me concentrar no que Austen estava dizendo.

— Deus, você deve pensar que eu sou um perdedor — disse ele, deixando cair os ombros.

— O quê? Por quê? — Eu não conseguia lembrar o que ele estava dizendo. Eu estava muito ocupada tentando parecer que estava ouvindo.

— Contei mais sobre minha ex-mulher do que sobre mim. Eu te fiz uma pergunta, e isso foi só para que eu pudesse levar a outra história sobre minha ex. Eu não estou nada pronto para isso.

— Você e eu, amigo — eu disse, levantando minha cerveja para seu copo de vinho.

— Meus amigos me disseram que eu precisava de sexo casual — ele confessou, depois empalideceu. — E eu provavelmente não deveria ter te contado isso. Eu acharia isso muito ofensivo se eu fosse você. Eu sou tão ruim nisso. Não estou pronto para namorar.

Ele era adoravelmente ruim nisso.

— Não se sinta mal — eu disse, batendo em seu ombro amigavelmente. — Também não estou exatamente em um espaço de relacionamento saudável.

— Nós não vamos ficar juntos, não é? — Austen adivinhou.

Eu balancei minha cabeça.

— Não. Mas você pode me contar tudo sobre sua ex e seu divórcio, se quiser.

Ele se iluminou.

O homem adorável começou no início. Segundo ano da faculdade. Senti um formigamento entre minhas omoplatas e *soube.* Eu nem pulei quando uma mão familiar se fechou em volta do meu ombro.

— Ally.

Eu me virei e quase engasguei com minha própria língua. Dominic havia largado a terno e estava arrasando com as mangas arregaçadas e o visual de suspensório. Eu finalmente senti que entendi o que era desmaiar. Mas não havia sofás de desmaio neste lugar.

E então havia outra complicação.

A deslumbrante mulher de um metro e oitenta de altura que parecia ter saído da capa da *Label* em um terninho pérola. Ela tinha uma pele escura impecável e o tipo de corte de cabelo curto que apenas mulheres muito, muito confiantes com excelente estrutura óssea poderiam usar.

A única maquiagem que ela parecia estar usando era um beicinho vermelho perfeitamente desenhado.

Eu tinha certeza de que tinha acabado de cair em uma situação com o encontro de Dominic.

— Dom... Sr. Russo — eu resmunguei.

Seus olhos se estreitaram.

Era um jogo estúpido de se jogar. Eu disse a ele que estaria aqui. Ele me disse que estaria aqui. E, no entanto, estávamos fingindo estar surpresos.

— Austen, esse é...

— Dominic Russo — Dom disse, oferecendo sua mão.

Pobre Austen desavisado pegou, e eu pensei ter ouvido um estalo de osso.

— Esta é Delaney — disse ele, apresentando a mulher injustamente bonita. — Delaney, esta é Ally.

Delaney não só tinha uma aparência impecável, mas também um sorriso brilhante. Eu realmente queria odiá-la... ou talvez ficar com ela.

— Prazer em conhecê-la, Ally — ela disse calorosamente.

Por que ela não podia ser uma pessoa terrível, eu gemi internamente.

Então me animei. Talvez ela fosse uma daquelas pessoas más no armário. Como alguém que estaciona em vagas para deficientes e joga sacolas de fast food pela janela de seu carro esportivo em mensageiros de bicicleta.

— Ally e eu trabalhamos juntos — disse Dominic. Mas a *maneira* como ele disse isso fez parecer sinistro. Como se houvesse muito mais do que isso. E se eu fosse a bela Delaney, suspeitaria imediatamente.

— Eu trabalho *para* o Sr. Russo — eu corrigi.

Dominic claramente não gostava que eu o chamasse assim. O que me fez querer fazer com mais frequência.

Delaney e Austen se apresentaram, já que Dominic e eu estávamos muito ocupados nos encarando para fazer isso.

— Posso trazer algo para vocês? — O barman perguntou, interrompendo a Hora do Desconforto.

Eles pediram, e então Dominic pegou o maldito banco bem ao lado do meu e puxou o outro para Delaney.

Ela até *cheirava* bem.

O bar estava cheio. Se Dominic Russo não tivesse se colocado entre mim e sua acompanhante, eu estaria pensando nas gorjetas que o barman estava ganhando. Em vez disso, eu estava pensando na mão do meu chefe descansando na parte de trás do meu banco. Sua perna pressionando meu joelho.

Era incrivelmente injusto que um homem que não queria me querer pudesse me deixar em uma nuvem sexual apenas por ficar ao meu lado. Tinha que ser o queijo. Eu precisava seriamente cortar. Tudo que Dom fazia parecia preliminares.

Austen pegou o fio da história da maior tragédia de todos os tempos com seu pedido de casamento na formatura da faculdade.

Tentei me concentrar. Mas quando Dom pegou sua bebida, ele manteve a outra mão nas costas da minha cadeira como se estivesse me reclamando. Reivindicando-me.

A sensação de relâmpago estava de volta. Só que agora, parecia que o raio estava indo direto para mim e, quando me atingiu, minha cabeça ia explodir. Eu não entendia que sentimento era esse. Tudo o que eu sabia era que não tinha tempo para explorá-la ou vontade de sobreviver a ele. Eu *queria* a mão dele ali. Eu queria que ele me apertasse. Eu queria aqueles olhos azuis fixos nos meus e aqueles lábios firmes e severos

movendo-se contra minha orelha enquanto ele me dizia que queria me levar para casa.

Eu queria respirar.

— Você me daria licença por um minuto? — Eu perguntei, cortando Austen no meio da opinião.

— Oh. Uh. Claro. — Ele piscou para sair de sua caminhada pela estrada da memória.

Eu deslizei do meu banco e tive que pressionar meu corpo inteiro contra o lado de Dominic para sair. Eu não me incomodei em me desculpar, apenas fui direto para o banheiro. Era um longo corredor, e no final dele, logo depois do banheiro feminino, havia uma alcova que levava a uma saída de emergência.

Eu tinha feito uma afirmação lógica. Que eu era capaz de me controlar perto do homem. Que pudéssemos ser amigáveis, não paqueradores. E, no entanto, aqui estava eu, tremendo de frustração sexual no corredor de um banheiro, enquanto o homem em quem eu não conseguia parar de pensar estava em um encontro com o ser humano mais bonito de todo o universo.

O. Que. Diabos. Estava. Errado. Comigo?

Eu realmente só precisava transar? Isso acabaria com esse aperto em mim? Alguns orgasmos me tornariam imune a ele?

— Você está bem?

Eu pulei e me virei.

Dominic estava me encarando como se não pudesse decidir se me cortava em pedaços ou puxava meu cabelo e me beijava.

— Não, eu não estou bem!

— O que há de errado? Aquele idiota disse alguma coisa? Fez alguma coisa?

— Austen? — Eu ri. — Não. Ele está bem. Ele ainda está apaixonado por sua ex-mulher.

— Então o que há de errado? — Ele exigiu, parecendo que queria consertar o que quer que fosse.

— Isso é estúpido, Dom.

— Então é Dom de novo? — Ele deu um passo mais perto, e aquela eletricidade acendeu dentro de novo.

— Cala a boca. Eu entrei em pânico.

— Por quê? — Ele tinha um fantasma de um sorriso brincando nos cantos de seus lábios.

— Para começar, acho que posso estar apaixonada pelo seu encontro. Ela é deslumbrante.

— Ela é — ele estupidamente concordou. — Ela é uma advogada de direitos humanos.

Tanto para arremessar sacolas de fast food em motociclistas.

— Você deveria voltar para o seu encontro — eu disse, cruzando os braços sobre o peito.

— Não, até que você me diga o que está errado.

Quando eu não respondi, ele pegou meu braço e me puxou para a alcova. O sinal de emergência queimava vermelho como um farol. Eu senti que esta situação se qualificava.

Eu estava presa entre a porta e o peito largo de Dom. Ele descansou as mãos em cada lado da minha cabeça, prendendo-me entre os antebraços tatuados.

— Fale.

— Eu não estou mentalmente preparada para outra rodada de honestidade com você — confessei.

— Grande merda. Desembucha, Malévola, ou não vou deixar você sair daqui.

Ele me manteria lá, presa sem realmente me tocar, todo o fim de semana só para provar um ponto.

— Tudo bem — eu disse. — Eu posso estar mais atraída por você do que eu pensava.

— E? — Ele disse arrogantemente.

— E eu não amo ver você em um encontro com uma mulher muito, muito, *muito* bonita e inteligente.

Aqueles olhos azuis não estavam frios agora. Havia um fogo vitorioso queimando neles. E eu tinha plena consciência de que estava em perigo imediato.

— Acho que preciso transar. Já faz muito tempo — eu confessei com pressa. — Há algum tipo estranho de acúmulo de energia sexual, e se eu não deixar sair, vou partir para cima de você ou algum outro espectador inocente.

Ele se inclinou, perto demaaaais para ser qualquer coisa além de um vamos lá. Fiquei imóvel enquanto ele traçava o nariz sobre minha bochecha e mandíbula.

— Bom — ele sussurrou.

— *Bom*? — Eu suspirei. Eu realmente queria odiá-lo. Mas, aparentemente, minha prioridade atual era cobiçá-lo.

— Eu quero que você sofra do jeito que eu sofro — disse ele, sua respiração quente contra meu ouvido.

Meu coração estava tentando explodir seu caminho para fora do meu peito. Eu não sabia onde o órgão tinha conseguido bananas de dinamite, mas era isso que estava acontecendo. Minhas entranhas se transformaram em lava... ou magma, o símile que fosse mais apropriado. E eu podia me sentir ficando cada vez mais molhada entre minhas pernas.

— Isso não é saudável, Encantado. Amigos não querem que os amigos explodam.

— Nós não somos amigos — disse ele.

— O que nós somos? — Eu perguntei. Eu estava realmente tremendo fisicamente por estar tão perto e ainda assim não perto o suficiente do homem.

— Somos mais parecidos com inimigos — disse ele. — Um de nós tem que ganhar, e um de nós tem que perder.

Ele não queria me querer. Mas se fosse preciso, queria que eu sofresse com ele. Idiota.

Isso parecia preciso, mas eu estava bêbada de feromônio o suficiente para me perguntar se nós dois conseguiríamos o que queríamos se ficássemos nus alguma vez. Inimigos com benefícios.

Minha pele estava em chamas. Minha pequena calcinha vermelha estava encharcada. E minhas paredes internas estavam tendo algum tipo de convulsão. Se ele não recuasse ou colocasse alguma parte de seu corpo dentro do meu agora, eu não achava que nenhum tribunal do país me responsabilizaria por minhas ações.

Estendi a mão, e nós dois assistimos enquanto eu colocava minhas mãos em seu peito. Ele era tão quente, tão sólido. Tão detestavelmente sexy.

— Você precisa sair, Ally.

Eu arrastei meus olhos para longe de seu peito.

— Como é?

— Sair do seu trabalho — disse ele lentamente. — Se você não trabalha lá, podemos fazer algo sobre isso.

— Você quer que eu saia do meu emprego para que possamos foder um ao outro fora de nossos sistemas?

Então era assim que um aneurisma parecia.

Eu sempre me perguntei.

Suas narinas dilataram, e eu juro que sua ereção cresceu mais meio centímetro de diâmetro e flexionou em suas calças.

— É exatamente o que eu quero.

Eu estava com raiva agora. Incrivelmente excitada, mas muito, muito, *muito* zangada.

— Nós dois estamos em encontros, e você está me dizendo que se eu largar meu emprego, um trabalho que é essencial para a sobrevivência da minha família, você ficará feliz em me foder — resumi.

— Eu vou encontrar outro emprego para você — disse ele, ignorando a parte de estar em encontros.

A coragem presunçosa e de resolução de problemas desse cara. Eu queria chutá-lo com os saltos mais pontudos que eu pudesse encontrar.

— Não posso me dar ao luxo de começar de novo. — Eu mantive minha voz baixa, mas ela tremeu de emoção. Não tinha *nada* na minha conta. Eu estava pendurada por um fio até o dia do pagamento sexta-feira. A cerveja no bar? Isso estava sendo pago baixando o termostato para dez graus pelos próximos dois dias. E Dominic Russo achava que tinha o direito de exigir que eu desistisse do *meu* emprego por *ele*.

— Além disso, o que te faz pensar que você vale a pena? — Eu fervi.

Seus olhos azuis brilharam, e ele se inclinou ainda mais perto.

Eu queria me dar um soco na cara pelo quanto meu corpo estúpido *ainda* queria que ele me tocasse.

— Nós dois sabemos como seria entre nós.

Não. Não. Não. Não. Nunca. Não vai acontecer. Não.

— Aqui está um pensamento. Que tal você voltar ao seu encontro antes de dizer algonincrivelmente mais ofensivo e estúpido? Embora eu

não tenha certeza se você conseguiria se tentasse. — Alimentada pela raiva feminina, dei-lhe um empurrão sólido.

Ele deu um passo para trás, seu olhar aquecido, mãos fechadas em seus lados.

Oh. Meu. Lanta. Aquela ereção parecia determinada a abrir caminho para fora daquelas calças muito caras.

Dominic manteve seu olhar em mim e estendeu a mão para se ajustar.

Cabras sagradas de pijama. Eu juro que quase desmaiei. Foi a coisa mais descaradamente sexual que ele fez na minha frente.

E eu queria *mais*.

Eu queria vê-lo nu, estendido diante de mim como um bufê.

Eu também nunca queria vê-lo novamente.

Ele se virou e começou a voltar para o bar. Agora eu estava olhando para sua bela bunda, me perguntando por que eu queria mordê-la *e* chutá-la. Então aquela bunda injustamente boa estava parando.

— Ah, Ally?

Fiz algum tipo de barulho entre um "huh" e um "murf".

— Delaney não é um encontro. Ela é a esposa de Harry.

— Seu filho da puta presunçoso. Você a trouxe aqui para mexer comigo.

Seu sorriso era puro mal.

— Eu não sou um cara legal, Ally. Lembre-se disso.

— Eu nunca esqueci, seu idiota pomposo.

Ele veio em minha direção novamente, e eu levantei ambas as mãos.

— Isso não é justo, Dom. Eu não gosto que você brinque comigo assim.

Seu rosto endureceu.

— Você acha que eu *gosto* disso? Você acha que eu gosto de ser o idiota que não pode ter você, então não quer que mais ninguém tenha? Você sabe como eu me senti o dia todo só de saber que você estava se vestindo para outra pessoa? Que você estava saindo com alguém? Que outro homem iria tocar em você esta noite?

Eu queria gritar de frustração.

— Isso é tão estupido. Não é que você não *pode* me ter. Você *não* me *quer*. Podemos ir para casa agora, tirar isso do nosso sistema e estar normal até amanhã de manhã. Mas você não quer.

— Enquanto nós dois trabalharmos para a *Label*, você é intocável, Ally. — Ele disse isso com uma calma gelada. — Se demita.

Eu queria reorganizar seu rosto estúpido e sexy.

— Não — eu assobiei. Eu precisava de um salário mais do que precisava de um pau condescendente dentro de mim.

— Então isso significa que eu não vou tocar em você. Isso também significa que toda vez que você tiver um encontro, eu vou aparecer para arruiná-lo porque eu sou esse tipo de idiota. — Era sua vez de mostrar um lampejo de raiva agora. E por alguma razão, provavelmente os hormônios do queijo, eu não acho que foi direcionado a mim.

Não, Dominic Russo se odiava agora. Por me querer.

— Isso é um monte de merda, e você sabe disso. — Eu estava perdendo minha sanidade. Essa era a única explicação para esta noite.

— Eu estou ciente. E eu sinto muito. De verdade — ele disse, fechando os olhos quando comecei a discutir. — Não é justo. Não é remotamente saudável. Acredite em mim. Eu entendo isso. Não é sua culpa. Mas eu não sou um cara legal, Ally. E a vida não é justa. Quanto mais cedo você entender isso, melhor.

— Oh, eu entendi em alto e bom som. E o que exatamente você vai fazer enquanto eu não estiver namorando? Fodendo seu caminho

através de todas as mulheres em Manhattan que não trabalham para você?

Ele estava de volta ao meu espaço novamente, e eu podia *sentir* o pulso de sua raiva. Combinou com a minha.

— Vou fazer o que tenho feito desde que te conheci — ele murmurou.

— O que é isso?

— Fodendo minha maldita mão e desejando que fosse você.

E lá se foram meus joelhos, dobrando-se sob mim.

27
Ally

NÃO FOI A MINHA melhor noite.

Depois que Dominic me pegou quando eu quase desmaiei nele, voltei para o bar. De volta a Austen. De volta ao banco que meu chefe guardava como um gárgula. E fingi que estava tudo bem.

Minhas urticárias no pescoço tinham urticária.

Dominic não me tocou novamente. Mas sua mão permaneceu uma presença firme no encosto da minha cadeira. Um lembrete de sua reivindicação.

Eu gostaria de flertar com o meu "encontro" para amarrar Dominic do jeito que ele fez comigo, mas eu só conseguia olhar fixamente para Austen enquanto ele falava sobre seu casamento.

Lá estava eu sentada, debatendo minhas opções.

Me demitir e ser fodida.

Ou ficar e me foder.

Eu, é claro, estava escolhendo a primeira opção. Minha situação exigia que eu mantivesse esse emprego. Minhas circunstâncias me forçariam a manter minha dignidade quando meu corpo não parecia capaz disso.

Ao meu lado, Dominic deu uma risada estrondosa em resposta a algo que Delaney disse.

Eu estava tão cansada. E triste. E com raiva. Eu tinha perdido uma noite de folga. Eu poderia ter feito uma visita ao meu pai. Eu poderia ter feito um turno de bufê ou passado a noite inteira descobrindo como remendar o teto da sala de estar. Ou, você sabe, fazer progresso *real* em uma tarefa monumental que me daria algum espaço para respirar.

Inferno, eu poderia ter ligado para minha melhor amiga, Faith, e ter falado com ela.

Todas essas coisas eram melhores do que ficar entre um homem que não superou sua ex e um que estava me punindo por não ser estúpida o suficiente para deixar meu emprego para passar uma noite nua com ele.

Porque eu tinha que me comprometer? Besteira.

Eu fantasiei em espetar meu cotovelo em seu torso muito perto, jogando minha bebida em seu rosto, e então dando uma joelhada em suas bolas.

Agora, eu o odiava. Eu o detestava.

A única coisa que eu odiava mais era o fato de que eu *ainda queria* Dominic Russo.

Era patético. Meu pai não tinha criado uma patética. Ele incutiu em mim uma fé profunda e permanente no meu valor inerente. Eu era mais do que apenas um brinquedo para um executivo entediado e excitado. Eu era melhor do que uma foda rápida.

Mas mesmo enquanto eu dizia isso a mim mesma, minha calcinha estava ficando cada vez mais úmida a cada segundo. Como se os hormônios sexuais tivessem destruído meu cérebro para que nada mais importasse além de ser tocada pelo homem ao meu lado.

Cada toque, não importa quão inocente, quão platônico, assumiu camadas de significado. Cada um desencadeou reações em cadeia na química do meu corpo. O roçar da perna de sua calça contra minha panturrilha agora estava exigindo mais da minha atenção do que a história de Austen sobre... Oh, meu Deus. Sua lua de mel.

Atrás de mim, Dominic falava com Delaney com facilidade, casualmente. Eles discutiram tudo, desde linhas de primavera até

crianças e uma crise humanitária que sua empresa estava seguindo. Mas eu *senti* a intensidade que ele dirigiu a mim.

Eu tive o suficiente. Eu me sentia maltratada, exausta e sexualmente frustrada. O fato de que eu ainda queria que ele me tocasse me fez duvidar da minha capacidade de tomar decisões. Desde o colegial eu não tinha sido tão hormonalmente compelida a tomar uma decisão tão terrível.

Isso é o que Dominic Russo era. Uma decisão terrível.

— Ei, você quer dividir um pedido de palitos de queijo? — Austen perguntou de repente.

— Você sabe o quê? Eu desisti de queijo recentemente. — Muito recentemente. — E foi muito bom conhecer você. Mas eu tenho que ir — eu disse a ele.

Ele ficou com um adorável tom de rosa.

— Eu acho que eu realmente fiz uma bagunça com isso, não é?

Eu deslizei para fora do banco, empurrando Dominic para fora do caminho com minha bunda. *Tome isso, idiota.*

— Você só precisa de tempo — eu disse a Austen. *E talvez alguma terapia.* Mas não todos nós? — Não se sinta mal por tomá-lo.

— Foi muito bom conhecer você, Ally — ele disse, levantando-se. — Obrigado por ouvir.

Coloquei minha mão em seu braço e dei um beijo em sua bochecha.

— Eu acho que você vai ficar bem, Austen.

Por trás, senti um campo de força de desaprovação bater em mim.

Coloquei meu casaco e me virei para encará-lo.

— Tenha uma boa noite, *chefe*. — Para qualquer terceiro inocente, as palavras soaram normais. Mas bombeei cada grama de veneno que pude reunir no olhar que lhe dei. Nós nos encaramos por um longo e duro momento.

— Você não vai ficar para o jantar? — Ele perguntou.

Eu pisquei. Essa foi uma pergunta estúpida e estranha.

— Eu não estou com fome — eu disse e passei por ele. — Delaney, foi um prazer conhecê-la — chamei a caminho da porta.

O vento amargo era bom em comparação com o fogo do inferno que deixei para trás.

Ainda era cedo, e eu não queria voltar para minha casa fria e vazia para comer sobras debaixo das cobertas. Eu poderia voltar para o escritório. Se eu terminasse as alterações de Shayla nos gráficos e os enviasse para ela, não precisaria chegar cedo amanhã. Isso significava mais tempo com papai.

Havia apenas uma coisa que eu precisava fazer primeiro. Decisão tomada, eu curvo meus ombros e me dirijo contra o vento.

O ESTÚDIO ESTAVA FECHADO para a noite. Poucas pessoas em Midtown estavam interessadas em ter aulas de dança depois das oito em uma noite de semana. Mas eu tinha uma chave e permissão para usar o espaço sempre que quisesse.

E esta noite, eu me sentia assim.

Coloquei minhas roupas de dança no vestiário, prendi o cabelo para trás e liguei minha playlist Foda-se nos alto-falantes. Apaguei todas as luzes, exceto os fios ao redor dos espelhos.

E eu me afasto de tudo.

"Her Strut" de Gretchen Wilson era tudo que eu precisava para me aquecer. Andei em direção ao espelho, soltando meus ombros com um movimento. Meus quadris já tinham encontrado a batida e estavam trabalhando para torná-la sua cadela.

Eu me movi, girei e me contorci pelo chão do estúdio, parando apenas para acender a luz LED da discoteca.

Uma batida implacável de Nine Inch Nails tomou conta de mim, seguida por Blondie. Eu estava suando agora. Meus músculos estavam quentes. Meus chutes mais altos. Backbends mais suaves. Mas aquela raiva gelada ainda não havia descongelado em meu peito.

"So Hott" de Kid Rock veio explodindo pelos alto-falantes, e eu esqueci de todo o resto, exceto como era a sensação de passar para a música.

Tudo começou com a aula de balé na escola primária. Mesmo quando criança, tinha sido muito rígido, muito confinado para mim. Eu adicionei toque. E então eu me apaixonei por Patrick Swayze em *Ritmo Quente.* Eu pratiquei rotinas de vídeo da MTV na sala de estar enquanto meu pai corrigia trabalhos na mesa da cozinha. No ensino médio, eu fazia a viagem para a cidade duas vezes por semana para uma aula de dança hip-hop. Houve aulas de dança na faculdade. Eu até dei uma chance ao baile de salão.

Eu aprendi o básico, as contagens, os passos. E então eu os juntei em uma celebração do movimento.

Em algum lugar ao longo do caminho, eu comecei a ensinar. A dança me faz sentir como se estivesse honrando meu corpo, minha vida. Ela coloriu como eu me movia por este mundo.

Senti um formigamento na base da minha espinha. Ele subiu entre minhas omoplatas. Se alguém estava me observando, eu não podia vê-los pelas janelas. E isso não importava de qualquer maneira.

Eu dançava para mim.

A batida mudou, e eu derreti no chão em uma lenta divisão de alongamento muscular. Eu rastejei para frente em direção aos espelhos, balançando e me contorcendo em minhas mãos e joelhos antes de ficar de pé e chutar minha perna no ar com violência.

O suor escorria em rios irregulares pelo meu peito e costas. Meu cabelo estava escapando de seus limites em cachos úmidos e desleixados.

A voz grave de Anderson East em "All on My Mind" me fez desacelerar. Entrei em uma coreografia familiar na qual estava trabalhando e me deixei fingir que nada mais existia do outro lado daquele vidro.

28
Dominic

EU NÃO TINHA PENSADO que era possível me odiar mais.

E então eu fui e me superei.

Ally tinha todo o direito de querer me matar. Inferno, eu não estava me sentindo muito bem em viver comigo mesma depois desta noite.

Delaney tentou me pegar depois que Ally e Austen saíram – separadamente. Eu não a estava enganando com toda aquela coisa de "ela é apenas uma funcionária". Então, eu gentilmente a empurrei no meu carro, instruí Nelson a levá-la para casa, e então decidi andar quantos quarteirões fosse necessário até minha raiva esfriar ou eu ter hipotermia.

Eu tinha fodido. Eu cruzei tantos limites naquele corredor que pensei que nunca mais seria capaz de me olhar no espelho novamente.

E então eu fui e piorei.

Eu não sabia que ela estaria lá. Mas eu ainda tinha ido.

Quando cheguei ao estúdio de dança que ela havia listado em seu formulário de emprego, bem, eu quase fiz papel de idiota ainda mais. Ela estava dançando em um estúdio vazio, movendo seu corpo de uma maneira que me fez desejar que não houvesse vidro entre nós, sem barreiras. Eu podia ouvir a batida fraca de sua música enquanto pulsava por dentro.

Era assim que meu pai se sentia? Ele tinha sido um homem normal até que algo quebrou dentro dele e ele não conseguiu se conter?

Eu estava destinado a seguir os passos de Paul Russo, filho da puta predatório e lixo geral?

Eu não conseguia parar de observá-la. Ela dançou como se fosse uma compulsão. Como ela tinha que fazer para continuar respirando.

Eu entendi, reconheci até. Mas minha compulsão não era essa arte pura e bonita. A minha não foi uma celebração como a de Ally.

O meu estava escuro. Sujo. E eu estava me afogando nele.

Fiquei ali olhando para ela, ansiando por ela, enquanto o frio da noite lentamente penetrava em meus ossos. Resfriado. Eu era um homem frio. Eu não era capaz de calor. Do romance. Gentileza. A mulher do outro lado do vidro merecia mais do que eu poderia dar a ela. Mas isso não me impediu de desejá-la.

Eu peguei coisas que não eram minhas antes. Mas não como meu pai. Nunca como meu pai.

Minha garganta apertou, vendo Ally deslizar para o chão e rastejar em direção ao espelho.

Eu queria o que não podia ter.

Eu a queria ao ponto do desespero. E isso me fez me odiar um pouco mais.

O escritório estava mais perto de casa. Eu não podia esperar.

EU DEI um aceno conciso para a segurança do prédio e fui para o meu escritório. A imagem de Ally rastejando em suas mãos e joelhos foi gravada em meu cérebro, destilada em meu sangue.

Esta noite eu tinha feito muitas coisas pelas quais me odiava. O que era mais um?

O quadragésimo terceiro andar estava vazio. E lutei contra meus instintos básicos dando uma volta lenta. Me atrevendo a não fazer isso. Disposto a ser forte o suficiente para não fazê-lo.

Mas foi uma batalha perdida.

Eu me tranquei em meu escritório, sem me incomodar com as luzes. No momento em que cruzei a porta do banheiro atrás da minha mesa, eu já tinha meu pau fora das minhas calças.

Chutei a porta, sem me preocupar em fechá-la completamente. Não importava. Eu tinha coisas mais urgentes para cuidar.

Fechando meus olhos, eu apertei a base do meu pau, desejando a necessidade pulsante de desacelerar ou parar. Eu me inclinei contra a penteadeira com minha mão livre e tentei não gozar no local.

Foi isso que ela fez comigo. Todos os malditos dias. Eu nunca quis alguém com essa intensidade de revirar o intestino antes. Senti como se meus neurônios estivessem esculpindo monumentos para a mulher em meu cérebro.

— Foda-se —, eu murmurei baixinho, dando ao meu eixo um golpe violento. — Ally.

Eu queria que fosse ela. Eu desejei estar empurrando meu caminho dentro dela enquanto ela envolvia suas pernas em volta de mim e sussurrava meu nome contra meus lábios. Eu desejei que ela fosse minha.

Minha visão estava ficando preta quando bombeei em minha mão. Golpes duros e cruéis. Eu não duraria. Eu não podia. Não contra os suspiros imaginados dos lindos lábios rosados de Ally. Não quando eu podia vê-la rastejando até mim, aqueles olhos castanhos implorando.

— Dom? Oh meu Deus! Eu sinto muito.

Porra. Porra. Porra.

A porta do banheiro se abriu, e lá estava ela, de volta em seu vestido e aquelas botas. Eu fodidamente a conjurei? Isso era alguma piada cruel?

— Cai fora, Ally — eu rosnei.

— Sinto muito —, ela sussurrou. — Eu estava deixando algo para Shayla, e havia papéis para você assinar, e eu usei uma chave e...

Eu arrisquei um olhar para ela no espelho.

Ela ainda estava lá e ela estava olhando para mim. Sua boca um O perfeito. Meu pau latejante estremeceu, e eu o segurei em um aperto.

Eu estava tão perto de vir. E ela estava bem ali.

Mas isso não era uma fantasia. Esta era a realidade. Havia regras.

E eu era um maldito monstro.

Desejá-la me transformou em um monstro.

— Dom, — ela disse suavemente.

Eu apertei meus olhos fechados.

— Ally, você precisa ir. Minha voz tremeu.

— Você disse meu nome. Antes, — ela disse, ela deu um passo mais perto. Ela parecia atordoada.

Ela me ouviu dizer seu nome enquanto eu estava acariciando meu próprio pau.

— Ally, eu não posso aguentar. Dê o fora daqui, — eu disse com os dentes cerrados. O desespero era amargo na minha boca.

Ela estava ao meu lado agora. Eu podia sentir o cheiro de seu maldito xampu de limão.

— Se você não estivesse preocupado com mais nada, — ela começou suavemente, — você gostaria que eu ficasse?

— Saia. Agora, — eu rosnei. Eu podia sentir meu pulso na minha cabeça e a coroa do meu pau simultaneamente.

Ela colocou a mão no meu ombro, e isso quase me quebrou.

— Me responda, Dom.

— Jesus. Por favor, Ally. — Eu estava implorando a ela agora. Se eu soltasse meu pau, eu gozaria. E ela ficava lá assistindo. Eu não podia fazer nada além de fechar meu punho em volta da minha maldita ereção e olhar para ela.

— Você está pensando em mim? — ela perguntou.

— Sim. — Eu lati a confissão com os dentes cerrados. — Feliz? Estou sempre pensando em você.

— Mas você não me quer o suficiente para quebrar as regras.

Eu arrisquei um olhar para ela. Suas pálpebras estavam pesadas, os lábios entreabertos e molhados como se ela tivesse acabado de lambê-los.

— As regras existem por uma razão.

Ela deu um passo ao meu redor e deslizou entre mim e a vaidade. A ponta do meu pau estava a centímetros de distância de seu estômago.

— Então você pode querer me tocar, me foder. Mas a regra é mais importante.

O suor escorria pelas minhas costas.

— Algo assim, — eu respirei. Neste segundo, minha própria lógica nem fazia sentido.

— Estou tão chateada com você, Dom. Mas aparentemente isso não significa que eu não queira saber como é ter você dentro de mim. E eu odeio isso —, ela confessou.

— Junte-se ao clube —, eu murmurei.

Tentei pensar em todas as coisas não-sexy do universo, mas nada conseguia arrancar meu cérebro de Ally. Não quando ela estava separando aquelas botas foda-me na minha frente e alcançando a bainha de seu vestido.

— Não faça isso, porra —, eu a avisei.

— Posso te mostrar? Por favor? Eu não vou se você não quiser.

Eu queria isso mais do que eu queria qualquer coisa em todo o maldito universo. Mais do que eu queria voltar para minha antiga vida. Mais do que eu queria que meu pai não fosse um monstro. Mais do que eu queria gozar.

— Deus. Sim.

Ela levantou a bainha do vestido, revelando aquela calcinha vermelha que eu tinha visto antes. Havia uma mancha molhada na frente. Ela estava fodidamente molhada.

— Isso é para mim? — As palavras rasgaram minha garganta como se fossem feitas de vidro.

— Eu penso em você também, Dom. Eu gosto de lutar com você, flertar com você. E, aparentemente, você ser um babaca alfa arrogante também é excitante. E eu não gosto disso mais do que você.

— Eu não posso ficar com você, Ally. Não como você quer. Não enquanto você trabalha aqui.

— E eu não posso desistir, — ela sussurrou.

Meu pau estava latejando e ficando roxo de raiva. Eu afrouxei meu aperto por um milímetro, aliviado quando eu não explodi ali mesmo em cima dela.

Observando-me, ela deslizou os polegares no cós da calcinha e deslizou pelas pernas. Eu não vi nada porque o vestido deslizou para baixo, cobrindo sua maldita terra prometida. Algodão vermelho na pele lisa e leitosa. Meu pau se contraiu. Eu retomei meu estrangulamento.

Ela tirou a calcinha e a entregou para mim. Ela estava quente. Eu mal me contive de segurá-los no meu rosto e respirá-los como um maldito pervertido.

— Dê-me algo para pensar esta noite, Dom. Por favor.

Ela estava me entregando uma maldita fantasia. E aquele "por favor". Aqueles olhos de mel líquidos me imploraram e me fizeram apertar ainda mais firme no meu eixo.

Seus lábios rosados se separaram enquanto ela me observava, e eu a imaginei de joelhos na minha frente. Eu não conseguia parar. Nem mesmo se eu tivesse tentado. Nem mesmo se toda a diretoria passasse

pela porta agora. Envolvendo sua calcinha em volta do meu punho, dei um golpe longo e duro no meu eixo abusado.

Eu gemi. Mas o gemido que saiu de sua garganta me deu forças para aguentar. Eu queria mais barulhos como esse dela. E eu queria todos eles para mim.

Estávamos a centímetros de distância neste banheiro. E eu já tinha cruzado tantas linhas. O que era mais um? Mas esta era *a* linha. Um que meu pai teria cruzado em um piscar de olhos sem pensar duas vezes. Porque isso o gratificou. Porque achava que merecia.

Eu era diferente. Eu sabia que não merecia. Eu não a merecia.

— Ally. Não posso. — Eu balancei minha cabeça, apertando meus olhos fechados. Eu não poderia ser como ele.

— Ok, Dom. — Ela parecia tão desapontada, e isso me fez sentir ainda pior. Eu era o cara mau, mesmo quando estava tentando ser o cara bom.

Ouvi o som da porta do banheiro se fechando suavemente. E quando abri os olhos, estava sozinho no banheiro.

Sozinho de novo.

Eu não podia nem ir atrás dela para me desculpar. Porque eu estava muito ocupado me masturbando com aquela calcinha vermelha. Minhas bolas doíam quando elas se aproximavam de mim, e eu senti isso crescer na base da minha coluna. Em segundos, eu estava gozando com tanta força que doía. Assistindo com uma fascinação amarga e desviante enquanto meu orgasmo cobria a mancha molhada que ela disse que era para mim. Continuei vindo, jorros enormes e tortuosos que não podiam ser contidos por um pequeno pedaço de algodão. Mas eu não me importei.

— Ally. — O nome dela queimou minha garganta. — Ally.

29
Ally

O NOME DO JOGO ERA EVITAR.

Depois de uma longa noite e sem dormir, pontuada não por um, mas dois banhos gelados, intermináveis conversas mentais e pesquisando na internet por "técnicas de distração", "como parar de imaginar meu chefe nu" – não pesquise no Google, a propósito – e "como se tornar um monge" , cheguei à conclusão de que meu único curso de ação racional era fingir que Dominic Russo não existia.

Eu estava furiosa com o homem. E então um vislumbre do monstro marinho de cabeça roxa em suas calças, e eu agi como um entregador de pizza em um pornô.

A dor em seu rosto quando eu o encontrei queimou em mim. Assim como a visão dele empunhando aquela porra de magnífica ereção através de suas calças abertas.

Eu. Ele estava pensando em *mim.* E quando deixei claro que estava disponível, que ele poderia ter a coisa real, ele me dispensou. O homem estava se masturbando com uma fantasia sobre mim, e ele ainda não queria a coisa real.

A única coisa que fazia algum sentido era que ele estava se escondendo atrás das regras, usando-as como desculpa. Porque eu era Elizabeth Bennett e tão abaixo dele que o fazia ficar doente ao pensar em realmente estar comigo.

Isso me irritou tudo de novo.

Na manhã seguinte, eu me esgueirei no grupo administrativo, examinando a sala como uma criatura gentil da floresta farejando o ar para... o que quer que coma criaturas gentis da floresta.

— Legal de sua parte se juntar a nós — Malina disse sarcasticamente.

Eu estava começando a pensar que ela fazia tudo sarcasticamente. Hoje, ela estava vestida com um vestido branco de inverno com o cabelo penteado para trás em um coque platinado perfeito. Sua boca parecia ter tido um encontro com algumas abelhas neste fim de semana ou ela fez uma visita a uma seringa de enchimentos.

— Você está bonita — observei.

Ela revirou os olhos de cílios grossos com desprezo.

— Ugh. Cala a boca.

Dei de ombros, depois me joguei na cadeira para ligar o computador. Enquanto ele ganhava vida, meu novo e bonito telefone de trabalho sinalizou uma mensagem de texto.

Encantado: Precisamos conversar.

Meu cérebro gritou:

— Oh, diabos, não — enquanto minhas partes traidoras de mulher começaram uma celebração inapropriada.

Eu *não* estava me colocando em uma situação em que pudesse ver, ouvir, cheirar ou estar a menos de cinco metros do homem. Eu não sabia o que estava acontecendo biologicamente comigo, mas eu era uma adulta, caramba.

Eu não era uma adolescente movida a hormônios sem respeito pelas consequências.

A única coisa que consegui enfiar na minha cabeça da noite para o dia foi que esse salário era a única coisa que mantinha meu pai onde ele precisava estar. E eu não ia fazer nada para prejudicar isso. Pelo menos, foi o que eu disse à minha vagina na noite passada.

O pânico dançou pela minha espinha. Se ele entrasse aqui e exigisse me ver, eu não confiava em mim mesma para não fazer algo estúpido. Era cinquenta e cinquenta se eu daria um soco na cara dele ou simplesmente iria direto para o zíper com as mãos ansiosas.

Felizmente, a salvação chegou na forma da minha supervisora. Zara estava correndo pelo corredor entre as fileiras de cubículos, notas adesivas em uma mão, caneta na outra.

— Preciso de um voluntário para sair e...

— Eu vou! — Eu pulei do meu assento como se estivesse carregado de mola.

Zara olhou para mim como a esquisita que eu era.

— Você nem sabe qual é a tarefa.

— Não importa — eu disse desesperadamente. — Se estiver fora do prédio, eu pego. Eu pego *todas* as tarefas fora do prédio.

— Está -12 graus e nevando lá fora — disse Gola, aparecendo atrás de Zara. Ela parecia preocupada. Eu não a culpo.

— Eu gosto do frio. Adoro — insisti. Palavras que eu nunca tinha colocado juntas em toda a minha vida.

— Bem, isso facilita meu trabalho — disse Zara. — Eu nem precisei subornar ninguém com o almoço. — Ela me entregou seis notas adesivas e, em seguida, pegou sua mão de volta quando eu as arranquei de seu alcance.

— Qual é a pressa? Há uma venda na cozinha de sopa? — Malina fungou, dando uma olhada na minha roupa.

Eu não estava vestida da cabeça aos pés em grifes, mas eu parecia bem. Você sabe, no caso de eu acidentalmente encontrar um certo alguém que deixou de existir.

Eu estava vestindo uma saia xadrez oscilante sobre meias com nervuras. Sólidos achados de brechós. Linus havia liberado minhas

botas de cano alto da última temporada do "Armário" para mim. Minha gola alta era um resquício da minha vida no Colorado, quando eu tinha mais de trinta e dois dólares no banco depois das contas.

Vamos, Deuses do Dia de Pagamento, e sorriam suas bênçãos sobre minha conta bancária.

— Mal, as cozinhas de sopa são gratuitas — Gola suspirou.

— Qual é o problema, Malina? Não conseguiu encontrar nenhuma criança pequena para chutar no seu caminho para o trabalho esta manhã? — Zara perguntou, reorganizando o resto de suas anotações.

Malina fez um ruído sibilante e voltou para sua cadeira.

Peguei a bolsa que tinha jogado no chão e fui para os elevadores. Eu realmente não achei que Dominic viria me procurar. Ele era mais um invocador. Mas eu também não estava disposta a correr esse risco.

— O que está acontecendo com você? — Gola perguntou, suas longas pernas comendo a distância entre nós enquanto eu abria a porta de vidro dos elevadores. — Está tudo certo?

— Está tudo ótimo — eu disse. Senti o rubor vermelho revelador subir pelo meu pescoço. Eu era uma mentirosa de merda. — Eu estou ótima.

Ela não parecia convencida.

— Por "ótima" você claramente quer dizer "prestes a perder a cabeça".

Eu apertei freneticamente o botão para baixo no elevador. Três vezes.

— Ah! Você está tão bonita hoje — eu disse.

A porta da escada se abriu no final do corredor, e o homem que não existia saiu. Seus olhos foram direto para mim.

Virei as costas e apertei o botão novamente.

— Ally, eu digo isso com amor — disse Gola. — Você precisa de uma massagem e um tratamento facial.

Eu podia sentir seu olhar em mim. Parecia fogo selvagem lambendo minha pele. Eu tinha que sair. Agora.

O misericordioso deus dos elevadores de arranha-céus brilhou seu amor divino sobre mim, e as portas se abriram com um ding digno. Entrei, jogando meu corpo no espaço já lotado. Eu não podia me dar ao luxo de esperar por outro.

— Eu te ligo mais tarde — prometi a Gola freneticamente enquanto apertava o botão fechar.

Teimosamente, as portas se recusaram a fechar.

Dominic estava se aproximando, espreitando em minha direção com assassinato em seus olhos e – aquilo era uma porra de um colete? Aquele filho da puta!

Soltei o botão, pronta para me posicionar contra ele, contra o colete. Nesse momento, as malditas portas começaram a deslizar uma em direção à outra.

Seus olhos azuis estavam gelados e preocupados. Ele parecia o mesmo de ontem à noite, exceto que ele não estava, você sabe, se masturbando violentamente e falando meu nome.

Era estranho que o momento mais sexy da minha vida não tivesse realmente envolvido sexo?

Fiquei com os joelhos fracos com um desejo tão carnal que temi morrer na hora.

— Posso ajudá-lo com algo, Sr. Russo? — Gola guinchou enquanto avançava.

Eu olhei para ele, canalizando toda a minha angústia e talvez um pouco do calor que emanava da minha região abaixo da cintura através

do espaço entre as portas até que elas se fecharam, cortando nossa conexão.

Todos os outros no elevador estavam olhando para mim, mas eu os ignorei. Uma gota de suor desceu pelas minhas costas enquanto eu soltava um longo suspiro. Parecia uma vitória. Como se eu tivesse acabado de escapar de um leão faminto. Esta gazela idiota viveria para outro dia. O sentimento triunfante ficou comigo até que eu cruzei o saguão e mergulhei no miserável mundo frio e cinzento.



MINHAS TAREFAS ERAM uma mistura de coletas, entregas e bisbilhotar locais para vários departamentos.

No meio da minha lista, eu desabei e entrei em um café. Estava quente e aconchegante lá dentro. Também estava cheio de pessoas que me lembravam a minha antiga eu. Designers e escritores, amontoados em laptops, definindo seus próprios horários, relaxando com café com leite espumoso que podiam pagar.

Eu pedi um café preto grande e olhei ansiosamente para os doces na caixa. Então me lembrei dos trinta e dois dólares no banco. O dia do pagamento era amanhã. Eu só tinha que aguentar até então. Eu desistiria muito perto. Eu estava quase sem mantimentos. A conta do gás estava atrasada. E eu estava o mais atrasada que podia nas contas do papai. Eu estava prendendo a respiração até aquele depósito direto chegar às 12h01. Então, depois de preencher aqueles cheques, eu ia comprar uma dose de uísque. Uma dose da prateleira inferior.

A música em meus fones de ouvido foi cortada quando meu alerta de mensagem soou.

Eu sabia antes mesmo de olhar para a tela quem era.

Encantado: Você não pode correr para sempre. Teremos essa conversa mais cedo ou mais tarde.

Peguei meu café no balcão e deslizei em uma cadeira no canto de frente para a janela de vidro fumegante.

Eu: Não.

Encantado: Onde você está?

Eu: Você não pode me demitir.

Encantado: Eu não estou tentando demiti-la. Estou tentando me desculpar e prometer que nunca mais vai acontecer. Na verdade, você poderia me despedir. Você deveria me demitir.

Eu: O que há de errado com você?

Encantado: Eu não sei.

Encantado: É mais seguro falar com o RH. Eu não impediria você de fazer isso.

Desisti de tentar enviar mensagens de texto com os dedos ainda congelados e disquei.

— Ally. — A maneira como ele disse meu nome fez minhas partes femininas apertarem. — Onde você está? Podemos conversar? Não precisamos estar sozinhos. Eu posso levar um representante do RH...

— O que diabos está errado com você? — Eu exigi. A mulher ao meu lado estudando cuidadosamente a Bíblia olhou para mim.

— Você vai ter que ser mais específica — ele disse no meu ouvido.

— A porta do seu escritório estava trancada, Dom — eu apontei em um volume mais modulado.

— Não importa.

— A porta do seu escritório estava trancada, e era bem depois do expediente. Você não me atraiu até lá, seu idiota. Eu estava deixando arquivos e usei a chave que Greta guarda em sua mesa.

— Meu comportamento foi inconcebível — disse ele, sua voz baixa e áspera nas bordas.

— Oh, por favor — eu zombei. — Você deveria ver o que eu faço com um vibrador nas noites de sábado.

— Ally. — Ele mordeu meu nome como se estivesse com dor física.

O cara de jaqueta de esqui amarelo-limão mandando mensagens de texto em seu telefone como se fosse um trabalho em tempo integral me lançou um olhar interessado.

— Não vai acontecer, amigo — eu disse a ele.

Ele voltou a enviar mensagens de texto, e agora eu me preocupava que ele estivesse fazendo uma daquelas coisas de tweet ao vivo. *Ei Twitter, estou sentado em um café cuidando da minha vida quando a garota ao meu lado começa a falar sobre vibradores...*

— O quê? — Perguntou Dom.

— Você não. Bem, você também. Não estou tentando assediar você, Dom. Meu ponto é que todo mundo age inconscientemente em seu tempo pessoal. Eu apenas de invadir o seu. Você não me assediou. Você não me agrediu. Você me *rejeitou.*

— Eu acho que você está perdendo o ponto principal — disse ele secamente.

— Sim, bem, acho que você perdeu o barco. Você teve a chance de tirar isso do seu sistema e disse não.

— Eu sou seu *chefe*. E você está sendo muito teimosa sobre se demitir.

— Neste ponto, eu realmente não ligo para merda nenhuma, Dominic.

A senhora do estudo bíblico limpou a garganta de uma forma judiciosa e acenou com a cabeça em direção aos adolescentes à sua frente.

— Desculpe — eu murmurei para eles. — Olha, você teve sua chance. Você deixou bem claro que não tem vontade de... tomar café comigo — eu disse para Dominic.

— Café?

— É um eufemismo. Tem um grupo de estudo bíblico acontecendo aqui — eu assobiei ao telefone. — Lide com isso.

— Tudo bem. Acredito que deixei claro que não tenho nada *além* do desejo de entrar na porra das suas calças, Ally — ele rosnou.

— É, é. Mas você não vai agir sobre isso, blá blá blá. E eu não vou me jogar em você. Você não me assediou. Eu não assediei você. A partir deste segundo, não temos nada para falar novamente.

— Então, você vai me evitar pelo resto da sua vida?

— É exatamente isso que vou fazer. Porque eu mereço mais. Eu mereço um cara que não fique horrorizado por ser fisicamente atraído por mim.

— Isso não é justo...

— Cala a boca, Encantado. Aqui está o que vamos fazer daqui para frente. Absolutamente nada. Seremos educados no trabalho. Não enviaremos mensagens de texto, nem e-mails, nem conversaremos, nem brigaremos. Nunca estaremos sozinhos. Nós nunca vamos tomar café.

— Você está com medo de mim, Ally?

— Estou com medo de que, se estiver em uma sala sozinha com você, não serei capaz de me controlar.

Ouvi a respiração dele e me perguntei se ele estava esmagando o telefone na mão.

A senhora do estudo bíblico estava agora discutindo um salmo no volume máximo, tentando me abafar.

— Se controlar? — O tom de Dominic era enganosamente neutro. Mas eu sabia, eu *sabia* que ele estava tudo menos isso.

— Sim, Dom. Tenho medo de ir até você e quebrar seu maldito nariz.

Sua risada era seca, sem humor.

— Você é uma mulher infernal, Ally.

— Você está muito certo que eu sou. E você é o idiota que a perdeu.

— Eu sou — ele concordou.

Mas eu não queria seu acordo de pena. Eu queria fingir que ele nunca existiu.

— Excelente. Agora que resolvemos isso. Saia do meu telefone.

30
Ally

NA SEXTA-FEIRA DE MANHÃ, espiei o departamento de folha de pagamento, certificando-me de que a convocação não era algum tipo de armadilha de Dominic para me fazer falar com ele.

Um loop sem fim de cada mensagem confusa e rejeição do homem passou pela minha cabeça.

Deveria ser suficiente para dominar qualquer desejo carnal. Mas toda vez que eu pensava no homem segurando seu pau e *dizendo meu nome,* eu ficava um pouco fraca nos joelhos.

Eu atribuí isso aos hormônios do queijo e dupliquei minha decisão.

Oficialmente, não havia nenhuma maneira no inferno que eu iria a) me jogar em qualquer homem muito burro ou teimoso para se divertir ou b) me tornar alguma subordinada assediadora sexual. Eu precisava desse emprego. Eu precisava desse salário. Eu não precisava do meu chefe me cobiçando e depois me fazendo sentir como uma tola.

Eu ia me esforçar, ganhar meu salário e cavar meu caminho para sair da enorme dívida que consegui acumular.

Tudo que eu tinha que fazer era passar o resto do dia e eu estaria livre de chefes durante todo o fim de semana. Eu tinha dois turnos de bartender, um serviço de bufê no sábado à noite e uma aula de dança no domingo de manhã. Mais horas de glória na reforma da casa para me manter ocupada neste fim de semana. Eu chegaria na segunda-feira desintoxicada de Dom e queijo e de volta aos trilhos.

O melhor de tudo, hoje era dia de pagamento. Eu poderia ser capaz de comprar alguns mantimentos reais.

— Oi, eu sou Ally Morales — eu disse, me apresentando para a mulher na primeira mesa. — Deixaram um recado para vir esta manhã.

Ela me deu um sorriso simpático. *Uh-oh.*

— Ally, receio ter más notícias. Houve uma confusão com o seu depósito direto, e vai demorar até segunda-feira para resolver.

Meus ouvidos ligaram o filtro whomp whomp whomp enquanto a mulher em Marc Jacobs explicava sobre os números transpostos no número de roteamento.

— Então o que isso quer dizer? — Eu perguntei, piscando fora do meu estupor.

— Isso significa que seu pagamento não será depositado até segunda-feira.

Na minha cabeça, repassei cada palavrão que conhecia. Mesmo alguns eu não tinha certeza.

— Eu posso pegar um cheque. Ou dinheiro. — Ou uma daquelas pulseiras brilhantes que ela estava usando e que tilintava quando ela movia a mão.

O suor do desespero subiu pelas minhas axilas. *Só para você saber, pessoal, o desodorante da loja de 1,99 não funciona em situações estressantes.*

A moça de Marc Jacobs me lançou outro olhar solidário.

— Não há nada que eu possa fazer neste momento. Você vai ter que esperar até segunda-feira.

Esperar até segunda-feira.

Eu havia esticado o período de carência da casa de repouso o máximo possível sem quebrá-lo como um elástico. Amanhã de manhã, às 9 horas, as taxas atrasadas mais um pagamento de boa fé teriam que ser feitas. Eu tinha que desembolsar 5.327,94 dólares. Se não.

Eu me virei e saí sem outra palavra. Em um corredor com pessoas bonitas em roupas bonitas que nunca sentiram fome, nunca tiveram que escolher entre comida e calor. Ou comida e o bem-estar do pai.

Era incrível quantas pessoas não sabiam como era o verdadeiro desespero. Era incrível que esta fosse a primeira vez em meus trinta e nove anos que eu estava sentindo isso. Eu tinha uma vida. Um pai que me amava. Uma carreira. Poupança. Deus. Isso parecia séculos atrás, em vez de seis curtos meses.

Eu tinha quase 2.000 dólares escondidos. Meu salário deveria cobrir o resto.

O que eu faria entre agora e amanhã para conseguir mais de 3.000 dólares em menos de vinte e quatro horas?

Talvez eu pudesse me jogar à mercê da secretária Deena e implorar por mais tempo?

Nessa deixa, meu celular tocou. Era o escritório da casa de repouso ligando. O pânico fez cócegas na minha garganta.

— Olá?

— Srta. Morais. — A voz de bruxa malvada de Nova Jersey de Deena transformou meu sangue em gelo. — Eu estou ligando para ver se eu preciso instruir a equipe de enfermagem para começar a empacotar os pertences de seu pai hoje. — Ela parecia francamente alegre.

— Isso não será necessário. — Eu sufoquei as palavras.

— Bem, isso não é uma boa notícia? — Ela disse, seu tom deixando claro que ela não acreditava em mim. — Se for mais conveniente para você, ficarei feliz em aceitar seu cheque hoje.

Eu engoli em seco.

— Amanhã está bom. — Eu precisava de cada segundo entre agora e depois.

— Vejo você amanhã às nove em ponto — disse Deena. Pode ter sido minha imaginação, mas achei que a ouvi gargalhar pouco antes de desligar.

Merda. Merda. Merda.

Cambaleando, cega pelas lágrimas não derramadas, comecei a me mover.

Eu cortei o canto e quiquei em um peito duro e coberto como uma bola de pinball. Mas ele não me pegou. Foi o outro homem ao lado dele que me firmou.

— Ally, certo? Você está bem? — Ele perguntou. Christian James. Designer. Covinhas. Aposto que ele não me rejeitaria se eu entregasse minha calcinha. Meu cérebro era uma montanha-russa de confusão e medo. Eu falhei. Papai ia perder a cama por minha causa.

— Tudo bem — eu menti, a palavra saindo como se eu estivesse sendo estrangulada. Sufocando no meu próprio fracasso. Meu pescoço estava quente e coçando.

— Ally, o que há de errado? — Dominic estava me livrando do aperto gentil de Christian.

Eu não conseguia recuperar o fôlego. As paredes elegantes da *Label* estavam se aproximando de mim. Os olhos azuis e preocupados de Dominic.

Eu me libertei dele.

— Nada — eu ofeguei. Ele estendeu a mão para mim novamente, e eu balancei minha cabeça antes de fugir para a porta das escadas.

Com medo de que ele me seguisse, subi em vez de descer correndo. No momento em que atingi o telhado e atravessei a porta no frio cortante, eu estava sem energia. Mentalmente, emocionalmente, fisicamente. Era isso. Fundo do poço. Se o fundo do poço acontecesse em cima de um arranha-céu em Midtown em fevereiro.

Eu arrastei uma respiração gelada e soltei em uma nuvem prateada. De novo e de novo até que o aperto no meu peito começou a afrouxar.

— Ataque de pânico. Não ataque cardíaco — eu sussurrei para mim mesma enquanto me colava na parede e esperava que passasse.

Não havia espaço para pânico. Não há tempo para lamentar. Eu precisava de uma solução. Eu precisava de ajuda.

Eu dei mais um minuto, esperando por inspiração divina da deusa dos colapsos dos arranha-céus. Quando nenhuma veio, eu fiz a próxima melhor coisa. Peguei meu telefone e liguei para Faith.

O rosto da minha melhor amiga apareceu na minha tela, uma máscara de olho torta em sua testa.

— E aí? — Ela raspou. Seu cabelo preto natural estava loiro platinado com mechas sutis de violeta empurradas para cima em um nó torto.

— Longa noite? — Eu ofeguei.

— Eu possuo quarenta por cento de um clube de strip. O que você acha?

Ladies and Gentlemen era um clube de strip com tema de Miami com oportunidades iguais, com homens, mulheres e uma trupe de talentosas drag queens.

Era fabuloso e até elegante de um jeito debochado e nu.

— Hoje é noite das amadoras, certo?

Ela se sentou na cama, balançando o telefone. Olhei para o teto dela por alguns segundos e peguei um deslize acidental de sua lingerie rosa choque porque é claro que minha melhor amiga dormia de lingerie.

— Você vai? — Ela gritou, pegando o telefone de volta.

— Quanto você disse que eu posso ganhar? — Eu perguntei. Faith estava tentando me convencer a entrar na noite amadora desde que voltei para casa.

— Todos os participantes recebem 100 dólares mais duas bebidas grátis. Em seguida, os três primeiros competidores dividiram o prêmio

em dinheiro. Você, com suas habilidades de sacudir a bunda, é fácil conseguir o primeiro lugar, mesmo sem mim como juíza. Isso vai ser 2.500 dólares fácil. Além de gorjetas.

Ela me ganhou em bebidas grátis. E nos 2.500 dólares.

Eu queria chorar. E tudo que eu tinha que fazer era sacudir minha bunda. Ah, sim, e mostrar meus peitos em um clube cheio de estranhos. Como essa era a minha vida?

— Eu não tenho que fazer nenhuma dança particular ou qualquer coisa, certo? — Eu esclareci.

— Não. A menos que você queira.

— Tudo bem — eu disse, fechando os olhos.

Peça o dinheiro para ela. Pergunte a ela. Basta dizer as palavras. Por favor, me ajude, Faith.

Mas eu tinha feito promessas. E agora, aquelas promessas ininterruptas eram a única coisa que eu tinha feito certo.

— Você deve estar precisando de dinheiro — observou ela. Ela pegou uma lata aberta de refrigerante na mesa de cabeceira e bebeu um Twizzler. Faith era uma daquelas pessoas irritantes cujo metabolismo acelerou em seus trinta anos.

— As coisas estão ficando um pouco apertadas — eu disse sem jeito.

— Sério, amor. Se você precisa de dinheiro...

— Estou bem. Tudo está bem. A que horas devo estar lá?

Ela me lançou um olhar incrédulo.

— Estou falando sério — eu insisti. — Vai ser divertido. — *Mentiras. Tantas pequenas mentiras sujas.*

— Onze.

Lado positivo. Pelo menos eu poderia passar algumas horas no bar do Rooster antes da minha humilhação. Cada dólar contava agora.

— O que eu devo vestir? — Saiu como um guincho, e eu limpei minha garganta.

— Oh, querida. Eu cubro isso. Ou não. Piscadela! — Faith sorriu.

Meu estômago embrulhou novamente. Mas eu não tinha escolha. Eu estava sem opções, a menos que quisesse realizar os piores medos do meu pai. Eu tinha feito essa bagunça, e eu iria limpá-la não importa o que custasse.

— Ok. — Eu me fortaleci com outro hálito frio. — Vejo você às onze.

— Mal posso esperar! Você vai se sair muito bem. Onze da noite no camarim do Ladies and Gentlemen. Esteja lá e pronta para desnudar — ela cantou.

— Sim. Te vejo lá então — eu disse e desliguei.

Segurei o telefone na testa em uma tentativa idiota de afastar a dor de cabeça que estava começando a perfurar meu cérebro.

Eu me dei mais trinta segundos de medo e miséria, de amaldiçoar o universo por seu plano estúpido para mim. Então eu endireitei os ombros e marchei em direção à porta.

Eu faria o que tivesse que fazer. Assim como meu pai fez enquanto me criava. E algum dia, daqui a muitos, muitos, muitos anos, eu talvez olhe para trás e ria desse desastre.

31
Ally

VANCE ERA UM CARA pálido com uma barriga de cerveja confortável que se vestia como um figurante do *Miami Vice* e falava como um Tony Soprano canadense. Ele usava calças brancas e uma camisa vermelha com papagaios e palmeiras. Um trio de correntes de ouro emaranhado em torno de seu generoso tapete de pêlos no peito.

— Água e café são gratuitos. O kit de primeiros socorros está no vestiário para o caso de você se beliscar no pole ou ficar com bolhas nos sapatos ou em outros enfeites — ele explicou enquanto me conduzia ao longo de uma longa parede espelhada que refletia as luzes rosa e roxas do palco.

O baixo estava batendo, e havia uma mulher no palco se enrolada no pole como um coala.

— Nas noites amadoras, eu procuro bagels para todas as garotas. Você recebe um armário com um cadeado de combinação. A regra é que nenhuma garota sai do prédio sozinha. Temos uma grande e robusta equipe de segurança que não se importa de enviar uma mensagem aos clientes. Nada de tocar nas dançarinas, nas garçonetes ou nas bartenders.

Eu balancei a cabeça severamente e fingi não ver o mar de homens, e algumas mulheres, que estavam amontoados em cabines e ao redor de mesas redondas ao longo do palco. Tudo lá para me testemunhar desistindo do meu último resquício de dignidade.

— Você recebe duas bebidas do bar por turno — disse Vance, segurando aberta uma porta de funcionários para mim. — Eu não aconselharia beber os dois ao mesmo tempo, já que Esther os deixa muito fortes. Você pode cair do pole, hein?

— Ha — eu consegui.

Segui seus ombros de papagaio vermelho por um longo corredor.

— O chefe me disse para trazê-la direto quando você chegasse aqui — ele explicou, batendo uma batida superficial antes de abrir outra porta com uma placa que dizia Sem Calças, Sem Problemas. — Entrega especial, chefe.

"Chefe" era Faith Vigoda, minha melhor amiga desde a quinta série. Ela sempre me lembrou de uma alta e negra Gwen Stefani que não sabia cantar. Mas Faith não precisava cantar. Ela nasceu com uma perspicácia empresarial genial.

No verão antes da sexta série, sua barraca de limonada rendeu tanto dinheiro que ela conseguiu licenças e dois funcionários de meio período. Ela pagou a faculdade com o dinheiro ganho administrando um negócio ilegal de redação de artigos para outras escolas. Depois da faculdade, ela se tornou legítima, diversificando para aluguel de propriedades e, finalmente, para o negócio de entretenimento.

Ela era sócia aqui há quatro anos e, sozinha, dobrou a receita do clube.

— Estou tão animada que você está aqui — ela gritou, pulando de trás de sua mesa para me agarrar. Ela me puxou para um abraço que eu precisava desesperadamente.

— É tão bom ver você. — E apesar das circunstâncias, realmente era.

— Você tem estado um pouco ocupada ultimamente — ela disse, me perdoando. — Como está seu pai? Como está a perna dele? Fale-me sobre o trabalho.

Eu me joguei em uma poltrona de veludo rosa e contei a ela tudo, menos a situação financeira e Dominic Russo, pintando o retrato de uma filha obediente e empregada diligente.

— Nada disso explica porquê de repente você está aqui para a noite amadora.

— As coisas estão um pouco apertadas agora. Meu primeiro pagamento da revista está atrasado, então imaginei... — Dei de ombros e parei sem jeito.

— Uh-hum. Bem, nós definitivamente vamos falar sobre todas as coisas que você não está dizendo depois. Mas primeiro vamos te vestir. Como você se sente sobre uma vaqueira sexy ou uma líder de torcida profissional?

Nauseada.



— O QUE VOCÊ ACHA? — Eu perguntei, saindo com cuidado da área de vestir em uma plataforma de stiletto de doze centímetros, branco e couro envernizado.

Faith estava girando em círculos lentos em uma cadeira de salão estacionada em frente a um espelho de maquiagem cafona enquanto folheava relatórios de lucros. Ela parou e largou a papelada e me fez dar uma volta.

Isso não era como a reforma do Fada Padrinho Linus. Não. Essa transformação em particular envolvia uma camisa xadrez de manga comprida com botões amarrados entre meus seios, shorts azuis atrevidos que já estavam subindo pela minha bunda e protetores de mamilo azuis brilhantes que eu esperava que ninguém mais visse.

— Não abaixe o short. Shorts curtos recebem mais gorjetas — ela insistiu quando tentei fazer exatamente isso.

Suspirei com os dentes cerrados e tentei não pensar no que estaria fazendo em cerca de nove minutos. Engulo em seco.

— Você está ótima — disse ela. Ela se levantou e enfiou as mãos no meu cabelo despenteando-o.

— Devo ir mais pesado na maquiagem? — *Talvez nivelar para Palhaço ou Mímico para que eu pudesse pelo menos ter parte do meu corpo disfarçado.*

— Não. Saudável é bom na noite amadora. Você parece alguém que eu levaria para minha mãe se eu fosse um homem... ou uma lésbica.

— Tequila — eu disse fracamente.

— Tequila, garota.

Nós duas estremecemos.

— Sente-se — disse ela, apontando para a cadeira de maquiagem. — Eu vou pegar um pouco de água para você. Você vai suar lá em cima, então mantenha-se hidratada.

Eu já estava suando frio.

Havia um circuito fechado de TV no camarim que mostrava as mesas ao redor do palco e do bar. Ficou mais cheio desde que cheguei. Tentei não calcular quantos olhos estariam vendo meus seios esta noite.

A área dos camarins estava mais limpa e alegre do que eu imaginava. Eu imaginei injustamente mulheres nuas penduradas em cadeiras de metal, fumando cigarros ininterruptos e limpando umas às outras do glitter corporal.

Definitivamente havia glitter, mas a única dançarina que eu tinha visto tinha chegado em sua minivan da aula de Pilates com um smoothie de frutas frescas. Ela nem estava aqui para dançar. Ela estava sendo DJ na noite amadora. O resto das amadoras foram encurraladas em um vestiário secundário para que eu pudesse ter meu colapso em paz.

Havia um sofá longo e baixo ao longo de uma parede enterrado sob um monte de almofadas cor-de-rosa peludas. Cinco penteadeiras

decoradas com fotos e bugigangas pessoais, como armários de escola secundária, ocupavam a parede oposta. Havia uma área de guarda-roupa aberta, muito menor do que o Armário da *Label*, mas igualmente organizada e contendo o mesmo número de lantejoulas. A iluminação suave em tons de rosa deu a todos uma aparência fresca e úmida, e difusores de óleo encheram a sala com os aromas delicados de hortelã-pimenta e eucalipto.

Faith voltou com um copo de água com limão e pepino, e eu bebi metade.

— Eu não me sinto tão bem — eu confessei.

Ela se inclinou, colocando as mãos nos braços da cadeira.

— Ouça aqui, Ally. Muita gente dança por dinheiro. Bailarinas, Jane Fonda, Laker Girls, dançarinas de apoio, Rockettes. Todas as mulheres que ganham dinheiro movendo seus corpos. Não há nada remotamente vergonhoso nisso — Faith insistiu. — Você não está fazendo nada de errado. E qualquer um que lhe diga que você está é...

— Parte do patriarcado — eu terminei para ela. Nós tivemos essa discussão algumas vezes antes.

Mas nunca enquanto eu já estava seminua e planejando ficar mais nua.

— Essa é a minha garota. — Ela me enquadrou para enfrentar o espelho. — Você ama dançar?

Eu balancei a cabeça.

— Deixe-me ouvir você, querida. Você ama dançar? — Ela perguntou novamente.

— Eu amo dançar — eu disse. Eu amava. Eu realmente amava. A única diferença real, além do público faminto com punhados de dinheiro e fantasias sujas, era que eu estaria fazendo essa dança sem sutiã.

— Você ama a música, as luzes, a dança. E isso é tudo que você tem que pensar. Você está indo lá e está celebrando seu corpo. Você está fazendo isso por você. Não eles. Eles estão autorizados a assistir, mas isso é tudo sobre você.

— Tudo sobre mim — eu disse, com mais firmeza desta vez. *Eu me perguntei se Faith já havia considerado uma carreira em coaching de vida.*

— Boa garota. Agora, quem tem o poder? — Ela perguntou.

— Eu tenho — eu sussurrei.

— Não consigo te ouvir.

— Eu tenho — eu disse novamente.

— Isso mesmo. Você tem. Então, você vai sair e sacudir essa sua talentosa bunda. E então você sabe o que vai fazer?

— Queimar essas roupas e ficar bêbada?

— Não. Bem, talvez. Mas primeiro, você vai recolher o dinheiro que ganhou e depois virá tomar uma bebida comigo no bar e me explicar o quão ruim as coisas realmente estão.

Eu estremeci.

Eu sabia que podia pedir-lhe o dinheiro. E eu sabia que ela me daria. Sem perguntas. Sem expectativa de reembolso. Mas eu prometi a papai. Era a única maneira que eu não tinha o decepcionado ainda.

Eu jurei que lidaríamos com isso da mesma forma que lidamos com todo o resto: juntos. Uma equipe de dois contra uma doença que ambos sabíamos que acabaria vencendo.

Meu pai era um homem orgulhoso, e ele incutiu esse valor em mim. Se eu aceitasse dinheiro de alguém para ajudar a pagar seus cuidados, ele não ficaria apenas desapontado. Ele ficaria devastado. Prometi a ele que ele nunca seria um fardo, e prometi a mim mesma que ele nunca teria a oportunidade de se sentir um fardo.

E era por isso que eu estava mentindo para ele em seus bons dias, dizendo que seu seguro estava cobrindo tudo.

Eu fiz uma promessa.

E eu faria o que fosse preciso para consertar isso sozinha. Mesmo que envolvesse pastéis. Meu orgulho de Morales me manteria aquecida naquele palco.

— Então, qual deveria ser o meu nome de dançarina? — Eu perguntei, mudando de assunto antes que Faith pudesse exigir uma contabilidade completa de minhas contas mensais.

— Hmm — ela meditou, colocando um pirulito azul de framboesa na boca e me estudando.

Ela sorriu.

— Candie Couture.

— Oh, Deus — eu gemi. — Posso pelo menos soletrar com um "Y"?

— Não. É "IE". — Faith sorriu. — Agora feche a boca.

— O qu... — Meu engasgo e ofego depois de comer o primeiro spray de brilho corporal que ela apontou para mim interrompeu a pergunta.

32
Dominic

EU IA MATÁ-LA. Arrasta-la para fora do palco e para o beco e matar a Pequena Senhorita Candie Maldita Couture com um Segredo Sujo. Mas primeiro, eu ia matar todos os filhos da puta neste lugar que se atreveram a olhar para ela. Começando com aquele imbecil gorduroso com dentes de ouro no canto que estava pegando seu lixo através de suas calças. Ele seria o primeiro.

Quando eu ouvi... tudo bem, tudo bem. Quando escutei atrás da porta a ligação dela no telhado, pensei que estava alucinando. Minha administradora saudável e intocável não estava realmente planejando tirar a porra da roupa na frente de uma multidão de estranhos pervertidos por dinheiro.

No entanto, aqui estava eu, sentado em uma cabine de vinil preto com uma barraca de mesa anunciando duas porções de champanhe para compartilhar com sua "dançarina favorita". E lá estava ela. No palco em shorts tão curtos que eu não acho que eles se qualifiquem como roupas na frente de pelo menos cento e cinquenta idiotas, inclusive eu. Ela estava apertando os olhos para as luzes enquanto um bando de homens e mulheres prestes a morrer assobiavam e faziam cantadas.

Se eu estivesse me sentindo mais caridoso, diria que não poderia culpá-los. Ela parecia incrivelmente tentadora.

Mas ela também parecia aterrorizada.

Era o suficiente. Comecei a deslizar para fora da cabine com a intenção de tirá-la daquele palco. Ela não pertencia ali, e já passou da hora dela me contar tudo.

Mas a música estava começando, e a multidão estava se aproximando. Quando ela colocou a mão em torno daquele pole de latão, eu esqueci o que estava fazendo e voltei para a cabine.

A música era lenta, suja, torturada. Eu gostei. Isso me lembrou de mim.

Ela enganchou uma perna ao redor do pole e girou, caindo cada vez mais baixo em círculos em direção ao palco. Seu cabelo caiu atrás dela, e quando ela se levantou novamente, cobriu um olho esfumaçado. Meus dedos coçaram para empurrá-lo para trás, prendê-lo atrás da orelha e arrastá-la para um beijo.

Eu queria observar a platéia, e usei esse termo vagamente, por qualquer ameaça, mas não consegui desviar o olhar da mulher teimosa, desesperada e deliciosa no palco. Eu esperava por Deus que a segurança estivesse à altura do desafio desta noite. Porque se alguém colocasse a mão nela, um único dedo nela, eu ia perder a cabeça.

Ela moveu seu corpo como se um amante a estivesse tocando, suas próprias mãos deslizando sobre aqueles seios tentadores, deslizando sobre sua barriga lisa, os polegares enganchando no cós de seu short.

Prendi a respiração junto com o resto dos idiotas na multidão. E então ela estava tirando o short pelas pernas e chutando-o, revelando uma tanga preta simples.

Eu compraria mil tangas para ela se ela fosse minha. Eu a afogaria em lingerie, vestidos, diamantes e calças de yoga. Qualquer coisa que ela quisesse, eu daria a ela.

Seus quadris giraram em um movimento tão profano que meu pau flexionou em minhas calças. Percebi que estava duro por ela desde o segundo em que ela entrou no palco. Eu *odiava* o poder que ela tinha sobre mim.

A única coisa que a mantinha a salvo de mim era o fato de minha mãe assinar seus contracheques.

Isso e o fato de que ela era limpa, fresca, doce. Não só porque não era meu tipo, o último resquício de decência humana em mim não queria manchar isso, destruir isso. Eu não era um monstro completo. Mas a mulher deslizando por aquele maldito pole, a deusa deslizando pelo palco como pura tentação, não estava completamente limpa. Ela estava deliciosamente suja.

E eu queria afundar meus dentes nela.

Eu queria colocar minhas mãos nela e não soltá-la.

Meu peito estava apertado. Eu não conseguia respirar. Não enquanto eu a assistia dançar. Seus olhos estavam fechados como se não importasse que houvesse uma sala inteira cheia de homens duros para ela. Como se ela não se importasse. Como se ela fosse intocável.

Chovia dinheiro no palco. Mas eu não queria que ela o tocasse. Eu queria que ela pegasse o meu e só o meu.

Ela alcançou o nó em sua camisa. Senti a tensão na multidão aumentar quando meu pau virou concreto.

— Não faça isso, porra, Ally.

Eu queria ver seus seios mais do que qualquer coisa neste mundo inteiro. Mas não como um na multidão. Eu queria ser o único. O pânico subiu pela minha garganta enquanto seus dedos brincavam com o nó.

Todos os homens no cômodo estavam prendendo a respiração esperando por isso. Prendi a respiração e rezei para que ela parasse. A música estava acabando. Era agora ou nunca. Peguei minha bebida, segurando a garrafa de cerveja como uma arma.

— Não assim — eu sussurrei. — Por favor.

Como se ela tivesse me ouvido, como se o anjo dos clubes de strip tivesse passado minha mensagem, os dedos de Ally dançaram para longe do nó. Houve um gemido coletivo da multidão que pareceu quebrar a pequena bolha que ela construiu ao seu redor. Como se lembrando que havia um trabalho a fazer, ela agarrou o material sobre um seio e puxou-o para o lado.

— Porra.

O protetor azul brilhou sob as luzes do palco, e a multidão foi à loucura.

Dinheiro cobriu o palco enquanto ela dava outra volta ao redor do pole, arqueando as costas e deslizando cada vez mais para baixo, um seio espreitando para fora de sua camisa.

Ela ia pagar por isso. Esta noite.

Eu sinalizei uma garçonete com uma nota de cem dólares.

— Precisa de algo, bonitão? — Ela perguntou.

— Sim — eu disse sem tirar os olhos da garota no palco. — Ela.

33
Ally

OS APLAUSOS SOAVAM em meus ouvidos quando eu cautelosamente saía do palco. Eu tive que lutar contra o desejo de pegar o dinheiro que eu basicamente ganhei. Mas no clube de Faith, as dançarinas não tocavam no dinheiro. Afastar-se do dinheiro era mais foda e difícil do que rastejar no palco, tentando pegá-lo.

Caras sem camisa com vassouras subiam ao palco entre cada ato e varriam os ganhos de cada dançarina.

Meus joelhos tremiam quando tropecei no camarim vazio. Faith provavelmente estava incentivando o público a gastar mais dinheiro. Deixei-me cair em uma das cadeiras giratórias do salão e esperei pelo dinheiro da minha vassoura. Mesmo que fossem todos, tinha que haver pelo menos 200 dólares lá. Adicione isso aos 150 dólares que ganhei no Rooster mais cedo, e eu estava chegando mais perto do meu objetivo.

— Por favor. Por favor. Por favor — eu cantei.

Houve uma batida, e então a porta se abriu.

— Ei, Garota Nova, você tem uma dança particular na sala VIP — Vance disse, espalhando suas mãos e então esfregando as grandes palmas juntas. — O cara gostou de você.

Eu balancei minha cabeça com veemência. Meu estômago se apertou. Mesmo desesperada, eu não era *esse* tipo de garota.

— Não estou interessada — eu disse, procurando minhas roupas. Eu ia pegar meu dinheiro, beber o máximo de álcool grátis que conseguisse e ir para casa para incendiar essa roupa.

— Você nem ouviu a melhor parte. O cara está oferecendo cinco mil — disse ele.

Eu parei no meu caminho e me virei lentamente. *Cinco mil dólares?*

— O clube divide cinquenta por cinquenta — disse ele. — Não é tão ruim, certo? Sem tocar. Há um botão de segurança na sala e um segurança do lado de fora da porta. Ele pagou antecipadamente.

Dois mil e quinhentos dólares em dinheiro. Além de tudo o que ganhei esta noite? Isso cobriria o resto do mês. Isso me daria dois, talvez até três dias de folga. Eu poderia comprar o resto da maldita parede de gesso *e* tomar aquelas bebidas.

Tudo que eu tinha que fazer era vender minha alma para o diabo pervertido esperando na sala VIP.

Eu queria chorar.

— São apenas três minutos e doze segundos — disse Vance. — Ele escolheu a música.

— Dois mil e quinhentos? — Eu repeti.

Ele assentiu.

— Dinheiro. Esta noite. Além daquelas gorjetas, e você definitivamente está no Top 3. Alguma coitada estudante de geologia acabou de cair do palco lá fora. Então eu diria Top 2.

Meu suspiro foi tão pesado que moveu os fios finos de cabelo em sua testa.

Cinco mil. Cinco mil. Cinco mil. Não era mesmo uma escolha neste momento.

— Sim. Ok — eu disse, engolindo em seco. — Mas se eu ver um pau, estou quebrando a cara dele.

Ele torceu os dedos para que eu o seguisse.

— Você vê um pau, querida, você aperta o botão de segurança e deixa Chauncey quebrar a cara para você.

Eu balancei a cabeça ao invés de responder porque eu estava a dois segundos de vomitar.

— Oh, ei — Vance disse, parando do lado de fora de uma porta com painéis de couro vermelho. — Você quer alguma luz especial acesa aí? Eu posso fazer bola de discoteca, estroboscópica. Temos esse lindo filtro rosa que faz todo mundo parecer dez anos mais jovem.

— Escuro — eu disse sombriamente. — Torne-o o mais escuro possível.

— Pode deixar, querida. E lembre-se, ele fica inapropriado, você aperta aquele botão ou simplesmente grita. As paredes são finas.

Três minutos e doze segundos. Três minutos e doze segundos.

Vance brincou com as luzes e me deu um alegre polegar para cima.

Respirei fundo e entrei no quarto.

Para o inferno.

No anel pessoal do inferno de Dominic Russo.

A humilhação queimou minhas bochechas. A raiva substituiu a náusea.

Ele tinha ido longe demais. Muito longe. Meu desespero não era uma piada. Isso não era apenas uma provocação lúdica. Vir aqui para testemunhar minha condenação era cruel.

— Que. Porra. É. Essa, Dominic?

— Eu paguei pela dança. — Sua voz era rouca e baixa.

Eu andei em direção a ele, pronta para reorganizar seu rosto. Eu ia pegar minha metade de seus cinco mil e enfiar na garganta dele até que ele engasgasse com isso.

E então eu vi. Seu rosto estava duro, como sempre. Aquele maxilar lindo em seu aperto permanente sob a barba por fazer injustamente sexy. Mas foram seus olhos que me pararam. Eles não estavam frios. Eles não estavam zombando. Eles eram ardentes. Ferozes. Com fome.

Ele tinha finalmente quebrado? Eu tinha vencido?

Eu parei a um pé dele.

Sua inspiração era audível.

Me esqueci do dinheiro. A vergonha se dissolveu. Eu estava aqui por um motivo. Para fazer Dominic Russo se arrepender mais dessa noite do que eu.

— Sem tocar — eu rebati.

— Faça o que eu te paguei para fazer — ele exigiu, sua voz tinha uma abrasão grave que me deu tanto prazer quanto pavor. Mesmo na penumbra, eu podia ver que ele estava duro. Era pior agora que eu sabia como era seu pênis.

A música começou, e eu fiz uma careta quando reconheci a música. Era um número do estúdio de dança. Eu queria perguntar a ele como ele sabia. Mas ele me lançou aquele olhar duro e presunçoso, e eu fiz minha missão pessoal limpar essa expressão de seu rosto perfeito.

Coloquei as palmas das mãos em suas coxas e me emocionei quando ele endureceu ao meu toque.

— Você disse sem tocar — ele murmurou.

— Você não pode me tocar. — Eu afundei entre seus joelhos, abrindo os meus. Usei as pernas dele para me equilibrar, para fazer contato, para infligir sofrimento. Sua mandíbula estava tão tensa que eu esperava que ele precisasse de uma consulta odontológica na próxima semana. Eu deslizei minhas mãos mais alto, saltando, torcendo, girando. *Apertando.*

Se ele quisesse uma dança, eu lhe daria uma que ele se lembraria pelo resto da vida. Nós dois podíamos nos lembrar da noite em que vendi minha alma com vergonha.

A música aumentou.

Eu me levantei, jogando meus quadris para trás e me curvando para frente em seu espaço. Meu cabelo pendia em uma cortina curta sobre um olho. Eu podia sentir sua respiração no meu rosto. Seu olhar

queimava em meus seios, a poucos centímetros daquela boca. Seus lábios se separaram apenas o suficiente para atrair uma fina corrente de ar.

Senti a batida pulsando em mim. Este era o meu foda-se para as cartas que eu tinha recebido. Eu sobreviveria. Eu daria conta das despesas. E, eventualmente, eu voltaria a não dar a mínima para o dinheiro.

Mas primeiro, eu faria Dominic sofrer como ele me fez sofrer.

Com uma mão em seu peito, eu o empurrei de volta contra a banqueta de vinil, passando por cima de suas pernas para montá-lo. Eu nem estava acomodada em seu colo ainda, mas sua ereção estava fazendo o possível para rasgar seu caminho através de suas calças. Eu podia senti-lo flexionar através da minha calcinha vergonhosamente fina. O homem estava arruinando mais calcinhas minhas do que eu gostaria de pensar.

Seus dedos flexionaram no ar, querendo me tocar. Precisando. Mas ainda assim esse autocontrole detestável reinava supremo.

Ondulando logo acima do cume de sua ereção, olhei para ele através dos meus cílios abaixados. Ele estava vestindo outro maldito colete. As mangas de sua camisa enroladas até os cotovelos para revelar as tatuagens em ambos os antebraços. Tão adequado e polido por fora, mas por baixo, tinta e um pau monstruoso e faminto.

O que sua rejeição fez por ele? Ou por mim?

Fale sobre a vida ser injusta.

— Você quer que eu pare? — Eu sussurrei em seu ouvido.

— Não.

Fiquei de joelhos, roçando a curva do meu peito sobre a barba em sua mandíbula. Instintivamente, ele se virou para mim, com a boca aberta.

— Uh, uh, uh. Sem tocar. — Suas mãos agarraram a borda do banco, e eu fiquei surpresa que não se partiu em dois.

Eu decidi tornar isso muito, muito pior. Eu trouxe meus dedos para o nó da minha camisa e senti sua respiração travar. Eu a soltei, e ele engoliu. Puxando-a livremente, eu segurei o material em meus seios, empurrando-os juntos antes de abrir a camisa.

Seu gemido foi de dor, os olhos colados aos meus seios. Senti sua ereção flexionar sob mim.

— Por que você está aqui, Dom? — Eu respirei, me inclinando e beliscando sua orelha.

A música. O escuro. Sua boca tão perto da minha. Era inebriante.

— Porque eu não posso te deixar em paz, porra. — Sua respiração estava ofegante.

Minha frequência cardíaca estava no teto. Meus hormônios percorrendo meu sistema, fazendo exigências que eu não podia atender.

— Por quê?

Eu não pude evitar. Eu mergulhei e mordi seu lábio inferior, com força.

Ele rosnou, um som profano, desumano, e eu percebi que finalmente tinha levado o homem longe demais.

Aquelas grandes mãos dele soltaram o aperto na almofada, e então seus dedos carnudos estavam afundando em meus quadris. Ele me puxou para baixo contra ele. Sua ereção espetando entre minhas pernas.

— Eu não tenho nenhum maldito controle perto de você. — Para provar seu ponto, ele empurrou contra mim.

— De onde estou, seu controle tem sido irritantemente admirável — sussurrei sem fôlego, girando contra ele. A música estava chegando

ao seu auge, e era agora ou nunca. Por mais que eu lamentasse essa noite inteira, eu não estava disposta a acrescentar mais um arrependimento a ela.

Mudei meus quadris, conduzindo-os para frente, subindo seu pau através de suas calças.

— Não faça isso, porra, Ally — ele avisou.

Mas eu não escutei, e ele não me impediu.

— Me diz que você não quer isso. Me diz que você não me quer em seu colo montando você.

Eu estava balançando meus quadris para frente e para trás no ritmo da batida que eu sentia em meus ossos, na pulsação da minha boceta muito vazia, muito carente.

— Minta para mim, Dom. Me diz que você não me quer, e eu vou parar agora.

Cada vez mais rápido. Eu estava o masturbando com minhas partes femininas ainda cobertas. E eu não iria parar até que ele negasse ou ele fosse humilhado.

Ele agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça para trás, enterrando seu rosto entre meus seios.

— Eu odeio o quanto eu quero você — ele sussurrou entrecortado, acariciando as curvas, beliscando os protetores. — Desprezo o fato de não conseguir pensar em mais nada além de você.

Minha respiração estava vindo em ofegos rasos, e eu estava dolorosamente perto de um orgasmo. Mas isso não era sobre mim. Isso era sobre ele. Nós dois deveríamos ter algo do que nos envergonhar a partir desta noite. Algum segredo obscuro para manter escondido da luz.

Eu o afundei mais forte, mais rápido, e puxei seu rosto em meus seios enquanto eu o montava.

— Ally — ele murmurou. — Baby. — Uma mão no meu cabelo, uma no meu quadril, ele agarrou com força e grunhiu um som baixo e gutural. Ele ficou completamente rígido debaixo de mim, e eu não sabia o que tinha acontecido até sentir o calor embaixo de mim. A umidade pegajosa crescente. Ele me segurou firme, resistindo e estremecendo contra mim, cedendo à sua vergonhosa liberação.

— Ally — ele disse novamente, empurrando contra mim. Usando meu corpo para superar o orgasmo.

Eu estava à beira do meu próprio clímax e me segurei por princípio. Eu não ia dar a ele aquele pedaço de mim. Ele não tinha merecido. E se eu tivesse um primeiro orgasmo com Dominic, com certeza não seria em um clube de strip na noite amadora.

Eu não precisava de champanhe e luz de velas, mas precisava *não* ser paga para isso.

Ele estava vulnerável, impotente. Eu ganhei.

Mas parecia apenas mais uma perda. Porque agora eu só o queria mais.

Eu tinha acabado de fazer Dominic Russo, meu chefe, gozar em suas calças em um clube de strip.

Eu não sabia se deveria pular de uma ponte ou me dar um tapinha nas costas. Talvez eu fizesse as duas coisas. Depois daquelas bebidas.

Decidi que uma retirada apressada era necessária imediatamente. Eu escorreguei de seu colo e fora de seu alcance antes que ele pudesse me puxar de volta e fazer alguma demanda louca que me faria pensar que ele se importa.

— Você me deve dois, Dom.

E então eu saí.

34
Ally

AQUI ESTÁ UMA LIÇÃO, pessoal: É impossivel correr com sapatos de stripper.

Saí da sala VIP antes que Dominic pudesse se recompor, ou pegar um maço de lenços, e corri para o camarim. Faith, atenciosamente, deixou uma dose de algo que não era tequila para mim que eu bebi enquanto tentava vestir minhas calças. Desisti quando tropecei e caí sobre um pufe de camurça rosa. Então optei pelo meu casaco. Foi o suficiente para me cobrir até os joelhos.

Ally. Baby. As palavras de Dominic quando ele gozou, quando eu o fiz gozar, martelaram dentro da minha cabeça.

Eu ouvi uma comoção do lado de fora da porta do camarim e sabia que a merda estava batendo no ventilador.

Então eu corri pelos fundos e sai na noite de fevereiro.

E agora eu estava correndo em direção ao ponto de ônibus mais próximo, me perguntando se eu perderia meus dedos do pé por congelamento ou por esses malditos sapatos.

A lista de quantas coisas estúpidas eu tinha realizado na última hora correu como um filme caseiro mudo na minha cabeça.

1. Eu dancei um semi-topless para uma platéia.

2. Eu disse sim a uma dança particular.

3. Eu tinha levado meu chefe ao orgasmo na sala VIP de um clube de strip. Um clube elegante, mas ainda assim.

4. Entrei em pânico e saí correndo do clube, deixando meu dinheiro do palco e quaisquer ganhos para trás.

5. Eu não tinha ficado para minha segunda bebida grátis.

6. Eu coloquei meu maldito orgulho à frente do bem-estar do meu pai. Eu deveria ter engolido meu orgulho estúpido e pedido um empréstimo a Faith.

7. Eu não tinha escolhido a roupa de líder de torcida com os tênis bonitinhos de plataforma.

— Merda. Merda. Merda — eu sussurrei, meus dentes batendo. O ar de fevereiro estava tão frio que queimou minhas pernas nuas. Eu ia completar esta noite com hipotermia e congelamento. Amanhã, eu poderia ir para a casa de repouso e ajudar meu pai a fazer as malas.

Porque eu não podia aceitar o dinheiro de Dom.

Uma lágrima se formou no canto do meu olho e congelou, ligando os cílios falsos aos meus reais inferiores.

— Droga. — Tremendo, eu cocei nele com a manga e só piorei.

— Ally! — Eu conhecia aquela voz e conhecia aquele tom.

Dominic Russo estava bravo e estava se aproximando.

— Oh, não, não, não — eu cantei enquanto aumentava o ritmo. Eu não estava correndo, mas saltitando rapidamente.

Ele levou quatro segundos para me pegar e me capturar.

Ele agarrou meu braço e me virou. Eu não tinha equilíbrio e caí nele. *Obrigada, sapatos de stripper.*

Ele me segurou lá contra ele. Foi minha primeira boa olhada em seu rosto, e imediatamente me arrependi de espiar. Ele. Estava. Furioso.

— Pegue seu maldito dinheiro, Ally — ele disse com os dentes cerrados.

— É o *seu* maldito dinheiro! Eu não quero um centavo de você!

— Então você está disposta a dançar para um estranho e pegar o dinheiro dele, mas o meu é sujo? Essa é uma base moral obscura, Ally.

— Vai se foder, Dominic.

Tentei contorná-lo na calçada, mas ele não me deixou. Suas mãos seguraram firme em meus braços, deixando claro que eu não estava escapando dessa conversa.

Ele estava tão bravo e algo mais também. Eu vi isso naqueles olhos azuis injustamente lindos. Ferido. Eu machuquei Dominic Russo.

Eu queria machucá-lo. Eu queria que ele se sentisse tão envergonhado quanto eu me sentia. Mas não havia vitória aqui. Apenas mais uma derrota.

— Explique-me — disse ele friamente. — Diga-me por que você aceitaria dinheiro de um estranho, mas não de mim.

— Porque eu não tenho sentimentos por um estranho, seu idiota estúpido e teimoso!

Excelente. Agora ambos os olhos estavam congelando com lágrimas que esse idiota não merecia. Essa foi a pior parte. Eu tinha sentimentos estúpidos por um homem estúpido que era estúpido demais para ser qualquer coisa além de enojado por sua atração por mim.

Dominic parecia atordoado.

Seu aperto afrouxou em mim, e eu tirei vantagem pisando com meu stiletto em seu pé e me libertando. Eu decolei saltitando um pouco mais rápido.

Nada dizia patético como uma dançarina sem roupas correndo por uma rua escura depois de uma noite amadora. Minha vida atingiu um novo nível.

Eu nem o ouvi chegando. O trovão do meu batimento cardíaco abafou todo o resto enquanto eu cambaleava pela minha vida. Longe do homem que me fazia sentir coisas quando eu não tinha tempo para sentir nada.

Mãos me pegaram, me parando no caminho, e então me empurraram contra o tijolo de um prédio. Uma igreja. Ah, que apropriado. Ele me prendeu lá com seus quadris, me apertando. Eu estava presa entre um prédio e meu chefe furioso.

Jesus – desculpe, igreja – queijo e bolachas, o homem *ainda* estava duro. Talvez fosse apenas seu estado natural. Suas calças ainda estavam molhadas do orgasmo que eu dei a ele.

— Se você acha que eu vou deixar você esperar por um ônibus ou um trem vestindo nada além de um casaco e uma tanga a esta hora da noite, então você é a idiota estúpida e teimosa — ele rosnou.

Eu não disse nada. Dom estava vibrando de raiva. E, pela primeira vez, senti que estávamos na mesma página.

— Por que você se importa? Eu não entendo você. Eu não entendo isso. Por que você não pode simplesmente me deixar em paz?

Ele apertou a mão sobre minha boca.

— Eu adoraria fazer nada mais do que deixar você em paz. Mas não sei como. Então é isso que vai acontecer. Você vai entrar no meu carro, e eu vou te levar para casa. E então vamos ter uma longa conversa. — Cada palavra soava como uma ameaça.

Meu insolente revirar de olhos aparentemente *não* era a resposta que ele estava procurando. Ele me deu uma pequena sacudida e depois a minou esfregando as mãos para cima e para baixo em meus braços. Mais uma vez, mensagens confusas do Príncipe Encantado.

— Você entendeu? — Ele perguntou com uma calma frígida. — Vou ficar aqui o suficiente para que o gozo congele minhas bolas no meu pau, se for preciso.

Heh. Ele tinha que estar muito desconfortável correndo com isso em suas calças.

Eu balancei a cabeça lentamente, mas deixei meus olhos lacrimejantes e semi congelados telegrafarem “eu te odeio” alto e claro.

Ele me arrastou um quarteirão e meio até seu carro, um Range Rover de aparência sinistra, e me empurrou para o banco do passageiro. Eu me perguntei se eu estava deixando um rastro de brilho corporal atrás de mim como se eu fosse uma Sininho da Escolhas de Vida Questionáveis. Quando eu estremeci no couro, ele me prendeu com um olhar e tirou o casaco.

— Aqui — disse ele, espalhando-o sobre mim, colocando-o sob minhas pernas. — E se você pensar em correr de novo, eu vou fazer você se arrepender.

Correr estava fora de questão, então esperei enquanto ele contornava o veículo e sentava atrás do volante.

— Estou demitida? Ou você está me levando a algum lugar para me matar? — Eu perguntei.

— Ainda não decidi — ele disse, apertando o botão do aquecedor do meu assento. O couro embaixo de mim aqueceu instantaneamente, e eu mudei os casacos para proteger meu hoo-ha praticamente exposto.

Essas foram as únicas palavras ditas durante a viagem. Até que percebi que não estávamos indo para Nova Jersey.

— Para onde você está me levando?

A resposta monossilábica foi dada em um grunhido.

— Casa.

35
Dominic

EU ERA UM SACO de lixo da mais alta ordem. Eu basicamente sequestrei uma funcionária com a intenção de mantê-la prisioneira até que ela finalmente me dissesse o que diabos estava acontecendo. Mas eu estava muito cheio de raiva para me importar com as consequências.

Ally estava grudada na janela do lado do passageiro, o mais longe possível de mim. Peguei uma vaga de estacionamento vazia logo abaixo do quarteirão e desliguei o motor. Ela se afastou da janela e olhou para mim, sua mandíbula em uma linha apertada.

O fato de que ela estava irritada comigo me irritou ainda mais.

— Não me olhe assim. Eu sou o único que está bravo — eu disse, apunhalando meu polegar no meu peito. — Nós dois não podemos ficar bravos.

— Você me sequestrou!

— Você é uma adulta. Chama-se abdução. E você tentou transformar meu pé em um kebab com seu armamento de pés — eu rebati, saindo do carro. Teimosamente, ela ficou lá dentro até que eu abri sua porta. — Fora. Agora.

— Onde estamos? — Ela perguntou, ainda sem se mover.

Eu meio que a puxei, meio que a arrastei para fora do assento e a segurei firme quando ela cambaleou naqueles saltos ridículos.

— Meu bairro.

Ela virou a cabeça.

— Onde estão os arranha-céus sem alma e masmorras assustadoras? Este é um bairro. Você sabe, onde as *pessoas* vivem.

— Muito engraçado. — Peguei seu braço e não muito gentilmente a empurrei pela calçada.

— Se você realmente mora aqui, seus vizinhos vão pensar que você trouxe uma prostituta para casa — ela sussurrou. Ela parecia mais preocupada com a minha reputação do que com a dela.

Percebi então que nunca iria entender essa mulher.

Ela estava mancando agora, e eu estava dividido entre desfilar com ela ao redor do quarteirão algumas vezes para que ela aprendesse a lição ou levá-la para dentro o mais rápido possível.

Ela tropeçou e gritou e tomou a decisão por mim. Eu a peguei em meus braços e marchei em direção a minha casa. Ela ficou completamente rígida contra mim.

— Você não pode me carregar como uma noiva — ela insistiu.

— Sim, bem, algumas horas atrás, eu teria dito que você não poderia me masturbar em um clube de strip. Acho que nós dois estamos errados.

Subi os degraus até a porta da frente e a coloquei no chão mais gentilmente do que queria.

Apalpando meus bolsos procurando minhas chaves, percebi que estavam no meu casaco. Enfiei minhas mãos em seus bolsos.

— Ei! Sem tocar — Ally retrucou.

— Eu acho que é um pouco tarde para isso — eu disse secamente.

— Vai se ferrar.

Encontrei as chaves, destranquei a porta e a puxei para a sala do vestíbulo do saguão que meu corretor de imóveis estava tão animado quando comprei o lugar cinco anos atrás.

— Você pode sair a qualquer momento, mas se você tentar ir antes de terminarmos de conversar, eu vou continuar trazendo você de volta — eu a avisei.

— Isso está além de fodido — ela disse, cruzando os braços. Meu casaco ondulava ao redor dela como uma capa, envolvendo-a. Ela

estava chovendo glitter corporal no azulejo preto e branco. Inferno. Eu também. A equipe de limpeza ia pensar que eu tinha organizado uma festa de artesanato com escoteiras ou uma orgia.

— Pelo menos nós dois concordamos com isso. — Tirei meu casaco dela e pendurei no armário. Deixei o casaco dela, sabendo que havia muito pouco por baixo.

Houve um gemido triste vindo de trás da porta principal.

— É outra dançarina exótica que você sequestrou? — Ela cortou.

— Estou começando um harém — eu disse e então abri a porta.

Trinta quilos de um labrador chocolate dispararam em meus braços. Brownie – ei, ele veio com o nome, ok? – e eu ainda estava nos conhecendo, e ainda estava tentando descobrir a disciplina canina.

— Oh meu Deus, você sequestrou um cachorro também.

Coloquei Brownie no chão e o acariciei antes de amassar seu rosto e beijar o topo de sua cabeça. Esta foi a melhor parte imprevista de adotar espontaneamente um cachorro. A saudação depois de um longo dia. Brownie não se importava se eu sequestrei uma funcionária. Ele ainda me amava.

— Eu não o sequestrei, idiota. Eu o adotei.

Meu cachorro trotou até ela, alheio à tensão. Ele abanou o rabo e deu um latido feliz.

— Cala a boca, Brownie. É mais de uma da manhã. Você vai acordar os vizinhos.

Ally se abaixou para cumprimentá-lo.

— Quem é o garoto mais bonito do mundo? Você foi adotado? Você foi?

Sua cauda era um borrão de felicidade.

— Vamos — eu disse, gesticulando em direção à porta principal. — E tire esses sapatos estúpidos.

— Tudo bem. Mas só estou fazendo isso porque acho que perdi algumas unhas dos pés, não porque você me disse — disse ela. Seu gemido quando ela as tirou foi pecaminoso o suficiente para que a situação nas minhas calças se tornasse um assunto mais complicado.

Eu mantive meus sapatos, caso ela tentasse correr descalça, e entrei na casa.

Ou a curiosidade ou a necessidade de finalmente acabar com tudo isso a impulsionou atrás de mim.

— Uau — disse ela.

— O quê?

Ela gesticulou ao redor do corredor, as escadas. À direita havia uma sala com lareira e paredes com painéis de madeira.

— Eu não esperava isso. Eu apenas assumi que você morava em algum...

— Prédio sem alma com uma masmorra?

Ela deu de ombros.

— Sim, bem, eu assumi que você era financeiramente responsável o suficiente para não ter que tirar suas roupas para estranhos — eu retruquei.

— Por que você se importa, Dom? Não entendo. Quero dizer, fale sobre mensagens contraditórias. Você diz que não me quer...

— Correção. Eu não *quero* te *querer.*

— Você é um idiota. Você não quer me querer, mas escuta uma ligação particular, me segue a um clube de strip e me contrata para fazer uma dança particular. E então fica com tanta raiva que você me sequestra e me leva para casa com você.

— Errado. Eu estava com raiva antes de chegar ao clube — eu atirei de volta.

— Eu não sou sua para que se preocupe, Dom.

Eu estalei meus dedos para Brownie, e ele me seguiu até a cozinha.

Ally veio em um ritmo mais calmo. Peguei uma guloseima do pote de cachorro que Greta me deu e fiz Brownie sentar. Era o único comando que ambos dominamos.

— Pegue devagar, amigo. Não arranque minha mão — eu disse, segurando o biscoito em forma de pata bem alto.

Mas Brownie tinha aquele brilho obstinado nos olhos. Ele quase engoliu minha mão inteira.

— Ok, precisamos trabalhar nisso.

Ally suspirou como uma boa mártir e foi até a jarra.

— Aqui — ela disse. Ela demonstrou segurar a guloseima em um punho fechado com parte dela espreitando por cima do polegar. — Sente-se — ela disse a Brownie.

Ele jogou sua bunda no chão, emocionado com a perspectiva de dois biscoitos.

— Devagar — Ally o avisou. Quando ele fez uma estocada de jacaré animada, ela se afastou. — Uh-uh. Bom menino.

Desta vez, ela estendeu a mão, e Brownie cuidadosamente extraiu a guloseima de seu punho.

— Bom menino! — Ela aplaudiu. Brownie engoliu e se dissolveu em mexidas felizes com o elogio. Ela se virou para mim presunçosamente. — O quê? Eu tive cachorros enquanto crescia. Eu me ofereceria para ajudar com ele, mas eu te odeio.

Sim. Havia isso.

— Vamos — eu disse cansado.

— Onde?

— No andar de cima para que eu possa tirar essas malditas calças.

— Nós não estamos fazendo sexo — disse ela, parecendo chocada.

Levei minhas mãos ao meu rosto e as empurrei pelo meu cabelo.

— Você está me deixando louco, Ally. Eu só quero conversar, mas preciso tirar essas calças.

— Por que eu tenho que ir com você?

— Porque no segundo que eu virar as costas para você, você vai fugir. E está frio, e estou cansado, e não quero ter que correr atrás de você pelo quarteirão no meio da noite.

— Tudo bem. Mostre o caminho, chefe — disse ela. Ela estava tentando ser maliciosa e sarcástica, mas foi a exaustão e a resignação que apareceram.

Eu servi dois copos de água e dei um a ela.

— Vamos.

Meu quarto ficava no terceiro andar. Brownie passou correndo por nós nas escadas apenas para descer duas vezes para ter certeza de que ainda estávamos indo enquanto caminhávamos.

Percebi Ally espiando por cima do corrimão do segundo andar.

— Esse é o principal espaço de estar — eu disse a ela. — TV, lareira, biblioteca.

Chegamos ao terceiro andar, e eu liderei o caminho para o meu quarto nos fundos da casa.

Havia uma cama king-size com dossel no centro do quarto, de frente para uma lareira que eu nunca tinha usado. A cama certamente não tinha visto nenhum entretenimento criativo no ano passado.

— Sente-se — eu disse, apontando para a cama. Brownie deu um pulo e se ajeitou nos travesseiros.

Isso tirou um sorriso de nós dois.

Ally se empoleirou cautelosamente na beirada do colchão, seu olhar percorrendo o quarto. Algo na mesa de cabeceira chamou sua atenção, e ela se inclinou para pegá-lo. Ela ergueu a cópia de *Orgulho e Preconceito* acusadoramente.

Dei de ombros.

— É para decoração.

— Tem um recibo de um chá verde datado da semana passada sendo usado como marcador de página — ela desafiou.

— Não sou eu que devo respostas esta noite. — Entrei no closet e peguei dois pares de moletons e duas camisetas.

— Aqui — eu disse, entregando-lhe um conjunto.

Seus olhos se arregalaram.

— Eu não vou ficar aqui, Dom.

Veríamos isso.

— Tudo bem. Mas você não ficaria mais confortável gritando comigo com isso do que com uma tanga e protetores de mamilo?

— Você tem um ponto.

Ela pegou as roupas. Apontei para a porta.

— O banheiro é por lá. Você pode tomar banho se quiser.

Ela olhou para a auréola de glitter que ela derramou na minha cama, então ansiosamente em direção ao banheiro.

— Você não se importa?

— Contanto que você espere o tempo suficiente depois que eu tomar banho para tirar isso.

— Você não vai entrar enquanto eu estiver lá? — Ela perguntou suavemente.

Algo se contorceu em meu intestino. Eu odiava que ela sentisse que tinha que me perguntar.

— Eu não vou entrar — eu disse baixinho.

— Ok. — Ela assentiu.

— Há uma fechadura na porta — eu disse a ela.

Ela assentiu novamente e se levantou. Quando ela fechou a porta do banheiro, esperei ouvir o barulho da fechadura, mas nunca veio.

Pelo menos ela não achava que eu era um monstro tão grande.

Suspirei e voltei para o closet. Tirei meu colete e camisa e tirei a cueca arruinada, as calças com a explosão de porra meio congelada na virilha.

A água do meu chuveiro ligou, e eu tentei não imaginar o que estava acontecendo lá dentro. Mas ser um cavalheiro não vinha naturalmente para mim. E em vez de pensar em qualquer coisa além da mulher nua no meu chuveiro, eu estava pensando em como ela estava quando ela me levou ao clímax no clube. Seus olhos semicerrados, lábios entreabertos. A parte estúpida e primitiva de mim queria ver o quão forte eu gozaria dentro dela, crua e nua. Bombeando até...

E agora eu estava fodidamente duro novamente.

Eu precisava ver um médico. Isso não era normal.

Vesti minha calça de moletom, enfiei a cabeça e os braços pela camiseta e voltei para a cama onde me esparramei e esperei por ela.

Ela saiu alguns minutos depois, com o rosto fresco, o cabelo úmido. Minhas roupas estavam penduradas em seu corpo. A vontade de puxá-la para mim e abraçá-la era esmagadora e me irritou mais uma vez.

Então eu escolhi uma briga em vez disso.

— Como você entrou em uma confusão financeira tão grande que esta noite foi sua única opção? — Eu perguntei. — Você é tão irresponsável com dinheiro?

— Ah, bom. Eu estava preocupada que você tivesse se tornado humano enquanto eu estava lá — ela retrucou. Ela subiu no colchão e sentou-se de pernas cruzadas no canto mais distante de mim.

Eu a queria mais perto. Eu queria abraçá-la e correr meus dedos por aqueles cachos molhados e prometer a ela que eu consertaria tudo. E eu não podia fazer nada disso.

— Eu vi seu rosto no telhado e naquele palco. Você não queria estar lá. Você não queria fazer isso, mas fez mesmo assim.

— Eu precisei.

— Por quê? — Minha frustração era alta e clara.

— A *Label* atrasou meu salário. Não foi depositado e não poderia ser consertado até segunda-feira. Eu precisava do dinheiro agora.

— Para que serve o dinheiro?

Ela me deu um olhar longo e pedregoso.

— Contas.

— Que tipo de contas?

Ally não disse nada por um longo tempo. Entediado, Brownie rastejou até ela na cama.

— Por que isso importa para você? — Ela me perguntou finalmente. Ela acariciou a cabeça de Brownie e suas costas. Traços longos e lentos. Eu desejei que fosse eu que ela estava tocando.

— Eu me importo com você.

— Você tem tanta sorte que eu estou exausta porque eu adoraria dizer o quão absolutamente estúpido você está sendo agora — disse ela.

— Diga-me o que está acontecendo — eu insisti.

Ela balançou a cabeça.

— Você não entende, não é?

— Entender o que?

— Você diz que se importa comigo. Você está obviamente atraído por mim. E por mais que você reclame e reclame sobre eu arruinar sua vida, acho que você realmente gosta de mim. Mas não o suficiente para querer estar comigo. E por causa disso, não posso confiar em você, Dominic. Não vou me abrir e compartilhar minha história de vida com você. Você não ganhou esse direito.

Apertei o nariz entre o dedo e o polegar.

— Estou tentando fazer a coisa certa aqui, Ally.

— Eu não entendo qual é a coisa certa que você está procurando.

— Existem regras — eu disse. Minha frustração estava aumentando novamente. *Por que ela não podia simplesmente me dar o que eu queria?*

— Eu sei, Dom — ela disse gentilmente. — O que eu não sei é por que essas regras significam tanto para você. Porque de onde estou sentada, você não parece o tipo de cara que deixaria um pedaço de papel lhe dizer como viver sua vida.

— Essas regras estão lá para sua proteção — eu rebati.

— Eu não preciso ser protegida!

Brownie levantou a cabeça e deu a ela um olhar bobo e confuso.

— Desculpe, amigo — ela disse gentilmente. Apaziguado, ele caiu de volta em um gemido.

— Estou dizendo que não aguento mais esses jogos, Dom. Eu não quero jogar. Eu tenho muita coisa acontecendo, e não é bom para mim deixar você brincar comigo. Me machuca.

Fechei meus olhos.

— Eu não quero te machucar, Ally.

— Você apareceu no meu encontro. Você apareceu no clube. Você diz que não quer me querer, mas foi ideia sua nos conhecermos melhor. Você usa coletes só para mexer comigo. Então você me diz para deixar o emprego que eu preciso desesperadamente para que você possa se sentir melhor em querer me foder.

— Eu sou um idiota. — Não havia outra maneira de colocar. Eu era um monstro egoísta e fora de controle.

Ela se aproximou e, quando pegou minha mão, me senti o pior ser humano do mundo.

— Ouça-me antes de entrar em alguma espiral de vergonha. Você não me forçou a entrar naquele palco, e você não me forçou a entrar naquela sala com você. Eu queria dançar para você. Eu queria fazer você sentir a frustração que você me faz sentir. Eu queria fazer você gozar e se sentir mal por isso. Você não me fez fazer nada disso. A única coisa que você me obrigou a fazer foi não esperar por um ônibus em temperaturas congelantes. Ok?

Apertei sua mão e fechei os olhos.

— Não consigo deixar você em paz.

— Você está lutando muito contra essa atração mútua sem me dar uma razão real. E se você não pode confiar em mim com o seu porquê, então eu não posso confiar em você com o meu.

Eu odiava isso. Eu me odiava. Eu queria dizer a ela por quê. Contar tudo a ela. Como era tudo minha culpa que meu pai tivesse rédea solta para infligir o dano que ele tinha feito. Mas não consegui descompactar isso. Não para ela. Nem para ninguém. Os Russos não lavavam a roupa suja.

Eu só podia tentar expiar isso.

Como se sentisse meu mergulho em auto-aversão, Brownie rastejou até mim e descansou a cabeça no meu estômago. Ter um cachorro era muito bom. No entanto, ter Ally na minha cama era uma tentação demais. Eu precisava tirá-la daqui antes que eu quebrasse.

— De quanto você precisa? — Eu perguntei rapidamente, puxando minha mão livre da dela.

— Quanto o quê? — Ela perguntou, confusa.

— Dinheiro. Diga-me quanto dinheiro você precisa. — Eu balancei minhas pernas para o lado da cama. Eu tinha dinheiro no cofre e um talão de cheques na minha mesa. Eu acabaria com isso.

— Eu não vou aceitar o seu dinheiro — disse ela.

— Você estava disposta a receber dinheiro de estranhos. Você não sabia que era eu naquela sala, e você entrou lá de boa vontade. Você ia pegar esse dinheiro de alguém. Por que não eu?

Ela se levantou de joelhos no colchão, parecendo a deusa da guerra. Fiquei levemente surpreso quando as chamas não saíram de seus olhos para me incinerar.

— Porque eu não vou dever nada para você. Nem agora. Nem nunca.

— Sim, bem, eu devo a você pela dança. Você mereceu. — Ofensa era minha defesa padrão.

— Considere isso um presente de despedida meu — disse ela, saindo da cama.

Eu me levantei, e nos encontramos no meio do caminho para a porta.

— O que você quer de mim, Ally? — Eu perguntei friamente.

— A verdade — ela cuspiu.

— A verdade? Tudo bem. Eu nunca não te quis. Eu *só* quero você. Não sou melhor do que aquele idiota com quem você saiu. Eu não quero um relacionamento com você. Eu quero uma foda rápida e suja para tirar você do meu sistema. Mas nós dois sabemos que não será suficiente. Você vai colocar seus ganchos em minha alma e...

— Ah, cale a boca! Eu não sou uma sereia mágica, seu idiota! Eu não estou lançando um feitiço e seduzindo você.

Agarrei-a pelos braços e apertei.

— Sim, você fodidamente está — eu disse com os dentes cerrados. — Você se esfregou em mim em um clube de strip até que eu gozei em minhas malditas calças. Eu não tenho controle perto de você, e você acha que seria legal ter uma aventura divertida escondida? Então o quê?

— Como *diabos* eu deveria saber?

Fiquei grato pelo isolamento acústico nas paredes.

— O que importa agora? Eu não estou mais na mesa — ela disse, mais calma agora.

— Você quer dizer no pole — eu disse amargamente.

Seus olhos castanhos se encheram de fogo.

— O que diabos deu em você para fazer isso? Se você precisa de um adiantamento no seu salário, é só pedir. Eu vou te dar o que você quiser. Não suba no palco e tire a roupa. Tenha um pouco de respeito próprio.

Ah, merda.

Eu disse algo tão irresponsavelmente estúpido que eu queria me dar um soco na cara. Por um momento, Ally parecia que faria isso por mim. Mas eu ainda segurava os braços dela, então o melhor que ela conseguiria fazer seria um soco no estômago, que eu merecia.

— Eu não tenho *nada* além de respeito próprio — disse ela, sua voz baixa e trêmula. — Nada.

— Por que isso? Por que você não tem nada? Por que você estava tão desesperada por dinheiro que dançava para estranhos?

Com as mãos trêmulas, ela tirou meus dedos de sua pele.

— Assim como tudo sobre mim a partir de agora, isso não é da sua conta — disse ela friamente.

— Ally...

— Aqui está o que acontece agora. Eu não quero que você nunca mais fale comigo. Não quero que meu nome *passe* por seus lábios novamente. Se você precisar de algo do grupo administrativo, ligue para todas as outras pessoas naquela sala. Porque terminamos. Chega de flertar. Chega de te conhecer. Não há mais jogos de "eu quero você, mas não posso ter você". Acabou. Quando você me vir no corredor, você desviará os olhos e caminhará na direção oposta.

— E se eu não fizer? — Lambidas frias de pavor se instalaram em meu intestino.

— Vou dizer a Malina que você teve um sonho sexual com ela. Agora eu estou indo para casa. Então, se você tem algo a me dizer, esta é sua última chance.

Todas as coisas que eu deveria dizer, os porquês que ela merecia saber, os sentimentos que eu tinha por ela, o jeito que eu pensava nela à noite quando estava sozinho... tudo pairava na ponta da minha língua.

— Eu vou chamar um carro para você — eu disse.

36
Ally

A SECRETÁRIA DEENA saltou sobre mim no segundo em que as portas automáticas abriram.

A mulher tinha um guarda-roupa inteiro de roupas de catálogo com temas de feriados. Hoje era um suéter de Dia dos Namorados com corações tortos colocados diretamente sobre seus seios generosos.

— Srta. Morales, uma palavra — ela disse severamente.

Relutantemente, segui sua figura rechonchuda até o escritório cor-de-rosa Pepto-Bismol que ela dividia com Sandy, a supervisora de enfermagem, de peito muito mais bonito e mais liso.

Eu pensei em correr. Pensei naquele lap dance e Dom me puxando para seu carro, sua casa. Pensei nos gigantescos anéis de diamante na mão esquerda de Deena. O Sr. Deena deve ser um homem de peitos para colocar esse tipo de hardware em sua mão. Eu pensei em muitas coisas nos vinte segundos que levou para Deena se acomodar atrás de sua mesa e tomar um gole de chá.

— A conta do seu pai está vencida — ela disse, assumindo o papel de General Óbvio de Quatro Estrelas.

— Eu sei disso — eu disse, pegando minha mochila.

— Agora, o que vamos fazer sobre isso? — Ela perguntou com um sorriso tão falso que seus lábios nem se curvaram.

A supervisora de enfermagem Sandy, a mulher azarada o suficiente para dividir um escritório com Deena, revirou os olhos castanhos para o céu em sua mesa.

— Se você não poder apresentar exatamente... — Deena girou para o monitor do computador. O protetor de tela era do universo alternativo Deena sorrindo em seu colo cheio de netos que não a

consideravam um monstro malvado e rabugento. — 5.327,94 dólares hoje, então sinto muito, mas seremos forçados a iniciar o processo de despejo contra seu pai.

Ela não parecia nada arrependida.

Sandy me lançou um olhar solidário, e eu me perguntei em quantas dessas reuniões ela havia participado.

— Eu entendo — eu disse. Enviando uma oração para a deusa das loterias e dos lucros inesperados, enfiei a mão na bolsa e tirei um cheque para cada centavo que tinha em minha conta bancária e uma pilha de notas amassadas e brilhantes.

Faith tinha deixado meus prêmios de primeiro lugar – era estranho estar orgulhosa disso? – junto com duas garrafas de vinho tinto realmente bons e asinhas quentes que reaquecemos no forno às quatro da manhã.

Ela também trouxe um cheque pela dança privada. Eu não aceitei. Mas aceitei o empréstimo. Porque é claro que a minha melhor amiga andava por aí com algumas centenas de dólares em dinheiro.

Entre a repetição da minha cena com Dominic e minhas declarações meio bêbadas de "eu te amo" e "eu vou te pagar de volta", Faith tinha arrancado a história de mim. E então me disse que eu era uma idiota estúpida, teimosa e orgulhosa.

— Tenho tudo aqui.

Os olhos de Deena se estreitaram para a pilha de dinheiro que empurrei em sua mesa. Não poderia ser mais óbvio de onde veio. Além disso, eu ainda estava usando metade da maquiagem da noite anterior. A maquiagem do clube de Faith era de grau industrial, à prova de suor, à prova de chuveiro e à prova de esfregar.

— O quê? — Eu perguntei. — Não é como se eu tivesse roubado uma loja de bebidas por isso.

A risada de Deena era triste. Aproveitei para notar rudemente que um de seus caninos estava torto.

— Nós não aceitamos dinheiro, Srta. Morales. Não somos *esse tipo* de negócio. Só porque seu pai é o favorito entre os funcionários... — Ela lançou um olhar fulminante na direção de Sandy, como se fosse um crime tratar bem seus residentes. — não significa que estamos administrando uma casa de caridade.

— Não espero caridade. Não foi minha culpa que houve um problema com meu depósito direto. Eu tenho dinheiro. Dinheiro suficiente. — Eu o empurrei para mais perto dela.

Ela juntou os dedos como uma vilã de Bond.

— Bem, certamente não é *minha* culpa. Se você não puder pagar todas as suas taxas atrasadas de maneira apropriada agora *e* fizer um pagamento de boa fé na conta deste mês, vou mandar a equipe começar a empacotar as coisas do seu pai.

— Você tem que estar brincando comigo.

Mas Deena Malvada não brincava. Ela ameaçava. Ela arruinava. Ela destruía. Mas ela não brincava.

— Não sou responsável por sua incapacidade de ler os formulários de admissão e o contrato. Não aceitamos pagamentos em dinheiro.

— Então eu vou ao banco e deposito. Vou te passar um cheque agora, e você pode descontá-lo na segunda-feira.

— Não é assim que funciona — ela disse com uma alegria maligna.

Foi então que percebi que essa mulher não queria meu pai aqui.

— Para onde você vai mandá-lo? — Eu perguntei, tentando ganhar tempo. Tentando encontrar alguma solução. Tentando decidir entre explodir em lágrimas e pegar um dos braceletes de ouro maciço de Deena e enfiá-lo no nariz.

Qual é o salário anual que um perverso representante de contas recebe hoje em dia?

— O estado tem instalações para pacientes que não planejaram seu futuro.

— Nada disso é culpa do meu pai — insisti. Eu definitivamente iria com a pulseira de nariz.

— Isso realmente não importa agora, não é? Sem o devido pagamento total, seu pai deve deixar a propriedade hoje. Nossa lista de espera está cheia de pacientes dispostos a pagar suas contas em dia.

E lá estava.

— Você ganha algo por assediar as famílias dos pacientes? Existe algum tipo de sistema de incentivo para evitar pagamentos atrasados?

Deena piscou como uma coruja e então ajustou suas pulseiras de ouro. Pega.

— Eu não sei do que você está falando — ela mentiu afetadamente. — Agora, se você não quiser levá-lo para casa, vamos transferi-lo para uma instalação estadual fora de Trenton.

Havia tantas coisas que eu deveria ter feito de forma diferente até este exato momento. Tantas decisões que tomei com base no orgulho quando, na realidade, não podia me dar ao luxo de tomar nenhuma.

E agora meu pai pagaria o preço por tudo isso.

Porra. Porra. Porraaaa.

Eu queria vomitar. Ou fazer uma birra. Eu queria gravar a secretária Deena se comportando como uma banshee[5] sem alma e depois mostrar pessoalmente a seus netos o quão babaca a vovó era.

---

[5] A Banshee é um ser mitológico que está presente na mitologia celta. A lenda diz que quando uma pessoa de uma aldeia irlandesa morria, uma mulher era designada para chorar no funeral, é quase como se essas criaturas tivessem o ramo de carpideira.

Tudo estava desmoronando, e agora era o pior cenário. Meu pobre pai. Eu falhei com ele quando ele mais precisava de mim.

Meu celular de trabalho tocou na minha mão. O pequeno alerta pop-up na tela chamou minha atenção. Pisquei rapidamente. Era um e-mail do departamento de RH com o assunto: Promoção temporária e bônus de assinatura.

A esperança levantou voo agressivamente.

— Me deem licença por um instante — eu disse, levantando um dedo, não o que eu queria, para a mulher que me disse alegremente que ela não tinha nenhum problema em enviar meu pai para uma casa de repouso que havia sido citada pelo departamento de saúde três vezes nos últimos dezoito meses.

Srta. Morales,

Você foi selecionada em nosso grupo de administradores para uma colocação de sessenta dias como assistente pessoal de um de nossos executivos. Essa mudança dentro da empresa inclui um aumento salarial e um bônus de adesão de 5.000 dólares, que foi transferido para sua conta. Pare na segunda-feira para os detalhes de sua nova tarefa. Parabéns!

— Frango agridoce — eu respirei. Meus olhos se fecharam em um alívio tão palpável que o robô sem coração do outro lado da mesa perguntou se eu estava bem. *Cinco mil dólares? Cinco MIL dólares? Cinco mil DÓLARES?*

Ignorei Deena e mudei para o meu aplicativo do banco. Bem, santa mãe das defesas de última hora. Havia 5.000 dólares na minha conta corrente.

Eu saltei da minha cadeira e bombeei meu punho no ar.

— Eu tenho o dinheiro! Vou te passar um cheque.

— Um cheque? — Deena bufou sem graça. — Ah! Você espera que eu aceite um cheque seu?

Enfiei o telefone na cara dela.

— Isso é bom o suficiente para você?

Ela resmungou enquanto eu triunfantemente pegava meu talão de cheques.

Às vezes, coisas boas aconteciam com pessoas bem legais. Meu pai estava seguro por mais um mês. E com um aumento, talvez eu pudesse tirar algumas noites de semana e fins de semana para arrumar a casa. Meus olhos estavam nadando em lágrimas não derramadas. Esse executivo anônimo havia acabado de salvar tudo o que era importante para mim nesta vida.

Eu ia fazer isso. Eu ia passar por isso. Eu ia ficar bem.

Assinei o cheque com um floreio violento, passei uma hora tomando café da manhã com meu pai, que achava que eu era uma de suas alunas do ensino médio, e depois chorei por dez minutos no estacionamento, deixando o vento de fevereiro congelar as lágrimas e a maquiagem industrial do clube de strip dos olhos para minhas bochechas.

O destino tinha acabado de me salvar de uma espiral descendente da qual eu não tinha como me recuperar por conta própria.

Eu ia ser a melhor assistente pessoal que ela ou ele já teve.

37
Ally

— DEVE SER UM ERRO — eu resmunguei, olhando para o acordo de confidencialidade que a representante de RH, uma melhor, mais agradável do que a primeira, me entregou.

— Oh, não, Srta. Morales. Está tudo aí. Você vai substituir a administradora do Sr. Russo, Greta. Ela está fazendo uma turnê européia de dois meses. Não é emocionante?

— Emocionante — eu repeti enquanto minha cabeça girava.

O orgulho guerreou com a pobreza.

Assim que acordei esta manhã, verifiquei meu saldo bancário e dancei um boogie na cama quando vi que meu salário tinha oficialmente desembarcado. Havia dinheiro na minha conta. O suficiente para pagar algumas contas, comprar outra caixa de parafusos para drywall e talvez até comprar alguns mantimentos de *verdade.*

Eu já tinha gastado todo o bônus de assinatura nas taxas atrasadas do papai e no pagamento de boa fé. Eu não podia me dar ao luxo de recusar o trabalho e devolvê-lo.

Mas eu poderia me dar ao luxo de ser uma idiota completa para Dominic Russo.

Ele me manipulou para isso. Ele não tinha sido capaz de me forçar a sair da empresa de uma distância segura, então agora ele iria tentar de perto e pessoalmente.

Bem, Encantado tinha outra coisa vindo. Eu tinha poder de permanência. Uma raia teimosa mais ampla e profunda do que a porra do Oceano Pacífico. Eu afundaria minhas garras neste trabalho e nele. Talvez eu fizesse *ele* se demitir.

— Você tem tanta sorte — ela sussurrou conspiratoriamente. — Ele é tão bonito que dói olhar diretamente para ele.

Sim? Tente olhar para ele depois de fazer ele gozar e depois repetir aqueles grunhidos e rosnados primitivos por quarenta e oito horas seguidas sem pegar o vibrador porque de repente você tem princípios.

Eu sabiamente escolhi não compartilhar esse sentimento.

Viu? Eu tinha autocontrole. Eu poderia fazer isso. Eu poderia fazer meu trabalho, arruinar a vida desse homem, terminar as reformas na casa do meu pai, e quando ela fosse vendida, quando papai estivesse seguro por vários anos, eu pegaria aquela maldita margarita de manga. Ou, neste ponto, talvez fosse melhor ir direto para uma garrafa inteira de tequila.

— E aqui está o contrato de trabalho — disse ela, alegremente entregando outro pedaço de papel que exigiria parte da minha alma. — Você pode ler se quiser. É bem direto. O único novo requisito é a Seção J.

Virei para a Seção J.

— O empregado não procurará emprego externo durante a vigência do contrato.

Aquele filho da puta sorrateiro.

Eu tive uma breve, mas divertida fantasia de pegar esses papéis e enfiá-los na bunda de Encantado, me certificando de que ele tivesse cortes de papel. Mas então comecei a pensar na bunda dele. Felizmente para todos os envolvidos, a seção de compensação do contrato chamou minha atenção e me convenceu de que minha dignidade poderia realmente ser comprada.

Eu assinei os papéis, minha mão segurando a caneta com tanta força que apertava, e então forcei um sorriso alegre quando a Moça do RH

me deu instruções que eu não precisava para o meu novo inferno pessoal. Eu já conhecia o caminho.

Meu primeiro instinto foi entrar em chamas. Mas isso lhe daria a satisfação de saber que ele estava sob minha pele. Se o mistério o incomodava tanto, esse filho da puta... espere, não. Sua mãe era um ser humano adorável. Este *macho escroto* ia sofrer. Eu me certificaria disso.

O Sr. Escroto não estava atualmente na residência.

Mas apenas olhar pela porta aberta em seu domínio me fez sentir um pouco tonta. Achei que era uma combinação de justiça e falta de queijo.

Fiquei ali, olhando para a mesa vazia de Greta por um longo minuto. Eu estaria a poucos metros do homem que eu queria evitar pelo resto da minha vida. O dia todo, todos os dias, durante dois meses. Um de nós estava prestes a rachar, e eu realmente, *realmente* não queria que fosse eu.

— Administradora Ally subindo no mundo. — Linus apareceu, batendo uma pilha de provas com tinta vermelha na palma da mão.

Resisti à vontade de pegar a lata de lixo de Greta e vomitar nela.

— Parece que sim. Eu não sabia que Greta estava planejando uma viagem.

Ele encolheu os ombros esculpidos pelo personal trainer.

— Parece que foi uma viagem surpresa de aniversário — disse ele.

— E que aniversário.

— Você está bem? — Ele olhou para mim através de seus óculos de tartaruga. — Você parece ainda mais quieta do que o normal.

— Tudo bem — eu resmunguei. — Tudo está bem.

E então não estava. Porque Dominic Russo estava vindo em minha direção em um maldito colete com as mangas da camisa arregaçadas,

parecendo que ele era dono de meio mundo. Eu poderia precisar daquela lata de lixo depois de tudo.

— Ally — ele disse rispidamente.

Eu apenas encarei estupidamente e amaldiçoei minhas partes femininas por explodir em um coro de anjos enquanto elas se lembravam de sexta-feira à noite em detalhes vívidos. A sensação de seus dedos enquanto cavavam impiedosamente em meu quadril. O som que ele fez, aquele gemido longo e prolongado quando gozou. A propagação quente e úmida de seu orgasmo debaixo de mim. O cheiro de sândalo de seu sabonete líquido.

— Linus — Dominic disse, acenando para o homem ao meu lado.

Disco arranhado.

— Bom dia? — Eu disse. Saiu como uma pergunta porque Linus estava olhando entre nós como se houvesse uma partida de tênis invisível acontecendo. Se o tênis fosse jogado com uma bola de ódio que foi golpeada por raquetes de angústia, então estávamos no meio de Wimbledon.

— Estes são para você dos superiores — disse Linus, entregando as apresentações.

Dominic arrastou seu olhar malvado, alfa, estúpido e de olhos azuis para longe de mim e olhou para os papéis.

— Muito menos marcações vermelhas desta vez. Considere isso uma vitória — disse Linus.

Dominic assentiu, mas não disse nada.

— Bem, eu vou deixar vocês dois voltarem para... qualquer que seja essa bagunça quente — disse Linus antes de sair correndo.

Voltamos a olhar um para o outro. O ar entre nós vibrou com todas as coisas que não estávamos dizendo. Eu tinha tantos sentimentos conflitantes que me perguntei se poderia realmente implodir. Então,

passei um tempo obsceno pensando em quanto tempo levaria para limpar as partes do meu corpo implodidas do tapete.

Provavelmente seria mais fácil apenas refazer o andar inteiro, imaginei.

— Entre, Ally — Dom disse, liderando o caminho para seu escritório.

Eu quase mordi minha língua ao meio, mas fiz o que o idiota ordenou. *Viu? Eu poderia fingir.*

Ele gesticulou em direção a uma das cadeiras na frente de sua mesa. Eu esperava que ele se sentasse atrás de sua mesa. Manter grandes objetos entre nós tinha sido seu modus operandi até agora. Então eu sabia que estava em apuros quando ele se inclinou contra a frente de sua mesa.

Sem barreiras.

Em um movimento defensivo, fui para trás da poltrona.

Seus lábios se curvaram e ele cruzou os braços.

Tentei não olhar para a tatuagem sexy em seus antebraços. Vestido e elegante do lado de fora, mas cave algumas camadas, e Dominic Russo era um deus do sexo primitivo e áspero.

— Obrigado por substituir — disse ele.

Pisquei e balancei a cabeça, certa de que não tinha ouvido direito.

— Substituir? — Eu repeti.

— Ela fala.

O homem simplesmente não conseguia passar cinco segundos sem apertar meus botões.

— Não vai funcionar — eu disse a ele com altivez.

— O que não vai funcionar? — Ele teve a pura estupidez de parecer divertido.

— Eu não vou me demitir. Faça o seu pior, Encantado. Mas estou aguentando. Não importa que pauzinhos você mexeu para me trazer aqui quando eu disse expressamente que nunca mais queria ver seu rosto estúpido novamente...

— Você acha que eu o quê? Mandei Greta para férias de dois meses? — Ele zombou.

— Você me escolheu a dedo para essa farsa ridícula de um trabalho.

— Eu escolhi — ele admitiu.

Eu esperava mais uma negação e tive que lutar pelo próximo ponto do meu argumento. Eu vim seco.

— Você é a única em quem confio. — Ele disse isso como se fosse uma coisa normal de se dizer.

— Você confia em mim? Que tipos de relacionamentos fodidos você tem, Dom?

— Nós compartilhamos vários... momentos íntimos — ele disse, escolhendo suas palavras cuidadosamente. — E você nunca divulgou essa informação ou a usou para obter uma vantagem sobre mim.

Eu estava de repente e esmagadoramente exausta. Meus ombros caíram quando a gravidade aumentou sua atração sobre mim.

O bastardo observador me pegou e empurrou para longe de sua mesa.

— Sente-se. Você está morta em seus pés, e é apenas segunda-feira de manhã.

Ele me empurrou para uma das cadeiras. Eu coloquei meu rosto em minhas mãos e concentrei minha energia em respirações lentas e calmantes enquanto ele fazia algum tipo de barulho no canto da sala.

— Eu não estou fazendo isso para fazer você se demitir — disse ele calmamente.

— Você está fazendo isso para me controlar. Eu vi a cláusula de emprego externo no contrato. Se eu trabalhar em um turno de bar ou decidir dar outra tentativa na noite amadora, sou demitida por quebra de contrato. — Eu queria acreditar em meus ossos que ele estava fazendo isso como um jogo mental estúpido, que ele estava brincando de mestre de marionetes com a minha vida. Mas no fundo, eu estava preocupada que fosse algo muito, muito pior.

Dominic Russo estava tentando cuidar de mim.

— Você ainda pode ensinar dança — disse ele.

Aquele filho da puta controlador, carinhoso e manipulador.

— Eu posso, não posso? Que generoso de sua parte.

— Você quer o emprego ou não? — Ele estava na minha frente novamente e empurrando uma xícara e um pires em minhas mãos. O homem me fez chá e estava me pagando uma quantia astronômica de dinheiro para gerenciar seu calendário e pegar sua maldita roupa na lavanderia. E tudo que eu tinha que fazer era vender minha alma.

— O emprego? Sim. Sua pena? Não. Seus agradecimentos por me esfregar você até o orgasmo? Definitivamente não. Estar à mercê de seus caprichos para me demitir? De jeito nenhum.

— A escolha é sua, Ally. — Ele não estava brincando. Ele estava deixando isso para mim. Eu poderia aceitar o trabalho e deixar meu orgulho na porta. Ou eu poderia sair daqui de cabeça erguida... e ir arrumar as coisas do meu pai porque nenhum salário de administrador, inúmeros turnos no bar e aulas de dança iriam mantê-lo onde ele precisava estar.

E então a pior coisa que poderia acontecer aconteceu.

Meus olhos ficaram quentes e úmidos. Forcei um gole de chá na minha garganta apertada.

— Não — ele disse asperamente.

— Não o quê? — Eu raspei.

— Não faça isso, porra, Ally.

— O que? Chorar? Por que diabos não? Eu não fiz nada além de me humilhar na sua frente até agora. Não vejo por que qualquer um de nós deveria esperar outra coisa. — Eu dei uma risada patética e aguada.

Embora minha visão estivesse embaçada como uma chuva no parabrisa, eu podia dizer que Dominic estava à beira do pânico.

Ele estendeu a mão para mim, depois pensou melhor e enfiou as mãos nos bolsos. Uma imediatamente se libertou e passou por seu rosto.

— Você é mais forte do que isso, Ally. Aja como tal.

Aquele lembrete idiota e arrogante foi o suficiente para eu controlar heroicamente minhas emoções. Levou um longo minuto olhando para o teto e não piscando para reabsorver a umidade em meus olhos. Mas eu consegui.

Dominic pareceu aliviado.

Eu me levantei, ainda segurando a xícara de chá porque o chá era irritantemente fabuloso e ele não estava recebendo de volta.

— Não me foda, Encantado — eu avisei.

Ele não fez promessas. Apenas me deu um aceno rápido.

— Eu serei a segunda melhor assistente que você já teve. Mas não há como voltar a ser como era. Você pode confiar em mim para manter seus segredos, mas eu nunca vou confiar em você com os meus.

Seus olhos estavam tempestuosos. Mais cinza do que azul agora. Ele parecia querer dizer alguma coisa.

— Sobre sexta-feira à noite — ele começou.

Eu levantei uma mão.

— Nunca mencione aquela noite. No que diz respeito a qualquer um de nós, sexta-feira à noite nunca aconteceu.

— E isso nunca vai acontecer de novo — disse ele severamente. — Seu contrato não permite isso.

Eu fiz um juramento de sangue imaginário no local que eu faria esse idiota arrogante se arrepender no dia em que ele entrou no George's Village Pizza.

— Peça-me um café da manhã. Pegue alguma coisa para você também. Você parece pálida. Temos uma reunião às dez.

38
Dominic

ELA PEDIU FARINHA de aveia simples para o café da manhã.

Na terça-feira, ela instituiu uma regra de comunicação somente por e-mail. Quando lhe entreguei um bagel da padaria do quarteirão na quarta-feira, ela o jogou direto no lixo. Quinta-feira ela mandou um barista soletrar "idiota" na espuma do meu chai latte quando saímos do prédio para uma reunião.

À medida que os dias passavam, era tanto um alívio quanto um tipo horrível de tortura só ter que olhar pela minha porta aberta e ver Ally. Fizemos contato visual acidentalmente tantas vezes no primeiro dia que ela moveu o monitor do computador para o lado oposto de sua mesa e sentou-se de costas para mim.

No Dia dos Namorados, dei a cada assistente no andar um arranjo de flores só para que eu pudesse dar algo a ela. Eu assinei no cartão dela "De Linus" para que ela ficasse com as malditas flores.

À medida que a primeira semana passava e sangrava na segunda, ela permaneceu friamente profissional comigo. Evitávamos um ao outro ao máximo. Não houve e-mails antagônicos ou mensagens de flerte. Se eu precisasse assinar alguma coisa, ela mandava uma estagiária ao meu escritório. Se eu precisasse fazer uma pergunta a ela, eu mandava e-mail para a metade da equipe.

Eu mantive minhas mãos longe do meu maldito pau. Parecia errado com ela do lado de fora do meu escritório. Todas as noites, eu revivia a lap dance, mas ainda não me tocava. Nada além de Ally iria tocá-lo. Não depois que ela ondulou e se esfregou em meu pau como se fosse seu brinquedo sexual pessoal.

Eu estava arruinado e encontrei um certo alívio em aceitar isso.

Mas foi o silêncio, sua completa desistência de mim, que começou a colocar as rachaduras na minha fachada. Na terceira semana, eu estava um caco. Eu não poderia trabalhar com esse tipo de tensão. Eu precisava desenvolver um status de problema com a bebida.

A única coisa que me manteve seguindo foi o fato de que as olheiras sob aqueles olhos cor de mel estavam desaparecendo. As cavidades naquelas bochechas também não eram tão perceptíveis. Ally ainda trazia seus almoços, mas agora eles pareciam comida de verdade. No entanto, havia um novo mistério a ser resolvido. Ela estava aparecendo para trabalhar com hematomas estranhos e curativos.

O que ela estava fazendo em seu tempo livre? Meu cérebro obsessivamente revirava o problema repetidamente. Ela era uma submissa? Ela estava cuidando de um cachorro grande e desajeitado? Ela havia adotado a escultura de totens como um novo hobby?

Eu perdi horas do meu dia pensando em perguntas que eu nunca conseguiria perguntar a ela. Eu inventei desculpas para ficar perto de sua mesa. Todas as noites, eu a observava sair sem dizer uma palavra e desejava que ela fosse para casa comigo. Eu não sabia o que era pior, vê-la todos os dias e não falar com ela ou vê-la sair e não saber o que ela estava fazendo.

Eu não tinha ideia de como eu iria passar pelo evento hoje à noite.

Christian James, o designer que ousou flertar com Ally, estava lançando sua nova linha e nós, como grande parte da equipe da *Label*, fomos convidados para o show e afterparty.

Prefiro arrancar meus olhos com uma colher do que assistir Ally, vestida com esmero, desfilar em torno de uma festa. Mas eu também não ia deixá-la ir sozinha. Não com um designer playboy se brindando com champanhe e exibindo covinhas ridículas para ela.

Falando no diabo. A mulher que assombrava todos os meus momentos de vigília pairava na porta.

— Sim? — Eu estalei.

Meu temperamento não parecia ter o efeito certo sobre ela. Isso só a encorajou.

Ela entrou no escritório em novos saltos agulha de camurça cinza que espreitavam sob os punhos largos de suas calças vermelhas. Eu estava grato que ela estava de frente para mim, então eu não tive que fingir que não admirava sua bunda.

— Estes são de Dalessandra — ela disse, deixando cair uma pilha de amostras na minha mesa.

Pareciam ter sido massacradas por uma caneta vermelha muito afiada. Havia uma nota na margem da primeira página.

Venha falar comigo.

Eu tinha sido convocado.

Qualquer progresso que eu estava fazendo antes de mudar Ally para cá tinha desaparecido porque eu estava muito ocupado tentando não cobiçar minha assistente para me concentrar no trabalho em mãos.

Eu xinguei baixinho.

— Problema? — Ally perguntou.

Ela não tinha fugido para a porta ainda. Presumi que ela estava esperando um lugar na primeira fila para o meu colapso, e fiquei feliz em atender.

— Problema no singular? Não, Malévola. Tenho vários. Incluindo o fato de que eu não consigo parar de pensar na minha assistente pessoal Frosty, O Boneco de Neve ou fazer meu trabalho em qualquer lugar perto do padrão que meu pai imbecil estabeleceu.

Ela me encarou por um longo e acalorado momento, então revirou os olhos.

— Ugh. Fique aí.

Ally saiu da sala e foda-se, eu olhei para sua bunda.

Ela pisou de volta, segurando uma pasta e carrancuda.

— Estou irritada que você está me obrigando a fazer isso, a propósito.

— Fazer o quê? — Eu estava tão pateticamente feliz que ela estava falando comigo em palavras polissilábicas que eu teria deixado ela me dar um tapa na cara com a pasta.

— Esta é um artigo interno de casacos de inverno incrivelmente horríveis de dois anos atrás. Seu pai assinou.

Olhei para o layout. Pareciam sacos de dormir em tons de bege e cinza. Modelos caindo estranhamente dentro deles em um fundo cinza escuro.

— Aqui está um dos seus — disse ela, puxando o próximo layout da pasta. Semelhante ao primeiro, este era botas de inverno. Os modelos estavam no estúdio em um cenário construído com plataformas quadradas de madeira. Foi um dos primeiros layouts que liderei depois de assumir a posição de meu pai.

— Onde você quer chegar?

— Não se faça de bobo. Você não é bonito o suficiente para isso — ela retrucou. — Você pode dizer que o seu é melhor.

— Eu tinha Linus e Shayla no meu ouvido — eu insisti.

— Você os tinha no ouvido quando se vestiu esta manhã ou quando decorou sua casa?

— Não — eu murmurei.

— Olhe como você, Linus e Shayla fizeram isso muito melhor — ela disse, batendo no artigo que eu fiz. — Você tem *feito* o trabalho, Dominic. Seu pai tinha gosto de merda e achava que ele era ótimo. Você tem muito bom gosto e pensa que é uma merda.

— Estou contando com as opiniões dos outros para fazer meu trabalho.

— Quem disse que era para ser uma ditadura? Você *deve* confiar na experiência dos outros. Você está fazendo disso um esforço de equipe em vez de uma viagem do ego. E funciona. Olhe para a próxima página.

Era uma planilha que acompanhava as vendas da marca dos produtos em destaque.

— Seu layout superou o do seu pai em mais que o dobro.

— Nosso número de leitores cresceu desde que ele estava no comando — argumentei.

— Olha. Se você quer ter uma festa de pena, faça uma festa de pena. Mas, mais cedo ou mais tarde, você pode se acostumar com a ideia de que pode fazer esse trabalho. Seu pai governou com mau gosto e mão de ferro. Sua mãe deixou. Só porque você está fazendo o trabalho de forma diferente não significa que você não é tão bom, se não melhor.

Virei para outra página. Eram estatísticas de tráfego em alguns dos conteúdos da web que eu estava encarregado. O vídeo de Brownie me lambendo foi um dos vídeos mais populares que postamos nos últimos doze meses.

— Por que você tem isso compilado e pronto para ser usado? — Eu perguntei, perplexo.

— Eu disse que seria a segunda melhor assistente que você já teve. Que tipo de assistente eu seria se não tivesse um arquivo "Pare de surtar, chefe"?

Ela foi para a porta.

— Isso significa que você está falando comigo de novo? — Eu perguntei.

Ela nem parou. Simplesmente levantou um dedo médio enfaixado por cima do ombro.

— Não. Volte para o trabalho. Seu tempo de beicinho está interrompendo a minha lista de tarefas.

39
Ally

— COMO QUEREMOS PARECER esta noite? — Linus meditou, batendo um dedo no queixo.

Estávamos olhando para as profundezas do Armário da *Label*. Normalmente, eu estaria disposta a pegar qualquer coisa que pudesse cobrir meus peitos. Mas esta noite eu queria algo mais.

— Queremos nos sentir bonitas e ferozes — decidi. — Tem algum milagre na manga para conseguir isso? — Pegaria um. Um milagre brilhante, dado como eu passei os últimos meses me sentindo como um saco de lixo de um ser humano.

Primeiro eu tinha sido uma stripper, então eu quase deixei meu pai ser despejado de sua casa de repouso, e finalmente eu fiz um acordo com o diabo apenas para manter minha pequena família funcionando.

Linus me olhou de cima a baixo e levantou uma sobrancelha cética e bem cuidada.

— Você se contentaria com razoavelmente atraente e moderadamente assertiva?

— Não.

— Hum.

— Não faça sua coisa de "seria necessário um milagre" comigo, Linus. Eu sei que você tem algo nessa manga fabulosa.

Com um brilho perverso em seus olhos, ele arrancou uma bolsa de roupas de uma prateleira.

— Bem, já que você mencionou isso...

— O que é?

— Não faça perguntas. Vá se vestir porque você sabe que vamos precisar de pelo menos uma hora em sua maquiagem e aquele ninho de rato que você chama de cabelo.

Revirando os olhos, peguei a bolsa, sua a crítica e fui para o banheiro.

Todos os pensamentos nada caridosos sobre como Linus deve ter sido uma líder de torcida malvada da fraternidade expulsa da escola por trote em uma vida passada evaporaram quando eu abri o zíper da bolsa.

— Bem, santo inferno. — Era um milagre em um saco, e Linus Feldman era meu fada padrinho.

Voltei para a sala me sentindo como a incrível Cinderela. Se a fada madrinha da Cinderela tivesse dado a ela um vestido sexy e colante na pele da cor carmesim ou, como eu gostava de pensar, o coração esmagado de Dominic Russo.

— Não está totalmente horrível — Linus disse quando eu rodei lentamente para ele. Ele estendeu a mão. Um par de saltos agulha dourados pendiam de suas alças em seus dedos. — Você vai usar isso, e você não vai reclamar sobre o quanto eles machucam.

Eu balancei a cabeça obedientemente. Eu era uma Cinderela obediente.

Um giro rápido pelo laboratório de maquiagem, meia hora na cadeira de um milagreiro com uma chapinha, e eu parecia alguém novinho em folha. Não a garota triste, pobre, cobiçando seu chefe.

Não. Eu era uma deusa de tirar o fôlego, merecedora de desejo de bom gosto.

O vestido. Ah, aquele maldito vestido. Era macio na minha pele e um vermelho ousado. A saia caía de uma divisão na minha perna direita. O tecido era de camadas leves e arejadas de chiffon que ondulavam atrás de mim como uma capa quando eu andava, ou

perseguia, como Linus instruiu. A parte de cima terminava dois centímetros acima do meu umbigo, oferecendo um vislumbre da barriga e da pele pálida do inverno de Nova York. Tinha mangas curtas e zero decote Mas a forma como ele abraçava meus seios era quase pecaminosa. Havia uma gravata de seda na parte de trás do meu top que o mantinha apertado sob meus seios e quando me mexia, parecia uma carícia.

E não eram apenas as roupas. Ou os olhos elegantes e esfumaçados. Ou os lábios ousados e o cabelo despenteado pelo sexo. Eu estava me lembrando de quem eu era por baixo de tudo. Sob o estresse e as unhas quebradas, as roupas baratas e voltando a dormir novamente. Eu era Ally Morales e tinha um valor muito mais profundo do que um homem me aceitando ou rejeitando.

— Bem, caramba — Linus disse.

Caramba mesmo. Eu balancei a cabeça para o meu reflexo.

— Onde diabos você encontrou esse vestido? — Eu perguntei.

Ele arrancou um pedaço de penugem da manga.

— Foi uma sobra de uma sessão no ano passado. Acabamos não usando. Nenhuma dos modelos pode vestir ele, já que foi feito para alguém com... — Ele gesticulou para meus seios. O vestido tinha sido feito para eles. — É de Christian. Ele vai gostar de ver você nele esta noite.

Eu pensei ter detectado uma pitada de malícia em seu tom.

— O que você está fazendo, Linus?

Ele abriu as mãos, a imagem da inocência, exceto pelo sorriso que brincou em seus lábios.

— Seu fada padrinho não precisa ter segundas intenções.

— Agora estou muito desconfiada.

— Apenas vá e não caia de cara — ele instruiu.

— Você não vai? — Eu perguntei.

— Assim? — Ele zombou, acenando com a mão sobre seu impecável terno preto sobre preto.

— Uh. Sim.

— Não posso. As crianças têm uma coisa da escola.

— *Crianças?* Você tem *filhos*?

— Por que todos estão tão surpresos com isso?

Ele pegou seu telefone e me deu uma apresentação de slides de cinco minutos do pequeno Jasper, Adelaide e Jean-Charles.



EU AINDA ESTAVA CAMBALEANDO quando cheguei lá embaixo. Uma coisa que eu *realmente* gostei deste trabalho foi o serviço de carro. Não era Nelson, mas uma motorista que abriu a porta traseira para mim. E o banco traseiro era ocupado por uma Dalessandra muito estilosa.

— Pensei em irmos juntas e podermos conversar — disse ela, dando um tapinha no assento.

Há momentos na vida de todos em que eles param, respiram e se perguntam que diabos de vida eles estão realmente vivendo. Cruzar por Midtown em uma limusine com um dos ícones mais influentes da indústria da moda ao meu lado em um design que obviamente foi feito apenas para ela era um desses momentos.

— Você está linda — disse ela. — Esse vestido.

— *Eu?* Olhe para o seu vestido. — Mesmo sentada e sob a luz fraca do interior, ela surpreendente. O vestido tinha camadas e camadas de prata, cinza e creme dispostas como penas de cisne. Botas de camurça desleixadas pelas quais eu teria vendido um ovário espreitavam da bainha.

— Vantagens do trabalho — disse ela, afastando o elogio. — Agora, como estão as coisas?

— As coisas estão bem — eu menti. Meu pescoço começou a coçar.

— Bem? Todos que você conheceu. Todos com quem você conversou na equipe. Todos estão bem?

Eu não estava mentalmente preparada para essa conversa. Não, eu passei o dia todo me preparando para ver Dominic fora do trabalho.

Eu não tocaria meu chefe inadequadamente esta noite.

Eu não tocaria meu chefe inadequadamente esta noite.

Eu repeti o mantra todo o maldito dia.

As últimas duas semanas tinham sido um tipo requintado de tortura. Todas as manhãs, quando ele chegava e passava pela minha mesa, eu sentia o cheiro daquele sabonete líquido dele e era imediatamente transportada de volta para sua casa, seu chuveiro, *a razão* pela qual eu estava no chuveiro.

E então eu tinha que me lembrar porque eu mal estava falando com o homem.

— E Dominic? — Dalessandra perguntou, franzindo os lábios vermelhos.

— O que tem ele? — Eu cobri.

Ela deslizou um olhar conhecedor para mim.

— Vocês dois estão próximos.

Eu balancei minha cabeça com veemência o suficiente para ter um gancho de cabelo voando e pousando no meu colo.

— Nós realmente não estamos.

— Você está — ela insistiu. — Ele está feliz? Ele me odeia pelo que eu pedi a ele?

Limpei a garganta e me senti desleal a um homem que não tinha oficialmente conquistado minha lealdade.

— Acho que ninguém diria que Dominic é um homem feliz — arrisquei.

— Mas você vê por baixo de toda aquela arrogância. — Dalessandra fez a declaração como se fosse um fato. — Ele está realmente infeliz? Eu exigi muito dele ao intervir para limpar a bagunça de seu pai?

Eu considerei roer meu batom, mas então decidi que não valia a pena a chicotada que eu receberia de Linus se ele visse as fotos.

— Eu não sei exatamente o que aconteceu no ano passado — eu disse com um suspiro. — Inferno, ninguém parece saber, exceto você e Dom. E talvez isso seja parte do problema. Mas não, ele não te odeia. Por baixo de todos aqueles coletes sensuais e rosnados mal-humorados, ele é um cuidador. Ele quer que você seja feliz. Ele quer te fazer feliz. E acho que você sabe disso. Eu também acho que você deveria ter essa conversa com ele.

— Nós, Russos, não conversamos — disse Dalessandra com um sorriso triste.

Conte-me sobre isso.

— Talvez você devesse tentar. Especialmente se você tem orgulho do trabalho que seu filho está fazendo por você.

— Dominic sabe que estou orgulhosa dele — ela disse rigidamente.

— Assim como todas no escritório sabem que qualquer coisa misteriosa que aconteceu no ano passado nunca acontecerá novamente porque você protege elas e nunca deixará ninguém tirar vantagem da posição e do poder novamente?

A esmeralda na mão de Dalessandra piscou quando ela apertou os dedos em um punho na saia.

— Eu tenho uma reputação a proteger — ela disse friamente. — Aspirar a roupa suja não é como se sobrevive neste mundo.

— Reputações não podem ser construídas varrendo as coisas para debaixo do tapete — eu a lembrei. — Elas são construídas em histórias. Você está no controle de sua história e como ela é contada... ou não.

— Você não está seriamente sugerindo que eu mostre minha alma para o mundo sobre como eu fui estúpida o suficiente, cega pela ambição o suficiente, para não perceber o que estava acontecendo em meu próprio escritório, meu próprio casamento?

— Mesmo se você fosse estúpida ou cega – o que eu certamente não acho que você foi – você não é mais. E é isso que seu pessoal merece saber.

— Meu pessoal — ela repetiu para si mesma. — E se minha história não for apenas minha para contar? E se houver outras pessoas que podem não querer que suas partes sejam compartilhadas?

— Acho que é aí que essas conversas entram em jogo — eu disse, dando um tapinha nas minhas costas para o retorno. Eu estava pregando essa coisa de conselheiro sábio esta noite. Provavelmente era o vestido.

— Você certamente tem muitas opiniões — refletiu Dalessandra.

— Já me disseram isso. Seu filho. Em várias ocasiões.

— Falando no meu filho, ele gosta muito de você.

— Eu sinto que é mais correto dizer que eu o enfureço muito — eu a corrigi.

— Eu exigi muito dele — disse ela.

— Você exigiu.

— Espero que ele não pense que estou pedindo para ele colocar sua vida em pausa por mim, por este trabalho.

Pise com cuidado, avisei a mim mesma.

— Eu não acho que você é a Russo que está impedindo Dom de viver a melhor parte da sua vida — eu disse cautelosamente.

Dalessandra me estudou silenciosamente no escuro.

— Você soletrou mais alguma mensagem para ele em sua comida? — Ela perguntou, mudando de assunto.

— Na verdade... — Peguei meu telefone para mostrar a ela a espuma de idiota.

40
Ally

DALESSANDRA E EU NOS SEPARAMOS para que ela pudesse andar no tapete vermelho da galeria da moda enquanto eu me escondia atrás da ação.

Eu estive neste bairro algumas vezes. Era engraçado como alguns metros de calçada podiam ser pontilhados com chicletes velhos e sacos de fast food descartados durante o dia e transformados à noite com uma vassoura, alguns cavaletes e um pouco de tecido vermelho.

O dinheiro pode transformar temporariamente qualquer coisa.

Verifiquei meu casaco, emocionada por não ter mais que me encolher com o pensamento de dar uma gorjeta mais tarde, e segui meu nariz até o bar.

A galeria era uma grande extensão de pisos de concreto, tetos altos e industriais e paredes temporárias. A exposição atual era algum tipo de arte moderna que eu não entendia. Barras de cor, barbante bobo colado na tela e uma escultura particularmente confusa que parecia ter sido criada por uma turma de creche no dia da massinha.

Mas a música pulsava em uma batida sedutora, as luzes estavam baixas e um zumbido de excitação circulou entre os participantes bem vestidos.

Olá. Open bar.

— O que posso te trazer? — O barman era incrivelmente fofo. Eu precisava voltar a achar isso atraente em vez do domínio taciturno do Sr. Criado pelos Anjos Até que o Diabo Assumisse.

Seus olhos fizeram uma viagem vagarosa sobre mim, e eu me lembrei do vestido.

— Vinho branco. Não, espere. Champanhe — eu decidi. Se eu derramasse, não mancharia, e as bolhas me impediriam de continuar.

— Pode deixar — disse ele.

— Esse vestido em você — ouvi uma voz familiar dizer.

Eu me virei e encontrei Christian James, designer extraordinário, atrás de mim, um sorriso malicioso em seu rosto bonito. Ele pressionou a palma da mão acima do coração, deixando seus dedos imitarem uma batida.

— Parece que o designer é um gênio.

— Claramente — disse ele com um sorriso ofuscante. E lá estava a covinha. Hum.

De uma distância imparcial, puramente científica, pesei minha reação ao homem. Encantador. Engraçado. Um maldito gênio com agulha e linha. Ele estava flertando comigo, e eu estava gostando.

E então houve um relâmpago de consciência um segundo depois, quando eu peguei um vislumbre de Dominic do outro lado do cômodo. Ele estava conversando com uma mistura de pessoas bonitas, mas estava olhando para mim.

Um olhar para o homem em seus jeans e botas e aquele maldito colete que eu sabia que ele estava usando apenas para me irritar e minha frequência cardíaca acelerou como em uma aula de ciclismo.

Eu de alguma forma me excitava com rejeição? Tomei um gole apressado de champanhe.

Bem, não haveria mais rejeições porque eu tinha acabado no que dizia respeito a Dominic. Ele não poderia ter sido mais claro. E nem eu. Além disso, se eu fosse estúpida o suficiente para me oferecer a ele mais uma vez, eu perderia o último pedaço do meu respeito próprio.

Se ao menos eu pudesse apagá-lo do meu cérebro. Mesmo agora, eu podia senti-lo olhando para mim. Uma cócega de desconforto entre

minhas omoplatas, um arrepio de consciência subindo pela minha espinha. Quase parecia... excitante. E isso me fez querer vomitar.

Talvez não fossem os hormônios do queijo. Talvez fosse algo muito, muito pior.

— Você se importa? — Christian perguntou, me oferecendo sua mão. — Para que eu possa ver como o tecido se move? Além disso, eu realmente gosto de olhar para você.

— É a sua festa — eu disse, colocando um pouco mais de esforço no flerte.

Ele colocou minha bebida no bar e pegou minha mão.

— Linda. Eu podia ver você em um modelo na cor branca. Um casamento na praia. Flores em seu cabelo. Muito boêmio. Após a cerimônia, você pularia no oceano com seu noivo muito sortudo.

Eu estava corando.

— A linda e corada noiva — ele meditou. — Quais são seus pensamentos?

— Não tenho tempo nem perspectivas de casamento.

Ele sorriu novamente.

— Eu quis dizer o vestido. Se este fosse o seu vestido de noiva, o que você acrescentaria? Tiraria?

— Brilho.

— Ah, sim — disse ele com aprovação. — Algo sutil que pegaria a luz do sol e faria você parecer...

— Mágica.

— Exatamente. — A sobrancelha que ele arqueou era elegante. — Vire para mim?

Dei de ombros. Ele me puxou como se estivéssemos na pista de dança e, em seguida, gentilmente me afastou. Eu girei como aquela

bailarina sem rosto na caixa de jóias que meu pai me deu no meu quinto aniversário para guardar todos os meus anéis e pulseiras de plástico.

Então ele estava brincando me puxando de volta. Com um sorriso diabólico, ele usou meu impulso e me inclinou de volta sobre sua perna em um mergulho extravagante.

Os convidados ao nosso redor irromperam em aplausos espontâneos e eu subi rindo. Deus, era bom rir.

Alguém no bar atrás de nós bateu um copo de cristal com força suficiente para quebrá-lo.

— Deixe-me ajudá-lo com isso, senhor — disse o barman, pegando o copo quebrado de Dominic. Aquele olhar carrancudo era muito mais quente de perto. Senti como se meu vestido fosse pegar fogo, queimar meu corpo e me deixar aqui nua. Talvez eu devesse ter usado protetores de mamilo novamente.

— Dominic. — Christian voltou sua potência para o meu chefe e ofereceu-lhe aquele aperto de mão amigável com o tapa no ombro. — É bom te ver. Estou ouvindo muitas coisas boas sobre você na *Label.*

Os olhos de Dom brilharam com algo irreconhecível. Ele estava olhando para mim.

— Você tem um minuto? Eu gostaria de discutir um pouco de logística. — A pergunta era para Christian, mas os olhos de Dom queimaram em minha carne como uma marca. A mão que ele apertou no ombro de Christian não parecia amigável enquanto ele conduzia meu parceiro de dança para longe de mim.

— Querida, eu não sei do que se trata — disse o barman, olhando para os homens. — Mas o cara do colete parece que não consegue decidir se quer bater em você ou te devorar.

Eu pisquei.

— Então eu não estou imaginando?

— Isso foi um código nuclear. Se eu tivesse partes femininas e o levasse para a cama, ficaria preocupado com minha vagina explodindo espontaneamente.

Era uma preocupação real.

— Acho que preciso de outra bebida.

— Eu também acho — disse ele, colocando outra taça de champanhe no bar e depois servindo uma dose. — Isso é para aliviar a tensão da explosão de vagina do cara de colete.

— Obrigada.

— Saúde, boneca.

Fiz algumas rondas, checando Dalessandra, e aterrissei com alguns dos representantes de vendas de anúncios perto da cozinha. Nós havíamos descoberto astutamente que teríamos direito a aperitivos em bandejas se espreitassemos ativamente os garçons.

Fiquei de olho em Dominic enquanto ele circulava pelo lugar. Toda vez que parecia que ele estava vindo em minha direção, eu saía apressada e ia para outro lugar. Eu até me escondi no banheiro por vinte minutos tentando me acalmar. Ele estava rondando. Estávamos circulando um ao outro, e eu simplesmente não tinha coragem para outra discussão ou outras dez razões pelas quais eu não era boa o suficiente para ele.

— Podemos apenas falar sobre o quão delicioso Dominic Russo está esta noite? — Nina da publicidade suspirou em sua taça de vinho. Ela era alta e magra, com cabelos cacheados indomáveis e olhos azuis que sempre pareciam brilhar.

— Sim, por favor — Ruth disse, fingindo um desmaio.

— Eu não acho justo que alguém tão atraente não esteja namorando. Comigo. Namorando comigo — disse a redatora Missie.

Missie era uma coisinha pequena que tinha a tendência de começar a cantar quando estava nervosa.

— Qual é o problema dele? — Perguntou Gola, que estava fabulosa demais em um vestido azul marinho que destacava seus ombros verdadeiramente fantásticos.

— Sim, Ally. Qual é o problema dele? — Ruth perguntou.

Todos os olhos se voltaram em minha direção.

— Uh, como eu deveria saber?

— Você trabalha a um metro e meio do homem. Como seu cérebro ainda está funcionando? — Nina perguntou. — O meu já teria se transformado em mingau hormonal.

— Você já tentou desistir do queijo? — Eu ofereci.

— Ally é imune ao cara — Gola insistiu.

— Imune? Eu não iria tão longe — eu disse, fingindo não me lembrar que recentemente coloquei baterias novas para meu vibrador na minha lista de compras.

— Ele é tão diferente de seu pai. Tipo, além da aparência, eu não posso acreditar que eles são parentes — Missie disse.

— Sim, Dominic Russo não encurralaria alguém na sala de cópias e mostraria seu pau — concordou Gola.

Não, ele não iria. Nem mesmo se ela, eu, quisesse.

— Não é uma pena? — Disse Missie.

Todas nós rimos. Um pouco de champanhe subiu pelo meu nariz.

— É um pouco irônico, não é, que o assédio de um idiota seria bem-vindo vindo de outra pessoa? — Gola meditou.

— O consentimento torna tudo sexy — disse Ruth.

— Ao consentimento — eu disse, levantando meu copo.

— Eu consentiria com Dominic Russo se ele me deixasse — a adoravelmente bêbada Missie disse para o fundo de seu coquetel.

— Isso realmente aconteceu? Na sala de cópias, quero dizer? — Eu perguntei, balançando a conversa de volta na direção de onde tinha vindo.

— Garota, Paul Russo era um esquisito de verdade — disse Nina. — No dia em que ele foi embora, várias de nós saímos para almoçar e compramos champanhe barato e fizemos um brinde para nunca mais termos nossas bundas apalpadas novamente.

— E então fizemos isso de novo quando Dominic entrou a bordo — acrescentou Missie sonhadora. — Porque ele é tão bonito.

— Vocês já pensaram em dizer isso a Dominic? — Eu perguntei.

— O que? Que achamos que ele é muito gostoso? Gostoso do tipo que o diabo o criou? — Nina franziu a testa.

— Uh. Não. A parte sobre vocês estarem felizes por ele estar aqui e que gostam de trabalhar com ele.

— Você quer dizer realmente falar com aquele filé de homem fino? Não. Não, obrigada. Uma vez eu esbarrei nele saindo de uma sala de conferências e, em vez de me desculpar, corri para o banheiro. O banheiro masculino — Missie confessou. — Ele é tão bonito e melancólico, e eu só quero ser a única a domá-lo e mostrar-lhe amor. — Ela cantou as últimas palavras no estilo Broadway.

— Mas ele é tão inacessível. Acho que isso é o que eu mais gosto nele. Se eu pudesse "pegar" ele, eu seria linda e especial e obviamente muito boa na cama, porque ele não é o tipo de homem que se contenta com nada menos. — Ruth suspirou.

Eu cobri minha risada com outro gole de champanhe. Dominic literalmente morreria se pudesse ouvir essa conversa.

— Como é ser assistente dele? — Gola exigiu.

— Sim, desembucha. Todos os detalhes.

Por que todo mundo estava me pedindo informações sobre o homem esta noite?

— Uh. Não sei. Ele gosta de chá. Ele é rabugento por fora, mas na maioria das vezes é um bom ser humano.

Elas esperaram extasiadas por mais petiscos de Dominic.

— Ele ouve quando eu falo. Ele é cuidadoso, honesto. Ele se preocupa com o que está fazendo. Ele definitivamente não é seu pai. No geral, ele é um bom chefe.

— Vocês brigam muito. Não vou mentir, é totalmente quente. Eu quero ser você quando eu crescer — Missie trinou.

— Nós apenas nos esfregamos da maneira errada. E só estou com ele até sua secretária Greta voltar. Espero que eu acabe com um marido que me surpreenda com uma turnê européia de dois meses, certo?

Elas trocaram olhares.

— O quê?

— O marido dela não a surpreendeu — disse Nina. — Dominic mandou ela ir.

41
Ally

EU ESTAVA PISCANDO tão rápido que meus cílios pareciam asas de beija-flor.

— Dominic mandou Greta embora? — Eu perguntei a Nina, indo com indiferença.

— Alguma de vocês, senhoras adoráveis, gostariam de provar...

— Agora não, Carl! — Eu gritei para o garçom que se aproximava com sua bandeja de camarão borboleta. O homem fugiu com seus aperitivos.

— Ah, sim — disse Nina, acenando com a mão. — Eu ouvi de um amigo de uma amiga de um amigo. Dominic organizou pessoalmente as férias com o RH. Ele ligou para Jasmine, a mal-humorada com zero habilidades de câmera, para a casa dela às duas da manhã de uma sexta-feira à noite e disse que precisava que o negócio fosse fechado naquele fim de semana.

— Tecnicamente ela não estava em casa. Ela estava na balada com um cantor de jazz super fofo que ela conheceu em um pub crawl — Missie entrou na conversa.

— Espere um segundo. Jasmine, zangada do RH, a imortalizadora de espirros pela metade, vai à balada com cantores de jazz? — Eu perguntei. — Você sabe o quê? Deixa para lá. Por favor, continue.

— De qualquer forma, ele disse que era um agradecimento por aturar suas besteiras por tanto tempo. Ele pagou do próprio bolso por seu tempo livre *e* sua viagem. Você pode imaginar? — Nina se emocionou.

— Duas da manhã de uma sexta-feira? — Eu perguntei.

— O que ele estaria fazendo naquela hora da noite que decidiu que precisava mandar sua assistente de férias por dois meses? — Perguntou Gola.

— Talvez ela tenha testemunhado ele cometendo um assassinato — eu disse nervosamente.

Eu sabia exatamente o que ele estava fazendo naquela sexta à noite. Teria sido cerca de dez minutos depois que eu saí de sua casa com minhas roupas extravagantes de stripper.

Eu precisava de outra dose de um barman potencialmente bissexual.

Na manhã seguinte, eu tinha a promoção e o "bônus de assinatura". Eu sabia que ele tinha me manipulado para isso. Eu só não tinha percebido o quão diabólico ele tinha sido. Eu pensei que ele tinha se aproveitado de uma situação, não manipulado sua administradora em umas férias pagas de sessenta dias.

— Não querendo agitar o boato, Ally — Nina disse, me tirando do meu estado de fuga amarga —, mas eu acho que ele gosta de você. Tipo realmente gosta de você.

— Ou te odeia — acrescentou Missie. — Nós honestamente não podemos decidir. Nós vamos e voltamos sobre isso. Eu pessoalmente espero que ele te odeie porque ele está guardando todo o seu amor para mim. Mas ele olha para você como se quisesse estrangulá-la ou jogá-la para fora de um veículo em movimento ou...

— Foder seus miolos — Nina completou prestativamente.

Eu engasguei com minha própria saliva.

— Pessoal, eu não vou transar para chegar até o topo. Eu asseguro isso. E Dominic não tem nenhum interesse em mim.

— Primeiro de tudo, você não é Malina. Você não iria transar com seu chefe para chegar ao topo Você transaria com ele porque ele é tão

quente que eu aposto que pode fazer ovos mexidos em seu abdômen — Gola insistiu. — Mas ele disse isso? Sobre não estar interessado em você?

Fechei meus olhos.

— Em várias ocasiões.

— Ele está mentindo. Ele está mentindo totalmente — Ruth gritou.

— Eu nunca vi um homem olhar para uma mulher assim. Como se ele fosse uma criança olhando pela vitrine de uma loja de doces e decidindo se está disposto a quebrar o vidro para pegar o doce e devorá-lo — Missie disse, com os olhos vidrados.

— Bem, essa é uma descrição desconfortável — eu disse.

Senti um arrepio de calor percorrer minha espinha.

— Ele está olhando para você agora — disse Nina sem mover os lábios, o que tornou ainda mais suspeito. Todas, menos eu, deram a volta para se concentrar em Dominic.

— Definitivamente quer jogá-la de um telhado.

— Depois que ele dar a ela dez orgasmos.

— Posso ser você quando crescer? — Missie sussurrou-cantou.

— Por que vocês dois simplesmente não ficam juntos? — Ruth perguntou, abanando-se com um guardanapo.

— Além do fato de que eu não sou o tipo dele, ele não é o meu tipo, ele não está interessado em mim, e dormir com colegas de trabalho é uma má ideia?

— Sim. Além de tudo isso — disse Ruth.

— O pai dele — eu disse.

Enfrentei quatro mulheres de aparência confusa.

— Nós não estamos pegando o que você está colocando — disse Gola.

— Ele acredita que sua incapacidade de olhar diretamente para sua beleza e suas fugas loucas para o banheiro masculino significa que vocês tem medo dele. Como se pensasse que ele é outro pervertido.

Seu refrão retumbante de "Você está brincando comigo?" foi instantâneo e alto o suficiente para que metade do cômodo se virasse para ver o que estava acontecendo.

— Oh meu Deus! Se recomponham — eu disse, silenciando-as.

— Sabe. Se abaixarmos algumas das barreiras, talvez ele faça sua jogada contra Ally? — Disse Ruth.

— Abaixar barreiras? Pessoal, não acho que deveríamos estar conspirando contra a administração.

— Estamos conspirando *por* ele. Não contra ele — Gola meditou. — Se Dominic entendesse que achamos que ele é um bom chefe, que não o estávamos comparando com o pai, talvez ele quebrasse o vidro e comesse o doce.

— Não, não, não. Não. Não. Uh-uh. Ninguém está conspirando contra ou a favor de nada. Ninguém está comendo nenhum doce.

— Ally, você é o tipo de conto de fadas que todos nós precisamos — Nina insistiu. — Pobre caipira...

— Ei, eu sou de Jersey, idiota.

Nina acenou para mim.

— Shh! Estou contando uma história aqui. A pobre caipira de Jersey chega à cidade grande e chama a atenção do chefe lindo e mal-humorado que se recusa a se apaixonar por ninguém. Mas há algo especial sobre ela. Algo que ele nunca viu antes em uma mulher.

— Eu quero ser especial — Missie lamentou.

— Você é especial. Somos todas especiais — insisti.

Senti o frisson novamente. Desta vez começou nos meus dedos dos pés e se espalhou por todo o meu corpo.

— Ele está vindo para cá — Missie cantou.

— Ajam normalmente, pessoal. Pelo amor de Deus, ajam normalmente — eu assobiei.

— Ele está praticamente afastando as pessoas do caminho — observou Ruth.

Eu esperava em Deus que ela estivesse exagerando.

— Ei, linda. Quer causar um rebuliço? — Christian apareceu ao meu lado e me deu um ataque cardíaco.

Agarrei meu coração.

— Minha nossa! De onde você veio?

— Ah, do bar. — Ele sorriu para mim e balançou um copo. — Eu tenho uma ideia. Venha comigo.

Ele era mais seguro do que qualquer torpedo sexy que estava vindo em minha direção. Peguei a mão que ele ofereceu e deixei que ele me arrastasse para longe.

CINCO MINUTOS DEPOIS, um designer em ascensão estava de joelhos na minha frente nos bastidores e suas mãos estavam no meu peito.

— Ai. Isso é um peito — eu assobiei. — Você está me tatuando?

— Desculpe — disse Christian, através dos alfinetes em sua boca. — Tente ficar parada, e eu não vou te acertar tanto.

— Você sabe, geralmente eu espero pelo menos até o jantar e as bebidas antes de deixar um cara me apalpar.

— Isso é totalmente profissional. Eu prometo — ele insistiu com uma piscadela lasciva. — Não que você não seja feita com perfeição, é claro.

— Ah, claro. — Revirei os olhos.

— Eu só tenho espaço para tantas obsessões. Eu tenho uma quantidade limitada de banda larga. Neste momento, a minha é esta linha. Qual é a sua? — Ele se sentou sobre os calcanhares e admirou sua obra.

— Oh, eu não acho que você tenha tempo. Além disso, esta noite é sua noite.

Ele pegou a camada superior da minha saia e a ajeitou.

— Você sabe o que eu vejo quando há uma pilha de tecido na minha frente e uma mulher bonita?

— Acho que não só uma pilha de tecido e uma mulher bonita?

Ele atirou o dedo indicador para mim.

— Bingo, espertinha.

Eu o ajudei a ficar de pé.

— Vejo uma história e tento contar essa história com corte e cor, linha e acessórios.

— Eu gosto disso — eu meditei no meu champanhe agora quente e quase sem graça. Agarrei-me à ideia de usá-lo como adereço. Além disso, eu não queria ficar com a cara de merda em uma função de trabalho e me jogar em Dominic ou jogá-lo de um telhado.

— Você quer saber o que eu vejo em você?

— Definitivamente não.

— Eu vejo sensualidade. Luta. Alguém que não está vivendo a vida que ela se propôs a construir — ele meditou.

— Você é como um daqueles adivinhos que falam porcaria genérica até acertar o alvo? — Eu brinquei.

Ele sorriu, então continuou.

— Eu vejo uma mulher que faria qualquer coisa pelas pessoas que conquistaram sua lealdade. Alguém que vai defender aqueles que não

podem. Eu vejo alguém que está lutando com unhas e dentes por algo... ou alguém.

Eu fiz uma careta para o meu champanhe.

— E vejo que você tem um relacionamento muito complicado com Dominic Russo.

— Oh, vamos lá. Você também não. É lua cheia esta noite? Esta cidade inteira está obcecada com o cara.

— De onde estou, o cara é obcecado por você — insistiu Christian.

— Ok, chega dessa tagarelice artística. Você está começando a me assustar.

— Não tenha vergonha. Você é incrível. Possua isso.

— Não posso me dar ao luxo de possuir nada agora.

— Então é aí que entra este vestido — disse ele. — Você é impressionante. E ousada. E seu chefe vai ter um infarto em cerca de meia hora.

— Eu não me importo se Dominic olhar para mim novamente — eu menti. Meu pescoço imediatamente começou a coçar.

O sorriso de Christian me disse que ele não estava acreditando.

— Eu não me importo — eu dobrei. — Ele teve sua chance, e eu tenho muito respeito próprio. Eu só quero fazê-lo sofrer. Tipo muito. Mas não o suficiente para eu perder meu emprego. É uma linha tênue para caminhar.

Ele mostrou aquelas covinhas para mim.

— Então vamos fazer o homem sofrer.

— Tem certeza que está tudo bem? Não sou ninguém no mundo da moda e não me pareço em nada com o resto dessas mulheres. — Olhei em volta para as modelos no meio de cabelos, maquiagem e acessórios. Todas estavam seminuas e pareciam entediadas. *Apenas outro dia no escritório.*

— Essa é a questão. Além disso, eu nunca andei no final de um show com ninguém. Vai fazer a imprensa falar. Você não se importa, não é?

— Eu posso destruir todo o seu show e arruinar seu lançamento, sua carreira e depois sua vida. Não estou com muita sorte agora.

— Eu vou aproveitar minhas chances. Talvez você devesse tomar algumas para você.

Se Deus quisesse, em poucos meses a casa seria vendida, as contas do papai seriam pagas e eu poderia me dar ao luxo de arriscar. Talvez começar uma nova vida em algum lugar perto de Dominic Russo. Talvez a Costa Oeste. Ou não sei, Tailândia? Embora, eu não me sentiria confortável deixando meu pai. Agora não. Talvez eu apenas tiraria férias na Tailândia?

No final. Um pouco de especulação da indústria da moda teria efeito zero na minha vida.

— Eh. Está bem. Vamos agitar alguma merda — eu decidi.

— Bom. Vai ser divertido — ele prometeu.

42
Dominic

O SHOW ESTAVA finalmente prestes a começar, e eu estava muito agradecido porque isso significava que em trinta minutos eu:

A) poderia desistir da pretensão de conversa fiada e bajulação.

B) ter tempo para mais uma bebida.

C) poderia ir para casa e esquecer Ally e aquele maldito vestido vermelho.

Mentir para mim mesmo era meu novo hobby favorito.

Claro que ela ficaria assim usando a porra de alta costura. Meio anjo, meio demônio em vermelho sereia. Mas eu ainda seria obrigado a observá-la do outro lado do cômodo se ela aparecesse de calça de moletom e um moletom escrito Eu Amo NYC.

Eu era atraído por ela. Inexplicavelmente. Injustamente. Estupidamente.

E eu tinha que fazer algo para tirá-la da minha cabeça. Era insalubre. Esta semana eu realmente olhei o horário do estúdio de dança onde ela ensinava e pensei em pedir a Nelson para passear por lá depois de sua aula. Então eu pensei em como os perseguidores provavelmente se sentiam em relação às suas vítimas, e eu o fiz me levar a um bar.

Eu estava bebendo demais esta noite, mas eu poderia culpar minha mãe por isso. Aparentemente, Eu Bêbado era melhor do que Eu Sóbrio. Minha mãe sempre me incentivava a tomar uns drinques antes de eventos sociais para não assustar os anunciantes.

Se eu bebesse muito – notícias de última hora: diabos sim, eu tinha bebido muito – eu iria de Uber para casa, deixaria meu carro para um estagiário pegar.

Larguei meu copo vazio no bar e esperei. O barman em um colete de lamê dourado me lançou um olhar conhecedor.

— Noite difícil? — Ele perguntou, servindo-me outro.

— Isso aí — eu disse. Droga, a gentileza já estava surgindo. Peguei a bebida fresca e me virei para examinar o salão de baile. *Onde ela estava?*

Eu não vi uma deusa usando vermelho. Ela acampou na frente da cozinha para pegar mais aperitivos, o que imediatamente fez eu me preocupar que ela não estivesse usando seu novo salário para comprar comida de verdade. Passei muito tempo me preocupando e me perguntando sobre ela.

O que ela comia nos fins de semana.

O que ela fazia tarde da noite quando não conseguia dormir.

Se ela pensava em mim metade do que eu pensava nela.

Eu não a tinha visto desde que criei coragem para ir até lá e iniciar uma conversa com as mulheres com quem ela estava conversando. Era razoável que eu pudesse perguntar à representante sobre os novos tamanhos de anúncios on-line que lançaríamos. E eu poderia ter olhado para Ally. Talvez até sorrido?

Mas ela havia desaparecido. Levado por aquele maldito designer que deveria estar mais preocupado com o sucesso de sua linha do que uma mulher em um vestido.

Mesmo que fosse Ally. *Especialmente se fosse Ally.*

Essa coisa fria e profissional com ela estava me matando. Eu sentia falta dela sentada na minha mesa e brigando comigo. Eu sentia falta das faíscas que acendiam quando discutimos. Eu senti a falta dela.

As luzes começaram a diminuir no cômodo. Um burburinho de excitação aumentou enquanto as pessoas se moviam para se sentar ao lado da passarela em cadeiras cobertas de linho branco.

Eu ainda não tinha visto Ally, e estava além do ponto de tentar esconder o fato de que estava procurando por ela. Parei Irvin em seu caminho para a primeira fila.

— Você viu a Ally? — Eu perguntei.

— Quem?

— Minha assistente — eu disse secamente. Eu vivia em um mundo onde todos deveriam conhecê-la.

— Acho que a vi em um pequeno círculo das Nações Unidas. — Ele riu.

Outro comentário que me incomodou. Eu ia revisitar o assunto de Irvin com minha mãe e logo.

— Eu quis dizer recentemente.

— Naquele vestido? Se ela for esperta, provavelmente curtindo um encontro em um canto escuro.

De repente, eu queria vomitar os três ou quatro uísques que estavam atingindo meu estômago vazio como um problema no estômago. E depois socar alguém. Ou talvez o contrário. Meu plano estava um pouco confuso.

— Dominic! — Minha mãe acenou para nós dois e nos sentamos na primeira fila. — Você está bem? — Ela perguntou.

Eu já tinha estado melhor.

— Ótimo — eu murmurei.

— Você cheira como uma destilaria — ela sussurrou.

— Você cheira muito bem — eu disse mal-humorado.

Seus lábios se curvaram em diversão.

— Obrigada.

Pelo menos minha mãe achava que eu estava sendo um funcionário obediente e não um perseguidor obsessivo e assustador.

Eu não acho que ela poderia se dar ao luxo de ter os dois homens de sua família a decepcionando um seguido do outro.

O show começou, e eu mantive um mínimo de interesse enquanto procurava cuidadosamente os rostos da platéia do outro lado da passarela elevada. Nada de vestido vermelho. Nada de Ally.

A coisa sobre desfiles de moda é que há muito acúmulo, muito tempo, dinheiro e energia investidos por alguns minutos de recompensa. As modelos passaram por mim uma por uma. Mulheres bonitas em roupas bonitas. E nenhuma delas chegou nem perto da minha assistente pessoal desaparecida.

Finalmente, as luzes se acenderam, e foi quando eu a encontrei.

No braço de Christian *Prestes A Ser Um Homem Morto* James.

Eles caminharam pela passarela de braços dados, rindo de uma piada interna que não deveriam ter. Houve uma agitação ao meu redor. Não sei se foi o vestido, o estilista ou a garota. *Minha* garota.

Ele a girou em piruetas como uma maldita bailarina no final do corredor para os aplausos encantados da multidão.

Minha mãe me deu uma cotovelada.

— Comece a bater palmas, seu tolo — ela disse pelo canto da boca.

Bati palmas com uma decisiva falta de entusiasmo, imaginando esmagar o rosto de Christian entre minhas palmas. Eles estavam voltando agora, ainda rindo, a multidão ainda aplaudindo. Atrás do resto das modelos que eu nem via agora. Porque minha atenção estava totalmente focada no pequeno coração branco perolado costurado no corpete do vestido.

Bem no peito de Ally.

Estava quebrado ao meio.

Assim como o rosto de Christian ficaria se ele tivesse costurado isso pessoalmente nela.

43
Ally

OOK. ENTÃO FOI muito legal desfilar na passarela em um lindo vestido de braços dados com um homem muito atraente na frente do cara que me rejeitou repetidamente.

Quando voltei para a festa, me sentia quase alegre.

E de repente exausta. Eu queria ir para casa, me enroscar na cama e reviver o choque de Dom várias vezes na minha cabeça. Eu ficaria mais vinte minutos, me despediria e estaria na cama dentro de uma hora.

— Oh. Meu. Deus. Isso foi incrível. *Você* foi incrível — Gola gritou.

— Estou pensando em matá-la e assumir sua identidade — disse Missie. Tive a sensação de que ela estava apenas meio brincando.

— Isso não é nada assustador — eu disse a ela.

— Isso foi incrível — disse Ruth, jogando os braços em volta de mim e me abraçando forte.

— Obrigada. Agora eu poderia tomar uma bebida.

Nós nos movemos em massa em direção ao bar. Quando eu pedi uma água, o barman me lançou um sorriso malicioso e se inclinou.

— Alguém em um colete quase tão sexy quanto o meu estava freneticamente examinando a multidão procurando por você mais cedo.

Eu sorri. A vitória era minha. Foi uma boa noite.

Uma mulher muito jovem que eu não conhecia apareceu ao meu lado e gritou.

— Garota, você já está nos assuntos mais comentados. — Ela segurou o telefone na minha cara. Um blogueiro de moda tuitou uma foto do final do desfile, eu e Christian rindo no final da passarela.

Christian James termina show com mulher misteriosa em #vestidodestruidordecorações no braço.

Eu me senti quase eufórica.

E então me perguntei onde estava Dominic.

E então eu queria me dar um tapa por me perguntar.

Eu ia precisar começar a usar um elástico no meu pulso e puxá-lo toda vez que eu pensasse nele. Nesse ritmo, eu amputaria minha mão em vinte minutos.

A pista foi desmontada em cubos artísticos e reorganizada para um poleiro desconfortável. Todo mundo estava indo para o open bar como se fosse a última chamada, e aqueles pequenos aperitivos não estavam fazendo nada para absorver o álcool. Foi divertido, mas eu tinha a sensação de que era assim que as coisas ruins aconteciam nas festas de Natal do escritório.

As inibições diminuiam, as línguas se soltavam e a merda caía.

Eu queria sair daqui antes que essa parte acontecesse. Eu esfreguei minha grandiosidade no rosto de Dominic, e agora era hora de ir para casa e comer algumas sobras na cama.

Mais quinze minutos e eu poderia escapar daqui e adormecer parecendo incrivelmente glamourosa no metrô.

Eu manquei em direção a um dos cubos com minha água, me perguntando como diabos eu iria chegar à estação de metrô mais próxima com esses sapatos. Eu não conseguiria.

Um conjunto de chaves pendia na frente do meu rosto tão perto que ricocheteou no meu nariz.

O anúncio rígido de Dominic estava anexado a elas. Ele tinha nossos dois casacos pendurados em um ombro.

— Você está interpretando Oprah? Eu ganhei um carro? — Eu perguntei cautelosamente.

— Você ganhou a honra de me levar para casa. — Ele estava inclinando a cabeça, fazendo seu sorriso torto. — Você está tão bonita, Malé, uh... Malova... Ally. Seu nome verdadeiro é Ally, ou você é Allison?

Oh, garoto. Eu tinha ouvido rumores de Dominic Bêbado. Mas eles não me prepararam para a realidade dele. Ele era adorável... e de forma alguma capaz de funcionar como diretor criativo agora. Eu precisava levá-lo para casa.

— Vamos, chefe — eu disse, pegando as chaves de sua mão.

— Yay! — Ele disse bobo. Seu sorriso era tão doce que fez meus dentes doerem.

Oh não. Não. Não. Não. Não ia acontecer. Eu não ia cair pelo doce e bêbado Dom. Não! Eu permaneceria firme em minha resolução e em outras palavras extravagantes.

— Vamos lá, garotão — eu disse, guiando-o para longe da festa e em direção à entrada lateral.

Estava um frio infernal lá fora, e Dominic Bêbado insistiu em usar meu casaco sobre os ombros porque "cheira bem". Então, mais uma vez, enfiei meus braços em seu casaco de lã e reboquei o homem em direção à garagem. Pelo menos desta vez eu estava usando mais do que protetores de mamilo e uma tanga por baixo.

— Por que você não usou um motorista? — Eu perguntei.

— Em primeiro lugar, Nelson está em uma feira de ciências hoje à noite para sua neta. E terceiro, se eu fizesse, você não iria para casa comigo — ele disse, jogando um braço pesado sobre meu ombro e acariciando minha orelha.

— Eu estou levando você para casa, não vou para casa com você — eu corrigi.

As chaves pertenciam ao Range Rover, e graças ao "beep beep" do controle, que Dominic recriou uma dúzia de vezes, encontrei o SUV no segundo andar.

Abri a porta do passageiro para ele, já que ele parecia incapaz. Mas ele não entrou. Em vez disso, ele passou os braços em volta de mim.

— O que você está fazendo? — Minhas palavras foram abafadas contra seu peito.

Ele acariciou uma grande mão pelo meu cabelo um pouco mais forte do que ele provavelmente pretendia. Seus dedos se prenderam desajeitadamente nos grampos.

— Abraçando você.

— Eu posso ver isso. Por quê?

— Eu sempre quis — ele confessou.

Meu coração derreteu como manteiga cheia de gordura e salgada. Dom Bêbado era Dom Conte Toda A Verdade. *Oh, essa viagem ia ser divertida.*

Eu pesei minhas opções, mas finalmente desisti e passei meus braços ao redor de sua cintura. Ele descansou o rosto no topo da minha cabeça.

— Isso é muito bom — ele balbuciou feliz.

Droga. Era.

Ele estava transferindo mais e mais de seu peso para mim até que eu era a única coisa segurando seus cento e poucos quilos musculosos.

— Ok, amigo. Vamos colocar você no carro.

— Eu não sou Buddy[6]. Buddy é Buddy — ele insistiu. — Dra. Chopra ama Buddy.

— Ela ama, não é? — Eu disse, guiando-o em direção ao banco do passageiro.

---

[6] "Amigo" pode ser traduzido como "Buddy".

— Sim. — Ele assentiu com força. — Ela diz que a esposa dele está ótima.

— Muito legal. Não bata a cabeça.

Ele bateu a cabeça para entrar.

— Ow.

— Você está bem? — Eu perguntei, segurando seu rosto em minhas mãos, procurando por sangue.

Seus olhos eram quase índigos nesta luz.

— Posso te abraçar no carro? — Ele sussurrou.

— Provavelmente é melhor não. Eu vou dirigir.

Ele parecia tão triste que meu coração rachou bem no meio.

— Ah — disse ele. Então ele se iluminou. — Posso tomar um milkshake?

Suspirei. Meu hiato de laticínios não resolveu meus problemas. E um milkshake parecia muito bom agora.

— Claro. Por que não?

Afivelei-o, descobrindo acidentalmente que o homem tinha cócegas, e então fiquei atrás do volante. Apertei o botão de partida e liguei os aquecedores de assento. Então congelei.

— Dominic Russo.

Sua cabeça pendeu para o lado para que ele pudesse olhar amorosamente para mim.

— Este sou eu.

— Como você conhece a fisioterapeuta da esposa de Buddy? — Eu perguntei.

Ele se inclinou para frente.

— Como você sabe que eu a conheço? — Ele perguntou.

— Você acabou de me dizer.

— Eu disse?

— Você está bêbado, não estúpido. Desembucha, Encantado.

— Eu não deveria contar.

— Quem disse isso?

— Eu. É um segredo.

— Você contratou a Dra. Chopra para Buddy?

— Absolutamente não — ele disse muito sério. Então ele começou a rir. — Eu a contratei para a esposa dele porque vocês todas estavam "Oh, Buddy é o melhor ser humano da história do mundo!" — Dominic enfatizou sua impressão relativamente precisa de mim com um gesto amplo que quase colocou o punho pela janela. — Ai.

— Dom, talvez tente não se agitar tanto.

— Ok.

— Por que você fez isso por Buddy? Você ao menos o conhece?

— Eu fiz isso por você — ele insistiu.

Minha parede estava caindo um tijolo de cada vez, e eu não queria deixá-la ir. Saí da vaga e encontrei meu caminho para fora da garagem.

— Não conte a Buddy sobre o meu segredo — ele disse quando entramos na rua.

— Por que você não quer que ele saiba? Você está fazendo algo incrível para a esposa dele.

— Shh! — Ele bateu um dedo sobre meus lábios e deslizou parcialmente pelo meu nariz. — Ele não pode saber. Desta forma *ele* ganhou. *Ele* é o herói.

— Ah, Dom. — Caramba. Meu coração despedaçado estava tentando se recompor apenas para que pudesse se apaixonar por ele novamente.

— Promessa de mindinho — disse ele, espetando seu dedo mindinho perto do meu olho.

— Ah! — Eu empurrei para evitar perder minha córnea. O Range Rover seguiu o exemplo e desviou para a outra pista.

Respondi a buzina raivosa do táxi com o dedo médio.

— Sim, ok. Estou perdendo um olho aqui, e você teve que usar os freios. Grande maldita coisa.

— Ally — Dominic sussurrou.

— Dom, estou um pouco ocupada tentando não nos matar.

— Você ainda não me prometeu de mindinho.

— Ah, porra. — Eu enganchei meu dedo mindinho no dele e tentei não me apaixonar pelo idiota quando ele pressionou seus lábios em nossos dedos unidos.

44
Dominic

EU ME SENTIA QUENTE, confortável, seguro e feliz. E muito, muito bêbado.

Eu não podia abraçar Ally porque ela estava dirigindo, mas podia me enrolar em seu casaco. Então eu enfiei meus braços pelas mangas e usei como um cobertor.

— Que tipo de milkshake você quer? — Ela perguntou, estacionando em fila dupla e jogando os perigos na frente dos arcos dourados. Ela era tão bonita.

— Pfft — eu bufei. — O único tipo que existe.

Ela ergueu uma sobrancelha.

— Chocolate?

— Dá. Não diga a palavra com B na minha presença — eu avisei.

Ela me deu um sorriso de "você é tão estúpido" e, em meu estado de embriaguez, decidi valorizá-lo sempre.

— Adoro quando você sorri para mim.

O sorriso desapareceu daqueles lábios, e percebi que tinha dito as palavras em voz alta.

— Opa. Eu não deveria dizer essas coisas.

— Que outras coisas você não deveria dizer? — Ela perguntou.

— Que eu penso em você o tempo todo e realmente quero te ver nua. — Em algum lugar no fundo do meu cérebro, onde a quantidade obscena de uísque que eu tinha consumido ainda não tinha penetrado, eu estava gritando comigo mesmo, apertando botões de alarme e digitando código Morse. *Cala. A. Porra. Da. Boca. Cara.*

— Oh, garoto — Ally suspirou. — Espere aqui. Eu voltarei com seu milkshake.

Ela deslizou para fora do veículo e correu ao redor do capô. Apertei todos os botões da minha porta antes que a janela abaixasse.

— Traga hambúrgueres também. Aqueles aperitivos de colher eram estúpidos — eu chamei por ela.

Ela acenou por cima do ombro, e eu a vi desaparecer no McDonald's. Eu me divertia inventando músicas sobre ela.

— Ally no vestido vermelho me faz sentir uma bagunça — eu cantarolei pela janela aberta.

Um cara com uma jaqueta de esqui amarela jogou um dinheirinho em mim.

Eu estava trabalhando no segundo verso quando Ally voltou com um saco de fast food gorduroso e dois milkshakes de chocolate. Ela parecia pequena, diminuída pelo meu casaco.

— Olha! — Levantei o dólar triunfante. — Eu estava cantando e um cara me deu isso.

— Uau, Dom. Talvez você possa largar seu emprego diário. — Ela empurrou o saco e um dos copos para mim pela janela aberta e depois subiu atrás do volante.

— Se eu largasse meu emprego diário, não conseguiria ver você — eu a lembrei.

— Nossa. Droga.

— Você sentiria minha falta. Tipo muito. — Eu sabia que ela iria. A essa altura, eu não conseguia imaginar não vê-la cinco dias por semana. A essa altura, cinco dias por semana não eram suficientes.

— Você pagou a Greta para sair de férias por dois meses? — Ela perguntou.

Aqueles sinais de alerta estavam soando alto e claro na minha cabeça. Mas eu estava bêbado demais para prestar atenção.

— Sim. Ela mereceu depois de todos esses anos me aturando.

— Então você mandou sua secretária embora para me dar o trabalho?

Perigo, Dominic Idiota. Perigo.

— Uh-hum.

— Foi porque eu precisava de dinheiro ou porque você queria puxar minhas cordas?

— Pf. Você não tem cordas. Você é uma pessoa, não um Pin... fantoche de pinochle. Você estava tão cansada. E com medo. E eu tenho dinheiro. Mas você não aceitaria. Então eu fiz você pegar.

— Eu queria estar tão brava com você agora — disse ela.

— Vamos para casa. Você pode ficar brava comigo em casa. Brownie está lá, e ele me ama — eu suspirei, pegando um punhado de batatas fritas e empurrando-as na minha boca.

Ela olhou para mim e balançou a cabeça.

— O quê? — Eu perguntei, e uma batata frita caiu da minha boca no meu colo.

— Nada.

— Ei, você vê todo esse glitter aqui? — Eu perguntei.

— Cala. A. Boca. Dom.

Ela parecia séria, então eu fiquei quieto. Bebi meu milkshake inteiro e comi batatas fritas, todas as minhas e acidentalmente metade das dela, até que ela virou na minha rua.

Ela encontrou um espaço no final do quarteirão, e eu saí, ou, mais precisamente, caí, para fora do SUV. Ally, carregando o resto da nossa comida e seu milkshake, correu e me pegou.

Ela começou a rir e então não conseguia parar.

— O quê? — Eu perguntei.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não posso lidar com o quão fofo você está agora.

— Fofo? Eu? — Eu fiz uma careta. — Isso não está certo. Eu sou muito sexy e bonito o tempo todo.

Ela me guiou pelos degraus até a porta da frente.

— Você com certeza é. E agora, você é super fofo. Acho que é porque você ainda está usando meu casaco.

— Posso ficar com ele? — Eu perguntei.

— Não. É inverno. Eu preciso disso.

— Nós poderíamos apenas toca-ca-trocar. Ninguém teria que saber. Você poderia usar meu casaco, e eu poderia usar seu casaco, e seria um segredo. Poderíamos prometer de novo.

— Acho que alguém pode notar você vestindo um casaco feminino de lã ao contrário.

— Você acha? — Fiquei decepcionado.

— Dom, alguém colocou algo na sua bebida esta noite? Malina apareceu disfarçada com o bolso cheio de drogas? Chaves, por favor.

Vasculhei os dois bolsos do casaco de Ally e depois minhas próprias calças antes de pegar o chaveiro.

— Encontrei elas — eu cantei. Mas ninguém me deu um dólar desta vez.

— Bom trabalho, Encantado — ela disse, pegando as chaves de mim. Eu me inclinei pesadamente contra ela enquanto ela abria a porta.

— Espera aí, grandão. Eu acho que esses saltos têm um limite de peso — Ally disse, me apoiando contra o batente da porta. Ela tirou seus saltos altos e conseguiu lutar comigo e com a comida no vestíbulo antes de fechar e trancar a porta.

Houve um tumulto do outro lado da porta principal da minha casa.

— Brownie! — Eu tinha esquecido temporariamente que tinha um cachorro. Este foi um excelente lembrete. Eu abri a porta e um borrão

marrom de pelo se atirou em mim. — Oi, cara! Oi! Você estava com saudades de mim?

Calculei mal a velocidade do vento de um labrador chocolate empolgado e acabei caindo de bunda enquanto Brownie devorava meu rosto.

— Ai! O que dissemos sobre pisar nas minhas bolas?

Ally fez um barulho de engasgo, e eu olhei para cima.

— Você está bem? — Eu perguntei, fechando um olho para trazê-la em foco.

Ela limpou a garganta e olhou para todos os lugares, menos para mim e Brownie.

— Fique forte, Ally — ela estava murmurando.

Brownie, sentindo que seu ser humano que não estava dando a ele todo o seu amor, dançou até ela e jogou sua bunda no chão.

— Quem é o garoto mais bonito? — Ally cantarolou, acariciando seus ouvidos.

— Sou eu — eu insisti. — Mas Brownie é bom também.

Meu cachorro me lançou um olhar "hehe" e voltou a seduzir minha garota com seus grandes olhos castanhos idiotas.

— Arrume sua própria garota, cachorro.

— Não dê ouvidos ao seu pai — disse ela, esmagando o rosto extático de Brownie entre as mãos.

Eu tive o desejo repentino e intenso de dizer a todas as mulheres da minha vida o quanto eu gostava que elas me aguentassem.

— O que você está fazendo, Dom? — Ally perguntou quando eu tirei meu telefone do bolso da calça.

— Primeiro, vou mandar um e-mail para Shayla, aquela que me odeia, para dizer que ela faz um ótimo trabalho. Depois vou gravar uma

música para minha mãe e mandar para ela. — A tela do meu telefone parecia extraordinariamente pequena e fora de foco.

— Ok. Vamos colocar isso em espera antes que você danifique uma retina — Ally disse, pegando meu telefone de mim. — Aqui está um Ted Talk grátis. Mensagens de texto bêbadas nunca fazem o que você quer.

— Mas eu preciso dizer bom trabalho!

— Você precisa ir para a cama — ela respondeu.

Cama parecia muito bom. Especialmente com Ally. Mas eu ainda estava super bêbado como mencionado acima e não estava muito confiante em minhas habilidades de desempenho.

— Eu posso precisar de alguns minutos e um pouco de chá e talvez um banho antes que eu possa... você sabe...

Ambas as Allys estavam me encarando como se eu tivesse começado a falar suaíli.

— Nós não vamos fazer sexo, Dominic. Estou colocando você na cama para que você possa dormir.

— Você vai dormir comigo? — Eu tentei piscar e mostrar a ela meu lado de paquera subutilizado.

— Seus olhos estão te incomodando? — Ela perguntou.

Tentei a piscadela novamente.

— Não.

— Você está piscando estranho.

— Eu não estou piscando. Estou te mandando uma piscadela.

Brownie chamou nossa atenção com um barulho choroso.

— Precisa sair, garoto? — Levantei-me e abri grandiosamente a porta para o cachorro e mulher.

— Posso levá-lo para passear — Ally se ofereceu.

— Por que você é tão legal comigo? — Eu me perguntei em voz alta. — Eu sou um idiota, e você fica tipo "vou passear com seu cachorro".

— Brownie não é responsável pela personalidade de seu pai — ela apontou.

Eu senti como se houvesse uma verdade mais profunda soando nessas palavras, mas eu estava distraído com seu vestido vermelho e aquele leve aroma de limão que a seguia por toda parte.

Eu liderei o caminho para a cozinha e ignorei as preocupações de Ally sobre eu cair e bater minha cabeça no quintal.

— Pfft. Eu tenho equilíbrio perfeito — eu zombei.

Eu tropecei em uma perna da mesa e mal consegui me impedir de levar uma cabeçada no deque.

Meu quintal era um pedaço de grama bem ajardinado, agora morto, cercado por uma cerca alta o suficiente para que meu cachorro entusiasmado não pudesse pular. Ele certamente tentou desde que os Vargas ao lado conseguiram seu beagle, Cornelius. Brownie trotou para o meio da grama para fazer seu bom negócio de cachorro, e como eu estava aqui e era um homem, juntei-me a ele em uma mijada comunal.

De volta para dentro, encontrei Ally servindo hambúrgueres na cozinha.

— Você tem um bom lugar aqui, Dom — ela disse, deslizando um copo alto de água em minha direção.

Claro que eu tinha.

— Você é tão linda — eu suspirei, afundando em um banquinho. — Não só porque você está com o vestido daquele cara idiota. Mas o tempo todo. Você apenas ilumina todos os cômodos em que entra. É como se o sol nascesse. Cada vez que te vejo, me sinto melhor. Eu amo quando você entra em um cômodo.

— Dom.

— Estou super bêbado, Ally. Você não pode usar nada disso contra mim.

— Eu sei — disse ela e passou a mão pelo meu cabelo. — Nunca mais falaremos sobre isso.

Ela se sentou ao meu lado e comemos hambúrgueres gordurosos em um silêncio amigável na minha cozinha. Pode ter sido o uísque falando, mas parecia certo. Eu queria mais disso. Mais de Ally Morales em minha casa.

Terminada, ela colocou nossos pratos na pia, encheu a água de Brownie e voltou para mim.

— Vamos lá para cima — disse ela.

— Ok.

Ela me ajudou a subir dois lances de escada e me suportou parando para descansar com meu rosto em seu cabelo a cada poucos passos. Eu estava em ótimas condições. Mas estar embaraçosamente embriagado me deu a desculpa perfeita para cheirar o cabelo dela.

Ela não precisava de instruções para o meu quarto. E eu esperava que isso significasse que ela passou tanto tempo pensando sobre aquela noite que ela esteve aqui quanto eu.

— Fique? — Eu respirei quando me joguei na cama. Minhas pálpebras estavam tão pesadas.

Ela acendeu o abajur de cabeceira, e eu a senti se mover ao redor do colchão.

Ela desamarrou um dos meus sapatos.

— Dom, eu não posso fazer isso. E você não quer que eu faça isso.

Mas eu realmente, realmente queria.

— Esta cama é tão grande. E Jersey está tão longe.

— Sim, bem, eu vou levar o seu carro — disse ela.

— Você pode ter o que quiser — ofereci. Eu era um bêbado magnânimo. Especialmente quando se tratava da mulher que eu não conseguia parar de pensar.

— Só não você — disse ela. Eu estava bêbado demais para saber se ela estava brincando ou falando sério.

— Só não eu — eu concordei. — Eu não posso ser como ele. Quero dizer, não mais do que já sou.

— Quem? — Ela perguntou.

— O meu pai. Ele é péssimo. Odeio ele.

— Eu sei — ela disse, e eu senti o sapato escorregar do meu pé.

— Eu sou filho do meu pai — eu falei arrastado.

Meu outro sapato desapareceu.

— Você também é filho de sua mãe. E da última vez que verifiquei, você é seu próprio homem. Você toma suas próprias decisões.

— Sim, bem, eu decido que não quero ser nada como ele. Não consigo dormir com você, Ally. Não importa o quanto eu queira. Não importa o quanto eu goste de você. Não importa quantas vezes eu imaginei você espalhada aqui embaixo de mim. Eu te quero tanto, mas não posso ter você.

— Por que não, Dom? — Sua voz era tão suave, e ela estava brincando com meu cabelo novamente. Decidi que essa era minha nova sensação física favorita. Os dedos de Ally no meu cabelo.

— Porque ele teria pegado você. Pegado, pegado, pegado. O que quer que ele quisesse. Eu não quero ser ele.

— Oh, querido. Você não é. — Eu gostava da voz dela. Gostava de como ela me chamava de querido.

— Você diz isso. Mas eu sou muito parecido com ele. Eu me masturbo no banheiro pensando em você. Bem, não mais.

Ela ficou quieta por um instante, e então seus dedos estavam na minha gravata.

— Por que não?

— Não parece certo. Você está do lado de fora da porta. É despeito-disruh, des-res-pei-to-so- — eu enunciei claramente. Eu estava tão fodidamente cansado.

— Você não é responsável pelas ações de seu pai. O que ele fez não é culpa sua.

Cobri o rosto com as mãos.

— É sim. É minha culpa que ele estava lá para fazer as coisas que ele fez.

— Por quê?

— Deixa para lá. Esqueça que eu disse qualquer coisa — eu disse a ela. Eu não queria mais falar sobre isso. Isso me deixava triste e doente, e eu só queria me sentir bem. Mesmo que eu não merecesse. — Além disso. Eu não mereço você de qualquer maneira.

Minha gravata afrouxou, então desapareceu, e aqueles dedos gloriosos estavam soltando os botões da minha camisa. Eu realmente gostei disso.

— Dom?

— Sim?

— Abra os olhos por um segundo.

Fiz como minha anja Ally pediu.

— Você não é nada como seu pai. Você nunca foi e nunca será. Você é um bom homem. Você cuida de quem precisa. Você os protege e os constrói. Você vai fazer uma mulher muito sortuda algum dia.

— Gostaria que fosse você.

Ela segurou meu rosto em sua mão fria, e eu esfreguei meu queixo descaradamente contra ela. Aquele carinho fácil e físico que Ally dava

era algo que eu não tinha ideia de que precisava. E eu ia ter que voltar a viver sem ele.

— Durma um pouco, querido — ela disse suavemente.

Meus olhos não abriam mais. Senti o peso do cobertor que ela puxou sobre mim, o salto de Brownie pulando na cama.

— Obrigado por cuidar de mim, Ally.

— Digo o mesmo, Dom.

45
Ally

MEUS PÉS E MEU cérebro estavam dormentes.

Saltitar em saltos finos provavelmente danificou permanentemente os nervos dos meus dedos dos pés. E quanto ao meu cérebro, meu chefe o tornou inútil.

Levei seu Range Rover para a garagem e sentei no escuro. Imagens da noite passaram em um loop pela minha mente.

O vestido.

A passarela.

Dominic *Álcool como Soro da Verdade* Russo.

Eu tinha muitos pensamentos confusos e conflitantes. Mas tudo voltou a uma coisa. Ele não queria ser como seu pai. Era tão simples e complexo assim.

Noites como essas mudavam vidas e eram recontadas como histórias por muitos anos. Mas eu não sabia qual seria a minha história. Seria o momento em que o designer em ascensão me tornou temporariamente semi-famosa? Ou seria a noite em que finalmente percebi que meu coração pertencia a um homem com quem eu nunca ficaria?

Agora eu entendia. Agora eu entendia *ele*.

Ele me queria, mas não o suficiente para fazer algo que, em sua mente, o colocaria na liga de seu pai. Eu tinha experiência nesse departamento e podia respeitar a decisão de Dominic.

Eu queria que essa revelação me libertasse de qualquer atração que eu tivesse pelo homem. Eu queria me sentir aliviada. Em vez disso, apenas me senti triste. Triste no fundo dos ossos, no fundo da alma.

Meu telefone antigo tocou alegremente um fac-símile de um toque.

Faith. Meu check-in de fim de noite.

— Ei — eu disse.

— Oh. Meu. Deus. Estou tão feliz que você está acordada! — Ela gritou. — Menina. Você está em todas as mídias sociais como a misteriosa destruidora de corações de Christian James! Diga-me que você está festejando com pessoas chiques. Você está em uma limusine a caminho de uma festa na cobertura de alguma celebridade?

A vida de Faith era significativamente mais glamorosa do que a minha. Era um prazer especial ter uma história finalmente digna de ser compartilhada.

Eu ri.

— Estou sentada na minha garagem no Range Rover do meu chefe que posso ou não ter roubado.

— Eu sabia que você tinha uma fodona interior! Este é o mesmo chefe que te expulsou do clube depois que você se recusou a pegar o dinheiro sexy dele?

— Esse mesmo. Foi uma noite estranha.

— Eu absolutamente preciso de cada detalhe — ela insistiu. Eu a ouvi abrir uma lata do que provavelmente era Mountain Dew, sua bebida preferida depois da uma da manhã porque ela era imune a calorias, açúcar e cafeína.

Já que o SUV estava mais quente que a minha casa, eu fiquei e contei a ela sobre o vestido, a pré-estréia e a festa.

Faith desmaiou apropriadamente.

— Você está totalmente afim desse cara Christian?

— Ele é super inteligente, doce e sexy — eu defendi.

— Mas?

Eu sorri. Ela era uma leitora especialista em pessoas.

— Mas a química não está certa.

— Que pena. Ele é lindo, e ele te cobriria com gostosuras de grife por todos os dias de sua vida até que vocês tivessem um divórcio dramático. Talvez você devesse me apresentar a ele — Faith brincou.

Huh. Isso poderia ser interessante, pensei. Dois espíritos livres criativos com nada além de gostosura em comum?

— Então, já que você não gosta do Cara Gostoso da Moda, isso significa que você e o Cara Rabugento do Lap Dance estão juntos?

Eu não era de beijar e contar. Ou dirigir e contar. Ou ajudar um homem a tirar apenas as calças, ouça sua confissão, deixá-lo bêbado em sua cama e contar. Eu era uma boa pessoa, caramba. E era a história de Dominic para contar. Não minha.

— Definitivamente e irrevogavelmente não juntos. — Suspirei, imaginando aquele peito nu com a quantidade certa de cabelo, aqueles braços com a quantidade certa de tinta.

— Decepcionada! — Ela gemeu.

Você e eu, irmã.

— Só você pode estar cercada por caras gostosos que claramente querem rasgar suas roupas, mas ainda assim acaba completamente vestida e sozinha em casa em uma noite de sexta-feira.

— Eu acho que é o universo me dizendo que eu tenho muita merda acontecendo para me preocupar com os homens agora — eu disse a ela. Também foi provavelmente um chute nos dentes do referido universo, lembrando-me que um homem cujo relacionamento mais importante na vida era o ódio que ele tinha por seu pai não seria um bom inimigo com benefícios.

O universo estava certo. Focar no meu pai, na casa e no meu trabalho era tudo que eu tinha. Até que eu pudesse consertar e vender esta casa, até que as contas do meu pai fossem pagas, eu não tinha o direito de espalhar meu foco.

— Você sabe, amor. Às vezes cabe a nós dizer ao universo o que queremos. Não o contrário.

— Minha amiga, a sábia dona de um clube de strip.

— Passe bastante tempo perto de pessoas nuas e você aprenderá a ver sob a superfície bem rápido — disse ela. — Como está seu pai?

Eu me animei.

— Tivemos um bom dia esta semana. Jantamos juntos e ele se lembrou de mim. Conversamos sobre os vizinhos, atuais, não falecidos ou que se mudaram há vinte anos — eu disse a ela.

— Amor, isso é incrível.

— Os dias bons estão ficando cada vez mais distantes. — Eu suspirei, então empurrei de volta a melancolia que estava tentando me sufocar. — Mas vou me agarrar a cada um deles.

— Isso é horrível — disse ela sucintamente.

— Realmente é.

— Ei, então além de interrogar você sobre sua fama nas redes sociais recém-descoberta, eu estava ligando para dizer que eu tenho um dia livre amanhã e alguns músculos que precisam de um treino. Quer ajuda em casa? Acho que poderíamos levar aquela banheira até o meio-fio e tentar remendar o chão. Eu tenho assistido a vídeos DIY.

Esse era um relacionamento com o qual eu podia contar. Faith sempre esteve lá para mim, e eu estava grata além das palavras por ela. Talvez eu não tivesse Dominic Russo de joelhos na minha frente, mas eu tinha Faith.

— Eu te amo.

— Te amo de volta. Mesmo se você estiver descartando descuidadamente homens lindos e viris a torto e a direito.

— Vejo você amanhã.

— Vou levar café — ela gorjeou.

Desligamos e vi que tinha uma nova mensagem no meu telefone do trabalho.

Dominic: Você é linda. E não apenas esta noite.

Meu estúpido, estúpido coração deu um patético pulo.



ACONTECE que o músculo de Faith não estava realmente ligado ao seu próprio corpo. Ela trouxe um dançarino baixinho chamado Rocco e um barman de pernas compridas que passava por Rick durante a semana e Peaches Von Titz nos fins de semana.

— Se eu tiver hemorroidas por causa disso, vou ficar com raiva — Faith grunhiu.

— Por que as banheiras são tão pesadas? — Eu ofeguei.

Rocco e Peaches tinham puxado a banheira de ferro fundido da sala para a varanda e estavam arrastando a nova banheira para cima, onde ficaria no corredor até que eu consertasse o chão e pudesse pagar um encanador respeitável.

Enquanto isso, Faith e eu estávamos tentando não romper nossos baços carregando a banheira pelos degraus da frente.

Faith estava vestida com sua melhor guerreira de fim de semana de inverno. Um par de jeans de carpinteiro usados baixo o suficiente para mostrar o piercing de umbigo de caveira e ossos cruzados sob a bainha cortada de sua manga comprida térmica. Ela mesma costurara a camisa, acrescentando um fecho de espartilho rosa choque. Seu elegante rabo de cavalo com pontas rosadas balançava no topo de sua cabeça.

Com uma cacofonia de efeitos sonoros e várias pausas, finalmente conseguimos depositar a banheira no meio-fio onde o amigo de antiguidades do Sr. Mohammad com uma caminhonete e sobrinhos

fortes iria buscá-la ainda hoje. Tentando recuperar o fôlego, deslizei para dentro da banheira e pendurei minhas pernas sobre a borda.

— O que você vai fazer com o Range Rover? — Faith perguntou, subindo ao meu lado.

Olhei para o SUV.

— Devolver sem dizer a ele.

Ela tinha o brilho que sempre aparecia em seus olhos bonitos e desonestos quando ela tinha uma ideia realmente sorrateira.

— Sabe, eu aposto que poderíamos colocar muito mais suprimentos de drywall na parte de trás daquele bad boy do que no meu carro. — Ela enganchou o polegar em direção ao seu chamativo Mercedes de dois lugares estacionado no meio-fio.

Eu mordi meu lábio, considerando.

— Isso economizaria a taxa de entrega. — O homem tinha escolhido sua vingança contra seu pai sobre seus sentimentos por mim. Eu poderia usar seu SUV de luxo para transportar suprimentos.

— Coincidentemente, você sabia que minha loja de ferragens favorita fica do outro lado da rua da minha loja de tacos favorita? — Ela ponderou.

— Alguém disse tacos? — Rocco enfiou a cabeça para fora da janela do segundo andar.

Tacos e suprimentos para reforma de casa com uma empresária, um dançarino exótico e uma drag queen em seu dia de folga. Apenas mais um dia glamouroso na vida.

46
Dominic

O LANCE DE TER mais de quarenta anos é que as ressacas duram tanto quanto um caso de gripe.

Sábado de manhã, eu pulei meu treino habitual em favor de caminhar dois quarteirões até um restaurante para comer vergonhosamente dois sanduíches gordurosos de café da manhã enquanto bebia eletrólitos e chá atrás de óculos de sol.

De volta para casa, minha campainha tocou quando eu estava voltando para o andar de cima para dormir com minhas más escolhas de vida.

— Ei, Dominic. — Minha vizinha alegre Sascha estava embrulhada em uma parka verde-limão e bufante sorrindo para mim sobre um prato embrulhado. Seu filho de seis anos, Jace, estava ao lado dela vestido com pijama do Homem-Aranha e um casaco de inverno. Seu sorriso revelou uma lacuna que não estava lá quando o vi no último fim de semana.

Eu estava familiarizado com este treinamento.

— Sascha — eu murmurei. Fingi não estar de ressaca, era tão eficaz quanto fingir não estar bêbado.

— Eu vim ficar com você, Sr. Dominic — Jace anunciou alegremente.

Sua mãe lhe deu uma cotovelada no ombro.

— Não antes de perguntarmos educadamente, lembra? — Ela disse pelo canto da boca enquanto ainda sorria maniacamente para mim.

— Sr. Dominic, fizemos seus biscoitos favoritos. Posso ir brincar com Brownie?

Sascha ergueu o prato.

— Biscoitos de caramelo e canela. E seria apenas por quarenta minutos. Uma hora no máximo.

Biscoitos de caramelo e canela *não* eram meus favoritos. Na verdade, eu odiava qualquer coisa de caramelo. Mas no dia em que me mudei, Sascha, seu marido Elton e seu bebê recém-adotado Jace "apareceram" com um prato de biscoitos e a esperança de que seu novo vizinho não fosse o idiota rabugento que o antigo foi.

Por alguma razão, eu não estava ansioso para decepcioná-los e estava vivendo uma mentira desde então, fingindo ser um ser humano decente com um amor por biscoitos de caramelo e canela. Às vezes eu puxava a lixeira de volta do meio-fio no dia do lixo. Às vezes eu dividia um uísque no quintal com Elton. E às vezes eu cuidava de Jace quando ele não estava com vontade de tirar o pijama e seus pais não estavam com vontade de brigar com ele.

— Contanto que você não sinta vontade de se mexer muito ou falar acima de um sussurro — eu disse a Jace.

— Uma daquelas noites, hein? — Perguntou Sacha.

Eu balancei a cabeça, então estremeci.

— Não se preocupe com isso. Acredite, eu entendo. É por isso que nunca falamos do dia de Natal de 2015. Posso levar Jace para a casa da tia-avó Alma — disse Sascha.

Mas isso era um problema em saber coisas sobre seus vizinhos. Jace odiava a casa da tia-avó Alma. Cheirava a xixi de gato, e ela o fazia comer cenouras cozidas no vapor. A última vez que ela foi babá, a mulher fez Jace varrer o chão da cozinha e chamou isso de jogo. Quando ele "ganhou", ele foi "autorizado" a varrer o corredor da frente.

— Você tem uma gripe de má decisões? — Ele perguntou, seus grandes olhos tristes e solenes.

— Está tudo bem — eu menti. — Estou bem. Jace pode ficar comigo.

— Yay! — Ele deu um soco no ar com o punho enluvado.

— Shh. Comemore mais baixo, amigo — Sascha o advertiu, apertando a mão sobre sua boca.

— Desculpe — ele sussurrou através da mão de sua mãe.

— No máximo uma hora — ela prometeu. — Estou apenas pegando um vestido para o nosso jantar surpresa de aniversário, o qual prometo que *não* vamos pedir a você seus serviços de babá. — Todos os anos, Elton comemorava seu aniversário de casamento surpreendendo Sascha com um jantar em um novo restaurante chique. Este ano, dando continuidade ao meu papel de bom vizinho, sugeri que ele contratasse um chef para ir à casa deles e recriar sua refeição favorita da lua de mel. Aparentemente, não foi uma ideia totalmente estúpida porque Elton rastreou um chef especializado em cozinha caribenha e estava me mandando mensagens de texto sobre receitas e harmonizações de vinhos por duas semanas.

Peguei os biscoitos e a criança, e depois de dez minutos de cumprimentos encantados entre cachorros e meninos, liguei Jace com fones de ouvido e o Xbox que comprei para essa ocasião.

Eu descansei no sofá ao lado dele, lendo *Orgulho e Preconceito* e me identificando com o pobre e incompreendido Darcy.

Para o almoço, eu fiz sanduíches de queijo grelhado com rosbife e três tipos de queijo, o favorito de Jace. O menino comeu dois. Eu comi um. E Brownie comeu seis fatias de rosbife antes que eu o pegasse comendo do balcão. Sascha voltou cinquenta e nove minutos depois que ela saiu e pegou seu filho e seu prato de biscoitos vazio. Talvez eu não odiasse o caramelo tanto quanto pensava.

Passei o resto do dia no sofá, o que encantou Brownie. Assistimos a primeira temporada inteira de *The Great British Baking Show* e depois a três episódios de *Queer Eye.* Fiquei inspirado a pedir e comer um pão de ló inteiro da padaria três quarteirões adiante e pensei em deixar a barba crescer.

Então eu ponderei o que Ally pensava sobre barbas.

E a espiral da vergonha recomeçou.

Brownie me arrastou para fora de casa para uma caminhada naquela noite, e encontrei minhas chaves do Range Rover enfiadas na caixa de correio com um bilhete que dizia: "*Obrigada pela carona*".

Meu SUV estava estacionado na rua, e havia um pacote de seis bebidas esportivas no banco do passageiro com um laço de Natal restante preso nele. Havia também um pequeno saco de guloseimas para cães no porta-copos.

Eu estava ao mesmo tempo comovido e irritado.

Ally ainda tinha que responder qualquer uma das minhas mensagens desde que Eu Bêbado fez papel de idiota. Depois de uma rápida rolagem pelo meu telefone, pude pelo menos entender o porquê. Elas variavam de adoração intoxicada como "seu cabelo parece um ninho de pássaro sexy" a "nunca vamos falar sobre isso novamente".

As partes e pedaços que eu me lembrava da noite passada se transformaram em uma imagem pouco lisonjeira e inadequada de um chefe passando dos limites com sua empregada.

Mais uma vez, eu provei que era o sangue do meu pai correndo em minhas veias.

Deixei Brownie escolher o curso ao redor do bairro, e quando ele parou em sua árvore favorita, peguei meu telefone.

Eu: Obrigado por devolver o carro e não levá-lo para o México.

Malévola: Eu fiz a corrida para o México por tacos autênticos antes de trazê-lo de volta. Aliás, você está com pouco combustível, e você tem dezessete infrações de trânsito em Tijuana.

Eu: Você poderia ter entrado.

Malévola: Eu realmente não poderia.

Eu: Eu sinto muito.

Malévola: Não sinta. É o melhor. Além do mais. Agora podemos tentar algo novo.

Para mim, "algo novo" significava tirar cada peça de roupa dela e lamber, beijar e morder cada centímetro de seu corpo. Eu tinha a sensação de que isso não era o que ela tinha em mente.

Eu: Novo?

Malévola: Amigos.

Eu: Tenho certeza que você quis digitar "aminimigos".

Malévola: Olhe para você sabendo as gírias. Bom trabalho, velho amigo, velho parceiro.

Eu: Eu já não gosto disso.

Malévola: Tenha um bom fim de semana. Lembre-se de se hidratar!

— Amigos? Como diabos isso deveria funcionar? — Eu perguntei a Brownie.

Ele tirou o rosto da neve que estava cheirando e olhou para mim. Aparentemente, meu cachorro também não tinha a resposta.



EU FIZ um favor a nós dois e não mandei mensagem ou e-mail para ela pelo resto do fim de semana. Claro. Peguei meu telefone setecentas vezes para fazer exatamente isso. Mas eu consegui me parar todas as vezes. Eu cruzei tantas fodidas linhas com ela. Ela merecia uma pausa.

Na segunda-feira de manhã, praticamente recuperado do envenenamento por uísque, eu me convenci de que poderia fazer isso. Eu poderia ser seu chefe, seu amigo. Eu poderia manter a porra das minhas mãos para a porra de mim mesmo.

Eu encontraria aquele autocontrole do qual eu tanto me orgulhava e realmente o utilizaria. E em mais ou menos cem anos, eu ainda seria capaz de sobreviver à ideia de ela conhecer outra pessoa. Namorar. Transar. Se apaixonar.

Meu intestino ainda levemente inquieto rolou com a ideia quando entrei no elevador e me arremessei em direção ao quadragésimo terceiro andar.

Sim. Aquele dia não era hoje.

Decidi me concentrar em descobrir o cheiro estranho que permanecia no meu carro. Tacos e... que diabos era aquilo? Concreto? Drywall?

— Bom dia — a saudação de Ally foi irritantemente alegre. Ela estava usando uma, graças aos malditos deuses do inverno, gola alta. Ela abraçava todos os lugares certos, mas pelo menos eu não conseguia *ver* nada. Seu cabelo estava parcialmente puxado para trás em um pequeno

nó no topo de sua cabeça. Ela usava brincos de argola de ouro escovado com cristais que não paravam de chamar minha atenção.

Ela pintou seus lábios de um clássico vermelho foda-me, e eu queria beijá-la até que o batom se espalhasse por todos nós.

Quando ela inclinou a cabeça, eu me perguntei quanto tempo eu estava ali avaliando o quanto eu gostava do jeito que ela parecia.

— Bom dia — eu disse, tardiamente entregando o café e o café da manhã que eu trouxe para ela.

Seus olhos se iluminaram daquele jeito que sempre fazia minhas entranhas frias e mortas brilharem para a vida.

— Obrigada! Você não precisa fazer isso, você sabe. — Ela sorriu para mim, a imagem do afeto platônico. Ela estava muito entusiasmada com essa coisa de "amiga".

Eu grunhi uma resposta. Talvez eu não tivesse permissão para levar a mulher ao orgasmo, mas eu com certeza poderia trazer comida até que eu estivesse convencido de que ela estava fora de qualquer situação financeira estúpida em que ela se meteu.

Ela tinha um novo curativo no dedo anelar esquerdo, mas parecia bem descansada.

— Como foi o resto do seu fim de semana? — Ela perguntou.

Sem pressa de deixá-la, coloquei meu chá em sua mesa e tirei meu casaco. Percebi que seus olhos demoravam nele e tinha uma vaga lembrança de sugerir “trocas”.

Porra, eu era um idiota do caralho.

— Você sabia que a ressaca de uísque pode durar três dias? — Eu perguntei em conversa.

Ela estremeceu, fechando aqueles olhos de cílios escuros.

— Experimente tequila algum dia. Da última vez que Faith e eu tivemos um festival de bebidas "homens são horríveis, vamos explorar o lesbianismo", envolvia tequila. Passei mal por cinco dias seguidos.

Pisquei e, claro, imaginei. *Que seja. Me dê uma folga. Eu sou um homem cuja última ação de duas partes foi um lap dance em...*

Abortar! Abortar! Abortar! Não fique de pau duro no primeiro dia de Vamos Ser Amigos

Cerrei os dentes no que esperava que parecesse um sorriso e fingi que não estava imaginando Ally dando uns amassos com outra mulher. E então eu sabia que estava mal quando uma fantasia de garota com garota só me fez sentir ciúmes. *Sim, Srta. Morales, aqui está o café da manhã com um acompanhamento das minhas bolas. Você pode mantê-las para sempre.*

Ally estremeceu.

— Desculpe. Estou meio nervosa com essa coisa de amigo e tentando manter a calma.

— Trazendo à tona o lesbianismo? — Eu perguntei exasperado. — Talvez devêssemos levar isso um pouco mais devagar e não falar.

Ela enterrou o rosto nas mãos, e eu admirei seus dedos sem anéis como o idiota faminto por sexo que eu era.

— Vamos começar de novo — ela sugeriu, deixando cair as mãos. — Como foi o seu final de semana?

— Tudo bem — eu menti. — Como foi o seu?

— Tudo bem — ela repetiu.

— Bom.

— Excelente.

— Está bem então. — Eu ainda estava ali acenando com a cabeça para ela e gritando comigo mesmo para ir embora quando um

entregador se apressou, estalando seu chiclete e dando uma olhada em Ally que era um pouco completa demais para o meu gosto.

— Posso ajudar? — Perguntei-lhe friamente. Esse cara estava invadindo meu território, e eu não tinha problemas em deixá-lo saber disso.

Ally me deu um olhar de “ Qual é a porra do seu problema, paspalhão?”.

— Tenho um pacote aqui para Ally Morales — ele disse.

O velho “tenho um pacote”. Babaca.

— Essa sou eu — ela disse alegremente.

— Aqui está. — Com uma piscadela estúpida, o cara entregou uma grande caixa com um laço vermelho em negrito. — Até mais — disse ele, andando para trás como um filho da puta arrogante. Eu desejei estar atrás dele para que eu pudesse enfiá-lo em uma lata de lixo... ou empurrar em um lance de escadas.

— O que há de errado com a cara de mal-humorado? — Ally queria saber.

— Aquele cara estava flertando com você — eu rebati.

A espertinha tossiu a palavra “amigos” em sua mão.

Eu olhei para ela.

— Amigos — ela tossiu novamente.

— Você tem bronquite? — Eu perguntei.

— Não, mas eu *tenho* um presente misterioso — disse ela, tirando um envelope branco de baixo do laço ridículo. — Não foi você, certo?

Eu balancei minha cabeça e imediatamente desejei que eu tivesse mandado.

Eu não deveria me importar com o que estava na caixa ou quem a enviou para ela. Mas não deveria não parecia ter um lugar na minha

realidade. Eu não estava me movendo deste lugar até descobrir. Amigos se importavam quando outros amigos ganhavam presentes, certo?

Foda-se. Eu estava ficando.

Ela abriu o cartão, e eu não me importei com a forma como seus lábios se curvaram. Era um sorriso feminino de prazer e satisfação. Um que eu sabia que um ser humano com um pau e designs em sua atenção tinha colocado lá.

Sem dizer nada, ela colocou o cartão de lado e tirou o laço de atenção da caixa.

— O que você tem aí, Al?

Ruth estalou sua cabeça ruiva ao virar da esquina. Ela gaguejou por um minuto, me notando, e então colou um sorriso corajoso em seu rosto e se aproximou.

— Eu não tenho certeza — Ally disse, deslizando seus dedos sob a tampa.

— Oi, Dominic — disse Ruth.

Um primeiro nome espontâneo de uma funcionária. Já era a maldita hora.

— Oi, Ruth. Como foi o seu final de semana?

Ela sorriu para mim.

— Foi ótimo. Como foi o seu?

Uma explosão de tecido me salvou de ter uma segunda chance na conversa sobre ressaca de uísque e lesbianismo.

Era rosa e brilhante, e para minha condenação eterna, notei que era o tom exato dos lábios de Ally quando não estavam pintados de vermelho foda-me.

As mulheres cantaram e acariciaram o tecido enquanto Ally o puxava.

Peguei o cartão de sua mesa enquanto ela segurava o vestido de coquetel contra o peito.

Ally,

Fiz isto e pensei em você.

Christian

Oh, eu odiava aquele cara.

Enquanto isso, *minha amiga* estava fazendo um giro encantado. Se eu tivesse sido um cara generoso, eu teria que dar isso ao cara de idiota. O vestido gritava Ally. A saia cheia e sedosa apertava a cintura apertada com um cinto dourado trançado. A parte superior era branca como a neve e caída sobre um ombro, deixando o outro nu. Colorido, macio, sexy. Assim como a mulher.

— Oh meu Deus. Tem bolsos! — Ruth gritou.

Elas estavam atraindo uma multidão. Mulheres, e Linus, estavam saindo da toca para desmaiar sobre o vestido.

— Quem mandou?

— Quem fez isso?

— Bom dia, Dominic.

— Você precisa colocar isso!

— Isso é melhor do que flores. Você vai se casar com ele?

Fui para o meu escritório e bati a porta atrás de mim.

— Apenas malditos amigos — eu murmurei para a sala vazia. Mas a racionalização não ajudou. Eu queria ser mais. E eu não poderia tê-lo enquanto ela trabalhasse para esta empresa.

Eu ouvi uma onda de risos vindo da mesa de Ally, e meu homem das cavernas idiota saiu da hibernação. Plano no lugar, sentei no meu computador e encontrei o documento que estava procurando.

Eu estava dando os toques finais na minha obra-prima na tela quando ouvi uma batida alegre e minha porta se abriu.

— Irvin — eu disse, olhando para cima.

Ele entrou na sala daquele jeito despreocupado que tinha quando se deparava com uma fofoca particularmente suculenta. Ainda tentando me moldar em uma versão do meu pai.

Ele fechou a porta atrás dele e me deu um sorriso presunçoso.

— Muita emoção lá fora — ele ponderou.

— Parece que sim — eu disse secamente, passando os olhos pelas mudanças que fiz no documento. Ao contrário do editor-chefe, eu não tinha tempo para bate-papos ociosos. Eu tinha um relacionamento em ascensão para arruinar e uma longa lista de tarefas relacionadas ao trabalho para o dia.

— É sempre inteligente recompensar uma garota por suas boas ações — disse Irvin, sentando-se sem ser convidado na minha frente.

Desinteressado, eu levantei uma sobrancelha.

— Sua assistente — ele esclareceu. — Ouvi dizer que ela "levou o chefe para casa" na sexta à noite. — O homem fez aspas no ar enquanto dizia as palavras.

Meu estômago despencou e foi substituído pelo fogo furioso do inferno.

— É isso que eles estão dizendo? — Eu perguntei, mantendo minha voz suave.

— Ah, nada para se preocupar. Alguns dos blogs de fofocas o pegaram neste fim de semana e o publicaram como um item cego. Bom para você, filho. Já era hora de você se divertir um pouco no trabalho.

Eu queria agarrar o homem pela porra da gravata Gucci, puxá-lo para fora da cadeira e fazê-lo se desculpar com Ally. Então eu queria jogá-lo do telhado e queimar todos os blogs que ousassem sugerir que eu era como meu pai ou que Ally estava transando para chegar ao topo.

— A maçã não cai longe da árvore, não é? — Irvin cantou sua aprovação. Ele deu um tapa no joelho. — Bem, é melhor eu voltar a isso.

— Eu apreciaria se você fosse um pouco mais cuidadoso com a reputação de nossos funcionários aqui, Irv — eu disse a ele. Meu tom deveria ter congelado as bolas do homem.

Mas ele acenou com desdém.

— Os segredos dos Russo estão sempre seguros comigo. — Ele deu uma piscadela alegre e se levantou da cadeira.

Eu o observei ir, tamborilando meus dedos na mesa. Irvin Harvey estava me irritando do jeito errado e precisava ser tratado. Ele era astuto e viscoso, e eu tinha certeza de que ele sabia exatamente o que meu pai estava fazendo atrás de portas trancadas aqui.

Eu falaria com minha mãe sobre ele em breve.

Mas primeiro, peguei uma caneta vermelha e sublinhei o novo texto que adicionei na Política de Confraternização.

Os funcionários não buscarão relacionamentos com designers ou outros fornecedores.

Eu já estava de pé quando Ally enfiou a cabeça na porta.

— Dom? Aviso de dez minutos para sua reunião do outro lado da cidade. Dalessandra está indo para o carro agora.

Eu balancei a cabeça rapidamente, deslizando meus braços em meu casaco.

— Aqui — eu disse, batendo o papel em suas mãos.

— Você é um idiota, Encantado — ela gritou atrás de mim enquanto eu me dirigia na direção dos elevadores.

Eu era. E quanto mais cedo ela aceitasse isso, melhor.

47
Ally

EU ESTAVA ATÉ os cotovelos em massa de gesso e me sentindo como uma fodona do faça você mesmo quando o toque que atribuí à casa de repouso cortou a voz de Maren Morris cantando sobre ossos e fundações.

Atendi a chamada com o cotovelo e descansei o rosto contra o telefone na tampa da privada. A última vez que estive nessa posição foi na infame Noite Lésbica da Tequila. Concentrei-me nesse fato em vez do medo instintivo que me dominava toda vez que a casa ligava.

— Ally?

— Sim?

— É Braden. Ei, sem emergência nem nada. Estamos tendo problemas para acomodar seu pai esta noite. Estávamos nos perguntando se você se importaria de passar por aqui?

— Claro — eu disse, verificando a hora. — Ele está bem?

— Ele está bem. Apenas agitado.

— Estarei aí em meia hora. — Meu pai, o homem que só levantava a voz quando os Mets jogavam ou quando gritava "Bravo" em uma sala de concertos, sofria estados de agitação em que nada menos que remédios fortes para dormir o acalmavam.

A casa de repouso ficava a um quilômetro e meio de mim. Os ônibus não circulavam com tanta frequência nas noites da semana, e era tarde demais para ligar para o Sr. Mohammad e pedir seu carro emprestado. Seria o jeito caminhar. Eu me enrolei na velha jaqueta de esqui de papai, coloquei as meias mais grossas que consegui colocar dentro dos meus tênis e fui para a calçada.

Estava frio e ventando o suficiente para meu rosto arder.

Pelo menos papai não caiu. Pelo menos ele não estava doente. Pelo menos eu tinha um emprego, temporariamente, que poderia dar conta de muitas despesas. Pelo menos eu estava finalmente fazendo progressos na casa. Contei minhas bênçãos enquanto percorria o caminho por Foxwood.

Tanta coisa havia mudado aqui desde a infância. Esta rua era uma da oitava série que eu espiava pela janela do ônibus escolar enquanto planejava meu futuro adulto. Alerta de spoiler: minhas imaginações nunca foram assim.

Minha vida em Boulder era uma que a minha eu da oitava série teria aprovado. Eu tinha amigos. Namorados. Trabalhei em empregos que amava e tirei um tempo para viver.

Avistei a grande casa toda iluminada na esquina atrás de seus pilares de tijolo e vegetação e senti o familiar puxão de saudade. Eu amei esta casa e o que ela representou durante toda a minha vida. Uma família morava lá. Dois pais, filhos que brincavam do lado de fora, subiam em árvores e vendiam limonada na calçada. A exibição de luzes de Natal atraía multidões todos os anos.

Agora havia netos e brunches de domingo e celebrações de feriados.

Parei na calçada.

Eles tinham hóspedes esta noite. Um jantar durante a semana provavelmente estava atrasado porque todo mundo estava se divertindo demais para ir embora. Taças de vinho. Velas. As notas fracas de um disco de jazz se espalharam para mim.

Um desejo feroz me atingiu com força suficiente para me fazer virar as costas. Eu queria uma casa, uma família e amigos que não se importassem com uma ressaca de vinho em uma manhã de terça-feira porque não estávamos prontos para acabar com a diversão.

Eu perdi minha antiga vida. Perdi o conforto de acreditar que meu pai estava feliz e saudável. Sentia falta de poder respirar. Ser egoísta. Sentia falta de poder sair para beber numa quarta-feira ou levar um amigo para jantar. Eu sentia falta de cozinhar para um encontro fofo que eu estava animada. Deus, eu sentia falta de sexo. Sentia falta de não ter que saber o saldo da minha conta corrente até o último centavo.

Virei as costas para a casa grande e segui a calçada para longe da vida perfeita de outra pessoa.

Eu com trinta e nove anos não tinha futuro.

Só havia agora. E eu ficaria grata por cada minuto que tive aqui com ele.

As luzes da casa de repouso brilhavam à minha frente. Parte de mim esperava que as enfermeiras tivessem conseguido acomodar papai. Que eu poderia apenas sentar em silêncio com ele enquanto ele dormia. Mas Braden estava esperando por mim e me deixou entrar na entrada da frente.

— Obrigado por vir — disse ele, rapidamente liderando o caminho em direção à ala da memória. — Normalmente ele não nos dá muitos problemas, mas está bastante agitado esta noite. Ele deu um soco na enfermeira quando ela veio com remédios.

— Eu sinto muito — eu respirei, tentando acompanhar seus passos de pernas longas.

— Não é sua culpa ou dele — Braden me assegurou.

Culpa, não. Mas a responsabilidade era diferente. Pacientes violentos podem ser removidos da instalação e colocados em alas psiquiátricas seguras. Deena estava apenas procurando uma desculpa para expulsá-lo. Não haveria aulas de tricô, aulas de dança, yoga na cadeira e comidas reconfortantes em uma instalação segura. Não

haveria um piano para papai tocar em seus dias bons. Ou funcionários que encheram sua meia de Natal com suas guloseimas favoritas.

Era tarde, e as luzes estavam baixas no corredor, tornando o estrondo que veio do quarto do meu pai ainda mais chocante. Passei por Braden e corri para o quarto.

Papai estava de pé engessado, jogando suas roupas da cômoda em uma pilha no chão. A pilha já incluía tudo o que havia morado em cima da cômoda, incluindo seu alto-falante Bluetooth, um porta-retrato digital com uma vida inteira de memórias e uma foto emoldurada de nós dois no dia da minha formatura do ensino médio.

O vidro estava quebrado e havia uma lágrima irregular sobre meu rosto radiante. Eu tinha um mundo de começos na minha frente antes. Agora era apenas mais um apagamento da única coisa da qual eu tinha certeza absoluta na vida: o amor do meu pai.

— Saia daqui, Claudia! — Papai mancou em minha direção, esmagando a foto sob o gesso. — Você não tomou o suficiente de mim?

— Pai. — Eu levantei minhas mãos. — Eu não sou mamãe. Eu sou Ally. Sua filha.

— Você me roubou, não foi? — Ele demandou. O som de vidro esmagado sob seus pés me fez estremecer.

— Pai, venha aqui para que eu possa limpar isso — eu implorei.

— Você pegou o relógio de bolso do meu pai! Eu o tinha naquela gaveta, e agora sumiu. Eu quero de volta, Claudia. Eu quero tudo de volta!

— Sr. Morales, por que não verificamos a mesa de cabeceira para procurar o relógio? — Braden sugeriu, tentando convencer meu pai a se afastar do vidro.

Mas papai não estava aberto a sugestões.

— Você acha que pode simplesmente ir e tirar tudo de mim? Eu quero tudo de volta. Você arruinou tudo!

Senti lágrimas quentes cortando minhas bochechas ainda frias.

— Pai, por favor.

Ele deu outro passo em minha direção e tropeçou.

Estendi a mão para acalmá-lo, mas em seus olhos não era eu, a garota que o amou a vida inteira. Era a mulher que construiu uma família e um futuro com mentiras e depois abandonou tudo.

Eu vi sua mão se afastar e registrei o som do estalo antes que eu sentisse a dor florescendo brilhante e incandescente.

O homem que insistia em prender aranhas e libertá-las no quintal me deu uma surra com toda a força que conseguiu reunir em seu corpo frágil.

Atordoada, tropecei para trás.

Braden entrou apressado, outra enfermeira noturna em seus calcanhares.

— Não! Espere — eu insisti, pisando entre eles. Contê-lo só tornaria as coisas piores. Meus olhos e bochechas pareciam estar pegando fogo. Vergonha e tristeza fizeram uma mistura feia no meu estômago. Era egoísta, mas eu sabia que vê-los contê-lo muito possivelmente me quebraria em mil pedaços.

Peguei meu telefone de trabalho e com as mãos trêmulas comecei a música.

O alto-falante amassado no chão pegou a melodia do piano e começou a tocar sobre pequenas lascas de vidro.

A respiração do papai estava ficando pesada. A raiva ainda estava em seus olhos, e eu aumentei o volume. Nós nos encaramos por um longo minuto enquanto a música familiar tecia ao nosso redor. Seus

ombros caíram, a violência e a agitação lentamente deixando seu corpo como se ele reconhecesse que não pertencia a ele.

Seus dedos começaram a se mover ritmicamente contra a calça do pijama. Lágrimas escorreram dos cantos de seus olhos, e eu senti meu coração quebrar mais uma vez em fragmentos microscópicos.

Olhei por cima do ombro para as enfermeiras.

— É ele tocando — expliquei.

Cuidadosamente, alcancei seu braço novamente. Desta vez, ele não lutou comigo enquanto eu o guiava para fora do vidro e para a cama. Tirei seus chinelos, seus óculos. A enfermeira me ajudou a colocá-lo sob a colcha que sua mãe tinha feito décadas atrás.

Suas mãos continuaram a seguir a música em cima das manchas azuis e marrons desgastadas.

— Acho que gostaria de tocar piano amanhã — disse ele suavemente.

— Você pode tocar amanhã com certeza — a enfermeira prometeu a ele, tirando uma mecha de cabelo de sua testa.

Mas as promessas não significavam muito nos dias de hoje.

SENTEI-ME com ele por mais uma hora para ter certeza de que seu sono era bom.

Enquanto ele roncava baixinho, eu larguei a bolsa de gelo que Braden me deu e peguei meu telefone.

A vontade de ligar para Dominic era esmagadora e desconcertante. Não fazia sentido. Ele não sabia sobre meu pai. Não estávamos juntos em nenhum sentido da palavra. Mas só de pensar em ouvir sua voz empurrava o desejo para o território da compulsão.

Mordendo o lábio, debati por mais um minuto antes de escolher mandar uma mensagem.

Eu: Oi. Você quer que eu pegue o café da manhã para você no caminho para o trabalho?

Apertei enviar e imediatamente me senti uma idiota. Ele era meu chefe. Não meu namorado.

Meu coração deu um chute quando sua resposta iluminou minha tela.

Encantado: Isso depende. Você pode soletrar "foda-se" em um bolo?

O sorriso puxou os cantos da minha boca, e meu peito parecia um pouco mais solto.

Eu: Você ficaria surpreso com o que eu posso soletrar com alimentos de café da manhã.

Encantado: Seus talentos não têm limites. Mas já tenho nosso café da manhã planejado. Basta trazer o seu eu irritante.

Eu: Ok. Abraços ao Brownie.

Ele respondeu com uma foto de Brownie esparramado sobre suas pernas no sofá. Dominic estava vestindo calça de moletom e havia fogo na lareira. Parecia tão aconchegante. Tão seguro. Eu tive que engolir o nó na minha garganta. Não havia nada aconchegante e seguro para mim. Apenas uma longa caminhada para casa em uma noite de inverno.

Deixei a bolsa de gelo na recepção vazia e fui para as portas da frente com a roupa do meu pai em um saco.

Estava muito frio e quase meia-noite. Nuvens gordas obscureceram o céu noturno.

As portas se fecharam atrás de mim, isolando-me do calor, e respirei fundo com um frio que chocou os pulmões.

— Ei, Ally.

Braden estava encostado em um sedan no estacionamento. Ele ergueu uma garrafa.

Curvei meus ombros contra o frio e me arrastei.

— Nós mantemos isso no vestiário para depois de turnos difíceis — disse ele, despejando uma dose de uísque em um pequeno copo Dixie.

— Eu vou aceitar este uísque de emergência — eu disse a ele.

— Foi difícil lá dentro.

— Sim. — Saiu como um suspiro. A queimadura gostosa na minha garganta foi uma melhora em relação à sensação de asfixia de seis meses de lágrimas reprimidas alojadas ali. — Ele pensou que eu era minha mãe, sua ex-esposa... ou esposa.

— Eu notei que ela nunca veio vê-lo — Braden disse daquele jeito gentil e não agressivo dele.

— Ela nos deixou há cerca de cem anos atrás. Sempre foi só ele e eu.

Ficamos em silêncio por um longo tempo. Flocos de neve preguiçosos desciam silenciosamente daquele céu da meia-noite.

— Você tem que escrever um relatório sobre esta noite? — Eu não queria pedir ao homem para não fazer seu trabalho. Mas também não achava que poderia enfrentar outra camada de risco para a residência do meu pai.

— Nós não estamos escrevendo nada — ele prometeu.

Eu caí de alívio.

— Olha, eu sei que esta é uma situação de merda — disse ele. — E eu sei que você está fazendo o seu melhor para manter tudo junto. Mas

todos nós queremos que você saiba que quando você não está aqui, nós cuidamos do seu pai. Somos a família dele, a sua também. E faremos o que for preciso para mantê-lo feliz e seguro.

— Obrigada — eu sussurrei.

Lágrimas turvaram minha visão e lutei contra o frio pela supremacia. Meus cílios iam congelar e eu teria que tropeçar em casa às cegas. Mas meu pai tinha pessoas que cuidavam dele e isso fazia qualquer córnea congelada temporariamente valer a pena.

— O resto da equipe quer que você saiba que não importa o que Deena, a Bruxa Má diga, queremos seu pai aqui. Nenhum pagamento perdido ou taxas atrasadas nos fará tratá-lo menos do que o melhor.

— Ah, droga, Braden — eu disse, enxugando uma lágrima errante com minha luva.

— E mais uma coisa — disse ele.

— Não sei se aguento mais uma coisa.

— Me dê a maldita roupa suja.

— Me poupa dinheiro fazer isso sozinha — insisti.

— Você tem máquina de lavar e secar em casa? — Ele perguntou.

Eu considerei mentir. Mas só de pensar nisso meu pescoço ficou vermelho brilhante.

— Não. Mas há uma lavanderia com Wi-Fi a apenas alguns quarteirões de distância...

— Você tem coisas melhores para fazer do que sentar em uma lavanderia. Estamos cuidando da roupa do seu pai a partir de agora. Sem cobrança.

— Eu não posso te pedir para...

— Você não pediu. E nós não oferecemos. Estamos lhe dizendo. Deixe a maldita roupa em paz.

Eu bati em seu ombro com o meu.

— Você é uma espécie de meu herói agora — eu disse a ele.

Ele olhou para suas calças.

— Você acha que uma capa ficaria bem com um avental?

— Definitivamente.

— Legal. Agora entre no carro para que eu possa levá-la para casa antes que você congele até a morte aqui.

48

Ally

— PARECE QUE EU CORRI de cara em uma briga de bar — eu reclamei para o meu reflexo. Meu rosto doía. Pior. *Parecia* doer.

Os filmes em que a heroína é acertada no rosto e pula de volta para limpar o sangue de seus lábios antes de sorrir para o vilão eram besteira total.

Eu tentei maquiagem. Toda a base e corretivo que eu tinha ainda não conseguia disfarçar o inchaço e os hematomas mais escuros. Não havia como Dominic a) não notar que metade do meu rosto era maior e mais roxo do que a outra metade e b) me deixar explicar o que tinha acontecido.

Estremeci com o pensamento e depois novamente com a dor que a audácia de ter expressões faciais causou.

Por mais que eu odiasse fazer isso, eu tive que ligar para dizer que estava doente. Não havia maneira de contornar isso.

Era cedo o suficiente para que ele não estivesse no escritório por pelo menos mais uma hora. Eu não estava sendo uma grande covarde, lembrei a mim mesma enquanto disquei o ramal da mesa em vez do celular. Eu só não queria incomodá-lo com algo tão insignificante quanto minha ausência hoje.

Meu pescoço ficou quente e manchado no espelho.

— Oi, Encantado. É, uh... eu. Ally. Eu estou doente. Não posso ir hoje. Mas eu juro que vou compensar o tempo. Posso trabalhar até tarde amanhã ou no fim de semana ou... o que for. — Lembrei-me de tossir, mas saiu mais como o grasnar de um ganso ferido.

Meu pescoço estava em chamas com mentiras. Eu balancei meu telefone, deixando-o cair na pia.

— Caramba! — Eu assobiei, agarrando-o e desconectando a chamada.

Eu realmente precisava trabalhar em minhas mentiras. Mas, por enquanto, eu tinha gesso resistente à umidade para passar.



PASSEI o dia passando e gravando gesso no banheiro e sem atender meu telefone. Dominic ligou três vezes, e eu deixei cair na caixa postal todas as vezes. E, claro, ouviu as mensagens imediatamente depois.

Ele parecia preocupado, perguntando se eu precisava de sopa, depois irritado porque quem diabos deveria fazer todo o trabalho que eu deveria fazer? Muito parecido com Dominic Russo.

Eu não respondi. Mas a culpa por perder um dia inteiro de trabalho começou a me consumir. Tentei rechear com um sanduíche de peru, feito do jeito que meu pai gostava – com fatias finas de maçã cobertas com muito cheddar. Era bom ter queijo de volta na minha vida.

De acordo com a enfermeira da recepção, foi um bom dia para o papai, o que significava que eu não podia vê-lo.

Não com meu rosto assim.

Não se houvesse uma chance de ele perceber que as contusões vieram dele.

No início da noite, eu não aguentava mais. Eu assisti minha caixa de entrada transbordar com sua energia frenética habitual durante todo o dia, mas eu não estava lá para cuidar de nada. Responsabilidades iminentes me fizeram sentir uma coceira. Decidi que trabalharia algumas horas esta noite e começaria de novo amanhã... se meu rosto cooperasse.

Tomei banho, me vesti e fui para a cidade. O ar da noite estava frio, fresco e como neve. Já passava das nove quando entrei no escritório

com meu cartão-chave. O chão estava escuro e silencioso. Uma cidade fantasma comparada com a produtividade diurna.

Em um aceno para o silêncio esmagador, e, tudo bem, para ter certeza de que Dominic não estava passando a noite toda em seu escritório, eu fui na ponta dos pés até minha mesa.

O escritório estava vazio e eu estava sozinha. Dei um suspiro de alívio e me joguei na cadeira. Minha mesa tinha uma pilha de novos arquivos. Minha caixa de entrada de e-mail estava exigindo minha atenção, e eu não tinha nada além de algumas horas ininterruptas para avançar.

Coloquei meus fones de ouvido, liguei uma das minhas playlists de dança favoritas e mergulhei no trabalho.

A mão que apertou meu ombro meia hora depois me assustou pra caramba.

— Oh, doce Jesus!

— Quem diabos fez isso com você?

A demanda, o rosnando sobre o volume da minha música, quase me fez pular para fora da minha cadeira e para o chão.

Mas ele me pegou.

Eu estava olhando nos olhos de um furioso Dominic Russo.

Agarrei meu coração para ter certeza de que ainda estava funcionando. Ele puxou meus fones de ouvido.

— Quem diabos bateu em você, Ally? — Ele enunciou cada palavra com uma fúria ardente que era ao mesmo tempo aterrorizante e tocante. Nenhuma daquela raiva foi transferida para as pontas dos dedos que gentilmente inclinaram meu queixo para que ele pudesse dar uma olhada melhor.

— Ninguém — eu menti, tentando escapar de seu aperto. Meu pescoço estava *em fogo*. Isso foi tão estúpido. Eu deveria ter ficado em

casa. — Tive um pequeno contratempo na reforma da casa. Não que seja da sua conta.

— Isso é uma porra de uma contusão em seu rosto, Ally. Não minta para mim. — Ele parecia magoado.

Meu pescoço era um farol pulsante de urticária proclamando minhas mentiras.

— Dom, não é da sua conta — eu disse, tentando voltar para colocar alguma distância entre nós, mas ele segurou minha cadeira pelos braços, e meus pés deslizaram inutilmente no tapete.

— Não jogue essa merda comigo, Ally — ele disse sombriamente.

— Não faça perguntas sobre coisas que não lhe dizem respeito.

— Você é minha empregada. Você me diz respeito. Você está dançando de novo?

Revirei os olhos. O que foi um erro porque a) machucou meu rosto e b) realmente irritou Dominic.

— Novamente. Não é da sua conta. E não, eu não estou dançando. Foi um acidente. Ele... — Engasguei com a palavra e imediatamente calei a boca.

— *Ele.* — Sua voz fervia de raiva no pronome.

— Dominic, pare. Não é nada para se preocupar. É minha responsabilidade — eu disse, minha voz falhando.

Percebi com horror que meus olhos estavam ficando quentes e vidrados. Achei que tinha conseguido controlar o sistema de abastecimento de água. Mas era como se alguém tivesse ligado um maldito gêiser.

— Ally. — Ele sussurrou meu nome. Era como uma carícia.

Eu balancei minha cabeça.

— Não faça isso, Dom. Não seja legal. Não me faça perguntas. Estou por um fio aqui.

Ele me puxou para fora da cadeira para seus braços.

Era um abraço. Um abraço forte e sem fôlego.

E foi isso que me quebrou. O contato inflexível de seu corpo pressionado contra o meu, seus braços em volta de mim apertados o suficiente para que a única coisa que eu sabia com certeza era que eu estava segura.

— Eu não aguento mais, Ally — ele respirou contra o meu cabelo. — Eu não posso simplesmente assistir do lado de fora e fingir que não me mata não poder tocar em você.

Eu não confiava na minha voz. Não tinha nenhuma palavra que valesse a pena dizer de qualquer maneira. Eu só queria ser segurada assim.

As lágrimas que eu estava segurando por tanto tempo estouraram pela represa. Aquelas paredes defensivas tremeram uma vez antes de desmoronar em pó sob o peso do alívio. Eu ia arruinar sua camisa muito bonita com meu silencioso, mas dramático sistema hidráulico.

— Baby — ele sussurrou contra o topo da minha cabeça. — Fale comigo. Por favor.

Eu balancei minha cabeça.

Seus braços se apertaram ao meu redor.

— Por que você tem que ser tão teimosa?

Novamente, eu balancei minha cabeça.

— Não é um não *vou* falar. Eu não *consigo* falar — eu consegui dizer entre respirações trêmulas.

— Você está me matando, Ally. Neste momento, eu só quero matar quem colocou essa marca em seu rosto sem deixar você ir.

Isso só me fez chorar ainda mais.

Em um momento que teria sido incrivelmente romântico se eu não estivesse esguichando líquido de ambos os olhos e narinas, Dominic me

pegou, enfiando meu rosto sob seu queixo, e me carregou para seu escritório. Ele chutou a porta, trancou e foi até o sofá.

Ele se acomodou comigo em seu colo. O que foi uma sensação muito diferente da última vez que estive nele. Embora, apesar dos meus soluços, eu ainda consegui acionar meu Radar de Pau do Dominic para perceber que ele estava realmente duro. Definitivamente uma condição permanente.

— Você não pode matá-lo — eu disse a ele tristemente.

— Me dê uma boa razão.

— Ele é meu pai. — Ele endureceu contra mim.

Mais lágrimas caíram. Seis meses inteiros de dor acumulada, angústia e medo fluíram pelas minhas bochechas e para a camisa branca de Dominic.

Ele me apertou mais forte contra ele. Murmurou baixinho em meu ouvido. Fazendo promessas que ambos sabíamos que ele não poderia cumprir. Por tudo isso, ele acariciou meu cabelo, minhas costas, em movimentos longos e reconfortantes. A doçura, a gentileza de seu toque quando eu ainda podia senti-lo vibrando com raiva debaixo de mim me firmou.

— Me conta, baby — ele exigiu.

Então eu fiz. Aos trancos e barrancos enquanto lágrimas silenciosas escorriam pelo meu rosto.

— Assim que eu vender a casa, esse dinheiro irá para a casa de repouso, e ele ficará seguro por pelo menos alguns anos. Vai me dar tempo para descobrir como fazer funcionar. Eu não quero ter que movê-lo para outra instalação se eu puder evitar. Mas é tão caro. Não terei escolha se não conseguir colocar a casa no mercado.

Ele não disse nada, mas senti seus braços se apertarem mais ao meu redor.

Deslocando-me em seu colo, sentei-me.

Ele segurou meu rosto, em seguida, afastou meu cabelo dos meus olhos. Sua expressão era tão séria.

— Obrigado por me contar — disse ele finalmente.

— Meu pai não é violento — eu disse sinceramente. Querendo que ele entendesse. — É a doença dele. Ele não é quem ele era. Ainda há vislumbres dele aqui e ali. Mas, na maioria das vezes, meu pai se foi.

— Eu sinto muito, baby — ele sussurrou, enxugando as lágrimas frescas do meu rosto com os polegares.

— Pare de ser legal comigo, Dom.

— Não dessa vez.

Ficamos nos encarando por um longo momento. O horizonte noturno de Manhattan brilhava do lado de fora das janelas do outro lado da sala enquanto a neve prevista caía constantemente. Tomei algumas respirações lentas e profundas. Roubando egoisticamente o calor de Dominic e reivindicando-o para mim.

— Eu deveria ir — eu disse. — Tenho algum trabalho para colocar em dia e preciso chegar em casa antes que a neve piore.

— Não.

— Não? — Eu ri. — É adorável que você ainda acredite que pode dizer algo sobre o que eu faço.

— É adorável que você pense que eu deixaria você sair daqui esta noite — ele rebateu.

Fiz um movimento para sair de seu colo, mas ele reforçou seu aperto.

— Dominic.

— Me beije, Ally. Deixe eu fazer você se sentir melhor.

Hesitei, me equilibrando em um precipício muito perigoso. Eu já tinha cruzado as linhas esta noite. Eu compartilhei muito, fui muito vulnerável.

— Eu não acho que seja uma boa ideia — eu disse suavemente. Se ele me beijasse agora, quando meu coração já estava em um milhão de pedacinhos, eu faria algo realmente estúpido... como me apaixonar pelo homem.

— Me deixe fazer isso — disse ele, sua voz grave.

De todas as maneiras que tínhamos sido íntimos até este ponto, nunca tínhamos nos beijado. Eu nunca tive sua boca na minha.

— Eu não sei se posso ir embora quando for preciso — confessei, o pânico crescendo em mim.

— Já passamos da etapa de ir embora, Ally.

Uma declaração de fato, como se meu destino já estivesse selado por suas palavras.

— Eu não estou procurando por nada — eu insisti, os nervos tomando conta de mim.

— Eu não estava procurando por você. Mas ainda assim te encontrei.

— O que você está dizendo? — Eu guinchei.

— Estou dizendo que encontrei você. E não estou mais lutando contra isso. Você é minha.

Ele me colocou em seu colo, então eu estava montada nele. Assim como eu estava no clube. Só que desta vez, eu era a vulnerável.

— Você está me assustando demais, Dom — eu admiti, cravando meus dedos em seus ombros, no calor sob aquele maldito colete e camisa.

— Estou me assustando também — disse ele, acariciando meu queixo e descendo pelo meu pescoço. Movendo seus lábios contra minha carne. — Estou fodidamente apavorado.

Arrepios explodiram na minha pele. De repente eu estava quente, fria, tonta e enraizada no local. Sua boca se moveu muito gentilmente sobre o hematoma no meu rosto, apagando a dor.

Eu estava espalhada sobre sua virilha, seu pau aninhado contra onde eu mais ansiava por ele.

— Eu não quero nada sério — eu sussurrei em um arrepio quando ele roçou um beijo no canto da minha boca. Meus lábios queimaram com a necessidade de sentir os dele.

Sua risada era gentil, mas eu ainda ouvia o som das portas da prisão se fechando.

— Oh, querida, você não tem mais escolha.

Então ele me beijou. Boca firme e exigente, ele me devorou até eu perder a batalha e abrir para ele. Sua língua empurrou para dentro, me invadindo, tirando de mim qualquer respiração, qualquer palavra, qualquer sentido que já não estivesse completamente envolvido nele e ao seu redor.

Eu estava voando e ainda ancorada a este ponto por seu corpo, seus braços. Suas mãos se estabeleceram em meus quadris, e ele me arrastou sobre sua ereção. Para frente e para trás.

— Deixe eu fazer você se sentir bem, Ally — ele exigiu novamente, rudemente.

— Sim.

E com uma palavrinha, eu liberto nós dois.

49
Dominic

EU DESLIZEI O SUÉTER sobre sua cabeça, e quando percebi que não havia nada entre os seios perfeitos de Ally e minha boca além de uma blusa branca frágil, senti um rosnado primitivo subir pela minha garganta.

Seus mamilos estavam duros e pontudos sob o algodão simples. Eu segurei aqueles seios em minhas mãos, amando a sensação daqueles gomos indo ainda mais forte.

Ela atacou minha gravata, os botões da minha camisa, mas perdeu o foco quando eu puxei a gola para baixo, expondo um seio. Fiz uma pausa longa o suficiente para que ela pudesse sentir meu hálito quente em sua pele antes de chupar aquele mamilo rosa e empinado em minha boca.

Seu suspiro de prazer, a sensação daquela deliciosa roseta enrugando contra a minha língua, fez cada segundo torturante nos últimos dois meses valer a pena. Este momento do céu valeu uma vida inteira de miséria. Eu chupei mais forte, segurando-a para mim. Ela empurrou seus quadris contra mim, deixando meu pau selvagem com a fricção. Ela estava de legging, e a julgar pelo calor úmido que eu podia sentir através delas, ela não tinha nada por baixo.

Eu precisava dela nua. Nada entre nós.

— Por que você usa tantas malditas camadas? — Ela exigiu, sua voz tremendo enquanto ela empurrava meu colete dos meus ombros.

— Nunca mais — eu prometi, movendo minha atenção para seu outro seio e sugando com força.

— Por favor, não pare de usar coletes — ela implorou.

— Qualquer coisa que você quiser, Ally. Tudo que você tem que fazer é pedir. — Dei outra chupada retumbante em seu mamilo e tive que reprimir o lobo dentro de mim quando ela gemeu.

Eu a ajudei a tirar minha camisa e então relutantemente abandonei seus seios para puxar a regata sobre sua cabeça. Joguei-a no chão na direção da pilha crescente de roupas.

— Venha aqui — eu sussurrei sombriamente, puxando-a contra mim e deleitando-me com a sensação de seus mamilos duros e molhados contra meu peito.

Ela assobiou em uma respiração.

— Pelos no peito. Tão bom.

Eu queria rir. Mas cada célula do meu ser estava inteiramente focada em seu corpo e na lista interminável de coisas que eu queria fazer com ela. A litania de maneiras que eu queria fazê-la gozar.

Finalmente. Finalmente. Finalmente.

— Baby, nós vamos ter que nos levantar e nos livrar do resto dessas roupas — eu a avisei.

— Eu não quero parar de tocar em você — ela confessou. Suas mãos estavam acariciando meu peito e ombros, meus braços, meu abdômen. Eu me senti... adorado. Amado.

— Só por um segundo — eu prometi. Apesar do meu pau protestando, eu a levantei do meu colo.

— Tire mais rápido — ela exigiu, tirando suas leggings em um movimento rápido.

Ela era espetacular. Nua nas luzes da cidade com neve caindo atrás dela. Ally Morales era a coisa mais linda que eu já tinha visto em toda a minha vida.

Humilhado e atordoado, eu me atrapalhei com meu cinto. Ela entrou e o soltou para mim. Juntos, jogamos minhas calças no chão.

Ela estava tremendo enquanto olhava para mim. Era a distância. Tudo fazia sentido quando estávamos nos tocando. Tudo parecia possível então.

Ela começou a cair de joelhos, mas eu a impedi. Eu não seria capaz de suportar aquela boca no meu pau. Não esta primeira vez. Eu tive muitas fantasias queimadas em meu cérebro. Além disso, eu devia a ela. Dois.

— Não. É a sua vez, querida. — Eu a puxei para mim. Sua pele era tão macia e suave contra a minha. Meu pau estava preso entre nós e exigindo mais.

Ela segurou meu rosto em suas mãos e olhou nos meus olhos.

— Eu não quero sua língua. Eu não quero seus dedos. A primeira coisa que você colocará dentro de mim será seu pau, Dom.

Meu pau empurrou seu acordo entre nós.

Puta merda.

— Eu não tenho camisinha — eu confessei. Eu não tinha necessidade de estocar preservativos neste escritório. Eu não era meu pai.

Os olhos de Ally fecharam e abriram novamente.

— Você não precisa de um esta noite — ela sussurrou. — Estou tomando anticoncepcional e estou limpa.

Fiquei impressionado com duas coisas. Permissão para minha fantasia mais sombria. De fodê-la até que sua boceta se fechasse ao redor do meu eixo e ordenhasse meu próprio orgasmo, fazendo-me gozar dentro dela. Fazendo-a ser minha.

E então havia a advertência que ela tentou passar por mim.

— Isso não é por apenas uma noite, Ally. Então, se acostume com isso. Uma vez que estiver dentro de você, não há como voltar atrás. — *Nunca mais.*

Eu queria que estivéssemos em uma cama. Minha cama onde eu poderia espalhá-la e olhar enquanto a preenchia, tomar meu tempo saboreando-a. Mas eu não sobreviveria esperando mais um minuto e me contentei com o sofá. Eu a deitei sobre ele e deslizei um joelho entre suas pernas.

Antes de ceder às suas exigências gananciosas, abaixei minha cabeça e me servi de seus seios novamente. Eles estavam rapidamente se tornando minha mais nova obsessão. Minha ereção pendia pesadamente, sua ponta pintando o estômago de Ally com pré-gozo que vazava descaradamente da fenda.

Era isso que ela fazia comigo. Reduzia meu corpo a uma série de reações biológicas e químicas em cadeia.

Sua respiração estava saindo curta e afiada enquanto eu me aninhava em seus fodidos seios perfeitos. Eu queria morrer com esse mamilo latejando na minha boca.

Ela enrolou as pernas em volta da minha cintura, tentando me puxar para ela.

— Você está pronta para mim, baby? — Eu sussurrei, apertando meu pau na base.

Ela assentiu sem palavras, os olhos arregalados. Eu senti tantas coisas. Poderoso. Vulnerável. Preparado. Aterrorizado. E a raiva que fervia no meu estômago toda vez que eu olhava para aquele hematoma. Eu nunca iria superar ver aquela marca em seu rosto.

— Tem certeza? — Eu perguntei, parte de mim desejando que ela mudasse de ideia. Porque tudo ia mudar. — Você confia em mim?

— Sim. Dom, por favor!

Alinhei a cabeça chorosa do meu pau contra sua boceta. Ela estava tão fodidamente molhada que pensei que poderia morrer. Eu queria provocá-la um pouco, prepará-la para mim. Mas eu não pude evitar.

Dei uma bombada rasa, forçando a entrada dos primeiros dois centímetros grossos dentro dela.

Seu suspiro ecoou dentro do meu sangue.

Cerrando os dentes, segurei minha sanidade enquanto ela apertava a cabeça do meu pau.

— Me diga que você me entende, Ally. Me diga que você sabe que isso faz de você minha.

Ela estava tremendo em torno da minha ponta latejante, e se ela não dissesse isso nos próximos cinco segundos, eu ia entrar nela de qualquer maneira e fazê-la dizer isso depois. Eu só poderia aguentar por um curto período. Eu era apenas humano.

— Dom — ela sussurrou entrecortada.

— Diz. Me diga, Ally. — Eu sabia que não fazia sentido. Passei os últimos dois meses dizendo a ela, dizendo a mim mesmo, que nunca aconteceríamos. Agora eu a estava reivindicando. Eu não sabia o que significava. Ou quanto custaria. Mas eu sabia que estava disposto a pagar qualquer preço.

Ela apertou os olhos bem fechados.

— Eu sou sua — ela choramingou.

O nó no meu peito afrouxou, e assim que ela abriu os olhos novamente, eu fodi sua vagina apertada em um impulso longo e duro. Eu segurei lá enquanto ela se mexia debaixo de mim, conseguindo abrir um pouco mais, e meu último centímetro deslizou dentro dela. Bati no fundo e parei.

Eu podia senti-la tremendo ao meu redor. Nua. Nada entre nós. Ela estava empalada em mim, seus lindos olhos de uísque abertos agora. Ampla e vítrea.

— Respire — eu disse entre dentes cerrados. — Apenas respire por um segundo. — Seus seios estavam esmagados contra meu peito nu.

Ela era tão apertada, apertada em volta da minha ereção, e eu estava tão duro, eu estava vendo estrelas. Ela respirou fundo, e eu juro por Deus, eu senti isso no meu pau.

O suor brotou na minha testa.

— Você está bem? — Eu perguntei, tentando segurar as rédeas e não apenas foder sem pensar meu caminho dentro e fora de seu corpo.

— Se você se mexer, eu vou gozar — ela me avisou.

— Essa é a minha garota. — Eu a beijei novamente, provocando-a com minha língua, e quando ela começou a relaxar, eu puxei e empurrei de volta.

— Oh, Deus.

— Dom, baby — eu corrigi. Ela durou quatro bombadas gloriosas antes do tremor apertar meu pau como um torno de veludo.

— Dominic! — Seus dedos morderam minhas costas, e eu fodidamente amei aquele beliscão de dor. Continuei entrando nela, mordendo meu lábio até sentir gosto de sangue, empurrando o apoio de braço com meu pé para entrar nela cada vez mais forte. Determinado a aguentar a experiência mais crível que meu pau já teve dentro de uma mulher.

Ela ondulou debaixo de mim como ela fez quando ela dançou para mim, e naquele momento, eu me considerei o homem mais sortudo do planeta. Senti cada aperto, cada onda, e acompanhei seu orgasmo com ela.

Eu estava suando. Minhas bolas estavam enviando um SOS. Eu não poderia aguentar muito mais tempo, mas agora, eu era a porra do super-herói dela.

Eu a beijei, e quando ela suspirou sonhadoramente contra minha língua, eu mordi seu lábio inferior.

— Minha. Ally.

— Sua — ela concordou.

Isso me deu outra dose de superpoderes. Reprimi a ameaça do meu próprio orgasmo, a peguei no colo e sentei com ela no meu colo.

— Eu tenho pensado nisso desde aquela noite — ela gemeu, trazendo as mãos aos meus ombros.

— Eu quero assistir você enquanto você monta meu pau. Eu quero ver seus olhos ficarem vidrados e aquele pulso em sua garganta vibrar. Quero ver seus seios saltarem enquanto digo que nunca vou deixar você.

— Dominic — ela sussurrou.

— Eu nunca vou deixar você, Ally.

— Você não pode dizer coisas assim — ela argumentou.

Dei um tapa na bunda dela e depois outro porque gostei do som.

Ela gostou também. Porque ela estava se contorcendo em mim como ela tinha no clube que eu ainda queria queimar até o chão. Mas desta vez, meu pau estava onde pertencia. Enterrado profundamente dentro dela.

Molhada não começou a descrever Ally. Ela era uma maldita floresta tropical, e eu não conseguia o suficiente. Eu queria jogá-la no chão e comê-la. Virá-la e entrar nela por trás. Eu a queria em posição missionário e encostada na parede. Em todas as posições concebíveis. Eu queria levar anos descobrindo todas as maneiras que eu poderia fazê-la gozar. Minha própria caça ao tesouro pessoal.

Ela estava trabalhando no meu pau como se não houvesse mais nada no mundo que ela quisesse mais. Como se ela não tivesse um pai doente. Ou sendo esmagada por contas médicas. Ou o homem que a rejeitou muitas vezes de repente reivindicando direitos sobre ela.

Eu senti de novo. Aquele tremor elétrico enquanto seus músculos tremeram ao redor do meu pau. Era mágico. Um milagre. Ela era a porra do meu milagre.

— Eu sinto você, Ally. Eu sei que você quer gozar de novo. Goze para mim, querida.

Porque eu podia, eu peguei seu mamilo em minha boca novamente e chupei forte. Meu mundo estava brilhando, luminoso e quente, e eu estava me chutando por quase perder a sensação de ter o clímax de Ally Morales no meu pau.

Segurei seus quadris, verificando sua velocidade, e comecei a empurrar. Toda maldita vez, eu me afundava nela. Eu fiquei mais duro quando ela ficou mais molhada.

Alcançando ao redor, eu agarrei as bochechas de sua bunda com ambas as mãos e entrei nela.

Ela gozou assim, com meu pau enterrado nela, minha língua lambendo seu mamilo, e minhas mãos abrindo-a por trás.

Ela resistiu, balançando para frente e para trás enquanto aqueles delicados milagres de músculos se apertavam ao meu redor avidamente. E então meu próprio orgasmo estava correndo pelas minhas bolas, puxando-as com força.

— Ally! — Desta vez, quando gozei dizendo o nome dela, ela estava aqui. Ela estava ao meu redor. Isso me atravessou, estripando-me enquanto eu derramava gota após gota do meu clímax quente nela. *Finalmente.*

Foi uma experiência religiosa. Um despertar espiritual enquanto eu preenchia esta mulher com minha semente.

Cumprindo meu destino e marcando-a como minha, assim como ela esculpiu suas iniciais em meu coração.

Minha vida nunca mais seria a mesma. Eu nunca a deixaria ir. Não importa o quê.

Ela se contorceu contra mim, ainda gozando, ainda soluçando meu nome, segurando meu rosto em seu peito.

Ficamos assim muito tempo depois que as ondas pararam de vir. O suor dava à sua pele um brilho de mel no brilho suave da luz. Eu não queria sair. Eu queria nunca mais não estar dentro dela. Eu a senti apertar em torno de mim uma, duas vezes, como se ela tivesse lido minha mente.

Dei uma última carícia em seu mamilo com a língua antes de deixar minha cabeça cair contra o sofá.

— Três a dois — eu engasguei.

— Jesus, ainda não estamos quites? — Sua risada estava sem fôlego, e eu também senti isso no meu pau ainda duro.

— Me dê alguns minutos.

E o resto de sua vida.

50
Ally

ELE ME LEVOU PARA CASA. Brownie estava esperando não tão pacientemente por nós lá dentro. Fiquei na cozinha, servindo-me de um copo de água e pulando na beirada do balcão enquanto Dominic deixava o cachorro sair para o quintal.

Minutos depois, homem e cachorro retornaram em uma explosão de energia. Eles claramente estavam brincando no escuro. Brownie enfiou o rosto no prato, jogando água para todos os lados. Mas Dominic colocou seus olhos em mim.

Ele caminhou em minha direção, um brilho em seus olhos, e eu senti um delicioso coquetel de nervos e excitação se misturando dentro de mim. Ele parecia positivamente diabólico, e eu tinha certeza que parecia debochada.

Pisando entre as minhas pernas, ele colocou aquelas mãos grandes nas minhas coxas e correu até meus quadris, apertando e amassando. Minha respiração ficou presa na garganta porque, aparentemente, os dois orgasmos mais voláteis, explosivos, violentos e de fim de mundo que eu já tive não foram suficientes.

A julgar pelo sutil aperto em sua mandíbula, eu não estava sozinha.

— Eu fantasiei com você assim. — Sua voz era como mel, no qual eu queria me banhar.

Orgasmos? Que orgasmos? A memória de curto prazo da minha vagina estava claramente prejudicada.

Suas mãos deslizaram em torno de meus quadris para minha bunda, e ele me puxou contra ele. Seu pênis de mamute definitivamente teve um caso de amnésia porque ele estava duro como pedra.

Precisávamos conversar.

Precisávamos ter uma conversa sobre o que diabos tudo isso significava.

Discutir por que ele de repente jogou seus princípios pela janela e cruzou uma linha que, para ele, o levava para muito perto de seu pai.

Em vez disso, enganchei meus calcanhares em suas costas e coloquei meus braços sobre seus ombros. Seus ombros fortes e firmes.

— Eu odeio que alguém tenha te machucado, Ally — ele confessou, levantando a mão para traçar carinhosamente o hematoma no meu rosto.

— Todo mundo se machuca mais cedo ou mais tarde — eu disse levemente.

— Você não. Não mais. Eu não aguentaria.

Eu descansei minha testa contra a dele.

— Algumas coisas estão fora do seu controle, Encantado.

— Eu me recuso a acreditar nisso.

Eu estava ciente do fato de que ele estava mais ou menos brincando.

— Seu pai — ele começou.

Inclinei-me para trás para estudar seu rosto. Tão forte, tão sério. O corte de sua mandíbula, a testa franzida. Eu cobiçava as cavidades sutis em suas bochechas. Era o rosto de um guerreiro, um deus. E aqueles olhos azuis eram tudo menos gelados agora. Como se um fogo tivesse sido aceso dentro dele.

— Você se incomoda em falar sobre ele? — Ele perguntou.

Eu balancei minha cabeça.

— Não. É a situação, a doença, que é difícil de... — Falar. Lidar. Enfrentar.

— Eu não posso nem imaginar — ele disse calmamente. Ele me aproximou dele, aquelas mãos acariciando para cima e para baixo nas minhas costas. Reconfortante. Suavizante. Me excitando pra caralho.

— Ele foi a única pessoa que nunca me decepcionou — eu disse a ele. — A única pessoa cujo amor por mim eu sempre tive certeza absoluta. Ter isso tirado de mim? Ter o homem ainda aqui, mas perder tudo o que o tornava meu pai? É uma devastação que eu não sabia que poderia existir.

Dom me segurou, e Brownie decidiu entrar em ação também. O cachorro dançou nas patas traseiras para dar uma lambida no meu joelho.

— Como você acabou sendo responsável por ele? — Perguntou Dom. Seus lábios roçaram seu caminho pelo meu pescoço.

— Eu morei em Boulder por alguns anos e não percebi os primeiros sinais por um tempo. Ele sempre foi distraído, esquecido. Mas as coisas estavam piorando. Os vizinhos do papai ficavam de olho nele para mim. Nenhum de nós percebeu a rapidez com que as coisas estavam se deteriorando até que ele desapareceu no verão passado.

Dom enrijeceu, mas suas mãos permaneceram gentis.

— Eu estava em um avião para casa quando os policiais o encontraram em um parque a dez quarteirões de sua casa. Ele não conseguia lembrar onde morava. Eles o jogaram nesta horrível instalação estatal. — Um arrepio percorreu-me só de lembrar os lençóis sujos, o fedor, os quartos sem janelas. — Todos os dias havia um tipo especial de tortura, saber que seu ente querido está sofrendo e sendo ignorado. Eu o tirei de lá assim que consegui colocá-lo em um lugar melhor. Mas era tão caro.

— Ele não tem seguro? Poupança de aposentadoria? — Ele perguntou.

Eu acariciei a pele macia de Brownie e suspirei.

— O seguro de saúde normal não cobre asilos. Ele tem pensão e previdência social, que vão direto para a casa. Qual, eu mencionei que

é astronomicamente caro? A cobertura de enfermagem especializada do Medicaid é complicada e limitada. E, como podemos ver, meus pais ainda são casados. Algo que eu não sabia até começar a vasculhar a papelada.

— O que isso significa? — Ele perguntou.

— As finanças dela, se ela se incomodar em responder aos meus e-mails, contam contra meu pai, e eu não posso completar a papelada sem eles. Além disso, aqui está a pior parte, cerca de um ano antes de tudo isso acontecer, minha mãe, e eu uso esse termo na definição mais vaga possível, percebeu que ela ainda tinha acesso a todas as contas do meu pai.

Os dedos de Dom flexionaram nas minhas costas.

— Ela pegou tudo que ele guardou. Ela levou tudo — eu disse.

— Que diabos de monstro ela é?

Minha risada foi sem humor.

— É só isso. No papel, ela é uma santa. Ela está vagando pelo mundo, construindo poços, arrecadando dinheiro para vacinas, fazendo discursos. Não falo com ela desde o dia em que ela foi embora, quando eu tinha onze anos. Mas de vez em quando, geralmente quando a tequila está envolvida, eu a procuro no Google.

— Ela abandonou você — disse ele.

— Ela me abandonou. Ela deixou eu e meu pai, dizendo que o mundo tinha um chamado maior para ela do que ser esposa e mãe.

— Foda-se ela.

Sua relutância em cortar a mulher que me deu à luz qualquer folga era doce e satisfatória.

— A ironia é que ela está fazendo coisas boas.

— Provavelmente porque ela gosta de atenção — ele adivinhou.

Eu o recompensei com um sorriso.

— Ela recebeu um doutorado honorário por seu trabalho de arrecadação de fundos para o Sudão. Ela atende por Dra. Morales agora. Ela deu um TEDx Talk sobre empatia mundial. As organizações sem fins lucrativos a pagam como consultora para que ela possa dizer a eles como fazer as pessoas se importarem.

— Por que ela pegou o dinheiro? — Perguntou Dom.

Dei de ombros.

— Ela é uma estranha virtual para mim. Mas fiz uma investigação rápida e descobri que ela fundou seu negócio de consultoria na mesma época em que roubou das contas do papai. Ah, e também descobri que o namorado dela ganhou o Prêmio de Serviço Público das Nações Unidas.

— Enquanto seu marido está prestes a ser expulso de uma casa de repouso por falta de pagamento. O que você vai fazer com ela?

— Eu não posso me dar ao luxo de fazer algo sobre isso. Ainda não. A primeira ordem do dia é preparar a casa do papai para coloca-lá no mercado. Uma vez vendida, o dinheiro será suficiente para mantê-lo na casa por anos. Ele estará seguro. Se sobrar dinheiro suficiente, contratarei um advogado. Eu não me importo em vê-la ou falar com ela ou ouvir um discurso apaixonado sobre como ela merecia mais o dinheiro. Eu só quero cada centavo das economias do meu pai de volta.

— Quão ruim está a casa? — Ele perguntou.

Eu estremeci.

— Não está terrível — eu disse, sentindo o calor aumentar no meu pescoço. — Quero dizer, não está nem perto de estar pronta para venda. Houve um pequeno acidente de encanamento. Estou fazendo o máximo de trabalho que posso.

— Ally — disse ele. E eu sabia que o Zelador Encantado estava morrendo de vontade de soltar sua coleira para consertar tudo.

— Está bem. Este trabalho me salvou, salvou meu pai. O salário ajuda muito, e sua estúpida cláusula de sem emprego externo está me dando tempo para realmente fazer mais de meia hora de lixamento de pisos e gesso de cada vez. Tudo ficará bem.

— Eu quero ver a casa — ele insistiu.

Para nos distrair, apertei os quadris de Dominic entre minhas pernas e senti a pulsação de resposta de seu pênis contra mim.

— Eu prefiro ver algumas outras coisas agora, Dom. Por favor? — Era injusto, e eu sabia disso. Se eu pedisse, ele entregaria.

Em resposta, ele tirou meu suéter pela minha cabeça e o jogou por cima do ombro. A risada que borbulhou dentro de mim desapareceu em um suspiro quando ele chupou um dos meus mamilos através da minha regata.

— Sim — eu assobiei. Isso é o que eu mais precisava agora. As sensações físicas de luxúria e desejo abafando todo o resto.

Ele enganchou os dedos no cós da minha legging e rapidamente a arrastou pelas minhas pernas, adicionando-a à pilha no chão.

Eu escolhi me preocupar com os fluidos femininos nas superfícies do balcão mais tarde e peguei o cinto dele. Juntos, nós tateamos suas calças abertas.

Quando ele liberou e apertou seu pau, alinhando a cabeça lisa de veludo com minhas dobras escorregadias, um tremor percorreu meu corpo.

Brownie, sentindo que ele não teria toda a nossa atenção tão cedo, saiu da cozinha, abanando o rabo. Ele levou meu suéter com ele. Mas como os fluidos femininos e tudo o mais que estava errado na minha vida, eu me preocuparia com isso mais tarde.

Dominic me beijou como se estivesse faminto por meus lábios, minha língua.

— Eu quero provar você — eu sussurrei em nosso beijo de boca aberta. — Quero ficar de joelhos na sua frente.

— É isso que você queria naquela noite? No meu escritório depois do seu encontro? — Ele exigiu, uma mão puxando a gola da minha blusa para baixo, expondo meus seios, enquanto a outra me provocava acariciando para frente e para trás daquele faminto monte de nervos até minha abertura. Para frente e para trás em um ritmo torturante.

— Sim — eu respirei contra sua boca, parando o suficiente para beliscar seu lábio inferior, sua mandíbula. — Eu queria que você fodesse minha boca. Que assistisse eu fazendo você gozar. Ter seu pau na minha boca quando você dizia meu nome.

O barulho que ele fez, um ronco profundo e doloroso, foi desumano, e despertou algo primitivo dentro de mim.

— Você usou minha calcinha naquela noite? — Eu fiz a pergunta que eu estava morrendo de vontade de saber a resposta.

— Sim. — Ele me beijou com força, toda gentileza abandonada. Nossos dentes se chocaram, suas mãos agarraram meu cabelo, meus quadris, meus seios, como se não pudessem decidir onde se estabelecer. — Eu me fodi com sua calcinha enrolada no meu punho.

Eu fiz um barulho estridente muito pouco sexy.

— Eu gozei na sua mancha molhada e continuei gozando.

Eu estava tão tonta que tive medo de desmaiar antes que ele me fizesse gozar novamente.

— Olhe para baixo — ele ordenou.

Eu fiz como me foi dito. E assisti enquanto ele alimentava a ponta de sua ereção em meu corpo. Estávamos conectados, unidos. Eu podia sentir meus músculos vibrando ao redor de sua cabeça, tentando atrair mais dele para dentro. As veias em seu eixo se destacavam rígidas e

raivosas como se o que ele estivesse fazendo comigo fosse um ato de violência ao invés de beleza.

Ele rosnou, baixo em sua garganta.

Me senti suja, decadente, depravada. E eu queria mais.

— Incline-se para trás — disse ele. Eu caí de volta em meus cotovelos, meu corpo em exibição para ele agora. Meus seios suspensos pelo decote da regata inútil, mamilos brotados e duros. Minha respiração vindo em raspas curtas.

— Veja eu foder você, Ally. Observe eu pegando você e a tornando minha.

Ele soltou minhas pernas de sua cintura e colocou meus pés na beirada do balcão. A única coisa me segurando no lugar era sua ereção. Coincidentemente, era também a única coisa que me ancorava no plano gravitacional.

— Pare de falar. Comece a foder. — Engoli em seco as palavras com os dentes cerrados. Eu precisava mais dele. Todo ele.

— Você está pronta para mim, baby?

— Dominic, por favor!

Com a súplica ainda soando no ar, observei fascinada enquanto ele enfiava seu grosso comprimento em mim.

Prazer. Dor. Sensações sobrenaturais de plenitude e completude. Tudo iluminando meus nervos e enviando mensagens confusas para o meu cérebro. Isso era tudo. Ele era *tudo*. Nada mais existia além deste homem, deste cômodo.

Se eu já tive algum problema sexual, o gemido de satisfação de Dominic os teria desatado. Eu queria tudo o que ele pudesse me dar. Eu queria que ele conhecesse e adorasse cada centímetro de mim.

Ele puxou para fora antes que eu quisesse e, em seguida, empurrou de volta antes que eu estivesse pronta. O aperto de sua mandíbula, a

pulsação na base de sua garganta, era atraente para mim. Meu corpo estava deixando Dominic Russo selvagem. Eu estava deixando Dominic Russo louco.

— Eu quero ir devagar — ele murmurou. — Para saborear você. Eu quero que você goze na minha boca, Ally. Eu quero passar horas apenas adorando seus peitos. Mas não posso. Parar. De. Foder. Você. — Cada palavra de sua confissão foi enfatizada por um impulso mais rápido e mais forte. Um retorno ao meu corpo, a mim.

Eu não tinha certeza se ia morrer pela conversa suja ou pelo orgasmo iminente primeiro.

— Não se atreva a parar — eu assobiei. — Nunca pare.

Ele abaixou a cabeça e chupou um mamilo em sua boca. Senti os puxões dele ecoarem nos músculos que cercavam e agarravam sua ereção.

Eu gemi ou suspirei ou fiz algum tipo de barulho de animal de curral, e aparentemente isso quebrou qualquer determinação que ele tinha. Ele soltou meu mamilo com um estalo e entrou em mim, enterrando-se ao máximo. Ele estava empurrando descontroladamente, e tudo que eu podia fazer era enrolar meus dedos ao redor da borda do balcão e segurar firme.

Minhas paredes internas fizeram a mesma coisa com seu eixo. Fechando em torno dele em um sistema de alerta precoce. Perigo! Orgasmo iminente! Ele já reconhecia os sinais. Este homem já me conhecia bem o suficiente para entender que eu estava a segundos da detonação.

Ele cerrou os dentes e continuou fodendo dentro e fora de mim como se fosse a missão de sua vida, como se estivéssemos em uma corrida para o topo. Enquanto seu pau me arruinava para todos os futuros parceiros sexuais para sempre, sua mão agarrou meu peito e

apertou. Então elas deslizaram sob mim, onde seus dedos sondaram e acariciaram aquele anel proibido de músculo entre minhas bochechas.

Eu definitivamente deveria estar preocupada com a higienização do balção. Eu deveria estar analisando demais como ele sabia que eu era esse tipo de garota. Eu deveria estar me perguntando se eu precisava de uma pílula anticoncepcional extra-forte para combater o que certamente era um superesperma.

Mas eu não estava. Eu estava empurrando meus quadris contra ele avidamente, implorando por mais.

— Eu quero tocar em você em todos os lugares — ele murmurou. Suor pontilhava sua testa e umedecia sua camisa. — Eu não quero que haja um centímetro de você que eu não conheça.

Seu dedo pressionou contra mim novamente, e eu senti um novo latejar, um novo vazio esperando para ser preenchido.

— Faça isso.

Ele levou o dedo à boca e o lambeu com a língua. Eu mal podia esperar para colocar essa língua em mim em algum momento antes de nós dois voltarmos aos nossos sentidos. Empinando, eu afundei minhas unhas em seus ombros. Nossos lábios se encontraram em um beijo feroz enquanto seu dedo me rompia. Um dedo. Um beijo. E nós dois estávamos fora de controle.

— Preciso. Mais — insisti. O ângulo era muito raso. Havia mais que ele tinha para me dar. Mais para o que eu estava pronta.

Com um braço, ele me arrancou do balcão e bateu minhas costas contra o aço frio da geladeira. Ele entrou em mim uma, duas, três vezes. Seu dedo flexionando dentro de mim. E ainda não era o suficiente.

Descemos para o chão. Ele ficou de joelhos, apoiando as mãos nas minhas coxas e empurrando-as para cima e para fora. Eu estava espalhada para ele como um banquete sem vergonha de necessidade

carnal. Aquele brilho sujo e maligno estava de volta naqueles lindos olhos azuis.

Seu dedo retornou, e ele me observou através dos olhos encapuzados enquanto o deslizava dentro de mim. Havia uma plenitude satisfatória em todos os lugares, e meus músculos estavam comemorando reprimindo.

— Dom, eu acho que vou...

— Eu sei que você vai. Eu posso sentir você. — Nossa respiração vinha em ofegos agudos quando seus impulsos descontrolados destruíam nós dois. O piso frio nas minhas costas, enquanto o homem quente e duro trabalhava em cima de mim, em mim. De novo e de novo, ele entrou em mim, fazendo meus seios tremerem.

Provavelmente era muito forte. Eu provavelmente estaria andando como John Wayne amanhã graças aos cuidados agressivos do pau de Dom. E eu estava tão disposta para isso.

Meu orgasmo estava brilhando nas bordas da realidade, lentamente, lentamente se tornando uma coisa real e tangível. Eu podia sentir-me vibrar em torno de seu pau, seu dedo. A implosão estava garantida. Estes seriam com certeza meus últimos momentos nesta terra.

E então ele bateu dentro de mim e segurou por uma momento. Eu *senti* o primeiro surto de seu orgasmo em um lugar tão profundo dentro de mim que era um território desconhecido. Esse pulso, esse grunhido profano de prazer tão agudo que era quase dor, me enviou para o abismo. Eu o apertei como se seu pau fosse um touro mecânico na Quarta-feira Perdida.

Minhas paredes encontraram a próxima rajada de sua liberação avidamente, fechando-se sobre ele com força. Batida por batida. Impulso por impulso. Onda por onda. Nós acompanhamos o outro. Abrindo e fechando. Gozando e se afogando juntos.

Ele entrou em mim uma última vez e segurou lá enquanto nossas liberações se misturavam dentro de mim enquanto as ondas suavizavam, depois diminuíam, então finalmente, finalmente pararam.

51
Dominic

— DOM?

Meu nome de sua boca era um coaxar.

— Hm? — Eu me aninhei em seu cabelo.

— Eu preciso de algo — ela sussurrou.

Oh, Deus. Se ela me pedisse para gozar de novo, havia uma boa chance de que eu morresse. Eu já não tinha certeza se meu pau voltaria a funcionar depois da última rodada. Havia uma possibilidade de que meu coração cedesse também.

Eu me considerava excelente na cama. Mas três vezes em uma noite estava pedindo muito das minhas proezas de quarenta e poucos anos. Até para um super-herói. Quatro possivelmente quebrariam algo importante.

— O que você precisa, baby?

— Uma bolsa de gelo.

Aliviado, eu ri fracamente.

— Oh! Graças a Deus. Achei que você ia pedir outra rodada. Algo que eu não serei fisicamente capaz até que eu tenha pelo menos duas bolsas de fluidos intravenosos.

Sua risada se transformou em um bocejo.

— Eu estou pegajosa. E suada — ela murmurou em meu travesseiro.

Nós finalmente chegamos à cama. E também aproveitamos bem.

Mas meus poderes sexuais sobre-humanos estavam oficialmente esgotados.

— Eu literalmente derramei toda a água do meu corpo em você. Eu sou basicamente carne seca humana agora.

— Obrigada por seu sacrifício — ela brincou.

Eu levantei minha cabeça e a rolei em minha direção. Seus lindos mamilos rosados eram hipnotizantes, e meu pau idiota que não tinha noção de consequências como atrito ou possível falha no lançamento se mexeu com a visão deles espreitando dos meus lençóis brancos e amarrotados.

Se abaixe, rapaz.

— Vou pegar uma bolsa de gelo e um pouco de água — prometi a ela, dando um beijo em sua testa e outro em sua bochecha. Eu dei uma mordida em seu pescoço para uma boa precaução.

Ela soltou uma risada, e eu decidi que era o melhor barulho que eu já tinha ouvido nesta casa.

— Nós somos tão estúpidos — disse ela.

— De que forma? — Eu perguntei, cedendo à tentação e dando uma longa lambida no mamilo mais próximo de mim.

Ela teve um tremor de corpo inteiro contra mim.

— Poderíamos estar fazendo isso há semanas. — Seus dedos acariciaram meu cabelo.

— Sim, exceto que você tinha que ser teimosa — eu a lembrei, me inclinando para dar o mesmo tratamento ao outro seio.

Meu pau imbecil já estava a meio mastro novamente.

— Eu? — Ela bufou. — A propósito, ainda não vou me demitir.

— Temos muito para resolver — eu disse para seus seios.

Ela se sentou e me bateu com um travesseiro.

— Dominic Russo! Você não pode fazer eu me demitir.

Obrigatoriamente brincalhão, uma descrição que nunca uma vez em toda a minha vida se aplicava a mim, eu a prendi no colchão.

Eu não queria pensar nas consequências desta noite. Eu queria viver neste espaço onde só havia agora... e os seios perfeitos e alegres de Ally

esfregando contra meu peito. Mas havia coisas que precisavam ser resolvidas. Agora.

— Como você está duro? — Ela exigiu com o que eu considerei uma quantidade apropriada de admiração.

— Eu não estou realmente — eu zombei modestamente.

— Você está duro o suficiente — disse ela, olhando entre nós para onde meu pau descansava contra sua barriga.

— Você precisa de uma bolsa de gelo. Preciso de um galão de eletrólitos. E precisamos conversar.

Ela fez beicinho.

— Não é um milhão de horas agora?

Já passava das três da manhã.

— Podemos dormir mais tarde. Primeiro, vou te levar para casa.

Seu rosto caiu, e o bastardo que eu estava enfeitado como um galo quando percebi que ela entendeu mal o que eu estava dizendo e ficou desapontada com a perspectiva de não passar a noite comigo.

— Para pegar suas coisas. Você vai ficar aqui esta noite.

— Dom, minhas coisas estão em Nova Jersey. Quando as pegarmos e voltarmos, será hora de trabalhar.

— Nós dois vamos trabalhar em casa amanhã. Minha casa.

— Meu rosto está tão ruim assim? — Ela brincou.

Inclinei-me. A imagem da seriedade.

— Está.

Ela me bateu na cabeça com o travesseiro novamente, e eu sorri.

— E falando em rostos, não há nenhuma maneira neste planeta de podermos entrar naquele escritório sem o que acabamos de fazer escrito em todo o nosso rosto.

— Você acha que outro dia vai apagar o placar de orgasmos gravado em seu rosto bonito? — Ela brincou, apertando minhas bochechas em sua mão até que minha boca fez aquela coisa ridícula de lábio de pato.

— Podemos ter que tirar o resto do ano — murmurei por entre seus dedos.

Sua risada desatou nós no meu peito que eu não sabia que tinha.

E eu sabia que não voltaria para antes.

Antes desta noite.

Antes que eu visse os hematomas em seu rosto.

Antes que eu soubesse como Ally se sentia de dentro para fora.

Antes que ela pudesse rir nua debaixo de mim.

Eu não era fisicamente capaz disso.

Com extrema relutância masculina, eu me arrastei para fora dela, enganchando seus tornozelos e arrastando-a para a beirada da cama.

— Vamos, Malévola. Vamos encontrar uma calça para você.

UMA viagem no meio da noite com Ally enfiada em outro par de minhas calças de moletom e Brownie em seu colo parecia de outro mundo. Ela descaradamente sentou em um saco de feijão congelado que eu encontrei no meu freezer enquanto eu bebia minha segunda bebida esportiva.

— Sexo em nossos quarenta anos deveria ser ainda melhor — ela meditou, acariciando a cabeça de Brownie e olhando pela janela. — Mas não tenho certeza se sobreviverei para ver o final de trinta e nove.

— Quando é seu aniversário? — Eu perguntei, já sabendo a resposta graças ao arquivo de RH que eu havia memorizado. Talvez fosse um teste para ver se a revelação de Ally Morales começava e terminava com sexo.

— Em maio.

— Como Malévola planeja comemorar os quarenta? — Eu queria saber tudo o que havia para saber sobre essa mulher.

Ela torceu o nariz.

— Todas as comemorações estão suspensas até que a situação do papai seja resolvida.

Levei seus dedos à minha boca e beijei seus dedos.

— Então o quê?

— Até agora, a única coisa que consegui foi uma margarita de manga em uma praia que exija passaporte. Eu quero sentar ao sol e olhar para um oceano tão azul que não parece real. E não quero me preocupar se posso dar gorjeta ao barman.

Eu aprovava o plano. Especialmente se envolvesse Ally de biquíni e eu na espreguiçadeira ao lado dela.

Eu segurei sua mão enquanto ela me orientava, primeiro para uma loja de conveniência aberta a noite toda para um chá verde surpreendentemente decente e uma braçada de lanches para matar a fome causada pela nossa maratona de sexo e depois para a casa de seu pai.

Ainda estava escuro quando entrei na calçada estreita, mas dei um suspiro de alívio. O Google Street View não mentiu. A vizinhança não era terrível, e a casa em si parecia... confortável.

— Brownie provavelmente deveria esperar no carro — disse ela, desafivelando o cinto de segurança.

Fiquei imediatamente desconfiado.

— Por quê?

— É uma zona de construção no interior. Eu não quero que ele pise em um prego ou algo assim. — Ela pulou para fora do carro e cuidadosamente fechou a porta na cara do meu cachorro.

Brownie pareceu cabisbaixo por dois segundos antes de se lembrar de que era uma hora profana no meio da noite e se encolher e dormir ao volante.

— Sou eu, ou está mais frio aqui em Jersey? — Eu perguntei, seguindo-a pela calçada.

— Vou mantê-lo aquecido, grandão — disse ela com uma piscadela exagerada.

Eu dei um tapa na bunda dela. E então imediatamente mudei para preparar uma palestra de segurança com alguns gritos significativos quando ela abriu a porta da frente sem destrancá-la primeiro.

Essa palestra foi colocada em banho-maria quando eu a segui para dentro.

— O que... me diga que você realmente não mora aqui.

O que eu supus ter sido uma sala de estar em algum momento era uma ruína arrumada.

— Não é tão ruim — Ally disse com um rolar de seus olhos castanhos. Não era realmente culpa dela que ela não estava levando isso a sério. Aproveitando o brilho do impressionante número de orgasmos que eu pessoalmente entreguei, ela não percebeu o quão irritado eu realmente estava. — Apenas cuidado onde pisa — ela advertiu.

— Tem um buraco no seu teto. — Foi o primeiro de muitos, muitos problemas que tive com o cômodo.

Havia um buraco no teto. O piso de compensado estava manchado de água em um raio de dois metros. O tapete havia sido removido em algum momento, mas as tiras de tachas ainda estavam no lugar, oferecendo uma bela dança com o tétano para quem se aventurasse muito perto.

O ponto contra a parede onde eu assumi que uma TV tinha estado uma vez estava vazio, o drywall atrás dela manchado e curvado. Fios tampados pendiam de um buraco.

— Costumava estar muito pior — disse ela alegremente. — Havia uma banheira bem ali.

Ela apontou para o local.

Estava congelando dentro de casa. Pisquei com a leitura do termostato. Onze malditos graus.

— Aconteceu logo antes de papai ser diagnosticado. Ele esqueceu que deixou a torneira aberta. Transbordou e correu a noite toda. A banheira caiu no chão. Ele destruiu todo o banheiro e parte do corredor e do quarto no andar de cima. Aqui embaixo. Bem, você pode ver. O pior foi o piano — ela disse tristemente, gesticulando em direção ao instrumento arruinado. — Meu pai adora música. Costumávamos tocar juntos, inventar músicas bobas. Apenas nós dois. Em seus bons dias, costumávamos brincar que ele não poderia ter causado mais danos se tentasse.

— Por que você está vivendo assim? — Eu perguntei.

— Você realmente não quer ouvir mais uma história de aflição da família Morales — disse ela levemente, mas eu podia ouvir a nota de tensão em sua voz.

Ah, mas eu queria. Eu a prendi com o meu olhar.

— Nossa. Tudo bem. Então minha mãe roubar as economias do meu pai foi apenas o primeiro problema.

Eu precisava me mexer, então perambulei pela sala enquanto ela falava. Fiz uma pausa no piano.

— Não brinca — eu cuspi. Eu estava com tanta raiva que a mulher que eu passei minhas noites cobiçando na minha casa quente e confortável do Upper West Side estava morando aqui. *Assim*.

Ela pegou uma caixa de parafusos de drywall e colocou-a em uma mesa de canto.

Parei de andar e me encostei na parede.

— Era uma vez, eu também tinha economias — ela suspirou.

Eu esperei. Não confiando em mim para manter a raiva sob a superfície contida.

— Depois que voltei, contratei um empreiteiro. Um empreiteiro que ficou vinte por cento abaixo das outras propostas. Eu pensei que estava sendo inteligente com meu dinheiro, mas... — Ela acenou com a mão ao redor da sala. — Foi a pior coisa que eu poderia ter feito. Ele pegou o cheque e correu. Vinte mil dólares.

Eu xinguei maduramente. Além de tocar Ally novamente, minha segunda prioridade era encontrar esse empreiteiro e socá-lo na cara até que ele não tivesse mais dentes.

— Sim, praticamente meus sentimentos — ela concordou. — Com minhas economias acabadas, saquei minhas economias de aposentadoria para cobrir o lar de idosos. Isso tudo acabou agora também.

— Quero o nome do empreiteiro e informações de contato. A sua mãe também — eu disse.

— Boa sorte com isso. O número da empresa está desconectado e a página do Facebook não passa de postagens de pessoas exigindo seu dinheiro de volta. Minha mãe está fora do país construindo escolas ou plantando plantações. De qualquer forma, o resto das minhas economias foi para a casa de repouso. Novamente, astronomicamente caro, mas meu pai merece o melhor cuidado que posso dar a ele, e não vou deixá-lo voltar para o outro lugar.

Eu tinha ouvido o suficiente. Eu ia caçar aquela porra de empreiteiro e sua mãe ladra, mais santa que você, e torcê-los até que cada centavo que eles deviam a Ally fosse pago de volta.

— Pegue suas coisas. Você não vai ficar mais aqui.

— Dom. Você está exagerando.

— Está frio pra caralho aqui! Tem a porra de um buraco na porra do seu teto. Se você der um passo para a esquerda, vai acabar com a porra de pregos nós pés. — Eu estava gritando agora, e não tinha certeza se conseguiria parar.

— Olha, eu sei que não é o Four Seasons — ela retrucou.

— Four Seasons? Este não é nem mesmo um casco queimado de um motel de baratas frequentado por prostitutas desdentadas e clientes viciados em metanfetamina. Você não vai ficar aqui.

Ela perfurou um dedo no meu peito.

— Notícias de última hora, Dom. Você não pode me dizer o que fazer.

Senti-me fisicamente doente. Pensando em todas aquelas noites que eu tinha fantasiado com ela na minha cama grande e quente. Na minha casa confortável, com comida na geladeira, calor e dinheiro. E ela esteve *aqui*. Pensei no saldo do fundo fiduciário que toquei uma vez. Aquele que poderia tê-la salvado de tudo isso.

— Ally, não brigue comigo sobre isso. Você não vai passar mais uma noite sob este teto de queijo suíço.

— Não é tão ruim.

— Se um inspetor de códigos aparecesse agora, ele tornaria este lugar inabitável. Você não vai ficar. Embale sua merda. Agora.

— Só porque fizemos sexo não te dá o direito de me dizer o que fazer.

Eu a arrastei um passo para longe da faixa de aderência que ela estava muito perto. Eu estava com tanta raiva que as bordas da minha visão estavam ficando vermelhas.

— Ouça-me, Ally. Eu não me importo se isso é inapropriado, arrogante ou controlador. Você não vai ficar aqui. Eu não estou brincando. E você não está ganhando este.

— Eu sei que você nunca teve que lidar com a falta de dinheiro, mas ficar em um lugar melhor envolve dinheiro do aluguel. Muito dinheiro. E quanto mais dinheiro eu pago para despesas como essa, menos eu tenho para o meu pai.

Fechei meus olhos. Apertando o maxilar, tentei contar para trás a partir de vinte. Eu estava tão puto com ela, comigo mesmo, com os babacas que a foderam, que eu não confiava em mim para falar.

— Dom...

— Você é *importante* para mim, Ally. Você entende isso? Eu me *importo* com você. E ainda assim você insiste em não aceitar o que eu posso lhe oferecer. Eu preciso de você segura. Eu preciso de você quente, feliz, alimentada e descansada. Porra, Ally. Você está me matando com esse orgulho estúpido.

Ela estava olhando para mim com os olhos arregalados e atordoada.

— Você não pode me fazer te deixar aqui. Você tem que entender isso, Ally.

— Por que você está tão bravo? — Ela sussurrou.

— Por quê? Porque eu moro em uma casa de três quartos com todo o calor, comida e pisos sólidos que eu poderia querer. E esse tempo todo você esteve *aqui.* Sua porta da frente nem mesmo tranca.

— Não empurre sua culpa privilegiada em cima de mim. Eu nunca pedi...

— Nada. Você nunca pediu porra nenhuma. Eu posso fazer todos os seus problemas irem embora. Eu posso consertar tudo isso, e você não quer deixar! — Eu precisava dar um passo para trás. Eu precisava de algum espaço para essa raiva impotente que estava subindo pela minha garganta. Mas eu não queria não tocá-la.

— Por que eu deixaria você me ajudar? — Ela parecia genuinamente confusa, e eu não podia culpá-la. Eu não tinha feito nada além de enviar sinais confusos. — Este é o meu problema, Dom. Minha responsabilidade.

Eu deixei minha testa cair na dela.

— Deixe-me consertar isso, Ally.

Ela parecia ferida.

— Não! Dominic, você não fez nada além de me dizer que não podemos ficar juntos. Que você não vai se permitir me querer. Eu respeitei isso. Por que você não pode respeitar isso?

Eu não me importava se ela tivesse razão. Era tudo diferente agora. *Nós* éramos diferentes.

— Eu estava mentindo para mim mesmo. Para você. Você sabe muito bem que esta noite mudou tudo.

Aqueles olhos castanhos dourados estavam arregalados e assustados. Bom. Já era hora de ela ficar com medo de alguma coisa.

— O que você quer dizer com "tudo"?

— Tudo, Ally. Cada merda.

— Então o sexo foi bom. Isso não significa que estamos...

— Em um relacionamento. É exatamente isso que significa.

— Oh, não, não, Dominic Russo. Você não pode me mandar para entrar em um relacionamento. Eu não tenho tempo. Eu não *quero* estar em um relacionamento!

— Bem, azar o seu. Porque estamos em um.

— Não é *assim* que os relacionamentos funcionam! Você não apenas diz a alguém que está em um relacionamento. É por isso que existem ordens de restrição!

Ela parecia em pânico. E eu estava feliz porque eu não queria ser o único com essa sensação doentia e aterrorizada em minhas entranhas.

— Tudo bem. Seja minha namorada.

Suas sobrancelhas dispararam até sua testa.

— O quê?

— Seja minha namorada. Namore comigo. Esteja na porra de um relacionamento comigo, Ally.

Ela abriu a boca, e a única coisa que saiu foi um guincho. Não exatamente uma reação que acariciava o ego.

— Você... eu... não posso... — Uma barreira linguística aparentemente surgiu entre nós.

— Onde é o seu quarto? — Eu exigi.

Seu olhar foi para as escadas, e eu subi. Ally estava no meu encalço.

— Cuidado com o chão lá em cima. Ainda não o troquei — ela disse, agarrando meu braço enquanto eu pisava no patamar apodrecido.

Eu não cedi à necessidade de segurá-la pelos ombros e sacudi-la. Em vez disso, dei de ombros e entrei em um quarto minúsculo e arejado. A cama de solteiro era feita com três edredons baratos. Um par de calças de moletom, minha calça de moletom, um moletom com capuz, novamente o meu, e uma camiseta de manga longa estavam cuidadosamente dobradas ao lado dos travesseiros. Ela dormia em camadas encolhidas sob cobertores baratos só para se manter aquecida.

Me senti fisicamente doente.

— O que você está fazendo? — Ela exigiu quando me mudei para o armário do tamanho de uma boneca e comecei a tirar as roupas dele.

— Empacotando.

Ela arrancou uma saia das minhas mãos.

— Pare com isso, Dom. Você está começando a me irritar.

— Você vai ficar comigo — eu decidi.

Ela me bateu com a saia.

— Com licença! Eu não vou morar com você! — Ela parecia horrorizada.

— Tenho quartos vagos. Você pode pegar um deles.

— Você perdeu sua maldita mente. Eu não vou morar na sua casa!

— Certo. Então eu vou ficar aqui com você. — Abandonei as roupas que tinha empilhado em sua cama e fui para as escadas. Eu faria uma mala para mim e Brownie e faria algumas ligações. Um empreiteiro e um serralheiro 24 horas para começar.

Ela correu atrás de mim.

— Você não pode ficar aqui!

Eu me virei para ela, e ela parou abruptamente no degrau acima do meu.

— Coloque isso na sua cabeça teimosa, Ally. Se você vai ficar aqui, eu também vou ficar.

— Estou lidando com isso. Eu não preciso de você.

— O que precisa é perceber que você está no limite e que eu não estou apenas disposto a ajudar, estou implorando para ajudá-la.

O pânico ainda estava lá naqueles doces olhos castanhos.

— Dominic, não posso me dar ao luxo de lhe dever mais nada.

Oprimido, eu a arrastei em meus braços.

— Baby, me escute. A maneira como você se sentiu sobre seu pai morando naquele buraco é exatamente como eu me sinto sobre você morar aqui. Isso não é um favor a ser retribuído. Isso é puramente egoísta da minha parte. Eu não posso viver com você ficando aqui.

— Você já fez mais do que eu posso agradecer. Esse emprego, esse salário, literalmente salvou meu pai. E não sei se algum dia serei capaz de recompensá-lo por isso. — Sua voz falhou, e eu não aguentei mais do que a imagem dela encolhida debaixo das cobertas enquanto eu mandava uma mensagem para ela da minha casa quente e segura.

Eu segurei firme.

— Prometi ao meu pai que lidaria com isso. Que ele nunca seria um fardo. Eu não posso decepcioná-lo. Ele seria humilhado.

Eu pressionei seu rosto no meu peito.

— Ah, Ally. Como você acha que ele se sentiria se visse você vivendo assim? Se ele soubesse o quanto você estava trabalhando e o quão pouco você estava comendo? Você me diz o que seria pior para ele.

— Ele nunca vai saber — disse ela com firmeza.

— Então, se você não vai dizer isso a ele, por que você tem que dizer a ele se eu ajudar?

Ah! Eu tinha pego ela. Era seu próprio orgulho que estava atrapalhando agora, não o de seu pai.

— Eu...

Claramente ela não sabia o que dizer diante da minha lógica masculina impecável.

— Você não está mais sozinha nisso, Ally. Eu entendo que isso parece apenas mais uma bola curva vindo de mim. Eu entendo. E eu sinto muito por isso. Mas estou no seu time, quer você me queira ou não. E você não vai ficar aqui sozinha nunca mais.

— Toc, toc! — A chamada alegre e com forte sotaque veio da porta da frente aberta.

Agarrei Ally e a coloquei atrás das minhas costas para enfrentar a ameaça antes do raiar do dia.

A mulher não podia ter mais de um metro e meio de altura. Ela era arredondada e envelhecida com um sorriso brilhante e intrometido. Havia uma caçarola azul em suas mãos.

— Ouvi muitos gritos e vim investigar.

— Sra. Grosu, são 4:30 da manhã — Ally sufocou as palavras.

— Sim. Isso mesmo. E você está brigando com um homem muito bonito. Estou esperando uma briga de amantes, mas até os ladrões bonitos merecem amor.

— Sem brigas de amantes — Ally insistiu, tentando me contornar nas escadas. — Desculpe por termos acordado você.

— Absurdo! — A mulher sorriu. — É sempre o momento perfeito para caçarola de rabanada. Agora, me apresente ao seu amigo bonito e barulhento.

Juntos, nós descemos as escadas, e quando Ally tentou colocar alguma distância entre nós, eu a arrastei para o meu lado.

— Sra. Grosu, este é meu...

— Namorado — eu terminei para ela.

— Chefe — disse ela.

Nós nos encaramos. Um de nós ia ganhar isso. E não seria Ally.

— O que aconteceu com o seu rosto? — A Sra. Grosu perguntou.

52
Dominic

NÓS LEVAMOS BROWNIE ao lado para o bangalô quente e aconchegante da Sra. Grosu e comemos rabanada enquanto ela nos atualizava sobre o que parecia ser um exército inteiro de filhos e netos.

Aproveitei a exaustão de Ally e a ajudei a empacotar roupas para dois dias, um compromisso com o qual concordei magnanimamente, antes de nos levar de volta para a cidade que estava começando a acordar.

Foi uma longa noite de merda, mas eu estava energizado. Pela primeira vez desde que assumi o papel de meu pai na *Label*, me senti confiante no que precisava fazer.

Enquanto Ally trouxe o café da manhã para Brownie. Aqueci a chaleira e mandei uma mensagem para minha mãe.

Eu: Preciso conversar. É importante. Minha casa?

Mãe: Você realmente sabe como colocar medo no coração de uma mãe antes das 7 da manhã. Brownie está bem? Você está bem?

Eu: Desculpe. Brownie e eu estamos bem. Tudo está bem. Só preciso conversar.

Mãe: Eu posso estar aí às 8. Mas eu quero café da manhã se você está determinado a dar más notícias.

Eu estremeci.

Ally bocejou e se abaixou para espiar embaixo da pia da cozinha.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei, admirando a visão de sua bunda no meu moletom. Parecia uma reivindicação.

— Procurando algum tipo de limpador. Ah! — Triunfante, ela produziu uma garrafa.

Eu assisti enquanto ela pegava as toalhas de papel e pulverizava generosamente o local onde apenas algumas horas atrás, nós fodemos como adolescentes excitados.

Por alguma razão, isso me pareceu engraçado, e eu ri.

Ally ergueu uma sobrancelha em minha direção. Brownie levantou a cabeça de sua tigela e olhou para mim, a cabeça inclinada. *Eu nunca tinha rido na frente do meu cachorro antes? Eu era realmente tão sem alma?*

— O quê? — Ally perguntou, limpando a bancada. — Mais cedo ou mais tarde, alguém vai fazer um sanduíche aqui.

Peguei a garrafa e as toalhas dela.

— Suba e tome um banho.

— Mandão — ela reclamou, bocejando novamente. — Não podemos simplesmente ir para a cama?

— Ainda não. Minha mãe está vindo.

— Oh! — Os olhos dela se arregalaram quando ela entendeu. — Espere, você vai dizer à Dalessandra que fizemos sexo?

Eu ri novamente com o horror em seu rosto. Tinha sido muito mais do que sexo, e nós dois sabíamos disso.

— Meu pai escondia muitas coisas dela.

— Mas foi só...

Eu coloquei minha mão sobre sua boca.

— Se você tentar dizer que ontem à noite foi "só sexo", vou trabalhar muito para provar que você está errada.

Ela puxou minha mão e me cutucou no peito.

— Com licença. Você não acha que esta é uma conversa que *nós* devemos ter antes de incluir sua mãe, nossa *chefe*?

A mulher parecia realmente pendurada na hierarquia. Ela também tinha um ponto praticamente infinitamente pequeno.

— Tudo bem. Ally, a noite passada mudou tudo para nós, e não estou disposto a voltar a um relacionamento estritamente profissional.

— Existem quilômetros entre um relacionamento estritamente profissional e namoro, Dom.

— Não, neste caso, não há. Estamos juntos?

— E a política?

— Esqueça todo o resto agora. Esqueça a política. Minha mãe. Seu pai. Esqueça aquele casebre em Nova Jersey.

Ela revirou os olhos.

— Esqueça tudo, exceto você e eu. Bem aqui. Agora mesmo. — Puxá-la para mim parecia tão fodidamente certo depois de todas aquelas semanas que desperdicei empurrando-a para longe. — Estamos juntos?

Ela me estudou em silêncio. Havia uma guerra se formando por trás daqueles olhos de uísque.

— Nós podemos fazer isso funcionar. Tudo isso. Eu te prometo isso. Eu só preciso que você diga as palavras, Malévola.

Ela mordeu o lábio enquanto seus dedos faziam pequenos círculos em meus bíceps. Eu estava pedindo a ela para confiar em mim quando eu nunca tinha dado a ela uma razão para isso. Mas eu precisava que ela tivesse fé em mim.

— Me dê um minuto — disse ela.

Abaixei minha cabeça e tracei minha língua sobre o lóbulo de sua orelha.

— Pense na noite passada, Ally. Isso foi real. Nós somos reais. Nós podemos fazer isso funcionar. Se você quiser.

— Mas como?

Eu balancei minha cabeça.

— O como não importa agora. O que importa é se você quer isso. Se você nos quer. — Na hora certa, meu cachorro muito esperto colocou o rosto entre nós.

Eu estava segurando ela com muita força. Eu podia senti-la equilibrada naquela borda, e longos segundos se passaram sem que eu soubesse para que lado Ally se inclinaria. Minha Ally. Ela realmente não tinha escolha. Nem eu. E acho que nós dois sabíamos disso.

— Quando você diz "isso", o que você quer dizer? — Ela perguntou.

— Nós. Juntos.

— Monogâmico?

Eu olhei para ela.

— Sim. Então nem pense naquele babaca do Christian James novamente.

— Nós dois. Monogâmico — ela repetiu.

— É claro.

— O que mais? — Ela pressionou.

— Ally, eu não sei, porra. Nós vamos descobrir isso. Nós dois queremos continuar fazendo sexo um com o outro e apenas um com o outro, correto?

— Isso não é exatamente romântico — ela apontou.

— Sim, bem, eu não sou realmente o tipo de cara de corações e flores. — Eu era mais do tipo "foder ela em um canto escuro até ela gritar meu nome".

— Isso é loucura — ela respirou.

— É.

— E irresponsável e estúpido, e nós dois provavelmente estamos bêbados de sexo.

— Sexo capaz de mudar vidas e vandalizando balcões — eu apontei.

Seus lábios tremeram, então se ergueram.

— Provavelmente vou me arrepender disso.

Prendi a respiração e apertei seus braços. *Diga!*

— Mas eu estou dentro. Vamos dar uma chance a esse desastre esperando para acontecer.

Alívio e algo mais brilhante, mais quente, mais feliz, me iluminou por dentro. Eu a peguei e nos girei ao redor. Os braços de Ally vieram ao redor do meu pescoço e seguraram firme.

— Isso é loucura — ela riu.

Era. E pela primeira vez na minha vida, a escolha insana parecia a certa.

Quarenta e cinco minutos depois, minha mãe chegou em uma nuvem sutil de Chanel nº 5 e óculos de sol enormes.

Peguei seu casaco enquanto ela dava atenção para seu neto cachorro.

— Eu ainda não posso acreditar que você tem um cachorro — disse ela, endireitando-se em sua postura elegante e adequada.

— Eu sou um excelente pai de cachorro — eu apontei, abrindo a porta e conduzindo-a para dentro.

— Claro que você é — disse ela, acariciando minha bochecha. — Só estou surpresa que você se comprometeu. É uma coisa boa que você não se sentiu compelido a se comprometer com tudo o que já beijou.

— Sobre isso.

Minha mãe parou em seu caminho na porta da cozinha.

— Oi. — Ally acenou culpada com uma espátula de sua sentinela no fogão.

— Ah — mamãe disse e se virou para mim. Sua expressão era ilegível. Mas eu não estava captando nenhuma vibração hostil. *Ainda.*
— Olá, Ally — ela disse.

— Mãe, sente-se — eu disse, empurrando-a para a mesa que Ally tinha colocado na sala de jantar enquanto eu cozinhava.

Ela se sentou, e eu gesticulei para Ally fazer o mesmo. Tirei a panela do fogo e coloquei ovos e espinafre em pratos com tomates fatiados.

Levando os pratos para a sala de jantar, senti-me notavelmente calmo para o que estava prestes a fazer. E isso me disse tudo o que eu precisava saber. Era hora de novas prioridades.

Sentei na cadeira ao lado de Ally e peguei meu chá.

— Mãe. Estou me demitindo.

53
Ally

MEU GARFO BATEU no prato com um barulho retumbante.

— Você o quê? — Dalessandra e eu dissemos juntas.

Dominic colocou a mão sobre a minha, mas sua atenção estava em sua mãe.

— Desde ontem à noite, Ally e eu estamos em um relacionamento. Você é a primeira a saber. Bem, além de uma mulher romena que invadiu a casa de Ally.

Senti como se estivesse tendo uma experiência extracorpórea. Eu estava flutuando em direção ao teto e olhando para esta cena com uma sensação distinta de *que porra é essa?* Imaginei que as pessoas que foram atropeladas por ônibus sentiam o mesmo tipo de perplexidade ao sair da bobina mortal.

— Você não está se demitindo — eu disse alguns decibéis mais alto do que pretendia.

Brownie trotou para o cômodo, a cueca de Dominic pendurada na boca.

— Eu estou — Dominic insistiu. — Ally permanecerá em sua posição atual para quem você indicar para ocupar meu lugar até que Greta volte. Se Greta optar por sair ou se aposentar, Ally pode continuar no cargo permanentemente. Se Greta preferir ficar, quero que você encontre uma colocação adequada para Ally com o salário que ela tem atualmente.

— Você não pode simplesmente tomar decisões assim sem me consultar — eu engasguei, valentemente tentando soltar minha mão da dele para que eu pudesse bater na sua cabeça.

— Ou eu — concordou Dalessandra. Ela estava lidando com isso melhor do que eu, cortando uma porção delicada de tomate e ovo.

— Seu cabeça-dura, mandão, alfa – Brownie, largue isso! — O cachorro me lançou um olhar culpado e saiu correndo, a cueca esvoaçando. — Não é assim que um relacionamento funciona. Você não apenas toma todas as decisões e espere que eu siga feliz com isso!

— Ally está absolutamente certa — ela disse, pegando seu chá.

— Esta é a única maneira que isso funciona — ele insistiu. — Eu não estou disposto a colocá-la em outro escândalo. Ou arrastar o nome de Ally pela lama.

— Um relacionamento consensual entre duas pessoas que se importam muito não é um escândalo — disse ela.

— Ainda é motivo. Haverá rumores. As pessoas vão dizer coisas — Dominic apontou.

— Claro, eles vão dizer coisas — eu rebati. — Você não pode controlar as reações das pessoas.

Ambos estavam me ignorando, e eu me perguntei se talvez eu realmente tivesse deixado de existir. Talvez um ônibus tenha atravessado a casa de Dom e eu tenha sido a última a saber.

— Não aceito sua demissão — disse Dalessandra.

— Você não está demitindo Ally, porra — ele disse.

— Claro que não — ela concordou.

— Qualquer um de vocês dois pode me ver? Eu sou invisível? — Eu puxei minha mão livre de seu aperto, mas Dominic agarrou minha coxa debaixo da mesa e me segurou no lugar.

— Em primeiro lugar. Quão sério vocês estão? Isso é apenas sexo ou é mais sério?

— Mais uma vez, esta é uma conversa que deveria ter acontecido primeiro *comigo*, não com sua mãe ou nossa *chefe.* — Eu estava gritando.

— Nós tivemos a conversa. Estamos juntos.

— Querido, se você não está disposto a aturar alguns fanfarrões e suas especulações cegas, então eu tenho que me perguntar o quão sério você está falando sobre esse relacionamento — disse Dalessandra.

— Nós estamos sérios o suficiente. Fim da história — ele disse calmamente. — Vou anunciar minha demissão hoje.

— Não, você não vai, seu idiota egoísta — eu rebati.

— Você não vai fazer tal coisa — Dalessandra insistiu muito mais educadamente. — Eu suponho que manter isso quieto não é uma opção?

— Não vai haver um relacionamento para ficar quieto em um minuto — eu disse com os dentes cerrados.

Seria meu relacionamento mais curto já registrado.

— Eu não estou escondendo isso — Dom disse calmamente. — Eu não acho que eu poderia mesmo se você me perguntasse.

Ok, vindo de Dominic Russo, *talvez* tenha sido uma coisa meio arrebatadora de se dizer. Não era uma declaração de amor, mas era real. Esses sentimentos pareciam reais.

Mas ainda assim.

Dalessandra assentiu.

— Bem, isso resolve.

Eu lutei com a mão dele na minha coxa e me levantei.

— Olha, Russos. Eu não sou uma serva. Sou uma pessoa humana com sentimentos, opiniões e capacidade de tomada de decisão.

— Suas capacidades de tomada de decisão fazem você viver em uma geladeira danificada pela água — disse Dominic.

Ah, se ele queria uma briga, eu ficaria feliz, *emocionada,* de entregar uma.

— Até ontem à noite, sua postura permanente era que você não queria ter nada a ver comigo!

— Estou tentando salvar vocês duas de outro escândalo — ele rosnou.

— Eu não preciso ser salva. — Dalessandra e eu piscamos uma para a outra enquanto as palavras saíam de nossas bocas em uníssono.

Dominic respirou fundo e expirou lentamente.

— Estou oferecendo uma solução que acaba com todos os problemas — argumentou.

Dalessandra falou primeiro.

— Essa política foi projetada para proteger os funcionários de jogos de poder predatórios e o local de trabalho de desastres como seu pai nos deixou no ano passado. — Ela me lançou um olhar.

— O que exatamente você sugere? — Dominic perguntou, irritado.

— Eu sugiro que você divulgue seu relacionamento com os recursos humanos e o restante da alta administração da *Label*, inclusive eu. Vamos nos preocupar em como lidar com isso.

— Eu ignorei de bom grado a política de confraternização. Como você acha que eles vão lidar com isso? É motivo de rescisão para nós dois. E Ally não pode se dar ao luxo de perder este emprego. Se eu sair, ninguém precisa saber por quê.

— *Todo mundo* vai saber o porquê — eu disse, recuperando minha voz. — Você acha que só porque você não confirmou nenhum boato sobre Paul Russo, eles simplesmente foram embora? Este é o problema. Varrer segredos para debaixo do tapete não ajuda ninguém. Os rumores são geralmente piores do que a verdade. As pessoas sabem sobre seu pai e vão descobrir sobre nós.

Dalessandra empalideceu visivelmente.

— Você acha que os rumores são piores? — Dominic perguntou friamente. — Os rumores são piores do que meu pai trancando uma estagiária em uma sala de conferências e colocando a mão por baixo de sua saia até ela chorar? Ela está em terapia há três anos porque ele pensou que poderia pegar o que quisesse. Eu leio todos os depoimentos e acredite em mim, os rumores não fazem justiça ao bastardo.

Sua vulnerabilidade irritada se esgueirou em mim e agarrou meu coração. Estendi a mão para ele, com a intenção de colocar minha mão em seu ombro, mas ele se levantou.

— Vou levar o cachorro para passear — ele retrucou e desapareceu nos fundos com Brownie, que ainda carregava sua cueca como um troféu.

Um silêncio constrangedor desceu.

Dalessandra levou seu chá até a janela que dava para o quintal de Dominic.

— Ele se importa muito com você — ela meditou.

Eu bufei.

— Espero que você possa ver além de suas ações arrogantes — continuou ela. — Não há ninguém neste mundo que eu preferiria ter ao meu lado do que meu filho. Ele é ferozmente leal, protetor.

Eu tinha visto ambos os lados dele.

— Espero que você não veja ele tentando renunciar como ele me escolhendo em vez de você. — Os laços entre pais e filhos não deveriam ser tão frágeis.

Ela se virou para mim, um sorriso brincando em seus lábios.

— Querida, acho que esta é a primeira vez que Dominic escolheu a si mesmo. Estou em êxtase.

Juntei-me a ela na janela.

— Eu não quero que ele tenha que se afastar da *Label*. Não por mim — eu disse a ela.

— Tenho uma solução potencial em mente que apresentarei a diretoria.

— Você está me demitindo? — Eu entenderia. Eu causei muito drama desnecessário para um administrador. E eu seduzi meu chefe em total desrespeito à política da empresa.

— Não. — Ela riu. — Mas se você estiver aberta a ser transferido dentro da empresa, no seu nível salarial atual, é claro, acredito que podemos minimizar o barulho.

Um lampejo de esperança acendeu dentro de mim.

— Contanto que eu não me reporte diretamente a Dominic?

— Precisamente.

Soltei um suspiro e assenti vigorosamente.

— Isso seria bom.

— Não sei se vão permitir. Poderíamos ter sido destruídos pelo que Paul fez, e isso pode despertar memórias entre os funcionários. Ainda haverá conversa e especulação. Sempre há interesse em qualquer mulher que Dominic namora, mas essa situação é bastante lasciva — ela disse, escolhendo suas palavras com cuidado.

— Eu posso lidar com isso — eu assegurei a ela. — É melhor ser honesta sobre isso de qualquer maneira. Torna mais difícil sussurrar sobre isso.

— Suponho que vamos descobrir — ela disse calmamente. — Nem todos podem enfrentar os sussurros.

Algo me fez cócegas. Alguns de seus comentários anteriores se transformaram em algo nebuloso. Dalessandra estava insinuando algo.

— Acho que os Russos pagaram penitência suficiente, não acha?

Ela olhou na minha direção e levantou uma sobrancelha questionadora.

— Quero dizer, vocês dois trabalharam duro para limpar a bagunça do seu ex-marido e garantir que isso não aconteça novamente.

— Fizemos progressos — ela concordou. — Mas não estou convencida de que seja suficiente.

— Se alguém tem uma dívida, é Paul. Ele cometeu o crime, mas parece que você e Dominic foram os que pagaram o preço.

— Meu filho não merece carregar o fardo dos erros do passado de seu pai.

— Talvez você devesse começar a pensar no futuro em vez do passado — sugeri.

Ela me deu um olhar interrogativo e então se virou para a janela.

Vimos Dominic pegar uma bola de tênis e jogá-la no pátio congelado para o cão alegre perseguir.

— Você teria deixado ele esconder isso? Se fosse isso que ele queria fazer? — Eu perguntei a ela.

Ela suspirou.

— Eu disse a mim mesma que estava farta de mentir para os homens Russo. Mas Dominic não é seu pai.

— Ele definitivamente não é — eu concordei. — Ele não começou isso, Dalessandra. Eu quero que você saiba disso. Ele não me perseguiu ou me forçou a isso. Se alguma coisa, eu convenci.

— Eu faria qualquer coisa para proteger a felicidade do meu filho. Eu tenho um bom pressentimento sobre você e ele, mas... — Ela se virou para mim novamente, mantendo contato visual para que não houvesse engano em sua mensagem. — Dominic é um homem maravilhoso com um coração muito mole escondido sob camadas de

armadura, e se você o machucar ou tirar vantagem dele ou jogar com suas inseguranças, ficarei muito desapontada com você. E com raiva.

Eu não queria sorrir, mas eu estava.

— Estou feliz que você o ama. E eu prometo a você que farei o meu melhor para proteger aquele coração mole que ele tenta esconder. Ele é um bom homem. Você criou um bom homem.

Ela assentiu com a cabeça em aprovação.

— Bom. Então vamos protegê-lo juntas.

— Time Dominic — eu concordei. — A menos que ele insista em continuar mandando em mim. Não há hierarquia fora do escritório.

— Certifique-se de lembrá-lo disso — disse ela com outro sorriso. — Então, vamos conversar sobre o que aconteceu com seu lindo rosto?

54
Dominic

QUANDO EU JÁ TINHA queimado o suficiente da minha raiva com o Brownie e a bola de baba nojenta e encharcada que ele tanto amava, voltei para dentro.

E encontrei as duas mulheres mais importantes da minha vida parecendo muito presunçosas.

— O quê?

— Nada, querido — mamãe disse, levantando-se da cadeira. — Eu tenho que ir para o escritório. Me dê um aviso de divulgação hoje, e eu vou apresentá-lo. Vocês dois devem ficar em casa durante o dia. Você parece que poderia usar o descanso. — Ela disse o último com uma sobrancelha levantada.

Eu a acompanhei até a porta da frente.

— Sinto muito por isso — eu disse enquanto a ajudava a vestir o casaco.

Ela se virou e deu um tapinha na minha bochecha.

— Sério? Porque não sinto. Nem um pouco.

— Você não precisa dizer isso. Eu sei que isso te coloca em uma posição de merda. Eu sei que parece uma repetição de tudo que você já passou.

— Dominic, meu único filho está apaixonado por uma mulher que o desafia e o faz sorrir. Estou feliz por você.

Minhas tripas deram uma cambalhota e não conseguiram aterrissar.

— Espere. Ninguém disse nada sobre amor — eu argumentei, sentindo as lambidas geladas do pânico.

Ela sorriu.

— Você é um homem bom e teimoso que esperançosamente sairá de seu próprio caminho algum dia. Confie na sua mãe nisso. Você nunca olhou para outra mulher do jeito que olha para Ally.

Havia muitos sentimentos que eu tinha por Ally que eu nunca tinha experimentado antes. Não menos do que era uma obsessão profana com seu corpo nu. Mas eu não estava inclinado a compartilhar isso com minha mãe.

— Isso é muito novo. Eu não iria jogar rótulos por aí — eu disse secamente.

— É muita coisa para passar por uma mulher que você gosta. Aproveite seu dia de folga, querido.

Ela saiu em um aceno presunçoso, balançando os dedos, e eu fechei a porta atrás dela.

Amor? Eu não entendia como a mulher que havia sido sistematicamente humilhada pelo marido por décadas ainda podia acreditar em noções tão ridículas. E se ela soubesse que eu tinha desempenhado um papel nisso, eu duvidava que ela fosse capaz de me amar de volta.

Com absolutamente nada resolvido como teria sido se elas deixassem que eu me comprometesse com a solução óbvia, voltei para a cozinha.

Ally estava lavando a louça e tendo uma conversa unilateral com Brownie. Flocos de neve gordos caíam mais rápido do lado de fora das janelas. Uma cena acolhedora e doméstica. Uma que ocorria em lares de todo o país, em todo o mundo. Mas nunca aqui.

Algo estranho e desconfortavelmente quente floresceu no centro do meu peito.

Meu primeiro instinto foi esmagá-lo, e eu segui isso. Eu não ia ser vítima de uma adorável domesticidade. Não quando eu estava irritado com ela.

— Você quer brigar ou tirar uma soneca primeiro? — Eu exigi rispidamente.

Ally ergueu os olhos do lava-louças e cruzou os braços.

— Que tal uma pequena briga e depois um cochilo? — Ela sugeriu. — Podemos terminar a briga quando depois descansarmos.

— Você quem manda. — Dei a volta na ilha, mas mantive distância.

Ela assentiu.

— Se isso vai funcionar em qualquer lugar além do quarto...

— Relacionamento, Ally. Diga a maldita palavra.

Seu olhar estava murchando.

— Relacionamento — ela disse em um tom cáustico que me fez querer beijá-la até que ela calasse a boca. — Eu preciso me sentir como uma parceira igual. O que significa que quero minha parcela na tomada de decisões e não quero ficar em dívida com você financeiramente.

— Isso não soa completamente estúpido. — Era justo. Fazia sentido. Mas deixou de fora o como.

— Caramba, valeu. Sua aprovação significa o mundo para mim — ela disse, pesada no sarcasmo, lentamente diminuindo a distância entre nós. — Dominic, você não é meu bilhete de loteria premiado. Isso não pode ser baseado em você ser algum tipo de benfeitor para a pobre coitada de mim.

Ela provavelmente não quis dizer isso do jeito que eu entendi, mas eu estava querendo ficar irritado.

— Eu sinto muito que você não acha que eu sou um prêmio — eu rebati.

— Pare de me interpretar mal deliberadamente — disse ela. — Você sabe muito bem que eu quis dizer que não considero você como meu próprio caixa eletrônico. Eu não quero o seu dinheiro. Quero você. Eu quero um nós. E para que haja um nós, eu quero ter uma opinião.

Ok, talvez isso tenha me apaziguado um pouco.

— Tudo bem. Como diabos você propõe que realmente façamos isso acontecer?

Ela se aproximou de mim, e eu não tinha certeza se ela *não* ia tentar me dar uma joelhada nas bolas.

— Ah, olha quem de repente se interessou em *como* — disse ela.

Quando ela se moveu, eu me encolhi, e um sorriso presunçoso se espalhou por seu rosto apenas um segundo antes que ela deslizasse os braços em volta da minha cintura. Eu estava acostumado com as brigas, as brincadeiras, mas essa afeição física era... diferente. Além disso, eu estava com medo pelas minhas bolas.

— Não seja idiota. — Eu a enrolei e enfiei sua cabeça debaixo do meu queixo.

— Como as pessoas normais fazem isso? Quem está no comando do quê? Como eles assumem dívidas ou mantêm ativos separados sem irritar uns aos outros?

Ally suspirou contra mim.

— Eu sei que você está tentando ser um espertinho agora, mas para ser honesta, eu realmente não sei como funciona a dinâmica de um relacionamento de longo prazo. Nenhum de nós tem um exemplo sólido desde a infância. Talvez dependa das pessoas que estão tendo uma conversa em andamento?

— Tudo bem. Estamos conversando. O que você quer opinar?

— Tudo o que me afeta e que não envolva seu dinheiro — ela retrucou.

— Ally, eu não quero minha... *você* acordada à noite tentando descobrir se precisa pular refeições para sobreviver. — Eu queria cuidar dela. Eu queria pegar suas preocupações e problemas e resolver cada um deles para que ela pudesse concentrar toda a sua atenção em mim. E Brownie, claro. Eu não era um monstro completamente egoísta.

Ela ia discutir comigo de novo, mas de repente eu estava muito cansado para lutar contra isso.

— Olha, podemos resolver isso mais tarde? — Eu perguntei. Eu não queria que ela desenhasse linhas quando eu não estivesse pensando com clareza suficiente para redesenhá-las corretamente.

Ela viveria aqui. Ela teria tudo e qualquer coisa que precisasse. Ninguém jamais tiraria vantagem dela ou colocaria a mão nela novamente. Fim da porra da história. Eu era a porra do Príncipe Encantado dela.

— Ok. Mas só porque estou tão cansada que estou vendo dois de você. — Ela suspirou.

— Vamos — eu disse, pegando seu braço e levando-a escada acima.

Brownie disparou à nossa frente.

— Vamos apenas dormir, certo? — Ally perguntou quando entramos no quarto.

— Apenas dormir — eu concordei, arrastando minha camisa sobre minha cabeça. — Dormir nus.

— Como está sua hidratação? — Ela perguntou, tirando seu moletom para revelar as estrelas de todas as fantasias futuras para mim, seus seios nus.

— Excelente. Totalmente reidratado — eu menti. — Como está a dor?

— Dificilmente sinto alguma coisa — ela mentiu. Eu poderia dizer que não era a verdade porque seu pescoço queimava vermelho como um farol.

Tirei minhas calças, meu pau já voando como uma bandeira.

— Apenas dormir — eu prometi, observando enquanto ela tirava a legging e a calcinha. Nós nos encaramos, nus e talvez até um pouco vulneráveis, de lados opostos da cama.

Os lençóis eram uma bagunça profana da nossa ginástica poucas horas atrás. Tanta coisa havia mudado tão rapidamente, e havia muito mais por vir.

Mas eu não iria contar isso a ela agora. Ela já tinha sofrido o suficiente por um dia... ou doze horas.

Por enquanto, eu me contentaria em segurá-la enquanto pensava no que precisava acontecer a seguir.

Nós deslizamos para debaixo dos cobertores, Brownie se acomodando aos nossos pés. E quando Ally hesitou, tomei a decisão por ela, puxando-a contra mim. Ela de costas para o meu peito. Meu rosto em seu cabelo.

Ela assobiou uma respiração e uma, juro por Deus, risadinha quando sua bunda se mexeu contra o meu pau duro.

— Apenas dormir — eu prometi a ela novamente.

— Eu não vou ficar dolorida para sempre — ela sugeriu.

— Shh — eu pedi, não estou pronto para testar meu próprio cavalheirismo ou os meus níveis de hidratação.

Ela se acomodou contra mim, suspirou e adormeceu em poucos minutos.

Tê-la em meus braços, na minha cama, parecia estranho. Familiar. Certo. Errado. E tudo mais.

Dormimos por três horas.

E quando acordei com sua bunda redonda e macia pressionada contra minha ereção, agradeci a minha estrela da sorte. Quando ela se virou e olhou para mim com olhos sonolentos e "por favor" nos lábios, prometi minha alma a qualquer divindade que a tivesse entregado à minha cama. E quando eu escorreguei dentro dela devagar, docemente, quando ela suspirou meu nome, eu me perguntei se talvez eu finalmente tivesse sido perdoado por meus próprios pecados.

Uma coisa que eu sabia com certeza quando a senti começar a se render era que eu iria consertar tudo para ela. Ela querendo ou não.

55
Ally

EU ESTAVA VIVENDO oficialmente em um universo alternativo.

Não só passei a noite na cama de Dominic Russo, e nos seus surpreendentemente braços apertados, agora eu estava indo com ele para o trabalho. As ruas haviam sido limpas da modesta nevasca de ontem, deixando o pavimento limpo e molhado.

Um novo começo. Uma tela em branco.

Parecia que haveria um para nós também. Nós fomos convocados.

Por sua mãe.

E eu não tinha certeza se isso era uma coisa boa ou muito, muito ruim. O RH e a gerência poderiam facilmente decidir nos demitir.

Ou apenas um de nós. E eu já sabia qual de nós seria.

Só porque a *Label* tinha feito progressos desde o reinado de terror de Paul Russo não significava que o filho da editora-chefe seria julgado no mesmo nível de uma administradora humilde. Especialmente não alguém que reconhecidamente perseguiu e seduziu seu chefe... enquanto estava coberta de brilho corporal e vergonha em um clube de strip.

Tecnicamente, no papel, eu era uma Malina.

Um pensamento que fez minha pele arrepiar.

Inclinei-me para frente para verificar minha maquiagem no espelho. Com o inchaço diminuído, o hematoma foi mais fácil de esconder sob uma espessa camada de corretivo e parte lateral corajosa.

— O que há de errado? — Dominic perguntou do banco do motorista. O único sinal externo de seus nervos era o bater frenético e silencioso do polegar no volante.

— Nada demais. Apenas sinto que estou marchando em direção a um pelotão de fuzilamento.

— Você não vai levar um tiro — ele me assegurou.

— Não esse tipo de pelotão de fuzilamento. Como um pelotão de fuzilamento "você não está mais empregada, faça as malas".

Olhos na estrada, ele pegou minha mão, apertou.

— Pare de se preocupar — ele insistiu.

— É claro. Por que não pensei nisso? Você é tão bonito e inteligente — eu disse, pesando no sarcasmo batendo os cílios.

— Ei, eu poderia facilmente ter consertado isso — ele me lembrou.

— Sua solução era largar o emprego. Em que planeta isso era uma opção aceitável?

— No planeta onde eu quero poder te deixar nua sem culpa mais do que eu quero esse emprego.

Minhas partes femininas executaram um tremor desconcertante. Minha vagina estava fangirling sobre Dominic Russo.

— Eu não pediria para você fazer isso. Você *gosta* de trabalhar lá — eu apontei.

Ele me lançou um olhar cético.

— O que te faz dizer isso?

— Eu acho que você está muito mais confortável na *Label* do que você imagina — apontei. — Você nunca reclamou da moda ser chata, desnecessária ou superficial. Na verdade, eu acho que você aprecia isso. Você claramente gosta de trabalhar com sua mãe e Linus. E eu vi seu rosto quando você conseguiu as maquetes finais para a edição.

Ele grunhiu em vez de admitir que eu estava certa.

— Além disso, você é um Russo. Você e Dalessandra estão construindo um legado. Sou eu que não tenho ideia do que vou fazer quando as coisas estiverem mais acertadas com papai.

— Você vai ficar aqui. — Ele disse isso daquele jeito irritantemente confiante, como se já tivesse tomado a decisão por mim.

— Eu não decidi — eu funguei afetadamente enquanto ele estacionava na garagem.

— Sim. Você decidiu. Você não está colocando seu pai em uma casa de repouso e depois se mudando.

O Espertinho Presunçoso me tinha lá, e ele sabia disso.

Ele parou em uma vaga de estacionamento e ficamos sentados em silêncio por um instante.

— Eu não gosto quando você se preocupa — disse ele.

Era um sentimento estranhamente doce vindo dele. Eu abri minha boca para dizer isso a ele, mas ele me cortou.

— Especialmente quando há uma solução óbvia.

Os minúsculos corações de desenho animado orbitando minha cabeça estouraram como balões.

— Você está tentando me irritar? — Eu perguntei.

— Estou ressaltando que, ao ignorar minha solução, você está se colocando em um desconforto desnecessário. Não importa o que aconteça, as pessoas vão falar.

Eu me mexi no assento de couro aquecido para encará-lo.

— Dom, é claro que as pessoas vão falar. Tentar evitar ser um tópico de conversa é uma maneira muito esfarrapada de viver a vida. Às vezes, aceitar o desconforto é como as coisas boas são conquistadas.

— Eu não quero que você fique desconfortável. Ou com medo. Ou machucada. Eu *quero* te proteger de tudo isso. Eu *posso* te proteger de tudo isso. Você é muito teimosa para ver a luz.

Estranhamente, aqueles pequenos corações de desenho animado reapareceram.

— Dom, por mais que você queira, você não pode me proteger de tudo. E se as pessoas quiserem fofocar e especular sobre nós ou nossa vida sexual ou o que vou fazer depois de definitivamente ser demitida, que deixem. Eu não vou mentir e esconder as coisas na esperança de que Malina não fique xingando insultos nas minhas costas.

Ou mais provável na minha frente.

— Eu quero que isso valha a pena para você — disse ele, olhando diretamente pelo pára-brisa.

— Você está falando comigo ou com aquele pilar de concreto?

Ele deu um revirar de olhos exagerado.

— Não seja uma espertinha.

— Por que parar agora? — Eu disse, me sentindo um pouco mais alegre.

— Só não se preocupe com isso hoje. O que quer que eles decidam, vamos descobrir uma maneira que eu ainda possa ver você nua e você ainda possa pagar suas contas.

— E eles dizem que o romance está morto — eu disse alegremente.

Ele agarrou meu rosto em suas mãos e me beijou com força.

— Nós vamos fazer isso funcionar — ele prometeu.

E eu acreditei nele.

~

RUTH ESTAVA atrás do balcão da recepção parecendo corada e aterrorizada quando Dominic me conduziu pela porta do escritório. Eu mandei uma mensagem para ela e Gola avisando esta manhã.

> *Eu: Então, tenho novidades e posso ser demitida. Não diga nada ainda. Vou contar assim que puder, a menos que esteja sendo escoltada para fora pela segurança do prédio.*

Seus olhos tinham o dobro do tamanho normal.

— Dalessandra está pronta para você em seu escritório, Sr. Ru... Dominic — ela guinchou. Ela empurrou um porta-bebidas em nossa direção. — Eu pedi um chá e um café para vocês.

Dom fez uma pausa, uma carranca perplexa em seus lábios.

— Uh. Obrigado, Ruth. Isso foi... muito gentil da sua parte.

Ruth fez o que parecia uma pequena reverência e depois ficou vermelha.

Dominic limpou a garganta e pegou a bandeja.

— Você está pronta? — Ele perguntou-me.

— O tanto quanto eu posso ficar — eu disse severamente.

Ele se virou e começou a descer o corredor.

— Obrigada pelas bebidas — eu sussurrei para Ruth.

— Eu não posso acreditar que fiz uma reverência! Ele é tão gostoso que me deixa estúpida.

— Me diga algo que eu não sei, minha amiga.

— Boa sorte lá. Bebidas hoje à noite depois da dança? — Ela disse.

Não importa o que acontecesse no escritório de Dalessandra, eu ia precisar de uma aula de dança suada e álcool.

— Sim. Parece bom. Te mando uma mensagem.

Encontramos Dalessandra sentada no sofá de seda branca ao lado da chefe do RH, uma mulher com linhas de expressão profundamente marcadas entre a boca. Claramente Jasmine tinha tirado a foto do seu crachá também. Nele, ela tinha um olho fechado e algo parecido com um rosnado torcendo sua boca.

— Bom dia, Dominic, Ally — Dalessandra disse, colocando sua xícara de chá na mesa de centro de vidro oval. — Por favor, sentem-se. — Ela apontou para as cadeiras de couro branco em frente a ela e Sra. Carrancuda.

— Bom dia — disse Dominic, soando tão amigável quanto um wolverine irritado.

— Acho que vocês dois conhecem Candace do RH — continuou Dalessandra.

Na verdade, eu não a conhecia, mas não senti que era um bom momento para trazer isso à tona.

Não havia nenhum indício de que tipo de sapato estava prestes a cair em mim. Era uma bota de bico de aço projetada para me esmagar no tapete? Ou talvez um stiletto de grife que me espetaria.

— Oi — eu resmunguei uma saudação forçada.

Dominic me mandou um olhar de *que porra é essa?*, então pegou minha mão e apertou. Forte. Se era uma boa ideia esfregar nossa afeição física no rosto da moça do RH, eu não tinha certeza. Mas o contato me acalmou. Estávamos nisso juntos.

Os lábios de Dalessandra se curvaram.

— Eu vou em frente e tirar vocês dois da sua miséria — Candace anunciou, tirando o que pareciam ser contratos legais de uma pasta.

— Estou demitida?

— Cristo — Dominic murmurou baixinho, revirando os olhos.

— Ninguém está sendo demitido — disse Candace secamente, deslizando o par de contratos em nossa direção. Peguei os meus, meus dedos suados deixando manchas no vidro imaculado embaixo.

Dei uma olhada na primeira página procurando palavras como "rescisão" e "embale suas coisas" e "segurança está sendo chamada".

— Como vocês dois gerenciaram esse relacionamento de maneira profissional, o departamento de RH não se opõe a permitir que continue com algumas ressalvas.

Dominic apertou minha mão com força. *Maneira profissional?* Ele não deve ter mencionado eu vendo ele se masturbar em seu escritório

depois do expediente ou eu dando a ele uma lap dance em seu documento de divulgação.

— Que são? — Ele perguntou secamente.

— Ally será transferida de sua posição atual para uma nova colocação em seu nível atual de remuneração e benefícios, mas ainda mais afastada de sua gestão direta.

— Isso é mesmo necessário? — Ele perguntou, parecendo irritado.

— É bastante necessário — ela insistiu.

Eu estava ocupada digitalizando meu documento para obter as informações pertinentes. Gráfico. Eu estava sendo transferida para o departamento gráfico. Eu ia trabalhar para uma das principais publicações do mundo como designer gráfico, *e* consegui manter meu namorado gostoso.

— Eu aceito— eu disse rapidamente.

Todos os três olharam para mim, sobrancelhas levantadas.

Uma risada borbulhou na minha garganta, e eu a cobri engasgando com meu café.

Dalessandra parecia divertida.

— Nesse caso, Dominic, você receberá uma nova assistente até que Greta retorne — Candace continuou, olhando por cima dos óculos para ele. — Espera-se que você e a Sra. Morales mantenham um comportamento profissional em todos os momentos durante o horário de trabalho. — Seu olhar permaneceu em nossas mãos unidas. Quando eu fiz um movimento para me afastar, ele apenas apertou seu aperto.

— Não estamos interessados em criar nenhum drama no local de trabalho — disse Dominic suavemente. — Nós dois levamos a sério esse relacionamento. Estou confiante de que podemos continuar fazendo nosso trabalho sem permitir que nossa vida pessoal interfira.

— Sim. Isso — eu disse, balançando a cabeça efusivamente.

A boca de Dominic se curvou, e eu sabia que ele iria me provocar impiedosamente por essa interação de aluno e diretor.

— Então eu sugiro que você fale o mínimo possível sobre esta situação. Certamente não queremos estabelecer um precedente que faça o resto da equipe sentir que as regras estão em debate.

Elas nos deram tudo o que poderíamos querer, mas ainda parecia uma censura.

E eu não fui feita para ser a namorada secreta de ninguém. Eu não ia mentir para meus amigos apenas para deixar os recursos humanos mais confortáveis. Havia segredos mais do que suficientes guardados dentro dessas paredes. Eu já estava balançando a cabeça quando Dominic encontrou meus olhos. Ele suspirou.

— Ally e eu preferimos ser francos sobre isso com nossos colegas de trabalho. Não estamos interessados em guardar segredos.

Não mais. A palavra que ele não disse pairou no ar entre nós, brilhando como um letreiro de neon que eu esperava que Dalessandra e Candace não pudessem ver, para que não começassem a nos questionar sobre os detalhes do nosso relacionamento.

Elas trocaram um olhar.

— Embora nossa preferência seja que nossos funcionários mantenham suas vidas privadas em sigilo, talvez uma simples declaração reconhecendo o relacionamento e a transferência afaste qualquer especulação desnecessária — sugeriu Dalessandra.

Dominic olhou na minha direção novamente, e eu balancei a cabeça vigorosamente.

— Tudo bem — ele resmungou. — Vou redigir uma declaração e manda-lá pelo RH.

— Bom o suficiente para mim — disse Candace. — Agora, se vocês dois apenas assinarem esses contratos declarando que não deixarão esse

relacionamento interferir no seu ambiente de trabalho, todos nós podemos voltar ao trabalho.

Tive a sensação de que Candace estava irritada porque minha vida amorosa boba a estava afastando das reprimendas dos funcionários e da papelada dos benefícios.

Apressadamente, rabisquei minha assinatura no contrato, tentando não me preocupar com palavras como "rescindido" ou "quebra de contrato" ou “se por algum motivo você sentir que não pode cumprir os termos deste contrato, por favor, alerte um representante do recursos humanos imediatamente”.

Dominic assinou seu contrato sem qualquer reação externa.

— Vamos todos voltar ao nosso dia? — Dalessandra perguntou com um sorriso.

56
Todos

Gola: Garota, por que eu sou a nova assistente de Dominic Russo? Soletrou algo no burrito do café da manhã dele?

Ruth: O escritório inteiro está sussurrando agora! Rumores mais populares: Ally deu um soco no rosto de Dominic. Dominic disse à mãe que era ele ou você, ela escolheu você, e agora ele está fazendo as malas.

Gola: Posso confirmar que Chefão NÃO está fazendo as malas. Repito. Não fazendo as malas. Além disso, ele sabe meu nome.

Ruth: Imagens de vídeo do grupo de administradores mostram Malina afiando suas garras em antecipação de uma nova caçada.

Gola: Estou preocupada. Ninguém viu a Ally neste andar desde que ela saiu do escritório de Dalessandra.

Ruth: Você não acha que ela está morta em uma vala em algum lugar, acha? Malina finalmente surtou?

Gola: ALLY, ONDE VOCÊ ESTÁ? VOCÊ PRECISA DE ASSISTÊNCIA?

Ruth: Vou verificar as escadas.

Gola: Vou dar uma olhada no meu antigo terreno... vulgo 42º andar.

Ruth: Relatório observação da Ally! Fontes confirmam que ela acabou de pegar uma mesa no departamento gráfico!

Gola: Ela está feliz? Chorando? Parece que ela está sendo mantida contra sua vontade?

Ruth: Aguarde confirmação...

*Ally: Vocês! Perdi meu telefone na minha caixa de pertences que embalei e desembalei quatro vezes desde que comecei aqui. Tudo está bem. Fui transferida porque... *atravessando um túnel**

Gola: ?

Ruth: Não suma! Vamos caçá-la em Gráfico e fazer você contar tudo!

Ally: Hehe. Eu só estava brincando com vocês. Senhoras, gostaria que vocês duas fossem as primeiras a saber que Dominic Russo e eu estamos...

Gola: Indo para a cadeia?

Ruth: Sendo demitidos por fraude?

Gola: Doando seus contracheques para uma causa nobre?

Ruth: Mudando-se para Kentucky para abrir uma destilaria de bourbon?

Ally: Namorando.

Ally: MDS! Ruth, era você que estava gritando?

Ruth: Opa. Você ouviu isso? Eu recebi sua mensagem na escada. Foi mais um guincho.

Gola: Dominic acabou de sair e me perguntou se eu estava bem porque engasguei com meu suco verde quando li sua mensagem. Ele quase tentou desobstruir minhas vias aéreas. Então ele me disse que eu provavelmente deveria começar a chamá-lo de Dominic.

Ruth: Agora nós realmente precisamos sair para beber esta noite.

Gola: Bebidas depois da dança? Conte comigo.

≈

Dominic: Acho que você contou para suas garotas?

Ally: Eu queria avisar a Gola e a Ruth. Por quê?

Dominic: Quase tive que fazer a manobra de Heimlich em Gola.

Ally: Por acaso você também ouviu um grito aterrorizante na escada? Essa era Ruth.

Dominic: Dominic e Ally, quase matando amigos com boas notícias desde hoje.

≈

Harry: Já faz muito tempo. Bebidas. Esta noite.

Dominic: Não tenho certeza. Tenho muita coisa acontecendo.

Harry: Eu tenho duas meninas com menos de quatro anos que acabaram de pegar o batom de 200 dólares da mamãe e o usaram para desenhar em nossas roupas de cama chiques. Eu sou o único com muita coisa acontecendo.

Dominic: Quão chique?

Harry: Algo sobre bichos-da-seda orgânicos e monges.

Dominic: Ai.

Harry: Então bebidas. Você está indo.

Domingos: Talvez. Que horas? E posso levar alguém?

Harry: Se essa pessoa se identificar como mulher e seu objetivo principal for levá-la/mantê-la na cama, eu levarei Del. Ela pode garantir que não é outra Elena.

Dominic: A piada é sua, perdedor. Del já a conheceu.

Harry: Nome?

Dominic: Ally.

Harry: Espere por favor.

Harry: Del diz e cito "Eu sabia. Eu sabia. Eu sabia. EU SABIA QUE ELE ESTAVA ATRÁS DELA. Sua esposa é a mulher mais inteligente do mundo. Chupa."

Dominic: Vocês dois são o que as crianças chatas chamam de #metaderelacionamento.

Harry: Por favor, me diga que essa mulher não tem menos de 30 anos e é por isso que você está tirando a poeira da hastag. Porque se estou levando minha esposa e deixando-a bêbada demais para notar nosso edredom assassinado, não quero ouvi-la reclamar de homens adultos que insistem em namorar mulheres jovens o suficiente para serem suas filhas.

Dominic: Ela tem 39 anos. Então eu teria cinco anos quando ela nasceu.

Harry: Gif de ovação de pé. Gif de limpando lágrimas de gratidão.

Dominic: Você sabe que existem maneiras reais de enviar gifs em vez de apenas explicá-los.

Harry: Deixe-me em paz. Estou velho e minhas filhas ainda são muito novas para me mostrar como instalar um teclado gif no meu telefone.

Dominic enviou sua selfie de costume com o dedo médio.

Harry: Esse é o espírito.

≈

Para: Equipe da Sede da Label NY
De: Dominic Russo
Assunto: Política de RH 135 Seções B-D
Ally Morales e eu entramos em um relacionamento romântico. Para evitar qualquer potencial favoritismo ou atrito no local de trabalho, a Srta. Morales foi transferida para o departamento gráfico. Nenhuma pergunta ou opinião será aceita.
Sinceramente,
Dominic Russo, diretor criativo

≈

Ally: Belo assunto, chefe. Apenas uma das minhas novas colegas de trabalho abriu o e-mail até agora. Ela girou na cadeira tão rápido que derrubou uma tigela inteira de ramen.

Dominic: Meu Deus. Outra pessoa pobre.

Ally: Não é miojo. É um ramen extravagante. É uma moda agora.

Dominic: Adicionando isso à minha lista de coisas que eu gostaria de não saber.

Ally: Sua virilidade rabugenta é adorável.

Dominic: Vamos voltar à minha virilha, que está se recuperando bem do uso excessivo. Mas primeiro, você pode ir beber hoje à noite depois da aula de dança?

Ally: Sim. Mas só se você não se importar de ir com Ruth e Gola. Uh-oh. Espere. Mais giros. E agora alguns sussurros altos. Seu e-mail insinuou que eu era surda?

Dominic: Meu e-mail insinuou que todos deveriam cuidar de seus próprios negócios e nos deixar em paz. Suponho que tudo bem com suas amigas se você não se importar que Harry e Delaney se juntem a nós.

Ally: Olhe para nós fazendo a coisa de namorado e namorada. Qual é o próximo? Jantares potluck[7] e chás de bebê mistos?

Dominic: Espero veementemente que não. Ah, faça o que fizer, não mencione batom ou roupa de cama para Delaney.

---

[7] Evento em que cada convidado leva um prato de doce ou salgado.

Ally: Eu nem quero o contexto. Assim será mais divertido.

Dominic: Vamos sair para almoçar. Eu quero tocar em você sem algumas centenas de pessoas assistindo.

Ally: Conte comigo. Estão todos me encarando e comendo pipoca.

Dominic: Quer que eu vá aí e dê a eles algo para olhar?

Ally: A parte de mim que te viu nu por doze horas seguidas quer dizer sim. Mas talvez devêssemos pelo menos tentar as diretrizes de RH por duas horas antes de estragar tudo?

Dominic: Configurando meu cronômetro para duas horas e um minuto.



Ally

Eu desci para o refeitório para tomar um café e fazer uma pausa dos olhares dos meus novos colegas de trabalho.

Eu estava apenas navegando pela espetacular pirâmide de doces que eu absolutamente não ia comprar quando uma presença sarcástica lançou sua sombra maligna sobre mim.

— Bem, se não é o novo brinquedo de Dominic — Malina disse sarcasticamente.

Ela estava vestida com um terninho azul gelo com um decote em V que ia quase até o umbigo.

— Como sempre, é adorável te ver, Malina. — Suspirei.

— Como você fez isso?

— Como eu fiz o quê? — Eu perguntei cansada. Eu deveria ter ficado lá em cima. Pelo menos o departamento gráfico estava com muito medo de me fazer perguntas diretas.

— Como você convenceu Dominic Russo a colocar o trabalho dele em risco por *você*? — A ênfase deixou claro que Malina achava que eu não valia a pena arriscar nada.

— Isso é pessoal. E isto é trabalho. Não estou discutindo meu relacionamento pessoal com você. Além disso, não somos amigas. Neste ponto, prefiro fazer amizade com a tarântula de Missie do que com você. — A redatora Missie tinha uma tarântula de estimação que ela chamou de Hércules.

— Você acha que tem o que é preciso para manter um homem como Dominic Russo?

Na verdade, eu não tinha ideia do que seria necessário e se eu tinha ou não.

— Você já verificou isso? — Eu perguntei.

— Verifiquei o quê?

— A coisa que subiu na sua bunda magra e morreu.

— As fracas nunca entendem — ela zombou.

— As fracas? — Eu ri. Sério, alguém tinha visto *Meninas Malvadas* muitas vezes.

Ela me olhou de cima a baixo.

— A fraca. A patética. As que aparecem onde não pertencem. Você não pertence ao braço de Christian James mais do que pertence à cama de Dominic Russo.

— Com quem você está falando, Mal? Comigo ou com você? — Eu atirei de volta.

Ela mostrou os dentes para mim. Percebi que a mulher diante de mim tinha anos de prática em ser uma valentona dominadora. Estremeci quando pensei na rainha do baile do ensino médio Malina.

— Você acha que é tão especial — ela assobiou.

— Somos *todas* especiais — eu disse, exasperada. — Essa é a questão. Eu ser especial não te torna menos especial. Você sendo uma idiota para toda a humanidade, no entanto.

— Vai se foder, Ally.

— Não. Vai se foder, Malina. Nós não estamos em uma competição de *Jogos Vorazes* por atenção masculina — eu cuspi. — Você não acha que vale mais do que ser o troféu de um rico idiota? — Quero dizer, neste momento, eu não tinha certeza se ela era. Não parecia haver um ser humano sob todas aquelas camadas de contorno e preenchimento.

— Agora, quem você está tentando convencer? — Ela atirou de volta. — Você segue Dominic como uma gata no cio.

Ai. Essa doeu.

— Você precisa parar de agir como se os homens fossem um bem precioso e ir encontrar sua alma em algum lugar. Porque você é uma pessoa realmente horrível e, neste momento, não sei se há alguém nesta ilha inteira que ficaria triste se você fosse atropelada por um ônibus esta noite.

— Você está me ameaçando? — Seus olhos se estreitaram em fendas.

Revirei os olhos.

— Não. Sua idiota. Não estou ameaçando roubar um ônibus da cidade e atropelá-la. Estou tentando avisá-la. Você é jovem, inteligente e bonita, e está desperdiçando tudo sendo uma idiota furiosa. Você realmente quer receber um cheque de pensão alimentícia de alguém como Paul Russo? Um homem que te usou e te viu como nada mais do

que um acessório? Ou você quer viver e amar e encontrar um pouco de felicidade ou qualquer que seja o seu equivalente vampiro?

Eu não tinha energia para evitar o tapa. Além disso, eu tinha acabado de pegar um vislumbre de um queijo dinamarquês que estava chamando meu nome e meio que perdi a conclusão digna de uma diva. A idiota me acertou em minhas contusões pré-existentes.

— Essa é o único tapa que você dará em mim ou em qualquer outra pessoa com quem me importo, Malina. Então leve sua bunda chata e seus cotovelos ossudos para casa e pense muito sobre o que você quer nesta vida — eu assobiei.

Ela parecia estar pensando em me bater de novo, e eu procurei uma cadeira próxima para bater no rosto dela, se necessário. Mas então a linda loira sem alma se afastou de mim e invadiu o saguão.

Eu senti pena dela. Quero dizer, eu a odiava totalmente também. Mas de alguma forma, eu namorando Dominic Russo tinha quebrado o frágil senso de propósito dessa mulher. Não era amor que ela tinha por ele. Eram desígnios de uma vida mais grandiosa. E, em sua mente distorcida e desnutrida, eu tirei essa oportunidade dela.

— Droga, garota. Parece que doeu — a caixa me chamou. — Você quer um sorvete grátis?

— Eu realmente quero.

— Faça a sua escolha, querida. Aquela é uma cascavel.

— Como você se sente sendo minha testemunha se ela tentar me processar ou me demitir?

— Fico feliz em ajudar. — A mulher assentiu. — Pegue dois sorvetes — ela insistiu. — Você pode colocar um no seu rosto.

57
Ally

A AULA DE DANÇA passou em um borrão suado de batidas fortes, batimentos cardíacos acelerados e bom humor. Minha pequena classe parecia se expandir a cada semana. As janelas estavam embaçadas, os rostos brilhavam e dançarinos de todas as idades e tamanhos cumprimentavam à caminho da porta.

— Isso foi incrível — anunciou Gola, acariciando seu rosto com uma toalha.

— Sim. Uh-uh. Conte-nos tudo — Ruth disse, agarrando-me pela frente da minha regata suada.

— Pedido apoiada — disse Missie entre goles de água.

— Não há muito a dizer — eu menti.

— Besteira — Ruth tossiu em sua mão.

— Vocês fizeram sexo? — Missie queria saber.

— Eu não vou responder isso.

— Pergunta: Dominic Russo nu tem a mesma potência de derreter o cérebro ou uma dosagem mais alta do que Dominic Russo totalmente vestido? — Ruth perguntou.

— Definitivamente não vou responder isso.

— Como ele te convidou para sair? Foi super romântico? — Gola se perguntou.

— Essa eu vou responder. Acredito que ele me *disse* que estávamos oficialmente namorando e que, se eu tivesse alguma preocupação, que pena, porque estávamos fazendo isso.

— Isso é totalmente romântico! — Missie cantarolou.

Nós vestimos casacos e cachecóis e seguimos os dois quarteirões para o norte até o bar designado. Na caminhada, desviei das perguntas como um ninja.

— Vocês ouviram que Malina brigou com alguém no refeitório esta tarde? — Ruth perguntou, olhando para o telefone.

Resolvi ficar de boca fechada.

— Ouvi dizer que ela voltou para o grupo de administração chorando e simplesmente saiu — disse Gola.

— Eu ouvi que alguém bateu na cara dela com uma bandeja de cafeteria e a chamou de babaca idiota.

— Eu não acho que foi isso que aconteceu — eu interrompi.

Minhas amigas continuaram a se divertir fazendo perguntas mais ridículas e ignorando minhas respostas ainda mais ridículas.

Ele é um tigrão nos lençóis?

Quem coloca um tigre em seus lençóis?

Como isso aconteceu?

Fui a uma sacerdotisa vodu e lancei um feitiço de amor nele.

Você está apaixonada?

Que tal descobrirmos se gostamos um do outro primeiro?

Vocês ficam gritando um com o outro o tempo todo?

Ok. Essa eu poderia responder honestamente. *Sim.*

Eu me vinguei quando abri a porta do bar, um tipo de vibe cool speakeasy com uma parede inteira dedicada apenas a bourbons. Calor e risadas se espalharam, e Gola entrou correndo. Mas ela parou bem perto da porta, e Ruth entrou em suas costas. Foi um engavetamento de três corpos quando todas perceberam que Dominic Russo estava esperando no bar.

Parecia que Dominic tinha trazido alguns amigos a mais. Além de Harry e Delaney, havia três outros tipos de corretores de ações, cada um competindo para contar uma piada melhor.

— Sua sorrateira — Gola sussurrou no meu ouvido. — Eu sobrevivi um dia inteiro com o homem como meu chefe, e agora você espera que eu tome uma bebida com ele?

— Sim — eu respondi. Mas minha atenção estava em Dominic.

Ele abandonou a conversa que estava tendo com Delaney e um cara com uma gravata de Garfield, o gato, e veio até mim. Era uma força magnética que nos unia. Uma que eu pensei que deveria ter entorpecido um pouco desde que finalmente cedemos à tentação.

Seu olhar percorreu o comprimento do meu corpo, parando no que agora eu sabia que eram seus lugares favoritos. A curva dos meus quadris, a sugestão de pele entre minhas calças e o moletom curto. Meus seios, embora estivessem presos e amassados por um sutiã esportivo.

Devolvi a pesquisa. Calças cinza ardósia que eram soltas o suficiente para ficar aquém do adjetivo "indecente". Uma gravata azul-marinho que eu pretendia enrolar no punho assim que pudesse. Suas mangas estavam arregaçadas, e seu cabelo, aquela linda bagunça loura acastanhada, estava arrumado sem esforço. Eu queria estragar tudo enquanto me lembrava que esse homem era meu.

Nos encontramos no meio. Nossas posses às nossas costas, olhando um ao outro com interesse.

— Parece que você trouxe reforços — eu disse suavemente. Mas saiu meio sem fôlego porque tudo que eu podia fazer era pensar no quanto eu queria sua boca na minha. Ele me deu um beijo infernal quando me deixou na aula. Mãos vagando, dentes beliscando. Sombrias e deliciosas promessas do que está por vir.

E eu queria mais promessas dele.

Ele se inclinou e minha frequência cardíaca voltou aos níveis de coreografia pós "Uptown Funk". Mas ele apenas roçou os lábios na minha têmpora. Ouvi uma ou duas garotas soltarem um suspiro desmaiado atrás de mim.

— Cinco minutos, e então abandonamos essas pessoas para que eu possa foder você no carro — ele sussurrou em meu ouvido.

— Uma hora — eu rebati.

Aqueles olhos azuis se estreitaram em mim.

— Trinta minutos, e você tira sua calcinha no banheiro para não perdermos tempo depois.

Lambi meus lábios, e ele seguiu o movimento.

— Combinado.

Sua expressão suavizou, os lábios levantados.

— Olhe para nós negociando.

— E eles dizem que relacionamentos são difíceis — eu brinquei.

— Cinco minutos para tirar a calcinha — ele me lembrou. — Agora, vamos cometer um erro horrível e apresentar nossos amigos.

Levou alguns minutos de todos olhando para Dom e eu como se fôssemos alienígenas enviados para escravizar a raça humana antes que todos se iluminassem. Dominic incluído.

Ele estava mais leve, mais feliz perto de seus amigos. Havia uma camaradagem fácil entre ele e seus antigos colegas de trabalho. Eu gostava de vê-lo assim, e pelos olhares reveladores que Gola, Ruth e Missie estavam trocando, elas também gostavam.

Reencontrei Harry e Delaney, que já haviam bebido uma quantidade impressionante de vinho.

O amigo de Dominic, Mike, com a gravata Garfield, parecia gostar da pequena Missie. Ruth mergulhou em uma discussão sobre o

envelhecimento do barril de bourbon com um dos outros tipos financeiros. O novo namorado de Gola apareceu, e eu assisti sua doce e nervosa saudação com alegria.

Dominic estava discutindo profundamente com um de seus ex-colegas de trabalho sobre relatórios muito chatos quando ele sutilmente bateu no relógio sem nem mesmo olhar para mim.

Eu sorri. Se ele queria jogar um joguinho privado, eu estava mais do que disposta a chutar sua bunda. Pedi licença para Gola e seu namorado e segui pelo corredor de serviço até um pequeno lance de escadas com placas para os banheiros. Encontrei o banheiro feminino escondido no segundo andar do lado de fora de uma sala de jantar privada e escura.

Lá dentro, eu tirei com sucesso minha meia-calça e calcinha de treino antes de tirar uma foto da minha linda tanga rosa e anexá-la a uma mensagem.

Eu: Missão cumprida.

Enviei uma segunda foto. Esta de... Bem, vamos apenas dizer que era o que minha calcinha estava cobrindo.

Eu sorri para mim mesma enquanto me vestia novamente, imaginando o rosto de Dominic quando ele visse as mensagens.

Ainda me sentindo muito orgulhosa de mim mesma, saí do banheiro. E me vi esmagada entre a pélvis de Dominic e a parede.

Ele estava furiosamente duro. Eu podia sentir sua ereção inflexível pressionada contra o macio da minha barriga. Mais promessas.

Ele me beijou como se fosse a única coisa que ele tinha em mente por anos. Com fome. Exigente. Desesperado.

— Dê para mim, Ally. — Sua voz era um grunhido imundo e carnal. E isso não poderia ter me excitado mais do que se ele tivesse dito isso completamente nu com seu pau apontando para mim.

Respirando pesadamente, enfiei a mão no bolso do meu moletom e entreguei minha calcinha.

Fixando-me com o olhar, ele trouxe a renda rosa amassada e barata até o nariz. Meu queixo caiu e, mais uma vez, me peguei questionando se eu estava prestes a acordar de um coma em um quarto de hospital em algum lugar.

Deus, eu esperava que não fosse exatamente neste segundo. Porque Dominic tinha planos para mim.

Ele meio que me arrastou, meio que me carregou pela porta da sala de jantar escura e então me girou para ficar de frente para a parede.

Meu coração estava na minha garganta. Minha boca estava seca com a necessidade. Tudo que eu queria neste mundo inteiro era esse homem. Nada mais existia quando ele me tocava assim.

— Eu não posso deixar de tocar em você, Ally — ele gemeu no meu ouvido, beliscando o lóbulo enquanto enfiava a mão na frente da minha calça.

Eu apoiei minhas palmas na parede enquanto ele inclinou seu peso em mim.

— Sim. — Saiu como um soluço. Porque o homem muito mau deslizou dois dedos muito bonitos dentro de mim, e eu esqueci como fazer coisas desnecessárias como respirar. — Dominic.

Ele bombeou seus dedos em mim uma e outra vez enquanto minha carne gananciosa o apertava. Minhas pernas, agora oficialmente uma espécie de gelatina, começaram a tremer.

— Eu quero você, Dom. Eu quero você dentro de mim.

— Porra, baby.

Eu não sabia o que estava dizendo, e eu com certeza não achava que ele realmente *faria* algo sobre isso, mas então ele estava puxando aqueles dedos adoráveis de mim e empurrando minhas calças até o meio da coxa. Eu ainda achava que ele estava brincando, até que ouvi a porra do zíper dele.

— Dom! — Eu assobiei.

— Você pediu, querida. E eu estou dando a você. Eu vivo para te dar o que você quer, Ally. — Ele rosnou as palavras contra o meu pescoço enquanto dobrava os joelhos e alinhava aquela cabeça lisa de cetim com o meu centro.

— Fique parada — ele ordenou.

Fiquei imóvel e prendi a respiração por precaução. Ele deu uma estocada curta e afiada e afundou em mim. O ângulo permitia apenas uma penetração superficial, mas santo inferno era bom o suficiente para mim. Aparentemente para Dom também, porque ele levou uma mão à minha barriga e a outra debaixo do meu moletom para mergulhar no meu sutiã esportivo.

Ele me provocou com estocadas rasas enquanto puxava meu mamilo.

— Eu amo que você me queira tanto assim. — Ele grunhiu sua confissão em meu ouvido. — Você está sempre tão molhada como se estivesse pensando em mim tanto quanto eu penso em você.

— Eu penso — eu prometi.

Eu pensava. Eu estava disposta a apostar que mais.

Suas estocadas estavam vindo mais rápido agora. Movimentos curtos e bruscos que me excitavam sem fim. Não havia satisfação real para mim nessa posição, mas eu sabia que Dominic sempre cuidaria de mim.

— Eu quero gozar, Ally. Você vai deixar? — Ele raspou.

— Sim — eu assobiei.

Era tudo o que ele precisava. Ele se moveu, liberando meu peito e me pressionando contra a parede, apoiando seu antebraço contra meus ombros. Ele saiu de mim, e eu senti o sair escorregadio e molhado. Eu não poderia dizer o que ele estava fazendo com a mão livre. Mas então eu senti a renda sintética contra minha bunda e soube.

Dominic Russo tinha minha calcinha enrolada em sua mão enquanto ele fodia seu punho.

Meus joelhos caíram, mas ele me segurou na parede.

— Eu vou fazer você gozar com tanta força esta noite, Ally. Minha Ally — ele sussurrou em meu ouvido. O som de golpes duros e cruéis na carne me transformou em uma bola de necessidade.

Eu estava vivendo uma fantasia sombria que havia causado estragos em minha imaginação desde aquela noite em que o encontrei no banheiro. Isso era o que eu queria antes.

— Ally. — Ele gemeu baixo e gutural, deslizando a cabeça de seu pau pelas minhas dobras.

Ele gozou.

Forte.

Eu senti a primeira explosão quente contra meu clitóris, e então ele estava fodendo seu caminho entre minhas nádegas, terminando naquele feixe de nervos gananciosos. Uma, duas vezes, e do nada, meu próprio orgasmo impossível me fez refém.

Ele continuou empurrando contra o meu clitóris, continuou gozando. Marcando-me de frente para trás com sua semente.

O que quer que não tenha sido absorvido pela minha calcinha, revestiu minha fenda, umedeceu minhas coxas.

— Baby — ele disse, e eu senti a rajada final de seu orgasmo explodir contra aquele anel apertado de músculo entre minhas bochechas.

Era sujo, hedonista e totalmente errado. Eu amei.

— Eu não podia esperar — ele ofegou, sem fazer nenhum movimento para se afastar de mim. Seu pau estava preso entre minhas coxas, e ele ainda estava fazendo pequenas e suaves estocadas.

— Nem eu.



ESTA ERA UMA versão nova e interessante da caminhada da vergonha para mim. Voltando aos amigos que abandonamos minutos atrás com luxúria suja e suada estampada em nossos rostos. Mesmo o Dominic histórico e heroicamente ilegível não conseguiu esconder seu sorriso.

A conversa parou bruscamente quando voltamos ao nosso grupo. Alguém havia pedido algumas garrafas de vinho, e todos pararam no meio da amostra para nos encarar.

— Eu disse que você deveria ter me deixado descer primeiro — eu sussurrei pelo lado da minha boca.

— Baby, não nessa vida. Você não está dando cinco passos para longe de mim antes que eu faça você gozar de novo — ele entoou de volta.

— Como foi o banheiro? — Harry perguntou com um sorriso conhecedor.

— Ally, o que você está planejando para o aniversário de Dominic no próximo mês? — Delaney perguntou, inclinando-se perigosamente para a esquerda em seu banco. — Você o convenceu a dar uma festa?

— Seu aniversário! — Eu me virei para ele, visões de bolos de aniversário dançando na minha cabeça.

— Não. Absolutamente não — disse ele enfaticamente.

— Não o quê?

— Sem aniversário.

— Russo aqui tem medo de envelhecer — disse seu amigo Kevin.

— Mas ele está ficando cada vez mais bonito — disse Missie, o vinho soltando sua língua um pouco. — Se eu fosse ele, estaria comemorando todos os anos como um marco sexy.

— Quanto tempo ficamos lá em cima? Eles estão todos bêbados — eu sussurrei para Dominic.

— Delaney, eu queria perguntar onde você conseguiu sua roupa de cama — disse Dominic.

Harry lançou-lhe um olhar de reprovação enquanto as mãos de Delaney batiam em seu peito.

— Encontrei os edredons e lençóis mais incríveis — ela começou.

— Gif do dedo médio — Harry tossiu em sua mão.

58
Dominic

— VOCÊ TEM UM pouco de massa corrida bem aqui — Ally disse, gentilmente passando um dedo sobre meu pescoço logo abaixo da orelha.

Não era para ser uma provocação, mas meu pau, como fazia com a maioria das coisas relacionadas a Ally, aceitou como tal.

— Por que você está olhando assim para mim? — Ela perguntou com suspeita.

— Nenhum motivo — eu menti, dando um puxão na coleira de Brownie para que ele tirasse o rosto do canteiro de flores do vizinho. — Para onde vamos mesmo?

— Sorvete — disse ela, alegremente pegando minha mão livre e me puxando pela calçada.

— Quem toma sorvete no meio do inverno? — Eu perguntei rispidamente. Passamos cinco horas seguidas fazendo drywall no banheiro da casa do pai dela porque a única ajuda que ela aceitaria vindo de mim era das minhas próprias mãos e não da minha conta bancária.

Eu poderia ter contratado alguém, a equipe de alguém, e teria sido feito enquanto eu chupava a minha namorada. Mas não, Ally *Faça Você Mesmo* Morales desenhou a linha na carteira. Então, em vez de passar nosso precioso fim de semana nus e na cama como eu queria, fizemos nossa melhor impressão dos guerreiros de fim de semana da HGTV.

Acontece que eu não era tão ruim em drywall. No entanto, eu ainda teria preferido o Plano A. A coisa de nus na cama.

— Está quase um grau. Isso é praticamente uma onda de calor — ela disse, piscando um sorriso para mim. — Considere isso uma celebração de sobreviver às consequências.

Tínhamos conseguido passar pela primeira semana após o anúncio de relacionamento. Os últimos dias consistiram principalmente em conversas interrompidas no meio da frase quando eu entrava na sala e me perguntando quando as reclamações de compensação dos trabalhadores começariam a chegar de pessoas fingindo não olhar para nós.

Mas estávamos oficialmente namorando e ambos ainda estavam empregados. Além da reforma da casa consumindo nosso tempo nu de qualidade, tudo estava indo bem.

Ally certamente não estava reclamando. Ela adorava sua nova posição. E ela foi uma grande adição ao departamento gráfico. Não que eu estivesse verificando ela.

Ok, então eu estava verificando ela. Eu queria ter certeza de que ninguém estava dizendo ou fazendo nada para ela que iria machucá-la ou me irritar.

Havia alguns itens sobre nós nos blogs de fofocas. Alguém vazou o memorando em todo o escritório, e foi compartilhado por toda parte. Mas não houve nenhum alvoroço real.

Ainda.

Ele viria. Sempre vinha. E quando isso acontecesse, não seria um caloroso e confuso "desejamos a eles o melhor".

Ally parou na calçada.

— Isso não parece uma sorveteria — observei, verificando a casa de tijolos de três andares atrás da cerca de ferro e a cerca viva bem aparada.

— Não é — disse ela. — Esta é a casa grande da esquina.

— Eu posso ver isso.

Ela se abraçou, e eu me aproximei para bloquear o vento.

— Quando eu era criança, sempre sonhei em morar aqui. Eu colocaria a árvore de Natal lá — ela disse, apontando para uma larga parede de vidro na frente. — E o piano ali naquela janela do lado norte.

— Você pensou muito nisso.

Ela sorriu.

— Sou obcecada por este lugar desde os onze anos.

Bem na época em que sua mãe foi embora. Achei que não era coincidência.

— Do que você gosta nela? — Brownie se juntou a nós em nossa leitura de imóveis e deu uma boa cheirada na cerca.

— Acho que foi a vida que se passou dentro dela. Havia crianças que moravam aqui que eram alguns anos mais velhas do que eu. Eles tinham uma mãe e um pai e um ao outro. Uma cesta de basquete na garagem. Barracas de limonada no verão. Sempre pareceu idílico. Ainda parece. Seus filhos estão crescidos. Agora são os netos jogando basquete. Eles têm jantares aqui e manhãs de Natal. — Ela deu de ombros. — É estupido. Eu sei.

— Não é estúpido — eu disse a ela, pegando sua mão novamente. Eu conhecia esse tipo de desejo também. Não que eu fosse admitir. Por ter irmãos. Por pais que estavam por perto e não brigavam ou se ignoravam em um silêncio estoico. Por ter uma família a pertencer.

Começamos a andar novamente, mas notei que ela manteve o olhar na casa até atravessarmos a rua.

— Você ainda toca piano?

— Na verdade, não. Se papai está tendo um bom dia, sento com ele, mas não pratico há muito tempo. Você já tocou?

Eu balancei minha cabeça.

— Eu gostava de beisebol — eu disse.

— Eu aposto que sua bunda ficava muito fofa naquelas calças de uniforme — ela brincou.

— Minha bunda fica bem em todas as calças — eu insisti.

— Falando em aniversários...

— Nós não estávamos.

— Estamos agora — disse ela, guiando-me pelo quarteirão em direção à placa de sorvete. — O que há com o ódio por aniversário?

Revirei os olhos.

— Eu não odeio aniversários. — Apenas o meu.

— Apenas o seu — ela disse, aparentemente lendo minha mente.

— É apenas mais um dia — eu insisti.

— É apenas o aniversário de você sobreviver a mais um ano inteiro neste planeta. É uma celebração estar aqui. Você não adorava festas de aniversário quando era criança?

— Crescendo, não era tanto uma celebração, mas apenas mais um dia para meu pai me decepcionar ou se colocar contra mim em uma competição.

Ela parou do lado de fora da loja alegremente pintada com uma placa escrita à mão na vitrine prometendo chocolate quente caseiro.

— Isso é terrível.

— Ally, eu vou fazer quarenta e cinco anos. Eu não preciso ou quero uma celebração. Não gosto de receber presentes. Se há algo que eu quero, eu compro para mim. Meu pior pesadelo é um monte de gente que tem coisas melhores para fazer cantando "Parabéns" para mim.

— Mas, Dom...

Eu balancei minha cabeça.

— Pare de olhar para mim com pena. — Seus olhos castanhos estavam arregalados e tristes por uma criança privilegiada que ela nunca conheceu.

— Posso, por favor, fazer algo para você no seu aniversário? Por favor?

Ela não ia me deixar dizer não. E deixá-la fazer algo por mim a deixaria feliz, o que me deixaria feliz. Esta era uma daquelas concessões estúpidas sobre as quais ela estava falando.

— Tudo bem — eu disse. — Uma coisa. Uma coisa pequena e barata.

— Sim! — Ela jogou os braços em volta do meu pescoço e deu um beijo barulhento na minha bochecha.

Percebi que estaria disposto a dizer sim a muitas coisas se isso sempre tirasse essa reação dela.

— Nada de cantar — eu a avisei.

— Nada de cantar — ela concordou.

— E nada de gastar dinheiro comigo.

— Com licença, por que você tem permissão para fazer disso uma regra, e eu sou a única com uma dúzia de pares de tangas La Perla que magicamente apareceram em minha gaveta?

— Porque tenho dinheiro para gastar, e terei grande prazer em tirar essas tangas de você. Considere-as um presente de aniversário para mim.

— Bem, considere isso — disse ela, estendendo a mão para a porta. — Estou usando um de seus presentes de aniversário agora.

NAQUELA NOITE, fiz o jantar enquanto Ally trabalhava em seu laptop na ilha com uma taça de vinho. Era uma cena boa e normal que eu ainda estava tendo problemas para me ajustar.

— Como está Gola? — Ela perguntou.

— Estamos nos dando razoavelmente bem. Ela não grita comigo com tanta frequência quanto sua antecessora. — O trabalho estava indo bem. Em uma consequência imprevista de anunciar meu relacionamento, as mulheres da *Label,* com algumas exceções notáveis, pareciam finalmente me abraçar como humano. Nina da publicidade tinha me contado uma piada quando nós dois chegamos cedo para uma reunião. E eu realmente ri.

— Har har — ela disse. — Você teve notícias de Greta?

Suspirei e joguei uma pitada de ervas frescas em cima do macarrão que tinha acabado de servir.

— Greta decidiu se aposentar oficialmente. — Eu ainda não estava pronto para pensar na minha vida sem ela. Não lidei bem com a mudança. Especialmente uma mudança sobre a qual eu não tinha controle.

— Aparentemente mandá-la para um passeio europeu saiu pela culatra — Ally disse, me dando uma olhada por cima da borda de sua taça de vinho.

— Ou talvez eu consegui o que estava procurando. — Ela sorriu para mim, e eu deslizei seu prato para ela. — Aqui ou na mesa?

— Uh-oh. Espere — ela disse, apertando os olhos para sua tela.

— O quê?

— Faith acabou de me enviar isso. — Ela virou o laptop para que eu pudesse ver. — É sobre nós.

Era um vlog popular de fofocas de moda dirigido por uma mulher que eu considerava uma chata.

— Não perca seu tempo com isso.

— Tarde demais. Já estou lendo.

— Rumores na passarela dizem que o modelo Dominic Russo está finalmente se estabelecendo com uma dançarina que ele acabou de conhecer. Fontes internas dizem que Russo estava tão apaixonado por seus "movimentos" que criou uma posição apenas para ela no império da moda de sua mãe.

— Essa cretina mentirosa! Ela me fez parecer uma stripper — Ally disse indignada.

— Bem...

— Não termine essa frase se você não quiser respirar pelo pescoço — disse ela, empunhando o garfo.

— É por isso que não lemos esse lixo — eu disse a ela, fazendo um movimento para fechar a tela.

Em vez disso, ela deu um tapa na minha mão.

— A maioria de vocês vai se lembrar do caso escaldante de Russo com a modelo Elena Ostrovsky, uma beldade russa conhecida por seu contrato com a Calvin Klein.

Oh. Merda.

Ally lentamente se virou para mim.

— Você esqueceu de me dizer alguma coisa?

Dei um passo apressado para trás e coloquei minhas mãos para cima.

— Primeiro de tudo, não foi um caso escaldante. Foi mais como um caso morno...

— Você quer me dizer que teve um relacionamento com a garota da capa da edição de maio? E só agora estou ouvindo sobre isso?

— Quando você diz relacionamento...

Ela abriu um sorriso.

— Relaxe, Encantado. Eu estou apenas brincando com você. Você namorou modelos. Eu sei disso. Elas são de uma beleza repugnante. Não é novidade. Caralho. Ela tem um milhão de metros de altura? — Ela olhou para a tela enquanto o vlogger idiota colocava imagens e mais imagens minhas com Elena durante nosso relacionamento curto, mas insatisfatório.

— Nós não estávamos ficando sério — eu insisti. Pelo menos não sério o suficiente para eu sentir qualquer coisa, mas seriamente irritado quando eu descobri exatamente o que ela estava fazendo.

A última foto foi da New York Fashion Week há dois anos. Eu a estava rebocando pela mão em meio a uma multidão de fotógrafos do lado de fora de um restaurante. Eu estava carrancudo. Ela estava sorrindo presunçosamente. Eu tinha um motivo para fazer uma careta. Os paparazzi tinham um jeito estranho de descobrir onde estávamos toda vez que saíamos. Eu não gostava de ter câmeras enfiadas na minha cara e perguntas atiradas em mim, mas Elena não parecia se importar.

Foi apenas uma ou duas semanas depois que eu descobri que ela era a razão pela qual eles sempre sabiam onde estávamos. Que ela estava me usando para aumentar seus seguidores e, por sua vez, aumentar sua visibilidade. Ela foi a última pessoa em uma longa fila que me usou.

— Esta é uma história sobre nós, e eles estão publicando mais fotos suas com Elena, a gazela de pernas compridas. Oh, espere, aqui estou eu — ela disse, se animando.

Foi a minha vez de ficar irritado.

— Ally Morales é a mulher misteriosa, amplamente fotografada com o designer Christian James. Então a pergunta é: isso é amor real, ou Delena vai encontrar o caminho de volta juntos novamente? Dê seu voto abaixo...

— Delena? Ai credo. Barf. Ei! — Ally disse quando eu fechei a tampa do laptop.

— Chega de fofoca lixo. É hora do jantar.

— Tudo bem. Eu só tenho que fazer uma coisa primeiro — ela disse, abrindo seu laptop novamente.

— O quê?

— Estou escrevendo para aquela vlogger um e-mail com palavras fortes e anexando algumas fotos nossas nuas — disse ela, olhos castanhos brilhando. — Ah, e precisamos de um nome de casal de celebridades. O que você acha de Alomic?

Suspirei.

— Coma seu macarrão, esquisita.

59
Dominic

A MANHÃ DO MEU quadragésimo quinto ano neste circo giratório começou com minha namorada nua rolando em cima de mim e me fodendo até eu ficar cego e perder a fala. Era, o que eu considerava, o melhor presente de aniversário que eu já tinha recebido até hoje.

Aparentemente, Ally estava apenas começando. Ela insistiu que parassemos para um "chá de aniversário" no caminho para o escritório. Então me deu um beijo de aniversário totalmente inapropriado do lado de fora das portas do escritório.

Na verdade, eu tinha ficado um pouco fraco nos joelhos quando ela se afastou. Atribuindo isso à mais desidratação, eu assisti aquela bunda sexy balançar na saia Dior que eu tinha escondido em seu lado do armário.

Gola estava esperando do lado de fora do meu escritório com um sorriso e um maldito cupcake de aniversário. Tinha uma vela de verdade.

Fiquei estranhamente tocado e cobri o momento ameaçando demiti-la se ela cantasse um compasso de "Parabéns pra você".

Um ou dois meses atrás, essa ameaça teria feito com que todas as mulheres, e vários dos homens, em um raio de seis metros corressem para se proteger. Agora, Gola riu e me lembrou que eu tinha planos de almoço de aniversário com Ally.

Que diabos eram os planos para o almoço de aniversário?

Ramen de food truck. Foi isso. Talvez fosse segurar a mão de Ally na caminhada de três quarteirões. Ou talvez fosse ouvi-la falar sobre os gráficos que ela estava projetando para uma peça de junho sobre

alpargatas. Talvez fosse aquele toque de primavera que eu quase podia sentir o cheiro no ar. Abril estava chegando.

Fosse o que fosse, eu me senti quase... leve.

Ela olhou para mim.

— O que está acontecendo com seu rosto agora?

Provavelmente estava tendo uma reação alérgica ao ramen. Estendi a mão para tocar minha bochecha, e ela riu.

Eu entendi a piada.

O que estava acontecendo com meu rosto era que eu estava sentado em um muro baixo com uma mulher que eu levei ao orgasmo com minha língua antes que a maioria das pessoas abrisse os olhos para começar o dia. Uma mulher que estava fazendo o possível para tornar meu aniversário estúpido especial.

Eu, Dominic Russo, estava sorrindo.

Aquela estranha contorção facial ficou comigo enquanto caminhávamos de volta para o escritório. Enquanto eu roçava um beijo nos lábios de Ally, uma, duas vezes na calçada em frente ao prédio.

Seu chapéu, um verde esmeralda de feltro que eu tinha tirado de uma sessão de fotos para ela, deixou seus olhos castanhos ainda mais quentes.

— Você é linda.

Suas bochechas ficaram rosadas, e eu não achei que tivesse algo a ver com o vento. Houve uma agitação no meu peito. Aquele brilho estranho de azia surgiu novamente. Percebi que ficaria contente em ficar aqui com Ally Morales olhando para mim assim pelo resto do dia. Da semana. Inferno, eu liberaria todo o mês de abril se isso significasse que eu poderia continuar me sentindo assim.

— Dominic.

Deus, haveria um momento em que meu nome em seus lábios não fosse a porra de uma dose de adrenalina?

— Ally.

— Quando você me olha assim, me deixa tonta — ela confessou

— Bom — eu disse. Eu não queria ser o único desequilibrado aqui. Isso era algo... diferente, quase reconfortante. Algo além da obsessão alimentada pela luxúria com a qual me acostumei. Eu esperava pelo inferno que eu não estava apenas imaginando.



NAQUELA TARDE, Linus deixou uma bela garrafa de uísque amarrada com um laço preto. Minha reunião com a equipe de conteúdo online começou com chás e muffins chiques. Até Shayla murmurou um "Feliz Aniversário" antes de insistir que estávamos indo na direção errada com uma barra lateral em sacolas.

Minha mãe me mandou um enorme arranjo de flores brancas vistosas, um ridículo chapéu de festa de papel dourado, o que me fez revirar os olhos, e uma jaqueta Armani muito bonita que eu não me importei nem um pouco. Ela estava fora do escritório o dia todo trabalhando com designers e coordenadores para o próximo gala em maio. Era uma das maiores noites da moda de Nova York todos os anos e, como sempre, minha presença era esperada.

Eu me perguntei se Ally gostaria de ir e com que criatividade ela se comprometeria com o tema. Ou, mais precisamente, quão criativamente ela me faria me comprometer com o tema.

E então percebi a rapidez com que comecei a fazer planos que giravam em torno dela. Era menos que uma batalha todas as noites para fazê-la ficar. Ela tinha coisas na minha casa, espaço no meu armário. Eu

insisti que ela começasse a lavar a roupa na minha casa para que eu não perdesse algumas horas com ela todo fim de semana.

Tínhamos rotinas agora. De manhã cedo e tarde da noite andamos pelo quarteirão com Brownie. Brunch no domingo, nus. Eu sabia onde ficavam todas as lojas de ferragens em um raio de oito quilômetros da casa do pai dela porque passamos muitos fins de semana nelas.

Foi desconcertante acordar um dia e me encontrar... bem. Aqui. Fazendo planos para dois em vez de um. Ansioso para compartilhar coisas como camas, fins de semana e espaço no armário. Eu namorei antes. Mas eu nunca tinha chegado tão fundo, tão rápido. Eu nunca tinha aberto espaço em minha casa para uma mulher antes. A mudança estava acontecendo, e eu não sabia como me sentia sobre isso.

Eu gostava, ou isso me apavorava? Devo começar a apertar os freios?

Afinal, não havíamos conversado sobre o futuro. Na verdade, não. Ally estava apenas tentando sobreviver aos próximos meses. As coisas seriam diferentes quando a casa fosse vendida. Quando a situação de seu pai estivesse segura. Quando ela tivesse escolhas e os recursos para fazê-las.

Ela me escolheria quando não tivesse que confiar em mim para um teto? Para bons queijos, saídas noturnas e roupas que não pertenciam antes à metade da cidade?

Eu queria ela ou queria ser necessário?

Lá estava. Aquele pequeno dedo gelado de dúvida que eu estava esperando. Eu aprendi uma e outra vez a ser cuidadoso. A não dar muito de mim. Porque nunca parecia que era o suficiente. É por isso que fiz as coisas anonimamente. Como a fisioterapia da esposa de Buddy. Buddy não sabia que foi eu. O que significava que ele não poderia me pedir mais.

Quando Ally começaria a pedir mais?

Uma mensagem apareceu no meu telefone.

Ally: Conhecendo sua versão de aniversário. Arma na sua cabeça. Se você tivesse que escolher entre bolo de baunilha com cobertura de chocolate ou bolo de chocolate com cobertura de manteiga de amendoim, o que você escolheria?

E lá estava novamente. Aquele sorriso estúpido no meu rosto.

Eu: Achei que tinha dito para você não usar a palavra B na minha presença?



ENTREI no vestíbulo, deixando a noite fria às minhas costas. Fiquei até tarde para uma teleconferência geralmente inútil com a costa oeste. Tudo o que eu queria era uma noite tranquila com meu cachorro e minha senhora. Ally tinha me prometido um jantar de aniversário feito em casa e um presente para desembrulhar.

Brownie trotou até mim.

— Ei amigo. O que você está fazendo aqui? — Inclinei-me para dar-lhe uma boa esfregada e descobri que ele estava usando uma gravata borboleta verde brilhante. — Deixe-me adivinhar. Uma gravata borboleta de aniversário?

Brownie pulou e lambeu meu rosto do queixo ao couro cabeludo.

— Realmente tenho que ligar para aquele treinador. — Suspirei, liderando o caminho para dentro da casa.

Estava escuro lá dentro, mas algo cheirava bem. Como uma boa refeição caseira.

— Malévola? — Eu chamei.

As luzes, todas elas, acenderam em um flash.

— Surpresa!

— Jesus Cristo — eu gemi. Eu *odiava* surpresas.

Minha cozinha estava cheia de gente. Harry e Delaney estavam lá com suas meninas, que estavam gritando "feliz aniversário, tio Dominic" a plenos pulmões. Linus, sua esposa e seus três filhos usavam roupas pretas combinando e estavam arrasando com aquelas coisas detestáveis de fazer barulho. Gola e Ruth estavam servindo champanhe.

Meus vizinhos, Sascha e Elton, acenaram do fogão onde estavam servindo tigelas de alguma coisa. Jace estava abraçando Brownie e deixando o cachorro comer seu rosto. Minha mãe, que deveria estar em um avião agora, sorriu para mim de onde ela estava sentada na ilha, um gin martini na frente dela. Sua melhor amiga de longa data, Simone, estava ao lado dela. Elas estavam rindo. Os vizinhos de Ally em Nova Jersey, Sra. Grosu e Sr. Mohammad, estavam acendendo velas em um bolo de chocolate.

Contei quatro caras do meu antigo escritório demorando perto do álcool, típico deles.

A melhor amiga de Ally, Faith, estava sendo DJ no canto com meus alto-falantes sem fio. E Christian Maldito James estava à espreita perto da bandeja de queijo.

Cada um deles usava um ridículo chapéu de festa dourado igual ao que minha mãe tinha me enviado.

E então havia Ally.

Frente e centro no vestido preto Valentino que eu tinha escondido no armário apenas dois dias atrás. Ele abraçou seus seios e cintura antes de sair em uma saia curta e sedutora. Eu pretendia que ela o usasse para mim com o propósito expresso de tirá-lo dela, o que infelizmente teria que esperar até que eu pudesse tirar essas pessoas da minha casa. Seu

chapéu de festa estava torto em cima daqueles cachos grossos e soltos que eu amava. Mas foi o sorriso dela que me atingiu com mais força.

Ela estava profundamente feliz. E era só para mim. Foi tudo para mim.

Ela dançou até mim e jogou os braços em volta do meu pescoço.

— Feliz aniversário, Encantado — ela sussurrou em meu ouvido. — Você ficou surpreso?

Surpreso nem sequer começava a descrever os sentimentos que eu estava tendo.

— Chocado — eu disse a ela. — Por que diabos Christian James está na minha casa? Eu odeio esse cara.

— Você só acha que o odeia — ela brincou. — Eu tenho um motivo oculto ali. Não preocupe sua linda cabecinha de aniversário com isso.

— Potluck? Sério? — Eu provoquei, notando os pratos e bandejas incompatíveis na ilha.

Ela sorriu para mim por lembrar de nossa pequena piada interna.

— Comida de potluck e álcool. Sem presentes. E a única coisa que você pode desembrulhar esta noite sou eu, e não estou usando nada por baixo desse vestido.

— Você está em uma grande quantidade de problemas — eu a avisei.

— Você pode me punir mais tarde — ela prometeu, se afastando e ficando na ponta dos pés para me beijar na boca.

Não foi o suficiente. Nunca era o suficiente.

— Não pense que não vou.

60
Ally

A MÚSICA ESTAVA LIGADA, as luzes estavam baixas, e as crianças e Brownie dividiam seu tempo grudados na TV da sala no andar de cima assistindo a um dos filmes que Delaney trouxe atenciosamente e correndo escada abaixo para comer lanches.

Os adultos reivindicaram a cozinha e a sala de jantar como nosso território. Pratos de comida foram servidos, bebidas servidas e uma dúzia de conversas estavam acontecendo ao mesmo tempo.

O sorriso no rosto de Dom enquanto ele conversava com a Sra. Grosu e Harry fez cada hora de subterfúgio sorrateiro absolutamente valer a pena.

— Milagre dos milagres — disse Dalessandra, aproximando-se de mim na cozinha. — Você conseguiu surpreender Dominic, *e* ele parece estar realmente se divertindo.

Gostei de ver Dalessandra escapar de seu papel de chefe indomável.

— Eu não poderia ter feito isso sem você e sua teleconferência urgente de última hora — eu a lembrei.

— Apresente-me a sua milagreira — Simone insistiu, deslizando ao lado de Dalessandra. Ela era adorável. Nascida de pai chinês e mãe nigeriana há quase setenta anos, Simone tinha genes incríveis ou um médico muito bom de prontidão. Seu cabelo de ébano brilhante pendia em uma cortina que apenas roçava seus ombros. Modelo desde os dezesseis anos, ela conseguia fazer a blusa de seda branca simples e a calça preta fina parecerem chiques sem esforço.

Eu estava um pouco chocada.

— Simone, conheça Ally. Ally, conheça Simone, minha amiga mais antiga e querida.

— Obrigada por vir, Simone.

— Eu não teria perdido. Eu conheço Dominic desde que ele era um garotinho, e gosto muito dele — ela disse, me olhando por cima da borda do coquetel rosa efervescente que Faith tinha misturado.

— Eu também gosto — eu admiti, travando os olhos com o homem do outro lado da sala onde ele estava servindo um uísque e sorrindo para algo que Elton estava dizendo.

— Senhoras. — Christian se juntou ao nosso pequeno círculo. Simone deu a ele o mesmo olhar agradecido que todas as mulheres faziam.

Os olhos de Dominic se estreitaram pela sala, e eu lhe enviei uma pequena piscadela.

— Christian, estou tão feliz que você pode vir esta noite — eu disse. — Você já conheceu minha amiga Faith?

Dalessandra e Simone trocaram um olhar malicioso.

— Eu não conheci — disse Christian.

— Ela é a mulher deslumbrante, estilo Gwen Stefani, que atualmente conta às crianças que Papai Noel não é real — eu disse, abrindo caminho para minha amiga, que estava contando aos filhos de Linus uma história que os deixou paralisados.

— Com licença, pessoal. Se importa se eu pegar essa senhora emprestada por um minuto?

— Aww — eles fizeram beicinho.

— Aqui estão cinco dólares para cada — Faith disse, abrindo sua carteira.

— Yay! — As crianças esqueceram tudo sobre Faith e correram com seus ganhos.

— Faith, esse é Christian. Christian, esta é Faith. Vocês dois têm muito em comum. Vocês dois passam muito tempo ao redor principalmente de pessoas nuas e bonitas para ganhar a vida.

Christian levantou uma sobrancelha.

— Modelo?

— Proprietária de um clube de strip. Cirurgião plástico? — Ela atirou de volta.

— Designer.

— Faith não tem intenção de se estabelecer e não tolera julgamentos abrangentes sobre seu estilo de vida. Christian aqui não tem tempo para se dedicar a um relacionamento real porque está apaixonado pelo seu negócio. Achei que vocês dois deveriam se conhecer.

— Conte-me mais sobre ser dona de um clube de strip-tease — Christian insistiu, levando Faith na direção do bar pelo cotovelo.

Missão cumprida. Se aquelas duas lindas pessoas não decidissem levar seus corpos em um test drive sem apego, então havia algo muito errado com o mundo.

— Quando podemos expulsar todo mundo? — A voz rouca foi acompanhada por uma mordiscada no local onde meu pescoço encontrava meu ombro.

Eu me virei e enrolei meus braços ao redor do pescoço de Dominic. Sua gravata foi afrouxada. Ele abandonou seus sapatos em algum momento, e ele tinha um biscoito de caramelo de canela na mão.

— É seu aniversário, Encantado — eu disse atrevidamente. — Podemos fingir intoxicação alimentar a qualquer momento.

A música mudou para uma favorita de Frank Sinatra, e senti que começamos a balançar ao ritmo.

— Ainda estou em apuros? — Eu perguntei.

Houve uma erupção de risos atrás de nós quando o Sr. Mohammad finalmente chegou ao final da piada. Brownie passou correndo por nós com uma meia de criança na boca. Várias pessoas fizeram um brinde a alguém chamado Dave atrás de nós. A porta dos fundos se abriu, trazendo apenas uma pitada de fumaça de charuto doce para a sala.

— É claro. Só porque esta é uma experiência moderadamente não horrível não significa que você escapou da punição — Dominic disse, passando a ponta do nariz ao redor da concha da minha orelha.

Um arrepio de prazer percorreu minha espinha.

— Eu realmente gosto de você, Dom. Muito. — Atordoada e tonta. Era exatamente assim que me sentia.

Seus olhos, aqueles olhos azuis jeans, percorreram meu rosto intensamente.

— Eu apenas achei que você deveria saber — eu disse, começando a me sentir envergonhada.

Ele me apertou mais contra ele e me rodopiou.

— Eu realmente gosto de você também, Ally. — Sua voz era áspera e rouca. E eu pensei ter detectado apenas o menor indício de emoção nele.

~

COM O BARULHO da fechadura na porta da frente atrás do nosso último convidado, meu charmoso e civilizado Dominic se transformou em um animal. Ele me empurrou contra a parede.

— Eu queria fazer isso a noite toda — ele rosnou em meu cabelo enquanto ele moía sua ereção contra minha bunda.

— Sim — eu respirei.

— Você sabe em quantos móveis eu te inclinei, contra quantas paredes eu te fodi em minhas fantasias?

— Me diga.

Mas ele estava muito ocupado mordendo e beliscando a parte de trás do meu pescoço.

Uma mão empurrou rudemente seu caminho para o topo do meu vestido e espalmou meu peito.

Afastando-me da parede, me virei em seus braços e nos girei para que suas costas ficassem contra a parede.

— O que você está fazendo? — Ele perguntou rispidamente enquanto eu desafivelava seu cinto.

— Apenas reencenando uma pequena fantasia minha — eu sussurrei. Deixei meus dentes roçarem sua mandíbula e então empurrei para trás, lentamente caindo de joelhos.

— Porra — ele assobiou.

— Tire seu pau para fora, Dom, e me diga o que você quer que eu faça.

Se sua mandíbula ficasse mais apertada, o esmalte se estilhaçaria, o osso racharia. Ah, como eu adorava apertar os botões do aniversariante.

— Ally. — Houve um aviso na maneira como ele disse meu nome. Resolvi ignorar o aviso.

Eu esperei onde estava de joelhos. O decote do meu vestido grudava precariamente em meus seios. Meu cabelo estava uma bagunça de suas mãos. Eu sabia exatamente que tipo de quadro eu estava pintando para ele.

— Venha aqui — disse ele rispidamente.

Eu rastejei até ele, saboreando o alargamento de suas narinas, o aperto de nós dos dedos brancos que ele mantinha em seu controle. O som de seu zíper era como música para meus ouvidos.

Eu parei na frente dele e observei enquanto ele segurava seu eixo na base. Eu lambi meus lábios.

— Prove — ele ordenou.

Obedientemente, eu peguei aquela cabeça quente e aveludada em minha boca e corri minha língua em um círculo.

Ele assobiou e enfiou a mão no meu cabelo.

— Você parece tão bonita agora, Ally.

Como recompensa, tomei um pouco mais dele em minha boca.

Sua cabeça bateu na parede atrás dele. Eu esperava que não fosse forte o suficiente para uma concussão. Eu cantarolei meu prazer contra sua carne.

Eu podia saboreá-lo. Podia sentir a pulsação do sangue sob sua pele com a minha língua. Ele alimentou mais um centímetro em minha boca e segurou minha cabeça ainda com a mão no meu cabelo.

O rosnado gutural que se ergueu de seu peito me fez apertar minhas coxas para aliviar um pouco da pressão que estava crescendo ali. Esta não era a minha vida, eu decidi. A qualquer minuto, eu iria acordar em uma vala em algum lugar depois de ter sido atropelada por um ônibus e não saber o quão poderoso era ter o pau de Dominic Russo na minha boca.

Mas até então, eu iria saborear cada maldito segundo disso.

Deslizei minha boca sobre ele o mais longe que pude sem engasgar. Meus lábios roçaram seus dedos.

— Ally — ele murmurou novamente. Eu me diverti ao ouvir meu nome. Se tivesse sido quente ouvi-lo silvar meu nome enquanto se satisfazia em segredo, este era um inferno de cinco alarmes, e eu estava me queimando.

Eu balancei para frente e para trás, lambendo seu eixo, a cabeça romba, aquela fenda sensível com a minha língua. Ele estava fazendo promessas sujas e elogios enquanto eu chupava seu pau. O tecido do

meu vestido estava provocando meus mamilos, fazendo-os implorar por mais.

Os barulhos que nós dois fazíamos eram desumanos, e se Brownie não estivesse desmaiado de cabeça para baixo no sofá, ele estaria rosnando na porta do vestíbulo.

Eu o queria dentro de mim. Eu queria puxar seu cabelo e morder seu pescoço. Eu queria gozar. Mas mais do que tudo isso combinado, eu queria prová-lo.

— Você precisa desacelerar — ele avisou, sua voz instável enquanto eu balançava mais rápido, chupava mais forte.

Mas eu não estava diminuindo a velocidade, e com certeza não estava parando.

Senti o tremor que começou em suas pernas quando o levei mais fundo em minha boca. Suas mãos bateram contra a parede, e eu agarrei a base de seu eixo, movendo os dedos e a boca juntos em movimentos longos e molhados.

— Baby, você vai me fazer...

Ele não disse o resto das palavras porque ele estava gozando. Em voz alta e exuberante, derramando o que parecia ser uma porra de um shake de proteína inteiro diretamente na minha garganta. *Oh meu Deus. Eu estava me afogando.* E ele apenas. Continuou. Gozando.

Ele estava deslizando pela parede, ainda gozando. Eu ainda estava bravamente tentando não morrer enquanto meus olhos lacrimejavam e minha boca transbordava.

Acabamos em um emaranhado no chão. O azulejo refrigerando a pele aquecida. Músculos ainda tremendo. Dominic acariciou uma mão sobre meu quadril.

— Acho que estiquei um tendão — ele sussurrou.

— Acho que você engravidou meus pulmões.

— Este é o meu melhor aniversário de todos os tempos — disse ele, seu peito ainda arfando.

— Boquete de aniversário para a vitória — eu disse, sugando uma lufada de ar livre de porra.

— Vou precisar de dez minutos, um pouco de ibuprofeno, um copo de água, e depois vou retribuir o favor — prometeu.

61
Ally

Encantado: Estou tão entediado que poderia atear fogo neste lugar só para ficar acordado.

Eu: Pobre bebê, na bela e ensolarada Los Angeles cercado por pessoas bonitas vestindo roupas bonitas.

Encantado: O que você está vestindo?

Eu sorri.

E peguei o olhar que Nelson me enviou atrás do volante.

Eu levantei meu telefone.

— Dominic de Los Angeles. Ele está rabugento.

A boca de Nelson se contraiu sob o bigode. Dominic o havia designado para dirigir senhorita Ally enquanto ele estava fora. Estávamos a caminho de casa da minha aula de dança à noite, que Nelson educadamente se recusou a participar e, em vez disso, esperou em um café um quarteirão abaixo.

Eu: Uma parka. Você está perdendo a onda de frio para acabar com todas as ondas de frio.

Era uma noite fria de sexta-feira, e Dominic estava longe por quatro dias para a Semana de Moda de LA. Eu não pensei que seria um grande negócio. Seis dias de distância? Pfft. Sem problemas. Eu tinha muito para me manter ocupada. E eu não tinha o cara na minha vida há tanto tempo que estava acostumada a tê-lo por perto. Certo?

Grande erro, amigo.

Eu sentia falta dele agressivamente, obsessivamente. Eu fazia chá todas as manhãs só porque o cheiro me lembrava dele. Todas as noites antes de sair do trabalho, eu caminhava até o escritório de Dom e me sentava atrás de sua mesa porque parecia que ele entraria pela porta a qualquer minuto. Inferno, o praticamente inconsolável Brownie e eu estávamos dormindo com as camisetas de Dom. Eu porque sentia falta dele e Brownie porque era hilário.

Em um esforço para manter minha mente fora do quanto eu sentia falta dele, eu contrabandeei Brownie para a casa de repouso do meu pai, fazendo-o se passar por um cão de terapia. Um cão de terapia que comeu o sanduíche de rosbife de uma enfermeira quando ela não estava olhando. Eu descaradamente culpei a Sra. Kramer, uma conhecida ladra de lanches. Eu até tinha ido com Faith a uma gravação de vídeo para a equipe de conteúdo online para a qual Christian nos convidou em seu estúdio. Faíscas estavam definitivamente voando entre a dona do clube e o designer. Ambos pareciam estar se fazendo de difíceis.

Mas nada disso me fez sentir menos falta de Dominic.

Encantado: Eu gostaria de estar aí para mantê-la aquecida.

Suspirei e lutei contra a vontade de apertar meu telefone contra meu coração.

As únicas coisas que tornavam a ausência de Dom quase tolerável eram suas mensagens de hora em hora descrevendo cada detalhe da viagem. A Semana de Moda era um sonho para alguns. Para Dominic Russo, era um pesadelo. Shows sem fim, afterpartys e trocas de guarda-roupa. Tapetes vermelhos em todos os lugares. Pessoas cujos nomes ele deveria lembrar *e* ficar impressionado.

Eu: Pergunta. Você sente mais falta de mim ou de seus coletes?

Ele não tinha embalado um único colete. Pelo qual eu era eternamente grata.

Então *é claro* que eu me diverti, e o torturei, experimentando sua coleção de coletes e enviando selfies enquanto usava nada além de uma camada brilhante de batom. Verificar todas as fotos e vídeos para ver se ele tinha uma ereção visível de uma das fotos era meu novo jogo favorito.

Falando em fotos, Dominic não tinha sido fotografado com os braços em volta de nenhuma nos bandos de modelos deslumbrantes que inundavam a cidade. Na verdade, em todas as fotos, ele tinha uma carranca de tirar o fôlego e as duas mãos nos bolsos. Eu não tinha pedido a ele para não abraçar mulheres bonitas. Mas ele se absteve de qualquer maneira.

Eu estava começando a pensar que o homem gostava de mim. Realmente, realmente gostava de mim.

Claro, só para ter certeza de que eu não estava me sentindo totalmente confiante, houve um punhado de menções de Dominic voando sozinho com a especulação de que nosso relacionamento estava passando por dificuldades. Os golpes pareciam quase pessoais, mas tentei não ler muito sobre isso.

Meu telefone tocou novamente.

> *Dominic: Você em meus coletes. Ano que vem você vem comigo.*

Senti uma emoção correr por mim que não tinha nada a ver com o aquecimento do assento.

Estávamos realmente falando sobre o próximo ano? Eu estava bem com isso? Verifiquei com vários dos meus órgãos. Sim. A maioria deles respondeu com retumbantes “sim, porra”. Meu cérebro era um pouco

mais pragmático. Havia muitas coisas ainda no ar. Eu ainda estava atrasada nas contas. As reformas foram paralisadas até que Dom voltasse para casa, já que o homem me proibiu de ir até lá sozinha. Foi um pequeno furo no tapete e uma vacina contra o tétano. Dom agiu como se eu estivesse sob a mira de uma arma.

Mas era apenas uma questão de tempo até que a casa estivesse pronta e no mercado e... Certo. Eu estava pensando demais. Não havíamos definido o que era isso além de "um relacionamento", e certamente não havíamos conversado sobre nada relacionado ao futuro.

Eu: Conte com isso. Eu sinto sua falta.

Dominic: Bom.



ACORDEI CEDO na manhã seguinte com o corpo peludo e quente de Brownie abraçado ao meu lado e uma figura pairando sobre nós dois.

O cachorro e eu éramos parceiros de sono épicos. Demorava muito para nos tirar do sono.

Meu grito confuso e subsequente agitação para me livrar de cobertores e travesseiros despertou Brownie, que resmungou preguiçosamente e não saltou para o modo de cão de ataque.

A risada era suave e inegavelmente familiar.

— Dominic?

Ele se inclinou e deu um beijo na minha boca. Eu não me importava com o hálito matinal ou o fato de que estávamos esmagando Brownie. Eu só queria puxar o homem para a cama.

— Como? Quando? Eu pensei que você ia ficar por mais dois dias? Que horas são? Está tudo bem?

— Tantas perguntas — ele brincou, passando a mão pelo meu lado para apertar meu quadril.

— Espere um minuto. Que dia é hoje? Brownie e eu dormimos acidentalmente por dois dias?

— É obscenamente cedo em uma manhã de sábado. Eu peguei um voo noturno. Você tem quinze minutos para fazer as malas.

— Malas? — Eu resmunguei.

Isto era um sonho. Um que eu ficaria muito, muito decepcionada ao acordar.

— Malas — ele repetiu com um sorriso. Ele parecia cansado também. — Vou te levar para sair no fim de semana.

Brownie abriu caminho entre nós e mostrou a Dom sua barriga expectante.

— Você também, camarada — disse Dom, dando os tapinhas necessários no cachorro.

Eu me sentei.

— Oh meu Deus. Você está realmente aqui. Isso está realmente acontecendo!

Ele riu, e eu joguei meus braços em volta dele, chovendo beijos em seu rosto e pescoço.

— Baby, eu posso nunca mais dizer essas palavras, mas eu realmente preciso que você saia da cama.

Eu saltei de joelhos, cheia de adrenalina.

— Onde estamos indo?

— Pare de fazer perguntas. Pare de balançar — ele disse para meus seios. — E comece a fazer as malas.

Meus seios e eu paramos de balançar e começamos a fazer as malas. "Coloque roupas para o frio" foi a única dica que ele me deu. Do outro lado da cama, Dominic trocou os ternos da moda por itens mais

quentes e aconchegantes. O olhar sexy que estávamos dando um ao outro me fez esperar que nosso destino envolvesse uma viagem curta e uma cama muito grande.

Entre ser por volta das zero horas da manhã e o fato de que eu não tinha o pênis desse homem dentro do meu corpo há cinco dias, eu provavelmente estava levando roupas completamente inútil. Mas eu não me importei. Eu estava passando um fim de semana inteiro fora com o homem que eu... gostava. *Gostava.*

Embalados, fechados, e ainda de olhos arregalados, nós carregamos nossas malas para baixo, e Dom foi trabalhar embalando a comida de Brownie e guloseimas que, Deus me livre, nós não déssemos a ele exatamente às 19:00 todas as noites.

— Você pode pegar o livro que deixei na sala? — Ele perguntou.

Eu deveria ter desconfiado. Seu tom era um pouco casual demais, e quando foi a última vez que ele leu na sala? Geralmente era no sofá enquanto eu pensava em projetos de melhorias na casa do meu pai.

Mas eu não estava pensando em nada disso quando praticamente pulei para a pequena sala da frente.

— Oh meu Deus. — Eu parei no caminho. Brownie correu para a sala na minha frente, nariz no chão, verificando os novos cheiros. O sofá e a cadeira estavam faltando. E em seu lugar estava um impressionante piano vertical novinho em folha.

— Dom?

Suas mãos vieram para os meus ombros. Seu queixo no topo da minha cabeça.

— Eu sei que não é o do seu pai — ele disse enquanto minha boca continuava a abrir e fechar como um peixinho. — O cara que eu levei na casa deu uma olhada naquele e disse que não podia ser salvo. Mas esse modelo deve ser bom.

Oh, garoto. O piano estava borrando na minha frente. Tudo estava borrado na minha frente. Não. Não. Não. Não. Eu não chorava. Eu sofria silenciosamente.

— Você gostou? — Ele perguntou suavemente.

O homem me comprou um piano. Um piano muito brilhante e caro. Só porque eu tinha boas lembranças do meu pai.

Eu balancei a cabeça muito lentamente.

— Como você conseguiu colocar isso aqui?

Ouvi o sorriso em sua voz.

— Você e Brownie podem dormir com qualquer coisa aparentemente. Incluindo entregas de piano pela manhã.

Meu coração fisicamente doeu de felicidade.

Afastei-me do piano e entrei nos braços de Dom.

— Eu amo... isso. Eu amei isso.

Ele segurou meu rosto e me beijou tão suavemente que me deixou um pouco fraca nos joelhos.

— Eu senti sua falta essa semana — ele sussurrou.

— Ótimo — eu disse.

62
Ally

A CABANA, O CHALÉ ou o que quer que as pessoas ricas chamassem suas escapadelas nas montanhas ficava no meio de uma pista de esqui na nevada Connecticut.

A fumaça soprava alegremente através de uma chaminé de pedra. Cedro verde escuro e acentos de madeira em tons de caramelo devam ao exterior uma vibe de gengibre luxuoso.

— Você esquia? — Dom perguntou, desligando o motor e pegando minha mão.

Envergonhada, eu balancei minha cabeça.

— Nunca tentei. — Mesmo morando no Colorado, eu nunca tinha saído para uma pista de esqui. Principalmente porque eu era uma garota mais do tipo um chocolate quente espetado e meias felpudas em frente ao fogo e menos do tipo "Ei, vamos nos jogar pelo lado de um penhasco em palitos de dentes escorregadios".

— Bom — disse ele, roçando um beijo sobre meus dedos. — Então podemos passar o fim de semana inteiro em frente ao fogo.

Desmaiada.

Sim. Eu estava caindo em algum sério.

Brownie, não querendo ficar de fora, enfiou o rosto entre os assentos e lambeu nossas mãos unidas.

— Nós realmente precisamos chamar aquele treinador de cães. — Dominic suspirou.

— Quando voltarmos — prometi.

Saímos do SUV e marchamos para a varanda.

— Esta é a casa da minha mãe — ele explicou, abrindo a porta da frente. Brownie disparou para dentro para cheirar tudo. — A

propósito, nós dois também temos folga na segunda-feira. Eu acertei com seu supervisor. E a casa de repouso tem o prazer de fornecer atualizações. Se seu pai estiver tendo um bom dia, eles irão marcar um bate-papo por vídeo.

Eu balancei minha cabeça. Dominic, o manipulador.

— Você sabe como me sinto por ser deixada de fora das decisões — comecei.

— Mas? — Ele me deu um olhar de lobo enquanto me puxava para a sala de estar. Tinha o selo de Dalessandra por toda parte. Uma cozinha moderna com quartzo e aço que se abria para um espaço de jantar com uma mesa que podia acomodar facilmente doze pessoas. O ponto focal da sala de estar de dois andares era a imponente lareira de pedra. Os móveis eram fundos e estofados. Havia mantas e travesseiros coloridos em todos os lugares.

— Mas, neste caso, eu posso estar bem com isso — eu disse.

— Se você ainda está em cima do muro, permita-me convencê-la. — Ele me levou para o quarto fora da sala de estar. Janelas do chão ao teto davam vista para espetaculares picos de montanhas nevadas e quilômetros de floresta. Havia outra lareira aqui e uma grande cama de dossel enterrada sob montes de lençóis e travesseiros brancos de inverno.

A porta do banheiro estava aberta, e eu vislumbrei pisos de mármore, toalhas grossas e uma enorme banheira independente em cobre martelado.

— Uau — eu sussurrei.

Dom bocejou com força.

— Vou tomar banho rápido. Fique à vontade e esteja pronta para passar o fim de semana compensando a última semana. Eu pedi para a

equipe estocar ervilhas congeladas e Gatorade. — Ele acrescentou o último com uma piscadela.

Meu coração deu aquela batida irritante de novo, e eu esperei até ouvir a água do chuveiro ser ligada antes de me jogar no pico nevado da roupa de cama. Levei cinco minutos na minha melhor impressão de esquilo para cavar meu caminho sob as cobertas.

Estabelecida sob quarenta quilos de luxo, peguei meu telefone.

Eu: Como esta é a minha vida?

Anexei uma foto deste quarto com vista.

Faith: Garota, aproveite isso. Além disso, minha visão também não é tão ruim.

Ela anexou uma foto também. Uma de Christian James sem camisa sorrindo preguiçosamente para ela.

Dancei um pouco no colchão.

Eu: Eu sabia. Eu sabia que vocês dois iriam incendiar a cama.

Faith: E meu escritório. E o banco de trás de seu carro. Ah, e o estúdio dele depois que você saiu da sessão na quarta-feira.

Eu: Estou muito feliz por você.

Faith: Não torne isso estranho. Estamos apenas curtindo a nudez um do outro.

Eu: Não descarte diversão não nua com o cara.

Faith: Veremos. Enquanto isso, o Sr. James está me chamando com seu dedo muito sexy. Tenho que ir agitar o mundo dele.

Eu: Faça boas escolhas!

Faith: Acho que você e eu já superamos isso.

Era verdade. Eu não tinha nenhuma intenção de começar um relacionamento real com ninguém, muito menos meu chefe mal-humorado. No entanto, aqui estava eu. Em uma situação de "eu senti sua falta, então voei pelo país e levei você para um luxuoso refúgio nas montanhas".

Provavelmente precisávamos conversar.

As coisas pareciam ter ficado sérias sem que percebêssemos. Eu bocejei e rolei, aconchegando-me contra um travesseiro que provavelmente estava recheado com penas de ganso orgânicas e pó de ouro.

Eu estava cochilando quando Dominic voltou para o quarto, recém-saído de um banho quente.

Eu o deixei me puxar contra seu corpo nu e envolver seus braços em volta de mim. Este era o lugar onde eu pertencia.

— Só quero te segurar por um minuto — ele bocejou.

E essa foi a última coisa que me lembro.

~

— EU NÃO POSSO ACREDITAR que dormimos o fim de semana inteiro — eu disse, recostando-me no encosto de cabeça e admirando o perfil agora bem descansado de Dominic enquanto ele nos levava para casa.

— Não foi o fim de semana *inteiro.* Houve sexo e um pouco de comida também — ele disse ironicamente. — Da próxima vez, vou me certificar de que estamos descansados e hidratados para a viagem.

Dominic teve uma cãibra muscular muito hilária em seu quadril em seu último orgasmo, mas ele heroicamente enfrentou isso para me enfiar no colchão... e no esquecimento.

Próxima vez. Havia aquela vibração no meu peito novamente.

— Você está de brincadeira? Foi perfeito. Quantas pessoas podem tirar férias para cochilar?

Ele fez uma teleconferência a caminho de casa, e eu escutei enquanto sua equipe girava, negociava e tomava decisões que afetariam a forma como as mulheres ao redor do mundo olhariam para jóias de ráfia e capas de chuva.

— Você está começando a gostar — eu apontei quando ele desligou a ligação.

Ele me lançou um olhar de lado.

— O quê?

— Você apenas ouviu as opiniões de sua equipe, tomou uma série de decisões e não teve uma crise de confiança.

Ele fez um ruído evasivo, e notei que seu polegar estava batendo no volante.

— Não vamos voltar para a sua casa? — Eu perguntei com uma carranca, enquanto ele passava pela saída.

— Eu queria dar uma passada na casa do seu pai e verificar o progresso — disse ele.

Eu bufei.

— Eu não chamaria aquilo de progresso tanto quanto de caos. Sério, quem diria que a reforma da casa poderia ser tão chata?

— Literalmente qualquer um que já tentou fazer isso sozinho — disse ele secamente.

— Ah, ah. Bem, não fique com esperanças. Parece um pouco pior do que quando você saiu. Mas é parte do processo — eu disse com

confiança. — Eu estava um pouco confiante demais, pensando que poderia ter tudo pronto até o final do próximo mês. Mas espero poder dedicar mais algumas noites e fins de semana e prepará-la para listar em junho.

Bate. Bate. Bate.

Ele não parecia inclinado a falar, então usei o silêncio para começar mentalmente uma lista de projetos que ainda precisavam ser concluídos... ou iniciados. Ugh.

Ele parou na rua do meu pai, e eu me espreguicei. Talvez já que era segunda-feira à tarde, eu pudesse convencer Dominic a passar algumas horas aqui e me ajudar a descobrir onde eu errei com o azulejo na parede da banheira.

Eu tinha acabado de escolher o melhor suborno – boquetes, sempre boquetes – quando ele parou na garagem.

Eu fiz uma careta.

— Os postes da varanda parecem diferentes para você? — Eu perguntei, apertando os olhos pelo pára-brisa. Eles pareciam mais limpos. Mais brancos. As janelas pareciam mais brilhantes também. Eu tinha sido vandalizada por um faxineiro louco?

Dominic estava suspeitosamente quieto e evitou a pergunta deixando Brownie sair do banco de trás.

Subi na varanda e percebi que o degrau mais alto não rangeu como tinha passado os últimos dez anos fazendo. Com certeza ficou mais limpo. A pintura da porta também não estava descascando mais.

— O que você fez? — Eu exigi, estreitando meus olhos em seu rosto estóico.

Tirei minhas chaves da minha bolsa, mas a chave não cabia na fechadura.

— Tente esta. — Ele ergueu uma chave nova e brilhante.

— Dominic Russo. — Eu tinha um monte de sentimentos deslizando em minhas entranhas. Tudo o que eu sabia com certeza era que ele estava em apuros. E eu também.

Peguei a chave dele e a inseri na fechadura. A maçaneta também era nova. Bronze esfregado a óleo. Combinava com as novas luzes da varanda que flanqueavam a porta.

— Oh, Deus. O que você fez? — Eu gemi.

Cheirava a tinta nova e carpete fresco. A madeira compensada nua e aquelas tachas de carpete tinham sumido. Em seu lugar havia uma bela madeira de cerejeira que parecia original. O teto foi remendado com perfeição. Eu não poderia nem dizer onde o buraco estava. A parede foi consertada. drywall intocado pintado de um ouro quente.

O piano arruinado se foi. Em seu lugar havia duas cadeiras estofadas enfiadas na alcova.

Levei meus dedos à boca e fiz um círculo lento.

Era como se estivesse em casa novamente, só que melhor. Limpa. Mais brilhante. Atualizada. Como se as memórias e a dor do ano passado tivessem sido apagadas dos ossos da casa.

— Há novas bancadas e uma nova pia na cozinha — disse Dominic, seu polegar batendo contra a coxa. — Eles colocaram um novo aquecedor de água também.

Sem palavras, olhei para as escadas. Elas foram recuperadas em um tapete bege macio.

— Vai em frente. — Ele acenou com a cabeça em direção ao segundo andar.

Subi as escadas lentamente, deleitando-me com o corrimão macio sob minha mão. Os fusos que já não balançavam. Nada rangeu, e a aterrissagem não parecia mais esponjosa sob meus pés. Mais tapete fresco aqui.

O banheiro parecia ter saído direto de uma revista com uma penteadeira de madeira recuperada, um grande espelho circular e uma banheira de azulejos de vidro ao redor. As paredes eram de um cinza bonito que combinava com o novo piso de ladrilhos.

Eu não conseguia respirar. Meu peito doeu.

Os quartos estavam vazios e, por um segundo, me senti tonta com a percepção de que em breve, muito em breve, minha casa de infância desapareceria. Suas paredes absorveriam as memórias de outra pessoa. Hospedaria as manhãs de Natal de outra pessoa.

Meu pai e eu não morávamos mais aqui. E apenas um de nós conseguiria manter as memórias.

— Eu pedi para que tudo que estava aqui fosse movido para um armazém para que você pudesse analisar e decidir o que quer manter — disse Dominic atrás de mim. — Eles também fizeram algumas atualizações no banheiro principal.

— Como? — Eu sussurrei.

— Chamei uma equipe. Demorou quatro dias.

Eu teria demorado quatrocentos. E ele sabia disso.

Eu me virei para ele, e seu rosto suavizou.

— Não faça isso, baby — ele disse, afastando as lágrimas que rolavam quentes pelo meu rosto. — Por favor, não chore. Se eu tivesse perguntado, você teria dito não.

Ele estava muito certo que eu teria dito não. Eu teria me agarrado ao meu plano. Minha linha do tempo. Meu orçamento. E, ao fazê-lo, continuaria a pôr em perigo o futuro do meu pai.

— Eu sei que você está atrasada com as contas do seu pai novamente. Isso move sua linha do tempo e tira você do vermelho agora, em vez de alguns meses depois.

— Eu nem sei o que dizer.

— Se você está brava, me diga. Eu posso aguentar — ele disse, me arrastando em seu peito e me segurando com força contra ele. — Tenho vários argumentos bem pensados planejados.

Eu me afastei e segurei seu rosto em minhas mãos.

— Eu pagarei você de volta. Cada centavo — eu resmunguei.

Ele revirou os olhos, deixando-me saber exatamente o que ele achava dessa ideia.

— Cale a boca — disse ele, sua voz cheia de emoção.

— Você realmente fez isso por mim? — Eu perguntei, minha voz tão apertada que as palavras saíram como um guincho.

Ele assentiu.

— Eu não sei se eu posso um dia...

— Me perdoar? — Ele adivinhou.

Eu balancei minha cabeça.

— Te agradecer. Eu não sei se há uma maneira de dizer um obrigada grande o suficiente, alto o suficiente. Isso é tudo. E eu estou totalmente brava com você. E um monte de outras coisas. Eu nunca esperei algo assim, Dom.

— Eu não quero um obrigado. Eu queria que você tivesse sua vida de volta.

— Você me deu muito mais do que isso — eu respirei. Minha garganta estava tão apertada como se eu tivesse engolido um enxame de vespas. — Eu amo... que você fez isso. Mesmo que eu também esteja muito brava. Ninguém nunca fez nada assim por mim. Isso é enorme. Obrigada...

Mas ele estava cobrindo minha boca com a dele e beijando as palavras embora.

63
Dominic

— NÃO ESQUEÇA SUA REUNIÃO com o corretor de imóveis na sexta-feira — eu lembrei Ally, fechando meu cardápio e deixando-o de lado.

Saímos do escritório para almoçar hoje.

Ela saltou em sua cadeira a uma batida que só ela podia ouvir.

— Estou tão animada e nervosa que não sei se vou sobreviver por tanto tempo. E se avaliar mais do que eu pensava? E se for menos? E se o mercado falir e não valer a pena? E se os compradores forem pessoas horríveis e quiserem usar o porão como um terreno de matança para seu negócio de assassinatos em série?

Eu dei a ela um olhar exasperado.

— Há muita coisa acontecendo nesse seu cérebro — observei.

Ela me deu uma olhada muito deliberada e afundou os dentes em seu lábio inferior.

— Você não tem ideia.

Eu sorri quando seu pé deslizou pelo meu tornozelo sob a mesa.

— Você já escolheu alguma partitura? — Eu perguntei. Ela estava em busca de algumas das peças favoritas de seu pai para tocar.

— Para falar a verdade, eu escolhi. Baixei algumas músicas e todas parecem muito mais complicadas do que eu pensava que seriam.

— A maioria das coisas são — eu meditei.

Pedimos nossas refeições, e quando o garçom saiu, Ally se inclinou para frente.

— Então, eu nunca tive a chance de contar sobre a filmagem de Christian para o canal da *Label* no YouTube enquanto você estava fora. — Eu fui de admirar a forma como seus olhos brilhavam para ficar vagamente irritado.

— Eu realmente não gosto que você passe tempo com aquele cara — eu disse a ela.

— Dominic Russo, você foi para Los Angeles e saiu com algumas das modelos mais bonitas do mundo em afterparties. Você me ouve reclamando?

— Sim. Sim, eu ouço. Agora mesmo.

— Christian e eu somos amigos. E é melhor você se acostumar com ele por perto porque...

— Dominic!

A voz, o tom familiar dela, fez meu sangue congelar.

Ele parecia o mesmo. Se destacando em Armani, sua cabeça cheia de cabelo prateado, impiedosamente mantido no mesmo estilo que ele teve durante toda a minha vida. Paul Russo não era nada se não consistente. Seja com sua aparência ou seus apetites repugnantes por coisas que não lhe pertenciam.

Ele teve a audácia de puxar uma cadeira e oferecer a mão para Ally. Seu anel de ônix preto do dedo mindinho piscou ameaçadoramente.

— Você deve ser Ally. Eu ouvi muito sobre você.

Eu a senti me observando, e quando ela fez um movimento para aceitar sua mão, eu a peguei. Este homem não a estava tocando. Eu não o deixaria colocar essas impressões digitais nela.

— O que você quer, pai? — Eu exigi friamente, meu olhar nunca deixando o rosto de Ally.

Seus olhos se arregalaram, mas ela não disse nada.

— Sempre com pressa — ele riu em uma falsa afeição paternal que não enganava ninguém. — Tudo bem, meu rapaz. Vou direto ao assunto.

— Faça isso.

Ally apertou minha mão.

— Preciso de alguma coisinha para me sustentar até o acordo do divórcio — disse ele. — Você conhece sua mãe. Ela está arrastando isso só para me irritar. Eu preciso de algumas centenas de milhares.

Os olhos de Ally se arregalaram.

— O salário da *Indulgence* não é suficiente?

O charme do meu pai esfriou. *Indulgence* era uma publicação respeitada. Mas não era nenhuma *Label*. Nós dois sabíamos disso.

— Isso não importa — ele insistiu.

A única vez que as coisas importavam, a única vez que o mundo deveria se importar, era quando Paul Russo estava ganhando.

— Eu te digo uma coisa, pai. Eu te dou o dinheiro.

As sobrancelhas de Ally se ergueram.

Meu pai pareceu surpreso, depois presunçoso.

— Eu aprecio isso, filho.

— Eu não terminei. Eu lhe darei o dinheiro quando você pagar a minha mãe e a mim pelos acordos em dinheiro que *nós* pagamos às *suas* vítimas.

Nossas mãos unidas estavam vibrando, e eu não sabia se era o medo de Ally ou minha raiva.

— Oh, por favor. Nós dois sabemos que aquelas garotas só queriam ganhar dinheiro rápido...

Eu me levantei tão rápido que minha cadeira quase virou.

— Eu vou te acompanhar para fora — eu disse friamente. — Está na hora de você ir.

Ele se levantou e ajeitou a jaqueta. Ele deu a Ally outro olhar avaliador.

— Se você se cansar de Dominic...

Eu apertei uma mão em seu ombro e o levei para fora do restaurante, mal resistindo à vontade de jogá-lo no vaso na entrada.

— Eu não preciso de uma escolta — ele reclamou. — Eu preciso de dinheiro.

— Eu não dou a mínima para suas necessidades. Você fica longe da mamãe. Você fica longe de mim. E você fique longe de Ally, ou você vai se arrepender de ter me chamado de filho.

— Eu não aprecio ameaças — ele zombou.

— Isso não é uma ameaça. Esta é uma promessa. Lembre-se de que a única razão pela qual você ainda tem um emprego nesta indústria é porque minha mãe e eu mantivemos nossas bocas fechadas sobre sua incapacidade patológica de entender o consentimento. E estou ficando muito cansado de guardar segredos.

— Todo mundo tem indiscrições. Olhe para você fodendo uma secretária. Você não pode escapar do seu sangue, garoto.

Uma raiva gelada apertou meu peito. Eu queria machucá-lo fisicamente. Para fazê-lo sentir apenas um grau da dor que causou aos outros.

— Indiscrições? Tente assédios — eu cuspi. — Pagamos suas vítimas pelo sofrimento que você causou. E se você acha que está recebendo mais um centavo da mamãe, eu pessoalmente cuidarei para que cada uma de suas vítimas apresente acusações criminais e ações civis contra você. Não vou descansar até que o mundo saiba que você não passa de um lixo nojento.

— Não seja tão ingênuo, Dominic — ele rosnou. — Elas não são vítimas inocentes em tudo isso. As mulheres são atraídas pelo poder, pelo que você pode proporcionar a elas. O que aquela garota ali tirou de você? Algumas bugigangas bonitas? Alguma alta costura em seu armário? Ela fez parecer que foi ideia sua? Acorda, filho. Estamos todos apenas usando uns aos outros.

— Fique longe de nós — eu disse novamente, não querendo que suas palavras penetrassem meu cérebro, mas elas já estavam se enterrando e liberando seu veneno. — Eu não estou te protegendo mais. Vou queimar o nome da família se for preciso.

— É melhor você repensar essa estratégia, meu rapaz. Eu posso fazer um pouco de dano à sua mãe. Você acha que eu fui o único que se desviou? Que eu era o único com predileções?

Eu estava balançando minha cabeça.

— Eu não acredito em uma palavra que sai da sua boca mentirosa.

Ele se inclinou, e eu podia sentir o cheiro de uísque em seu hálito. Porque é claro que ele já tinha começado a ceder. Paul Russo não sabia como não.

— Sua mãe, aquelas garotas, aquela secretária ali? Elas são as mentirosas, e você é apenas o tolo que caiu nas mentiras.

Eu fiz o que eu queria por tanto tempo. Eu puxei para trás e acertei o homem bem no rosto. Seu nariz fez um ruído de trituração que não foi tão satisfatório quanto eu esperava.

— Você é o maldito mentiroso — eu disse, de pé sobre ele desejando que eu pudesse continuar batendo nele até que ele sentisse um pingo da dor que ele infligiu.

— Há um problema aqui? — Um porteiro veio correndo de seu posto e ajudou meu pai a se levantar, me lançando olhares desconfiados.

— Não mais — eu disse.

Meu pai deu um passo em minha direção, segurando um lenço de linho sob o nariz sangrando.

— Acredite nisso, Dominic. Se você não conseguir o que eu quero, serei forçado a lembrá-lo o quanto ainda sou importante para você e sua mãe.

— Experimente, meu velho — eu disse, desafiando-o.

O porteiro estava debatendo se deveria ou não ficar entre nós. Os transeuntes estavam nos dando um amplo espaço. Essa era a coisa sobre pessoas normais. Elas podiam sentir o mal. E entre meu pai e eu, havia um vórtice disso girando.

— Você fez sua cama — disse ele. — Eu te dei uma chance. Da próxima vez que seu pai pedir algo, você vai se lembrar disso.

— Você nunca foi um pai para mim.

— Que coincidência. Você sempre foi uma decepção para mim.

Ele se afastou, o casaco esvoaçando ao vento, parecendo o vilão que era.

Eu estava com tanta raiva que estava tremendo.

— Dom?

Ally. Quanto ela tinha visto? Quanto dele ela tinha visto em mim?

— Eu não quero falar sobre isso — eu insisti, me recusando a olhar para ela. Eu não a queria perto disso. Em qualquer lugar perto dos sentimentos que meu pai despertava em mim. Eu não queria manchá-la.

Ela pegou minha mão e a apertou. Mas eu puxei para fora de seu alcance.

— Dominic, me escute. Você não é nada como ele — ela disse calmamente.

— Eu disse que não quero discutir isso — eu rebati, olhando cegamente por cima da cabeça dela. Eu não conseguia olhá-la nos olhos. Ela nos viu lado a lado. Não havia como negar as semelhanças.

— Vamos voltar para dentro — disse ela.

Eu a segui, tomando cuidado para não tocá-la. E quando nos sentamos, pedi uma bebida. Uma dupla.

Se foi bom o suficiente para ele, seria bom o suficiente para mim.

64
Ally

EU DECIDI DAR A DOMINIC um pouco de espaço naquela noite. Às vezes, o tempo e o espaço eram as únicas coisas que podiam curar a dor. Então eu usei meu tempo da minha segunda maneira favorita. Eu conduzi minha aula de dança através de uma rotina desafiadora que deixou todos suados e ofegantes no final. Mas nós arrasamos, e todos, inclusive eu, saímos sorrindo.

Era a última aula da noite, e ao invés de correr para casa para Dominic como tinha se tornado meu hábito, eu criei uma nova playlist.

A música começou. E eu deixei meus quadris e ombros encontrarem a batida de condução.

Dançar me ajudava a me mover fisicamente através das coisas que estavam me incomodando. Como o fato de que Dominic se sentia confortável em entrar na minha vida e resolver todos os meus problemas para mim, mas não compartilhava ou não podia compartilhar seus próprios problemas.

Sim, ok. Então havia o típico "não quero falar sobre isso" que parecia vir codificado no cromossomo Y. Mas sua predefinição de cofre era algo diferente. Seu "não quero falar sobre isso" veio com um acompanhamento de "não confio em você".

Eu estava ferida.

Mais importante, eu estava preocupada.

Eu sabia como ninguém as cicatrizes que os pais podiam deixar nos filhos. Mas também não estava em posição de iniciar uma conversa sobre o futuro. Ainda não.

Girando ao redor, chutei alto para a direita. Dancei e me movi e rastejei pela música e depois outra e outra até que minha camisa estava encharcada de suor e meus músculos cantavam.

Continuei até que me senti solta e forte. Até que me senti feliz novamente.

Levei aquela felicidade para casa comigo. A porta do escritório de Dominic no segundo andar estava fechada, então fui até o quarto e tomei banho. Brownie estava longe de ser encontrado, o que significava que ele provavelmente estava olhando amorosamente para seu pai mal-humorado.

A porta ainda estava fechada quando desci de roupão. Então esquentei o jantar e comi sozinha na cozinha. Eu dei mais dez minutos antes que eu não aguentasse mais.

Eu bati e então abri a porta dele.

— Sim?

Ele parecia perturbado. Brownie estava esparramado a seus pés, olhos tristes.

— Dom? — Fiz uma pausa na porta.

Ele olhou para cima, e eu vi o brilho em seus olhos.

Ele deu um tapinha em sua mesa, e eu atravessei a sala até ele. Eu pisei entre suas pernas abertas, e ele deixou sua testa cair no meu estômago, seus dedos brincando com o cinto do meu roupão.

Os nós dos dedos da mão direita estavam rachados e machucados. Mas eu sabia que era seu coração que tinha sofrido o maior dano.

— Posso fazer alguma coisa para você? — Eu perguntei suavemente.

Ele olhou para mim. Seus olhos e aquela sombra de sorriso estavam tristes.

— Sim.

— Me diga.

Ele agarrou meus quadris e me levantou em sua mesa.

— Me peça algo.

— Alguma coisa em particular?

— Eu quero que você me peça algo que só eu posso te dar. Algo que você precisa. Eu quero que você precise de mim.

Se eu tivesse uma chance com Paul Russo, eu não pararia até que seu rosto parecesse carne moída. Então eu rasparia sua cabeça inteira, jogaria uma banana de dinamite em suas calças e o chutaria de um píer para águas infestadas de tubarões.

— O que esse olhar significa? — Ele perguntou, seu sorriso aquecendo agora.

— Você provavelmente não quer saber.

Suas mãos deslizaram para dentro do roupão e deslizaram pelas minhas coxas. Aquele pequeno toque, leve como uma borboleta fez com que mandasse um aviso para minhas partes femininas ficassem agitadas.

O que eu poderia pedir a ele? Algo que não envolvesse nudez e orgasmos imundos.

— Você vai me levar para jantar amanhã? — Eu perguntei suavemente.

Ele olhou para mim, surpreso.

— É claro.

Dominic deslizou as mãos para cima e sobre meus quadris, separando o roupão. Ele se inclinou e deu um beijo no topo de uma coxa.

— Eu esperava mais — admitiu.

Mais? O homem havia me dado um emprego, um piano, uma casa pronta, um futuro que não me envolvia trabalhar até a morte prematura. O que mais havia para pedir?

Eu me mexi, deixando-o abrir o roupão o resto do caminho.

Entediado, Brownie saiu da sala e desceu as escadas.

Os olhos de Dom estavam colados no ápice das minhas coxas, e eu assisti, quase hipnotizada, enquanto ele pegava dois dedos e os deslizava preguiçosamente pelas minhas dobras. Estremeci um suspiro.

— Eu quero que você precise de mim, Ally. Eu não me importo se é dinheiro ou sexo ou um encontro para o casamento do seu primo neste verão. Peça-me algo. Deixe-me te dar algo.

Sua respiração estava quente em minhas coxas. Aqueles longos golpes de seus dedos estavam fazendo meu corpo zumbir, meu sangue ferver.

— Venha conhecer meu pai? — Eu perguntei fracamente.

Seu olhar piscou para o meu, abandonando sua vigília no meu sexo.

— Você quer que eu vá? — Seus dedos encontraram minha abertura já escorregadia e pressionaram muito suavemente.

Eu queria?

— Sim.

— Eu gostaria disso — disse ele. Seus olhos seguraram os meus enquanto aqueles dedos gloriosos mergulhavam em mim. Eu o observei me observar enquanto ele os torcia dentro de mim. Meu aperto em sua mesa estava com os nós dos dedos brancos.

— Este fim de semana? — Eu consegui guinchar as palavras.

— Sim.

Sua língua passou sobre a curva do meu quadril, me eletrizando e me fazendo desejar que fosse meu clitóris que ele circulou.

— Você está molhada — ele respirou, olhando novamente para onde seus dedos estavam se movendo dentro de mim.

— Sua culpa — eu sussurrei.

— Me peça isso — disse ele rispidamente, coçando sua barba contra a pele sensível da parte interna das minhas coxas enquanto seus dedos trabalhavam ritmicamente.

— Dominic?

— Sim, baby?

— Você pode me fazer gozar? Por favor? — O "por favor" foi apenas um sussurro.

— Qualquer coisa para você, Ally. Você me ouviu?

Eu balancei a cabeça, mas eu não estava pensando em suas palavras. Eu estava pensando sobre o quanto eu não gostava que ele tivesse puxado os dedos para fora de mim. Mas suas mãos estavam em meus quadris agora, deslizando-me para a borda da mesa.

— Incline-se para trás — ele ordenou. Eu caí para trás desajeitadamente em meus cotovelos e o observei abrir minhas pernas.

Ele deu um grunhido de satisfação. Eu sabia o que ele estava vendo. Carne inchada, rosada e escorregadia com excitação.

— Você sempre precisa de mim assim — disse ele.

Era verdade. Eu entreguei todas as responsabilidades da minha satisfação sexual ao meu chefe. Eu não tinha interesse em...

Meus pensamentos foram interrompidos quando sua língua saiu e fez cócegas naquele feixe de nervos carente.

Era como se eu tivesse acabado de descobrir que meu corpo vinha com um botão Sexo Agora. E Dom era a única pessoa no mundo que sabia como empurrá-lo.

— Eu sonhei com você assim. Espalhada para mim. Aberta. Precisando de mim. — Ele disse entre golpes longos e lânguidos de sua

língua. Ele me lambeu do clitóris ao centro e de volta novamente. Uma e outra vez.

Engoli em seco, incapaz de responder. Eu definitivamente tinha caído de uma plataforma de trem, batido com a cabeça, e os últimos três meses da minha vida foram uma alucinação. A qualquer momento, eu seria atropelada por um trem.

No entanto, aqui estava eu, em sua mesa. O rosto de Dom pressionado entre minhas pernas. Toda vez que eu tentava fechar minhas pernas para me proteger, ele as forçava a alargar. Era um jogo que eu adorava perder.

Eu descaradamente fodi seu rosto e não senti vergonha.

Seus dedos me encontraram novamente. Dois deslizaram para dentro de mim e saíram. Então eram três. E quando eles se curvaram um pouco, minha cabeça caiu para trás.

Ele estava rosnando contra a minha boceta, me fodendo com a língua e os dedos, e eu estava uma bagunça, derretendo na papelada que, com sorte, não era importante.

A primeira onda me pegou de surpresa. Eu já estava tão perto de gozar. O homem era um maestro. Um especialista. Um maldito mago, produzindo orgasmos com um movimento casual de seu pulso.

Ele gemeu, a língua pausando seu ataque delicado.

— Não goze — ele ordenou.

— Uh, então é melhor você parar o que está fazendo agora — eu engasguei.

Ele se levantou, sua cadeira batendo nas prateleiras atrás de sua mesa. Ele me segurou presa à mesa com uma mão no centro do meu peito. A outra ele usou para liberar sua ereção maciça de suas calças.

Eu não tinha reprovado em biologia. Eu sabia como os paus funcionavam. Mas o de Dom parecia ficar mais grosso e mais longo toda vez que chegava perto de mim.

— Eu quero sentir você gozar no meu pau. Eu quero sentir esses apertos gananciosos quando você gozar, baby.

Sim. Definitivamente quase morta em uma estação de trem. Pessoas reais não falavam assim. Pessoas reais não estavam desesperadas para entrar em mim. Para foder seu caminho para dentro do meu corpo.

Mas Dominic era.

Sua mandíbula estava apertada quando ele agarrou o eixo. Acariciando-se, fodendo sua própria mão, ele trouxe a cabeça para onde eu mais precisava dele.

Ele deslizou no mesmo caminho que sua língua havia percorrido. Para frente e para trás, através das minhas dobras molhadas. Meu clitóris estava tocando um SOS, meu núcleo doía com o vazio.

Ele estava vazando pré-gozo como se fosse um esporte competitivo. E eu. Estava. Aqui. Para. Isso.

Na próxima deslizada escorregadia, ele continuou, a ponta de seu pau abrindo as bochechas da minha bunda, parando para me provocar naquela abertura.

— Não sem lubrificante, amigo. — Estremeci as palavras. O fato de que ele queria me tocar em todos os lugares me deixou animada em ser tocada em todos os lugares. — E lembre-se, eu tenho minha chance em você.

— Caralho, Ally — ele gemeu.

— Sim — eu concordei. — Caralho dentro da Ally. Agora.

Ele se inclinou para frente, alinhando a cabeça romba de seu pau com a minha entrada. Ele mordeu meu mamilo, e eu estremeci.

— Eu amo seus peitos, baby.

— Ame eles com seu pau em mim.

Ele estava completamente vestido. Suas calças foram desfeitas apenas o suficiente para seu pau sair para brincar.

Eu amei. Eu amei que ele me quisesse tão ferozmente.

Sem aviso. Sem a finesse que eu mal tive tempo de me acostumar, Dom empurrou em mim, segurando minhas pernas abertas na altura dos joelhos. Eu realmente precisava trabalhar a flexibilidade do meu quadril.

Seu gemido foi longo e vitorioso. Passei mais dez ou vinte segundos arqueando a mesa em um grito silencioso de êxtase.

— Eu não vou durar muito. Não com você espremendo a vida para fora de mim com essa linda boceta rosa — ele avisou.

— Cale a boca e me foda, Dom.

Ele bombeou em mim sem levar em conta os itens caindo de sua mesa e caindo no chão.

— Essa é minha garota. Eu sinto você lutando contra.

Era verdade. Eu estava fugindo do orgasmo só para poder ser fodida avidamente um pouco mais.

Mas Dom não queria nada disso. Ele prendeu meus quadris na mesa e entrou em mim.

— Goze. Agora.

Eu abri minha boca para dizer a ele que não funcionava assim. Que as mulheres não gozavam magicamente sob comando porque um cara gostoso mandou. Mas eu estava muito ocupada me contorcendo sob ele enquanto ele se apoiava em mim, me levando direto para a beira do penhasco e em uma detonação nuclear. Eu senti nos meus dedos dos pés. Nas raízes do meu cabelo. Todo o meu ser estremeceu, se apertou e gozou.

Ele estava lá. Ele estava comigo. Bombeando em mim, gozando tão forte que ele estava grunhindo guturalmente em cada impulso molhado que arrancou mais dele.

Eu nunca senti nada parecido. Não antes dele. A tempestade quebrando. As nuvens se separando enquanto pulávamos juntos no abismo.

65
Dominic

EU ESPEREI ATÉ QUE eu fosse capaz de bloquear minhas emoções em torno da pequena chantagem espontânea de meu pai antes de fazer o que tinha que ser feito. Era tarde de sexta-feira, e os assistentes de minha mãe tinham ido para casa.

— Entre — ela chamou um momento depois da minha batida superficial.

Encontrei-a no sofá, sapatos tirados debaixo da mesa de centro de vidro, pés descalços dobrados sob a perna de Simone ao lado dela. Elas estavam bebendo o que cheirava a tequila muito cara.

Tive a nítida impressão de que acabara de interromper alguma coisa.

— Dominic, querido. Venha se juntar a nós — minha mãe disse cansada. — Sirva-se um copo. — Eu conhecia aquele olhar. E eu sabia o que sempre causava aquele olhar. Ou mais especificamente quem.

Simone me deu um sorriso simpático. Um aviso de que isso era realmente ruim.

— O que aquele bastardo fez agora? — Eu perguntei, pegando um copo do carrinho de bar bem abastecido que minha mãe mantinha no canto.

Simone pegou meu copo e serviu generosamente.

— Não foi ele desta vez — disse ela.

— Acabei de falar ao telefone com o advogado de Elena — mamãe disse.

Incrédulo, eu fiz uma careta.

— Por quê?

— Parece que ela não está mais interessada em aparecer na capa de maio — minha mãe disse com uma completa falta das emoções que eu sabia que giravam sob sua superfície implacável.

— Nós já começamos a primeira tiragem — eu disse, segurando meu copo.

— Depois que ela ameaçou uma ação judicial, a tiragem foi pausada até que possamos explorar nossas opções — disse mamãe.

— Isso é uma merda. Este é apenas mais um estratagema publicitário estúpido. — Eu nunca contei à minha mãe porque terminei com Elena. E ela nunca perguntou. Nós não tendíamos a compartilhar coisas a menos que não houvesse outra maneira de contornar isso. Como a demissão do meu pai e o divórcio deles.

— Ela assinou os lançamentos. Legalmente, você pode prosseguir — disse Simone.

— Não estou inclinada a colocar na minha capa alguém que não reconheça a honra que é estar lá. Fazer isso daria a ela o prestígio da capa *e* a plataforma para reclamar sobre como a grande e má Dalessandra Russo não a deixou mudar de ideia.

Minha mãe girou a esmeralda em seu dedo médio.

— Ela deu alguma indicação de que ia desistir no último segundo? — Eu perguntei. Algo estava me incomodando na parte de trás da minha cabeça.

— De jeito nenhum. Na verdade, ela me enviou um cartão com uma quantidade excessiva de pontos de exclamação dois dias atrás me agradecendo pela oportunidade.

Eu belisquei a ponte do meu nariz. Essa mesquinharia estava ficando cada vez mais difícil de ignorar.

Eu xinguei e bebi a tequila. Sua queimação suave foi um alívio bem-vindo do aperto na minha garganta.

— Vou falar com ela — eu disse.

As sobrancelhas da minha mãe se ergueram.

— Seu término não foi um pouco... dramático?

— Não para mim — eu disse friamente.

As duas mulheres trocaram um olhar.

— Eu vou falar com ela — eu repeti. — Enquanto isso, comece a pensar em um plano B. Quem merece aquela capa? — Se eu estivesse certo, nenhuma quantidade de conversa iria colocar Elena de volta naquela capa.



ELA AINDA MORAVA no mesmo prédio. Um local ostentoso com unidades voltadas para o Central Park. A capa da *Label* poderia ter lhe dado uma cobertura a alguns quarteirões ao norte, e Elena sabia disso. A mulher era calculista e concentrada. Ela não teria simplesmente se afastado da história de capa que ela fodeu até a minha cama dois anos atrás para conseguir.

Eu tive sorte e peguei a porta quando uma mulher com dois cachorros enormes com coleiras de strass saiu. Fiz uma pausa para dar-lhes tapinhas dignos antes de pegar o elevador para o quarto andar. Foi um caso de déjà vu, andando pelo ensolarado corredor amarelo até o 4C. A última vez que estive aqui, ela atendeu a porta com a camisa de outro homem.

Mas pouco importava na época, e certamente não importava agora.

Eu bati.

Desta vez, ela abriu a porta em uma nuvem de fragrância e suas próprias roupas. Elena Ostrovsky era uma mulher bonita, e ela sabia disso. As pessoas diziam isso a ela desde que ela tinha quatorze anos. Ela tendia a ficar nervosa se eles demorassem muito sem lembrá-la.

Para uma tarde em casa, seu cabelo estava feito em cachos grossos e brilhantes e penteado para o lado em um rabo baixo. Seus olhos foram pintados em cobre e bronze. Eu nunca a tinha visto sem maquiagem. Nós nunca passamos uma noite inteira juntos, e só agora eu achei isso estranho.

— Dominic. — Eu não gostei do jeito que meu nome soou em seus lábios. — Estou tão feliz que você está aqui.

— Você está? — Eu perguntei.

— Entre — disse ela, afastando-se da porta e abrindo-a mais. Ela estava vestindo calças de couro vermelho e uma blusa preta de grandes dimensões, e salto agulha cravejado de ouro. Apenas um dia tranquilo ao redor da casa.

— Estou interrompendo? — Era metade curiosidade e metade preocupação legítima.

— Não, não! Claro que não — ela insistiu, ignorando o insulto ou não lembrando que tinha sido uma pergunta muito válida da última vez.

Eu não sabia. Porque eu não a conhecia.

Eu entrei. A mobília era diferente, notei. Atualizado desde a minha última visita. Sofá branco. Cadeiras brancas. Uma coisa que era a mesma era a Muralha de Elena. Fotos emolduradas, capas de revistas, fotos da passarela e tapetes vermelhos. Todas as fotos foram cortadas e editadas, então era só ela.

Quando estávamos namorando, achei "interessante" quando ela adicionou uma foto de nós dois durante a Semana de Moda de Nova York e depois cortou tudo, exceto meu braço. Eu pensei na caixa de fotos emolduradas de Ally que ela trouxe para casa das coisas de seu pai na unidade de armazenamento. Fotos espontâneas em quadros

incompatíveis de todas as pessoas que ela mais amou na vida. Não há uma foto de glamour a ser encontrada.

— Você pode adivinhar por que estou aqui — eu disse, enfiando as mãos nos bolsos.

Elena me deu seu beicinho mais bonito.

— Você não está aqui porque sente minha falta?

— Não. A capa, Elena.

Ela saltou até o sofá baixo e sentou-se, cruzando um joelho sobre o outro, esticando os braços sobre as costas. Posando.

— Não quero mais fazer isso. — Mas a mentira não chegou a seus olhos.

— Sim. Você quer. Você sempre quis essa capa. É por isso que você começou a namorar comigo.

Ela revirou os olhos.

— Sempre com a mesma música e dança. — Ela pegou o maço de cigarros que tinha sobre a mesa.

— Eu acho que é por isso que você mudou de parceiro no meio da dança.

— Dominic, isso foi há séculos — disse ela, acendendo um cigarro fino. — Vamos esquecer tudo isso. — Ela deu um tapinha no sofá ao lado dela.

Ignorei o convite.

Eu não gostava de estar aqui. Eu não gostava de estar perto dela. Os fortes contrastes entre ela e Ally, meu passado e meu presente, eram estonteantes.

— A capa — eu repeti. — Qual é o seu jogo?

Ela desviou o olhar novamente e passou a mão sobre um travesseiro peludo, os dedos puxando os tufos de marfim.

— Eu mudei de ideia — ela disse, menos enfaticamente.

— Você mudou de ideia ou alguém fez você mudar de ideia?

— O que isso importa?

— Ainda podemos publicar sua capa, sua história. Você assinou os lançamentos — eu a avisei. — Isso não vai ficar bom para você, renegando um acordo com Dalessandra Russo.

Ela se encolheu então. Elena já tinha fama de ser difícil. Ela aparecia tarde, saía cedo e passava a maioria das filmagens reclamando. Sua agente e sua aparência eram as únicas coisas que a mantinham bem empregada.

— Ela não vai fazer nada sobre isso — disse ela, estudando suas unhas. — Ela vai me deixar sair disso e ficar bem.

— Isso não soa como você, Elena. Eu me lembro de você confessar que minha mãe era sua ídola quando você era uma modelo adolescente fazendo shows de carros e fotos de catálogo. Você sabe quem isso soa para mim?

Ela deu de ombros como se não pudesse se importar menos, mas aqueles olhos verdes não naturais estavam lacrimejando.

— Meu pai — eu disse.

Seus olhos dispararam para mim, arregalados de surpresa.

— Você sabe?

— Imaginei. O que ele te prometeu?

Ela caiu contra a almofada.

— A capa de *Indulgence*. Eu não posso fazer as duas coisas.

— Por que você escolheria *Indulgence* em vez da *Label*? Elas nem estão na mesmo patamar.

— É uma boa oportunidade — ela repetiu.

— Diz meu pai que conseguiu um emprego com eles, e agora ele está roubando conteúdo da *Label*. Repito, por que você está fazendo isso?

Ela mordeu o lábio inferior entre os dentes com força suficiente para que eu me preocupasse que o enchimento vazaria.

— Ele tem algo meu — disse ela.

— Cristo. — Passei a mão pelo meu cabelo. — O quê?

— Uma fita — ela respondeu em uma voz minúscula.

— Que tipo de fita?

— Que tipo de fita você acha? Uma fita de sexo.

Suspirei.

— Elena, vamos. Você entende melhor que isso. — Eu conhecia sua agente pessoalmente, uma mulher sensata que educou seus subordinados de todas as maneiras que o mundo poderia mastigar e cuspi-los se eles não fossem muito inteligentes e muito cínicos.

— Eu não sabia. Eu não sabia que ele tinha feito uma.

— Isso é ilegal.

— Eu não posso provar isso, e ele sabe disso — ela disse, lágrimas gordas finalmente abrindo caminho pela selva de cílios.

— Como meu pai conseguiu a fita? Alguém vendeu para ele? — Talvez eu pudesse finalmente encontrar uma maneira de enforcar Paul Russo. Chantagear a família era uma coisa, mas esse era um baixo totalmente novo.

Ela balançou a cabeça.

— Você não sabe?

Ela respirou trêmula.

— Ele a gravou.

66
Dominic

MINHA MÃE AINDA estava no escritório quando voltei. Ela reuniu as tropas em seu escritório. Linus, Irvin e Shayla se juntaram a um punhado de editores. Havia caixas de comida tailandesa e garrafas de vinho em todas as superfícies planas. As pessoas andavam de um lado para o outro e desabavam e jogavam ideias enquanto minha mãe girava os óculos de leitura pelo braço e recusava uma por uma. Irvin foi jogado para trás em uma cadeira, com o telefone colado na mão.

— Mãe? Um minuto. — Eu enganchei meu polegar sobre meu ombro, não querendo arejar nossa roupa suja de Russo na frente de todo mundo.

Ela pegou seu chá e me seguiu até o corredor.

— Vamos, pessoal, foco — disse Linus, batendo palmas enquanto saíamos. — Temos setenta e duas horas para bolar um plano, filmá-lo e escrever a maldita história.

— Você falou com Elena? — Mamãe perguntou.

Eu balancei a cabeça.

— Temos problemas maiores do que uma modelo egoísta.

— O quê?

— Mais como quem. Elena se comprometeu a fazer a capa de maio da *Indulgence*.

— Isso é ridículo. A circulação deles é apenas sessenta por cento da nossa.

— Ela está sendo chantageada para isso.

Ela fechou os olhos e soltou um suspiro.

— Paul.

— Parece que ele está chantageando ela com uma fita de sexo.

Os olhos de minha mãe se abriram.

— Isso é bastante baixo, mesmo para ele.

— Fica pior. Ele tem a fita porque ele a fez.

— Fez como em...

— Ele teve um caso de um ano com Elena, que por acaso se sobrepôs tanto ao seu casamento com ele quanto ao meu relacionamento com ela.

Era a camisa do meu pai que ela estava usando quando eu apareci em seu apartamento dois anos atrás.

Minha mãe olhou para a xícara de chá em sua mão por um longo tempo, então a atirou contra a parede. A conversa na sala foi interrompida. Parecia que nós Russos estávamos começando a ter problemas para controlar nossos temperamentos.

— Estão todos bem? — Linus perguntou lentamente, aproximando-se com cautela.

Mamãe deu a ele um sorriso protetor.

— Está tudo bem. Acabei de deixar cair o meu chá. Está na hora de algo mais forte de qualquer maneira.

— Mãe.

Ela levantou um dedo indicador, efetivamente me calando. Russos não discutiam as coisas. Certamente não admitimos ter sido traídos. E definitivamente não mostrávamos fraqueza.

— Venha para dentro, Dominic. Vamos descobrir em que direção devemos ir.

Com um suspiro, eu a segui para dentro e peguei meu telefone.

> *Eu: Vai ser uma noite longa. Estou com minha mãe em uma sessão de estratégia de emergência sobre a história de capa de maio.*

Ally: Elena? Estou oficialmente ficando acordada para uma atualização. Vou colocar seu jantar na geladeira e levar Brownie para passear. Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa.

Talvez eu devesse contar a ela. Segredos só pareciam apodrecer.

Peguei uma caixa de macarrão e me acomodei com o resto da equipe.

Uma hora depois, ainda não estávamos nem perto de uma solução.

Linus sentou-se de onde estava reclinado no sofá.

— Já sei! Por que não colocamos Ally na capa? Parece que a fama dela está subindo — brincou.

Minha mãe relaxou com uma risada.

— *Foi* uma foto impressionante — ela concordou.

— Qual foto? — Eu exigi.

— Instagram de Christian James — disse Linus, os dedos voando sobre a tela do telefone. — Eu não posso acreditar que você ainda não viu. — Ele deslizou o telefone para mim.

Senti meu coração desajeitadamente perder uma batida quando um calafrio se instalou no meu peito.

— O que é isto? — Eu perguntei, olhando para a foto.

— Você não sabia disso? — Minha mãe perguntou.

— Eu não tinha ideia — eu disse, sentindo a faca se contorcer em mim. A traição era o tema do dia. Quantas vezes um homem poderia ter suas pernas varridas debaixo dele antes que ele não voltasse a se levantar?

— Eu preciso cuidar de uma coisa — eu disse, me levantando abruptamente.

~

— VOCÊ PARECE CONFORTÁVEL — eu disse, meu tom muito suave para ela perceber a raiva que eu estava engasgando.

Ally ergueu os olhos de seu casulo no meu sofá e sorriu.

— Sua culpa por ter uma mobília tão confortável — ela brincou. — Quer trazer seu jantar aqui e se aconchegar enquanto você me conta todas as fofocas?

Essa charada de afeto revirou meu estômago.

Joguei meu telefone no colo dela.

Ela pegou, sorriu. E aquela faca em minhas entranhas torceu novamente.

— Uau. Eu não pareço tão ruim.

— Se importa de explicar? — Eu perguntei, meu tom era enganosamente suave. Eu queria que ela mentisse para mim para que eu pudesse chamá-la atenção sobre isso. Porque havia apenas duas razões pelas quais ela estaria na foto de Christian James em uma cama, com um vestido aberto olhando para a câmera como se fosse um amante. Como se fosse eu.

— Bem, eu não posso explicar tudo ainda — disse ela. — Porque é uma surpresa. Mas era sobre isso que eu estava falando na quarta-feira no almoço. Faith e eu fomos ao estúdio dele para aquela filmagem.

— Você está transando com ele ou me usando? — Eu perguntei, minha garganta em carne viva.

Ally piscou, e eu observei a cor lentamente sumir de seu rosto.

Bom. Eu queria que ela sofresse como eu sofri.

Ela respirou fundo e soltou.

— Você está estressado e exausto. Eu vou te dar um passe livre. Mas, Dom, você não pode fazer acusações assim — ela disse calmamente.

— Oh, eu não posso perguntar por que você estava na cama dele, seminua? Então qual é? Fodendo com ele ou me fodendo.

Ela se desenrolou do cobertor e ficou de pé.

— Nada aconteceu — ela disse friamente. — De onde isso está vindo?

— Da porra do Instagram. É de onde veio. Parece que você está se tornando bastante popular.

— Não há nada acontecendo entre mim e Christian. Nós somos amigos. Ele me fez um favor, e eu fiz um por ele.

— O favor foi posar seminua em uma cama ou transar com ele?

Ally não era o tipo de garota que batia em alguém. E graças à minha visão de túnel vermelho, eu nem vi o punho dela voar até acertar meu rosto.

A nova dor foi um alívio bem-vindo da ferida dentro de mim.

— Como você se atreve — ela sussurrou.

Agarrei seu pulso e a puxei contra mim.

Sua respiração ficou presa quando nossos corpos colidiram, e eu me odiei por ficar fodidamente duro contra ela. Meu pau tinha zero auto-respeito. Eu não tinha tanta certeza sobre o resto de mim.

— Por que você estava sozinha com ele em um quarto com uma cama? — A ideia dela e daquele filho da puta charmoso e viscoso em uma cama juntos me rasgou por dentro. Mesmo que ele estivesse apenas tirando fotos dela.

— Você percebe o quão ridículo isso é? Eu não estava sozinha com ele. E se você não estivesse tão ocupado tentando me acusar por crimes imaginários, você notaria que era o mesmo cenário para a gravação do vídeo que a equipe de conteúdo online montou na semana passada. Eu estava no set.

Ela estava tentando puxar seu braço do meu aperto, mas sua mão livre estava enrolada em minha camisa, me segurando contra ela. Senti um fio de sangue no canto da boca, e minha língua saiu para prová-lo.

Os olhos de Ally seguiram o movimento. Seu lábio inferior tremeu, e eu queria afundar meus dentes nele. Eu queria beijá-la até ela se machucar do jeito que eu me machuquei.

Esqueça meus pais, nós éramos os fodidos usando uma briga como preliminares.

Eu a soltei e dei um passo deliberado para longe.

— Você honestamente acredita que eu trairia você? Que você significa tão pouco para mim que eu estaria disposta a jogar tudo fora? — Ela perguntou.

Não estava conseguindo pensar agora. Eu estava muito ocupado sentindo mil lâminas diferentes de emoções. Mas eu realmente acreditava que Ally deixaria alguém tocá-la quando estávamos tão... conectados?

— Não — eu murmurei. Seus ombros relaxaram por um momento. — Mas certamente elevou seu perfil. — Eu cuspi a acusação, surpreso que mais uma vez, eu tinha caído nessa. Só que desta vez, doeu. Realmente doeu.

— Meu *perfil*? Você perdeu a cabeça? Eu não tenho perfil! Eu sou a namorada de Dominic Russo e usei um belo vestido na frente de algumas câmeras uma vez.

— Você terá muitas oportunidades agora, graças a este pequeno truque de pseudo-celebridade.

— Espero que você tenha sido mais gentil com sua ex modelo sobre sua profissão escolhida — Ally retrucou.

— Nunca mais mencione ela para mim — eu rebati. Ela apertou exatamente o botão certo para me lembrar do que eu queria esquecer.

Eu me senti doente, vazio e como se não valesse a pena o esforço de ficar de pé. Eu me inclinei contra a parede e deslizei para baixo.

Olhei para o teto, imaginando a sala acima de nós. Minha cama. Nossa cama.

É onde começamos. Onde estávamos no nosso melhor. O centro da nossa porra de relacionamento. Mas isso não me preparou para isso. Eu estava tremendo. Tremendo fisicamente.

— Dom? — Sua voz era mais gentil do que eu merecia, e ela estava ajoelhada na minha frente. Ela deveria estar me chutando, jogando coisas, não me olhando nos olhos.

— Ele transou com ela. Enquanto eu estava namorando com ela.

— Quem?

— Meu pai — eu cuspi. — Nunca fomos sérios. Elena e eu. Ela estava me usando pela atenção. Ela avisava os paparazzi quando estávamos fora. Eu descobri, e quando fui confrontá-la, ela atendeu a porta com a camisa de outro homem. Ele ainda estava lá, e eu não me importei o suficiente para descobrir quem.

— Foi o seu pai? — Ally perguntou lentamente.

— Ele sempre gostou de tirar coisas de mim. Sempre uma competição.

Ela colocou a mão no meu ombro e apertou.

— Seu pai é um bastardo doente.

— Você não conhece a metade. Ele fez uma fita. Uma fita de sexo. Por isso ela desistiu da história. Ele ameaçou divulgar. Sua reputação teria sido atingida. — Enquanto isso, sua lenda só iria crescer. O homem de sessenta e oito anos fodendo modelos quarenta anos mais nova.

— Ela te disse? — Ally perguntou.

Eu balancei a cabeça.

— Fui vê-la. Eu estava irritado. Eu pensei que ela estava fazendo isso por atenção. E ela me contou. Então ela me implorou para ajudá-la.

Pediu para sair com ela, ser visto com ela para que as pessoas falassem sobre nós em vez dela. Ela pensou que ninguém acreditaria que havia uma fita de sexo se eu estivesse disposto a estar com ela novamente.

Ela queria me usar novamente. Isso é o que todas elas queriam. E não importa o quanto eu desse, nunca era o suficiente.

— Eu não sei com quem estou mais bravo agora. Você, seu pai ou Elena. E acredite em mim, isso é dizer alguma coisa — Ally disse.

— Acho que tenho um tipo — eu disse amargamente.

Ela me prendeu com o olhar, me desafiando a dizer as palavras que estavam colocando minha língua em chamas.

— Aproveitadoras — eu disse.

A mão no meu ombro se fechou e então me soltou completamente.

— Uh-hum. Então você me acusa de traí-lo, e quando isso não pega, você vai direto para a lista de eu ser uma aproveitadora? Adivinha? Você ganhou. Estou mais irritada com você.

— Não é realmente sua culpa — eu assegurei a ela. Ela não me forçou a lhe dar nada. Ela apenas tornou as coisas fáceis, divertidas até.

— Dominic, estou te dando uma chance de calar a boca. Eu sei que você está ferido. Eu sei que você está cambaleando. Mas não sei se posso perdoá-lo pelo que você já disse.

Eu não precisava de perdão. Eu não queria. Eu que fui injustiçado.

— É isso que você estava fazendo? Todos aqueles presentes foram testes para ver se eu os aceitaria? — Ela perguntou.

— Você os aceitou. Você nem briga mais por ficar aqui. Você ficou aqui todas as noites por semanas.

— Porque você me pediu!

— Ou é porque funciona melhor para você? Você ganha um lugar agradável e quente para ficar que não exige que você se levante ao raiar do dia para ir ao trabalho. Foi por isso que finalmente quis me

apresentar ao seu pai? Você estava esperando que eu entrasse lá e decidisse magnanimamente pagar a dívida dele? — As palavras estavam saindo da minha boca como se eu não tivesse nenhum controle. Eu costumava ter o controle. Antes dela.

Ela afundou para trás como se eu realmente tivesse batido nela.

— Eu sou um idiota do caralho — murmurei para mim mesmo.

— Sim. Não tenho dúvidas — Ally disse. Seus dentes batiam e ela se abraçava. — Você sabe que não pode pegar isso de volta.

— Os presentes são seus para guardar.

— Não, seu burro. O que você está dizendo. Você não pode pegar nada disso de volta. Você não pode apagar nada disso. Você está me acusando de usar você. Você não pode ter um dia ruim e tentar me machucar por causa disso. Não é isso que funciona um relacionamento. Eu não mereço isso.

Eu estava começando a vacilar. Começando a duvidar se minha raiva era justa. Isso só me fez voltar a me comprometer com isso. Eu estava cego pelo sexo. Era apenas sexo. Talvez estivéssemos usando um ao outro. Eu pelo corpo dela e ela por tudo o mais que eu pudesse oferecer a ela.

Que tipo de fundação fodida era essa?

Estávamos condenados desde o início.

— Você deveria ir — eu disse a ela. — Você pode pegar suas coisas amanhã depois que eu sair para o trabalho.

67
Dominic

NÃO FOI UM BOM DIA. Passei a noite inteira assombrado pelo rosto manchado de lágrimas de Ally, a dor naqueles olhos castanhos suaves, o tremor em suas mãos.

— Não sei se posso perdoá-lo por isso.

À luz da feia manhã cinzenta, eu não estava me sentindo tão hipócrita ou confiante em minha decisão de me proteger.

Meu telefone de mesa tocou.

— O quê?

— O que você fez com Ally? — Minha mãe exigiu em meu ouvido.

Cheguei ao trabalho apenas para descobrir que minha assistente havia ligado dizendo que estava doente e alguém balançou uma varinha mágica me levando de Dominic de volta a Sr. Russo.

— Bom dia, mãe. Estou bem. Como você está?

— Eu não estou feliz.

— Tudo está bem. Considere o negócio como de costume.

— Ally me enviou sua demissão esta manhã, com efeito imediato.

— Talvez ela estivesse cansada de trabalhar aqui — eu disse cansado. Ela realmente não precisava mais desse emprego. Não com a casa pronta para ser colocada no mercado.

— O que você fez, Dominic Michael?

— O que te faz pensar que fui eu?

— Porque eu conheço você. Conheço sua bagagem.

— De onde você acha que veio essa bagagem? — Eu perguntei sem caridade.

— Querido, você tem quarenta e cinco anos. Essa desculpa parou de funcionar nos seus vinte e poucos anos, quando você se tornou um adulto responsável por suas próprias escolhas.

A mulher tinha razão. Uma irritante, infinitesimal razão.

— Era um assunto privado. Eu não pedi para ela se demitir. Eu estaria disposto a continuar trabalhando juntos.

— Dominic, digo isso com amor. Você está sendo um tolo inescrupuloso. — Ela desligou com um clique agudo.

Era oficial. Todas as mulheres do prédio, incluindo minha própria mãe, me odiavam.

Nina da publicidade teve que ser fisicamente contida no elevador esta manhã. Desci no trigésimo terceiro andar e subi as escadas apenas para dar de cara com Missie, a redatora, que deu uma olhada em mim e desatou a chorar.

Almocei no refeitório, e multidões de pessoas viraram as costas para mim enquanto eu passava por suas mesas. Linus retornou meu "boa tarde" com um revirar de olhos e um dedo médio. Nem Buddy conseguia me olhar nos olhos. Buddy. O ser humano mais legal do mundo pensou que eu era o Satanás. Ele pegou seu lanche marrom no segundo em que puxei uma cadeira em sua mesa.

— Tenha um bom dia — ele sussurrou enquanto saía.

Estava na hora de as coisas voltarem ao normal. Normal era familiar. Confortável.

Eu estava solteiro novamente.

Minha casa era minha novamente.

E eu poderia voltar aos negócios como de costume.

Eu esfaqueei meu frango com um golpe violento do garfo e comi meu almoço sombriamente sozinho.



CHRISTIAN JAMES, o arrogante filho da puta, entrou no meu escritório como um galo. Ou um pavão. Qualquer ave que fosse mais irritante.

Ele jogou uma bolsa marrom escura sobre as costas da cadeira de visitante.

— A única razão pela qual estou lhe dando isso é porque vai fazer você se sentir um merda — ele anunciou.

— Duvido que haja algo que você possa fazer que me faça sentir alguma coisa — eu disse, ignorando-o e voltando para o artigo estúpido que eu não conseguia me concentrar em escrever porque tudo no mundo estava errado.

— Homem grande escondido atrás de sua mesa. Eu acho que você é mais corajoso quando está gritando acusações para uma mulher com metade do seu tamanho — ele retrucou.

— Tenha muito cuidado, James — eu enunciei friamente, esquecendo o documento no meu monitor.

Sua risada era fria, sem alegria.

— Você nunca a mereceu.

— Gostaria de lembrá-lo que a *Label* e a família Russo são um dos seus patrocinadores mais generosos. Esse apoio pode ser facilmente retirado.

Se eu esperava que ele recuasse e pedisse desculpas, eu estava enganado.

— Vai se foder, cara. Esse é o seu problema. Você acha que todo mundo está querendo usar você, para tirar algo de você. Alguma vez lhe ocorreu que Ally te amava?

Amava.

Amava.

Amava.

Meu coração ecoou a palavra lentamente.

— Algumas pessoas são incapazes de amar. — Eu era um filho da puta blasé.

— Sim, e eu estou olhando para uma delas. Não acredito que ela se importava com você. Você realmente a enganou, sabe? Você é um maldito iceberg sem emoção.

— E você é o cara que fodeu minha namorada. Parabéns a vocês dois.

— Levante-se, porra.

Coloquei meus óculos de leitura de volta e voltei a olhar para o meu monitor.

— Saia do meu escritório, James. Tenho um trabalho real a fazer.

— Levante-se e me faça sair.

Eu tinha uns bons quinze quilos a mais que o homem. Mas ele era dez anos mais novo. Eu não tinha certeza de que ele não poderia me bater em uma polpa.

— Foi uma troca, aliás. Eu fiz para ela o que está na bolsa, e ela fez uma pequena promoção para mim. Não teve sexo, e você é o filho da puta mais idiota do planeta se acredita que ela faria isso com você. Não sei se você está desviando seus próprios pecados ou o quê...

— Eu nunca olhei para outra mulher — eu rosnei, arrancando meus óculos. Esse idiota precisava sair do meu escritório. Imediatamente.

— Ah, você fica irritado quando alguém te acusa de algo que você não fez?

— Foda-se, James. Estou perdendo a paciência.

— Você perdeu sua maldita mente. Ela é uma ótima garota, e vou fazer tudo o que puder para convencê-la a correr na outra direção quando você perceber o grande erro que cometeu e tentar rastejar de volta.

— Enquanto isso, você pode convencê-la a ir para sua própria cama — eu disse irreverentemente.

— Ok. Minha vez! — Faith, amiga de Ally, invadiu meu escritório. Ela usava leggings de couro rosa choque e algum tipo de suéter branco de lã. Seu cabelo estava preso em cima de sua cabeça em um rabo de cavalo elegante.

— Eu cuido disso, amor — disse Christian, instantaneamente suavizando.

Faith fez uma pausa para segurar o rosto do homem em sua mão.

— Eu não quero que você quebre suas lindas e talentosas mãos na cara desse pedaço de merda fumegante.

— Posso ajudar? — Eu perguntei secamente.

Ela olhou para mim e casualmente caminhou ao redor da minha mesa. Virei minha cadeira para encontrá-la, mas me recusei a ficar de pé.

Ela me deu um sorriso aterrorizante e me acertou no rosto com a palma da mão aberta. Ally não me deu um tapa, mas Faith fez isso como se fosse um esporte olímpico e ela fosse uma medalhista de ouro.

Meu ouvido tocou como um sino de escola.

— Você machucou minha amiga, e eu quero te matar por isso. Quero enfiar a mão no seu peito, arrancar sua desculpa patética de coração e chutá-la pelo Hudson, seu filho da puta estúpido. Eu não me importo com a bagagem que você vem. Isso não é desculpa para tratar uma das almas mais legais e bonitas do mundo como lixo — ela sussurrou na minha cara.

— Ok, amor. Vamos tirar você daqui antes que esse covarde chame a segurança — disse Christian, rebocando Faith para longe de mim.

— Te encontro lá na frente — disse ela, parando para beijar o homem com força na boca e, em seguida, me dar o dedo médio mais violento que eu já recebi em sua saída.

Christian a observou partir com os olhos de um homem meio apaixonado.

Porra.

Eu tinha esquecido o que Ally disse na minha festa de aniversário.

Facas invisíveis se inseriram em minhas entranhas.

— Bem, tem sido divertido. Espero que você esteja muito feliz consigo mesmo, cara — ele disse, voltando sua atenção para mim.

— Tem sido adorável — eu rosnei.

— Todo mundo tem bagagem, Russo. A maioria de nós é inteligente o suficiente para não jogar as malas grandes nas pessoas que amamos. — Ele deu um tapinha na bolsa de roupas. — Aqui está a porra do seu colete personalizado que Ally me pediu para fazer para você. Espero que não chegue nem perto de compensar a perda da garota.

Meu mundo estava começando a se fechar sobre mim. As paredes do meu escritório se aproximavam cada vez mais. Eu realmente joguei fora algo real, ou eu estava justificado em minha desconfiança?

Ela não era Elena. Ela odiava artifício. Ally ensinava as mulheres a dançar e amar seus corpos. Ela criava beleza com cor e design. Ela inspirava bondade e generosidade em todos, inclusive em mim. Ela colocou toda a sua vida em espera para limpar a bagunça de outra pessoa.

E eu não era meu pai.

Não, eu escolhi machucar as pessoas de outras maneiras.

A percepção estava caindo sobre mim como uma parede de tijolos quando um novo e-mail apareceu na minha caixa. Ally Morales.

Eu cliquei antes mesmo de estar consciente de pegar o mouse.

Assunto: Folha de remessa discriminada.

A mensagem em si estava em branco. Mas em anexo estava uma planilha com estimativas de comida, serviços públicos, gás, a unidade de armazenamento que eu aluguei para os móveis de seu pai e toda a conta de reforma da casa de seu pai. Havia uma anotação na parte inferior. Primeiro pagamento 50 dólares.

Porque ela não tinha mais emprego graças a mim. Ela não tinha nada até que a casa fosse ao mercado e vendida. Mesmo assim, o dinheiro era para a casa de repouso.

Eu xinguei baixinho. Eu era um idiota. Mais pior que um idiota. Ally Morales estava pior após me conhecer.

Eu pulei, com a intenção de pegar meu casaco. Eu cometi um grande erro, e não tinha certeza se poderia viver comigo mesmo agora.

Houve outra batida na minha porta.

— Vá embora — eu rosnei.

Mas o visitante estava se sentindo corajoso, ou ele subestimaram o quanto eu queria socar alguém.

Malina, a Devora-Cós, entrou no meu escritório.

— Agora não, Malina — eu rebati. Não tinha tempo de afastar outra das ex-amantes do meu pai.

— Isso é importante — disse ela.

Eu duvidava muito disso. Mas quando eu olhei para ela, realmente olhei para ela, percebi que havia algo errado. Por um lado, ela estava vestindo jeans. Por outro, ela não tinha nenhuma maquiagem. Ela parecia mais suave, mais jovem, menos zangada.

— O que é? — Eu perguntei.

— Bem, em primeiro lugar. Eu me demito.

— Por que você está me dizendo?

— Apenas aceite isso. É todo esse negócio de fechar o círculo para mim. Recusei o emprego que seu pai me ofereceu na *Indulgence* esta manhã.

Isso me chamou a atenção.

— Ele lhe ofereceu um emprego, você recusou e agora está deixando este emprego?

Ela assentiu.

— Foi trazido à minha atenção que eu não tenho as prioridades mais saudáveis. — Ela limpou a garganta. — Estou saindo de Nova York. Mas eu queria que você soubesse algumas coisas primeiro. Coisas das quais não me orgulho.

Fechei meus olhos.

— Malina, você não precisa me explicar sua vida pessoal. Eu sei que você e meu pai estavam... envolvidos.

— Não é isso. Ou apenas isso. Eu dei informações para ele depois que ele saiu. Coisas sobre *Label* e... — Seu olhar se desviou para o teto. — Sobre sua mãe.

Eu duvidava que houvesse muito sobre minha mãe que uma administradora pudesse descobrir que meu pai já não soubesse.

— Ok — eu disse lentamente.

— Eu não era a única que ainda era amiga dele — disse ela.

— Quem mais? — Eu perguntei.

— Irvin. Tivemos alguns jantares, nós três. Seu pai prometeu a ele a posição de editor-chefe na *Indulgence.* Além disso, Irvin não estava mergulhando sua caneta na tinta da empresa, se você entende o que quero dizer. Mas isso não significa que ele era inocente.

— O que você está dizendo, Malina?

Ela parecia desconfortável.

— Eu não acho que seja a minha história para contar — ela disse finalmente.

A exasperação era minha nova companhia permanente.

— De quem é a história? — Eu perguntei.

— Comece com Gola e Shayla — ela sugeriu. — E fale com sua mãe. Diga a ela que Paul sabe, e ele vai usar isso contra ela.

68
Ally

EU DEIXEI MINHA CHAVE e meu telefone de trabalho e laptop na mesa do saguão de Dominic. Cada presente que ele já me deu ficou exatamente onde estava. A única coisa que realmente doeu deixar foi o piano preto brilhante que eu apenas comecei a me familiarizar.

E Brownie. Meu doce, doce menino que estava mastigando a alça da minha bolsa de ginástica.

— Venha aqui, amiguinho — eu disse, me ajoelhando e abraçando seu corpo quente e peludo. Animado, ele meio que me jogou no chão, e uns bons quinze centímetros de língua desceu pelo meu canal auditivo.

— Eu vou sentir tanto a sua falta — eu sussurrei em sua pele macia. — Você é o melhor cachorrinho do mundo e sinta a minha falta e não mastigue esse piano, ok?

Seu rabo bateu alegremente contra minha bolsa de ginástica, e eu me perguntei se ele realmente caberia dentro da bolsa. Eu poderia dizer que ele saiu enquanto eu estava saindo... Mas então Dominic estaria sozinho novamente. E por mais que ele merecesse, eu não poderia tirar o seu Brownie dele.

Um último beijo na cabeça, um último lambejo acidental do cachorro, e peguei minha bolsa e saí.

O brilho ofuscante do sol arrancou uma risada sem humor de mim. Fazia quase dez graus hoje. Mas eu estava fria e morta como o inverno por dentro. Eu deveria ter visto isso chegando. Eu nunca deveria ter me envolvido.

Havia um monte de coisas que eu deveria ter feito. Eu ponderei sobre cada uma delas longamente durante minha viagem de trem.

Senti minha dormência começando a rachar, senti o pulsar da dor, dor real, sob a superfície gelada. Como medida defensiva, aumentei minha playlist Homens São Grandes Estúpidos de Merda. Eu precisava passar pelas próximas duas horas da minha vida como um ser humano funcional antes que eu pudesse ceder à onda de sentimentos realmente ruins que ameaçavam me esmagar.

— Apenas aguente firme — eu sussurrei para mim mesma.

Não deve ter sido um sussurro, porque a mulher ao meu lado me olhou de soslaio.

— Desculpe — eu murmurei.

— Não se desculpe. Os homens são um saco de lixo — disse ela.

Fechei meus olhos. Eu estava voltando para casa em Jersey. Ou voltando para a casa do meu pai. Acho que eu realmente não tinha uma casa.

A casa tinha sido a casa do meu pai. Em seguida, Dominic. Nada tinha sido meu desde que voltei.

Talvez fosse hora de eu remediar isso. Eu tinha um monte de malditas decisões para tomar... depois do meu colapso iminente.



A REUNIÃO com o agente imobiliário correu bem. Melhor do que bem. Mesmo que eu fosse uma casca quebrada de um ser humano que simplesmente não conseguia manter minhas coisas juntas.

Fiquei com os olhos marejados mostrando a ele o banheiro onde Dominic me ajudou a nivelar a penteadeira. Porque é claro que todos ficavam sentimentais com *banheiros.*

O agente era um cara bonitinho de trinta e poucos anos, e quando ele me disse a que preço ele achava que deveríamos anunciar a casa, eu comecei a chorar e o abracei. Ele me deu um tapinha desajeitado nas

costas e então anunciou em voz alta que precisava ir almoçar com sua namorada.

Quando ele saiu, e eu estava sozinha na casa que não parecia mais um lar, fiquei impaciente. Aproveitei o clima quente e caminhei até a casa de repouso. Encontrei meu pai em uma cadeira na sala olhando pela janela.

Mas quando lhe contei sobre a casa, ele me chamou pelo nome de minha mãe e perguntou se eu tinha visto seus trabalhos de conclusão de curso.

Saí me sentindo abandonada pelos dois homens que mais amava.

E é por isso que doeu tanto, tanto. Essa devastação fervendo sob a superfície apenas esperando para entrar em erupção.

Eu amei Dominic Russo.

E ele me deixou de lado como se eu não fosse nada. Graças a Deus eu fui muito covarde para dizer a ele que o amava.

Eu alcancei uma tábua de salvação.

Eu: Eu sei que jurei nunca mais dizer essas palavras. Mas acho que preciso de tequila.

Faith: Estou. Aqui. Para. Isso.

Ela chegou uma hora depois com uma garrafa de coisas muito melhores do que a que quase ficamos cegas da última vez.

— Meu namorado gritou com seu namorado, e então eu dei um tapa na cara dele, e foi muito foda — Faith disse, entrando e fechando a porta.

Eu escolhi ignorar a última parte dessa declaração por enquanto.

— Seu namorado? Espere um segundo, o que aconteceu com "estamos apenas fazendo sexo alucinante", "somos muito diferentes para ser sério"?

— Olha, eu não estou aqui para esfregar na sua cara o meu novo relacionamento incrível. Estou aqui para te deixar bêbada.

Eu balancei a cabeça sombriamente.

— Mas só porque estou triste não significa que não posso estar feliz por você. Você está feliz? Você gosta dele?

Ela pegou minha mão e apertou.

— Eu estou feliz. Eu gosto dele. Ele é lindo sem camisa. Agora, como você está? Você está pronta para conversar? — Ela perguntou, puxando a rolha da tequila.

Ah, o som de más decisões.

Eu balancei minha cabeça. Talvez houvesse algo a ser dito sobre manter as coisas ruins dentro. Eu confiei tanto em Dom. Com meus medos, meus segredos, meu coração.

E veja o que aconteceu.

— O cara da imobiliária vai anunciar a casa na segunda-feira. Enquanto isso, preciso encontrar um emprego remunerado.

— Christian disse que você estava fazendo algum trabalho de divulgação para ele? Mas acho que ele disse isso sem camisa, então eu não estava ouvindo com muita atenção.

Eu balancei a cabeça.

— Foi a outra metade do nosso acordo para Dom, o colete. — Seu nome costumava significar muitas outras coisas. Sua definição, minha associação com o arranjo dessas sete letras, foi irrevogavelmente alterada.

— Christian disse que os conceitos eram muito bons.

Dei de ombros. Aparentemente, ter seu coração pisado tornava difícil se importar com qualquer coisa.

— Você quer ir em uma onda de vingança? Talvez passar pela casa dele e incendiar seus arbustos? Esfregar um pouco de merda de cachorro no Range Rover dele? Poderíamos reunir todas as garotas do escritório e fazer camisetas com os dizeres Domidiota.

Eu deveria ter rido. Mas as rachaduras não podiam mais conter a dor. Obrigada, tequila.

— Eu realmente o amava, Faith. Tipo, de verdade. Muito.

Ela empurrou a caixa de lenços de emergência para mim e empurrou meu cabelo da minha testa.

— Eu sei, amor. Eu sei — ela disse severamente.

69
Dominic

COMO SE PARA PROVAR o quão idiota eu era, a nova postagem de Christian no Instagram era uma foto de Ally e Faith, ambas em alta costura, rindo e descansando naqueles mesmos lençóis amarrotados. Era seguida por uma foto de Christian e Faith em um beijo.

Eu era o campeão dos idiotas. E eu passei muitas horas na noite passada ouvindo pessoas que deveriam ter se sentido à vontade para falar comigo em primeiro lugar. Mas, aparentemente, eu não encorajei a comunicação aberta e a honestidade. Minha atitude convenceu as pessoas de que eu não me importava com elas e as deixei lidar com as coisas por conta própria.

Passei uma hora desconfortável com Shayla, seguida de uma viagem ao RH para obter o endereço residencial de Gola. Pela segunda vez, eu apareci sem avisar na porta de uma mulher para fazer perguntas difíceis sobre abusos de poder e confiança.

Eu ainda estava revirando tudo na minha cabeça quando minha mãe me chamou ao seu escritório para falar sobre histórias de capa.

— Nós não podemos usar Amalia — ela estava dizendo. — Ela está em um local gravando um videoclipe por seis dias. Então está fora. — Ela se sentou perfeitamente imóvel, olhando para o quadro branco que alguém havia levado para seu escritório. As ideias para a capa foram listadas em ordem de potencial. Mais da metade delas foram riscadas.

— Mãe — eu disse cansado. — Eu não posso falar com você sobre histórias. Eu não sei nada sobre histórias. Você sabe o que eu sei? Segredos. Eu sei como esconder a verdade obscura e suja. Como ter vergonha disso.

— Oh, senhor. Dominic, eu realmente não preciso que você tenha algum tipo de crise existencial agora — mamãe suspirou. — Temos um assunto para discutir.

Ela estava falando sobre a revista.

— Na verdade, temos vários assuntos para discutir — eu rebati, me inclinando para trás e passando a mão pelo meu cabelo.

Problemas.

Histórias.

Segredos.

Ally.

Sentei-me um pouco mais reto, pensando nisso. Eu me levantei da cadeira e fui até o quadro.

— Segredos e histórias — eu disse e peguei a borracha.

— O que deu em você? Você está tendo um colapso agora?

— Provavelmente — eu disse, começando a apagar a lista.

— Dominic! — Mamãe apareceu ao meu lado. Enquanto rabiscava as palavras "segredos" e "histórias" no topo do local que tinha acabado de limpar.

— Fomentamos segredos. Incentivamos as pessoas a guardar segredos e esconder coisas, e é isso que acontece. Tudo apodrece por dentro.

— O que você está falando?

— Meu pai. Irvin, que vou demitir em vinte minutos, se você quiser saber. Eu. Você. Simone.

Mamãe ficou imóvel novamente.

— Todos nós guardamos segredos — eu disse. — Mas o que acontece se pararmos de guardá-los? O que acontece se contarmos nossas histórias?



VINTE MINUTOS DEPOIS, eu estava de volta ao meu escritório com ligações para o RH, o conselho geral da revista e o advogado da família. Mamãe estava fazendo sua mágica em seus designers e fotógrafos favoritos. Havia uma nova energia, uma excitação. Mas eu só podia assistir do lado de fora.

Meu celular tocou, e eu pulei, esperando que algo tivesse acontecido e Ally tivesse magicamente me perdoado.

Harry: Del acabou de mandar uma mensagem. Ela leu que você largou Ally por estar grávida do bebê de outro homem.

Eu: Diga a Del para não ler essa merda.

Harry: Então você não largou ela? Posso dizer a minha esposa para parar de soluçar em sua garrafa de Merlot?

Eu: Ally e eu decidimos que não éramos mais uma boa ideia.

Harry: Gif de colocando vinho na veia.

Harry: Gif de que porra é essa com uma cara muito puta.

Harry: Você está fodendo comigo agora?

Meu telefone tocou. Eu sabia que tinha sido muito otimista, esperando que Harry desistisse e me deixasse em paz.

— Cara. Sério?

Parecia que ele estava no ringue em um evento de luta livre profissional.

— Onde você está?

— Em casa. Por quê?

— Você não ouve esse barulho? O que é isso? Banshees? Alguém passando gatinhos em um picador de madeira?

— Oh, isso — disse ele com desdém. — Essas são as meninas. Elas estão loucas ou felizes. Realmente não posso dizer apenas pelo som. A gritaria é praticamente a mesma.

Houve outro grito de gelar o sangue em sua extremidade.

— Ah, bom. Elas estão felizes — disse ele. — Explique isso para mim, cara. Não vá com o Cofre em cima de mim.

— Cofre?

— Esse é o seu apelido maldoso, falado pelas suas costas, dado a você pela adorável e nunca errada Delaney — explicou ele.

Certa vez, Harry havia perdido uma aposta com Delaney. O que estava em jogo era que ele tinha que se referir a ela pelo menos uma vez por dia como "a adorável e nunca errada Delaney".

Eu suspirei audivelmente.

— Todo cara tem um — continuou ele. — O meu é Finge Estar Ouvindo. E não insulte nossa inteligência reconhecidamente limitada me pedindo para explicar por que você é o Cofre e eu Finge Estar Ouvindo. Apenas me diga o que você fez, e eu lhe direi como corrigir. Ou envolverei Delaney se for uma grande merda.

Oh, foi uma grande merda. Uma irrecuperável.

— Acho que nem Delaney poderia consertar isso — admiti.

— Muito ruim, hein? — Ele perguntou.

— Pense na pior coisa que você já fez com sua esposa — eu o aconselhei.

— Uh-hum. Ok. Entendi.

— Então torne isso dez vezes pior.

Harry soltou um assobio baixo.

— Isso é ruim. Você acidentalmente cortou um de seus membros?

— Pior.

— Ok. Estou com você, irmão. Todos nós fizemos merdas realmente estúpidas. Pode me falar.

Eu pensei em tudo. Sobre minha mãe, meu pai. Sobre Ally e as mulheres que meu pai vitimizou e usou. Sobre Elena, Gola, Harry e Delaney. Sobre aquele idiota do Christian e Faith. Sobre como eu nunca confiei em Harry, meu melhor amigo.

Então eu contei tudo a ele. Das horríveis predileções do meu pai ao meu rompimento com Elena e à minha merda épica e imperdoável.

— Seu idiota do caralho — ele disse sem força quando eu finalmente terminei.

— Eu sei — eu concordei. — Eu sou um monstro. Apenas um tipo diferente do meu pai.

— Não, idiota. Você deveria ter tido essa conversa comigo ou com alguém um ano atrás.

— Você tem que admitir, foi a pior coisa que eu poderia ter feito.

— Não é a pior. Você poderia tê-la traído em sua própria cama, e quando ela entrou em você, você poderia ter cortado um ou dois de seus membros. Ou você poderia ter acidentalmente acertado a avó dela com seu carro oito anos atrás, então todos da família tiveram que passar o Dia de Ação de Graças no departamento de emergência.

— Essa último soou um pouco específico para lições de moral.

— Sim, então eu acidentalmente bati na avó de Delaney com o carro. Para ser justo, a mulher me odiava, e eu juro que ela pulou atrás de mim no último segundo. Aquela mulher estaria disposta a quebrar um fêmur para provar um ponto. De qualquer forma, ela estava bem, e Delaney e eu nos recuperamos. Você também pode.

— Eu a abandonei, Harry. Não só fiz jus ao exemplo que sua mãe de merda deu, como acusei Ally de me usar.

Harry suspirou.

— Olha, o objetivo de um relacionamento não é esconder suas feridas e falhas estúpidas. É sobre mostrá-las a alguém e ainda deixá-las te amar. Você foi capaz de machucá-la porque ela deixou você entrar.

— Isso deveria ser uma boa notícia?

— Acho que sim, mas agora estou tendo flashbacks da vovó Mabel deitada no asfalto. Vou ter que chamar a artilharia pesada.

Apertei a ponta do nariz enquanto meu melhor amigo conversava com sua esposa.

— Seu filho da puta estúpido. — Delaney não mediu palavras.

— Já sabemos, Del — disse Harry, intervindo. — Como ele conserta isso?

— Consertar? O homem enfiou os dedos em sua ferida aberta e enraizada em torno dela. Ele a enganou para que ela se importasse com ele, confiasse nele, e então a abandonou assim como sua mãe fez.

Porra.

— Você quer alguém em quem possa confiar seus pesadelos. Não apenas seus sonhos. Ela te mostrou seu pesadelo e você foi embora — Delaney continuou.

— Amor. Foco. Como ele faz isso certo?

— Ouça, eu não sei sobre Ally. Mas não haveria como consertar isso para mim.

— Então o que você está dizendo é que isso é pior do que a vovó Mabel.

— Harry, querido, você poderia ter dado ré na vovó Mabel seis vezes, e isso ainda é pior.

Meu telefone de mesa tinha ligações perdidas Várias delas.

— Isso tem sido muito útil, pessoal. Eu tenho que ir.

Houve uma batida na minha porta e Irvin entrou.

— O que posso fazer por você, meu menino? — Ele perguntou.

— Irvin, você está demitido.

70
Dominic

Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Eu sinto muito.

Curiosidade: sou terrível em pedir desculpas.

As palavras "me desculpe" não significavam nada quando eu estava crescendo. Elas apenas queriam dizer "eu gostaria de não ter sido pego". Ou "vou fazer de novo".

Percebo que é patético ter 45 anos e ainda não saber dizer essas duas palavrinhas. Mas sinto muito, Ally. Estou tão permanentemente, dolorosamente, imperdoavelmente arrependido. Eu não mereço o seu perdão. Mas isso não me impede de esperar por isso.

Sempre seu, mesmo que eu não te mereça

Dominic



Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Soube apenas recentemente que meu apelido é o Cofre. Eu não confio facilmente. Eu não compartilho facilmente. E em um golpe incrível para o meu orgulho masculino, aparentemente estou sempre esperando para ser aproveitado. Tudo isso deveria ter surgido no estágio "conhecendo você". Que nós pulamos porque eu estava muito focado em "deixar você nua".

Não que eu me arrependa dessa parte.

Mas eu te fiz um desserviço, Ally. Eu te dei coisas. Mas eu não compartilhei. Forcei seus segredos à tona, enquanto me recusava a contar os meus. Nunca foi uma troca equilibrada. Você sempre deu mais.

E por isso, e tantas outras coisas, me desculpe.

Com amor,

Dom

≈

Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Não suporto o cheiro de homus. Isso me faz querer vomitar.

Com amor,

Dom

≈

Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Adicionando à lista de ódio.

Eu odeio não saber o que está acontecendo em sua vida, em seu dia. Em vez de saber como foi sua aula de dança ou o que você comeu no almoço ou mesmo onde está trabalhando agora, meu conhecimento sobre você se limita ao fato de que perdi o direito de saber qualquer coisa nova.

Eu odeio que seu aniversário esteja chegando e eu não tenho o direito de fazer parte disso.

Eu odeio que você não esteja aqui para me perguntar em que parte estou em Orgulho e Preconceito. A propósito, terminei e depois assisti a um dos filmes.

Eu odeio não poder te perguntar quem é seu Sr. Darcy favorito na tela.

Odeio ter nos arruinado no momento em que você estava me consertando. Estou fazendo algo bom. Muito bom aqui. Mamãe também. E isso nunca teria acontecido se não fosse por você. Odeio não poder compartilhar com você.

Odeio ter deixado o mau antigo arruinar o bom novo.

Odeio encontrar pedaços seus pela casa. Eles me lembram que não só você não vai entrar pela porta, mas eu sou a razão pela qual você não vai.

Eu odeio aqueles 50 dólares que você me envia toda semana. E eu sei que é por isso que você está enviando. Eu não quero o seu dinheiro. Eu só quero você. E eu odeio que é assim que você se sentiu sobre mim e eu não vi.

Com amor,

Dom

~

Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Não consigo respirar sem você. Nada mais faz sentido. Eu sou um idiota sem você. Pergunte a Gola. Ela é #TimeAlly. Junto com todos os outros neste edifício.

Buddy finalmente se sentiu mal o suficiente para almoçar comigo. Ele me disse que você apresentou sua esposa a Christian e que ela está

consultando alguns de seus projetos adaptativos. Isso é como você. Conectando pessoas.

Às vezes sinto que estou prendendo a respiração o dia todo, só esperando alguém dizer seu nome perto de mim. Eu nunca quero uma vida sem seu nome nela.

Com amor,

Dom

~

Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Eu e Brownie resolvemos nos espelhar em você. Ele sente sua falta quase tanto quanto eu. Então eu o vesti com o moletom que você deixou para trás. Imagem em anexo. Tomei alguns drinques com Elton, que confirmou meu diagnóstico idiota, no deque ontem à noite. Posso ter bebido demais e tentei usar seu Halston para dormir.

Enfiei-o na cabeça e nos ombros e, por alguns segundos, pensei que fosse sufocar e morrer.

A propósito, te devo um vestido novo, além de tudo o que lhe devo.

Eu sei o que você trouxe para a minha vida. Eu sei que nada que eu te dei poderia comparar. Mas eu vou consertar isso.

Enquanto isso, Brownie e eu ainda esperamos que você volte para nossas vidas. Ele não sabe que eu não mereço você. Por favor, não conte a ele.

Com amor,

Dom

~

Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

A primeira vez que eu te vi, antes de você gritar comigo e sabiamente dizer "vai se foder" com calabresa, eu estava apaixonada pelo seu cabelo. Eu te chamei de Cabelo de Sexo em minha mente porque queria colocar minhas mãos em seu cabelo enquanto te beijava.

Com amor,

Dom



Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Quando eu era calouro na faculdade, meu colega de quarto mentiu e disse que não tinha um lugar para ir nas férias de Natal, para eu o convidar para ir para casa comigo e ele poderia participar da festa anual de Ano Novo dos meus pais. Pense em modelos, champanhe, caviar, fogos de artifício. Ele levou vinte de seus amigos idiotas mais próximos para a festa, e eu tive que quebrar o nariz do amigo dele quando ele não deixou uma modelo de dezessete anos sair de um quarto.

Elena namorou comigo pensando que eu poderia torná-la um nome conhecido, e quando avisar os paparazzi toda vez que saíamos não funcionou, ela começou a dormir com meu pai.

Minha mãe sabia que eu estava ligado à nossa família e usou isso para me afastar de uma carreira que me servia para limpar a bagunça que meu pai havia feito.

Você nunca me usou. Nunca me pediu nada. E joguei minha bagagem na sua cara porque pensei que não tinha ideia de como é um

relacionamento saudável. Harry e Delaney desde então me contaram como é diferente.

Com amor,

Dom



Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Deitei na cama ontem à noite pensando em todas as coisas que sinto falta de você. Aqui está o Top 10 de infinito.

10. A maneira como você está morta para o mundo quando dorme. Uma banda marcial poderia desfilar e você nem ouviria as tubas.

9. A maneira como você toca piano (mal, mas com entusiasmo encantador).

8. Seu gosto horrível para sorvete.

7. Seu otimismo. Eu nunca estive perto de alguém que sempre acreditou que as coisas dariam certo. Espero não ter quebrado isso porque seu coração esperançoso é a coisa mais linda que já conheci.

6. A maneira como você soletra as coisas com pepperoni.

5. Seus seios. Sejamos honestos. Você não acreditaria nesta lista se eles não estivessem no Top 5.

4. A maneira como você dança. A maneira como você ensina os outros a dançar. A maneira como você está sempre se movendo em uma batida.

3. A maneira como você diz meu nome em qualquer humor. Sonolenta. Com fome. Incomodada. Desejosa. Sinto tanta falta às vezes que acho que ainda posso ouvir você chamando meu nome.

2. Como você não apenas me enganou para adotar um cachorro, mas me ensinou como fazer um lar para ele.

1. Seu coração.

Com amor,

Dom



Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Eu vou fazer isso direito. Além disso, decidi que continuarei enviando e-mails diariamente pelo resto da minha vida. Se você tem um problema com isso, eu encorajo você a me dizer. Por favor. Diga algo. Qualquer coisa.

Com amor,

Dom



Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Quando eu estava no último ano do ensino médio, tive uma namorada que namorou comigo apenas para conhecer minha mãe na esperança de que ela fosse descoberta como modelo. Minha mãe não a descobriu. Mas meu pai sim.

Eu os encontrei na garagem um dia antes do meu aniversário de dezoito anos. Papai estava "mostrando a ela o carro que eles me compraram". Ele a tinha encurralado em um canto com a mão por dentro de sua camisa.

Na época, pensei que ela era tão culpada quanto ele. Eu tornei isso muito pior por culpá-la. Eu entendo agora. Eu queria entrar em contato com ela no ano passado. Depois que meu pai foi removido à força. Depois de ler os depoimentos de suas vítimas. Depois que eu paguei por seus crimes com o fundo fiduciário que ele montou para mim que eu nunca toquei.

Finalmente entendi o dano que ele e eu infligimos a uma garota de dezessete anos. Mas eu não entrei em contato. Achei que não aguentaria ouvir a história dela porque ainda guardava segredos.

Não foi a primeira vez que encontrei meu pai e alguém que não era minha mãe. A primeira vez, eu tinha treze anos. Ele estava com a esposa de um vizinho no sofá novinho em folha que minha mãe havia encomendado de Milão.

Ele explicou que, se eu contasse para mamãe, estaria arruinando nossa família. Que se eu mantivesse o segredo dele, ficaríamos todos juntos. Ele prometeu que faria as pazes e nunca mais cometeria esse erro. Na época, pensei que ele queria dizer que não trairia novamente. Eu não percebi isso então, mas ele quis dizer que nunca cometeria o erro de ser pego novamente.

Se eu tivesse ido até a mamãe quando aconteceu a primeira vez, meu pai não estaria na Label para assediar e agredir aquelas mulheres. Se eu tivesse contado o segredo dele, nada disso teria acontecido. Eu nunca disse isso a ninguém, Ally. Você é a primeira. Eu gostaria que fosse um segredo mais feliz e saudável. Mas uma mulher sábia e zangada me disse que compartilhar as coisas boas é inútil se você não estiver disposto a compartilhar as ruins.

Então aqui está o ruim: eu sou a razão pela qual meu pai estava em posição de atacar e violar mulheres. E não consigo me perdoar por isso.

Com amor,

Dom

71
Ally

ENQUANTO MARÇO DAVA lugar a abril, enquanto o inverno se transformava em primavera, os e-mails de Dominic não paravam de chegar. Toda noite havia um novo, apesar do fato de eu nunca ter respondido. E todas as noites eu os lia de novo do sofá que eu tinha mudado de volta para a casa do meu pai do armazenamento.

Chame-me de glutão por punição. Uma masoquista. Uma idiota de coração partido. Faça sua escolha.

Meu coração despedaçado sangrou pelo garoto que foi encarregado de manter uma família unida. Mas o homem que ele se tornou tinha feito a destruição acima mencionada. E enquanto Dominic não sabia muito sobre compartilhar, eu não sabia muito sobre perdoar.

Eu certamente não tinha perdoado minha mãe por nos abandonar, para não mencionar tirar a segurança financeira de meu pai. Eu não tinha perdoado o empreiteiro por roubar meu dinheiro. Eu não tinha perdoado a secretária Deena por se alegrar em me ameaçar com o despejo do meu pai.

Eu não sabia perdoar. Eu sabia como seguir em frente. E era isso que eu estava fazendo.

A única forma de comunicação que Dominic recebia de mim era um cheque semanal de tudo o que eu poderia poupar para pagar minha dívida com ele. O bastardo nunca os descontou.

Tudo estava horrível. Cada coisa.

De muitas maneiras, eu estava de volta ao começo. De volta ao AD: Antes de Dominic. Eu estava de volta aos trabalhos de garçonete e bartender e evitando a secretária Deena. A única coisa diferente era que

agora eu sabia como era ter Dominic Russo sorrindo para mim. Me fodendo. Me segurando.

Era uma piada colossal e cósmica.

A casa de repouso apareceu à frente, e eu fiz o meu melhor para afastar minha negatividade. Papai não merecia a visita de Gloomy Gail, propagadora de depressão e angústia.

A porta lateral estava aberta – graças aos deuses da evasão dos cobradores de dívidas e dos profissionais de saúde que se esgueiram para fora para fumar –, então entrei e fui em direção à ala de memórias.

Braden estava no telefone na mesa e me deixou entrar.

Acenei e fiz um movimento para o corredor, mas ele me parou com um dedo no ar.

— Sim, ela acabou de entrar.

Porcaria. A secretária Deena tinha visto minha brecha sub-reptícia no prédio? Eu fiz um movimento de corte frenético sobre minha garganta. Eu não tinha o dinheiro que devia ou a energia necessária para conversar com amulher.

O sorriso cheio de dentes de Braden me confundiu.

— Sim. Sem problemas — disse ele, antes de desligar.

— O quê? — Eu perguntei, severamente cingindo meus quadris para qualquer sapato que estava prestes a cair em mim.

— Relaxe — disse ele. — É bom. Muito bom.

Sim. Eu não estava caindo nessa.

— Ah, caramba. Olha as horas. Eu tenho que ir — eu disse, fingindo uma verificação do relógio no meu pulso nu. Meu pescoço se inflamou quando me virei para a porta.

Mas havia uma pequena multidão de pessoas de uniforme entrando pela porta e bloqueando minha saída. Eu já sabia que a janela do meu pai não abria o suficiente para um corpo – recurso de segurança – além

de abrir para o pátio interno, e esses não eram meus sapatos de escalar paredes.

Eu estava presa.

Uma enfermeira de avental rosa de coração me entregou um balão de parabéns. Uma com uma trança francesa e óculos de bibliotecária empurrou um alegre buquê de cravos para mim. Todos estavam sorrindo.

Claramente eles tinham me confundido com outra pessoa.

— Ally Morales — disse a supervisora de enfermagem Sandy, dando um passo à frente da pequena multidão sorridente.

Ok. Esse definitivamente era meu nome.

— Em nome de todos na Casa de Repouso Goodwin Childers...

— Exceto Deena — alguém tossiu na parte de trás.

— Gostaríamos de parabenizá-la por ser a primeira a receber a Bolsa de Cuidados com a Memória da Administração Lady George.

Ela me entregou uma carta e, por cima do zumbido excitado, consegui entender a essência dela.

Parabéns... o primeiro beneficiário da Bolsa de Cuidados com a Memória da Administração Lady George... Prazer em informá-lo que as despesas de cuidados de longo prazo do seu pai... cobertas integralmente pelos próximos doze meses...

Um pedaço de papel caiu no chão e me abaixei para pegá-lo. Era um recibo de doze meses de cuidados.

Eu não conseguia respirar, então fiquei onde estava, da cabeça aos joelhos, e respirei fundo.

— Como isso aconteceu? — Eu ofeguei.

— A fundação entrou em contato conosco. Enviamos seu nome para o processo de aprovação. E você ganhou, Ally!

Os cuidados de papai foram garantidos por doze meses. Isso significava... *tudo.*

Desisti de respirar e ficar de pé e caí no chão enquanto uma equipe de enfermagem inteira chorava comigo.



ASSIM QUE RECUPEREI um pouco da minha dignidade, depois de abraçar e limpar o nariz em cada membro da equipe, passei uma hora alegre com papai. Ele não me reconheceu, mas estava de bom humor e contando histórias sobre sua filha Ally.

Quando ele começou a perguntar a que horas seu aluno de piano chegaria, decidi que era hora de ir para casa para me preparar para o meu turno de garçonete.

Meus passos eram mais leves do que uma hora atrás. Mas, por mais aliviada que me sentisse com a resposta inesperada às minhas orações, meu coração ainda doía.

Sentia falta de Dominic. E eu odiava isso. Isso me lembrou o quanto eu sentia falta da minha mãe naquele primeiro ano depois que ela partiu. Quando eu ainda tinha esperança. Eu nunca tinha parado de sentir falta da ideia de ter uma mãe. Mas toda vez que a dor surgia, trazia consigo uma pontada maior e mais cruel de auto-recriminação.

Como eu poderia sentir falta de alguém que me machucou tão descuidadamente?

Eu estava tão ocupada me sentindo um lixo que quase passei direto pela casa grande na esquina sem meus devaneios habituais. E hoje, eu não estava com vontade de sonhar acordada. Eu não sabia se eu acreditava em felizes para sempre como as paredes daquela casa.

Como que para adicionar insulto à injúria, um casal mais velho apareceu na janela da frente. Eles estavam trancados em um inferno de um abraço que não parecia nem remotamente um avô.

Ok, tudo bem. Então, felizes para sempre existiram. Só não para mim. O piadista que disse que era melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado era um verdadeiro idiota no que me dizia respeito.

Virei as costas para a cena feliz e comecei a descer o quarteirão quando meu telefone fez um barulho dentro do meu bolso.

Eu podia apenas ver o nome do meu corretor de imóveis na tela mal iluminada.

— Bill, ei — eu disse.

— Nós temos uma oferta em dinheiro com preço integral na mesa, Ally — Bill disse empolgado.

Eu parei no meu caminho e balancei minha cabeça para acalmar o zumbido em meus ouvidos. Eu estava sonhando o dia inteiro. Eu ia acordar na minha estúpida cama de solteiro e ficar arrasada a qualquer momento.

— Eu sinto muito. Você poderia repetir isso?

— Oferta em dinheiro com o valor total — disse ele. — Eles querem fechar até o final da semana. Eu sei que é em cima da hora, mas...

— Aceite isso. Oh meu Deus. Aceite isso! — Eu disse, dançando um círculo na calçada. Então eu congelei, um pensamento terrível roubando meu cérebro. — Espere um minuto. Diga-me que o comprador não é Dominic Russo.

— Quem? Não. Não é nem mesmo uma pessoa. É um fundo fiduciário. O agente do comprador disse que o comprador se apaixonou pela casa.

— Eles se apaixonaram? — Eu sussurrei.

— Na verdade o e-mail dizia que se apaixonou dentro da casa, mas isso foi um erro de digitação. Então você vai precisar começar a fazer as malas.

Não havia muito para embalar. Um sofá e uma bolsa de ginástica com roupas de dança e uniformes de trabalho. A extensão das minhas posses terrenas. Mas era melhor começar de novo sem muita bagagem.

72
Ally

COISAS CONTINUAVAM ACONTECENDO. Coisas boas.

Na terça-feira, a polícia de Foxwood entrou em contato comigo para me dizer que minha doninha de um empreiteiro havia sido preso por fraude, roubo e algumas outras acusações que soavam como baboseira geral. Aparentemente eu não tinha sido a única cliente que ele enganou.

A detetive não estava confiante de que eu receberia meu dinheiro de volta, mas ela havia recuperado o relógio de bolso do meu pai que o cara pegou.

Na quinta-feira, recebi um e-mail de uma firma de design em Manhattan. Eles viram meu trabalho na *Label* e de alguma forma conseguiu uma linha direta com Dalessandra, que me encheu de elogios. Eles queriam saber se eu estava interessada em um trabalho de design.

Sexta-feira foi uma bondade agridoce. A venda da casa do meu pai ocorreu sem problemas. Os compradores assinaram uma procuração para seu agente, então não pude conhecê-los. Sobre uma mesa de carvalho salpicada de sol, troquei as chaves por um cheque que não apenas manteria meu pai em Goodwin Childers pelos próximos anos, mas também reconstruiria algumas de minhas próprias economias e liquidaria minha dívida com Dominic.

Passei pelo banco e depositei o cheque antes que alguém pudesse mudar de ideia. Então eu preenchi um cheque para cada centavo que devia a Dominic Russo, joguei no correio e me presenteei com um Uber para a Sra. Grosu. Eu ficaria em seu quarto de hóspedes por alguns dias até que eu pudesse descobrir meu próximo passo.

Eu também esperava ter um vislumbre dos novos compradores ao lado.

No meio do caminho para a casa da Sra. Grosu em um Prius impecável, meu telefone deu um toque de verdade e depois uma vibração fraca. Era um número do escritório da *Label.* Eu hesitei. Eu ignorei todas as ligações do último mês, com medo de que fosse Dominic. Com medo que não fosse.

Eu estava tão cansada de ter medo. Eu estava tão cansada de sentir falta dele.

— Olá?

— Ally, é Jasmine do RH — o interlocutor anunciou vivamente.

Jasmine mal-humorada, má tiradora de fotos.

— Oi — eu disse.

— Estou ligando para saber para onde enviar seu último salário.

Eu estava muito triste, muito deprimida, para ficar animada com o dinheiro que eu tinha esquecido.

— Ah, claro — eu disse e recitei o endereço da Sra. Grosu.

— Ótimo — disse ela. — A propósito, eu tenho algumas informações que você pode achar interessante.

Eu duvidava muito disso.

— Na verdade, Jasmine, eu não acho...

— Recebi uma ligação de um trabalhador júnior bonito em contabilidade chamado Mickey, com quem eu fico às vezes.

— Uh. — Jasmine Rabugenta tinha acabado de quebrar oficialmente meu cérebro.

— Ele estava falando sobre essa auditoria dos extratos do cartão de crédito ou alguma outra coisa chata que geralmente não ouço porque estou muito ocupada olhando para seus bíceps.

Aparentemente ela estava na pornografia de braço.

— De qualquer forma, ele mencionou que houve uma estranheza porque o diretor criativo continuou comprando comida para o grupo de administração.

— O diretor criativo? — Eu disse lentamente.

— Em janeiro, Dominic começou a comprar comida para os administradores quase todos os dias.

— Espere. Não era como uma coisa? Como uma coisa que eles faziam antes...

Antes do que? Antes de mim? Antes de eu e minha pobre bunda com minhas saladas vencidas e sobras racionadas começarmos a aparecer para o trabalho?

— Não. Começou no dia seguinte à data de sua contratação.

Senti que precisava sentar.

Ok, então Dom pagou um pouco de comida. Grande coisa. Isso não compensava por ele não confiar em mim.

— E depois tem o telefone e o laptop — Jasmine continuou.

Ah, merda.

— E o telefone e o laptop?

— Você já notou que outras novas contratações não estavam recebendo tecnologia gratuita?

Sim.

— Na verdade, não.

Meu pescoço começou a incendiar.

— Não houve registro da compra. Então verifiquei com Gola, que cuida de algumas contas pessoais de Dominic. Ele os comprou do próprio bolso e mandou a TI configurá-los para você.

Pensei em Buddy e sua esposa. Como eles ainda não sabiam que Dominic Russo era o Papai Noel secreto do seguro de saúde.

— Eu não entendo — eu comecei.

— Olha, talvez eu seja apenas uma romântica de coração — disse ela.

Eu duvidava muito disso.

— O cara estragou tudo. Bastante. Mas os números não mentem. Ele claramente se importa com você. De qualquer forma, com certeza estou indo para dançar esta semana. Vejo você lá!

— Sim. Te vejo lá— eu disse sem jeito.

Percebi algo que não pude ignorar.

Quase todas as coisas boas que aconteceram comigo desde janeiro estavam nas mãos de Dominic Russo. A comida. O telefone e o laptop que eu precisava desesperadamente. O emprego. As reformas. O armário cheio de alta costura. O maldito piano.

Era um padrão. Um consistente. Dominic reconhecendo uma necessidade e silenciosamente a preenchia.

Eu não era uma pessoa de sorte. Não ganhei nas raspadinhas. Era mais divertido para mim incendiar dólares do que colocá-los em máquinas caça-níqueis que nunca compensavam. E eu com certeza não ganhei bolsas que eu não soubesse.

Eu cavei na minha mochila em uma busca frenética. Finalmente o encontrei embaixo de uma banana e na edição do mês passado da *Label.*

A carta da fundação.

Bolsa de Cuidados com a Memória da Administração Lady George.

Lady. Como no clube de Faith, Ladies and Gentlemen, onde ele me tocou pela primeira vez.

— Por favor, não — eu sussurrei.

George. George's Pizza, onde nos conhecemos. Meu estômago afundou

Administração. O grupo de administradores. Onde eu me apaixonei por ele.

Não. Não. Não. Minha cabeça não queria acreditar. Mas meu coração, aquele traidor estúpido e compreensivo, estava vibrando com esperança idiota.

Liguei para a casa de repouso.

— Sandy do escritório, por favor?

Esperei impacientemente enquanto a transferência acontecia.

— Esta é Sandy — ela respondeu brilhantemente.

— Oh! Graças a deus. É Ally Morales. Eu tenho uma pergunta muito importante.

— Sim, *claro*, Sr. Swanson. Fico feliz em ajudar.

— Deena está aí? — Imaginei.

— Absolutamente. Isso está confirmado.

— Vou manter isso curto. Dominic Russo teve alguma coisa a ver com a bolsa para o meu pai?

— Uhhhh... — A não resposta de Sandy foi condenatória. — Eu não acho que tenho essa informação atualmente — disse ela em uma voz duas oitavas acima do normal.

— Sandy, você está mentindo para mim ou Deena agora?

— Às vezes, ambas as opções são viáveis — disse ela.

— Dominic Russo visitou meu pai? — Eu perguntei.

— Bem, com HIPAA[8], temo que não possa responder a isso — disse ela sem jeito.

— Oh meu Deus. — Revirei os olhos. — Ligue-me quando Deena sair para o intervalo para beber sangue de crianças.

---

[8] É uma lei federal que exigia a criação de normas nacionais para proteger informações confidenciais de saúde do paciente a serem divulgadas sem o consentimento ou conhecimento do paciente.

Eu coloquei minha cabeça entre os joelhos e tentei não vomitar em todos os lugares.

— Você está bem aí atrás? — O motorista perguntou nervosamente.

— Tudo bem — eu menti. — Absolutamente bem.

Sentei-me e peguei a papelada de venda na minha bolsa. A entidade do comprador foi listada na frente e no centro.

Fundo Fiduciário Alominic

Eu fiz um meio gemido meio choro.

O motorista desviou para o acostamento da estrada.

— Senhora, por favor, não vomite no meu carro.

73
Ally

— EI, ALS. A Mesa três acabou de chegar. Você pode pegar o pedido dele — Jorge disse sobre o barulho do exaustor quando entrei pela porta dos fundos para o meu turno de sábado.

Na minha opinião, a pizza a lenha de Jorge era melhor que a de George. Jorge era um cara alegre que gostava tanto de pessoas quanto de pizza. As gorjetas eram decentes. A pizza era bem melhor. E eu ganhava uma refeição grátis e quantas pausas para o banheiro eu precisasse em cada turno.

Além disso, a pizzaria ficava a uma curta caminhada da casa de repouso do papai.

— Claro — eu disse, colando um sorriso no meu rosto. Eu ainda estava me recuperando das revelações de ontem. No quarto de hóspedes rosa e amarelo da Sra. Grosu, eu somei o custo de doze meses de cuidados de longa duração.

Se eu fosse pagar Dominic de volta, eu teria que começar a vender órgãos internos.

Eu ainda não sabia o que ia fazer. Eu precisava falar com ele. Mas eu não sabia se conseguiria sobreviver a vê-lo.

Seu e-mail ontem à noite tinha sido curto e tão doce.

Para: Ally

De: Dominic

Assunto: Me conhecendo

Eu nunca vou esquecer você, Ally. E eu não vou tentar. Meu coração era seu desde o pepperoni.

Com amor,

Dom

Minha mente em pepperoni, eu bati o ponto e, em seguida, empurrei a porta de vaivém para a sala de jantar. Era uma tarde de sábado movimentada. Metade das cabines já estavam cheias. A outra garçonete acenou para mim enquanto ela digitava um pedido.

Mas eu não acenei de volta.

Porque eu não conseguia parar de olhar para a Mesa três.

Aqueles olhos azuis me puxaram pelo piso xadrez como um ímã industrial.

Dominic Russo, parecendo mais casual do que eu já tinha visto em jeans, moletom e boné, estava olhando para mim. Tão triste, tão esperançoso.

Meus pés pararam na frente dele, e meu coração fez o seu melhor para sair da minha garganta.

Eu *senti falta* dele. Meu corpo fisicamente doía por ele. O som de sua voz, o sulco de sua testa, o cheiro dele depois de um banho, o calor de seu corpo que sempre me descongelava.

— Ally — ele murmurou, então limpou a garganta.

— Oi, Dom — eu disse sem jeito. Eu queria desmoronar e chorar. Eu queria subir em seu colo e deixá-lo me segurar e me convencer de que tudo ia ficar bem agora. Eu queria que ele tornasse tudo melhor. De alguma forma.

Seu olhar me percorreu da cabeça aos pés como se ele não pudesse acreditar que eu estava aqui.

Lembrando onde eu estava, puxei meu bloco de notas do meu avental e engoli em seco.

— Você sabe o que quer?

Ele olhou para o menu fechado e depois voltou para mim.

— Eu estava pensando em comer uma pizza de pepperoni.

Ai. Acertou direto no coração.

Eu coloquei o bloco de volta.

— Claro. Há mais alguma coisa que você queira?

Ele descansou a mão na beirada da mesa de fórmica verde. Seu dedo mindinho estava a centímetros de onde minha mão estava pendurada ao meu lado. Mas às vezes um centímetro pode ser um quilômetro. E eu não sabia como atravessá-lo. Eu não sabia como pedir a ele o que eu precisava. Porque eu não sabia o que eu precisava.

— Há um monte de coisas que eu quero — disse ele suavemente. Seu olhar esperançoso encontrou o meu e o segurou. Seu dedo mindinho flexionou e, por um segundo glorioso e perfeito, roçou o meu. Meu corpo se iluminou como uma árvore de Natal.

Eu o amava. Muito malditamente. E ele me machucou demais. E eu não sabia o que eu precisava dele.

Dei um passo de autopreservação para trás.

— É tão bom ver você — eu disse, dirigindo-me aos meus tênis. — Vou fazer seu pedido.

Ele estava olhando para mim com tanto *sentimento* que estava me deixando tonta. Seu polegar fez uma batida silenciosa na mesa. E a familiaridade disso me tirou o fôlego. Meu coração apertou como nos dias em que meu pai me reconhecia.

Talvez fosse tão simples assim. Amar alguém, perdoar alguém. Talvez fosse sobre aparecer e ser forte o suficiente para aguentar a dor.

Ele assentiu e olhou para a mesa.

— Obrigado — ele disse calmamente.

Voei para a cozinha.

— Jorge, preciso de uma pepperoni e preciso colocar o recheio eu mesma — anunciei.

Meu chefe deu de ombros e empurrou uma massa nua para mim.

— Faça como quiser, Als.

Foram os três minutos mais longos da minha vida, esperando o forno de pizza fazer sua mágica.

Eu quase queimei minha mão tirando a pizza do forno e colocando em uma bandeja.

— Acalme-se antes que você se machuque — advertiu Jorge.

— Já me machuquei. Mas está tudo bem porque eu o amo!

Jorge disse algo sobre "mulheres loucas" baixinho. Mas eu estava muito ocupada correndo para a sala de jantar.

Mais uma vez, parei quando vi a Mesa três.

Ele se foi.

Fiz uma varredura rápida do restaurante, mas meu corpo já sabia que Dominic Russo tinha ido embora. Em seu lugar havia um grosso envelope de papel manilha sob uma nota de vinte dólares. Joguei a pizza na mesa, sentei e rasguei o envelope.

Um cheque autenticado de uma certa Dra. Claudia Morales voou para fora e caiu no meu colo. Minha mãe havia feito um cheque para meu pai no valor exato que ela havia sacado de suas economias. Havia um segundo cheque para mim por uma quantia que me fez piscar. No campo do memorando, dizia "para despesas incorridas".

— Oh meu Deus — eu respirei.

— Querida, você está bem aí? — Uma mulher do outro lado do restaurante perguntou. — Parece que você está tendo um ataque.

Eu balancei minha cabeça silenciosamente.

— Você não está bem, ou você não está tendo um ataque? — Ela pressionou. Mais clientes estavam se virando para me encarar.

— Eu não estou bem. Não é um ataque. É amor.

Ela assentiu sabiamente.

— Você está apaixonada por aquele bom homem que estava sentado aí todo taciturno e lindo?

— Sim.

O próximo na pilha era a escritura da casa do meu pai. Anexado a ela havia uma nota manuscrita.

Ally,
É sua. Ninguém pode tirar suas memórias de você.
Com amor,
Dom.

— Maldito seja, Dom — eu sussurrei em meio soluço.

Em seguida veio um relatório do que parecia ser algum tipo de investigador particular.

Assunto: Deena Smith, Casa de Repouso Goodwin Childers.

Virei as páginas, folheando rapidamente. Parecia uma investigação sobre táticas de coleta não ortodoxas e ilegais. Em anexo estava uma queixa formal ao estado acusando a secretária Deena de usar táticas de assédio e intimidação para coagir as famílias a pagar as dívidas dos entes queridos, mesmo quando não havia responsabilidade financeira.

Havia um recorte de jornal embaixo dele. Um pequeno parágrafo no boletim da polícia mencionando um funcionário de uma casa de repouso sob investigação por intimidar famílias de pacientes para ganhar grandes bônus por coletas pontuais. O empregado foi suspenso sem pagamento.

Bem, isso explicava todas as malditas joias.

— Isso não se parece com nenhum tipo de joia ou flores — a mulher gritou, esticando o pescoço para ver o que eu estava olhando.

A última coisa no envelope era uma cópia antecipada da edição de maio da *Label.*

Dalessandra, parecendo forte e feroz, estava com outras quatro mulheres na capa ao lado da manchete: chega de segredos: sobreviventes compartilham suas histórias.

— Oh. Meu. Deus.

— Bem, o que é isso?

— Uma revista — eu disse.

— Huh. O cara acha que você quer fazer uma leitura leve? Tem certeza de que não há nenhum anel de diamante aí?

Folheei a revista até o artigo. Dalessandra e cada uma das outras quatro mulheres escreveram histórias. Havia uma foto de página inteira de tirar o fôlego de Dalessandra e sua amiga Simone... em um abraço?

— Estou cansada de guardar segredos. Estou apaixonada pela Simone. Estamos em um relacionamento há anos.

— Puta. Merda — eu respirei.

Eu escaneei até o fundo.

Nota do editor: Paul Russo foi demitido da Label. Ele está atualmente empregado por outra revista. Na época, a Label cometeu o erro de optar por não impor sua não concorrência e exigir que as vítimas de assédio de Russo assinassem acordos de confidencialidade em troca de acordos em dinheiro. Desde então, invertemos nossa posição em ambas as questões. As vítimas nunca mais serão silenciadas em nossos escritórios. Em uma questão relacionada, o editor-chefe Irvin Harvey foi demitido por violar nossa política de assédio. Dominic Russo assumirá o papel de editor-chefe, enquanto a editora de beleza Shayla Bruno assume o cargo de diretora criativa.

Eu queria ler cada palavra.

Mas primeiro, eu queria dar a Dominic sua pizza.

— Preciso de uma caixa — anunciei para a sala de jantar.

— Sim. Uma caixa de anel — a senhora na Mesa oito rosnou.

— Uma caixa de pizza. Alguém viu para onde ele foi?

Todas as mulheres do restaurante apontavam para a direita.

A Mesa dois despejou suas sobras na mesa vazia e me entregou sua caixa.

— Obrigada! — Eu disse, empurrando minha obra-prima para dentro.

— Vá buscá-lo antes que alguém o faça — disse a mulher.

Eu bati a porta correndo, a caixa de pizza firmemente agarrada em minhas mãos.

— Dominic Russo! — Eu gritei a plenos pulmões. Mas eu não vi sua forma familiar em nenhum lugar.

Ele tinha saído minutos atrás. Ele poderia ter ido embora agora. Fora da minha vida novamente.

Eu continuei correndo. Continuei procurando.

— Eu não sabia que Jorge fazia entregas — um cara de macacão disse enquanto eu passava correndo.

— Nós não fazemos — eu disse por cima do ombro.

Eu atravessei a rua para o próximo quarteirão, meu coração acelerado. Onde ele estava? Ele não podia ter ido. Agora não.

Eu vi o aglomerado de pessoas, o sinal azul do ponto de ônibus no final do quarteirão, e tropecei.

Poderia ser? Ele estaria lá?

Eu saí correndo de novo, meu coração na garganta.

O sol estava brilhante e quente no meu rosto. Parecia esperança. Parecia amor.

E lá estava ele. Sentado em um banco verde brilhante contra uma cerca atrás do ponto de ônibus. Ele estava inclinado para a frente, as mãos penduradas entre os joelhos, os olhos no chão.

— Você esqueceu sua pizza — eu ofeguei.

Ele ficou tenso e olhou para mim, uma expressão de esperança tão pura que uniu cada lágrima do meu coração.

— Ally. — Ele estava de pé, estendendo a mão para mim.

— Ah, ei, Jorge faz entregas — disse uma mulher com uma jaqueta amarela brilhante para seu vizinho.

— Cara, eu poderia comer uma fatia de pepperoni agora mesmo — disse seu vizinho.

— Aqui. — Eu empurrei a pizza para Dominic.

— Baby, eu não quero a pizza. Eu quero você — ele disse secamente. — Eu quero te dizer o quanto eu sinto muito por tudo. Eu quero fazer as pazes com você. Quero exigir outra chance.

— Você quer essa pizza — eu insisti, sacudindo a caixa.

— Ouça, querida, se ele não quiser, eu pego — o cara gritou do banco do ônibus.

— Lembra quando você me disse que se eu quisesse alguma coisa no mundo, eu só tinha que te pedir?

Dominic assentiu, olhando para mim muito sério.

— O que você quer, Ally?

— Eu quero que você abra esta pizza. Por favor.

Relutantemente, ele soltou meus pulsos e pegou a caixa de mim.

Ele levantou a tampa, e por um momento, eu me perguntei se o pepperonis tinha se espalhado durante a minha corrida. Mas então eu o vi apertar a mandíbula e engolir em seco, e eu sabia que minha pequena mensagem estava intacta.

Ele olhou para mim, olhos azuis queimando com intensidade.

— Eu não tenho meus óculos de leitura comigo. Você pode ler para mim?

Os pepperonis de Jorge eram enormes. Dominic sabia exatamente o que eles soletravam.

Mas ele queria que eu dissesse as palavras.

Ficamos ali, uma caixa de pizza entre nós.

Molhei meus lábios e dei um último suspiro antes do mergulho.

— Diz "Eu amo você" – bem, "Eu, coração, vc", mas você entendeu a essência.

A caixa de pizza estava navegando na direção do ponto de ônibus, e eu estava voando pelo ar, pousando exatamente onde eu pertencia. Nos braços de Dominic Russo.

— Uau! Pizza de calçada grátis! — Alguém assobiou.

Mas eu estava muito ocupada sendo beijada.

Ele choveu beijos sobre minhas bochechas, testa e queixo. E finalmente, finalmente, a boca de Dominic estava na minha.

Ele puxou meu cabelo, puxando minha cabeça para trás. Um movimento tão familiar e tão saudoso, eu chorei.

— Eu te amo, Ally.

— Vocês têm algum pão de alho do Jorge que querem jogar aqui? Não vou reclamar.

Dom revirou os olhos.

— Se você me der um minuto aqui, eu compro tudo do cardápio do Jorge.

— Combinado!

Eu ri pela primeira vez no que parecia uma eternidade.

— Diga de novo, Malévola. Por favor? — Dom implorou.

— Eu te amo, Encantado. Estou pronta para o nosso felizes para sempre.

Ele me levantou do chão e me girou para as vaias e gritos de nossa pequena plateia.

Eu envolvi meus braços ao redor dele apertado o suficiente para que ele nunca escapasse.

— Vocês Russos continuam mudando minha vida nos pontos de ônibus.

Epílogo

Ally

— O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO?

— Shh. Não me distraia com sua quase nudez. Estou tentando ver se meu canudo é longo o suficiente para chegar ao fundo do copo sem me sentar — eu disse a ele.

Mas era tarde demais, eu estava distraída. Porque a vista de tirar o fôlego da areia branca açucarada e das águas azul-turquesa já tinham sido eclipsadas por Dominic Russo em sungas e óculos escuros.

Eu adorava o homem intenso de colete, mas a versão relaxada, protegida com protetor solar e bronzeado da ilha era possivelmente ainda mais atraente.

— É seu aniversário, Ally. Vou pedir margaritas de manga o dia todo se isso significa que você nunca terá que ver o fundo do seu copo.

— Você está tentando me embebedar, Sr. Russo? — Olhei por cima dos meus óculos de sol e bati meus cílios para ele.

Ele sorriu maliciosamente.

— Acho que é hora de reaplicar — disse ele, segurando o frasco de protetor solar.

— Na última "aplicação", você passou dez minutos esfregando meus seios, e eu tenho uma queimadura de sol em todos os outros lugares.

— Eu prometo prestar igual atenção a cada centímetro de seu belo corpo — disse ele lascivamente.

Senti uma aceleração entre minhas pernas e levei um segundo para me beliscar. Não. Não estava sonhando. Não estava em coma em algum lugar. Não estava alucinando depois de um infeliz acidente de ônibus. Esta. Era. A. Minha. Vida.

— Você está pronta para o seu presente de aniversário? — Ele perguntou.

Eu ri.

— Achei que essa viagem era meu presente. E o guarda-roupa de biquíni. E o jantar à luz de velas. — Sem mencionar o sexo de ontem à noite como sobremesa. Nós dois ainda estávamos mancando.

— Oh, baby, eu estou apenas começando — disse ele diabolicamente.

Minha frequência cardíaca aumentou algumas centenas de pontos. Porque se dar o fazia tão feliz. E eu não tinha a menor ideia de como ele se sentiria sobre o que eu tinha para dar a ele.

— Férias combina com você, Sr. editor-chefe — eu provoquei.

Ele abandonou sua cadeira e se acomodou na minha.

— Sem conversa sobre trabalho — ele disse severamente.

Com a demissão sem cerimônia de Irvin Harvey por ser um bastardo preconceituoso, Dominic assumiu o cargo vago e promoveu Shayla a diretora criativa. Todos estavam felizes.

— Eu te amo — eu disse. Às vezes as palavras borbulhavam e não podiam ser contidas. E o rosto de Dom fez o que sempre fazia quando me sentia compelida a contar a ele. Suavizou como se ele também não pudesse acreditar que esta era sua vida.

— Eu adoro ouvir você dizer isso — disse ele presunçosamente.

Desde a nossa reconciliação, jogamos um intenso jogo de nos conhecer... fora do quarto. Era uma conversa contínua. Assim como nosso relacionamento era uma negociação em andamento. As revelações eram grandes e pequenas. Como a confissão de Dominic de que ele construiu sua vida em torno de querer superar seu pai em todos os campos de batalha.

Considerando que o homem foi suspenso de *Indulgence* por assédio e enfrentando ações civis e acusações criminais.

Eu esperava que minha pequena revelação de hoje desse a ele mais um lugar para ganhar... e não o mandasse para uma espiral descendente.

Ele enganchou um dedo na corda entre meus seios.

— Você está pronta para outra bebida? — Ele me perguntou, sua voz rouca.

Eu balancei a cabeça e mordi meu lábio. Pronta para dar o mergulho.

— Certifique-se de que é uma margarita virgem[9], ok?

Ele inclinou a cabeça. Então tirou os óculos escuros, seu olhar mais intenso que o sol de Canouan.

— Ally?

Peguei sua mão e a deslizei sobre meu estômago.

— Então eu sei que não planejamos isso — eu disse, as palavras saindo. — E eu sei que gostar de crianças é muito diferente de realmente tê-las, criá-las e transformá-las em seres humanos não terríveis. E eu sei que estou com quarenta anos agora. Mas estou saudável e em boa forma, e acho que posso fazer isso. Quero dizer, espero poder fazer isso.

O garçom, com uma camisa polo do mesmo azul do mar, chegou com uma bandeja de prata e um sorriso.

— Vocês dois estão prontos para algo especial? — Ele perguntou.

— Uh, espere um segundo — disse Dominic, sua mão ainda na minha barriga. — Ally, você está dizendo... Nós estamos...

— Estou grávida. Você vai ser pai. E, por favor, não surte de um jeito ruim porque eu realmente, realmente preciso que você fique feliz com isso, porque estou com medo.

---

[9] Um drink virgem é um drink sem álcool.

— Grávida? Tipo com um bebê?

Eu balancei a cabeça, de repente desejando poder beber álcool. Quantidades copiosas dele.

— Você está bem? — Eu sussurrei. Ele parecia estar entrando em choque.

— Grávida — disse ele novamente.

— Com um bebê — eu repeti no caso de ele ter perdido essa parte.

Ele cobriu os olhos com uma mão.

— Oh Deus. Dom? Encantado? Você está bem? — Eu me arrastei para sentar de forma mais alta e arrastei sua mão para longe de seus olhos.

Seus olhos úmidos.

— Eu vou ser papai.

E aqui veio meu sistema hidráulico como uma torneira aberta.

Eu balancei a cabeça, lágrimas derramadas dos meus globos oculares.

— Sim. Você vai ser papai — eu sussurrei.

Ele me agarrou e me levantou da espreguiçadeira. Eu envolvi minhas pernas em volta de sua cintura e segurei firme.

— Você não está bravo? — Eu esclareci, segurando seu rosto em minhas mãos.

— Bravo? Estou sem chão. E apavorado. E animado. E preocupado. E feliz pra caralho, Ally. Nós vamos ter uma família.

Uma família.

Sim. Agora eu estava soluçando audivelmente. Esses malditos hormônios estavam me transformando em uma lunática.

— Desculpe-me, *idiota*. Você deveria nos sinalizar para que pudéssemos testemunhar o pedido!

Assustada, tirei meus óculos escuros.

— Faith? Christian?

Minha melhor amiga e seu cara de "ver onde as coisas vão" estavam parados ao pé da minha espreguiçadeira abandonada, parecendo irritados.

— Eu não propus ainda — Dominic rosnou.

— Propor? — Eu gritei, tentando descer do meu lindo pai do meu bebê.

— Oops — disse Christian, mostrando suas covinhas.

— Se você não propôs, o que é tudo isso? — A Faith exigiu. E então sua boca formou um O perfeito. — Puta merda. Você está *grávida*? — Ela gritou.

Eu só podia assentir e chorar um pouco mais.

— Oh meu Deus!

Ela estendeu a mão para mim, e eu agarrei seu braço.

— Eu sei!

Dominic limpou a garganta.

— Senhoras. Eu ainda tenho esse pequeno negócio para cuidar.

Faith me soltou e se aconchegou ao lado de Christian, fazendo um gesto de lábios fechados.

— Por favor.

— Obrigado — disse ele secamente. Ele afundou na espreguiçadeira, me acomodando em seu colo.

— Ally Malévola Morales, você quer se casar comigo?

Ele alcançou por trás mim e tirou uma caixa de joalheiro de veludo.

Eu estava balançando a cabeça vigorosamente.

— Você não quer ver o anel primeiro? — Ele sussurrou, um sorriso brincando em seus lábios.

Eu balancei minha cabeça violentamente.

— Mas você vai dizer sim?

— Sim! — Estourou livre. — Sim. Sim. Sim.

E então eu estava rindo porque senti sua ereção se contorcer debaixo de mim.

— Não é minha culpa. Normalmente estamos fazendo outra coisa quando você diz isso — ele sussurrou em meu ouvido.

— Eu te amo, Dom.

— Eu te amo, Ally. Muito.

— Nós vamos nos casar — eu disse.

— E ter um bebê — acrescentou.

Sorrimos um para o outro. Seu pênis se moveu novamente.

— Já posso abraçá-los? — Faith perguntou a Christian.

Depois de uma série de abraços e perguntas, uma rodada de margaritas de manga virgem e uma rapidinha na cozinha da vila, Dominic Russo finalmente deslizou um lindo anel de diamante no meu dedo.

— Vou precisar começar a levantar pesos com a direita para não engordar apenas de um lado — eu disse, suspirando sonhadoramente enquanto o grande solitário pegava a luz.

A mão de Dominic estava na minha barriga novamente. Enquanto ele se recostava nos armários da cozinha, notei um sorriso que nunca tinha visto antes em seus lábios. Contentamento.

— Você quer ligar para sua mãe e Simone? — Eu perguntei.

Seu sorriso se alargou.

— É claro.

— Podemos ligar para o meu pai? — Eu perguntei. — Quero dizer, ele pode não entender, mas eu realmente quero que ele faça parte disso — eu disse.

— É claro. Mas primeiro, há algo que você deveria ver — ele disse, pegando seu telefone em seu calção de banho descartado. — Seu pai deu sua bênção — ele abriu uma foto.

— Oh. Dom — eu respirei.

Era uma selfie de Dominic e papai. Meu pai estava sorrindo e segurando a caixa do anel aberta.

— Eu fui todos os dias e perguntei a ele até que fosse um bom dia — disse Dominic suavemente.

E voltei a assentir e chorar novamente.

— Essa coisa de hormônio — disse ele, gentilmente enxugando as lágrimas do meu rosto com os polegares. — Quanto tempo isso dura?

— Acho que vamos descobrir — eu solucei.

Epílogo estendido

Ally

Quase um ano depois...

— O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO? Arrombando e entrando? — Eu perguntei, reajustando o cobertor de Maya como qualquer nova mãe obsessiva preocupada com os efeitos do pólen, asfixia, sol e temperaturas de dez graus na minha filha perfeita.

— Não é arrombamento se você tiver uma chave — meu marido disse presunçosamente, abrindo a porta da frente da enorme casa de tijolos com um floreio.

— Dominic Russo, por que você tem a chave da casa grande da esquina? — Eu assobiei.

Brownie batia ansioso com as unhas dos pés na varanda de tijolos.

Ele *disse* que estava levando nossa pequena família para um passeio.

Fiquei encantada quando deixamos o horizonte de Manhattan atrás de nós e cruzamos o rio para meu antigo terreno. Passamos pela minha casa de infância, agora a casa de um centro comunitário sem fins lucrativos para adultos com distúrbios de memória. Eu perdi a grande inauguração porque estava em trabalho de parto com a pequena senhorita Ei, Estou Chegando Três Semanas Mais Cedo.

Havia uma cerca robusta ao redor do quintal, agora um pequeno mas colorido jardim de flores, e cadeiras de balanço na varanda da frente. Duas das cadeiras estavam ocupadas. Acenei e os ocupantes das cadeiras acenaram de volta.

Dominic então encantou tanto eu quanto Brownie parando em nossa sorveteria favorita, onde nossa pequena família se sentou ao sol e devoramos nossas casquinhas.

Agora, estávamos prestes a ser presos por invadir a casa que eu amava desde criança.

— O que estamos fazendo aqui? Por que você tem uma chave? Onde estão as pessoas? — Eu perguntei.

— Tantas perguntas — disse meu marido, dando um beijo na minha testa e repetindo o gesto com a testa enrugada de nossa filha antes de pegar a cadeirinha de mim.

Havia uma suavidade sobre ele agora. Uma facilidade, como se os nós do ódio e da culpa tivessem se desatado, deixando para trás apenas o amor.

— Dom? O que você fez? — Eu sussurrei, entrando.

A casa estava vazia. Como em quartos sem móveis, paredes nuas, cada som ecoando nos pisos de madeira.

Eu me virei para encará-lo. Ele estava desafivelando Maya de seu assento, em seguida, embalando-a contra seu peito.

Ele tinha sido uma rocha durante a gravidez e o parto, como esperado. E quando nossa garotinha chegou, gritando seu caminho para o mundo, meu lindo marido a embalou em um braço, baixou a cabeça na minha e chorou.

Meu coração se partiu e se grudou dez vezes mais forte naquele momento. Porque Dominic Russo finalmente percebeu que o amor que ele tinha naquele coração grande e macio nunca permitiria que ele se tornasse como seu próprio pai.

A chegada de nossa filha foi a prova pela qual ele esperou a vida toda.

Posso ter soluçado tanto que os médicos pensaram em me sedar. História verdadeira.

Uma semana antes, Gola e as administradoras fizeram um chá de bebê surpresa para Dom. Greta saiu da aposentadoria para participar.

Dalessandra e Simone apareceram no quarto do hospital com uma girafa de pelúcia de um metro e oitenta de altura e um arranjo de flores que valia mais do que meu primeiro carro. Depois de aconchegar sua linda neta bebê, elas invadiram nossa casa com uma equipe de designers e trabalhadores braçais para terminar de pintar as paredes e arrumar os móveis ridiculamente caros do berçário.

Nossa filha era perfeita.

Não só porque ela se parecia muito comigo ou porque ela tinha a carranca feroz de Dominic. E também não apenas porque eu estava cheia de todos os hormônios maternos que me tornavam incapaz de assassinar minha própria filha porque ela estava dormindo apenas no que parecia ser incrementos de quinze minutos.

Parte disso era que ela não estava mais fisicamente ligada ao meu corpo, e foi muito bom recuperar alguma autonomia. A gravidez e eu não tínhamos concordado uma com a outra. Qualquer mulher que lhe diga que a gravidez é a plena expressão da feminilidade é uma mentirosa suja ou está vendendo creme para estrias.

Orgasmos, senhoras, são a plena expressão da feminilidade. Tenha o máximo que puder. Mas pegue seu próprio Dominic Russo. Este é todo meu.

Mas eu divaguei.

Então lá estava eu, de pé no vestíbulo de cada sonho que já tive. Com medo de ter esperança.

Porque este homem já tinha me dado tanto.

O olhar que ele me deu foi tão cru e real que eu quase não aguentei.

E quando olhei além dele, vi um instrumento musical muito familiar sozinho em uma faixa de luz da janela de vidro colorido.

Fui até o piano e passei os dedos pelas teclas.

— Você já comprou, não foi? — Eu sussurrei.

Dominic, com as mãos nos pés da nossa bebê, encostou-se a uma estante vazia embutida.

— Talvez. Isso depende de quantos problemas eu vou ter.

— Ah, Dom. — Eu balancei minha cabeça, os olhos brilhando. Eu chorei muito nos últimos meses. Hormônios e tudo mais. Mas esse sentimento era algo completamente diferente.

— Precisa de algumas atualizações. Especialmente a cozinha. Há cinco quartos. Três banheiros. Um escritório nos fundos com espaço suficiente para nós dois quando eu trabalho em casa — disse ele. — E o terceiro andar é uma grande sala. Achei que talvez pudéssemos transformá-la em um estúdio para você.

— Eu te amo tanto.

— Você não está brava? — Ele se aventurou.

— Eu estou um monte de coisas agora. — E eu estava. Uma bagunça vibrante de sentimentos que ameaçavam me inundar.

Ele deu de ombros.

— Era o seu sonho.

Essa era a única razão que ele precisava para fazer isso acontecer.

Eu balancei minha cabeça, cravando minhas unhas nas palmas das mãos porque esse homem lindo e perfeito merecia um alívio das lágrimas da esposa louca.

— Não esta casa. Você. Você é meu sonho.

— Ally. — Parecia uma carícia.

— Coloque a bebê na cadeirinha, Dom.

Seu sorriso era astuto e sexy.

— Por quê?

— Porque eu vou te agradecer apropriadamente.

Minutos depois – ei, ainda estamos descobrindo o sexo pós-bebê, ok? – descansei minha cabeça no estômago de Dom e olhei para o teto

de gesso. Nosso teto de gesso. Maya balbuciou em sua cadeirinha ao lado de nossa pilha descartada de calças e sapatos.

— O que vamos fazer com todo esse espaço? — Eu perguntei a ele.

Seus dedos preguiçosamente penteavam meu cabelo.

— Encher.

* * *

Pouco menos de dez anos depois...

— SE VOCÊS DOIS NÃO saírem de debaixo dos meus pés, eu vou trancá-los no quintal — eu ameacei severamente.

A casa grande, *nossa* casa grande, estava bem cheia. Agora, eram dois cachorros preenchendo a cozinha. Mas o resto da nossa casa era arte e móveis, música e amigos. Família e filhos.

Não, gente, eu não tive trigêmeos aos quarenta e um. Depois daquela gravidez, eu não estava delirando o suficiente para implorar a Dom para colocar mais bebês em mim.

Por sorte, não precisei. Porque nossos antigos vizinhos em Manhattan, a família Vargas, tiveram uma solução. Acontece que o filho adotivo de Elton e Sascha, Jace, tinha um irmão e uma irmã que entraram em um orfanato. Foi também nessa época que eles se apaixonaram por uma casa no nosso quarteirão. Então nossos filhos, todos os quatro no total, cresceram juntos.

Nossa casa grande continha não apenas uma família de cinco, mas dois cachorros, Brownie e Cookie, um coelho de estimação e sete peixinhos dourados. *Porcaria. Na verdade, seis.* Essas paredes guardavam memórias. Das manhãs de Natal e jantares espontâneos durante a semana que duravam até tarde, resultando em ressaca de abandono escolar. De eu voltando para a vida profissional que eu

amava, construindo minha própria pequena empresa de design gráfico e ensinando dança o mais rápido possível.

De lágrimas e desgosto. Grandes e pequenas. Meu pai se foi, e eu ainda sentia falta dele todos os dias. Desejei que ele pudesse estar em nossa mesa com nossa ninhada barulhenta e amorosa. Desejei que ele pudesse estar na platéia durante o solo de bateria de Jack no show da banda da escola de ontem à noite. Mas o Sr. Mohammad, a Sra. Grosu, Dalessandra e Simone estavam lá.

De pequenas maneiras, papai ainda estava aqui. Assim como na minha infância, sempre havia música em casa. Apenas meus filhos puderam ver a mãe e o pai dançando na cozinha entre o treino de futebol e os bailes de gala. Jack e eu retomamos a tradição da família Morales de gritar na TV durante os jogos do Mets. Maya estava seguindo meus passos na dança.

Dom e eu não sabíamos ao certo de onde vinha seu amor igual pelas artes marciais, mas concordamos com isso.

Ouvi a música e me aproximei na ponta dos pés.

Dominic e nossa filha de quatorze anos, Reese, estavam lado a lado no banco do piano, conversando baixinho e brincando com uma música. Assistir Dom com nossos filhos era um bálsamo. Construir novas memórias com minha própria família foi a melhor maneira que pude pensar de honrar meu próprio pai.

Dom tocou um riff e deu de ombros com Reese quando ela respondeu. Eu pressionei meus dedos em meus lábios. Os hormônios adolescentes eram fortes. Lembrei-me da angústia e da miséria de quatorze anos e rezei para as deusas da puberdade para que fossem gentis com nossa menina.

Até agora, ela estava aguentando.

— Pai, eu sei — Reese suspirou dramaticamente. — Consentimento. Consequências. Anticoncepcional. Nossa. Entre você e mamãe, sou basicamente uma enciclopédia ambulante sobre sexo.

— É um grande negócio — ele disse a ela. — E depende inteiramente de você.

— Eu tenho quatorze anos. Garotos da minha idade são nojentos.

Era verdade. Garotos de quatorze anos eram nojentos.

— Sua mãe e eu só queremos que você esteja preparada. Tudo o que acontece com seu corpo deve ser decisão sua.

— Oh meu Deus. Paaaii. Eu tenho mais respeito pelo meu corpo do que o resto das garotas da minha classe juntas — ela o assegurou. — Podemos, por favor, falar literalmente sobre qualquer outra coisa?

Respeite seu corpo e o de todos. Nossos filhos não eram obrigados a abraçar quem não quisessem. Jack e seu irmão, Jace, receberam a palestra "qualquer coisa além de um sim entusiasmado é um não" sobre tudo, desde segurar as mãos até para cima. Nossas meninas, bem, vocês acabaram de testemunhar o resultado de uma educação de anos sobre autonomia do corpo.

Eles sabiam vagamente de Paul Russo. Que eles tinham um avô lá fora que não fazia parte de suas vidas. E não apenas porque ele foi para a cadeia. Nossos filhos entenderam que o sangue não faz uma família.

— Como está sua amiga Chloe com o divórcio? — Dom perguntou, mudando de assunto.

— Ela está bem — disse Reese, mudando a música clássica para uma música pop. Dom a seguiu.

Meu marido levou a paternidade a sério. Ele conhecia os amigos de nossos filhos, conhecia seus pais, sabia quem estava passando a noite na casa de quem. Ele sabia qual criança odiava framboesas (Maya, a

pequena esquisita) e quem precisava de mais espaço quando estava chateado (eu e Reese).

Feliz por estarmos criando filhos com limites, voltei para a cozinha e verifiquei os biscoitos. O caramelo de canela era o favorito de Dom, e Sascha me deu sua receita. Teríamos casa cheia esta noite. Sempre tínhamos no aniversário de Dom. Era tradição.

Assim como o novo vestido preto que encontrei guardado no meu armário.

Este era um Valentino que abraçava a forma. Eu não podia esperar para colocá-lo. E eu já sabia que Dom mal podia esperar para tirá-lo.

— Mamãe! Posso pegar um biscoito? — Maya, de nove anos, explodiu no quintal, com as bochechas rosadas do frio de março.

— Como você sabia que eles estavam prontos? — Eu provoquei, passando a mão por seus cachos emaranhados.

— Brownie saiu comendo um — disse ela.

— Maldito seja esse cachorro — eu disse, notando o que faltava na borda da bandeja.

— Se Brownie ganha um, eu deveria ganhar um — ela insistiu.

— Mãe! Os biscoitos estão prontos? — Jack entrou, Jace em seus calcanhares. Ambos tinham skates debaixo do braço. Aos 15 anos, Jack estava quase superando as demonstrações espontâneas de afeto aos pais. Então, quando ele descansou a cabeça no meu ombro, eu sabiamente decidi não gritar com ele pelas manchas de grama e buraco no joelho de seu jeans novo.

Meus filhos também estavam criando memórias, e às vezes isso envolvia cair e arruinar coisas boas.

Essa foi a razão pela qual nós mudamos o sofá de seda branco de 8.000 dólares completamente ridículo que Dalessandra e Simone me deram no meu último aniversário para o escritório. Podíamos ter coisas

boas. Elas simplesmente não podiam estar em cômodos onde crianças e cães eram permitidos.

— Alguém disse biscoitos? — Reese entrou na cozinha. Abri a geladeira e entreguei-lhe uma água com gás, influência das avós dela.

Ela me deu um sorriso, um verdadeiro, e um beijo espontâneo na bochecha.

As crianças e os cachorros se amontoavam ao redor da ilha, servindo-se de biscoitos quentes direto das prateleiras, brigando na maioria das vezes com bom humor. Só faltava uma coisa. Peguei um biscoito e saí da cozinha.

Encontrei Dom atrás de sua mesa em nosso escritório. Ele estava de calça de moletom e uma camiseta que mostrava sua forma injustamente boa. Seu cabelo começou a ficar grisalho, e eu estava obcecada com as rugas profundas nos cantos de seus olhos. Cinquenta e cinco ficava bem no homem.

— Feliz Aniversário, Encantado — eu disse, fechando a porta atrás de mim e vagando ao redor de sua mesa.

— Você tem algo pra mim? — Ele perguntou diabolicamente. Peguei o biscoito nas minhas costas e ele riu.

— O que é tão engraçado? — Eu perguntei.

Ele balançou a cabeça e me puxou entre suas pernas.

— Nada.

— Você quer seu biscoito ou não?

— Eu prefiro ter você — disse ele, levantando-se de sua cadeira e me prendendo entre sua mesa e a ereção muito inadequada tentando escapar de suas calças. — Diga-me que você trancou a porta — disse ele, aninhando-se no lado do meu pescoço.

— Senhor editor chefe. Aqui? Agora? — Eu perguntei, minha voz embaraçosamente ofegante. — E depois?

— Depois é depois — disse ele, deslizando uma mão sob a bainha do meu suéter. — As crianças se distraem com os biscoitos.

— Isso só nos dá quatro minutos antes que eles comecem a brigar — eu o lembrei, tremendo quando seus dedos mergulharam sob o bojo do meu sutiã para capturar meu mamilo já duro.

— Então acho melhor trabalharmos rápido — disse ele, dando um puxão.

— Rápido é bom — eu respirei, puxando o cós de seu moletom para baixo e agarrando seu eixo com entusiasmo.

— Chão ou mesa? — Ele gemeu, empurrando meu suéter para cima e o sutiã para baixo.

— Mesa? — Saiu como um silvo porque ele tinha acabado de chupar um mamilo em sua boca.

— Quieta — ele ordenou, mordendo.

— Gah. Mandão!— Eu sussurrei.

Ele rosnou e me girou, então eu estava curvada sobre sua mesa. Minhas leggings foram arrastadas pelas minhas pernas, afastando meus pés. Mas a mão que deslizou sobre meu quadril e coxa era gentil, reverente.

— Espere — ele disse, sua voz áspera.

Obedientemente, eu enrolei meus dedos ao redor da borda oposta da mesa.

A pulsação entre minhas pernas se intensificou quando senti Dom traçar a cabeça molhada de seu pau na fenda da minha bunda.

Soltei um gemido desesperado e necessitado.

Ele me deu um tapa na bunda.

— Eu não disse quieta?

Cada maldita vez era uma sedução, uma aula de prazer. Não importa quando, onde ou quanto tempo tínhamos, era sempre, sempre perfeito.

Um cachorro latiu. Uma criança gritou:

— Vou contar para a mamãe!

Mas de repente eu estava extremamente confiante nas habilidades de resolução de conflitos deles.

Além disso, Dominic Russo estava deslizando seu pau em mim centímetro por centímetro lindo e me dizendo o quanto ele me amava.

Nota da autora ao leitor

Caro leitor,

Este livro veio de dois lugares: eu me perguntando como seria um romance de escritório depois que o movimento #MeToo fez todo mundo falar sobre consentimento e posições de poder E minha obsessão por *O Diabo Veste Prada*. (Desabafo lateral: não me deixe começar a falar sobre o quão brava eu fico com os amigos de Andy por pegarem seus presentes de moda extravagantes e depois agir como idiotas sobre o quão duro ela trabalha.)

Deixando minha ira de lado, eu AMO um herói mal-humorado que está tentando fazer a coisa certa e uma heroína brilhante que está convencida de que não precisa de ajuda. E eu adoro *especialmente* quando eles não gostam um do outro. Eu me diverti MUITO escrevendo esse slow burn e suas brincadeiras perversas.

Espero que você tenha amado Dominic e Ally (e Brownie) tanto quanto eu. Se você gostou, sinta-se à vontade para deixar uma crítica entusiasmada sobre meu gênio literário na Amazon ou no BookBub. Não quer perder um novo livro? Inscreva-se na minha newsletter raramente irritante e quase sempre divertida no meu site.

Obrigada por ler! Eu acho você maravilhosa!

Xoxo,

Lucy Score

Agradecimentos

Sem as seguintes pessoas (e coisas), eu não seria capaz de oferecer entretenimento de qualidade para você. Por favor, levantem-se e aplaudam os seguintes:

• Kari March Designs por AMBAS as capas incríveis para este livro.

• Jessica Snyder, Amanda Eden e Dawn Harer por seus olhares editoriais.

• Binge Readers Anonymous por sua recusa em aceitar qualquer outro título além de Grumpy Grump Face.

• Geléias Krimpets.

• Todos no Team Lucy por tirarem o suficiente do meu prato para que eu possa continuar gastando uma quantidade ridícula de tempo imaginando personagens e escrevendo suas histórias.

• Minha equipe de rua secreta por serem as melhores líderes de torcida de todos os tempos.

• Reciclagem de fluxo único.

• Cada pessoa que se esforçou para manter nosso mundo girando durante a pandemia do COVID-19. Vocês são nossos heróis da vida real, e nós os aplaudimos.

• Sr. Lucy por ser meu próprio herói mal-humorado com um complexo de cuidado. Eu te amo muito.